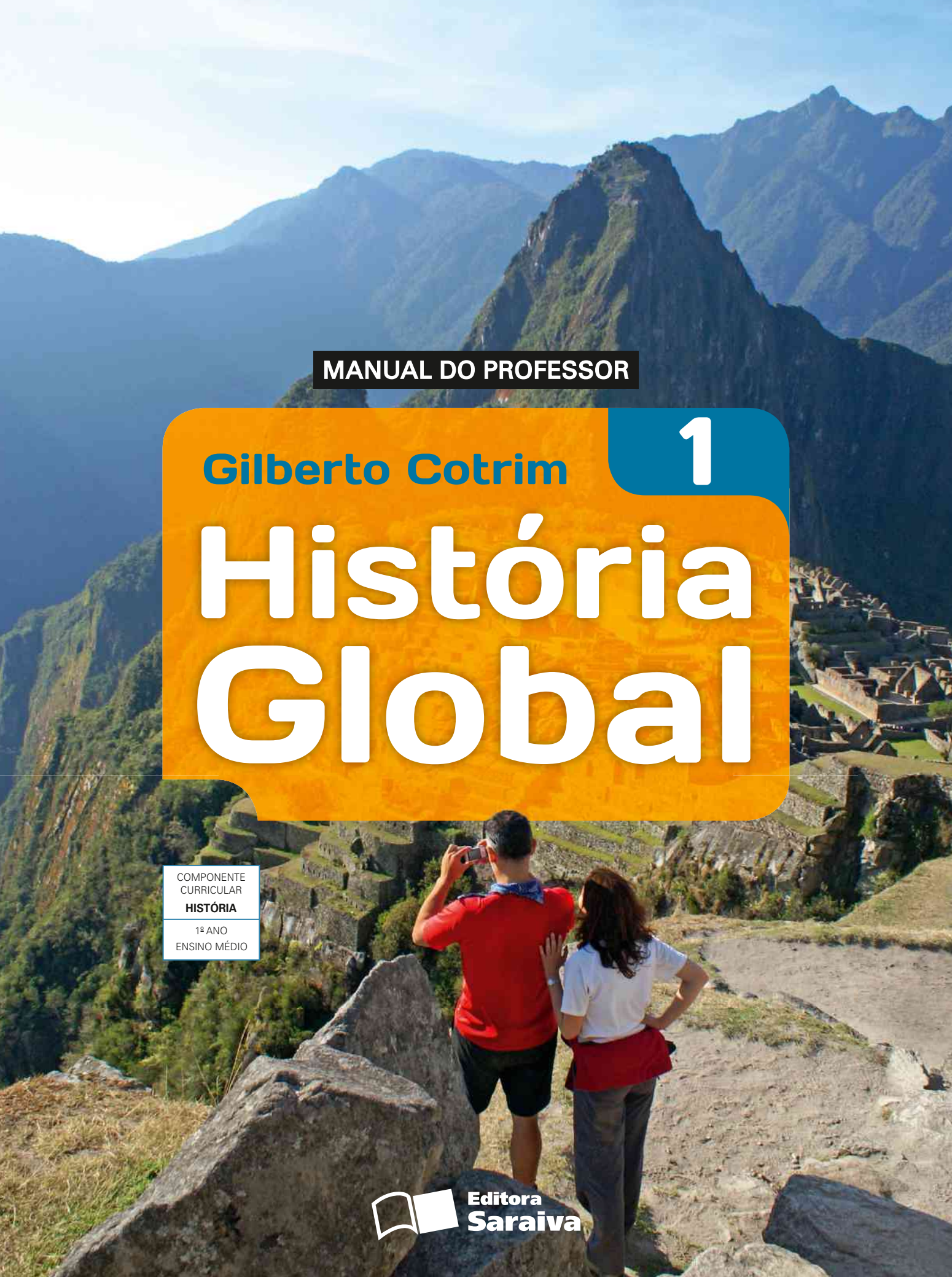


MANUAL DO PROFESSOR

Gilberto Cotrim

1

História Global

COMPONENTE CURRICULAR
HISTÓRIA

1º ANO
ENSINO MÉDIO

Editora Saraiva

Manual do Professor

1

História Global

COMPONENTE CURRICULAR
HISTÓRIA

1º ANO
ENSINO MÉDIO

Gilberto Cotrim

Bacharel em História pela Universidade de São Paulo (USP)
Licenciado em História pela Faculdade de Educação
da Universidade de São Paulo (USP)
Mestre em Educação, Arte e História da Cultura
pela Universidade Mackenzie
Professor de História na rede particular de ensino
Advogado

3ª edição
São Paulo, 2016

Editora Saraiva

História Global, 1ª ano (Ensino Médio)
© Gilberto Cotrim

Direitos desta edição: Saraiva Educação Ltda., São Paulo, 2016
Todos os direitos reservados

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cotrim, Gilberto
História global 1 / Gilberto Cotrim. -- 3. ed. --
São Paulo : Saraiva, 2016.

Obra em 3 v.
Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia
ISBN 978-85-472-0565-2 (aluno)
ISBN 978-85-472-0566-9 (professor)

1. História (Ensino médio) I. Título.

16-02891 CDD-907

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Ensino médio 907

Visitantes em Machu Picchu, no Peru, em 2007. Fotografia de Michele Burgess (Alamy/Fotoarena).

Diretora editorial	Lidiane Vivaldini Olo
Gerente editorial	Luiz Tonolli
Editor responsável	Kelen L. Giordano Amaro
Editores	Luciana Martinez, Ana Pelegrini
Editor assistente	Adele Motta
Assessoria técnico-pedagógica	Gabriel Farias Rodrigues, Giordana Cotrim
Gerente de produção editorial	Ricardo de Gan Braga
Gerente de revisão	Hélia de Jesus Gonsaga
Coordenador de revisão	Camila Christi Gazzani
Revisores	Cesar G. Sacramento, Diego Carbone, Lilian Miyoko Kumai, Luciana Azevedo, Sueli Bossi
Produtor editorial	Roseli Said
Supervisor de iconografia	Sílvio Kligin
Coordenador de iconografia	Cristina Akisino
Pesquisa iconográfica	Angelita Cardoso, Daniela Ribeiro
Licenciamento de textos	Erica Brambila, Paula Claro
Coordenador de artes	José Maria de Oliveira
Capa	Carlos Magno
Design	Luis Vassalo
Edição de arte	Carlos Magno
Diagramação	Estúdio Anexo
Assistente	Bárbara de Souza
Cartografia	Selma Caparroz, Sidnei Moura
Tratamento de imagens	Emerson de Lima
Protótipos	Magali Prado
077638.003.001 **Impressão e acabamento**	

O material de publicidade e propaganda reproduzido nesta obra está sendo utilizado apenas para fins didáticos, não representando qualquer tipo de recomendação de produtos ou empresas por parte do(s) autor(es) e da editora.

Editora Saraiva
SAC 0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h às 18h
www.editorasaraiva.com.br/contato
Avenida das Nações Unidas, 7221 – 1º andar – Setor C – Pinheiros – CEP 05425-902

Caro estudante

Esta obra apresenta uma visão geral de alguns conteúdos históricos sobre diversas sociedades e culturas, com destaque para aqueles sobre o Brasil. A proposta é convidá-lo a refletir sobre o fazer histórico e dele participar ativamente.

Nos vários percursos desta obra, foi realizada uma seleção de temas e interpretações históricas. No entanto, outros caminhos podem ser trilhados. Por isso, este livro deve ser debatido, questionado e aprimorado por suas pesquisas.

Espero que, ao estudar História, você possa ampliar a consciência do que fomos para transformar o que somos.

O autor

Conheça o livro

UNIDADE 2

Escrita e memória

Mulher ensina *shodô*, a arte da caligrafia tradicional japonesa, a uma jovem. Fotografia de 2014.

Há pelo menos 5 mil anos, diversos povos começaram a criar suas formas de escrita. Os primeiros registros escritos foram elaborados em suportes como a pedra, o papiro e o couro. Mais tarde, no século II a.C., os chineses inventaram o papel.

No mundo contemporâneo, também ocorreram inovações importantes na história da escrita, como o desenvolvimento do texto digital. Apesar das inúmeras modificações nas formas de registrar e acessar informações, o que permaneceu ao longo do tempo foi a necessidade que as pessoas demonstram de guardar suas vivências e memórias.

A escrita constituiu um grande marco da comunicação em várias sociedades. Porém, como afirma o mestre africano Tierno Bokar, "a escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si". Essa frase nos faz refletir sobre a importância de valorizarmos a sabedoria e a cultura dos povos que não desenvolveram, até certo ponto, os registros escritos.

Conversando

1. Atualmente, você lê mais em suportes impressos ou digitais?
2. Em grupo, reflitam: o domínio da palavra (escrita ou falada) é uma forma de poder?

52

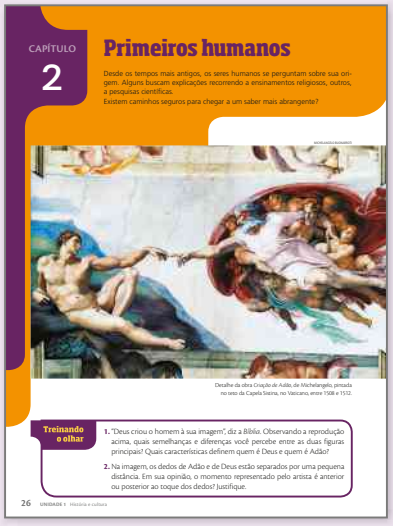
53

Abertura de unidade

Apresenta texto e imagem, sempre acompanhada de legenda, que conversam com temas abordados nos capítulos da unidade, por vezes estabelecendo relações entre o passado e o presente. As atividades da seção **Conversando** dialogam com o tema da abertura, muitas vezes trabalhando os conhecimentos prévios e as vivências dos estudantes.

Abertura de capítulo

Procura atrair a atenção dos estudantes para o tema histórico que será estudado. Apresenta um breve texto que sintetiza o conteúdo do capítulo, uma imagem acompanhada de legenda e a seção **Treinando o olhar**, que propõe atividades de leitura da imagem, muitas vezes estabelecendo relações com História da Arte.


CAPÍTULO 2

Primeiros humanos

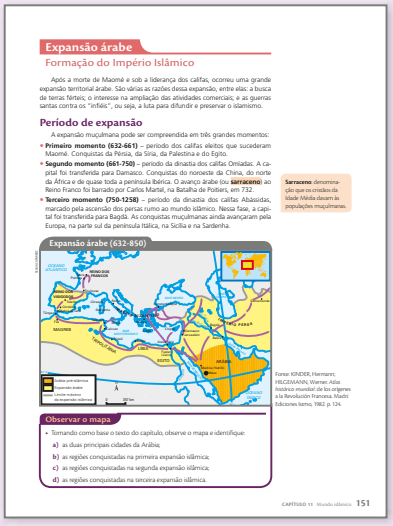
Desde os tempos mais antigos, os seres humanos se perguntam sobre sua origem. Alguns buscam explicações recorrendo a ensinamentos religiosos, outros, a pesquisas científicas.
Existem caminhos seguros para chegar a um saber mais abrangente?

Detalhe da obra *Criação de Adão*, de Michelangelo, pintada no teto da Capela Sistina, no Vaticano, entre 1508 e 1512.

Treinando o olhar

1. "Deus criou o homem à sua imagem", diz a Bíblia. Observando a reprodução acima, quais semelhanças e diferenças você percebe entre as duas figuras principais? Quais características definem quem é Deus e quem é Adão?
2. Na imagem, os dedos de Adão e de Deus estão separados por uma pequena distância. Em sua opinião, o momento representado pelo artista é anterior ou posterior ao toque dos dedos? Justifique.

26 UNIDADE 1 História e cultura


Expansão árabe

Formação do Império Islâmico

Após a morte de Maomé e sob a liderança dos califas, ocorreu uma grande expansão territorial árabe. São várias as razões dessa expansão, entre elas: a busca de terras férteis; o interesse na ampliação das atividades comerciais; e as guerras santas contra os "infiéis", ou seja, a luta para difundir e preservar o islamismo.

Período de expansão

A expansão muçulmana pode ser compreendida em três grandes momentos:

- **Primeiro momento (632-661)** – período dos califas eleitos que sucederam Maomé. Conquistas da Pérsia, da Síria, da Palestina e do Egito.
- **Segundo momento (661-750)** – período da dinastia dos califas Omíadas. A capital foi transferida para Damasco. Conquistas do noroeste da China, do norte da África e de quase toda a península Ibérica. O avanço árabe (ou **sarraceno**) ao Reino Franco foi barrado por Carlos Martel, na Batalha de Poitiers, em 732.
- **Terceiro momento (750-1258)** – período da dinastia dos califas Abássidas, marcado pela ascensão dos persas rumo ao mundo islâmico. Nessa fase, a capital foi transferida para Bagdá. As conquistas muçulmanas ainda avançaram pela Europa, na parte sul da península Itálica, na Sicília e na Sardenha.

Sarraceno: denominação que os cristãos da Idade Média davam às populações muçulmanas.

Expansão árabe (632-850)

Fonte: KINDER, Hermann; HILGEMANN, Werner. Atlas histórico mundial: de los orígenes a la Revolución Francesa. Madri: Ediciones Istmo, 1982. p. 124.

Observar o mapa

- Tomando como base o texto do capítulo, observe o mapa e identifique:
  a) as duas principais cidades da Arábia;
  b) as regiões conquistadas na primeira expansão islâmica;
  c) as regiões conquistadas na segunda expansão islâmica;
  d) as regiões conquistadas na terceira expansão islâmica.

CAPÍTULO 11 Mundo islâmico 151

Observar o mapa

Esta seção apresenta atividades que trabalham a leitura dos mapas apresentados no capítulo.

Islamismo no Brasil

O islamismo também é praticado no Brasil, compondo o pluralismo religioso brasileiro. O primeiro grupo de muçulmanos a vir para o Brasil era constituído de africanos escravizados. A Revolta dos Malês, ocorrida na Bahia, em 1835, foi uma rebelião de escravos africanos muçulmanos.

Entre os praticantes do islamismo no Brasil, encontram-se tanto imigrantes árabes (sírios, libaneses, palestinos, egípcios etc.) como pessoas de origem não árabe que se converteram ao islã.

Segundo o IBGE, entre o final do século XIX e o começo do XX, mais de 58 mil imigrantes árabes haviam entrado no país, vindos, em sua maioria, da Síria e do Líbano. Eles e seus descendentes contribuíram para a formação da cultura brasileira, com forte presença na gastronomia, na literatura, na medicina e em diversas áreas do conhecimento.

Não há consenso sobre o número de muçulmanos que vivem atualmente no Brasil. Enquanto o Censo do IBGE 2010 calcula cerca de 35 mil pessoas, a Federação Islâmica Brasileira estima cerca de 1,5 milhão de adeptos no país.

O direito ao voto

Nos últimos anos, muitos países de maioria islâmica têm aprovado legislações para garantir direitos políticos para as mulheres. Na Argélia, por exemplo, uma lei de 2012 estipulou que as mulheres devem compor, no mínimo, 30% do Parlamento.

Mulher muçulmana participa de eleições na região da Caxemira, na Índia. Fotografia de 2014.

Investigando

- Você conhece alguma contribuição árabe para a cultura brasileira? Qual?

CAPÍTULO 11 Mundo islâmico 155

Textos e imagens

Procuram organizar e promover alguns conhecimentos históricos. Os temas abordados devem ser investigados, debatidos e ampliados. As imagens complementam o texto principal e explicitam aspectos dele.

Investigando

As atividades deste boxe aproximam os temas históricos das vivências dos estudantes, promovendo a cidadania e o convívio solidário.

Glossário

Pequenas notas explicam os significados de termos em destaque no texto.

- **Rafael Sanzio (1483-1520)** – atendendo aos pedidos dos papas Júlio II e Leão X, produziu afrescos para decorar o palácio do Vaticano. Celebrizou-se por pintar madonas (representações da Virgem Maria com o Menino Jesus).
- **Michelangelo (Miguel Ângelo Buonarroti, 1475-1564)** – foi pintor, escultor e arquiteto. Suas obras foram marcadas pela perícia técnica, pelo sentimento arrebatado e pela emotividade. Como pintor, produziu afrescos na Capela Sistina, no Vaticano; como escultor, realizou obras importantes, como *Moisés*, *Pietá* e *Davi*; projetou ainda a imensa cúpula da Basílica de São Pedro, em Roma.

A escultura *Pietá* – que em português significa "Piedade" –, de Michelangelo, representa Maria com Jesus morto em seus braços. Feita em mármore no século XVI, encontra-se no Museu do Vaticano.

Interpretar fonte *A primavera*, de Botticelli

O pintor Sandro Botticelli inspirou-se na mitologia greco-romana para criar sua obra *A primavera*. No centro da pintura foi representada Vênus (deusa do amor e da beleza) e acima dela vemos seu filho Eros. Além dessas personagens, também foram representados as três Graças, Flora (deusa da primavera), a ninfa Clóris, Zéfiro (deus do vento) e Mercúrio (deus mensageiro, protetor dos viajantes e comerciantes). Flora está com um vestido repleto de flores, Zéfiro segura Clóris, e Mercúrio protege o bosque das nuvens.

A primavera, pintura de Sandro Botticelli feita em 1478. Encontra-se na Galeria dos Ofícios, em Florença, Itália.

1. Na sua opinião, que elementos da pintura podem ser relacionados com o conceito de primavera?
2. Que características renascentistas podemos observar na obra?

CAPÍTULO 14 Renascimentos e reformas 195

Em destaque

Esta seção contém textos que ampliam os assuntos estudados e/ou apresentam diferentes versões históricas. Em muitos casos, os textos são acompanhados por imagens contextualizadas.

Em destaque Os chineses e sua história

No texto a seguir, a jornalista Cláudia Trevisan, especialista em temas culturais da China, mostra as relações que os chineses contemporâneos estabelecem com a história do país.

Para muitos chineses, a meteórica ascensão que a China experimenta representa o retorno ao lugar que historicamente lhe pertenceu, de Império do Meio ou País do Centro. [...]

A consciência de que fazem parte de um processo histórico longuíssimo e contínuo é outra das fortes características dos chineses. Há uma espécie de orgulho coletivo em relação à grandeza da civilização milenar, e o vínculo com o passado é estimulado pelo sistema de ensino. O bom aluno sabe de cor o nome das dinastias que se sucederam desde os anos 1700 a.C., quando a China ainda não era unificada, aprende que seu país foi a origem de algumas das invenções mais importantes para a humanidade, como a pólvora, a bússola e o papel, e sabe o poder de uma população de 1,3 bilhão de pessoas.

Mas, acima de tudo, a ligação com o passado e a percepção da continuidade histórica são dadas pelas duas grandes tradições filosóficas do país, o confucionismo e o taoísmo, cuja influência na concepção de mundo dos chineses sobreviveu ao longo dos séculos e se mantém até os dias de hoje. [...]

A visão de mundo que se consolidou na China antes do início da era cristã sobreviveu a sucessivas quedas de dinastias, a períodos de desagregação do poder e a invasões por povos considerados bárbaros. Nada abalou a cosmologia que coloca a China no centro do mundo, em uma posição superior à dos demais reinos.

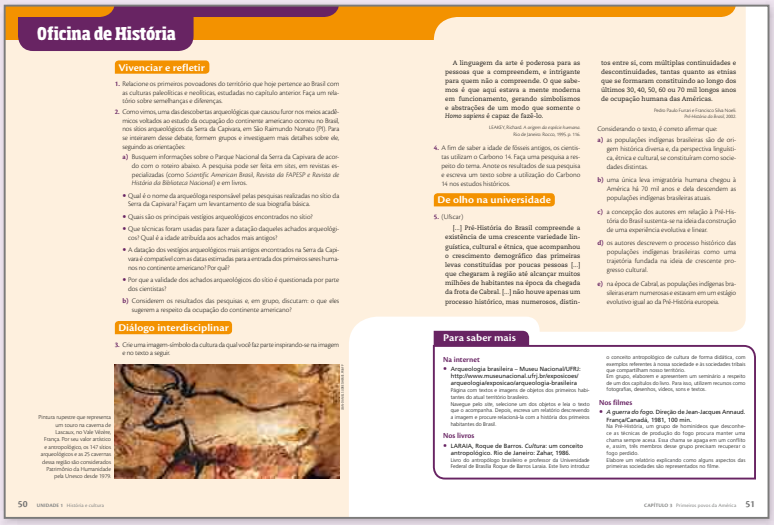
TREVISAN, Cláudia. *Os chineses*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 157-159.

Praça da Paz Celestial, localizada em Pequim. O nome de vários monumentos públicos chineses revela a concepção de que a China representa o Império do Meio, dotado de harmonia entre o Céu e a Terra. Fotografia de 2011.

1. De acordo com o texto, como é a relação dos chineses com o passado de seu país?
2. Em sua opinião, como nós, brasileiros, lidamos com nossa história? Debata.

94 UNIDADE 2 Escrita e memória

Oficina de História



Vivenciar e refletir

1. Relacione os primeiros povoadores do território que hoje pertence ao Brasil com as culturas paleolíticas e neolíticas, estudadas no capítulo anterior. Faça um relatório sobre semelhanças e diferenças.
2. Como vimos, uma das descobertas arqueológicas que causou furor nos meios acadêmicos voltados ao estudo da ocupação do continente americano ocorreu no Brasil, nos sítios arqueológicos da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato (PI). Para se interarem desse debate, formem grupos e investiguem mais detalhes sobre ele, seguindo as orientações:
   a) Busquem informações sobre o Parque Nacional da Serra da Capivara de acordo com o roteiro abaixo. A pesquisa pode ser feita em sites, em revistas especializadas (como *Scientific American Brasil*, *Revista do FAPESP* e *Revista de História da Biblioteca Nacional*) e em livros.
   - Qual é o nome da arqueóloga responsável pelas pesquisas realizadas no sítio da Serra da Capivara? Façam um levantamento de sua biografia básica.
   - Quais são os principais vestígios arqueológicos encontrados no sítio?
   - Que técnicas foram usadas para fazer a datação daqueles achados arqueológicos? Qual é a idade atribuída aos achados mais antigos?
   - A datação dos vestígios arqueológicos mais antigos encontrados na Serra da Capivara é compatível com as datas estimadas para a entrada dos primeiros seres humanos no continente americano? Por quê?
   - Por que a validade dos achados arqueológicos do sítio é questionada por parte dos cientistas?
   b) Considerem os resultados das pesquisas e, em grupo, discutam: o que eles sugerem a respeito da ocupação do continente americano?

Diálogo interdisciplinar

3. Crie uma imagem-símbolo da cultura da qual você faz parte inspirando-se na imagem e no texto a seguir.

Pintura rupestre que representa um touro na caverna de Lascaux, no Vale Vézère, França. Por seu valor artístico e antropológico, os 147 sítios arqueológicos e as 25 cavernas dessa região são considerados Patrimônio da Humanidade pela Unesco desde 1979.

A linguagem da arte é poderosa para as pessoas que a compreendem, e intrigante para quem não a compreende. O que sabemos é que aqui estava a mente moderna em funcionamento, gerando símbolismos e abstrações de um modo que somente o *Homo sapiens* é capaz de fazê-lo.

LEAKEY, Richard. *A origem da espécie humana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 116.

4. A fim de saber a idade de fósseis antigos, os cientistas utilizam o Carbono 14. Faça uma pesquisa a respeito do tema. Anote os resultados de sua pesquisa e escreva um texto sobre a utilização do Carbono 14 nos estudos históricos.

De olho na universidade

5. (Ufscar)

[...] Pré-História do Brasil compreende a existência de uma crescente variedade linguística, cultural e étnica, que acompanhou o crescimento demográfico das primeiras levas constituídas por poucas pessoas [...] que chegaram à região até alcançar muitos milhões de habitantes na época da chegada da frota de Cabral. [...] não houve apenas um processo histórico, mas numerosos, distintos entre si, com múltiplas continuidades e descontinuidades, tantas quanto as etnias que se formaram constituindo ao longo dos último 30, 40, 50, 60 ou 70 mil longos anos de ocupação humana das Américas.

Pedro Paulo Funari e Francisco Silva Noelli. *Pré-História do Brasil*. 2002.

Considerando o texto, é correto afirmar que:
a) as populações indígenas brasileiras são de origem histórica diversa e, da perspectiva linguística, étnica e cultural, se constituíram como sociedades distintas.
b) uma única leva imigratória humana chegou à América há 70 mil anos e dela descendem as populações indígenas brasileiras atuais.
c) a concepção dos autores em relação à Pré-História do Brasil sustenta-se na ideia da construção de uma experiência evolutiva e linear.
d) os autores descrevem o processo histórico das populações indígenas brasileiras como uma trajetória fundada na ideia de crescente progresso cultural.
e) na época de Cabral, as populações indígenas brasileiras eram numerosas e estavam em um estágio evolutivo igual ao da Pré-História europeia.

Para saber mais

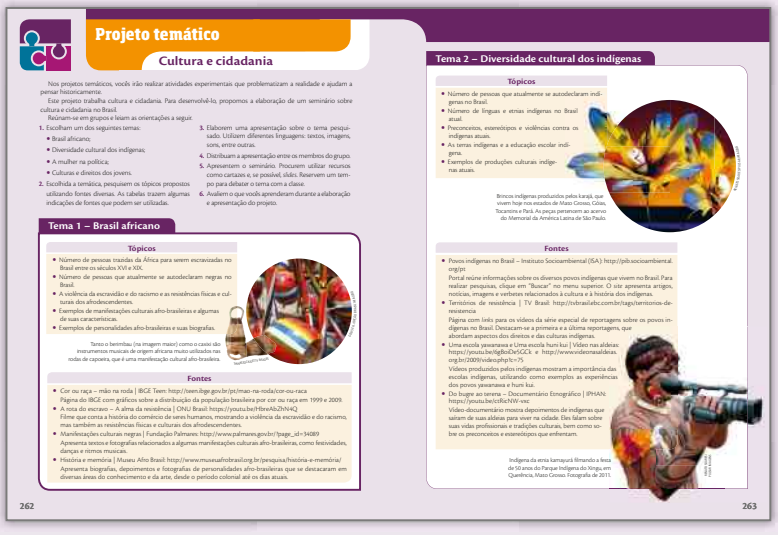
Na internet
- **Arqueologia brasileira – Museu Nacional/UFRJ: http://www.museunacional.ufrj.br/exposicoes/arqueologia/exposicaoarqueologia-brasileira**
Página com textos e imagens de objetos dos primeiros habitantes do atual território brasileiro.
Navegue pelo site, selecione um dos objetos e leia o texto que o acompanha. Depois, escreva um relatório descrevendo a imagem e procure relacioná-la com a história dos primeiros habitantes do Brasil.

Nos livros
- **LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.**
Livro do antropólogo brasileiro e professor da Universidade Federal de Brasília Roque de Barros Laraia. Este livro introduz o conceito antropológico de cultura de forma didática, com exemplos referentes à nossa sociedade e às sociedades tribais que compartilham nosso território.
Em grupo, elaborem e apresentem um seminário a respeito de um dos capítulos do livro. Para isso, utilizem recursos como fotografias, desenhos, vídeos, sons e textos.

Nos filmes
- ***A guerra do fogo*. Direção de Jean-Jacques Annaud. França/Canadá, 1981, 100 min.**
Na Pré-História, um grupo de hominídeos que desconhece as técnicas de produção do fogo procura manter uma chama sempre acesa. Essa chama se apaga em um conflito e, assim, três membros desse grupo precisam recuperar o fogo perdido.
Elaborem um relatório explicando como alguns aspectos das primeiras sociedades são representados no filme.

CAPÍTULO 3 Primeiros povos da América 51

Projeto temático



Projeto temático
Cultura e cidadania

Nos projetos temáticos, vocês irão realizar atividades experimentais que problematizam a realidade e ajudam a pensar historicamente.
Este projeto trabalha cultura e cidadania. Para desenvolvê-lo, propomos a elaboração de um seminário sobre cultura e cidadania no Brasil.
Reúnam-se em grupos e leiam as orientações a seguir.

1. Escolham um dos seguintes temas:
   - Brasil africano;
   - Diversidade cultural dos indígenas;
   - A mulher na política;
   - Culturas e direitos dos jovens.
2. Escolhida a temática, pesquisem os tópicos propostos utilizando fontes diversas. As tabelas trazem algumas indicações de fontes que podem ser utilizadas.
3. Elaborem uma apresentação sobre o tema pesquisado. Utilizem diferentes linguagens: textos, imagens, sons, entre outras.
4. Distribuam a apresentação entre os membros do grupo.
5. Apresentem o seminário. Procurem utilizar recursos como cartazes e, se possível, slides. Reservem um tempo para debater o tema com a classe.
6. Avaliem o que vocês aprenderam durante a elaboração e apresentação do projeto.

Tema 1 – Brasil africano

Tópicos
- Número de pessoas trazidas da África para serem escravizadas no Brasil entre os séculos XVI e XIX.
- Número de pessoas que atualmente se autodeclaram negras no Brasil.
- A violência da escravidão e do racismo e as resistências físicas e culturais dos afrodescendentes.
- Exemplos de manifestações culturais afro-brasileiras e algumas de suas características.
- Exemplos de personalidades afro-brasileiras e suas biografias.

Tanto o berimbau (na imagem maior) como o caxixi são instrumentos musicais de origem africana muito utilizados nas rodas de capoeira, que é uma manifestação cultural afro-brasileira.

Fontes
- Cor ou raça – mão na roda | IBGE Teen: http://teen.ibge.gov.br/pt/mao-na-roda/cor-ou-raca
Página do IBGE com gráficos sobre a distribuição da população brasileira por cor ou raça em 1999 e 2009.
- A nota do escravo – A alma da resistência | ONU Brasil: https://youtu.be/HbreAb2hN4Q
Filme que conta a história do comércio de seres humanos, mostrando a violência da escravidão e do racismo, mas também as resistências físicas e culturais dos afrodescendentes.
- Manifestações culturais negras | Fundação Palmares: http://www.palmares.gov.br/?page_id=34089
Apresenta textos e fotografias relacionados a algumas manifestações culturais afro-brasileiras, como festividades, danças e ritmos musicais.
- História e memória | Museu Afro Brasil: http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/historia-e-memoria/
Apresenta biografias, depoimentos e fotografias de personalidades afro-brasileiras que se destacaram em diversas áreas do conhecimento e da arte, desde o período colonial até os dias atuais.

Tema 2 – Diversidade cultural dos indígenas

Tópicos
- Número de pessoas que atualmente se autodeclaram indígenas no Brasil.
- Número de línguas e etnias indígenas no Brasil atual.
- Preconceitos, estereótipos e violências contra os indígenas atuais.
- As terras indígenas e a educação escolar indígena.
- Exemplos de produções culturais indígenas atuais.

Brincos indígenas produzidos pelos kaiapó, que vivem hoje nos estados de Mato Grosso, Goiás, Tocantins e Pará. As peças pertencem ao acervo do Memorial da América Latina de São Paulo.

Fontes
- Povos indígenas no Brasil – Instituto Socioambiental (ISA): http://pib.socioambiental.org/pt
Portal reúne informações sobre os diversos povos indígenas que vivem no Brasil. Para realizar pesquisas, clique em "Buscar" no menu superior. O site apresenta artigos, notícias, imagens e verbetes relacionados à cultura e à história dos indígenas.
- Territórios de resistência | TV Brasil: http://tvbrasil.ebc.com.br/tags/territorios-de-resistencia
Página com links para os vídeos da série especial de reportagens sobre os povos indígenas no Brasil. Destacam-se a primeira e a última reportagens, que abordam aspectos dos direitos e das culturas indígenas.
- Uma escola yawanawa e Uma escola Huni Kuí | Vídeo nas aldeias: https://youtu.be/iSgBoiDeSGCk e http://www.videonasaldeias.org.br/2009/video.php?cd=75.
Vídeos produzidos pelos indígenas mostram a importância das escolas indígenas, utilizando como exemplos as experiências dos povos yawanawa e huni kuí.
- Do bugre ao terena – Documentário Etnográfico | IPHAN: https://youtu.be/zcRcNW-vxc
Vídeo-documentário mostra depoimentos de indígenas que saíram de suas aldeias para viver na cidade. Eles falam sobre suas vidas profissionais e tradições culturais, bem como sobre os preconceitos e estereótipos que enfrentam.

Indígena da etnia kamayurá filmando a festa de 50 anos do Parque Indígena do Xingu, em Querência, Mato Grosso. Fotografia de 2011.

262 263

Oficina de História

Localizada ao final de cada capítulo, reúne diferentes tipos de atividades que visam promover a autonomia e o pensamento crítico dos estudantes. As atividades estão agrupadas em:

Vivenciar e refletir – propõe atividades de pesquisa, experimentação, debate e interpretação de fontes.

Diálogo interdisciplinar – propõe atividades que realizam diálogos entre a História e outros componentes curriculares.

De olho na universidade – apresenta questões de vestibulares de diferentes regiões do país e do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

No último capítulo de cada unidade, o **Para saber mais** indica livros, *sites* e filmes relacionados a conteúdos trabalhados na unidade. As indicações são acompanhadas de atividades.

FAÇA NO CADERNO
NÃO ESCREVA NO LIVRO

Este livro não é consumível. Faça todas as atividades em seu caderno.

Interpretar fonte

Esta seção propõe a análise de fonte histórica escrita ou não escrita, estimulando a interpretação e a reflexão. Procura aproximar os estudantes do ofício do historiador.

Sumário

Unidade 1
História e cultura

Capítulo 1 – Refletindo sobre a História 10
- História e cidadania: Para que serve estudar História? 11
- Cultura: Modos de ser e de viver 15
- Tempo: Diferentes percepções e medições 18
- Oficina de História 24

Capítulo 2 – Primeiros humanos 26
- De onde viemos? Investigando nossas origens 27
- Os primeiros humanos: Estudos paleontológicos 28
- Primeiras sociedades: Mudanças que fizeram diferença 34
- Paleolítico: Os caçadores-coletores 34
- Neolítico: As sociedades agropastoris 36
- Oficina de História 40

Capítulo 3 – Primeiros povos da América 42
- Povoadores: Hipóteses sobre a chegada dos *sapiens* à América 43
- Arqueologia: Fósseis humanos descobertos no Brasil 44
- Produções artísticas: A arte dos primeiros habitantes da América 48
- Oficina de História 50

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/MUSEU DE ARTE LOWE, UNIVERSIDADE DE MIAMI, EUA

Unidade 2
Escrita e memória

Capítulo 4 – Povos da Mesopotâmia 54
- Civilização: Nova forma de organização social 55
- Mesopotâmia: Berço de civilizações 57
- Escrita: Registro e transmissão da informação 61
- Direito: Os primeiros códigos jurídicos 63
- Oficina de História 64

Capítulo 5 – África: egípcios e cuxitas 66
- Egito Antigo: Relações entre natureza e cultura 67
- Sociedade: Uma visão dos grupos sociais egípcios 69
- Cultura: Aspectos da religião, arte e ciência egípcias 71
- Reino de Cuxe: Uma civilização ao sul do rio Nilo 74
- Oficina de História 76

Capítulo 6 – Hebreus, fenícios e persas 78
- Hebreus: O legado cultural monoteísta 79
- Fenícios: Vivência marítima e comercial 82
- Persas: Um grande império no Oriente 84
- Oficina de História 87

Capítulo 7 – Povos da China e da Índia 89
- China Antiga: Os chineses consideravam-se fundadores do Império do Meio 90
- Índia Antiga: As bases de uma grande civilização 95
- Oficina de História 98

Capítulo 8 – Grécia Antiga 100
- Grécia Antiga: Território, sociedade e organização política 101
- Esparta: O governo oligárquico 106
- Atenas: Da monarquia à democracia 107
- Alianças e guerras: Lutas pela hegemonia grega 110
- Cultura grega e seu legado: As bases da civilização ocidental 112
- Oficina de História 115

Capítulo 9 – Roma Antiga 117
- Roma Antiga: Origens e povoadores 118
- Monarquia: Organização política e social 119
- República: Expansão territorial e crise político-social 120
- Império: Apogeu e declínio de Roma 124
- Religião: Do politeísmo ao cristianismo 127
- Cultura romana: O direito, as artes e a literatura 129
- Oficina de História 131

ROBERT HARDING/CORBIS/FOTOARENA/COLEÇÃO PARTICULAR

Unidade 3
Identidade e diversidade

Capítulo 10 – Império Bizantino 136
- Constantinopla: Uma cidade entre dois continentes 137
- Governo de Justiniano: Expansão e esplendor do Império Bizantino 137
- Religião e cultura: Integração do Oriente com o Ocidente 140
- Crise do Império: A conquista de Constantinopla pelos turcos 143
- Oficina de História 144

Capítulo 11 – Mundo islâmico 146
- Arábia: Antes e depois de Maomé 147
- Islamismo: Submissão ao Deus único 148
- Expansão árabe: Formação do Império Islâmico 151
- Cultura árabe: Difusão de descobertas e conhecimentos 152
- Islamismo: Presença no mundo e no Brasil 154
- Oficina de História 157

Capítulo 12 – A Europa feudal 160
- Idade Média: Conceito e preconceito 161
- Os germânicos: Sociedade e cultura 162
- Reino Franco: Governo de Carlos Magno 164
- Feudalismo: Organização política, social e econômica 167
- Oficina de História 171

Capítulo 13 – Mundo cristão 174
- Igreja Católica: Papel articulador e poder social 175
- Heresias: Perseguição a outras crenças e concepções 176
- Cruzadas: A guerra dos cristãos 178
- Cultura medieval: A influência do cristianismo 179
- Expansão: Desenvolvimento medieval 182
- Depressão: Momentos de crise 186
- Oficina de História 188

THE ART ARCHIVE/AFP/MUSEU ARQUEOLÓGICO DE MADRI, ESPANHA

Unidade 4
Contatos e confrontos

Capítulo 14 – Renascimentos e reformas 192
- Modernidade: O desabrochar de novas ideias 193
- Renascença: Novas técnicas e concepções 194
- Experimentação: Novos valores e procedimentos científicos 198
- Crise do catolicismo: Motivos que impulsionaram a Reforma Protestante 199
- Luteranismo: A reforma de Martinho Lutero 201
- Calvinismo: Novo núcleo do movimento reformista 203
- Reforma Anglicana: Uma igreja nacional na Inglaterra 204
- Contrarreforma: A reação da Igreja Católica 205
- Oficina de História 208

Capítulo 15 – Povos africanos 210
- África: A imensidão de um continente 211
- Sociedades africanas: Reinos da costa ocidental da África 214
- Oficina de História 219

Capítulo 16 – Povos da América 222
- Povos indígenas: Diversidade étnica e cultural à época da conquista 223
- Tupis: Agricultores habilidosos 224
- Maias: Cidades-templos 227
- Astecas: Grandes conquistadores 227
- Incas: Povo das montanhas 228
- Oficina de História 230

Capítulo 17 – Expansão europeia 232
- Estados modernos: Centralização política e sociedades nacionais 233
- Portugal: A formação de um país 234
- Expansão: A conquista do mundo pelos europeus 236
- Navegações: Pioneirismo e conquistas portuguesas 238
- Navegações espanholas: As viagens de Colombo à América 241
- Outros caminhos: Navegações inglesas, francesas e holandesas 244
- Oficina de História 246

Capítulo 18 – A conquista da América 248
- Choque de "humanidades": O contato entre europeus e indígenas 249
- Confronto: Faces de uma conquista 251
- Impacto na Europa: Consequências da conquista nas sociedades europeias 256
- Oficina de História 259

Projeto temático: Cultura e cidadania 262

Cronologia 266

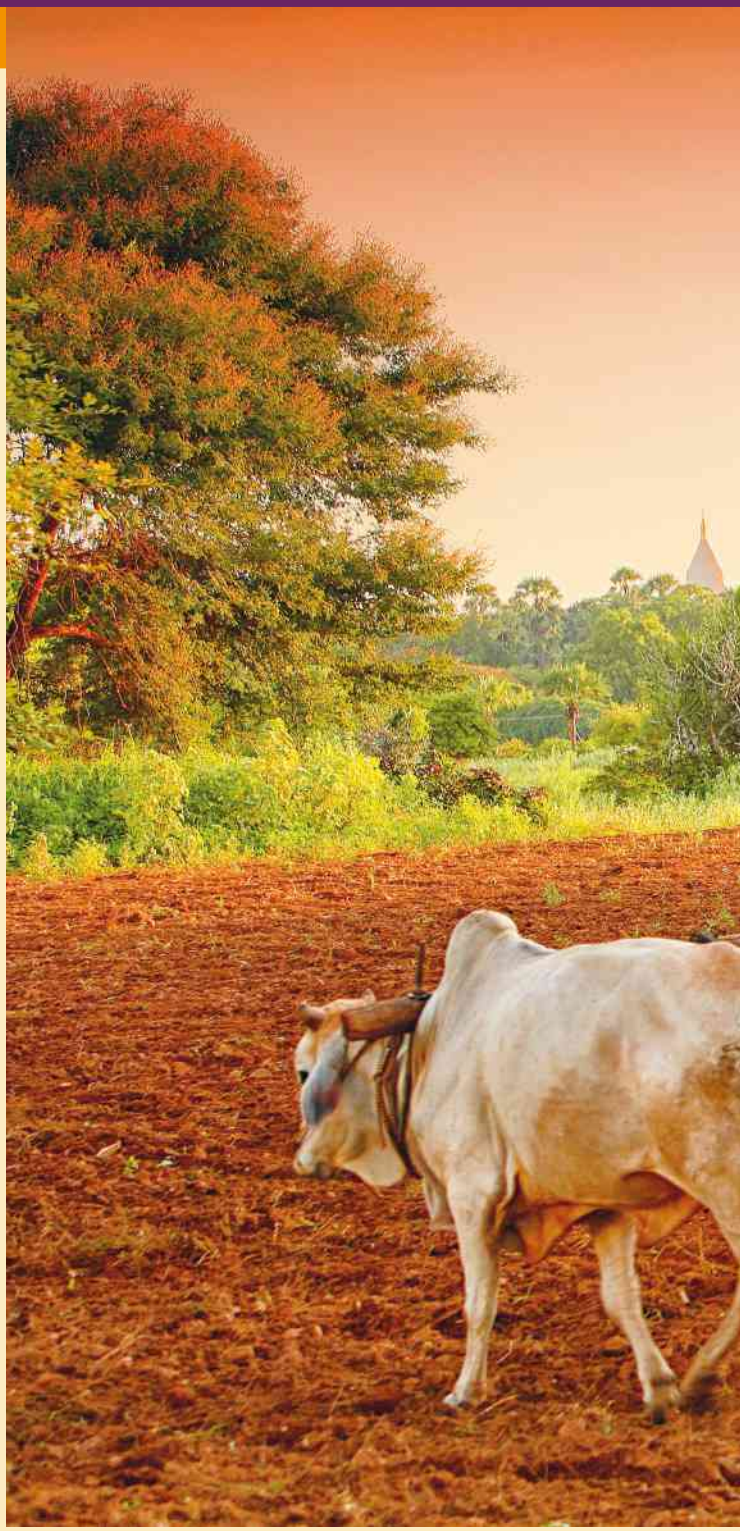
Bibliografia 270

Manual do Professor – Orientações didáticas 273

UNIDADE

1

História e cultura



A História como área do conhecimento estuda as produções culturais desenvolvidas ao longo do tempo. A cultura inclui tudo aquilo que fazemos em termos materiais e imateriais. Abrange línguas, instrumentos, saberes, costumes etc.

Há cerca de um milhão de anos, os primeiros humanos aprenderam a utilizar esporadicamente o fogo. Ao dominar sua produção, puderam cozinhar alimentos e iluminar a noite. O fogo foi amplamente utilizado para iluminação até a invenção da lâmpada elétrica, em 1879.

Por volta de 8000 a.C., grupos humanos de diferentes regiões começaram a produzir seus alimentos por meio da agricultura – entre eles, o arroz (na Ásia), o trigo (na África e no Oriente Médio) e o milho (na América). Atualmente, esses cereais estão entre os alimentos mais consumidos do mundo.

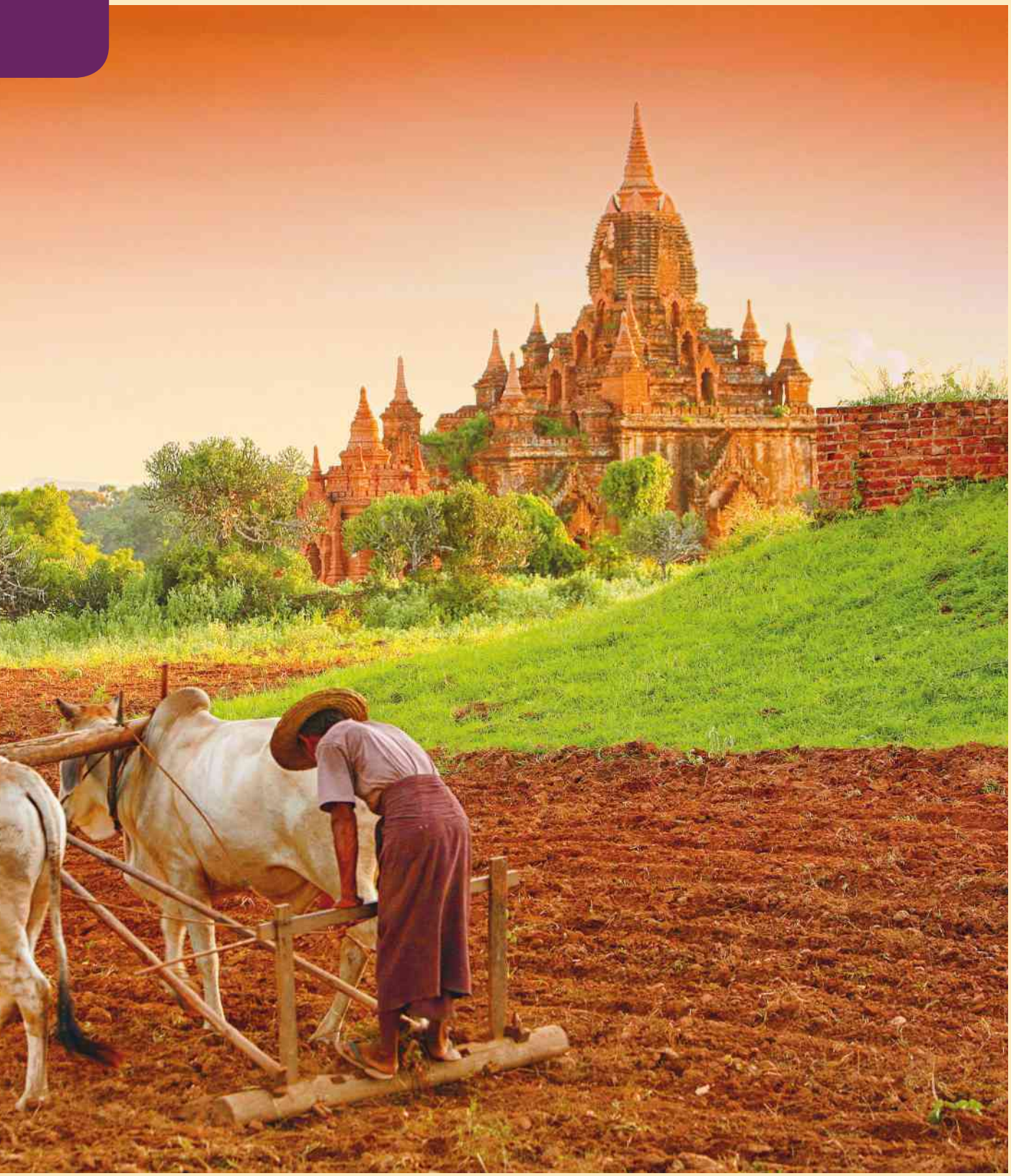
O desenvolvimento tecnológico dos humanos os distinguiu dos outros animais e teve forte impacto no meio ambiente. Através da construção das culturas, o ser humano vive um processo de nascer sem parar.

Conversando

1. Entre as inovações mencionadas no texto, qual faria mais falta em sua vida? Justifique sua resposta.

2. Na sua interpretação, quais tecnologias marcam o mundo contemporâneo? Reflita.

Camponês trabalha em Mianmar (ou Birmânia), sul da Ásia. Ao fundo, templos budistas construídos entre os séculos X e XIV. Fotografia de 2014.



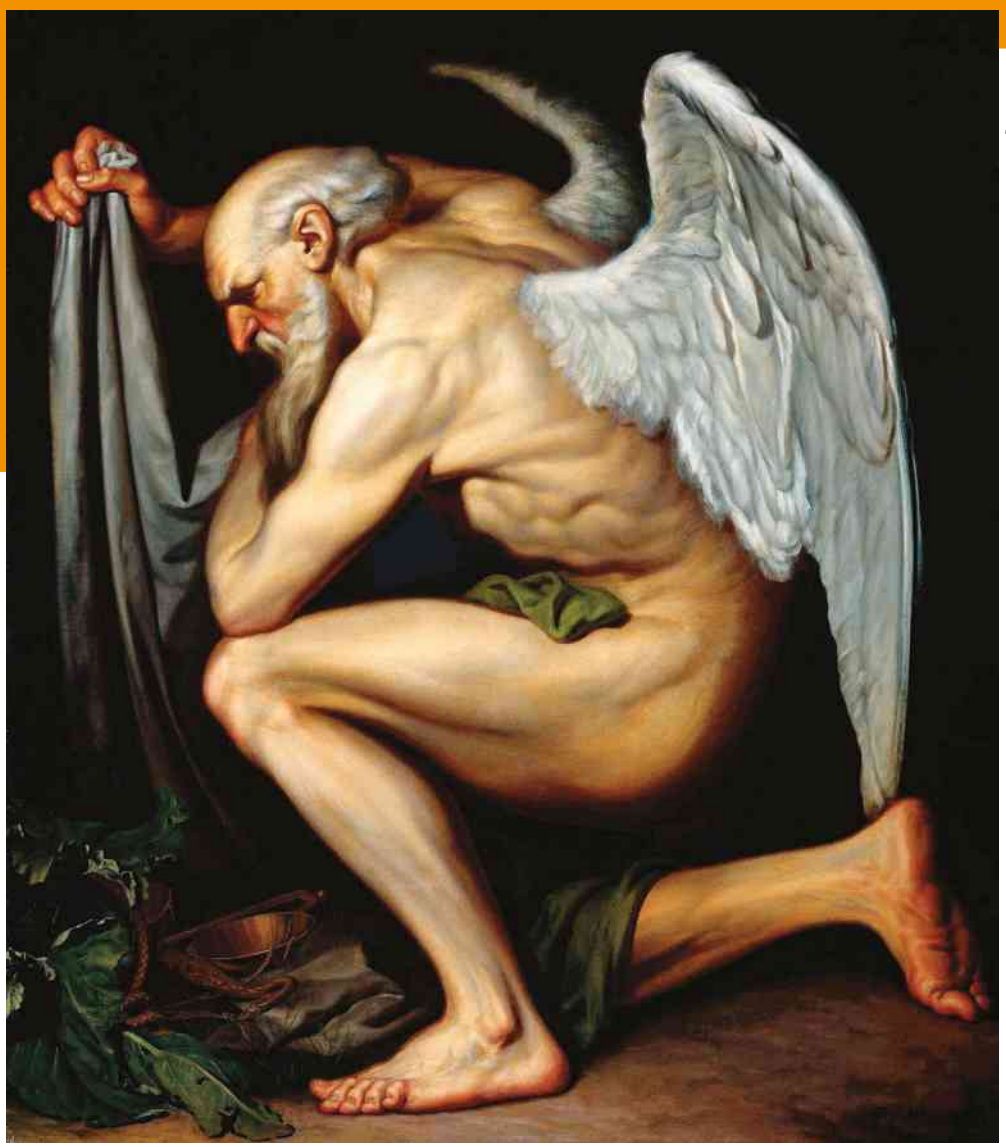
WESTEND61 GMBH/ALAMY/FOTOARENA

CAPÍTULO

1

Refletindo sobre a História

As vivências humanas expressam a história de cada época. Neste sentido, o estudo do passado e a compreensão do presente não se relacionam de forma determinista. Para que as experiências do passado sirvam ao presente, é necessário refletir sobre as mudanças e as permanências históricas. Como entender as relações entre passado e presente?



PIETER CORNELIS WONDER. *TEMPO*/MUSEU NACIONAL, AMSTERDÃ, HOLANDA

Tempo, obra de Pieter Cornelis Wonder, datada de 1810.

Treinando o olhar

1. A obra foi intitulada *Tempo*. Em sua percepção, que elementos dela representam a questão do tempo?

2. Em sua interpretação, o que a imagem apresenta de "fictício" e de "realístico"? Justifique sua resposta.

História e cidadania

Para que serve estudar História?

São muitos os motivos pelos quais podemos estudar História. Vejamos alguns deles.

Os historiadores interpretam as experiências humanas ao longo do tempo. Conhecendo essas interpretações e refletindo sobre elas, podemos adquirir consciência do que fomos (passado) para transformar o que somos (presente).

Quando "pensamos historicamente", percebemos que a realidade social é construída pelos seres humanos. Não se trata de uma fatalidade, de um dado natural e imutável, mas de uma construção cultural dinâmica, aberta a novas possibilidades.

Nesse sentido, estudar História pode despertar a consciência de cada um de nós para a tarefa de construir uma sociedade mais justa, com menos desigualdade entre as pessoas, independentemente de idade, sexo, origem, cor da pele e religião.

História e memória

O conjunto dos acontecimentos e das experiências que ocorrem no dia a dia, tanto de uma pessoa como de um grupo, pode ser chamado de história vivida. Essa história pode integrar as **lembranças** das pessoas e dos grupos que a viveram. Mas existem outras vivências que podem ser **esquecidas**. A memória constitui, então, um "campo de disputa histórico" entre lembranças e esquecimentos.

Muitas vezes essas disputas são marcadas pelos interesses sociais que estão em jogo em uma época ou sociedade. Dessas disputas, resultam frequentemente a predominância dos marcos históricos ligados à memória dos grupos sociais dominantes. Lutar pela ampliação da memória social, abrangendo eventos relevantes para diversos grupos, é um exercício de cidadania e de consciência histórica.

História e historiadores

Ao interpretar as vivências humanas, os historiadores investigam o que mulheres e homens fizeram, pensaram e sentiram no decorrer de suas vidas, no cenário de suas culturas. Assim, o historiador pode pesquisar, por exemplo, aspectos da economia, da política, da cultura material, das mentalidades. Nesse processo, ele pode compreender relações entre passado e presente.

NARRADORES DE JAVÉ. DIREÇÃO: ELIANE CAFFÉ. BRASIL: BANANEIRA FILMES, 2004

Fotograma do filme brasileiro *Narradores de Javé*, de 2004, dirigido por Eliane Caffé. Nesse filme, a cidade de Javé pode desaparecer devido à construção de uma usina hidrelétrica. Para salvá-la, seus moradores decidem escrever a história do local.

Investigando

1. Você tem lembranças de sua infância? Quais?
2. Que experiências têm marcado sua juventude? Você imagina que, no futuro, irá se lembrar ou se esquecer dessas experiências? Reflita.

Em destaque — Consciência do passado

Leia um fragmento do livro *Sobre História*, escrito pelo historiador Eric Hobsbawm:

> Todo ser humano tem consciência do passado (definido como o período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo) em virtude de viver com pessoas mais velhas. [...] Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana.

HOBSBAWM, Eric. O sentido do passado. In: *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 22.

1. De acordo com o texto, de que maneira uma geração adquire consciência do passado?

2. Você convive com pessoas mais velhas? Destaque o que você já aprendeu com elas.

3. Para Hobsbawm, é possível haver uma sociedade sem passado? Por quê?

Fontes históricas

Os historiadores trabalham com diversas fontes em suas pesquisas. No entanto, essas fontes não são "documentos" ou "objetos" de onde a história possa surgir, nascer ou jorrar de forma única e cristalina. As fontes sugerem indícios, pistas, indicações sobre o tema pesquisado. Por isso, devem ser **interpretadas pelo historiador**.

As fontes históricas podem ser classificadas de várias maneiras: recentes ou antigas, privadas ou públicas, representativas da cultura material ou imaterial etc. Também já foi muito valorizado o critério de classificar as fontes em escritas e não escritas:

- **fontes escritas** – cartas, letras de canções, livros, jornais, revistas, documentos públicos ou particulares etc.;
- **fontes não escritas** – registros da cultura material, como vestimentas, armas, utensílios, pinturas, esculturas, construções, músicas, filmes, fotografias, depoimentos orais etc.

Durante muito tempo, os historiadores utilizaram principalmente as fontes escritas para fundamentar as pesquisas históricas. Atualmente, devido ao desenvolvimento de novas tecnologias (como televisão, rádio, cinema, DVD, computador), os historiadores estão cada vez mais consultando e interpretando uma grande variedade de fontes não escritas (imagens, sons) e outros elementos da cultura material.

Entre as fontes não escritas, destacam-se as fontes orais, como depoimentos e entrevistas. A coleta de depoimentos tem contribuído para conservar a memória (pessoal e coletiva) e ampliar a compreensão de um passado recente ou da história que está sendo construída no presente. Assim, a hegemonia das fontes escritas foi relativizada.

Investigando

1. Você tem o costume de registrar sua vida em fotografias, vídeos, *blogs*, cartas, diários, entre outros?

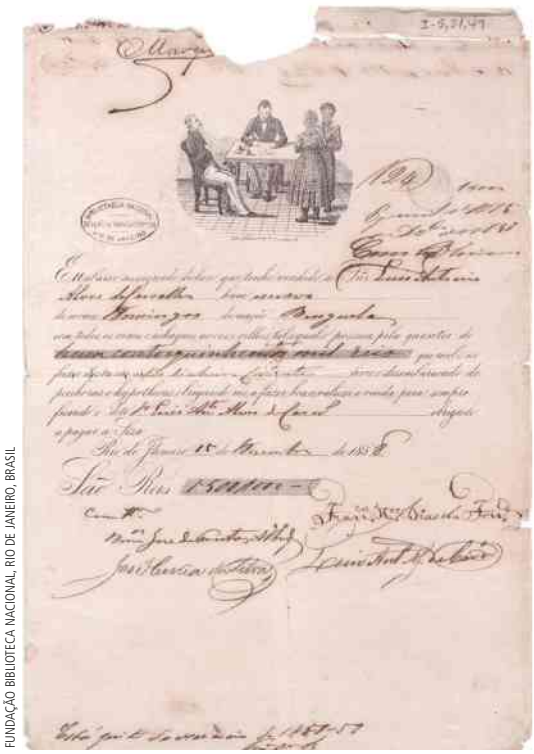
2. Para você, é importante preservar esses registros? Por quê?

Interpretar fonte — Escravidão no Brasil colonial

Ao pesquisar o tema da escravidão no Brasil colonial, um historiador pode utilizar diversos tipos de fontes históricas. A seguir, observe algumas delas e faça o que se pede.

MUSEUS CASTRO MAYA, RIO DE JANEIRO

Reprodução da obra *Uma senhora de algumas posses em sua casa*, criada pelo pintor francês Jean-Baptiste Debret, que retratou cenas da sociedade e das paisagens brasileiras na primeira metade do século XIX.



FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL

Reprodução de recibo de compra e venda de escravo, datado de 15 de dezembro de 1858. Este é um exemplo de fonte escrita.

1. Aponte as informações que um historiador poderia extrair da pintura de Debret, ao utilizá-la como fonte histórica.
2. Que relações podem ser estabelecidas entre a pintura de Debret e o recibo de compra e venda de escravos do século XIX?

Limites e possibilidades do saber histórico

Vimos que, com base em pesquisas, os historiadores procuram reconstituir as formas de viver em determinada sociedade. Podem, também, propor interpretações sobre como as ações humanas desencadearam mudanças ou preservaram situações ao longo do tempo.

Em suas análises, os historiadores podem investigar a vida pública ou privada em seus múltiplos aspectos: econômicos, artísticos, políticos, tecnológicos, filosóficos etc.

Estudar História é, portanto, uma maneira de adquirir consciência sobre a trajetória humana. No entanto, devemos ficar atentos aos limites ou problemas da interpretação histórica.

As historiografias — resultados do trabalho dos historiadores — não podem ser isoladas da época em que foram produzidas. Acreditamos que, ao interpretar e escrever sua obra, o historiador vive seu tempo histórico. O que ele produz está ligado à história que vivencia, incluindo, por exemplo, lutas, utopias, valores, visões e expectativas. Desse modo, a obra de um historiador pode ser uma **expressão** de sua época e também uma **reação** a seu tempo.

O trabalho do historiador depende de uma série de concepções que impactam suas escolhas, desde a definição do objeto enfocado (tema, método e projeto da pesquisa) até a seleção das fontes históricas a serem utilizadas. Além disso, o trabalho do historiador não deve ter a pretensão de fixar verdades absolutas e definitivas: "o historiador sabe que trabalha para seu tempo, e não para a eternidade".[1]

Neste sentido, podemos dizer que a História, como forma de conhecimento, é uma atividade contínua de pesquisa. Em sua **etimologia**, **história** deriva de *historein* que, em grego antigo, significa "procurar saber, informar-se". História significa, pois, "procurar".[2]

Etimologia: estudo da origem e da formação das palavras de uma língua.

Em destaque — O trabalho do historiador

Vejamos, no texto a seguir, a análise que o historiador Edward Hallet Carr faz sobre seu ofício:

> O historiador não é um escravo humilde nem um senhor tirânico de seus fatos. A relação entre o historiador e seus fatos é de igualdade e de reciprocidade. [...]
>
> O historiador começa com uma seleção provisória de fatos e uma interpretação, também provisória, a partir da qual a seleção foi feita — tanto pelos outros quanto por ele mesmo. Enquanto trabalha, tanto a interpretação e a seleção quanto a ordenação de fatos passam por mudanças sutis e talvez parcialmente inconscientes, através da ação recíproca de uma ou da outra. [...] O historiador e os fatos históricos são necessários um ao outro. O historiador sem seus fatos não tem raízes e é inútil; os fatos sem seu historiador são mortos e sem significado. Portanto, minha primeira resposta à pergunta "Que é História?" é que ela se constitui de um processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo interminável entre o presente e o passado.

CARR, Edward Hallet. *Que é História?* São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 65.

- O autor afirma que "o historiador e os fatos históricos são necessários um ao outro". Como você interpretaria essa frase? Debata com seus colegas.

Investigando

- Vimos que é importante estudar o passado. Você se interessa por algum tema histórico? O que desperta sua curiosidade? Comente.

ROSA GUADITANO STUDIO/ COLEÇÃO PARTICULAR

Artesanato produzido pelos indígenas Karajá, sem data. Pode ser considerado um exemplo de fonte histórica não escrita.

1 FRANÇA, Eduardo D'Oliveira. A teoria geral da História. In: *Revista de História*. São Paulo, USP, n. 7, 1951. p. 134.

2 Cf. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996. p. 17.

Cultura

Modos de ser e de viver

Empregado por antropólogos, historiadores e sociólogos, o termo cultura refere-se aos modos de vida criados e transmitidos de uma geração para outra entre os membros de uma sociedade. Abrange conhecimentos, crenças, artes, costumes, normas, padrões de controle e muitos outros elementos adquiridos socialmente pelos seres humanos.

O termo cultura costuma aparecer em diferentes situações ou contextos. Podemos falar, por exemplo, em cultura ocidental ou oriental (própria de um conjunto de povos ou sociedades com certas características históricas comuns), cultura italiana ou brasileira (própria de certas "lealdades comuns" conhecidas como nacionalidade), cultura tupi ou sudanesa (própria de um grupo étnico), cultura cristã ou muçulmana (própria de um grupo religioso), cultura familiar ou empresarial (própria do conjunto de pessoas que constituem uma instituição) etc.

SÉRGIO BERNARDO/JC IMAGEM

Dançarinos se reúnem para comemorar o Dia do Frevo, em Olinda, Pernambuco. O frevo é uma expressão cultural brasileira registrada como Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Fotografia de 9 de fevereiro de 2015.

WERNER FORMAN/AKG-IMAGES/LATINSTOCK/COLEÇÃO PARTICULAR

Pintura feita por aborígenes australianos em casca de árvore, representando o mundo atemporal.

A construção cultural

A cultura pode ser considerada um amplo conjunto de conceitos e preceitos, símbolos e significados que modelam uma sociedade e organizam o comportamento humano. Na interpretação do antropólogo Clifford Geertz, nascemos com a possibilidade de viver milhares de vidas, mas acabamos por viver somente uma delas em função da contribuição decisiva da cultura.[3]

A cultura envolve os padrões através dos quais pensamos e agimos como membros de um grupo social. Nesse sentido, todas as sociedades humanas, das mais antigas às da atualidade, possuem e produzem cultura. E cada cultura tem seus valores e suas verdades. Em uma abordagem mais ampla, cultura é a resposta oferecida pelos grupos humanos ao desafio da existência. Essa resposta se manifesta por meio de conhecimento (*logos*), paixão (*pathos*) e comportamento (*ethos*), ou seja, em termos de razão, sentimento e ação.

Uma interpretação da cultura

O arqueólogo estadunidense Robert Braidwood procurou indicar os principais elementos que, em sua interpretação, caracterizam a cultura:

A cultura permanece, embora os indivíduos que compõem um determinado grupo desapareçam. Por outro lado, no entanto, a cultura muda conforme mudam as normas e entendimentos.

Quase se pode dizer que a cultura vive na mente das pessoas que a possuem. Mas as pessoas não nascem com ela; adquirem-na à medida que crescem. Suponha que um bebê húngaro recém-nascido seja adotado por uma família residente em Oshkosh, Winconsin, nos Estados Unidos, e que nunca digam a essa criança que ela é húngara. Ela crescerá tão alheia à cultura húngara quanto qualquer outro americano.

Assim, quando eu falo da antiga cultura egípcia, refiro-me a todo o conjunto de entendimentos, crenças e conhecimentos pertencentes aos antigos egípcios. Significa tanto suas crenças sobre o que faz o trigo crescer quanto sua habilidade para fazer os implementos necessários à colheita. Ou seja, suas crenças a respeito da vida e da morte.

Quando falo de cultura, estou pensando em algo que perdurou através do tempo. Se qualquer egípcio morresse, mesmo que fosse o faraó, isso não afetaria a cultura egípcia daquele momento determinado.

BRAIDWOOD, Robert. *Homens pré-históricos*. Brasília: Editora UnB, 1985. p. 41-42.

3 Cf. GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2011, p. 33.

Vejamos, em síntese, algumas características da cultura:

- adquirida pela aprendizagem em convívio social, e não herdada em termos genéticos;
- transmitida de geração a geração, por meio da linguagem verbal e não verbal, nas diferentes sociedades;
- inclui toda a produção material e não material dos seres humanos;
- múltipla e variável, no tempo e no espaço, de sociedade para sociedade.

Interpretar fonte — Diversidade cultural indígena

De acordo com o Censo de 2010, cerca de 896 mil pessoas se declaravam indígenas no Brasil. Essa população vive em cidades, áreas rurais e em terras indígenas.

Os indígenas brasileiros apresentam enorme diversidade cultural, e muitos deles adotaram costumes dos brancos.

Leia, a seguir, as palavras de Karaí Katu, um guarani que vive em São Paulo.

> As pessoas olham a gente nas feiras, usando estas roupas e sapatos e olham como se não fôssemos mais guarani. Como se a gente tivesse perdido nossa cultura. Eles não percebem que, por dentro, a gente continua o mesmo guarani.

Depoimento de Karaí Katu, da aldeia de Itatins, município de Itariri, São Paulo. Transcrito em 1994 pelo historiador e indigenista Paulo Humberto Porto Borges. Disponível em: <http://baraoemfoco.com.br/historia/projeto/povoguarani.html>. Acesso em: 29 jun. 2017.

FABIO COLOMBINI

Professora e crianças indígenas, do povo guarani-mbyá, utilizam computador em São Paulo (SP). Fotografia de 2015.

- A partir do depoimento de Karaí Katu, reflita: as transformações culturais são compatíveis com a preservação das identidades sociais?

Tempo

Diferentes percepções e medições

Se a História estuda os grupos humanos através do tempo, exploremos, agora, o tema **tempo**. A experiência do tempo faz parte do nosso cotidiano quando, por exemplo, olhamos as horas do relógio, ouvimos relatos de pessoas mais velhas, percebemos o que mudou ou permaneceu de uma época para outra.

A noção de tempo é ampla, pois abrange aspectos cronológicos, psicológicos e históricos. O chamado **tempo histórico** se relaciona com as ações e reflexões dos seres humanos. É o tempo das criações culturais. Da mesma maneira que os povos têm diferentes culturas, eles também possuem diversas formas de viver o seu tempo, de senti-lo, de contá-lo, de responder aos seus desafios.

Investigando

- Você já teve a sensação de o tempo passar mais rápido? Em que situações de seu cotidiano isso ocorreu? Por que você acha que isso acontece?

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/GALERIA DE ARTE WHITWORTH, INGLATERRA

EVERETT COLLECTION/KEYSTONE BRASIL

Cenas inspiradas na obra literária *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare (1564-1616). A imagem à esquerda representa Romeu e Julieta em uma pintura a óleo de Ford Madox Brown, datada de 1870. A imagem acima é um fotograma do filme *Romeu + Julieta*, de 1996, dirigido por Baz Luhrmann, com os atores Leonardo DiCaprio e Claire Danes.

Ritmos do tempo

Em muitas sociedades rurais, os trabalhadores vivenciavam um "tempo da natureza", relacionado ao dia e à noite, às variações do clima, às épocas de plantio e de colheita etc. Isso pode persistir em vários lugares.

De acordo com o historiador francês Lucien Febvre, a população do campo na França do século XVI referia-se ao tempo desta maneira: "por volta do sol levante ou por volta do sol poente".[4]

Já em sociedades industriais contemporâneas, os trabalhadores de uma fábrica, por exemplo, vivenciam um ritmo de tempo marcado pelo relógio, mesmo porque as horas de trabalho, em geral, são vendidas por determinado preço — o salário. Assim, nesse "tempo da indústria" — também encontrado, é claro, em outras atividades profissionais —, a jornada de trabalho "não obedece mais ao nascer e ao pôr do sol nem às variações do clima, mas às exigências da empresa".[5]

Podemos falar também no tempo das sociedades pós-industriais marcadas pela **conectividade** das comunicações, dos transportes e dos serviços no mundo globalizado. Um mundo ligado aos avanços da microeletrônica, internet e tecnologia da informática.

Relógio

Em nossas sociedades, as pessoas vivem consultando relógios. Mas esta forma de medir o tempo não foi praticada em todas as épocas e por todos os povos. Sobre isso, o estudioso Gerald Whitrow observou:

> O modo como o dia terrestre é dividido em horas, minutos e segundos é puramente convencional. Assim, também, a decisão de que um dado dia começa na aurora, ao nascer do sol, ao meio-dia, ao pôr do sol ou à meia-noite é uma questão de escolha arbitrária ou conveniência social.

WHITROW, G. J. *O tempo na história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 16.

Os primeiros relógios mecânicos foram instalados nas torres das igrejas, nos monumentos de praças, nos edifícios públicos. Atualmente, o relógio é considerado um instrumento para a organização das rotinas diárias. Por isso, encontramos o relógio no pulso das pessoas, no telefone celular, no computador, nos veículos etc.

O tempo do relógio passou a governar, em grande parte, o cotidiano das pessoas. Assim, há hora para acordar, comer, trabalhar, tomar banho, dormir. Há, inclusive, hora para lazer e para *happy hour* (expressão inglesa que pode ser traduzida por "hora da comemoração", geralmente após o expediente).

BIBLIOTECA REAL ALBERT I, BRUXELAS, BÉLGICA

Relógio da Sabedoria. Ilustração flamenga do século XIV, de autoria desconhecida, que mostra os primeiros relógios mecânicos na Europa ocidental.

Investigando

- Existem relógios públicos em sua cidade? Onde estão localizados?

4 FEBVRE, Lucien. O homem do século XVI. In: *Revista de História*. São Paulo: USP, n. 1, 1950. p. 13.

5 PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O tempo social*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, fev. 1991. p. 16.

Calendário

O calendário é um sistema que estabelece um modo de contar o tempo. O termo deriva do latim *calendarium*, o livro de contas no qual constavam os juros dos empréstimos, pagos nas *calendae*, que correspondiam ao primeiro dia dos meses romanos.

Diferentes tipos de calendários foram desenvolvidos por povos como judeus, cristãos e muçulmanos. Os calendários são, portanto, uma criação cultural e, por isso, têm uma história, ou muitas histórias.[6]

Supõe-se que os primeiros calendários tenham sido criados entre 3 mil e 2 mil anos antes do nascimento de Cristo — provavelmente pelos chineses, egípcios ou sumérios — com base na observação do Sol e da Lua.

Atualmente, o calendário cristão é o mais utilizado no mundo, embora nem todos os povos o tenham adotado. Muçulmanos e judeus, por exemplo, têm sistemas próprios de contagem do tempo.

ALBUM/DEA PICTURE LIBRARY/LATINSTOCK

Calendário asteca esculpido em rocha no século XV. Faz parte do acervo do Museu Nacional de Antropologia, Cidade do México, México.

Calendário cristão

Os povos cristãos têm como marco básico da contagem do tempo o nascimento de Cristo.

> [...] Em 232, um monge, Dionísio, o Pequeno [...], constatando a impotência dos cristãos quanto a entenderem-se sobre a data da criação do mundo, propôs que se iniciasse a era cristã com o nascimento de Cristo, que ele situava no ano 753 de Roma. A sua proposta foi adotada por toda a cristandade e hoje a era cristã é a mais usada no mundo.[...]
>
> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996. p. 522.

6 Cf. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996. p. 485.

Segundo o calendário cristão, as datas anteriores ao nascimento de Cristo recebem a abreviatura a.C. (antes de Cristo) e as datas posteriores podem vir acompanhadas ou não da abreviatura d.C. (depois de Cristo):

> No calendário cristão [...], o ano fixado para o nascimento de Cristo foi considerado o ano 1 da era cristã e não o ano zero; possivelmente porque o conceito do zero ainda era pouco difundido na Europa Ocidental.

LEITE, Bertília; WINTER, Othon. *Fim de milênio*: uma história dos calendários, profecias e catástrofes cósmicas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 18.

No século XVI, o papa Gregório XIII convocou uma comissão de astrônomos que promoveu ajustes no calendário cristão. O resultado ficou conhecido como reforma gregoriana e deu origem ao calendário utilizado ainda hoje. A reforma gregoriana foi colocada em prática a partir de 1582.

Como outros, o calendário cristão organiza o tempo em dias, semanas, meses e anos. Os períodos maiores podem ser agrupados de dez em dez anos (décadas), de cem em cem anos (séculos), de mil em mil anos (milênios).

O século é uma unidade de tempo muito utilizada nos estudos de História. Costuma ser indicado por algarismos romanos, tradição que vem da Roma Antiga.

Um modo fácil de saber a que século pertence determinado ano é somar 1 ao número de centenas do ano. Por exemplo: no ano de 2018, o número de centenas é 20. Temos, então:

2018 ➔ 20 + 1 = século XXI

Assim, 2018 pertence ao século XXI.

No entanto, quando um ano termina em 00, como o ano 2000, por exemplo, temos uma exceção à regra anterior. Nesse caso, o número de centenas indica o século. Veja:

2000 ➔ 20 centenas = século XX

Periodizações históricas

Periodizar significa "separar ou dividir em períodos", isto é, em espaços de tempo demarcados por eventos considerados significativos.

Os historiadores elaboram periodizações históricas como forma de ordenar, compreender e avaliar os acontecimentos e temas estudados. Como escreveu Jacques Le Goff:

> Não há história imóvel e a história também não é pura mudança, mas sim o estudo das mudanças significativas. A periodização é o principal instrumento de **inteligibilidade** das mudanças significativas.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996. p. 47.

Inteligibilidade: qualidade do que é inteligível, ou seja, claro.

Interpretar fonte — Tempo e calendário

Os calendários apresentam um sistema temporal para a organização das atividades humanas, como a agricultura, a caça, as festas, o trabalho, as cerimônias religiosas etc. Observe, a seguir, a representação de um calendário medieval.

MUSEU CONDÉ, CASTELO DE CHANTILLY, FRANÇA

Ilustração de manuscrito francês do século XIV, do *Manual agrícola*, de Pietro de Crescenzi, que representa diversas atividades agrícolas, conforme o mês do ano.

1. Que atividades eram desenvolvidas ao longo do ano pelos camponeses? Descreva objetos e elementos que permitem essa interpretação.
2. Explique de que maneira os camponeses controlavam a passagem do tempo.
3. Com base em suas reflexões, comente a seguinte frase: "A maneira de contar a passagem do tempo se relaciona com o modo de vida de cada sociedade".

É possível elaborar periodizações da história, com base em diferentes enfoques ou critérios — econômico, político, tecnológico, ideológico-cultural etc. Como as periodizações são concebidas pelos historiadores, elas expressam o ponto de vista interpretativo de quem as elaborou.

Veja, por exemplo, o caso de uma periodização da história que se tornou tradicional, elaborada por historiadores europeus que davam maior importância às fontes escritas e aos fatos políticos europeus. Nesta periodização, chamaram de Pré-História o período anterior à invenção da escrita e estabeleceram como marcos divisórios das "idades" acontecimentos ocorridos na Europa ou a ela relacionados. Deixaram de lado a história de sociedades em outros continentes, como América, Ásia e África.

Observe alguns dos principais marcos dessa periodização tradicional:

- **Pré-História** – do surgimento do ser humano até o aparecimento da escrita (cerca de 4000 a.C.);
- **Idade Antiga ou Antiguidade** – do aparecimento da escrita até a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.);
- **Idade Média** – da queda do Império Romano do Ocidente até a tomada de Constantinopla pelos turcos (1453 d.C.);
- **Idade Moderna** – da tomada de Constantinopla até a Revolução Francesa (tomada da Bastilha, 1789 d.C.);
- **Idade Contemporânea** – da Revolução Francesa até os dias atuais.

Críticas à periodização tradicional

O termo Pré-História costuma ser criticado, pois o ser humano, desde seu surgimento, é um **ser histórico**, mesmo que não tenha utilizado a escrita. Outras expressões foram propostas para denominar os **povos sem escrita**, como povo pré-letrado ou povo ágrafo. Mas o uso dessas expressões não se generalizou tanto quanto o termo Pré-História. Por esse motivo, podemos, eventualmente, também utilizar esse termo, desde que estejamos cientes de que todo o passado humano faz parte da História, isto é, das inúmeras histórias.

Outra crítica à periodização tradicional refere-se a seu caráter eurocêntrico, já que ela foi elaborada com base no estudo de apenas algumas regiões da Europa, do Oriente Médio e do norte da África. Portanto, não pode ser aplicada a todas as sociedades do mundo. No entanto, podemos observar que essa periodização ainda serve de referência para denominar muitas disciplinas históricas lecionadas em várias universidades do Brasil e do mundo.

Por fim, há um problema próprio de toda periodização: como ela elege certos fatos ou acontecimentos como marcos dos períodos, dá a falsa impressão de que as mudanças históricas ocorrem repentinamente. Embora exista o costume de adotar um evento como símbolo de uma transformação, podemos dizer que, a rigor, é impossível que um único fato possa inaugurar ou encerrar um período histórico. Em geral, as grandes mudanças históricas fazem parte de um processo longo e gradativo. Assim, entendemos que toda periodização contém algo de arbitrário ou de metáfora. Todavia, pode funcionar como forma de convenção social.

Investigando

- Elabore uma frase criativa utilizando as seguintes palavras: tempo, memória, tradição e inovação.

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. "Estudar história é uma maneira de adquirir consciência sobre a trajetória humana." Reflitam sobre o significado dessa frase. Depois, apresentem exemplos atuais que possam ser relacionados com esse assunto.
2. Selecione uma fonte histórica que possa ser compartilhada com os colegas em sala de aula. Pode ser uma fotografia de família, da cidade, uma carta, uma vestimenta etc. Em seguida, elabore uma interpretação dessa fonte histórica. Para isso, preste atenção em aspectos como:
   - **a)** época em que foi produzida;
   - **b)** referências a pessoas ou culturas;
   - **c)** permanências e mudanças ocorridas no período;
   - **d)** motivos que o levaram a escolher essa fonte histórica.

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Arte.

3. Analise a imagem abaixo e responda às questões:
   - **a)** Quais seriam as "três idades" a que se refere o título da pintura? Interprete e discuta com seus colegas.
   - **b)** Em sua opinião, qual é a melhor fase da vida? Comente.

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/MUSEU DE CHARTREUSE, DOUAI, FRANÇA

As três idades, obra de Jules Scalbert (1851-1928).

Diálogo interdisciplinar com Matemática.

4. Escreva os séculos correspondentes aos seguintes anos:

a) 1889

b) 1000

c) 716

d) 34

5. Indique os anos de início e de término de cada século a seguir:

a) II

b) VIII

c) XX

d) XVIII

De olho na universidade

6. (Enem-2002) Considere o papel da técnica no desenvolvimento da constituição de sociedades e três invenções tecnológicas que marcaram esse processo: invenção do arco e flecha nas civilizações primitivas, locomotiva nas civilizações do século XIX e televisão nas civilizações modernas.

A respeito dessas invenções são feitas as seguintes afirmações:

I. A primeira ampliou a capacidade de ação dos braços, provocando mudanças na forma de organização social e na utilização de fontes de alimentação.

II. A segunda tornou mais eficiente o sistema de transporte, ampliando possibilidades de locomoção e provocando mudanças na visão de espaço e de tempo.

III. A terceira possibilitou um novo tipo de lazer que, envolvendo apenas participação passiva do ser humano, não provocou mudanças na sua forma de conceber o mundo.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.

b) I e II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

7. (PUC-SP)

> **[...] o tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.**
>
> ANDRADE, Carlos Drummond. *Mãos dadas*. 1940.

Se o presente é o tempo do poeta, resta ao historiador somente o tempo passado? Justifique sua resposta, procurando discutir as relações que a História ou o historiador pode estabelecer entre presente e passado.

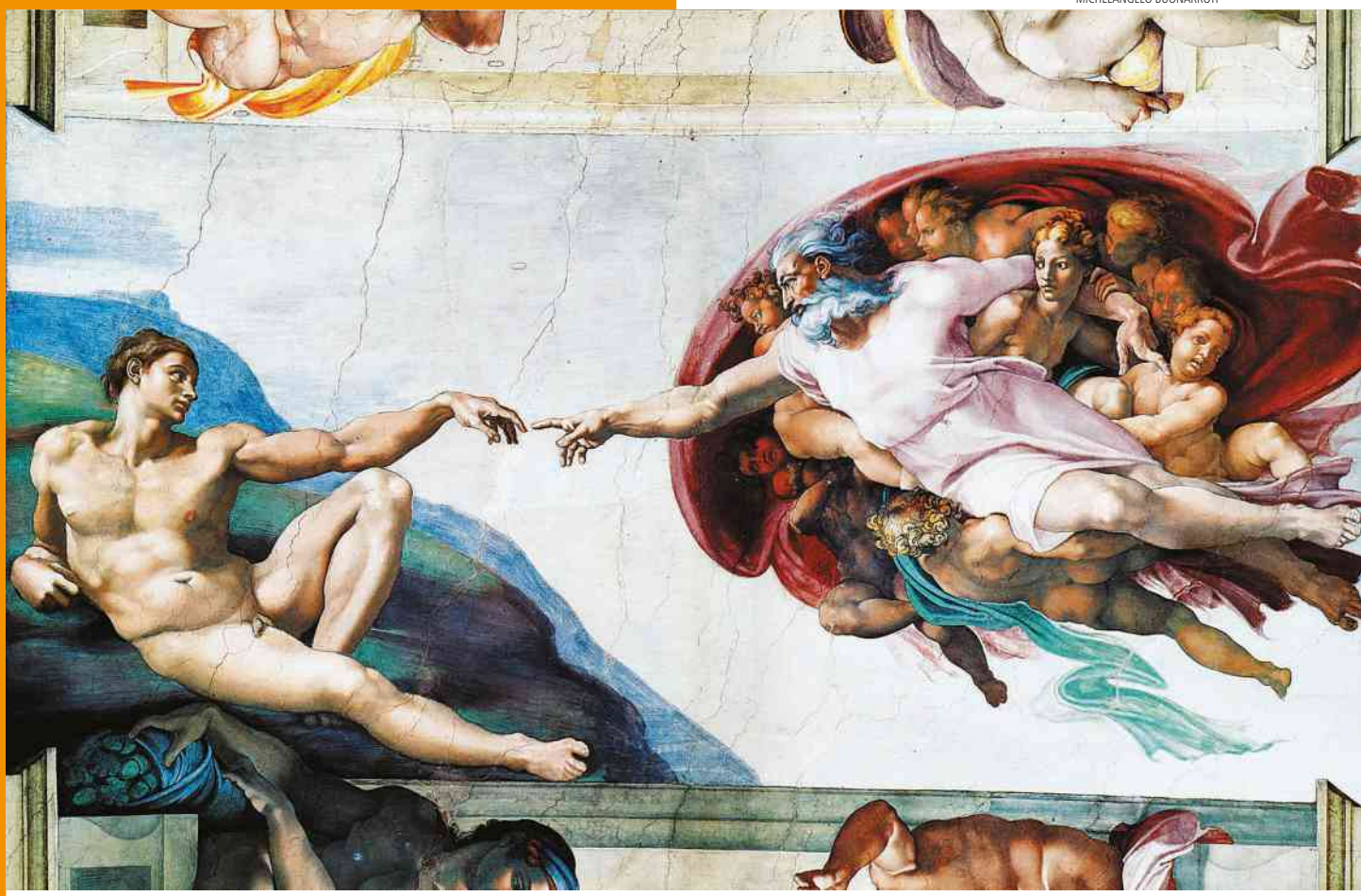
CAPÍTULO

2

Primeiros humanos

Desde os tempos mais antigos, os seres humanos se perguntam sobre sua origem. Alguns buscam explicações recorrendo a ensinamentos religiosos, outros, a pesquisas científicas.
Existem caminhos seguros para chegar a um saber mais abrangente?

MICHELANGELO BUONARROTI



Detalhe da obra *Criação de Adão*, de Michelangelo, pintada no teto da Capela Sistina, no Vaticano, entre 1508 e 1512.

Treinando o olhar

1. "Deus criou o homem à sua imagem", diz a *Bíblia*. Observando a reprodução acima, quais semelhanças e diferenças você percebe entre as duas figuras principais? Quais características definem quem é Deus e quem é Adão?

2. Na imagem, os dedos de Adão e de Deus estão separados por uma pequena distância. Em sua opinião, o momento representado pelo artista é anterior ou posterior ao toque dos dedos? Justifique.

De onde viemos?

Investigando nossas origens

Diferentes sociedades têm dado distintas respostas para a questão do surgimento do ser humano. Vejamos duas delas: o criacionismo e o evolucionismo.

Criacionismo

Nas sociedades ocidentais, em que predomina a tradição cultural cristã, uma das respostas para a origem do ser humano decorre de uma interpretação da *Bíblia*, o livro sagrado dos cristãos. Trata-se da visão denominada criacionismo.

Vejamos este trecho extraído do primeiro livro da *Bíblia*, o Gênesis:

> No princípio, Deus criou o céu e a terra [...].
>
> Deus disse: "Haja luz" e houve luz. Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas. Deus chamou à luz "dia" e às trevas "noite". [...]
>
> Deus disse: "Que a terra produza seres vivos segundo sua espécie: animais domésticos, répteis e feras segundo sua espécie" e assim se fez. [...]
>
> Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que ele domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra". [...]
>
> Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou.

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1989. Gênesis, 1:1, 3, 24, 26, 27.

De acordo com o criacionismo, o texto bíblico fundamenta a interpretação de que o ser humano é criação de Deus. E uma criação especial, pois o texto diz que o homem e a mulher foram criados à "imagem de Deus". Isso significa que o ser humano não é apenas algo (um corpo vivo), mas alguém (um corpo dotado de uma alma espiritual).

Assim, o ser humano se diferencia das demais criaturas vivas por sua essência espiritual, que se revela no desenvolvimento de características, como a racionalidade, a consciência reflexiva, a linguagem elaborada, a imaginação artística e o senso de moralidade.

Essa visão criacionista predominou em sociedades ocidentais cristãs até o século XIX. Entretanto, com o avanço das investigações científicas e a consolidação de uma racionalidade laica (não religiosa), uma nova teoria alcançou a consistência para confrontar a hegemonia criacionista nos meios científicos.

Evolucionismo

Em 1859, após anos de observações e estudos da natureza, o cientista inglês Charles Darwin (1809-1882) publicou o livro *A origem das espécies*. Nele, propôs que os seres vivos evoluíram a partir de um ancestral comum. Considerava também que o mecanismo biológico pelo qual as espécies mudaram, evoluíram e se diferenciaram estaria baseado em uma seleção natural. Essa proposta foi chamada de teoria evolucionista ou evolucionismo.

Darwin havia observado que, em qualquer espécie, os indivíduos não são exatamente iguais e que, por isso, alguns se adaptam melhor que outros a determinado ambiente. Os mais adaptados em cada ambiente têm maiores chances de sobreviver e, dessa maneira, podem deixar um número maior de descendentes, o que explicaria a evolução e a diversidade das espécies.

Nas palavras do biólogo contemporâneo Richard Dawkins,

> os organismos complexos (humanos, crocodilos, alfaces) não surgiram de repente, de uma só vez, e sim gradualmente, passo a passo. E o que surgia a cada novo passo era só um tantinho diferente daquilo que já existia. [...]

DAWKINS, Richard. *A magia da realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 28-30.

O que nos interessa destacar aqui é uma das implicações da teoria evolucionista: "a ideia de que o homem descende de algum animal [...], e não é produto de uma criação especial",[1] como propõe o criacionismo.

1 LEAKEY, Richard. *A evolução da humanidade*. São Paulo: Melhoramentos, 1982. p. 11.

Impactos da teoria evolucionista

Nas sociedades cristãs do século XIX, a teoria evolucionista provocou forte impacto. Darwin foi duramente criticado por religiosos e cientistas cristãos, que não aceitavam a hipótese de os seres humanos terem "parentesco" com outras criaturas animais. Muitas pessoas até hoje se assustam com essas ideias e as repudiam.

Parte do problema deve-se a uma interpretação equivocada da teoria evolucionista, pois os cientistas que a defendem nunca afirmaram que descendemos dos macacos. Sua hipótese é que, em algum momento da evolução das espécies, as linhagens de humanos e demais primatas (chimpanzés, gorilas etc.) compartilharam um ancestral comum, e os descendentes desse ancestral comum teriam evoluído por caminhos diferentes.

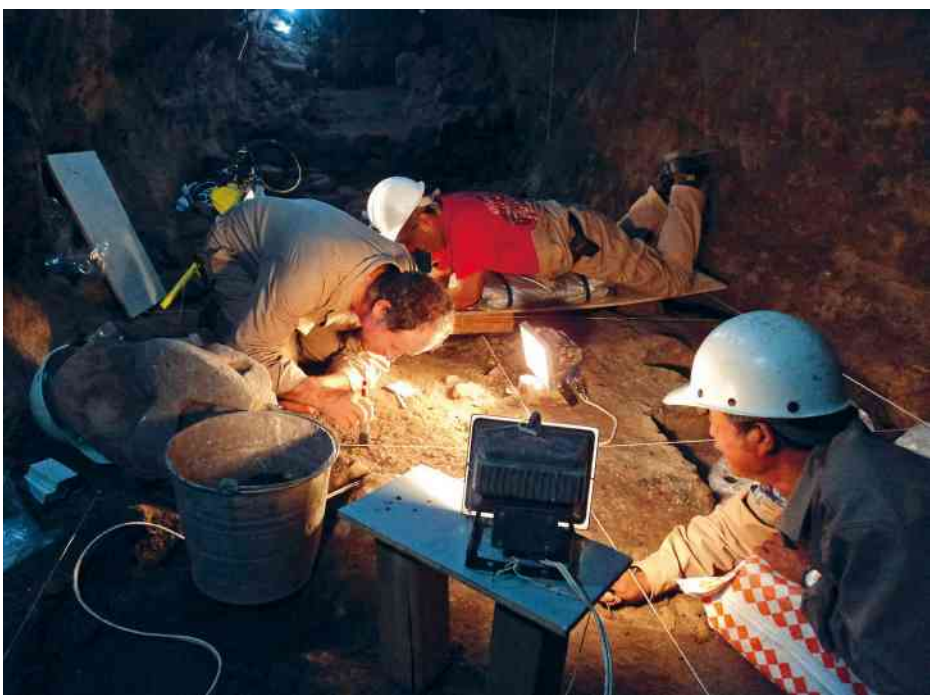
No entanto, não se deve pensar em um caminho simples e direto, ao longo do qual nossos ancestrais "progrediram", em linha reta, em direção aos seres humanos atuais. Ao contrário do suposto caminho em linha reta, a situação assemelha-se mais a uma teia de relações ou a um palco, no qual vários atores viveram um drama longo e complexo.[2]

Os primeiros humanos

Estudos paleontológicos

Como seriam nossos ancestrais? Sabemos que a maior parte dos humanos mais antigos não existe mais. No entanto, pesquisadores encontraram vestígios de sua existência. Entre eles, destacam-se os **fósseis**.

Fóssil (do latim *fossile*, que significa "extraído da terra") é todo organismo — ou o que restou dele ou, ainda, os vestígios de sua atividade em certo ambiente — que se conservou por milhares e até milhões de anos.



INAH/REUTERS/LATINSTOCK

Arqueólogos trabalham em túnel sagrado que levaria a tumbas reais na antiga cidade de Teotihuacan, no México. Eles estimam que esse túnel tenha sido construído e selado por volta do século III d.C. Fotografia de 2014.

2 Cf. LEAKEY, Richard. Op. cit. p. 11.

Os fósseis fornecem pistas que permitem aos estudiosos construir hipóteses sobre o "percurso humano". É o que fazem as seguintes ciências:

- **Paleontologia humana** – estuda os fósseis dos corpos dos humanos antigos. Em geral, são ossos e dentes, que, por serem as partes mais resistentes, preservaram-se ao longo do tempo;
- **Arqueologia** – estuda objetos feitos pelos seres humanos, como instrumentos de pedra e metal, peças de cerâmica, sepulturas, procurando descobrir como eles viviam.

África, as nossas origens

Os cientistas chamam de hominídeos a família biológica da qual fazem parte os seres humanos atuais e seus "parentes" ancestrais.

Para muitos pesquisadores, foi no continente africano que surgiram nossos primeiros ancestrais, já que ali foram encontrados os fósseis humanos mais antigos. Segundo o historiador africano Joseph Ki-Zerbo:

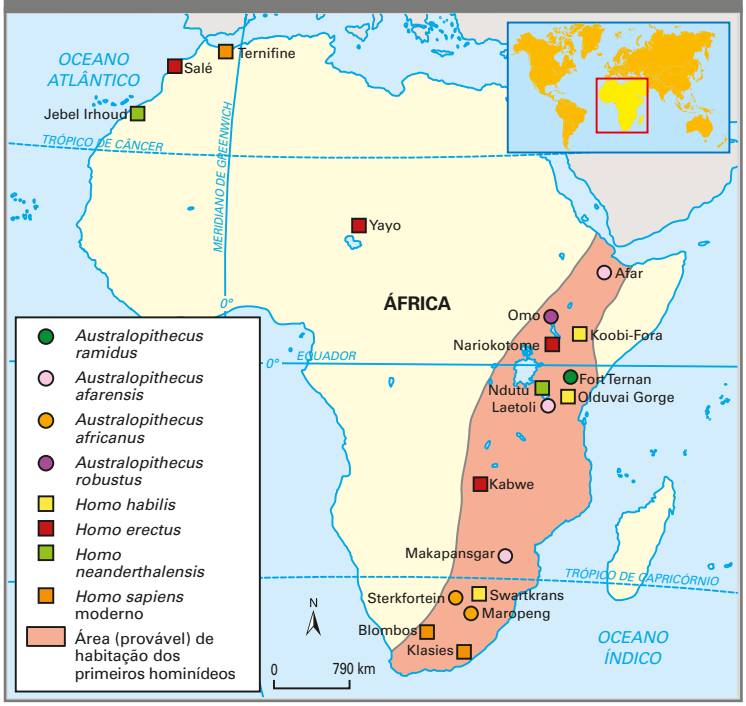
> [...] só a África registra a presença de todas as etapas da evolução rumo ao humano, dos *Australopithecus* ao *Homo erectus* e aos primeiros *sapiens*, em diversas linhas evolutivas. [...] Nesses primeiros episódios da longa marcha da humanidade, os mais determinantes foram a postura ereta e os primeiros passos. [...] Virão depois o desenvolvimento do cérebro, a palavra, a invenção das primeiras ferramentas, entre as quais o machado de duas faces [...]; a invenção do fogo, dos ritos de significação religiosa.

KI-ZERBO, Joseph. África. In: JAGUARIBE, Hélio. *Um estudo crítico da História*. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 235-236.

Da África, nossos primeiros ancestrais teriam se deslocado, aos poucos, para outras regiões do planeta: Ásia, Europa, Austrália e América. Todo esse processo é objeto de pesquisas contínuas.

Entre os primeiros hominídeos, estão os do gênero *Australopithecus*, termo que significa "macaco do sul". Viveram na África desde, aproximadamente, 4,5 milhões de anos. Caminhavam de pé (bipedismo), em posição semiereta, tinham estatura média de 1,20 metro, dentes molares relativamente resistentes e cérebro com volume médio de 570 cm³. Supõe-se que sua alimentação tenha sido baseada em vegetais, como gramíneas, raízes, sementes e brotos, mas acredita-se que algumas espécies de *Australopithecus* também se alimentavam de lagartos, ovos e pequenos mamíferos. A maior parte deles extinguiu-se há cerca de 1 milhão de anos.

Principais sítios arqueológicos no continente africano



SELMA CAPARROZ

Fontes: *Grand Atlas Historique*. Paris: Larousse, 2004; <http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/africa-berco-inteligencia-humana-434609.shtml>; <http://archaeology.about.com/od/17/>. (Acessos em: 16 set. 2015.)

Gênero *Homo*

As análises de registros fósseis também indicam que, por volta de 2 milhões de anos atrás, a "árvore" da família dos hominídeos já apresentava outro ramo diferente dos *Australopithecus*. Trata-se das espécies do gênero *Homo*, que inclui os seres humanos atuais.

Entre as principais espécies do gênero *Homo*, estão o *Homo habilis*, o *Homo erectus*, o *Homo neanderthalensis* e o *Homo sapiens*.[3]

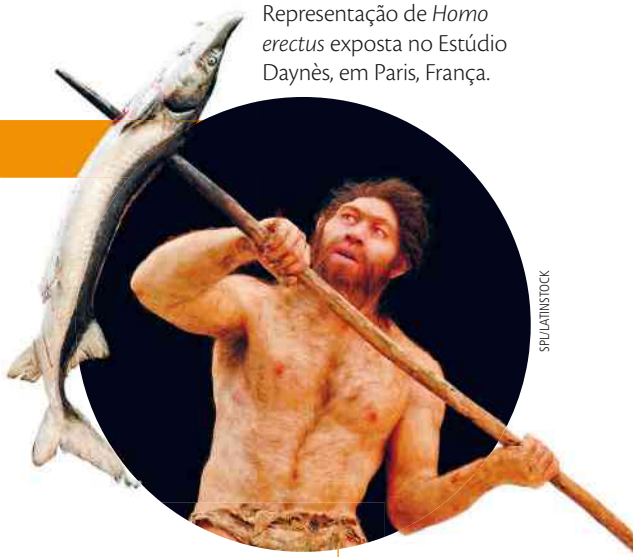
SPL/LATINSTOCK

Representação de *Homo habilis* exposta no Museu da Ciência de Barcelona, Espanha.

Homo habilis

- **Período**: viveu há aproximadamente 2 milhões de anos.
- **Local**: África.
- **Volume cerebral**: em torno de 700 cm^3.
- **Alimentação**: além de vegetais, incluía um pouco de carne.
- **Habilidades**: recebeu a denominação *Homo habilis* (que significa "homem habilidoso") porque, segundo os pesquisadores, fabricou os primeiros instrumentos de pedra e madeira.

Representação de *Homo erectus* exposta no Estúdio Daynès, em Paris, França.



SPL/LATINSTOCK

Homo erectus

- **Período**: viveu, aproximadamente, de 1,7 milhão até 300 mil anos atrás.
- **Local**: habitou a África e dispersou-se pela Europa e Ásia, mas não chegou à América nem à Austrália.
- **Volume cerebral**: cerca de 900 cm^3.
- **Alimentação**: era onívoro, isto é, comia vários tipos de alimento. Além dos vegetais, a carne passou a ser muito importante em sua alimentação.
- **Habilidades**: foi a primeira espécie a construir instrumentos de pedra com, aproximadamente, uma dúzia de padrões mais definidos e identificáveis, como machados de mão, raspadores, facas etc. Foram os primeiros hominídeos a praticar a caça de forma organizada e a utilizar o fogo.

3 Na conceituação anterior, a espécie *Homo sapiens*, além dos humanos modernos, incluía os *neanderthais* e algumas formas antigas. No entanto, muitos paleoantropólogos, para evitar complicações taxonômicas, têm reservado o termo *Homo sapiens* apenas para designar os humanos modernos. (Cf. POUGH, F. Harvey et al. *A vida dos vertebrados*. 4. ed. São Paulo: Atheneu, 2008. p. 648; RIDLEY, Mark. *Evolução*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 570.)

CRO MAGNON/ALAMY/FOTOARENA

Representação de *Homo neanderthalensis* exposta no Museu da Evolução Humana, em Burgos, Espanha.

Homo neanderthalensis (ou Homem de Neandertal)

- **Período**: viveu, aproximadamente, de 135 mil até 34 mil anos atrás.
- **Local**: habitou vasta região do mundo, incluindo partes da Europa, do Oriente Próximo e da Ásia.
- **Volume cerebral**: cerca de 1400 cm^3;
- **Alimentação**: era onívoro;
- **Habilidades**: desenvolveu uma série de instrumentos de pedra (como facas, raspadores e pontas de lança) e instrumentos de osso cuja construção exigia perfeito controle das mãos e conceito preciso do trabalho a ser realizado. Segundo alguns pesquisadores, possuía linguagem falada, cuidava dos idosos e doentes de suas comunidades e praticava rituais de sepultamento; provavelmente era mais forte e musculoso que a maioria das pessoas de hoje.
- **Outras características**: apresentava algumas semelhanças com os seres humanos atuais (*Homo sapiens*), como o tamanho do cérebro, e com o *Homo erectus*, como caixa craniana com paredes grossas.

Homo sapiens

- **Período**: constitui a espécie da qual fazemos parte, cujas primeiras evidências arqueológicas foram encontradas na África e datam de cerca de 200 mil anos. Seus fósseis mais antigos encontrados na Europa têm cerca de 40 mil anos.
- **Local**: viveu na África, Ásia, Europa e migrou para a América.
- **Volume cerebral**: em torno de 1350 a 1400 cm^3.
- **Alimentação**: onívoro.
- **Habilidades**: desenvolvimento da consciência reflexiva, da linguagem falada e escrita, da técnica, da capacidade de expressão artística, do senso de moralidade.

SPL/LATINSTOCK

Representação de *Homo sapiens* exposta no Museu de História Natural de Stuttgart, Alemanha.

Investigando

- Que característica do *Homo sapiens* você considera importante? Comente.

Interpretar fonte — *Sapiens* e Neandertais

Leia, a seguir, trechos de duas notícias que foram publicadas com seis anos de intervalo. Ambas divulgavam os resultados de pesquisas que investigaram as relações estabelecidas entre os humanos modernos e os já extintos homens de Neandertal.

Romance improvável: humanos e neandertais

Desde 1998, quando uma ossada de 25 mil anos meio neandertal meio humana foi encontrada em Portugal, os cientistas andam se coçando com a hipótese de que as duas espécies tiveram relações, digamos, íntimas, por mais de 10 mil anos.

[...]

No começo do ano, porém, o italiano Giorgio Bertorelle, um geneticista que levou a sério a teoria, resolveu comprová-la.

[...]

A equipe de Bertorelle comparou o DNA mitocontrial de neandertais e humanos de hoje e de 24 mil anos atrás. Não encontrou nenhum traço neandertal nas pessoas, que, em compensação, guardam a herança genética do homem de Cro-Magnon — o hominídeo moderno que conviveu com a espécie extinta.

[...]

MARTON, Fabio. Romance improvável: humanos e neandertais. In: *Aventuras na História*, 1º maio 2004. Disponível em: <http://historia.abril.com.br/gente/romance-improvavel-humanos-neandertais-433624.shtml>. Acesso em: 16 set. 2015.

Neandertal e *Homo sapiens* conviveram e deixaram descendentes

O homem de Neandertal, espécie hominídea extinta presumivelmente há 30 mil anos, conviveu com os primeiros homens modernos e, dessa relação, houve descendentes, segundo um estudo [...] antecipado pela revista "P.M. Magazin".

A publicação divulga uma pesquisa iniciada há quatro anos [...], e que estabelece que o *Homo neanderthalensis*, que habitou principalmente a Europa e algumas zonas da Ásia Ocidental, não desapareceu repentinamente, como asseguravam até agora os especialistas, e que se misturou com o *Homo sapiens*.

Em 2006, especialistas [...] localizaram ossos em uma caverna na Croácia que foram comparados com restos encontrados no noroeste da Espanha e sul da Rússia.

Os investigadores decidiram, então, comparar o genoma dos neandertais com o do homem atual. Assim, descobriram que parte da genética daquela espécie hominídea [...] ainda permanece no *Homo sapiens*.

Neandertal e *Homo sapiens* conviveram e deixaram descendentes. DA EFE em Berlim. 12 ago. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/781761-neandertal-e-homo-sapiens-conviveram-e-deixaram-descendentes.shtml>. Acesso em: 16 set. 2015.

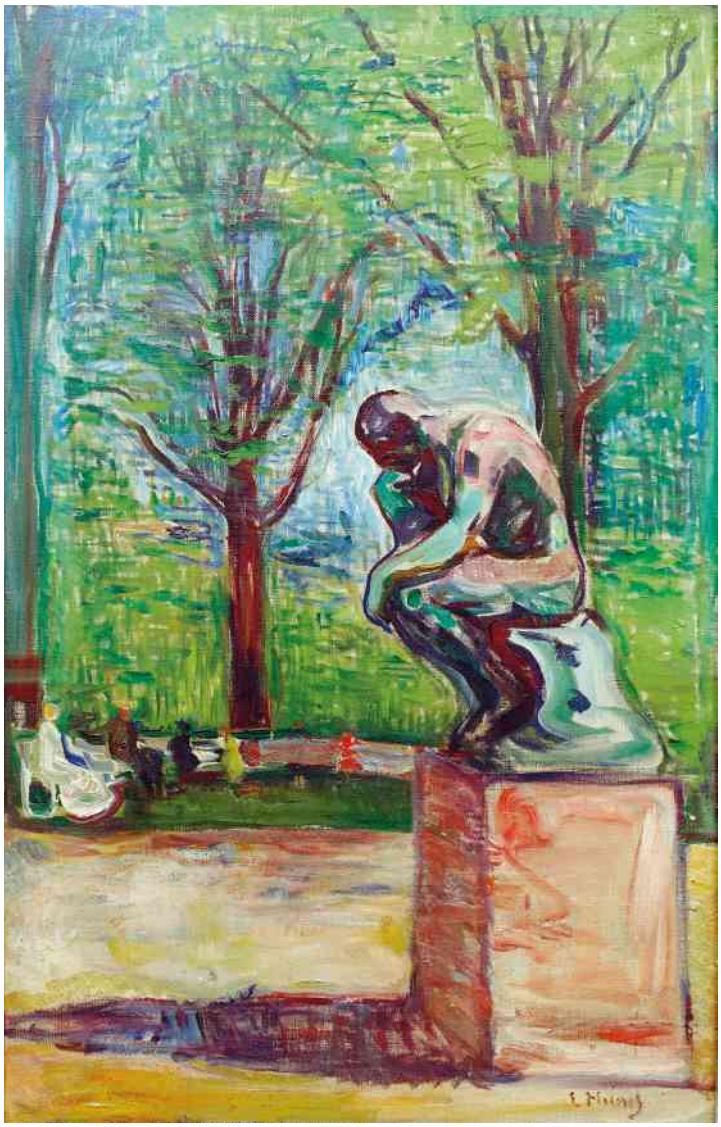
1. Qual é a hipótese discutida pelas pesquisas noticiadas nas duas matérias jornalísticas?
2. Compare as informações dadas nas reportagens e responda: as duas pesquisas conduziram os cientistas às mesmas conclusões? Por quê?
3. Por que os cientistas, em 2010, continuaram investigando as possíveis relações entre as populações de Neandertais e de humanos modernos se pesquisas preliminares já haviam sinalizado a inexistência de cruzamentos entre elas?

O saber reflexivo

Talvez nada caracterize melhor os *Sapiens* do que o desenvolvimento do saber reflexivo — nosso **modo de saber que sabemos**. Isso significa que nossa espécie é capaz de fazer sua inteligência debruçar-se sobre si mesma. Assim, conseguimos tomar posse do próprio saber, avaliando sua consistência, seu valor e seu limite.

Utilizando sua inteligência, o ser humano criou coisas extraordinárias, mas também destruiu de forma devastadora. Somos capazes de acumular conhecimentos e técnicas e, no entanto, permanecer angustiados por dúvidas profundas que nos fazem propor novas perguntas a serem resolvidas. Isso nos torna criadores de grandes obras e, ao mesmo tempo, seres incompletos e inacabados.

ALBUM/AKG-IMAGES/LATINSTOCK/MUSEU RODIN, PARIS, FRANÇA



O Pensador de Rodin no jardim do Doutor Linde em Lübeck, obra criada pelo artista norueguês Edvard Munch em 1907.

Investigando

- Debata com seus colegas: os avanços tecnológicos atuais são utilizados para resolver problemas ambientais?

Primeiras sociedades

Mudanças que fizeram diferença

Ao estudar os povos ágrafos, o inglês John Lubbock (1834-1913) desenvolveu uma periodização que adotou como critério o grau de habilidade tecnológica na produção de instrumentos. Essa periodização distingue pelo menos dois grandes momentos: Paleolítico e Neolítico.

Nesta coleção, será utilizada a nomenclatura proposta por Lubbock. No entanto, também serão considerados outros aspectos das transformações sociais que vão além do critério tecnológico.

PEDRO PARDO/AFP

Jovem observa o esqueleto bem preservado de um mamute (*Mammutus columbi*) que viveu no continente americano há mais de um milhão de anos. A ossada é parte do acervo do Museu do Instituto Nacional de Antropologia e História de Acapulco "Fuerte de San Diego", no México. Fotografia de 2014.

Paleolítico

Os caçadores-coletores

Calcula-se que o período Paleolítico abrange cerca de 99% do tempo de existência das sociedades humanas. Seu início é marcado pelo surgimento dos primeiros hominídeos e estende-se até aproximadamente 8 mil a.C. Vejamos suas características básicas.

Primeiros instrumentos

Os seres humanos de diferentes regiões do mundo (África, Europa, Oriente Médio, Ásia, América) confeccionaram seus primeiros instrumentos utilizando madeira, ossos, chifres e pedras. A confecção e a utilização cada vez mais generalizadas de instrumentos são um dos principais fatores que distinguem os seres humanos de outros animais.

Supõe-se que, inicialmente, os humanos utilizavam materiais como ossos, madeiras ou pedras da maneira que encontravam na natureza. Depois, a partir desses materiais, começaram a confeccionar objetos como facas, machados e arpões. Por fim, passaram a produzir instrumentos mais padronizados, seguindo modelos. De acordo com arqueólogos, esses parâmetros de produção identificam distintas culturas.

Os instrumentos de pedra tiveram um papel relevante no Paleolítico. Eram utilizados, por exemplo, para arrancar plantas comestíveis, cortar e separar a casca do miolo dos frutos e confeccionar novos instrumentos.

Alimentação e nomadismo

No Paleolítico, os seres humanos ainda não produziam diretamente seus alimentos, isto é, não cultivavam plantas nem criavam animais. Consumiam o que encontravam na natureza, como frutos, grãos e raízes, e o que caçavam e pescavam. Quando os alimentos de um local se esgotavam, os grupos humanos se mudavam para outro. Por essa razão, foram denominados grupos nômades caçadores-coletores.

Controle do fogo

O controle do fogo foi certamente uma das maiores conquistas desse período, permitindo aos humanos suportar o frio, afastar animais perigosos e cozinhar alimentos.

No processo de domínio do fogo, supõe-se que os humanos, a princípio, procuravam manter aceso o fogo provocado ocasionalmente pelas forças da natureza (um raio, por exemplo). Posteriormente, aprenderam a produzi-lo pelo atrito de pedaços de madeira, lascas de pedra etc. A partir de então, desenvolveram outros métodos.

Abrigos e roupas

No decorrer do Paleolítico, grupos humanos em diferentes regiões do planeta também desenvolveram técnicas para se proteger dos rigores do clima. Construíram, assim, os primeiros abrigos e produziram as primeiras roupas, com peles de animais (couro).

Além disso, foram aprimorando e diversificando a produção de instrumentos e utensílios, como lanças, arcos, flechas, arpões, lâminas e anzóis.

Segundo Richard Leakey:

> [...] pela primeira vez, os artefatos tornaram-se obras de arte: por exemplo, lanças feitas com chifres eram enfeitadas com gravações representando animais vivos. E pinturas nas paredes de cavernas revelam um mundo mental que reconheceríamos como nosso.

LEAKEY, Richard. *A origem da espécie humana*. São Paulo: Melhoramentos, 1982. p. 95.

Formas de organização social

Para melhor garantir a sobrevivência, diversas sociedades de caçadores-coletores estabeleceram modos de cooperação entre seus membros. Com isso, conseguiam, por exemplo, construir abrigos em menor tempo ou desenvolver táticas de caça em conjunto.

Supõe-se que também estabeleceram divisões de tarefas. Segundo os estudiosos, é possível que tenha ocorrido uma divisão do trabalho de acordo com o sexo e a idade. Geralmente, entre os adultos, os homens caçavam e as mulheres faziam a maior parte da coleta de alimentos vegetais e cuidavam das crianças.

Conjectura-se que, em muitas sociedades de caçadores-coletores, os alimentos obtidos eram compartilhados pelo grupo e não havia a preocupação de estocagem. Alguns antropólogos, como Richard Leakey, consideram que "compartilhar" era central ao modo de vida caçador-coletor e "economizar" era central ao modo de vida agrícola-pastoril.[4]

GIANNI DAGLI ORTI/CORBIS/FOTOARENA

Escultura em pedra do período Paleolítico que traz representados, à esquerda, um cavalo e, à direita, um javali. Relevo proveniente de Roc de Sers, caverna localizada na atual França.

4 Cf. LEAKEY, Richard. Op. cit. p. 226.

Neolítico

As sociedades agropastoris

No período Neolítico, a pedra utilizada na produção de instrumentos começou a ser polida, sendo aprimorado o fio de seu corte. Por esse motivo, o período também é conhecido como Idade da Pedra Polida, enquanto o Paleolítico é chamado de Idade da Pedra Lascada. Vejamos as principais características do Neolítico.

Produção agropastoril

A partir de 8000 a.C., alguns povos do Neolítico passaram a cultivar plantas (agricultura) e a criar animais (pastoreio). Começaram, assim, a produzir a própria alimentação.

Os tipos de plantas cultivados pelos povos neolíticos variavam de uma região para outra, destacando-se espécies vegetais como trigo, centeio, cevada, milho, batata, mandioca e arroz. Os animais criados foram principalmente carneiros, cabras, bois, porcos e cavalos.

À medida que essas atividades foram priorizadas, muitas comunidades agropastoris acabaram adotando um modo de vida sedentário. Isso não quer dizer, no entanto, que as comunidades desse período abandonaram a coleta de frutos, a caça e a pesca. Acredita-se que, durante um longo período, elas não tiveram a agricultura e a criação de animais como formas predominantes para a obtenção de alimentos. A adoção do sedentarismo tampouco foi definitiva ou uniforme, pois nem todas as comunidades abandonaram o nomadismo, isto é, o deslocamento constante para outras regiões.

De qualquer forma, o novo modo de vida encontrado no Neolítico, que se caracterizou pelo desenvolvimento da agricultura, da criação de animais e das aldeias sedentárias, difundiu-se por várias regiões do planeta, mas em épocas diferentes. Ou seja, existiram núcleos de "neolitização" em diversas regiões do mundo, como no Oriente Próximo, no norte da China, na região tropical da Ásia, na América do Norte (México) e na América Central. Alguns estudiosos costumam referir-se a esse processo como revolução agrícola.

Dominando técnicas agrícolas e pastoris, muitas comunidades puderam produzir mais alimentos do que o necessário ao seu consumo imediato, passando, assim, a fazer estoques.

Todo esse processo não foi brusco nem transcorreu sem problemas nas comunidades. Estima-se que, em certas regiões do Oriente Próximo e da América, nas fases iniciais da agricultura, o predomínio de cereais na alimentação tenha provocado uma redução no tempo médio de vida das pessoas, devido a carências nutricionais. Além disso, o sedentarismo e o agrupamento de populações mais numerosas favoreceram a propagação de epidemias, pelo maior contato entre seus membros.[5]

No entanto, vista de forma ampla, a chamada revolução agrícola e pastoril contribuiu para o aumento da população humana.

5 Cf. PERLÉS, Catherine. As estratégias alimentares nos tempos pré-históricos. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTARI, Massimo (Dir.). *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 50.

Investigando

- Os cereais são importantes fontes de carboidratos. Além dos carboidratos, de que nutrientes precisamos para manter uma alimentação variada e equilibrada?

Inovações técnicas

Além do desenvolvimento de técnicas agropastoris, diversos povos do Neolítico também promoveram outras inovações:

- **moradia** – para viverem próximo dos rebanhos e das plantações e conseguir uma moradia mais durável, os povos do Neolítico começaram a construir casas utilizando madeira, barro, pedra e folhagem seca. O interesse por habitações desse tipo relaciona-se, portanto, ao processo de sedentarização dos povos neolíticos.
- **instrumentos de pedra** – como já dissemos, a pedra passou a ser polida, havendo uma série de aperfeiçoamentos técnicos em instrumentos feitos desse material, como facas, machados, foices, enxadas e pilões.
- **cerâmica** – a necessidade de cozinhar e armazenar os alimentos levou diversos povos do Neolítico a desenvolverem a técnica de dar forma à argila e aquecê-la no fogo para produzir os primeiros vasos e potes cerâmicos — recipientes que suportavam o calor do fogo e podiam conter líquidos.
- **tecelagem** – vários grupos humanos começaram a fiar e a tecer, utilizando pelos de animais e fibras vegetais. Surgiram, assim, as primeiras vestimentas de linho, algodão e lã. As roupas, que até então eram feitas principalmente com peles de animais (couro), passaram a ser mais elaboradas.

DE AGOSTINI/GETTY IMAGES

Ferramentas de pedra polida confeccionadas no período Neolítico. Fazem parte do acervo do Museu Arqueológico Nacional da Úmbria, Itália.

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL

Jarros de cerâmica criados por volta de 2500 a.C., encontrados na atual China. Pertencem ao acervo do Museu de Arte Lowe, Universidade de Miami, EUA.

BRIAN JANNSEN/ALAMY/FOTOARENA

Os megálitos são construções impressionantes, feitas de grandes blocos de pedra. Supõe-se que essas construções foram usadas como templos, monumentos aos mortos ou para marcar o nascer e o pôr do Sol. Na imagem acima, de 2014, o megálito de Stonehenge, no sul da Inglaterra (2800-1500 a.C.). Suas pedras chegam a pesar 50 toneladas.

Investigando

- No Neolítico, as casas eram construídas utilizando-se madeira, barro, pedra e folhagem seca. Em geral, as moradias atuais são feitas de que materiais?

Metalurgia

Por volta de 4000 a.C., as primeiras sociedades urbanas do Oriente Próximo começaram a desenvolver a metalurgia, ou seja, a utilização sistemática de metais para a fabricação de objetos.

Os metais, muitas vezes, eram extraídos de terras distantes das oficinas metalúrgicas.

O primeiro metal a ser fundido em larga escala foi o cobre. Posteriormente, a partir da mistura do cobre com o metal estanho, conseguiu-se o bronze. Essa liga metálica, mais resistente que o cobre, foi empregada na fabricação de instrumentos como espadas, lanças e martelos.

Por volta de 1500 a.C., alguns povos desenvolveram a metalurgia do ferro, e a nova técnica foi difundida por várias cidades do Oriente Próximo, entre outras regiões.

Os instrumentos feitos de ferro possibilitaram significativo aumento da produção agrícola e do artesanato. No entanto, objetos de pedra, como a ponta das setas e as raspadeiras, continuaram sendo amplamente utilizados.

O desenvolvimento da metalurgia representou enorme conquista tecnológica, pois possibilitou a produção de instrumentos e objetos resistentes, das mais variadas formas.

Os metais, em geral, são tão duros quanto a pedra, mas podem ser modelados na forma que se desejar, ou seja, podem ser fundidos. A fusão do metal tornou possível a confecção de objetos como panelas, vasos, enxadas, machados, pregos, agulhas, facas e lanças de metal.

O trabalho metalúrgico exigiu habilidade, conhecimentos especializados e disponibilidade de tempo.

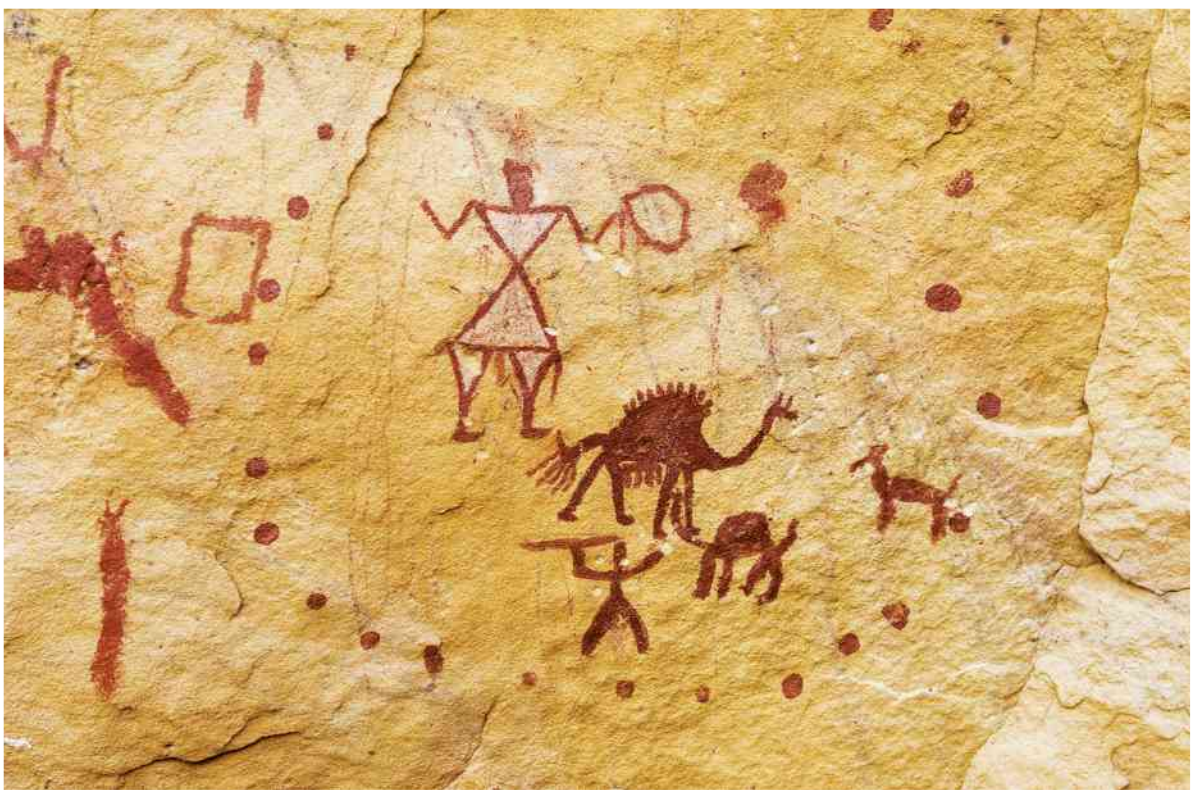
THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL

Machado de cobre criado por volta de 2000 a.C. Faz parte do acervo do Museu Arqueológico Nacional da França.

Interpretar fonte — Modo de vida neolítico

Ao serem interpretadas, as esculturas, as pinturas e as cerâmicas produzidas no Neolítico nos permitem ter uma ideia do que foi viver naquela época. Observe, a seguir, uma pintura neolítica.

SERGIO J. PITAMITZ/CORBIS/FOTOARENA



Pintura rupestre localizada em Wadi Teshuinat, na Líbia, norte da África. A inovação na pintura neolítica é a presença do ser humano, representado geometricamente, em cenas do seu cotidiano.

1. Quais elementos podem ser identificados na imagem?

2. Com base nesses elementos, o que podemos inferir sobre o cotidiano dos seres humanos no período Neolítico?

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. O saber reflexivo talvez seja a principal característica da espécie *Homo sapiens*. A partir dessa afirmação, responda:

a) O que seria o saber reflexivo?

b) De que maneira esse saber permite ao ser humano alterar a paisagem do mundo em que vive?

c) Entreviste pessoas que moram há mais tempo em sua comunidade. Pergunte quais foram as principais mudanças que elas perceberam no espaço social. Procure entender os motivos dessas mudanças.

2. O arqueólogo Gordon Childe, em seu livro *A evolução cultural do homem*, afirmou que:

> O equipamento e as defesas do homem são exteriores ao seu corpo: ele pode colocá-los de lado ou usá-los, segundo sua vontade. Sua utilização não é herdada, mas aprendida, de forma lenta, com o grupo social a que o indivíduo pertence. A herança social do homem não é transmitida pelas células das quais ele nasce, mas por uma tradição que só começa a adquirir depois de ter saído do ventre materno.

CHILDE, Gordon. *A evolução cultural do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966. p. 36.

a) De que maneira essa afirmação se relaciona com a ideia de "evolução cultural do homem"?

b) Você julga que o conceito de "evolução cultural" de Gordon Childe se diferencia da teoria darwinista? Converse com os professores de Biologia, Sociologia e Filosofia.

c) Crie uma charge ilustrando momentos que você considera decisivos nas transformações culturais humanas.

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Arte e Língua Portuguesa.

3. Leia a letra da canção e responda às questões:

A raça humana

A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus
A raça humana é a ferida acesa
Uma beleza, uma podridão
O fogo eterno e a morte
A morte e a ressurreição
[...]
A raça humana é o cristal de lágrima
Da lavra da solidão
Da mina, cujo mapa
Traz na palma da mão
[...]
A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta, a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade
Que traz do Gênesis
Dessa semana santa
Entre parênteses
Desse divino oásis
Da grande apoteose
Da perfeição divina
Na Grande Síntese
A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus

A raça humana. Gilberto Gil. © Gege Edições Musicais LTDA.1984.

a) Como podemos relacionar a letra da canção ao conteúdo deste capítulo?

b) Segundo Gilberto Gil, "a raça humana é a ferida acesa, uma beleza, uma podridão". Elabore uma dissertação cujo tema esteja relacionado a essa pequena parte da canção.

c) De acordo com seus conhecimentos de Biologia e Sociologia, reflita sobre a validade ou não do conceito de "raça humana".

ERICH LESSING/ALBUM/LATINSTOCK/MUSEU DE AQUITÂNIA, BORDEAUX, FRANÇA

Vênus de Laussel, escultura produzida por volta de 20 mil a.C. Sua denominação vem do fato de ter sido encontrada em Laussel, na França.

4. Analise o relevo da *Vênus de Laussel* acima. Observe as formas representadas do corpo feminino. Em sua opinião, essa representação seria um "padrão de beleza" ou haveria outras explicações?

De olho na universidade

5. (Enem-2003)

Documento I

O cômputo da Idade da Terra

Da Criação até o Dilúvio	1 656 anos
Do Dilúvio até Abraão	292
Do Nascimento de Abraão até o Êxodo do Egito	503
Do Êxodo até a Construção do Templo	481
Do Templo até o Cativeiro	414
Do Cativeiro até o Nascimento de Jesus Cristo	614
Do Nascimento de Jesus Cristo até hoje	1 560
Idade da Terra	5 520 anos

Documento II

Avalia-se em cerca de quatro e meio bilhões de anos a idade da Terra, pela comparação entre a abundância relativa de diferentes isótopos de urânio com suas diferentes meias-vidas radiativas.

Considerando os dois documentos, podemos afirmar que a natureza do pensamento que permite a datação da Terra é:

a) científica no primeiro e mágica no segundo.

b) social no primeiro e política no segundo.

c) religiosa no primeiro e científica no segundo.

d) religiosa no primeiro e econômica no segundo.

e) matemática no primeiro e algébrica no segundo.

6. (Fuvest) Sobre o surgimento da agricultura — e seu uso intensivo pelo homem — pode-se afirmar que:

a) foi posterior, no tempo, ao aparecimento do Estado e da escrita.

b) ocorreu no Oriente Próximo (Egito e Mesopotâmia) e daí se difundiu para a Ásia (Índia e China), Europa e, a partir desta, para a América.

c) como tantas outras invenções, teve origem na China, donde se difundiu até atingir a Europa e, por último, a América.

d) ocorreu, em tempos diferentes, no Oriente Próximo (Egito e Mesopotâmia), na Ásia (Índia e China) e na América (México e Peru).

e) de todas as invenções fundamentais, como a criação de animais, a metalurgia e o comércio, foi a que menos contribuiu para o ulterior progresso material do homem.

CAPÍTULO

3

Primeiros povos da América

A história dos povos da América é antiga. Segundo pesquisas, o continente é ocupado há, no mínimo, 10 mil anos.

Os povos que aqui viviam desenvolveram culturas ricas e diversificadas. Mas de onde teriam vindo esses primeiros habitantes do continente americano? Como eles viviam e se organizavam?

BETTINA STRENSKE/ALAMY/FOTOARENA

Pintura rupestre na Gruta das Mãos, localizada na província de Santa Cruz, na Argentina. As pinturas encontradas ali foram realizadas entre 9 mil e 13 mil anos atrás. A Gruta das Mãos faz parte do Patrimônio Mundial da Unesco desde 1999.

Treinando o olhar

1. Compare esta pintura rupestre com outras que você já tenha visto em livros, revistas e *sites*. O que mais chama sua atenção nesta pintura rupestre? Por quê?

2. Em sua opinião, as mãos representadas seriam de um único indivíduo ou de diferentes pessoas? Justifique.

Povoadores

Hipóteses sobre a chegada dos *sapiens* à América

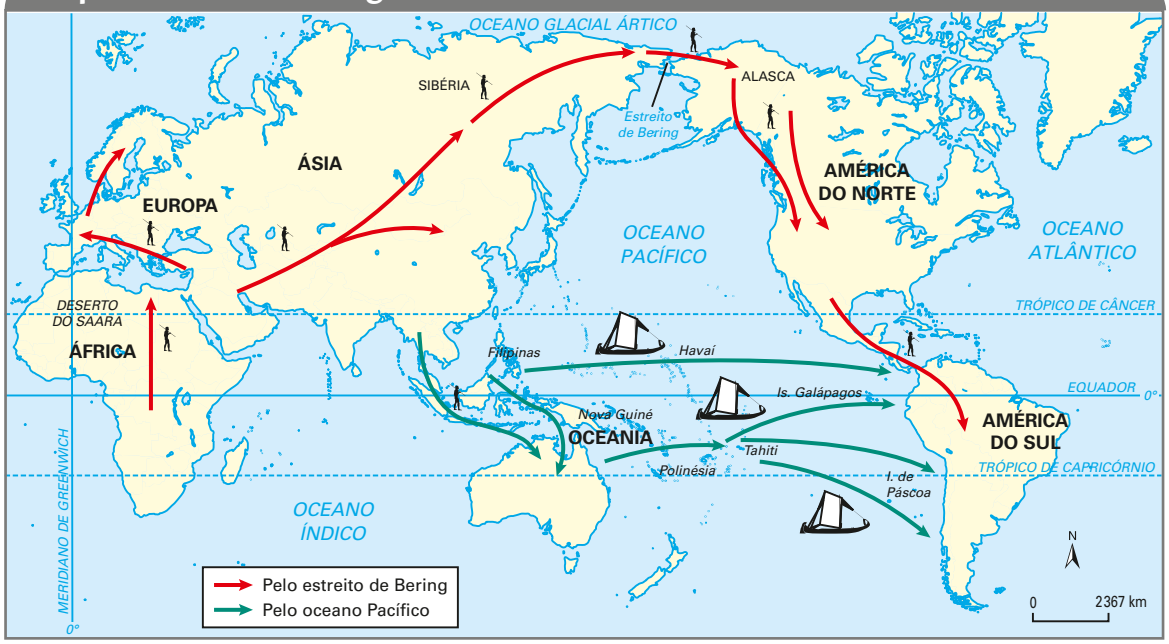
Segundo pesquisadores, os primeiros ancestrais humanos surgiram na África e, desse continente, teriam se deslocado para outras regiões da Terra.

Existem várias hipóteses sobre como se deu a chegada dos primeiros *Homo sapiens* à América. Vejamos algumas delas:

- **Hipótese asiática** – segundo essa hipótese, os primeiros grupos de povoadores vieram do nordeste da Ásia, pelo atual estreito de Bering, que separa os atuais Sibéria (Rússia) e Alasca (Estados Unidos). Isso teria ocorrido durante a última glaciação, quando o nível das águas do mar baixou e formou-se uma ponte de terra e gelo entre a Ásia e a América do Norte. Posteriormente, com o aumento da temperatura do planeta, o nível das águas do mar voltou a subir, e essa passagem teria se desfeito.
- **Hipótese malaio-polinésia** – outra hipótese é a de que os primeiros homens e mulheres teriam chegado à América navegando pelo oceano Pacífico, vindos das ilhas da Oceania.
- **Hipótese da dupla origem** – esta hipótese defende que a chegada dos *sapiens* à América se deu por migrações vindas, em diferentes momentos, por ambos os caminhos.

Quando ocorreram essas migrações? Com base na idade dos fósseis encontrados, alguns estudiosos afirmam que as primeiras migrações para a América aconteceram aproximadamente entre 12 e 20 mil anos atrás. Outros pesquisadores, como a arqueóloga brasileira Niède Guidon, defendem que as mais antigas travessias foram realizadas entre 40 e 70 mil anos atrás.

Hipóteses sobre a chegada do ser humano à América



Fonte: *A aurora da humanidade*. Rio de Janeiro: Time-Life/Abril, 1993. p. 60-61. (Col. História em Revista)

Arqueologia

Fósseis humanos descobertos no Brasil

Até o momento, os fósseis humanos encontrados no Brasil estão entre os mais antigos da América.

Em meados do século XIX, o naturalista e botânico dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801-1880) encontrou na Gruta de Sumidouro, em Lagoa Santa (MG), fósseis de cerca de 30 indivíduos. Calcula-se que esses fósseis tenham mais ou menos 12 mil anos. Pesquisas posteriores encontraram outros fósseis na região que datam de cerca de 14 mil anos. Lagoa Santa é o maior **sítio arqueológico** com material ósseo humano do interior brasileiro.

Sítio arqueológico: designação dada ao lugar em que se pode pesquisar e colher material de interesse arqueológico.

A análise desses fósseis revela que os indivíduos de Lagoa Santa tinham estatura baixa e cabeça alongada e abrigavam-se nas grutas da região. Nessas grutas, deixaram como registro pinturas rupestres (isto é, em rochas e nas paredes das cavernas), representando figuras humanas e outros animais.

Em destaque — A hipótese de migrações distintas

Em 2005, pesquisadores brasileiros publicaram um estudo de fósseis de Lagoa Santa. Segundo eles, esses fósseis comprovariam a vinda para o continente americano de dois povos distintos em épocas diferentes:

> [...] Análises morfológicas de 81 crânios do sítio arqueológico de Lagoa Santa, em Minas, confirmam a tese de que o continente foi ocupado por duas migrações de populações de morfologia distinta: a primeira, cerca de 14 mil anos atrás e a segunda, 3 mil anos depois. Entre os crânios estudados está a famosa Luzia, considerada o fóssil mais antigo das Américas, datado entre 11 mil e 11,5 mil anos. [...] Ela pertenceria à primeira migração, que atingiu a América do Sul 12 mil anos atrás.
>
> [...] As análises morfológicas indicam que a aparência craniofacial dos primeiros americanos — aqueles que vieram na primeira migração pelo estreito de Bering — era muito mais semelhante à dos atuais africanos e australianos do que à dos atuais asiáticos — que teriam originado a segunda migração.
>
> Os fósseis de Lagoa Santa possuem crânios estreitos e longos, com rostos projetados para a frente, órbitas oculares e narizes largos e baixos (características similares às dos negros africanos e aborígines australianos), enquanto os índios americanos atuais (descendentes da segunda migração) lembram mais os habitantes do nordeste asiático: crânio curto e largo, rosto achatado, órbitas e nariz altos e estreitos. [...]
>
> O que aconteceu, então, com os descendentes da primeira migração? Acreditava-se que haviam desaparecido totalmente, substituídos pelos asiáticos mais modernos. Mas trabalhos recentes indicam que pode ter havido alguma sobrevivência entre etnias indígenas atuais.
>
> [...]

ESCOBAR, Herton. Trabalho de brasileiros confirma tese sobre ocupação do continente. In: *O Estado de S. Paulo*, 13 dez. 2005. p. 15.

- Por que, de acordo com o texto acima, as análises morfológicas realizadas em 81 crânios comprovariam a vinda de dois povos distintos em épocas diferentes para o continente americano?

Pesquisas arqueológicas mais recentes, chefiadas por Niède Guidon, em São Raimundo Nonato (PI), sugerem que desde, aproximadamente, 50 mil anos havia grupos de homens e mulheres habitando as regiões que hoje fazem parte do Brasil.

Para Guidon, os grupos humanos de São Raimundo Nonato formavam comunidades de caçadores-coletores, abrigavam-se em grutas, tinham o domínio do fogo e sabiam construir instrumentos de pedra. No entanto, as informações a respeito desses primeiros povoadores do atual estado do Piauí têm gerado discussões e controvérsias entre estudiosos.

Além de Lagoa Santa e São Raimundo Nonato, o Brasil apresenta muitos outros sítios arqueológicos. Observe no mapa abaixo a localização de alguns desses sítios.

BRUNO POLETTI/FOLHAPRESS

A arqueóloga brasileira Niède Guidon formou-se em História Natural pela Universidade de São Paulo (USP) e especializou-se em arqueologia pré-histórica pela Universidade Sorbonne, na França. Seu trabalho foi determinante para a criação do Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí. Fotografia de 2014.

Alguns sítios arqueológicos no Brasil

SIDNEI MOURA

Fontes: GUARINELLO, Norberto Luiz. *Os primeiros habitantes do Brasil*. São Paulo: Atual, 1994. p. 12; <www.comciencia.br/reportagens/arqueologia/arq03.shtml>; <portal.iphan.gov.br>; <http://www.museuamazonico.ufam.edu.br/index.php/laboratorio-de-arqueologia>. (Acessos em: 21 set. 2015.)

Observar o mapa

- Localize os sítios arqueológicos, com os respectivos estados brasileiros atuais, nos quais:
  - **a)** foi encontrado material ósseo humano;
  - **b)** não foi encontrado material ósseo humano;
  - **c)** foram encontrados sambaquis com material ósseo humano.

Povos caçadores-coletores

Acredita-se que, entre 11 e 6 mil anos atrás, grupos humanos de diferentes culturas foram se espalhando pelas terras que correspondem ao atual território brasileiro.

Entre esses grupos, destacam-se aqueles que viviam da caça, da pesca e da coleta e não praticavam a agricultura. Esses povos confeccionavam instrumentos de pedra e de ossos de animais – como pontas de lança, agulhas, facas, anzóis, raspadores – e desenvolveram armas de caça, entre elas:

- **arco e flecha** – que permitiam capturar animais rápidos, como aves e alguns mamíferos (veados, por exemplo);
- **boleadeira** – artefato que consiste em duas ou três bolas de pedra amarradas por um cordão de couro, lançado sobre as patas do animal para derrubá-lo. Até hoje, é utilizada por campeiros gaúchos.

Povos sambaquieiros

Por volta de 6 mil anos atrás, parte do litoral brasileiro atual (Sul e Sudeste) era habitada por povos seminômades que compartilhavam características culturais ligadas ao ambiente litorâneo. Entre os vestígios de sua presença, podemos citar esculturas, colares e sambaquis.

Sambaqui é uma palavra de origem tupi que significa "monte de conchas". Isso se deve ao costume de algumas comunidades de caçadores-coletores do litoral que passaram a acumular conchas de moluscos ou ossos de animais em determinados locais. Com o tempo, esse material passou a formar "morros de conchas". Alguns sambaquis atingem até 30 metros de altura e 400 metros de comprimento.

RÔMULO FIALDINI/FEMPO COMPOSTO

Peixe feito de pedra criado por sambaquieiros. Essa peça foi encontrada no atual estado de Santa Catarina e hoje pertence ao acervo do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CESAR DINIZ/PULSAR IMAGENS

Muitos sambaquis foram destruídos ao longo do tempo. Apesar das perdas, ainda existem diversos montes de conchas no litoral brasileiro. Na fotografia de 2015, sambaqui em Jaguaruna, Santa Catarina.

Segundo arqueólogos, os sambaquis também eram utilizados para enterrar os mortos e seus objetos pessoais (enfeites, utensílios e armas). Esses povos costumavam construir suas habitações sobre os montes de conchas.

Pesquisas sobre os sambaquis sugerem que esses povos formaram aldeias com cerca de 100 a 150 habitantes. Viviam sobretudo da pesca. Criavam esculturas e enfeites de pedra polida. Tinham o domínio do fogo e assavam os alimentos.

A expansão territorial dos sambaquieiros durou cerca de 5 mil anos. Ela foi interrompida pela ocupação de grande parte do litoral e de parcela do interior por tribos e aldeias da etnia tupi.

Investigando

- Em sua opinião, por que devemos preservar os monumentos arqueológicos e pré-históricos do Brasil?

Povos agricultores e ceramistas

Por volta de 4 mil anos atrás, diversos povos que viviam nas terras correspondentes ao atual território brasileiro começaram a praticar a agricultura e a cerâmica. Acredita-se, porém, que nem todos teriam se tornado simultaneamente agricultores e ceramistas.

Pesquisas indicam que o desenvolvimento da agricultura — além da caça e da coleta — e a diminuição da mobilidade espacial tenham afetado essas populações de maneiras diversas, em épocas e lugares distintos. Os principais produtos cultivados eram milho, feijão, mandioca, maracujá, abóbora, açaí e tabaco.

Os primeiros utensílios cerâmicos — potes, vasos, panelas, tigelas — teriam sido criados por algumas populações agricultoras, a partir da necessidade de cozinhar e armazenar os alimentos cultivados.

Entre os povos agricultores e ceramistas, podemos destacar os habitantes das terras que correspondem à atual cidade de **Santarém** e da **ilha de Marajó**, na foz do rio Amazonas (hoje estado do Pará), bem como os que ocuparam regiões do centro do Brasil (povos aratus) e do atual Rio Grande do Sul (povos itararés).

Nos últimos 2 mil anos, povos agricultores e ceramistas de diversas culturas e falando línguas diferentes espalharam-se por várias partes do que é o atual território brasileiro.

DELFIM MARTINS/PULSAR IMAGENS

Vista da cidade de Santarém, no Pará. Fotografia de 2014.

Produções artísticas

A arte dos primeiros habitantes da América

As pesquisas revelam que os primeiros povos que viveram no Brasil representavam suas experiências e sentimentos por meio de produções artísticas como pinturas rupestres, esculturas em pedras, objetos de cerâmica e enfeites para adornar o corpo.

Inscrições rupestres

O termo rupestre significa "feito em rocha". No Brasil, existe uma grande variedade de inscrições rupestres. O exemplo mais comum de arte rupestre são as pinturas.

Além de revelar o senso artístico desses povos, pesquisadores supõem que as pinturas rupestres tinham função educativa. Provavelmente, eram utilizadas para ensinar os mais jovens a caçar, a pescar, a se defender de animais perigosos etc.

Veja, a seguir, alguns exemplos dessa arte.

MARCOS AMEND/PULSAR IMAGENS

Pintura rupestre no sítio arqueológico Rochedo dos Índios, em Matozinhos, Minas Gerais. Fotografia de 2015.

Investigando

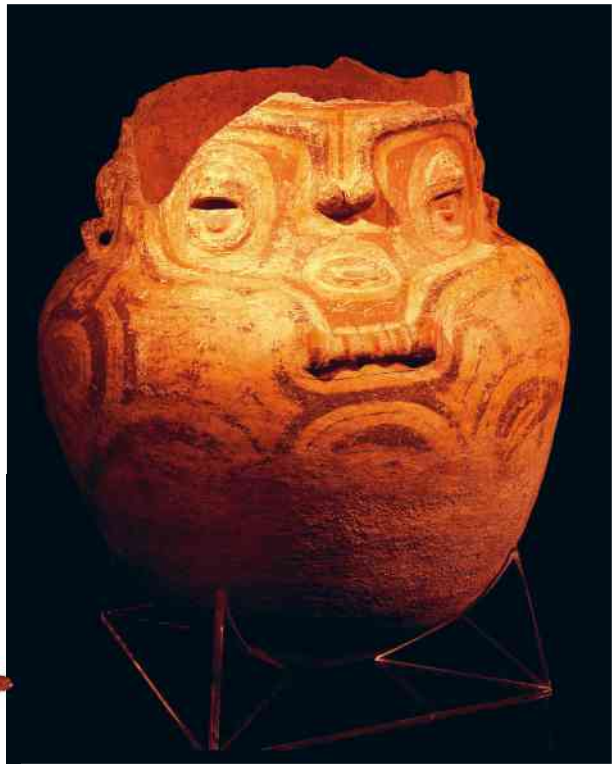
- Atualmente, quais recursos são utilizados na educação dos jovens? Qual desses recursos você considera mais interessante? Comente.

Cerâmicas marajoara e santarena

A cerâmica é uma das principais fontes de conhecimento sobre a história dos primeiros povos da Amazônia brasileira. A existência de objetos cerâmicos demonstra, por exemplo, que esses povos sabiam controlar o fogo, utilizado na moldagem das cerâmicas.

Tangas de cerâmica de uso feminino encontradas na ilha de Marajó. Estudiosos calculam que peças como essa foram criadas entre os anos 400 e 1350. Pertencem ao acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi, localizado em Belém, Pará.

RÔMULO FIALDINI/TEMPO COMPOSTO



FABIO COLOMBINI

Urna funerária de cerâmica produzida pelos marajoaras entre os anos 700 e 1100. Segundo o pesquisador Norberto Guarinello, as pinturas das cerâmicas marajoaras estariam entre as mais belas do mundo. Pertence ao acervo do Museu do Forte do Castelo, em Belém, Pará.

RÔMULO FIALDINI/TEMPO COMPOSTO

Esta estatueta santarena representa uma pessoa sentada, usando um par de brincos. Utilizando argila, os santarenos moldavam figuras antropomórficas, isto é, que se pareciam com seres humanos. A peça pertence ao acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará.

MAE/USP

Os povos santarenos desenvolveram cerâmicas com formas rebuscadas. Na imagem, observamos um vaso moldado pelos santarenos na forma de um jacaré. Pertence ao acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. Relacione os primeiros povoadores do território que hoje pertence ao Brasil com as culturas paleolíticas e neolíticas, estudadas no capítulo anterior. Faça um relatório sobre semelhanças e diferenças.
2. Como vimos, uma das descobertas arqueológicas que causou furor nos meios acadêmicos voltados ao estudo da ocupação do continente americano ocorreu no Brasil, nos sítios arqueológicos da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato (PI). Para se inteirarem desse debate, formem grupos e investiguem mais detalhes sobre ele, seguindo as orientações:

   a) Busquem informações sobre o Parque Nacional da Serra da Capivara de acordo com o roteiro abaixo. A pesquisa pode ser feita em *sites*, em revistas especializadas (como *Scientific American Brasil*, *Revista da FAPESP* e *Revista de História da Biblioteca Nacional*) e em livros.

   - Qual é o nome da arqueóloga responsável pelas pesquisas realizadas no sítio da Serra da Capivara? Façam um levantamento de sua biografia básica.
   - Quais são os principais vestígios arqueológicos encontrados no sítio?
   - Que técnicas foram usadas para fazer a datação daqueles achados arqueológicos? Qual é a idade atribuída aos achados mais antigos?
   - A datação dos vestígios arqueológicos mais antigos encontrados na Serra da Capivara é compatível com as datas estimadas para a entrada dos primeiros seres humanos no continente americano? Por quê?
   - Por que a validade dos achados arqueológicos do sítio é questionada por parte dos cientistas?

   b) Considerem os resultados das pesquisas e, em grupo, discutam: o que eles sugerem a respeito da ocupação do continente americano?

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Arte.

3. Crie uma imagem-símbolo da cultura da qual você faz parte inspirando-se na imagem e no texto a seguir.

JEAN-DANIEL SUDRES/HEMIS.FR/AFP

Pintura rupestre que representa um touro na caverna de Lascaux, no Vale Vézère, França. Por seu valor artístico e antropológico, os 147 sítios arqueológicos e as 25 cavernas dessa região são considerados Patrimônio da Humanidade pela Unesco desde 1979.

A linguagem da arte é poderosa para as pessoas que a compreendem, e intrigante para quem não a compreende. O que sabemos é que aqui estava a mente moderna em funcionamento, gerando simbolismos e abstrações de um modo que somente o *Homo sapiens* é capaz de fazê-lo.

LEAKEY, Richard. *A origem da espécie humana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 116.

Diálogo interdisciplinar com Química.

4. A fim de saber a idade de fósseis antigos, os cientistas utilizam o Carbono 14. Faça uma pesquisa a respeito do tema. Anote os resultados de sua pesquisa e escreva um texto sobre a utilização do Carbono 14 nos estudos históricos.

De olho na universidade

5. (Ufscar)

[...] Pré-História do Brasil compreende a existência de uma crescente variedade linguística, cultural e étnica, que acompanhou o crescimento demográfico das primeiras levas constituídas por poucas pessoas [...] que chegaram à região até alcançar muitos milhões de habitantes na época da chegada da frota de Cabral. [...] não houve apenas um processo histórico, mas numerosos, distintos entre si, com múltiplas continuidades e descontinuidades, tantas quanto as etnias que se formaram constituindo ao longo dos últimos 30, 40, 50, 60 ou 70 mil longos anos de ocupação humana das Américas.

Pedro Paulo Funari e Francisco Silva Noeli. *Pré-História do Brasil*, 2002.

Considerando o texto, é correto afirmar que:

a) as populações indígenas brasileiras são de origem histórica diversa e, da perspectiva linguística, étnica e cultural, se constituíram como sociedades distintas.

b) uma única leva imigratória humana chegou à América há 70 mil anos e dela descendem as populações indígenas brasileiras atuais.

c) a concepção dos autores em relação à Pré-História do Brasil sustenta-se na ideia da construção de uma experiência evolutiva e linear.

d) os autores descrevem o processo histórico das populações indígenas brasileiras como uma trajetória fundada na ideia de crescente progresso cultural.

e) na época de Cabral, as populações indígenas brasileiras eram numerosas e estavam em um estágio evolutivo igual ao da Pré-História europeia.

Para saber mais

Na internet

- **Arqueologia brasileira – Museu Nacional/UFRJ: http://www.museunacional.ufrj.br/exposicoes/arqueologia/exposicao/arqueologia-brasileira**
  Página com textos e imagens de objetos dos primeiros habitantes do atual território brasileiro.
  Navegue pelo *site*, selecione um dos objetos e leia o texto que o acompanha. Depois, escreva um relatório descrevendo a imagem e procure relacioná-la com a história dos primeiros habitantes do Brasil.

Nos livros

- **LARAIA, Roque de Barros. *Cultura*: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.**
  Livro do antropólogo brasileiro e professor da Universidade Federal de Brasília Roque de Barros Laraia. Este livro introduz o conceito antropológico de cultura de forma didática, com exemplos referentes à nossa sociedade e às sociedades tribais que compartilham nosso território.
  Em grupo, elaborem e apresentem um seminário a respeito de um dos capítulos do livro. Para isso, utilizem recursos como fotografias, desenhos, vídeos, sons e textos.

Nos filmes

- ***A guerra do fogo*. Direção de Jean-Jacques Annaud. França/Canadá, 1981, 100 min.**
  Na Pré-História, um grupo de hominídeos que desconhece as técnicas de produção do fogo procura manter uma chama sempre acesa. Essa chama se apaga em um conflito e, assim, três membros desse grupo precisam recuperar o fogo perdido.
  Elabore um relatório explicando como alguns aspectos das primeiras sociedades são representados no filme.

UNIDADE

2

Escrita e memória

Há pelo menos 5 mil anos, diversos povos começaram a criar suas formas de escrita. Os primeiros registros escritos foram elaborados em suportes como a pedra, o papiro e o couro. Mais tarde, no século II a.C., os chineses inventaram o papel.

No mundo contemporâneo, também ocorreram inovações importantes na história da escrita, como o desenvolvimento do texto digital. Apesar das inúmeras modificações nas formas de registrar e acessar informações, o que permaneceu ao longo do tempo foi a necessidade que as pessoas demonstram de guardar suas vivências e memórias.

A escrita constituiu um grande marco da comunicação em várias sociedades. Porém, como afirma o mestre africano Tierno Bokar, "a escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si" [Apud KI-ZERBO, J. (Coord.). *História geral da África*, v. I. Brasília: Unesco, 2010. p. 167.]. Essa frase nos faz refletir sobre a importância de valorizarmos a sabedoria e a cultura dos povos que não desenvolveram, até certo ponto, os registros escritos.

Conversando

1. Atualmente, você lê mais em suportes impressos ou digitais?

2. Em grupo, reflitam: o domínio da palavra (escrita ou falada) é uma forma de poder?

Mulher ensina *shodō*, a arte da caligrafia tradicional japonesa, a uma jovem. Fotografia de 2014.

BLEND IMAGES/GETTY IMAGES

CAPÍTULO

4

Povos da Mesopotâmia

As primeiras civilizações de que se tem conhecimento desenvolveram-se na Mesopotâmia por volta do IV milênio antes de Cristo. Atualmente, a maior parte daquela área corresponde ao território do Iraque, onde existem mais de 10 mil sítios arqueológicos. Esses sítios são importantes fontes de estudo da história dos povos mesopotâmicos.
Como era a vida desses povos?

THE STAPLETON COLLECTION/THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/COLEÇÃO PARTICULAR

Representação artística do complexo de palácios de Ninrode, obra de Austen Henry Layard, de 1853.

Treinando o olhar

1. A partir da observação desta imagem, é possível imaginar uma série de atividades humanas desenvolvidas nas antigas cidades da Mesopotâmia. Procure descrever algumas delas.

2. Os zigurates eram templos mesopotâmicos em forma de pirâmide compostos de grandes degraus (uma espécie de escada monumental). Eram construídos nesse formato para que reis e sacerdotes pudessem estar mais perto dos deuses e para que estes descessem até a Terra. Qual das construções desta imagem melhor se encaixa na descrição de um zigurate?

Civilização

Nova forma de organização social

A palavra civilização tem diferentes significados. Em meados do século XVIII, o termo começou a ser utilizado na França para expressar uma ideia evolucionista de progresso. Segundo essa ideia, a humanidade passaria por etapas sucessivas de evolução social. Assim, alguns cientistas montaram classificações em que procuraram enquadrar todas as sociedades, desde o Paleolítico até os dias atuais. Nessas classificações, civilização corresponderia às "altas culturas", que seriam superiores às culturas consideradas "primitivas", "selvagens" ou "bárbaras".

Atualmente, grande parte dos historiadores, antropólogos e demais estudiosos rejeita essas noções de superioridade ou inferioridade cultural entre os povos. Considera-se que as sociedades humanas são diferentes e não podem ser hierarquizadas em uma classificação linear.

No entanto, o termo civilização pode ser utilizado nos estudos históricos para referir-se a uma forma própria de organização social. Nesse sentido, para o historiador Jaime Pinsky, "civilização não é elogio, e pré-civilizado não pode ser tomado como ofensa".[1]

Alguns eventos costumam ser associados ao surgimento das sociedades civilizadas, entre os quais destacamos: o aparecimento das primeiras cidades, os sistemas de registro e escrita, a formação do Estado e o aprofundamento das divisões dos grupos sociais.

Em destaque — Uma noção de civilização

Vejamos como o arqueólogo Robert Braidwood caracterizou a noção de civilização:

> Não vou tentar definir o que é a civilização; antes, direi o que a palavra me traz à mente. Para mim, civilização significa urbanização; o fato de haver cidades. Significa uma organização política formal, ou seja, que existam reis ou corpos de governo [...]. Significa a existência de leis formais, regras de conduta que o governo (se não o povo) considera necessárias. Provavelmente também significa [...] estradas, portos, canais de irrigação etc., além de algum tipo de exército ou força policial para protegê-los. Significa formas de arte bastante novas e diversificadas. Em geral, também significa que há um sistema de escrita. [...]
>
> Você pode sentir, com razão, que uma grande quantidade de **idiossincrasia** pessoal está envolvida nas várias caracterizações ou definições oferecidas à palavra civilização.

BRAIDWOOD, Robert. *Homens pré-históricos*. 2. ed. Brasília: UnB, 1988. p. 155-156.

Idiossincrasia: traço peculiar do comportamento de um grupo ou de uma pessoa.

- Leia e interprete a última frase do trecho citado. O que ela quer dizer? Reescreva a frase com suas palavras.

Aldeias e primeiras cidades

Como vimos, as primeiras aldeias sedentárias surgiram quando certas comunidades neolíticas se estabeleceram em um território, dedicando-se, predominantemente, à atividade agrícola. Com isso, ampliou-se a oferta de alimentos, a população cresceu, e a vida social foi se tornando cada vez mais complexa. Uma das consequências desse processo foi a ampliação gradativa da divisão do trabalho. Uma pessoa com habilidade para fazer cerâmica, por exemplo, podia empregar a maior parte do seu dia nessa atividade, para depois trocar seus potes por alimentos. Esse intercâmbio aconteceu com outras atividades, o que permitiu o surgimento de funções sociais específicas, como a de tecelão, sacerdote, soldado, ceramista, metalúrgico etc.

1 PINSKY, Jaime. *As primeiras civilizações*. São Paulo: Atual, 1994. p. 46.

Algumas dessas aldeias em expansão também foram incorporando às suas estruturas físicas novos elementos, como muralhas, templos religiosos, casas para moradia, armazéns para estocar alimentos e ruas. Esse processo faz parte do surgimento das primeiras cidades.

Entre as cidades mais antigas conhecidas, podemos citar Jericó (8000 a.C.), Beidha (7200 a.C.) e Çatal Huyük (6500/6700 a.C.).

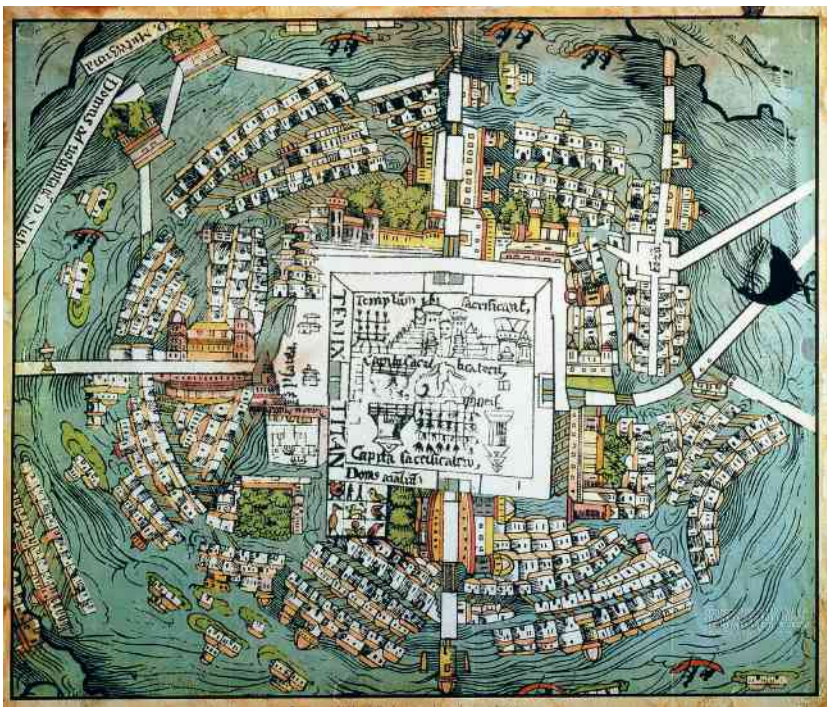
Muitas vezes, acompanhando a formação das primeiras cidades, desenvolveram-se calendários, sistemas de escrita, de numeração, de pesos e medidas.

Interpretar fonte — Conceito de civilização

Você viu que o termo civilização pode ser utilizado nos estudos históricos para referir-se a uma forma própria de organização social. Agora, analise os seguintes documentos.

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/BIBLIOTECA MEDICEA LAURENZIANA, FLORENÇA, ITÁLIA

Os maias e astecas, antigas populações que viviam onde hoje é o México, produziram diversos códices. Esses livros foram elaborados antes da chegada dos espanhóis na América, ou pouco tempo depois dela, e contêm assuntos variados, como relatos de mitos, registros de astronomia e medicina e relatos históricos. Na imagem, página do *Códice Florentino*, de 1590.



HERNÁN CORTÉS. MAPA DE TENOCHTITLÁN, C. 1524/GIANNI DAGLI ORTI/THE ART ARCHIVE/THE PICTURE DESK/AFP/MUSEU DA CIDADE DO MÉXICO

Planta de Tenochtitlán, considerada capital do império asteca. O desenho, de 1524, é atribuído ao conquistador espanhol Hernán Cortés.

1. Observe como as figuras humanas foram representadas no Códice Fiorentino e como os objetos foram dispostos em torno delas. Que espécie de relação parece haver entre os dois personagens?
2. Descreva elementos e características marcantes da planta de Tenochtitlán. Há hierarquização entre as construções?
3. O documento de Cortés indica a existência de povos "civilizados" na América? Por quê?

Formação do Estado

O termo Estado deriva do latim *status* = *estar firme*[2] e significa a permanência de uma situação de convivência humana ligada à sociedade política.

Certamente o Estado nem sempre existiu ao longo da história. Diversas sociedades organizaram-se sem ele. Nelas, as funções políticas não estavam claramente definidas e formalizadas em determinada instância de poder. No entanto, em dado momento da história da maioria das sociedades, supõe-se que, com o aprofundamento da divisão social do trabalho, certas funções político-administrativas e militares acabaram sendo assumidas por um grupo social específico, que passou a deter o poder de impor normas à vida coletiva. Assim teria surgido o governo, por meio do qual se desenvolveu o Estado.

Mesopotâmia

Berço de civilizações

O nome Mesopotâmia, que significa "terra entre rios", foi atribuído à região pelos antigos gregos devido à sua localização, entre os rios Tigre e Eufrates. Ali viveram diferentes povos que se confrontaram em vários momentos.

As áreas próximas dos grandes rios eram muito importantes na Mesopotâmia, região caracterizada pelo clima árido e pela escassez de chuvas. Essas áreas atraíram grupos nômades e seminômades, das montanhas e do deserto, que atacavam as populações sedentárias dos vales e das planícies, onde havia terras férteis para plantar e criar rebanhos.

Assim, diversos povos sucederam-se no domínio da região. Entre eles, destacam-se os sumérios, os acádios, os amoritas ou babilônios, os assírios e os caldeus. Cada um desses povos teve seu período de domínio e apogeu.

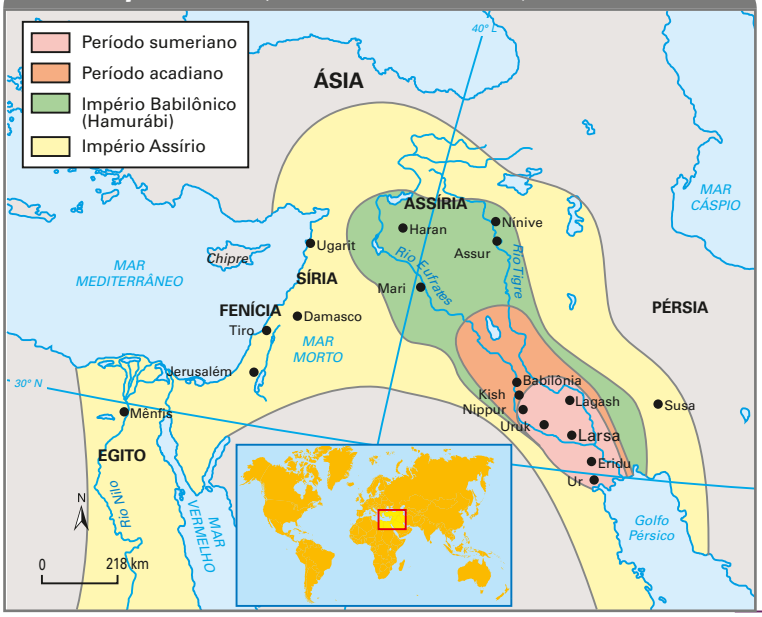
- **Sumérios** – são considerados os criadores da primeira civilização da Mesopotâmia (cerca de 3500 a.C.). Estabeleceram-se nos vales ao sul da região e fundaram importantes cidades, como Ur, Uruk, Eridu, Lagash e Nippur. Atribui-se aos sumérios o desenvolvimento da escrita cuneiforme (que estudaremos adiante) e o uso da roda em veículos pela primeira vez.
- **Acádios** – vindos do deserto da Síria (cerca de 2550 a.C.), conquistaram e unificaram as cidades sumérias. Sob o comando do rei Sargão I (2334-2779 a.C.), fundaram o Primeiro Império Mesopotâmico, que se expandiu desde o golfo Pérsico até o norte da Mesopotâmia (cerca de 2550-2150 a.C.). Depois, foram dominados pelos guti, povo originário dos montes Zagros (atual fronteira Irã-Iraque).
- **Amoritas** – vindos do deserto da Arábia (cerca de 2000 a.C.), estabeleceram-se na cidade da Babilônia, sendo, por isso, denominados babilônios. Sob o governo de Hamurábi (1792-1750 a.C.), expandiram seus domínios sobre toda a Mesopotâmia, do golfo Pérsico até o norte da Assíria. Quando entraram em declínio, a região foi invadida e dominada por cassitas e hititas.
- **Assírios** – vindos possivelmente da região situada entre a Europa e a Ásia (c. 2000 a.C.), estabeleceram-se no norte da Mesopotâmia, no Alto Tigre, no território denominado Assíria. Organizaram um dos primeiros exércitos permanentes do mundo. Expandiram suas fronteiras a partir de 1700 a.C. e alcançaram sua maior prosperidade durante o reinado de Assurbanipal (até 630 a.C.).
- **Caldeus** – vindos possivelmente da Arábia (cerca de 1000 a.C.), estabeleceram-se no sul da Mesopotâmia, na região denominada Caldeia. Por volta de 612 a.C., aliaram-se aos medos (povo da Média, atualmente parte do Irã) e derrotaram os assírios. Conquistaram a cidade da Babilônia e ficaram conhecidos como neobabilônios. Seu principal soberano foi Nabucodonosor (604-562 a.C.), que teria sido responsável pela construção de grandes obras urbanas, como templos, muralhas, ruas, jardins e palácios. Dominaram a região até 539 a.C., quando foram vencidos pelos persas.

M. CARRIERI/DEA/GLOW IMAGES/ COLEÇÃO PARTICULAR

Figura feminina produzida pelos sumérios em cerca de 3000 a.C.

2 DALLARI, Dalmo de Abreu. *Elementos de teoria geral do Estado*. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 51.

Mesopotâmia (IX-II milênio a.C.)



SIDNEI MOURA

Fonte: KINDER, Hermann; HILGEMAN, Werner. *Atlas histórico mundial*: de los orígenes a la Revolución Francesa. Madrid: Ediciones Istmo, 1982. p. 26, 28 e 30.

Observar o mapa

- Compare o mapa ao lado com um mapa da divisão política atual do Oriente Médio. Depois, responda:
  - **a)** Que país atual corresponde a quase todo o território da Mesopotâmia, até o Império Babilônico?
  - **b)** Que países atuais, ou parte deles, pertenciam a territórios dominados, na Antiguidade, pelo Império Assírio?
  - **c)** Com que recursos marítimos contavam os povos mesopotâmicos antes da expansão territorial e quando expandiram ao máximo suas fronteiras?

Revolução agropastoril

Revolução Neolítica: expressão criada pelo arqueólogo Gordon Childe para designar as novas formas de produção de alimentos — agricultura e criação de animais — que se desenvolveram em diversas sociedades antigas.[3]

Na região da Mesopotâmia, desenvolveram-se as mais antigas civilizações do mundo. Isso estaria vinculado ao fato de essa região ter sido uma das primeiras onde ocorreu a chamada **Revolução Neolítica**.

A introdução da agricultura e da criação de animais na Mesopotâmia transformou gradativamente a vida de seus habitantes, entre 8000 a.C. e 1500 a.C. Ao produzirem o próprio alimento, esses povos permaneceram mais tempo nos lugares e formaram aldeias.

Os povos mesopotâmicos cultivavam muitos produtos, como cevada, trigo, linho, sésamo, tâmaras, legumes etc. Também criavam ovelhas, cabras, porcos, bois e asnos.

O desenvolvimento agropastoril não ocorreu de maneira casual. Os povos mesopotâmicos tiveram de fazer frente às condições naturais da região (inundações nos vales e clima seco) para atender às suas necessidades. Assim, construíram diques para acumular água, barragens e canais de irrigação. Essas transformações também modificaram a divisão do trabalho no interior das comunidades.

Alguns grupos dedicaram-se mais a certos ofícios e técnicas ligados à agricultura, enquanto outros se especializaram na fabricação de instrumentos de metal, na produção da cerâmica, na construção de canais e barragens, na confecção de tecidos, nas atividades do comércio etc.

Os historiadores supõem que, no período que vai da formação das aldeias e vilas até o fim do III milênio a.C., o trabalho coletivo baseava-se na cooperação entre pessoas de famílias diversas.

No entanto, essa situação não mais ocorria por volta do início do II milênio a.C. Muitas famílias já controlavam os próprios campos e plantações, e algumas

3 Cf. CHILDE, V. Gordon. *A evolução cultural do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. p. 77-110.

delas negociavam com outras, trocando, por exemplo, alimentos por objetos de cerâmica e instrumentos de metal.

Ao realizarem essas trocas, uns acumularam mais bens do que outros. O acúmulo de poder econômico propiciou que certas famílias tivessem maior influência nos processos de tomada de decisão entre os moradores das aldeias e, posteriormente, das cidades.

Surgimento de cidades

A junção de algumas aldeias mesopotâmicas deu origem às primeiras cidades, como Ur, Uruk, Nippur, Kish, Lagash e Eridu, por volta de 4 mil anos atrás. Essas cidades eram formadas por construções como casas, templos, pontes, palácios e muralhas.

Uma das explicações para o surgimento das primeiras cidades é que o aumento e a concentração das pessoas nas aldeias, aliados ao crescimento do intercâmbio econômico e social, impulsionaram novas formas de organização do trabalho, da justiça, da religião, da segurança dos habitantes e da proteção dos bens econômicos.

Grande parte das cidades da Mesopotâmia não se uniu para formar um reino único. Eram cidades independentes, e por isso foram chamadas pelos historiadores de cidades-Estado.

Centros de poder

No contexto dessas mudanças, alguns grupos sociais se fortaleceram e passaram a formar centros de poder. Os sacerdotes controlavam o templo, e o rei, com sua corte, controlava o palácio.

Investigando

- Quais são os centros de poder da região onde você vive?

Os sacerdotes e os templos

Os povos mesopotâmicos eram politeístas, isto é, adoravam diversos deuses, muitos dos quais relacionados a elementos da natureza. Além disso, costumavam acreditar que, depois da morte, o espírito das pessoas ia para um mundo inferior, um lugar sem retorno. Não havia possibilidade de vida melhor após a morte. Por isso, as pessoas queriam aproveitar ao máximo sua existência e consideravam a juventude a mais bela fase da vida.

As cerimônias religiosas eram dirigidas por sacerdotes ou sacerdotisas, que se reuniam em corporações dedicadas ao culto de determinado deus. Era comum as cidades terem um deus protetor, para o qual se construía um templo principal.

Além das funções religiosas, os sacerdotes do templo também exerciam atividades econômicas. Devido às oferendas recebidas, acumularam grande patrimônio em terras, rebanhos, plantações e artigos artesanais, o que lhes propiciou desenvolver um ativo comércio com as regiões vizinhas. Muitos deles também teriam exercido grande influência política na Mesopotâmia.

Para controlar tudo isso e fazer a contabilidade do templo (relação de produtos, recebimentos, pagamentos, empréstimos), os sacerdotes desenvolveram um sistema de escrita e numeração.

ALBUM/AKG-IMAGES/BIBLE LAND PICTURES/LATINSTOCK/MUSEU BRITÂNICO, LONDRES

Entre os deuses mesopotâmicos, podemos citar: Enlil (deus do ar e do destino); Shamash (deus do Sol e da justiça); Enki (deus das águas, da sabedoria e das técnicas); e Ishtar (deusa do amor e da fertilidade), representada na imagem acima.

O rei e o palácio

Ao longo do III milênio a.C., já existia a figura do rei nas cidades mesopotâmicas. O soberano se tornaria o principal centro do poder político, superando, muitas vezes, a força dos sacerdotes do templo. Por volta de 2500 a.C., o rei, sua família e seus funcionários moravam no palácio real — uma nova estrutura arquitetônica que se destacava, além do templo.

Há várias hipóteses que explicam a origem e o crescimento do poder real. Segundo uma delas, à medida que as cidades passaram a crescer e acumular riquezas, sua defesa passou a ser uma preocupação para seus habitantes. Diante do risco de guerras, invasões e pilhagens, tropas militares foram organizadas e um comandante foi escolhido. Com o tempo, esse comandante ampliou seus poderes e tornou-se uma autoridade permanente, dando origem à figura do rei.

Além do poder político, o rei e seus funcionários controlavam uma razoável parcela da atividade econômica. Possuíam oficinas onde eram produzidos instrumentos de metal, objetos de cerâmica, tecidos, mobiliário etc. Exigiam o pagamento de tributos, arrecadados na forma de bens materiais, como alimentos, rebanhos e sementes.

O poder real também impunha à população trabalhos obrigatórios, como a construção e manutenção de palácios, templos, muralhas, canais de irrigação, diques etc.

ROBERT HARDING/ALAMY/FOTOREMA

Zigurate localizado no Iraque. Fotografia de 2006.

Política e religião

Mesmo havendo uma separação entre rei (palácio) e sacerdotes (templo), a religião sempre foi utilizada para justificar o poder do rei, que, desse modo, exercia também liderança religiosa. Pela mentalidade dominante na Mesopotâmia, o rei seria um representante direto dos deuses, alguém predestinado a concretizar a vontade divina entre os seres humanos. Assim, de acordo com a política e a religião, o rei ocupava um lugar especial na sociedade: entre os deuses e os homens.

Em destaque — O poder do rei

Para o historiador Marcelo Rede, atribuir uma origem divina ao poder real foi uma característica da política na Mesopotâmia:

> [...] a monarquia e o rei eram os primeiros responsáveis por cuidar, no mundo terrestre, da ordem estabelecida pelos deuses; para essa tarefa, concentravam grandes poderes e impunham sua vontade à população. Mostrando o poder como vontade dos deuses, dificultava-se o seu questionamento por aqueles que sofriam com suas ações. Rebelar-se contra o poder do soberano significava rebelar-se contra os deuses.

REDE, Marcelo. *A Mesopotâmia*. São Paulo: Saraiva, 1997. p. 36.

1. Segundo o autor, por que "rebelar-se contra o poder do soberano significava rebelar-se contra os deuses"?
2. A associação do rei aos deuses, na Mesopotâmia, demonstra a ampliação do poder real. Retome o texto do capítulo e indique o papel dos templos e dos sacerdotes nessa associação.
3. Explique de que maneira essa associação contribuía para fortalecer a submissão da população ao domínio do rei.
4. Você concorda com a ideia de que, quanto maior a submissão da população, maior o poder real?

Domínio babilônio

Apesar da independência das cidades-Estado da Mesopotâmia, as mais fortes e poderosas, como Acad, Babilônia e Assur, impuseram seu domínio sobre as demais e sobre as regiões vizinhas. Foi o caso, por exemplo, da expansão e unificação política da Mesopotâmia, que ocorreu por volta de 1763 a.C., sob o governo do rei babilônio Hamurábi.

Hamurábi consolidou seu poder tomando medidas marcantes em diferentes aspectos sociais. Entre elas, estava a imposição do deus babilônio Marduk aos povos vencidos e a repartição da propriedade da terra entre o Estado, os templos e os particulares. Ele também consagrou a divisão da sociedade local em três grandes categorias:

- ***awilum*** – homens livres de elevada posição (sacerdotes, grandes proprietários, ricos comerciantes), a quem as normas jurídicas conferiam tratamento privilegiado;
- ***mushkenum*** – homens livres de média posição, que trabalhavam como servidores nos palácios, artesãos ou pequenos comerciantes;
- **escravos** – prisioneiros de guerra ou pessoas que não conseguiam pagar suas dívidas e, por isso, se tornavam propriedade do credor. Normalmente, a escravidão por dívida durava certo período, estipulado pelo juiz da questão.

De acordo com essa divisão, um mesmo crime podia ser punido de forma diferente, dependendo da categoria social à qual pertenciam o réu e a vítima. Assim, uma ofensa contra os *awilum* tinha, geralmente, pena mais severa do que um crime praticado contra os *mushkenum*.

Em destaque — Exércitos permanentes e uso da roda

Os assírios foram os responsáveis pela criação de um dos primeiros exércitos permanentes do mundo. Tratava-se de um exército poderoso e bem equipado: a infantaria utilizava lanças, escudos e espadas de ferro; a cavalaria tinha carros de combate com rodas reforçadas, um aperfeiçoamento da invenção dos sumérios.

Até por volta do ano 3000 a.C., os veículos utilizados pelos sumérios eram trenós puxados por bois ou outros animais. A necessidade de transportes mais eficientes levou-os a utilizar a roda nos veículos. O uso da roda representou uma revolução na locomoção terrestre e contribuiu para acelerar as comunicações.

1. Aponte a relação entre o poder bélico dos assírios e o imenso império que formaram.

2. Diante da conturbada história mesopotâmica, qual era a importância de um exército forte e poderoso?

Escrita

Registro e transmissão da informação

Para muitos historiadores, a "invenção da escrita" não foi realização de um único povo. Em várias regiões do mundo, diversas sociedades inventaram o próprio sistema de escrita. No entanto, o sistema do qual possuímos o mais antigo registro é o dos sumérios, povo que constituiu a primeira civilização mesopotâmica. O que teria levado os sumérios a desenvolver a escrita?

Conforme vimos, a vida nas cidades mesopotâmicas tornava-se cada vez mais complexa, trazendo dificuldades para a normatização das relações sociais. A fala e a memorização já não davam conta dos inúmeros dados e das interações da vida cotidiana.

Esse problema ocorria principalmente nos templos sumérios. Neles, formaram-se, como vimos, corporações com grande patrimônio. Esse patrimônio era administrado pelos sacerdotes, que realizavam diversas transações econômicas: empréstimos de animais e sementes, pagamento a construtores de barcos e comerciantes, controle de produtos estocados em seus armazéns etc.

Supõe-se que, com o tempo, os sacerdotes perceberam que não podiam confiar apenas em sua memória para registrar tantas operações. Para resolver esse problema, teriam desenvolvido uma escrita, isto é, um sistema de sinais pelo qual a linguagem verbal pudesse ser fixada, entendida e transmitida para outras pessoas.

PHOTO (C) RMN-GRAND PALAIS (MUSÉE DU LOUVRE) / DROITS RÉSERVÉS

Utilização da escrita

A partir de 3000 a.C., a escrita começou a ser utilizada não só para fazer a contabilidade dos templos, mas também para registrar ensinamentos religiosos, literários, normas jurídicas etc. Assim, os mesopotâmicos puderam escrever histórias que até então eram transmitidas apenas de forma oral.

Bom exemplo disso é a *Epopeia de Gilgamesh*, que, registrada em blocos de argila por meio da escrita cuneiforme, narra as aventuras de amor e bravura de um herói (Gilgamesh) que desejava descobrir o segredo da imortalidade.

Tablete sumério com escrita cuneiforme datado entre 2800-2450 a.C. Pertence ao acervo do Museu do Louvre, em Paris, França.

Em destaque **Memória e escrita**

Segundo o arqueólogo Gordon Childe, a origem da escrita esteve ligada à necessidade de registro das transações do templo. Ele diz que:

> Para registrar o que era devido ao deus, e suas transações, os sacerdotes não ousavam confiar na memória [...]. O sacerdote podia morrer antes que o empréstimo feito com os bens de seu senhor fosse pago, mas o recebimento da dívida seria feito por um colega ou sucessor seu. O sacerdote devia registrar quantos jarros de semente e de que qualidade havia emprestado, quantas ovelhas e de que raças havia confiado a um pastor. E as transações deviam ser registradas de forma que toda corporação, e não apenas um sacerdote, pudesse entender o registro [...]. Numa palavra, a escrita, como um sistema socialmente reconhecido de registro, era essencial para uma contabilidade satisfatória do templo.

CHILDE, V. Gordon. Op. cit. p. 172.

1. Você se lembra do seu primeiro dia na escola? Registre algumas de suas memórias.

2. Como você exercita sua memória?

Transformação da escrita suméria

O desenvolvimento da escrita suméria passou por diversos momentos que, às vezes, conviveram entre si:

- **pictográfico** – os primeiros sinais criados eram pictográficos, isto é, consistiam em desenhos figurativos do objeto representado. Assim, fazia-se um desenho simplificado de um boi, uma cabeça, uma semente ou um jarro, por exemplo, quando se queria expressar um desses elementos;
- **ideográfico** – posteriormente, os sinais passaram a ser ideográficos, isto é, a significar ideias que iam além da simples figura do objeto representado. Certo sinal de um jarro, por exemplo, queria dizer "determinado jarro com uma quantidade de sementes". Além disso, dois sinais combinados podiam adquirir outros significados: sinal de "boca" + sinal de "pão" = "comer";

- **fonográfico** – por fim, os sinais passaram a ser menos figurativos e mais abstratos, tornando-se fonográficos, isto é, representando os sons da fala humana, significando conceitos ou ações cada vez mais complexos. Como esses sinais eram impressos com uma espécie de estilete em forma de **cunha** na argila ainda molhada, a escrita suméria recebeu o nome de cuneiforme.

A escrita suméria tinha, no início, mais de 2 mil signos, que, aos poucos, foram sendo simplificados e se reduziram a cerca de 300 signos mais usuais.

Cunha: peça de madeira, metal ou outro material, usada para entalhar pedra, madeira, barro etc.

Direito

Os primeiros códigos jurídicos

Foi na Mesopotâmia que se estabeleceram os primeiros "códigos jurídicos" escritos de que se tem conhecimento. Entre eles, está o Código de Hamurábi, que reuniu, em seus 281 artigos, normas sobre diversos temas, como homicídios, lesões corporais, roubos, questões comerciais e escravidão.

Essas normas foram recolhidas, em grande parte, dos costumes jurídicos já praticados na Mesopotâmia, mas, ao organizá-las em um código, Hamurábi reafirmou a importância da função do rei como ordenador da vida social.

No Código de Hamurábi, não encontramos a definição das características gerais dos crimes. Seus artigos descrevem casos específicos que serviam como padrão a ser aplicado em questões semelhantes.

Vejamos exemplos de normas extraídas desse código:

- Se um filho agredir seu pai com as mãos, terá a sua mão cortada.
- Se um construtor edificar uma casa para um homem livre, e a casa desabar, matando o proprietário, esse construtor será morto.
- Se um homem roubar um boi, uma ovelha, um asno, um porco ou um barco, e esses bens pertencerem a um templo ou a um palácio, o ladrão terá de devolver trinta vezes o valor roubado.

PHOTO (C) RMN-GRAND PALAIS (MUSÉE DU LOUVRE)/CHRISTIAN LARRIEU

Código de Hamurábi, elaborado entre 1792-1750 a.C. Trata-se de um monólito; na parte superior, pode-se ver o rei Hamurábi, em pé, diante do rei Sol, Shamasch. Na parte inferior, vê-se parte das 281 normas registradas em escrita cuneiforme. Pertence hoje ao acervo do Museu do Louvre, em Paris, França.

Princípio de talião

Em muitas sociedades antigas, a pena aplicada ao criminoso concretizava-se nos mais variados tipos de revide à ofensa cometida. Muitas vezes, esse revide se transformava em violência sem fim entre grupos rivais.

No Código de Hamurábi, encontramos um meio para limitar esses excessos: é o princípio (ou lei) de **talião**, pelo qual a pena não seria uma vingança arbitrária e desmedida, mas proporcional à falta cometida ("olho por olho, dente por dente"). Em outras palavras, fazia-se justiça por meio de uma retribuição proporcional ao crime praticado. Assim, por exemplo, se alguém furasse o olho de outro, seu olho também seria furado; se alguém arrancasse os dentes de outro, seus dentes também seriam arrancados.

Quando analisamos hoje as penas do Código de Hamurábi, elas podem parecer brutais. No entanto, para a época, o princípio de talião era considerado a expressão da justiça. O Código de Hamurábi também estabelecia a possibilidade de a pena ser paga na forma de recompensa econômica (gado, armas, moedas etc.).

Talião: do latim *talis* = tal, igual; significa retaliação, revide.

Investigando

- Em sua opinião, para diminuir a criminalidade, basta punir o criminoso? Reflita.

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. Considerando o que você aprendeu sobre civilização, por que se utiliza esse conceito para definir as sociedades construídas pelos povos mesopotâmicos?
2. A construção de obras hidráulicas na Mesopotâmia teve ligação direta com o processo de sedentarização das comunidades ali estabelecidas.
   a) Pesquise as principais obras hidráulicas construídas pelos povos mesopotâmicos.
   b) Aponte a relação entre a construção dessas obras e os centros de poder (palácio, templo) da região.
3. No Brasil atual, uma das religiões com grande número de seguidores é o cristianismo. O credo cristão, porém, tem diversos aspectos que se diferenciam daqueles observados na religião mesopotâmica. Faça uma pesquisa sobre essas diferenças.
4. A existência e a importância dos escravos na Mesopotâmia e também no Antigo Egito geram debates entre os estudiosos. Sobre esse assunto, leia a seguir um texto do historiador Ciro Flamarion Cardoso.

> No Egito e na Mesopotâmia houve escravos, mas, por um lado, nunca constituíram a base das relações de produção e, por outro, diferenciavam-se bastante daqueles do período greco-romano clássico: podiam casar-se com pessoas livres, ter bens, pagar impostos, testemunhar nos tribunais etc. De fato, as diferenças são tão grandes que certos autores [...] contestam que fossem verdadeiros escravos.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Sociedades do Antigo Oriente Próximo*. São Paulo: Ática, 1990. p. 79-80.

De acordo com esse historiador, por que a escravidão presente no Egito e na Mesopotâmia pode ser questionada ou relativizada?

5. Em grupo, pesquisem alguns aspectos da história da escrita. Se possível, exemplifiquem esses aspectos por meio de imagens (desenhos, pintura, fotografias etc.). Apresentem seu trabalho para a classe e debatam: qual é a importância do livro digital na história da escrita?

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Sociologia.

6. O estandarte de Ur é uma representação sobre a prosperidade econômica e as relações de poder na Mesopotâmia. Ele foi encontrado na antiga cidade de Ur (no atual Iraque) e apresenta dois painéis. Em um dos painéis, há cenas relativas às guerras. Em outro, visto nesta imagem, o rei e a elite mesopotâmica fazem um banquete com a renda obtida pela cobrança de tributos. A figura do rei é representada em tamanho maior do que a dos demais personagens. Nas faixas inferiores, os súditos oferecem peixes, ovelhas, cabras e bois como tributos ao governo. Analise atentamente a imagem do estandarte reproduzida na próxima página e, depois, responda:
   a) Na sua interpretação, por que a figura do rei é maior do que os outros personagens?
   b) A partir dessas cenas, o que podemos deduzir sobre as relações de poder na Mesopotâmia?

PRINT COLLECTOR/GETTY IMAGES/MUSEU BRITÂNICO, LONDRES

Estandarte de Ur, produzido pelos sumérios entre 2600 a.C. e 2400 a.C.

De olho na universidade

7. (Unesp)

> O palácio real constitui naturalmente, na vida da cidade mesopotâmica, um mundo à parte. Todo um grupo social o habita e dele depende, ligado ao soberano por laços que não são somente os de parente a chefe de família, ou de servidor a senhor. [...] Este grupo social é numeroso, de composição muito variada, abrangendo trabalhadores de todas as profissões, domésticos, escribas, artesãos, homens de negócios, agricultores, pastores, guardiões dos armazéns, etc., colocados sob a direção de um intendente. É que a existência de um domínio real, dotado de bens múltiplos e dispersos, faz do palácio uma espécie de vasta empresa econômica, cujos benefícios contribuem para fundamentar solidamente a força material do soberano.
>
> AYMARD/AUBOYER. *O Oriente e a Grécia* – As civilizações imperiais.

a) Como se organizava a vida social e política na Mesopotâmia?

b) Um dos grandes legados da Mesopotâmia foi a criação do Código de Hamurábi. Quais os principais aspectos desse código?

8. (UFSM) A região da Mesopotâmia ocupa lugar central na história da humanidade. Na Antiguidade, foi berço da civilização sumeriana devido ao fato de:

a) ser ponto de confluência de rotas comerciais de povos de diversas culturas.

b) ter um subsolo rico em minérios, possibilitando o salto tecnológico da idade da pedra para a idade dos metais.

c) apresentar um relevo peculiar e favorável ao isolamento necessário para o crescimento socioeconômico.

d) possuir uma área agricultável extensa, favorecida pelos rios Tigre e Eufrates.

e) abrigar um sistema hidrográfico ideal para locomoção de pessoas e apropriado para desenvolvimento comercial.

CAPÍTULO

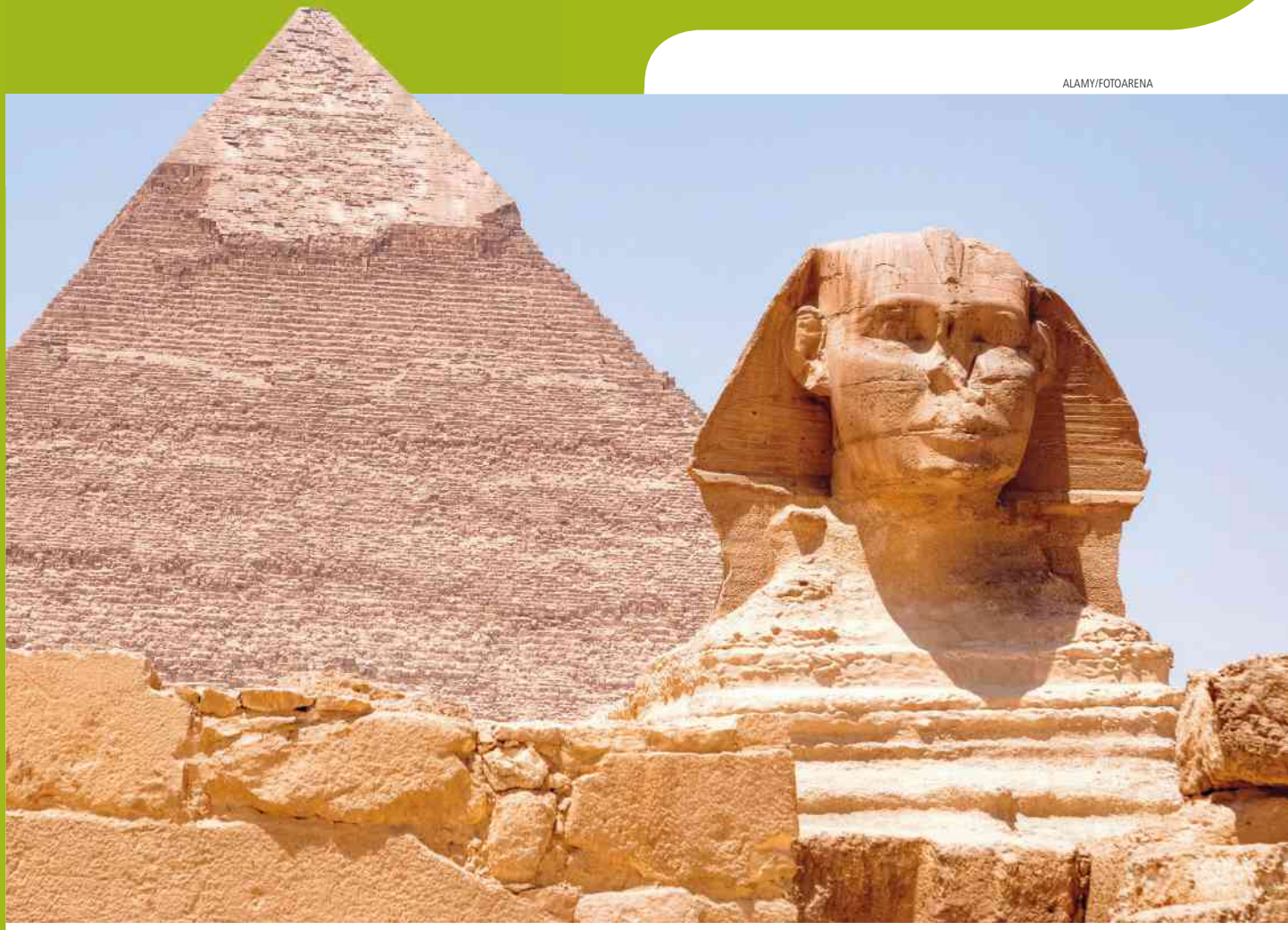
5

África: egípcios e cuxitas

Terra dos faraós, das pirâmides, do papiro e da Esfinge, o Egito Antigo despertava grande interesse já entre seus contemporâneos. Situado no norte da África, recebeu sábios, comerciantes e artistas do mundo antigo que difundiram aspectos da cultura egípcia em vários pontos do mundo.

O Egito, porém, não foi a única civilização africana da Antiguidade. Entre as civilizações do período, vamos destacar o Reino de Cuxe, que se desenvolveu ao sul do rio Nilo.

ALAMY/FOTOARENA



Esfinge de Gizé, localizada próximo à cidade do Cairo, no Egito. Construída por volta de 2500 a.C., durante o reinado do faraó egípcio Quéfren, essa escultura de calcário tem aproximadamente 70 metros de comprimento, 20 metros de largura e 20 metros de altura. Fotografia de 2015.

Treinando o olhar

- As esfinges são figuras míticas com o corpo de leão e a cabeça de outra criatura. Caso a cabeça da esfinge seja de uma ovelha, é chamada de criosfinge; se a cabeça for de um ser humano, trata-se de uma androsfinge; no caso de uma cabeça de falcão, o nome é hierocosfinge. A esfinge de Gizé é de que tipo?

Egito Antigo

Relações entre natureza e cultura

A sociedade do Egito Antigo desenvolveu-se no norte da África, às margens de um dos maiores rios do planeta, o Nilo. Segundo diversas pesquisas arqueológicas, essa região teria sido habitada por hominídeos desde o Paleolítico.

Na época das cheias, as águas do Nilo inundavam suas margens, depositando no solo grande quantidade do **húmus** acumulado em seu leito. Quando o rio retornava ao nível normal, o solo inundado estava fertilizado por essa matéria orgânica, o que favorecia o crescimento das plantas e, portanto, a atividade agrícola.

Húmus: substância fertilizante composta de terra e grande quantidade de matéria orgânica em decomposição. Na formação do húmus, há liberação de diversos nutrientes.

Com as inundações periódicas do Nilo, o vale onde se concentrava a população do Egito Antigo costuma ser comparado a uma espécie de oásis.

O historiador grego Heródoto, que visitou o Egito no século V a.C., chamou-o de uma "dádiva do Nilo", isto é, um presente do Nilo. Essa célebre frase pode passar a impressão de que, na existência da sociedade egípcia, os atributos da natureza foram mais importantes que o trabalho dos egípcios.

No entanto, como apontam alguns historiadores, é preciso pensar que "trabalho e organização foram os ingredientes principais da civilização egípcia. O rio, em si, [...] ao mesmo tempo em que fertilizava, inundava".[1] Assim, uma inundação muito pequena era insuficiente para o cultivo agrícola, o que provocava escassez de alimentos. Já uma inundação muito grande causava destruições, o que levou os egípcios a erguer diques e barragens para proteger vilas e casas das inundações mais violentas.

Foi com o desenvolvimento desse sistema que os egípcios dominaram, em certa medida, as águas do Nilo e, assim, conseguiram plantar e obter colheitas abundantes. Isso mostra que o desenvolvimento da civilização egípcia não se explica somente em função dos fatores naturais. Esse desenvolvimento é fruto da interação do ambiente natural com o trabalho humano.

Egito Antigo (cerca de 3000-30 a.C.)

Observar o mapa

- Compare o mapa ao lado com um mapa da divisão política atual da África e, depois, responda:
  - **a)** Que países atuais situam-se na região que correspondia ao Egito Antigo?
  - **b)** Que desertos cobrem a maior parte da região que correspondia ao Egito Antigo?
  - **c)** Que mares limitavam o território egípcio antigo?

Fonte: DUBY, Georges. *Atlas historique mondial*. Paris: Larousse, 2006. p. 6.

1 PINSKY, Jaime. *As primeiras civilizações*. São Paulo: Atual, 1994. p. 67.

Baixo e Alto Egito

Desde 5000 a.C., o Egito era habitado por povos que viviam em clãs, chamados nomos. Esses povos praticavam a agricultura e dominavam a técnica da cerâmica. Mais tarde, desenvolveram também a metalurgia.

Provavelmente, a necessidade de enfrentar problemas comuns (abrir canais de irrigação, construir diques, organizar a atividade agrícola) levou parte deles a se reunir em aldeias. Esse processo de unificação das aldeias prosseguiu, formando cidades, que também se reuniram e deram origem a dois reinos:

- **Baixo Egito** – situado ao norte, na região mais próxima ao mar Mediterrâneo, onde o rio Nilo forma um grande delta, de terras muito férteis;
- **Alto Egito** – situado ao sul do delta, a partir da cidade de Mênfis, onde as terras férteis constituíam uma estreita faixa ao longo do rio. Nas áreas não atingidas pelas enchentes, o solo era árido.

Unificação dos reinos

Por volta de 3100 a.C., os governantes do Alto Egito conquistaram o Baixo Egito. Os dois reinos passaram a ser comandados por um rei: o faraó.

Segundo a tradição, Menés teria fundado a primeira dinastia de faraós. Os primeiros faraós usavam uma coroa dupla, simbolizando que eram reis do Alto e do Baixo Egito. A unificação tornou o faraó o senhor da grande Casa do Egito.

Período dinástico

No decorrer de mais de 3 mil anos de história registrada (de cerca de 3100 a.C. até 30 a.C.), o Egito alternou períodos de centralização e descentralização do poder político. Atravessou períodos de prosperidade e fases de crise econômica, guerras internas e invasões.

Os egiptólogos costumam dividir a história do Egito Antigo em diversos períodos, chamando os três principais de Antigo Império, Médio Império e Novo Império.

- **Antigo Império (cerca de 2600-2040 a.C.)** – a capital do país era Mênfis; houve forte centralização política com os faraós e a montagem de uma eficiente estrutura administrativa; foram construídas grandes pirâmides, como as dos faraós Quéops, Quéfren e Miquerinos (IV dinastia). Por volta de 2150-2040 a.C., os faraós perderam poder para os governantes das províncias. O final desse período foi marcado por descentralização do poder, distúrbios sociais e instabilidade política.
- **Médio Império (cerca de 2040-1550 a.C.)** – representantes da nobreza de Tebas conseguiram reprimir as revoltas locais dos governantes das províncias; os faraós recuperaram e centralizaram o poder. Esse período caracterizou-se por estabilidade política e prosperidade econômica. Por volta de 1750 a.C., a região norte do país foi invadida pelos hicsos (povo de origem asiática), que estabeleceram capital em Avaris. Os hicsos detinham tecnologia militar superior à dos egípcios: utilizavam o cavalo em carros de combate e armas de bronze. Permaneceram quase dois séculos no Egito.
- **Novo Império (cerca de 1550-1070 a.C.)** – a nobreza de Tebas conseguiu, novamente, restaurar a unidade política do Egito, expulsando os hicsos. Época de apogeu econômico, refinamento artístico e grande expansão militar do Egito. O final desse período foi marcado por uma série de problemas: revoltas, perdas territoriais, más colheitas e fome.

Declínio do Egito

Depois do século XII a.C., o Egito foi sucessivamente invadido por diferentes povos. Historiadores indicam, por exemplo, que em 713 a.C. o Egito foi unido ao Reino de Cuxe (que estudaremos adiante). Por quase um século, os reis cuxitas (os chamados faraós negros) governaram de maneira unificada a Núbia e o Egito. Posteriormente, em 670 a.C., chegaram os assírios, que dominaram o território egípcio por oito anos.

Após se libertarem dos assírios, os egípcios iniciaram uma fase de recuperação econômica e cultural, conhecida como Renascimento Saíta, por ter sido impulsionada pelos soberanos da cidade de Sais.

Contudo, a prosperidade não foi duradoura, e, em 525 a.C., o Egito foi conquistado pelos persas. Quase dois séculos depois, foi a vez dos macedônios, comandados por Alexandre Magno, que chegaram e derrotaram os persas. Finalmente, em 30 a.C., o Egito foi dominado pelos romanos, encerrando a civilização egípcia da maneira como era conhecida até então.

Sociedade

Uma visão dos grupos sociais egípcios

A sociedade egípcia era formada por diferentes estratos sociais (camadas sociais sobrepostas, fixas e de caráter hereditário). Os camponeses e artesãos compunham a maioria da população. Segundo alguns historiadores, havia também um grupo relativamente pequeno de escravos.

O faraó

O faraó era o rei supremo do Egito, considerado basicamente um deus vivo, responsável pela proteção e prosperidade de seu povo. Essa crença na "condição divina do rei" sofreu, no entanto, variações ao longo da história egípcia, ora sendo reforçada, ora enfraquecida.

De modo geral, o faraó detinha autoridade religiosa, administrativa, judicial e militar. Podia ter diversas esposas legítimas e um grande número de concubinas. Possuía a maior parte das terras do Egito e, ajudado por funcionários do governo e sacerdotes, exercia considerável controle sobre as atividades econômicas.

Embora a maioria dos faraós egípcios fosse do sexo masculino, também houve mulheres faraós. Entre essas mulheres podemos citar Cleópatra, que governou o Egito entre 51 a.C. a 30 a.C., e Hatshepsut, que reinou durante o século XV a.C. por aproximadamente duas décadas.

Segundo a cientista social Elisa L. Nascimento:

> São abundantes os exemplos de mulheres soberanas no Egito antigo, tanto na esfera de condução e administração do Estado como na religiosa e espiritual. [...] Havia rainhas, como Tiye, Nefertiti e Nefertari, que reinavam em regime de colaboração com os maridos faraós. Havia sacerdotisas soberanas nos centros primordiais do culto religioso [...] Uma faraó feminina, Hatshepsut, reinou sozinha durante a XVIII dinastia. [...]

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *A matriz africana no mundo*. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 76-77.

Nobres, sacerdotes e escribas

No Egito Antigo, havia uma poderosa elite. Faziam parte dessa elite aqueles que assumiam os cargos hereditários de administradores das províncias e de comandantes militares dos principais postos do exército. Entre a nobreza egípcia distinguia-se o *tjati* (termo geralmente traduzido por "vizir"), chefe da administração e da justiça, uma espécie de primeiro-ministro, encarregado de executar a vontade do faraó. O termo *tjati* significava "pessoa da cortina", isto é, aquele que conhece os segredos do faraó porque foi admitido "do outro lado da cortina do poder" e guarda silêncio, "fechando a cortina".

Havia também os sacerdotes que presidiam as cerimônias religiosas e administravam o patrimônio dos templos, desfrutando da riqueza proveniente das oferendas feitas pelo povo.

Por fim, destacavam-se os escribas. Esses funcionários do governo conheciam a escrita egípcia e tinham diferentes graus de prestígio e poder. Uma de suas funções era visitar as províncias e os campos para cobrar tributos e fiscalizar os serviços de construção de canais, diques, estradas, templos e pirâmides.

ROBERT HARDING/CORBIS/FOTOARENA/MUSEU NACIONAL EGÍPCIO, CAIRO

Detalhe do sarcófago do faraó Tutankamon, feito em madeira e ornamentado em ouro e incrustações. Descoberta em 1922, a câmara funerária que guardava o corpo do faraó até então não havia sido violada.

Investigando

1. Você já ouviu a expressão "faraônico"? Em que contexto?
2. Pesquise os significados dessa palavra e procure relacioná-los à cultura egípcia.

Camponeses

Os camponeses (que também eram chamados felás) realizavam diversos tipos de trabalho.

Na agricultura, os principais produtos cultivados eram o trigo (para fazer pão), a cevada (para fazer cerveja) e o linho (para fazer tecidos). Dedicavam-se à plantação de legumes, verduras, uva (para fazer vinho) e frutas variadas.

Além disso, criavam animais como bois, asnos, carneiros, cabras, porcos, gansos, patos e, posteriormente, cavalos. No entanto, para a maioria da população, a carne era um alimento de luxo, e os mais pobres só a consumiam em ocasiões especiais.

As atividades agropastoris eram complementadas pela pesca (no rio Nilo, nos pântanos e nos canais), bem como pela caça.

Os camponeses viviam em aldeias e eram obrigados a entregar parte da colheita e do rebanho, como tributo, aos moradores do palácio do faraó e aos sacerdotes dos templos.

Nos períodos em que diminuíam os trabalhos no campo (época das cheias), muitas vezes, eles eram convocados para trabalhar compulsoriamente em obras como a construção de palácios, templos e pirâmides, entre outras.

Artesãos

No Egito Antigo, havia artesãos de qualificações diferentes. Aqueles que produziam artigos de luxo trabalhavam, geralmente, nas oficinas urbanas, muitas vezes instaladas nos templos e palácios. Confeccionavam peças de **ourivesaria**, vasos de **alabastro** ou **faiança**, tecidos finos etc. Os artesãos menos qualificados trabalhavam em oficinas rurais, produzindo tecidos rústicos, artigos de couro, vasilhas utilitárias e até alimentos.

Ourivesaria: ofício ou fruto do trabalho do ourives, pessoa que fabrica, conserta ou vende artigos trabalhados em ouro e prata.
Alabastro: pedra clara semelhante ao mármore empregada em trabalhos de escultura.
Faiança: louça de barro ou argila, vidrada ou esmaltada.

Havia, assim, artesãos de ofícios variados: ferreiros, carpinteiros, barqueiros, tecelões, ceramistas, ourives, padeiros etc.

Alguns artesãos se especializavam em trabalhos ligados ao sepultamento dos mortos — eram os embalsamadores e os decoradores de túmulos (pintores, escultores, metalúrgicos).

População escrava

Os escravos formavam um grupo social numericamente pequeno diante do conjunto da população. Esse grupo era constituído, em sua origem, principalmente de prisioneiros de guerra. Trabalhavam em serviços variados: nas casas, nas pedreiras, nas minas, nos campos.

As condições de vida desses escravos variavam de acordo com o tipo de atividade que exerciam. Há indícios de que os escravos domésticos viviam melhor do que, por exemplo, os escravos das minas e das pedreiras.

O escravo egípcio era considerado pessoa, e não "mercadoria" desprovida de personalidade. Ele podia adquirir propriedades, testemunhar em tribunais e casar-se com pessoas livres. Talvez em razão dessas características, alguns egiptólogos considerem que não havia escravidão no Egito Antigo, no sentido clássico do termo.

Cultura

Aspectos da religião, arte e ciência egípcias

A religião era um aspecto muito importante da vida no Egito Antigo. Tanto que teve profunda influência nas atividades culturais desenvolvidas pelos egípcios, sobretudo nas artes. Isso não impediu, porém, que os sábios egípcios desenvolvessem vários conhecimentos científicos.

PHOTO (C) RMN-GRAND PALAIS (MUSÉE DU LOUVRE)/HERVÉ LEWANDOWSKI/ MUSEU DO LOUVRE, PARIS, FRANÇA

Escultura em lápis-lazúli representando a tríade de Osíris. Hórus (o deus-falcão, deus do firmamento), Osíris (deus julgador dos mortos) e Ísis (mulher de Osíris). Produzida em cerca de 664 a.C.

Religião politeísta

Os egípcios eram politeístas, como seus contemporâneos da Mesopotâmia — adoravam diversos deuses, que simbolizavam forças e fenômenos da natureza. Em geral, essas divindades eram representadas com a forma de um animal ou mesclando a forma animal com a humana. Cada cidade costumava ter um deus principal, para o qual se erguia um templo.

No Antigo Império, o deus Amon-Rá (deus-Sol) era cultuado em todo o Egito. Entre a população era grande a devoção por divindades como Osíris (deus da vegetação, das forças da natureza e dos mortos), Ísis (esposa e irmã de Osíris) e Hórus (deus do céu e filho de Ísis e Osíris).

Para os antigos egípcios, crer nos deuses significava cultuá-los, isto é, prestar-lhes homenagens, oferecer-lhes tributos. Foi por isso que se ergueram templos, considerados "a casa dos deuses", onde os sacerdotes encarregavam-se do serviço religioso. Acreditando que os deuses tinham os mesmos desejos humanos, os egípcios também lhes ofereciam bebidas, comidas e festas.

A crença na condição divina do faraó, conforme já visto, desdobrava-se em outras crenças, entre elas a de que o faraó tinha poder para controlar as forças da natureza em proveito de seu povo. O faraó teria, por exemplo, poder para provocar as cheias periódicas do Nilo, que asseguravam boas colheitas.

Relação com a morte

Os egípcios acreditavam na vida após a morte no reino de Osíris. Imaginavam que os mortos seriam julgados por esse deus e poderiam retornar ao mundo dos vivos se fossem absolvidos. Para isso, seus corpos precisariam ser conservados. Desenvolveram, então, a técnica da mumificação. Havia diferentes tipos de mumificação: desde os mais simples e baratos até os mais caros e luxuosos.

Diferentemente das crenças mesopotâmicas, a religião egípcia era mais otimista em relação à morte, encarada como uma forma de libertação.

SHEILA TERRY/SPL/LATINSTOCK/MUSEU BRITÂNICO, LONDRES

Detalhe de pintura em papiro (cerca de 1250 a.C.) do *Livro dos Mortos*. Osíris, sentado, julga um nobre morto. À esquerda, Hórus, o deus-falcão.

Interpretar fonte — Visão da morte

Leia, a seguir, o texto egípcio *Diálogo do homem com sua alma*, de autoria desconhecida.

A morte está hoje diante de mim como a cura depois de uma doença,
Como a liberdade depois da prisão. [...]
A morte está hoje diante de mim como a fragrância do lótus,
Como estar sentado nas praias da embriaguez.
A morte está hoje diante de mim como o momento em que cessam as intempéries, como o momento em que se volta para casa depois de uma expedição,
A morte está hoje diante de mim como um clarão no céu,
Como a descoberta daquilo que se ignorava.
A morte está hoje diante de mim como o momento em que um homem deseja rever seu lar depois de ter passado anos no cativeiro.

In: JACQ, Christian. *A sabedoria viva do Antigo Egito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 149-151.

- Interprete a concepção de morte expressa no documento. No seu entendimento, há algo dessa concepção em religiões contemporâneas?

S. VANNINI/DEA/THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL

Produção artística

Considerável parcela da produção artística do Egito Antigo foi influenciada pela religião. Isso é observado especialmente na arquitetura. O culto aos deuses levou à construção de belos templos (como Luxor e Karnac), e a crença na vida após a morte ocasionou a construção de grandes túmulos. Entre estes, os mais imponentes foram as pirâmides, cuja construção mobilizou mão de obra numerosa, e que serviam de sepultura para os faraós e membros de sua família.

Na região de Gizé estão as pirâmides dos faraós Quéops, Quéfren e Miquerinos, consideradas exemplos de beleza e solidez. Os mortos de origem social mais modesta eram enterrados em sepulturas mais simples, ou nas próprias areias do deserto.

Nas artes plásticas, como escultura e pintura, além dos temas religiosos retratando divindades, havia também muitas representações do cotidiano, como cenas de colheita, pesca, pastoreio, navegação, prática de artesanato etc.

Na pintura, as figuras humanas muitas vezes eram representadas em postura hierática, isto é, em posição rígida e respeitosa, geralmente com a cabeça e as pernas de perfil e o tronco de frente. Pintura mural do Vale das Rainhas, em Luxor, produzida aproximadamente em 1200 a.C.

Escrita egípcia

Assim como os sumérios, os egípcios desenvolveram um dos primeiros sistemas de escrita. Criaram sinais figurativos (pictogramas) para representar coisas e objetos, e sinais que sugeriam ideias (ideogramas). Posteriormente, criaram sinais (letras) que representavam sons (fonogramas).

A escrita egípcia começou a ser decifrada somente no século XIX. Em 1799, soldados franceses que invadiram o Egito, comandados por Napoleão Bonaparte, encontraram perto da cidade de Roseta um pedaço de pedra negra, que ficou conhecido como Pedra de Roseta. Nela, havia três tipos de inscrições: em grego, em escrita egípcia sagrada (hieróglifo) e em escrita egípcia simplificada e mais popular (demótico).

Comparando o texto em grego, uma língua conhecida, com as versões da escrita egípcia, o orientalista francês Jean-François Champollion conseguiu decifrar os hieróglifos em 1822. Abriu-se, então, uma enorme porta para o conhecimento da história do Egito Antigo.

JOHNNY ARMSTEAD/ALAMY/FOTOARENA

Mulher observa a Pedra de Roseta, exposta no Museu Britânico, em Londres. Fotografia de 2014.

Ciência aplicada

Os egípcios desenvolveram um tipo de saber voltado principalmente para a resolução de problemas práticos e concretos. Esses conhecimentos foram absorvidos e reelaborados por outros povos, como os gregos e os romanos. Vejamos, a seguir, alguns exemplos.

- **Química** – a manipulação de substâncias químicas alcançou grande desenvolvimento no Egito e deu origem à fabricação de diversos remédios e composições. A própria palavra química vem do egípcio *kemi*, que significa "terra negra".
- **Matemática** – as transações comerciais e a administração dos bens públicos exigiam a padronização de pesos e medidas, mediante um sistema de notação numérica e de contagem. Desenvolveu-se, assim, a matemática, incluindo a álgebra e a geometria, úteis também no cálculo necessário à construção de grandes obras arquitetônicas, como templos e pirâmides.
- **Astronomia** – para a navegação pelo Mediterrâneo e as atividades agrícolas, os egípcios orientavam-se pelas estrelas. Fizeram, então, mapas do céu, enumerando e agrupando as estrelas em constelações.
- **Medicina** – a prática da mumificação contribuiu para o estudo do corpo humano. Alguns médicos acabaram se especializando em diferentes partes do corpo, como olhos, cabeça, dentes, ventre.

Reino de Cuxe

Uma civilização ao sul do rio Nilo

O Reino de Cuxe desenvolveu-se por volta dos séculos VIII a.C. e VI a.C., na região que ficou conhecida como Núbia. Para os antigos egípcios, *núbia* referia-se à terra do ouro (*nub* = ouro). Atualmente, grande parte dessa região localiza-se no Sudão.

O Reino de Cuxe tinha como capital, inicialmente, a cidade de Kerma. Depois, a sede do governo deslocou-se para Napata e, posteriormente, para Meroé.

Ao longo da história, as relações entre o Reino de Cuxe e o Egito foram marcadas por instabilidades, alternando-se períodos de paz e cooperação e de guerras e turbulências. Em certas fases, o povo cuxita esteve submetido aos faraós egípcios. Em outros momentos, os cuxitas, por meio de seus faraós negros, dominaram o Egito. Eles representaram a 25ª dinastia no Egito Antigo. Entre os faraós negros, podemos destacar Cáchita, Pianki, Xabaca e Taharqa.

No século VII a. C., quando os assírios invadiram o Egito, terminou também o período de dominação cuxita na região. Estudos indicam que, posteriormente, quando os egípcios recuperaram sua autonomia, provavelmente atacaram a cidade de Napata, então capital do Reino de Cuxe. Com isso, forçaram o deslocamento da sede de Cuxe para a cidade de Meroé, situada mais ao sul de Napata.

Com o término do domínio cuxita sobre o Egito, supõe-se que os egípcios destruíram os vestígios desse período. Pesquisas arqueológicas encontraram muitas estátuas de faraós negros destruídas naquela época.

O declínio de Cuxe é assunto controverso. Historiadores consideram que o reino foi invadido pela civilização de Axum no ano de 350.

CULTURE-IMAGES/OTHER IMAGES/MUSEU DE BELAS ARTES DE BOSTON, EUA

Vaso meroíta produzido na Núbia entre os séculos VI e V a.C. Esses vasos geralmente continham cenas da flora, fauna ou do cotidiano social.

Região da Núbia na Antiguidade

SIDNEI MOURA

Fonte: KINDER, Hermann; HILGEMAN, Werner. *Atlas histórico mundial*: de los orígenes a la Revolución Francesa. Madrid: Istmo, 1982. p. 22; <https://oi.uchicago.edu/museum-exhibits/history-ancient-nubiaOLD>. (Acesso em: 25 set. 2015.)

Interpretar fonte — Esfinge de Taharqa

WORLD HISTORY ARCHIVE/ALAMY/FOTOARENA/ MUSEU BRITÂNICO, LONDRES

Taharqa foi um importante faraó negro da 25ª dinastia, período em que o Reino de Cuxe dominou o Egito. Para manter a estabilidade de seu governo, ele estimulou a fusão das culturas egípcia e cuxita.

Um exemplo disso é a esfinge de Taharqa. Produzida em granito, representa o faraó cuxita com a forma de uma esfinge egípcia. Por reunir elementos das duas culturas, tornou-se um dos símbolos da força política de Taharqa.

- Identifique semelhanças e diferenças entre a esfinge de Taharqa e a de Gizé (mostrada na página 66).

Aspectos sociais

Houve trocas culturais expressivas decorrentes dos contatos interafricanos entre egípcios e cuxitas. Esse intercâmbio manifestou-se no artesanato, na escultura, na arquitetura, na religião, nas técnicas militares e na escrita.

Em termos de produção agrícola, os cuxitas cultivavam cevada, sorgo, trigo, linho etc. Dedicavam-se também à pesca e à criação de animais como bois, ovelhas e carneiros. Nas cidades, destacava-se o comércio de ouro, marfim e peles de animais.

Pesquisas arqueológicas continuam revelando o acervo cultural das cidades cuxitas. Além de centros administrativos e religiosos, essas cidades eram lugares onde se desenvolvia uma série de atividades econômicas, como a fundição do ferro, a ourivesaria, a fabricação de móveis e utensílios agrícolas, a produção de armas e de instrumentos musicais como tambores, harpas e flautas.[2]

Mulheres na Núbia

Algumas mulheres desempenharam importantes papéis no Reino de Cuxe. As chamadas rainhas-mães, por exemplo, ocupavam-se da administração civil, do comércio, dos exércitos, da religião e estabeleciam relações diplomáticas com os reinos vizinhos, como abordado no texto da cientista social Elisa L. Nascimento:

> A tradição das rainhas-mães africanas estabeleceu-se em Núbia, no atual Sudão, com a linhagem das *kentakes*, ou *candaces* [...]. Como observa o historiador John Henrik Clarke [...], essas rainhas exerciam o poder por direito próprio, e não na qualidade de esposas, ou seja, assumiam todas as responsabilidades de administração civil e militar. [...]
>
> Cabe aqui uma advertência: de nenhuma forma estamos afirmando que na África não existiam o patriarcado, o machismo e a opressão da mulher. Estamos tratando de um legado histórico que integra a tradição africana.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *A matriz africana no mundo*. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 78-80.

DEA/GLOW IMAGES/MUSEU EGÍPCIO, CAIRO

Mesa de oferendas decorada com a escrita meroítica, adapatada da escrita egípcia e desenvolvida pelos cuxitas.

2 COSTA E SILVA, Alberto da. *A enxada e a lança*. p.122-166.

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. Leia o texto a seguir, que trata da alimentação no Egito Antigo.

> Os camponeses alimentam-se de pão, cerveja e legumes. Às vezes, peixe e fruta podem entrar no seu cardápio. Com uma alimentação simples como essa, os camponeses e demais homens do povo mantêm-se muito magros. Aqueles que comem muito, que engordam, pertencem à classe dos ricos: nobres, sacerdotes, escribas. Só estes têm uma barriga saliente. Ter esse tipo de barriga era considerado elegante. O camponês que observa passar um barrigudo inveja-o, pois ele certamente tem uma vida agradável e próspera.

KOENIG, Viviane. *Às margens do Nilo, os egípcios*. São Paulo: Augustus, 1990. p. 16-19.

Segundo o texto, para os antigos egípcios, ter barriga saliente era sinal de riqueza e era considerado elegante. Agora, em grupos, comparem o padrão de beleza e elegância apresentado no texto com os vigentes atualmente e respondam:

a) As concepções de beleza inserem-se em um contexto histórico ou existem a beleza e a feiura universais? Justifiquem a resposta.

b) Quais são os padrões de beleza enfatizados pelos meios de comunicação contemporâneos? Pesquisem e tragam exemplos para a sala de aula.

c) Como vocês se colocam diante desses padrões?

2. A escrita do Egito Antigo permaneceu indecifrada por cerca de 2 mil anos. Nesse período, os egípcios foram sucessivamente conquistados por povos estrangeiros, que impuseram sua cultura e sua língua. Com isso, muitas práticas culturais egípcias, como a escrita, entraram em desuso e foram esquecidas. Foi apenas no século XIX que pesquisadores conseguiram desvendar a escrita egípcia. Sobre esse assunto, responda:

a) Que artefato foi importante para a decifração da escrita egípcia? Que característica desse artefato ajudou o trabalho dos pesquisadores?

b) O que a decifração da escrita egípcia possibilitou?

c) Em sua opinião, que conhecimento disponível atualmente deveria ser lembrado pelas futuras gerações? Por quê? Que recursos você utilizaria para preservar esse conhecimento?

3. No Reino de Cuxe existiam várias cidades e vilarejos. O texto a seguir, do historiador Alberto da Costa e Silva, descreve como seria um desses vilarejos.

> Nesses vilarejos, havia casas maiores e menores; mais bem construídas e mais toscas; algumas separadas de suas vizinhas, a revelarem diferenças sociais e de riqueza, que em parte corresponderiam a distintos papéis econômicos. Entre os altos funcionários do rei, que pertenciam à nobreza, e o felá, havia toda uma gama de situações intermediárias: o grande, o médio, o pequeno comerciante, o sacerdote, o agricultor independente, o soldado, [...] o transportador de mercadorias em barcos, cáfilas ou tropas de burros, [...] o artesão [...].
>
> Os bem instalados na vida calçavam e se vestiam de linho importado do Egito ou de panos de algodão tecidos localmente, panos em geral de cor branca, com bordados azuis ou verdes. Os demais andavam descalços e pouco mais cobriam de couro que suas vergonhas. Todos se adornavam com colares, pulseiras, braçadeiras, tornozeleiras. [...] Os nobres e os ricos enjoiavam-se de ouro e pedrarias.

COSTA E SILVA, Alberto da. Op. cit. p. 158.

a) Segundo o pensador francês Jean Jacques Rousseau (1712-1778), é possível observar entre os seres humanos pelo menos dois tipos de desigualdade. A primeira seria aquela estabelecida pela natureza ou de ordem física. A segunda seria de ordem política ou cultural. Qual seria a desigualdade exposta no texto acima? Justifique.

b) De acordo com o texto, que tipos de objeto eram utilizados para representar diferenças sociais?

c) Observando o cotidiano das pessoas com as quais você convive, como as desigualdades sociais se manifestam?

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Geografia e Biologia.

4. Com um sistema de diques e canais, os egípcios controlaram, em grande medida, as águas do rio Nilo.

a) Em sua opinião, deve haver algum limite na intervenção do ser humano no meio ambiente para construir suas sociedades? Justifique sua resposta.

b) De que maneira as sociedades contemporâneas têm se excedido no controle da natureza?

c) Dê um exemplo de intervenção humana na natureza que, por não ter sido manejada com senso de responsabilidade social, gerou alguma tragédia.

De olho na universidade

5. (Enem-2008) Ao visitar o Egito do seu tempo, o historiador grego Heródoto (484-420/30 a.C.) interessou-se por fenômenos que lhe pareceram incomuns, como as cheias regulares do rio Nilo. A propósito do assunto, escreveu o seguinte:

> Eu queria saber por que o Nilo sobe no começo do verão e subindo continua durante cem dias; por que ele se retrai e a sua corrente baixa, assim que termina esse número de dias, sendo que permanece baixo o inverno inteiro, até um novo verão. Alguns gregos apresentam explicações para os fenômenos do rio Nilo. Eles afirmam que os ventos do noroeste provocam a subida do rio, ao impedir que suas águas corram para o mar. Não obstante, com certa frequência, esses ventos deixam de soprar, sem que o rio pare de subir da forma habitual. Além disso, se os ventos do noroeste produzissem esse efeito, os outros rios que correm na direção contrária aos ventos deveriam apresentar os mesmos efeitos que o Nilo, mesmo porque eles todos são pequenos, de menor corrente.

HERÓDOTO. *História*. Livro II, 19-23. 2. ed. Chicago: Encyclopaedia Britannica Inc., 1990. p. 52-53 (adaptado pela instituição).

Nessa passagem, Heródoto critica a explicação de alguns gregos para os fenômenos do rio Nilo. De acordo com o texto, julgue as afirmativas abaixo.

I. Para alguns gregos, as cheias do Nilo devem-se ao fato de que suas águas são impedidas de correr para o mar pela força dos ventos do noroeste.

II. O argumento embasado na influência dos ventos do noroeste nas cheias do Nilo sustenta-se no fato de que, quando os ventos param, o rio Nilo não sobe.

III. A explicação de alguns gregos para as cheias do Nilo baseava-se no fato de que fenômeno igual ocorria com rios de menor porte que seguiam na mesma direção dos ventos.

É correto apenas o que se afirma em:

a) I.

b) II.

c) I e II.

d) I e III.

e) II e III.

6. (Ufscar) Observe as imagens de atividades e de objetos produzidos pelos antigos egípcios, entre 2000 e 1000 a.C.

ALFREDO DAGLI ORTI/THE ART ARCHIVE/CORBIS/FOTOARENA/SACARA, EGITO

ERICH LESSING/ALBUM/LATINSTOCK/MUSEU DO LOUVRE, FRANÇA

a) Que atividades de trabalho desses povos podem ser identificadas nas imagens e objetos retratados?

b) Identifique e analise duas mudanças e duas permanências entre as atividades e técnicas do antigo Egito e as praticadas no Brasil contemporâneo.

CAPÍTULO

6

Hebreus, fenícios e persas

A cultura dos hebreus, dos fenícios e dos persas desperta o interesse de diversos pesquisadores. Os hebreus, por exemplo, desenvolveram o judaísmo, uma religião que tinha como um de seus fundamentos a existência de um Deus único. Os fenícios foram hábeis marinheiros e contribuíram para a criação do alfabeto. Já os persas construíram um dos maiores impérios do Mundo Antigo.
Como o legado de cada um desses povos se apresenta na atualidade?

THE ART ARCHIVE/GIANNI DAGLI ORTI/AFP/ MUSEU DO LOUVRE, PARIS, FRANÇA

Baixo-relevo de cerca de 522-486 a.C. representando os arqueiros de Dario I, em Susa. Os arqueiros persas foram decisivos na expansão do Império Persa. Durante muito tempo na Antiguidade, o arco e a flecha foram as armas mais poderosas, e os povos do Oriente eram habilidosos com esses instrumentos.

Treinando o olhar

- Observe a imagem e compare os elementos desta representação com os das pinturas egípcias. Em seguida, destaque diferenças e semelhanças entre eles.

Hebreus

O legado cultural monoteísta

Migração, perseguição, lutas e cativeiro fazem parte da história do povo hebreu. Mesmo sem construir um império territorial e vivendo dispersos pelo mundo, os hebreus conseguiram preservar sua tradição cultural e transmitiram uma herança a outros povos: o monoteísmo, isto é, a crença em um Deus único.

Para conhecer alguns aspectos da cultura desse povo **semita**, os pesquisadores utilizaram fontes variadas, como vestígios arqueológicos e textos da *Bíblia* que, para os cristãos, correspondem aos textos do **Antigo Testamento**.

Uma particularidade em relação à *Bíblia* é que esse livro combina narrativas históricas com mensagens éticas e religiosas, e muitas de suas passagens ainda não encontraram confirmação nas pesquisas arqueológicas, gerando questionamentos sobre a historicidade de alguns de seus trechos. Mesmo assim, os textos bíblicos constituem material de trabalho do historiador e uma rica fonte de informação sobre os costumes, crenças e amplos aspectos da cultura do povo hebreu.

Semita: pertencente ao grupo étnico e linguístico que compreende hebreus e árabes, entre outros. Segundo o livro do Gênesis, esses povos seriam linhagens distintas de um mesmo ascendente, de nome Sem, filho de Noé; daí a palavra semita. Costuma-se usar a palavra mais frequentemente para se referir aos judeus.
Antigo Testamento: parte da *Bíblia* escrita antes do nascimento de Jesus Cristo.
Cristianismo: conjunto das religiões cristãs, isto é, baseadas nos ensinamentos, na pessoa e na vida de Jesus Cristo.
Islamismo: religião fundada por Maomé na primeira metade do século VII d.C., que tem Alá (designação de Deus para os muçulmanos), como Deus único.

Judaísmo

A religião é uma das bases da cultura hebraica. Enquanto os povos da Antiguidade eram politeístas, os hebreus cultuavam apenas um deus (Iavé), ou seja, eram monoteístas.

Com base na crença no Deus único e supremo (criador do Universo, onipotente e onisciente), os hebreus constituíram o judaísmo, cujos princípios fundamentais fazem parte do **cristianismo** e do **islamismo**. Assim, mais da metade da humanidade (entre os quais 31% cristãos e 23% muçulmanos, aproximadamente) convive hoje com esse legado ético e cultural dos hebreus.

Os judeus acreditam na vinda de um Messias, enviado por Deus para conduzir os seres humanos à salvação eterna. Para os cristãos, esse Messias foi Jesus Cristo, a quem os judeus não aceitam como tal.

As principais formas de expressão literária dos hebreus encontram-se nos livros bíblicos do Antigo Testamento, que eles chamam *Torá*. O estilo e as imagens poéticas dessas obras inspiraram grande parte da produção artística do Ocidente.

NELSON ANTOINE/FOTOARENA

O quipá é um solidéu (pequena boina) usado, geralmente, por judeus do sexo masculino. Seu significado está associado ao reconhecimento da superioridade de Deus. Na fotografia de 2012, jovem aparece usando quipá na cidade de São Paulo.

RAFAEL BEN-ARI/ALAMY/FOTOARENA

O mezuzá é um pergaminho com palavras da *Torá*. Os judeus costumam guardar esse pergaminho em um estojo e fixá-lo na porta de suas casas ou estabelecimentos. O mezuzá está associado à ideia de proteção. Na fotografia de 2010, mezuzá em Israel.

História política

A história política dos hebreus antigos pode ser dividida em três grandes períodos: governo dos patriarcas, governo dos juízes e governo dos reis.

Governo dos patriarcas

Segundo a tradição, o povo hebreu tem sua origem no clã do patriarca Abraão, que nasceu em Ur, no sul da Mesopotâmia, por volta do século XX a.C. Na época, a principal atividade econômica desse povo era a criação de gado.

Abraão migrou para Canaã, a noroeste da Mesopotâmia, e seus descendentes ali viveram até a terceira geração. Quando uma grande seca gerou escassez de alimentos, Israel (neto de Abraão) e seus descendentes partiram rumo ao Egito, onde permaneceram por aproximadamente 400 anos. Em grande parte desse período, os hebreus estiveram sob o domínio dos faraós.

No século XIII a.C., conduzidos por Moisés, os hebreus saíram do Egito e voltaram para Canaã (posteriormente chamada Palestina). Esse episódio ficou conhecido como Êxodo. De acordo com a tradição religiosa hebraica, na travessia do deserto do Sinai, Moisés recebeu de Deus (Iavé) as tábuas dos Dez Mandamentos, firmando-se assim uma "aliança" entre o Deus único e supremo e os hebreus. Essa crença religiosa serviu para unificar ainda mais o povo hebreu.

Governo dos juízes

Em Canaã, os hebreus lutaram contra outros povos, como cananeus e filisteus. Essas lutas duraram quase dois séculos. Nesse período, os hebreus foram governados por chefes políticos, militares e religiosos chamados juízes.

Embora os juízes adotassem uma postura enérgica em relação ao cumprimento dos costumes religiosos, eles não criaram uma estrutura administrativa regular.

Ao longo de sua história, muitos hebreus passaram a trabalhar no comércio para garantir seu sustento. Essa atividade econômica teve rápido desenvolvimento entre eles.

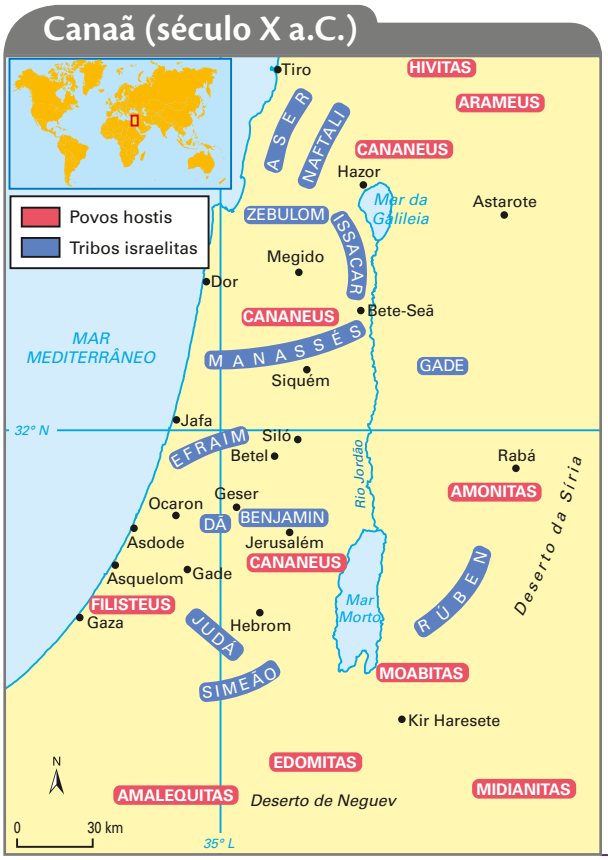
Interpretar fonte **Arte e religião**

O personagem bíblico Moisés inspirou a criação de inúmeras obras de arte. Observe, ao lado, uma de suas representações mais conhecidas.

- Considerando o tempo que separa Moisés e Michelangelo (artista que viveu entre 1475 e 1564), de onde você imagina que o artista tenha coletado elementos para compor sua escultura de Moisés?

ARALDO DE LUCA/CORBIS/FOTOARENA

Moisés, escultura de Michelangelo datada de 1515. A obra encontra-se na Basílica de San Pietro in Vincoli, Roma, Itália.



Fonte: BARNA VI, Eli (Coord.). *A historical atlas of the Jewish people*. Nova York: Schocken Books, 1992. p. 10.

Observar o mapa

1. Identifique no mapa:
   a) os principais acidentes geográficos;
   b) as principais cidades.
2. Observe a região em um atlas atual e identifique:
   a) os países atuais que ocupam a região de Canaã;
   b) os países atuais que são banhados pelo mar Morto.

Governo dos reis

Durante as lutas contra povos que habitavam a região de Canaã, os hebreus centralizaram o poder em uma monarquia, organizaram suas forças e enfrentaram seus adversários.

O primeiro rei hebreu foi Saul (cerca de 1050-1010 a.C.), sucedido por Davi (1010-970 a.C.), que liderou a vitória definitiva contra os filisteus. Com a reconquista do território, Jerusalém tornou-se a capital política e religiosa dos hebreus.

O terceiro rei foi Salomão, filho de Davi. Em seu governo (970-930 a.C.), Salomão concluiu a organização da monarquia e investiu em importantes obras na cidade de Jerusalém: construiu ruas, palácios e o Templo de Jerusalém, dedicado ao culto ao Deus único.

Após a morte de Salomão, a população se revoltou contra os elevados tributos que sustentavam a corte. Nesse contexto, ocorreu uma divisão social. Constituíram-se, então, dois reinos:

- **Reino de Israel (ao norte)** – com capital em Samaria. Em 722 a.C., foi conquistado pelos assírios;
- **Reino de Judá (ao sul)** – com capital em Jerusalém. Em 587 a.C., foi conquistado pelos neobabilônios.

Os neobabilônios destruíram o Templo de Jerusalém e aprisionaram os hebreus, levando-os para a Babilônia. O cativeiro durou até 538 a.C., quando os persas conquistaram a Babilônia e permitiram que os hebreus voltassem para sua terra, que foi incorporada como província ao Império Persa. Reconstruiu-se, então, o Templo de Jerusalém.

Embora livres do cativeiro, os hebreus perderam sua autonomia política. A região que habitavam tornou-se província, sucessivamente, dos impérios persa, macedônio e romano. Houve ainda tentativas de luta do povo hebreu contra o domínio romano, mas, em 70 d.C., o exército invasor reagiu fortemente, sufocando a rebelião e destruindo o segundo Templo de Jerusalém.

A partir daí, os hebreus dispersaram-se pelo mundo. É a chamada diáspora hebraica. Espalhados em pequenas comunidades, preservaram elementos básicos de sua cultura (língua e religião) e alguns objetivos comuns, como o retorno a sua terra. Assim, mantiveram-se como nação, embora não constituíssem um Estado.

WERNER FORMAN/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES

Detalhe do Arco de Tito, construído em Roma, em 81 d.C. O entalhe representa o exército romano saqueando e destruindo objetos do Templo de Jerusalém durante a conquista da cidade, em 70 d.C.

A criação do Estado de Israel

Foi apenas em 1948, com o apoio da Organização das Nações Unidas (ONU), que nasceu o Estado de Israel como o conhecemos hoje em dia. Desde então, milhares de judeus (como os hebreus ficaram conhecidos) de todas as partes do mundo têm migrado para lá.

A criação do Estado de Israel, no entanto, foi precedida e acompanhada de lutas para a expulsão do povo palestino, que habitava a região. Desde então, foram os palestinos que passaram a lutar pelo retorno às suas terras e pela criação de um Estado independente.

Fenícios

Vivência marítima e comercial

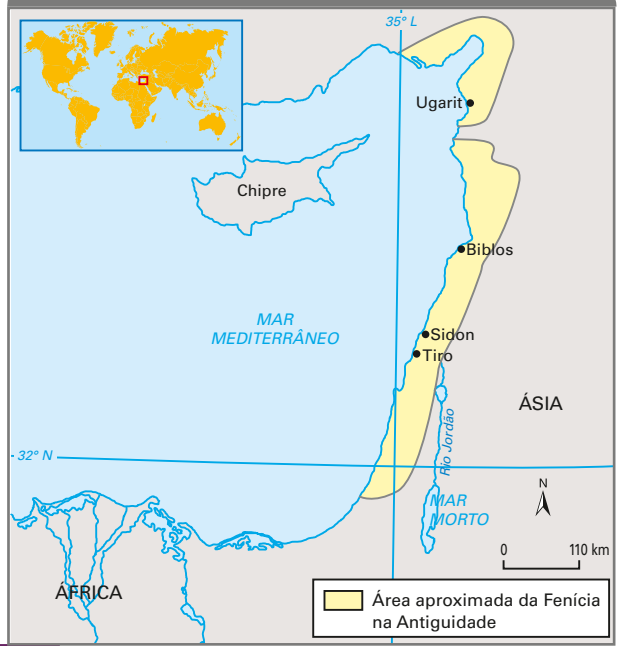
Os fenícios eram um povo de origem semita – assim como os hebreus – que habitava a estreita planície entre o mar Mediterrâneo e as montanhas do Líbano desde o III milênio a.C.

Segundo historiadores, foi a partir do século XV a.C. que se desenvolveram as primeiras sociedades fenícias marítimo-mercantis. Os fenícios estabeleceram intensas relações comerciais com os povos vizinhos e tornaram-se os maiores navegadores do Mundo Antigo. Observe a área aproximada do antigo território da Fenícia no mapa ao lado.

Observar o mapa

- A maior parte da antiga Fenícia corresponde a qual país da atualidade? Pesquise a bandeira desse país e relacione o símbolo central dela com as atividades marítimas fenícias.

Fenícia (século VII a.C.)



SELMA CAPARROZ

Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de et al. *Atlas histórico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: MEC/Fename, 1986. p. 77.

Cidade e sociedade

A Fenícia era formada por cidades autônomas (cidades-Estado), isto é, cidades que tinham governo próprio, independente das demais, comandado geralmente por um rei que governava com o apoio dos grupos sociais poderosos, entre os quais se destacavam os sacerdotes e os comerciantes. Na maioria das cidades fenícias (com destaque para Biblos, Sidon, Tiro e Ugarit), a sociedade era composta de comerciantes marítimos, donos de oficinas de artesanato, negociantes de escravos, funcionários do governo, sacerdotes, pequenos proprietários, trabalhadores livres (artesãos, pescadores, camponeses, marinheiros), escravos domésticos e marinheiros pobres.

Eram frequentes as disputas político-econômicas pelos mercados entre os comerciantes fenícios, mas nenhuma cidade era suficientemente poderosa para impor seu domínio às demais. Entretanto, de tempos em tempos, uma cidade destacava-se no plano econômico e político. Foi o caso, por exemplo, da cidade de Tiro, de 1000 a.C. a 774 a.C., quando então a região da Fenícia passou a ser dominada por diversos povos. Primeiro, foram os assírios; depois, os neobabilônios e os persas. Por fim, em 332 a.C., foi conquistada pelos macedônios.

Navegação e comércio

O comércio marítimo era, como vimos, a principal atividade econômica dos fenícios. Assim, eles exportavam armas de bronze e de ferro, joias de ouro e de prata, estátuas religiosas, vidros coloridos, tinturas para tecidos, entre outros produtos. E importavam marfim, metais, perfumes, pedras preciosas, cavalos, cereais etc.

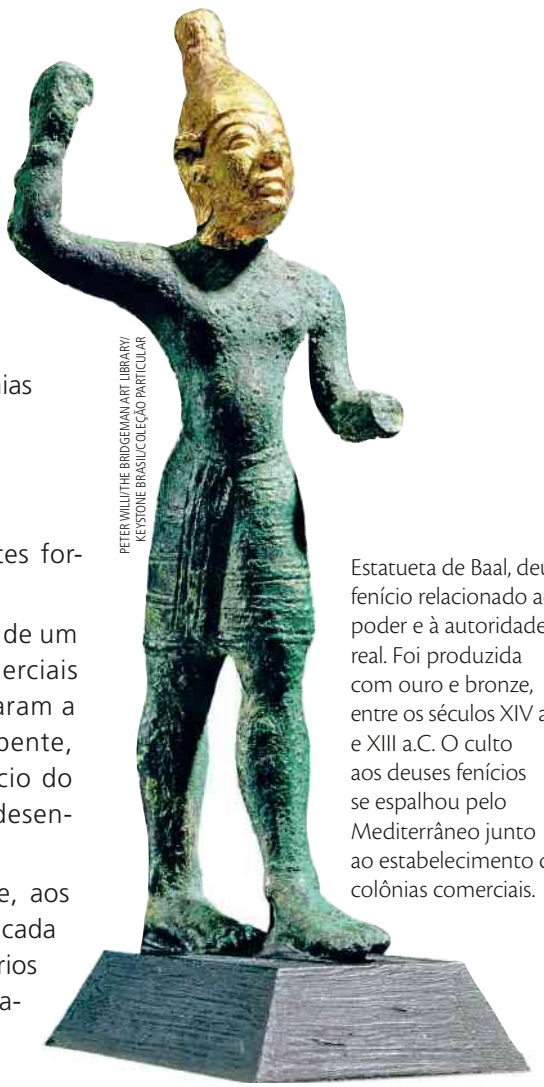
Os fenícios fundaram diversas colônias, em lugares como Chipre, Sicília, Sardenha, sul da Espanha e norte da África, onde se destacou a colônia de Cartago. Essas colônias serviam de entreposto comercial.

Alfabeto fenício

Os fenícios desenvolveram uma das mais importantes formas de registro da comunicação humana: o alfabeto.

Com a expansão do comércio, passaram a necessitar de um meio mais prático que os auxiliasse nas transações comerciais com outros povos. Assim, criaram, adaptaram e divulgaram a escrita alfabética. O alfabeto, porém, não surgiu de repente, como uma invenção abrupta dos fenícios. Desde o início do II milênio a.C., houve na região algumas tentativas de desenvolver sistemas alfabéticos.

O alfabeto fenício permitiu que a escrita se tornasse, aos poucos, um meio de comunicação acessível a um grupo cada vez maior de pessoas: sacerdotes, estudiosos, funcionários etc. Composto de 22 sinais, foi posteriormente aperfeiçoado pelos gregos. Do alfabeto fenício surgiram os alfabetos grego, latino, árabe, hebreu e indiano.



PETER WILLI/THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/COLEÇÃO PARTICULAR

Estatueta de Baal, deus fenício relacionado ao poder e à autoridade real. Foi produzida com ouro e bronze, entre os séculos XIV a.C. e XIII a.C. O culto aos deuses fenícios se espalhou pelo Mediterrâneo junto ao estabelecimento de colônias comerciais.

Persas

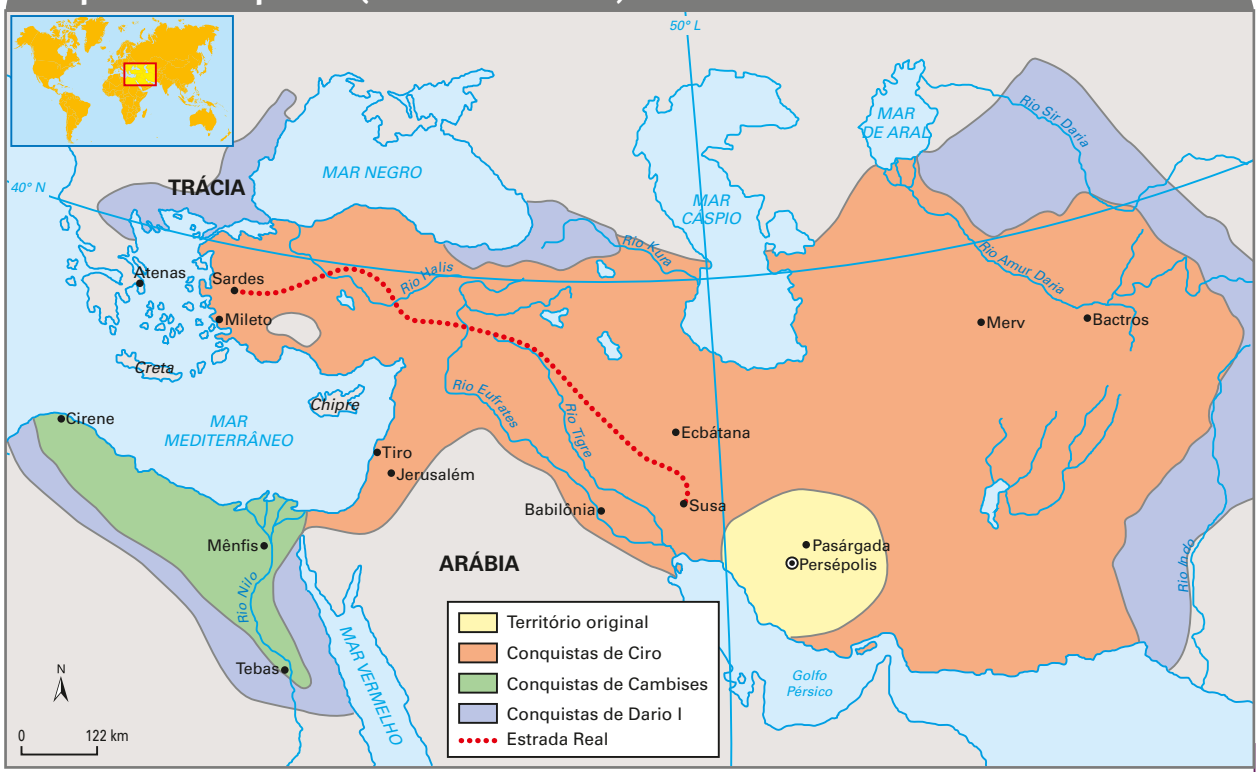
Um grande império no Oriente

Por volta de 1500 a.C., povos indo-europeus invadiram e conquistaram o planalto do Irã, situado a sudeste da Mesopotâmia. Entre eles, destacaram-se os medos e os persas.

Ao final do século VII a.C., os medos já tinham um Estado organizado e dominavam os persas. Por volta de 550 a.C., comandados por Ciro, os persas venceram a dominação dos medos e promoveram a unificação dos dois povos, formando um império.

Por meio de conquistas militares, Ciro e seus sucessores (Cambises e Dario I) expandiram os domínios do Império Persa, que chegou a atingir uma extensão de cerca de 5 milhões de km². Em 490 a.C., no entanto, ao tentar conquistar Atenas, Dario I foi derrotado na Batalha de Maratona, que marcou o fim da expansão persa. Nova tentativa foi empreendida por Xerxes, sucessor de Dario I, que também fracassou. O Império Persa começou a enfraquecer e, em 330 a.C., foi conquistado pelos macedônios.

Expansão dos persas (séculos VI-V a.C.)



SIDNEI MOURA

Fonte: KINDER, Hermann; HILGEMAN, Werner. *Atlas histórico mundial*: de los orígenes a la Revolución Francesa. Madrid: Ediciones Istmo, 1982. p. 44.

Observar o mapa

- Considere o mapa e responda:
  - **a)** Que país atual ocupa a região que correspondia à Pérsia original, antes da formação do Império Persa?
  - **b)** Quais são as principais cidades do território originalmente ocupado pelos medos e persas?
  - **c)** Que povos dominados pelos persas você pode identificar ao observar as áreas conquistadas? Para responder, consulte também os mapas dos capítulos anteriores.
  - **d)** Que funções pode ter tido a Estrada Real, que ligava Susa a Sardes?

Administração do império

Durante o reinado de Dario I (521-485 a.C.), o Império Persa atingiu sua extensão máxima: do vale do rio Indo até o Egito e o Mediterrâneo oriental.

Para cuidar dos territórios conquistados, desenvolveu-se uma complexa organização administrativa.

O império foi dividido em províncias, chamadas satrapias, e cada uma passou a ser governada por um administrador, denominado sátrapa.

Prevenindo-se contra o excesso de autoridade dos sátrapas, Dario I criou um sistema de vigilância e controle designando um general de sua confiança como chefe do exército de cada satrapia. Além disso, periodicamente enviava altos funcionários a todas as províncias para fiscalizar os sátrapas.

Buscando manter a unidade dos territórios conquistados, habitados por diferentes povos, os persas aperfeiçoaram os transportes e as comunicações. Construíram grandes estradas para ligar as principais cidades do império, destacando-se a Estrada Real, entre Susa e Sardes, com cerca de 2600 km de extensão.

Investigando

- Os meios de comunicação e transporte da sua cidade são eficientes? Debata o assunto com seus colegas.

Interpretar fonte — Estradas e estratégias

Há 2 500 anos, a Pérsia era, provavelmente, o maior império de seu tempo. Para administrar esse território, os persas construíram estradas largas e retas. Fabricaram carruagens capazes de percorrer longas distâncias. Organizaram um serviço postal que transmitia mensagens rapidamente por diversas províncias do império.

Além disso, os persas adotaram uma postura relativamente tolerante frente a outras culturas. Segundo alguns pesquisadores, essa estrutura administrativa, aliada ao poder militar, garantiu a manutenção de um império vasto e duradouro.

HERITAGE IMAGES/DIOMEDIA

Escultura persa de ouro (500--300 a.C.) que parece representar um sátrapa viajando em uma carruagem. Pertence ao acervo do Museu Britânico, em Londres.

1. Em sua interpretação, que aspectos da cultura persa podem ser relacionados com esta escultura?
2. Esta escultura pode ser utilizada como fonte histórica? Explique.

ZEV RADOVAN/BIBLELANDPICTURES/ALAMY/FOTOARENA/COLEÇÃO PARTICULAR

Moeda cunhada na época de Dário I (521-485 a.C.).

Comércio e cunhagem de moedas

A economia persa baseava-se na agricultura (centeio, trigo e cevada) e na criação de gado. Depois, com a expansão do império, estimulou-se o artesanato e o comércio.

Para facilitar as trocas comerciais, Dario I mandou cunhar moedas de ouro (chamadas de daricos). Posteriormente, permitiu-se a cunhagem de moedas de prata.

Zoroastrismo

Por volta do século VI a.C., Zoroastro (ou Zaratustra) fundou o zoroastrismo, religião cuja doutrina foi exposta no livro *Zend-Avesta*.

Zoroastro pregava a existência de uma incessante luta entre Ormuz, deus do bem, e Arimã, deus do mal. Afirmava que no dia do Juízo Final, quando todas as pessoas seriam julgadas por suas ações, Ormuz venceria definitivamente Arimã. Além disso, valorizava o livre-arbítrio, isto é, cada pessoa era livre para escolher entre o caminho do bem e o do mal; conforme sua escolha, a pessoa responderia pelas consequências no dia do Juízo Final.

O zoroastrismo, à sua maneira, contém alguns princípios religiosos e morais encontrados também no cristianismo, no judaísmo e no islamismo, como as ideias de juízo final, ressurreição dos mortos, eternidade no céu ou no inferno.

Até o final do século XX, o zoroastrismo tinha, em todo o mundo, cerca de 200 mil adeptos, dos quais a maior parte (60%) estava na Índia, seguida por Irã, Estados Unidos e Paquistão.

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/COLEÇÃO PARTICULAR

Escultura de Faravahar, um dos símbolos do Zoroastrismo.

KENARE ATTA/AFP

Iranianas dançam em festival tradicional do Zoroastrismo, em Teerã. Fotografia de 2015.

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. Leia o trecho do documento reproduzido abaixo. Em seguida, reúna-se em grupo para responder às questões.

> Todo que matar de caso pensado um homem será também morto.
>
> Todo que ferir seu pai, ou a sua mãe, morrerá.
>
> Olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé.
>
> Queimadura por queimadura, ferida por ferida, nódoa negra por nódoa negra.
>
> Se um ferir o olho a seu escravo, ou a sua escrava, e os deixar gázeos, lhes dará carta de alforria pelo olho que lhes tirou.

Bíblia. Êxodo 21:12, 15, 24, 25, 26.

a) De onde foi retirado esse texto e do que ele trata?

b) Pesquisem em um dicionário o significado das palavras gázeos e alforria.

c) Retomem o capítulo 4 e comparem o documento acima com o Código de Hamurábi. O que vocês observam ao fazer essa comparação?

2. Os fenícios eram vizinhos dos hebreus na Antiguidade e tudo indica que, naquele tempo, não havia grandes conflitos entre eles. Hoje, seus descendentes históricos formam, respectivamente, os Estados do Líbano e de Israel. Como você descreveria a atual relação entre eles? Pesquise notícias em revistas, jornais ou internet.

3. Interprete a afirmação: "Até 1948, os hebreus constituíam uma nação sem Estado".

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Arte.

4. Marc Chagall foi um importante pintor moderno. Ele nasceu em 1887, em um bairro de judeus pobres na Bielorrússia, e vivenciou um período difícil, no qual os judeus eram vítimas do denominado pogrom, palavra de origem russa que significa "ataque violento a pessoas". Sua obra é amplamente inspirada pela cultura judaica. Observe a obra *Moisés recebe as tábuas da lei*, produzida em 1965.

MARC CHAGALL. *MOISÉS RECEBE AS TÁBUAS DA LEI*. C.1965

A obra é parte do acervo do Museu Nacional Marc Chagall, em Nice, França.

a) Faça uma pequena pesquisa a respeito de Marc Chagall, buscando trabalhos do artista que possuam relação com a cultura judaica. Em seguida, reflita com seus colegas: como podemos relacionar as imagens encontradas com o conteúdo deste capítulo?

b) Compare essa pintura de Marc Chagall com a escultura de Michelangelo reproduzida na página 80. Que diferenças e semelhanças podemos apontar entre essas duas obras de arte?

Diálogo interdisciplinar com Filosofia e Sociologia.

5. Os Dez Mandamentos dos hebreus foram, posteriormente, adotados pelos cristãos e constituem uma das principais matrizes do sistema de valores éticos das sociedades ocidentais. Leia, a seguir, esse texto bíblico e faça o que se pede.

> 1. Não terás outros deuses diante de mim.
> 2. Não pronunciarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão.

3. Lembra do dia de sábado, para santificá-lo.
4. Honra teu pai e tua mãe.
5. Não matarás.
6. Não cometerás adultério.
7. Não roubarás.
8. Não apresentarás um falso testemunho contra o teu próximo.
9. Não cobiçarás a mulher de teu próximo.
10. Não cobiçarás [...] nada do que pertença a teu próximo.

Êxodo 20. *Bíblia* – Tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 1995; *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1989.

a) Pesquise os significados da palavra ética. Procure descobrir como a Filosofia, enquanto área de conhecimento, define o conceito de Ética.

b) Elabore uma frase relacionada à realidade brasileira atual utilizando a palavra ética.

c) Os códigos de conduta desse documento ainda permanecem vivos e atuantes em nossa sociedade? Reflita e dê exemplos.

De olho na universidade

6. (Enem-2008) Existe uma regra religiosa, aceita pelos praticantes do judaísmo e do islamismo, que proíbe o consumo de carne de porco. Estabelecida na Antiguidade, quando os judeus viviam em regiões áridas, foi adotada, séculos depois, por árabes islamizados, que também eram povos do deserto. Essa regra pode ser entendida como:

a) uma demonstração de que o islamismo é um ramo do judaísmo tradicional.

b) um indício de que a carne de porco era rejeitada em toda a Ásia.

c) uma certeza de que do judaísmo surgiu o islamismo.

d) uma prova de que a carne de porco era largamente consumida fora das regiões áridas.

e) uma crença antiga de que o porco é um animal impuro.

7. (UFC)

BRASÍLIA — Irritada com a versão de Hollywood para a guerra entre gregos e persas no filme *300 de Esparta*, a Embaixada do Irã em Brasília divulgou uma nota nesta quarta-feira na qual acusa o filme, que tem no elenco o brasileiro Rodrigo Santoro fazendo o papel do rei persa Xerxes, de "promover o conflito entre as civilizações".

"Embaixada do Irã no Brasil repudia '300 de Esparta'". Jornal *O Globo*, 4 abr. 2007. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/embaixada-do-ira-no-brasil-repudia-300-de-esparta-4203963>. Acesso em: 23 nov. 2015.

Com base no texto acima e em seus conhecimentos, responda às questões que seguem.

a) Qual a ligação histórica entre os povos iraniano e persa?

b) Como ficaram conhecidas as guerras entre gregos e persas na Antiguidade?

c) Qual a motivação principal das guerras mencionadas no item anterior?

d) Cite dois motivos do conflito diplomático entre Irã e EUA nos dias de hoje.

8. (UFRN) Na Antiguidade, durante o reinado de Ciro I (559-529 a.C.), os persas construíram um vasto império e governaram diferentes povos, adotando uma política que respeitava as diferenças culturais e religiosas. Esse modo de proceder está exemplificado no fato de:

a) incorporarem a cultura sumeriana, especialmente os registros da nova língua semítica em caracteres cuneiformes.

b) arregimentarem entre os caldeus, após a conquista da Babilônia, os sátrapas, administradores encarregados das províncias imperiais.

c) libertarem os judeus cativos na Babilônia, que retornaram à Palestina e reconstruíram o templo de Salomão e o culto a Javé.

d) difundirem no Egito o culto de Ahura-Mazda, que, integrando-se às ideias religiosas egípcias, deu origem ao maniqueísmo.

CAPÍTULO

7

Povos da China e da Índia

Desde a Antiguidade, grandes civilizações desenvolveram-se na Ásia, como a chinesa e a indiana. Atualmente, cerca de 60% das pessoas do mundo vivem na Ásia, e quase um terço da riqueza mundial está sob domínio de pessoas asiáticas. Você já avaliou a importância dos países asiáticos no mundo contemporâneo?

HAO MA/ALAMY/FOTOARENA

Vista da cidade de Pequim, na China. Fotografia de 2014.

Treinando o olhar

- O que você observa nesta fotografia atual da China? Que elementos estão em primeiro plano? Que elementos aparecem em segundo plano? Interprete a mensagem da fotografia.

China Antiga

Os chineses consideravam-se fundadores do Império do Meio

Escavações arqueológicas realizadas em uma região próxima à cidade de Pequim, atual capital da China, mostram que o território chinês foi habitado por ancestrais humanos há mais de 500 mil anos.

As primeiras comunidades agrícolas chinesas começaram a se desenvolver há cerca de 12 mil anos, principalmente às margens do rio Huang-Ho. Os povos instalados no vale desse rio se beneficiavam do solo da região, chamado de *loess*. Esse tipo de solo é rico em calcário e torna-se bastante fértil quando úmido. Por causa da cor amarelada do solo de *loess*, o rio Huang-Ho pode ser também chamado rio Amarelo. Observe sua localização no mapa.

China atual

Fonte: *Atlas geográfico escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. p. 47.

Dinastia Shang

Historiadores costumam dividir a história chinesa de acordo com as dinastias que exerceram o poder. Os governos dinásticos surgiram no segundo milênio a.C. e se mantiveram até a instalação da República, em 1911. As dinastias sucederam-se por meio de guerras internas ou invasões de outros povos.

As primeiras cidades chinesas foram fundadas às margens do rio Amarelo por volta de 1800 a.C. Nesse período, desenvolveram-se distintas técnicas de irrigação do solo que possibilitaram o aumento da produção agrícola e, consequentemente, da população. Essas comunidades urbanas reuniam vilarejos organizados em estruturas familiares. Porém, por volta de 1500 a.C., os núcleos populacionais foram, de certo modo, unificados politicamente em um reino, dando início à dinastia Shang. Durante essa dinastia, a civilização chinesa dominou a metalurgia do bronze e desenvolveu os primeiros registros da escrita.

Os Shang permaneceram no poder até o século XI a.C., quando foram derrubados pelos membros da dinastia Zhou, povo originário do centro-oeste da China, na região do vale do rio Wei.

Dinastia Zhou

Os Zhou foram a dinastia com maior duração em toda a história chinesa. Estiveram no poder até o século III a.C.

Para garantir sua permanência no poder, os Zhou realizaram guerras e invocaram sua autoridade como um "Mandato do Céu". Isso quer dizer que esses governantes consideravam-se investidos pela "natureza" para comandar o Estado.

Além disso, os reis da dinastia Zhou distribuíram terras à nobreza local em troca de apoio militar. A doação era confirmada em cerimônias político-religiosas registradas em placas de bronze. Com o tempo, essas práticas rituais foram ganhando cada vez mais importância na legitimação do poder político na China. Desse modo, os reis Zhou procuraram controlar a nobreza.

Depois de um longo período, alguns nobres ampliaram seus poderes locais e contestaram o controle da dinastia Zhou. Essa fragmentação administrativa levou à formação de vários reinos que guerreavam entre si, os chamados Reinos Combatentes.

Formação do império chinês

Um dos Reinos Combatentes era o reino de Ch'in, do qual provavelmente deriva o nome China. Em cerca de 221 a.C., seu líder, Ch'in Che, conseguiu unificar os Reinos Combatentes e tornou-se o primeiro imperador da China.

Enquanto esteve no poder, Ch'in Che promoveu diversas realizações para garantir a unificação do Estado. Entre elas, podemos citar: a nomeação de pessoas de sua confiança para administrar as províncias, a padronização da escrita, a construção de novos canais de irrigação e o estabelecimento de uma moeda única, na tentativa de eliminar diferenças regionais e facilitar o comércio.

Outra importante realização de Ch'in Che foi o início da construção da Grande Muralha da China, que visava defender o país contra ameaças de invasões vindas do norte.

Entretanto, ao mesmo tempo em que promoveu essas reformas, Ch'in Che submeteu os camponeses por meio de seu poderio militar e os obrigou a pagar impostos cada vez mais altos. Há indicações de que o governo de Ch'in Che tenha realizado a queima de livros de filosofia e literatura que pudessem fomentar ideias contrárias ao seu poder.

Diversas revoltas puseram fim à dinastia Ch'in. A mais importante foi a revolta camponesa inspirada no taoismo, que abriu o caminho ao poder a Liu Ban (256-195 a.C.), membro do governo Ch'in Che e fundador da dinastia Han, em 206 a.C.

DANNY LEHMAN/CORBIS/FOTOARENA/MAUSOLÉU CH'IN CHE HUANG TI, CHINA

Quando Ch'in Che morreu, foi enterrado em um túmulo construído próximo à atual cidade de Xian. Ali foram colocados tesouros, um modelo do palácio real e milhares de figuras de terracota simbolizando um exército. Essas figuras tornaram-se conhecidas como o exército de Xian. Vista de parte do chamado exército de Xian em fotografia recente.

Investigando

1. Por que o governo de Ch'in Che teria realizado a queima de livros?

2. Em sua opinião, a leitura contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico? Debata.

Confucionismo

Confúcio é considerado um dos filósofos mais importantes da história chinesa. Ele viveu, provavelmente, entre 551-479 a.C.

Nascido na província de Lu, Confúcio não pertencia a uma família rica. Mas sua inteligência e conduta despertaram a atenção de quem o conhecia. Não demorou para que sua fama de sábio chegasse às autoridades administrativas da província, que lhe ofereceram cargos públicos.

No entanto, Confúcio se decepcionou com a política da província de Lu. Abandonou seu cargo e percorreu a China, divulgando seus ensinamentos, compilados por discípulos nos chamados *Analectos* (*Diálogos de Confúcio*). Sua obra demonstra a consciência de viver em um mundo desordenado devido às guerras dos Reinos Combatentes.

A doutrina de Confúcio defendia a conduta inspirada em princípios como o altruísmo, a cortesia, a fidelidade e a busca da sabedoria. O filósofo acreditava que a conduta honrada e firme do governante seria capaz de despertar nos governados o consenso necessário para a convivência pacífica e próspera da sociedade.

Taoismo

De acordo com a tradição popular, Lao Tsé teria vivido na China entre os séculos VI e V a.C. Seu nome significa "velho filósofo". Ele teria trabalhado durante quase toda a vida na Biblioteca Imperial, onde recebera certa vez a visita de Confúcio.

Apesar desses relatos, pouco sabemos sobre Lao Tsé. Sua vida está envolta em lendas e controvérsias. Alguns especialistas consideram que ele pode até mesmo ter sido um personagem mitológico, uma criação lendária.

A tradição atribui a Lao Tsé a autoria do *Tao Té Ching*, obra fundamental do taoismo, uma das mais importantes correntes filosóficas da China. Para o taoismo, o elemento primeiro e gerador de tudo é o Tao, palavra de difícil tradução, mas que representa algo como "caminho divino", "caminho natural e perfeito", "essência primordial do universo".

O taoismo possui uma visão intimista do ser humano, recolhe elementos da sabedoria popular e da crença nos espíritos da natureza. Além disso, propõe o retiro da vida pública e a meditação como formas de o ser humano atingir a harmonia consigo mesmo e com o universo.

Interpretar fonte — Filosofia oriental

Desenvolvida há milênios, a filosofia oriental guarda até os dias atuais mensagens vigorosas que inspiram pessoas do mundo todo. A seguir, leia trechos das obras de dois importantes filósofos orientais, Lao Tsé e Confúcio.

Fonte 1

Quem conhece os outros é inteligente,
Quem conhece a si mesmo é sábio,
Quem vence os outros é forte,
Quem vence a si mesmo é poderoso.

TSÉ, Lao. *Tao Té Ching*. Trad. Richard Wilhelm. São Paulo: Pensamento, 1993. p. 69.

1. Segundo o texto do *Tao Té Ching*, a essência da sabedoria é o domínio exterior ou o domínio interior?
2. Em seu texto, Confúcio ensina nove condições para que as pessoas alcancem a excelência moral. Em sua opinião, a mensagem de Confúcio poderia "valer" para as sociedades contemporâneas? Comente.

Fonte 2

Em seu olhar, procura ver com clareza;
Em sua escuta, ouvir com profundidade;
Em seu semblante, transmitir cordialidade;
Em seus atos, agir com respeito;
Em suas palavras, falar sinceramente;
Em seu ofício, procura atitude cuidadosa e reverente;
Em dúvida, procura o esclarecimento;
Em momento de raiva, procura avaliar as consequências;
Em face da conquista, procura o caminho correto.

Confúcio. *The Analectus*, livro XVI, parte 10. Tradução nossa. Londres: Penguin, 1979.

Dinastia Han

A dinastia Han estabilizou as fronteiras do império ao norte, contra os hunos, e conquistou territórios ao sul. Para manter o poder centralizado, os Han procuraram apoio da nobreza, oferecendo-lhe cargos no Estado.

Nessa época, a economia chinesa prosperou consideravelmente. A agricultura passou a contar com técnicas sofisticadas de irrigação e seleção de sementes. A atividade comercial foi incrementada e a política de padronização de pesos e medidas teve continuidade.

Foi também nesse período que se desenvolveu a chamada Rota da Seda, um conjunto de estradas pelo qual transitavam mercadores levando a seda produzida na China para ser vendida no Ocidente, onde alcançava preços altos. Além de sua função comercial, a Rota da Seda estimulou o intercâmbio cultural mais amplo entre a China e o Ocidente.

Durante a dinastia Han, em meados do século II a.C., calcula-se que a população da China tenha atingido cerca de 60 milhões de pessoas. O crescimento da população aconteceu ao mesmo tempo em que o território chinês se expandiu e novas tecnologias foram aperfeiçoadas, entre elas a do papel.

O cenário intelectual chinês floresce sob a dinastia Han. O confucionismo foi acolhido pelo governo e difundiu-se pela sociedade. Desenvolveram-se importantes invenções tecnológicas, como a bússola e o sismógrafo.

Entre os anos 88 e 168 d.C., porém, a dinastia Han enfrentou adversidades políticas e econômicas, como a invasão do território por povos não chineses, o enfraquecimento do exército, revoltas sociais e intrigas de poder entre os membros da burocracia imperial. Somados, esses acontecimentos ocasionaram crises das quais a dinastia Han não conseguiu se reerguer.

Com o fim da soberania dos Han, muitas outras dinastias de governantes exerceram o poder na China. A sucessão das dinastias no comando do Estado manteve-se até o século XX.

A escrita e o papel

Os chineses começaram a desenvolver um sistema de escrita há mais de 3 mil anos. Essa escrita é formada por caracteres, que representam os diversos conteúdos da linguagem. Calcula-se que o conjunto total dos caracteres chineses ultrapasse os 40 mil sinais. À medida que a linguagem escrita se difundiu, ela tornou-se um fator determinante para a unidade cultural da China.

Por muito tempo, antes da invenção do papel, os chineses escreviam sobre pedaços de madeira, especialmente de bambu. Não se sabe ao certo quando o papel surgiu. Porém, grande parte dos historiadores concorda que se trata de uma invenção chinesa divulgada durante a dinastia Han (século II d.C.).

Na China antiga, a produção do papel envolvia várias etapas: cozimento de fibras vegetais, obtenção de uma pasta, depuração e secagem da pasta até a obtenção da folha de papel.

VLASTA2/UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA, EUA

A arte da guerra, livro escrito entre os séculos V e III a.C. Sua autoria é atribuída ao general chinês Sun Tzu. Este exemplar foi feito de bambu.

Em destaque — Os chineses e sua história

No texto a seguir, a jornalista Cláudia Trevisan, especialista em temas culturais da China, mostra as relações que os chineses contemporâneos estabelecem com a história do país.

> Para muitos chineses, a meteórica ascensão que a China experimenta representa o retorno ao lugar que historicamente lhe pertenceu, de Império do Meio ou País do Centro. [...]
>
> A consciência de que fazem parte de um processo histórico longuíssimo e contínuo é outra das fortes características dos chineses. Há uma espécie de orgulho coletivo em relação à grandeza da civilização milenar, e o vínculo com o passado é estimulado pelo sistema de ensino. O bom aluno sabe de cor o nome das dinastias que se sucederam desde os anos 1700 a.C., quando a China ainda não era unificada, aprende que seu país foi a origem de algumas das invenções mais importantes para a humanidade, como a pólvora, a bússola e o papel, e sabe o poder de uma população de 1,3 bilhão de pessoas.
>
> Mas, acima de tudo, a ligação com o passado e a percepção da continuidade histórica são dadas pelas duas grandes tradições filosóficas do país, o confucionismo e o taoismo, cuja influência na concepção de mundo dos chineses sobreviveu ao longo dos séculos e se mantém até os dias de hoje. [...]
>
> A visão de mundo que se consolidou na China antes do início da era cristã sobreviveu a sucessivas quedas de dinastias, a períodos de desagregação do poder e a invasões por povos considerados bárbaros. Nada abalou a cosmologia que coloca a China no centro do mundo, em uma posição superior à dos demais reinos.

TREVISAN, Cláudia. *Os chineses*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 137-139.

FREDERIC J. BROWN/AFP

Praça da Paz Celestial, localizada em Pequim. O nome de vários monumentos públicos chineses revela a concepção de que a China representa o Império do Meio, dotado de harmonia entre o Céu e a Terra. Fotografia de 2011.

1. De acordo com o texto, como é a relação dos chineses com o passado de seu país?

2. Em sua opinião, como nós, brasileiros, lidamos com nossa história? Debata.

Índia Antiga

As bases de uma grande civilização

Separada do resto do continente asiático pela Cordilheira do Himalaia, a Índia é hoje um dos maiores países do mundo, com cerca de 1,2 bilhão de habitantes. Estão localizados nesse país importantes rios, como o Indo e o Ganges (observe o mapa ao lado), em cujos vales se desenvolveram as principais civilizações da Índia Antiga.

SELMA CAPARROZ

Fonte: *Atlas geográfico escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. p. 47.

Primeira civilização indiana

Por volta de 3000 a.C., no vale fértil do rio Indo, estabeleceram-se aldeias camponesas sedentárias que produziam cereais, algodão, frutas e criavam bois, galinhas, patos, cabras e perus. Parte da produção dessas aldeias era consumida pelos próprios camponeses, e o excedente costumava ser comercializado nas cidades.

As maiores cidades do vale do Indo foram Harapa e Mohenjo-Daro. Segundo pesquisas, elas tinham cerca de 40 mil habitantes e contavam com um meticuloso planejamento urbano. Havia sistemas de água, esgoto, transporte e comércio. Além disso, seus habitantes possuíam um sistema de escrita que ainda não foi completamente decifrado.

Harapa e Mohenjo-Daro se constituíram na mesma época das primeiras cidades da Mesopotâmia e do Egito. Assim, é provável que esses centros urbanos tenham realizado intercâmbio comercial.

A civilização que surgiu nessa região do vale do rio Indo ficou conhecida como civilização harapeana ou dravidiana. Os harapenses desenvolveram um artesanato variado. Produziram peças como martelos, facas, machados, panelas, jarros, joias ornadas com ouro, pérolas, turquesas etc.

Por volta do II milênio a.C., a civilização harapeana começou a entrar em declínio, por razões ainda não suficientemente explicadas. Alguns historiadores sugerem que fatores naturais, como as inundações do rio Indo e o esgotamento do solo, levaram a população a se deslocar para áreas mais férteis. Outras hipóteses, porém, destacam problemas relacionados à superpopulação e aos distúrbios sociais. Além disso, o período de declínio dos harapeanos coincide com a invasão da região pelos povos arianos.

Apesar de não terem sido encontrados vestígios conclusivos de palácios ou templos, pesquisadores acreditam que somente um poder centralizado poderia garantir a administração de cidades como Harapa e Mohenjo-Daro. Os sítios arqueológicos dessas antigas cidades localizam-se no atual Paquistão.

Investigando

1. Podemos afirmar que as sociedades antigas da China e do vale do Indo são civilizações fluviais? Justifique.
2. E as civilizações da Mesopotâmia e do Egito Antigo, podem ser consideradas fluviais? Explique.
3. Na região onde você vive existe algum rio? Qual? Como as pessoas se relacionam com esse rio?

Interpretar fonte **Os sinetes do vale do Indo**

Sinete é um tipo de carimbo, feito para imprimir em barro, cera ou outro suporte. Os sinetes eram usados no Indo para reivindicar uma propriedade, assinar um documento ou marcar sacos de cereais e de algodão. Ali, eram entalhados em pedra-sabão com representações de animais e prováveis sinais de uma escrita que ainda não foi decifrada. Muitos foram encontrados na Mesopotâmia.

1. Observe a imagem e descreva os elementos nela retratados.
2. Para que os povos do vale do Indo utilizavam os sinetes?
3. Que hipóteses podemos formular sobre as sociedades do Indo a partir dos sinetes encontrados na Mesopotâmia?

ALFREDO DAGLI ORTI/THE ART ARCHIVE/DIOMEDIA/ MUSEU NACIONAL DO PAQUISTÃO

Sinete produzido no vale do Indo entre 2500-2000 a.C.

Arianos e período védico

Ao longo do II milênio a.C., povos seminômades chamados árias, ou arianos, partiram do atual Irã e de regiões do mar Cáspio e invadiram o vale do Indo em busca de pastos para o gado.

Com a invasão dos arianos, a vida urbana na Índia sofreu certo declínio até pelo menos 1000 a.C. Mas o longo contato dos arianos com os harapeanos favoreceu mescla cultural intensa que está na origem da formação da civilização hindu. Uma das fontes históricas para o estudo desse período são livros denominados *Vedas*, termo que, em sânscrito, significa "conhecimento". Pela importância dos *Vedas*, estudiosos se referem a essa época como período védico.

Hinduísmo

A literatura védica é formada por extensa coletânea de textos, elaborados em diferentes épocas e divididos em quatro partes: Rig-Veda, Sama-Veda, Yajur-Veda e Atharva-Veda. Com base nesses livros, estruturou-se o hinduísmo, religião predominante na Índia até os dias atuais, professada por cerca de 73% da população. A segunda religião com o maior número de adeptos na Índia é o islamismo, adotado por 14% da população.

Os seguidores do hinduísmo (termo ocidental) denominam sua religião com a expressão em sânscrito *sanatama dharma*, que significa "lei eterna". Em sua origem, o hinduísmo cultuava diversos deuses associados às forças da natureza, destacando-se o deus Brahman, que representava o Todo, o princípio absoluto do Universo. Por essa razão, o hinduísmo passou a ser chamado também de bramanismo.

De acordo com a tradição hinduísta, o domínio das paixões, por meio de orações e meditações, seria o caminho capaz de levar os seres humanos a unir sua alma com a realidade suprema de Brahman. A existência humana percorreria um ciclo de reencarnações (*sansara*), em que nascemos, morremos e renascemos em outras vidas. As reencarnações seriam regidas pelo *karma*, que representa a bagagem que trazemos das vidas anteriores. As reencarnações somente cessariam quando a alma da pessoa estivesse plenamente purificada, integrando-se à realidade absoluta de Brahman.

Sistema de castas

O estudo dos *Vedas* revela também que os povos da Índia passaram por um processo de sedentarização em aldeias agrícolas e de formação de cidades complexas. Nos núcleos urbanos consolidaram-se linhagens de famílias que se uniram formando clãs.

Os membros dos clãs mais poderosos, que exerciam funções religiosas ou guerreiras, passaram a instituir formas de domínio social sobre outras camadas das populações. Provavelmente, esse processo deu origem à sociedade de castas na Índia, ou seja, um tipo de organização social rígida e hierárquica que, de certa forma, encontra permanências até os dias atuais.

No período védico, a sociedade foi dividida em quatro grandes castas:

- **brâmanes**: grupo social dominante, formado por sacerdotes e líderes dos clãs;
- **xátrias**: grupo formado por aristocratas e guerreiros;
- **vaixás**: grupo formado por agricultores, artesãos e comerciantes;

- **sudras**: grupo formado por servos que trabalhavam e cumpriam ordens de seus senhores.

Havia ainda uma enorme multidão de pessoas que não pertencia a nenhuma casta. Eram os **párias**, ou *dálits*, pessoas que estavam excluídas da sociedade por serem consideradas impuras, em termos religiosos. Os *dálits* não deviam ser tocados nem frequentar os templos ou unir-se às pessoas de castas superiores.

Segundo alguns analistas, a noção de *karma* também serviu para justificar a hierarquia das castas sociais. Acreditava-se que uma pessoa nascida em uma casta inferior poderia reencarnar em uma casta superior, dependendo dos atos "corretos" praticados na vida presente. Se os atos fossem "incorretos", poderia reencarnar em uma casta inferior, ou, até mesmo, em forma de animal.

A Constituição da Índia aboliu o sistema de castas oficialmente em 1950. No entanto, a tradição ainda deixou traços de preconceitos entre os adeptos conservadores do hinduísmo, sobretudo nas regiões rurais. A instituição de um regime democrático na Índia busca enfrentar esse preconceito contra os cidadãos indianos, sobretudo os *dálits*. Uma demonstração de mudança é o fato de o *dálit* Kocheril Raman Narayanan ter chegado à presidência do país, exercendo o poder político entre 1997 e 2002.

Budismo

No século VI a.C, surgiu na Índia uma doutrina que se contrapunha à autoridade incondicional dos *Vedas* e do sistema de castas, o budismo.

O budismo tem como fundador Sidarta Gautama (Buda), cujos ensinamentos foram transmitidos oralmente a seus discípulos. Essa doutrina está baseada nas seguintes concepções:

- Existe sofrimento na vida, como o sofrimento de adoecer, envelhecer, morrer etc.
- A origem do sofrimento está nos desejos, que nos impedem de reconhecer as mudanças que constituem a realidade da vida.
- O fim do sofrimento só pode ser atingido com a extinção dos desejos, dos apegos, da ambição, da ansiedade.
- O caminho da libertação está expresso na chamada "senda óctupla", apontada pelos budistas como um caminho de oito etapas de transformação pessoal, envolvendo correção em: concepções e pensamentos, palavras e ações, vivências e esforços, reflexão e meditação profunda.

Para atingir o fim do sofrimento e renunciar aos desejos, seria necessário que os praticantes do budismo atingissem o **nirvana**, estado de completo equilíbrio emocional.

No século III a.C., a doutrina budista conheceu um momento de grande expressão na Índia, com a conversão do rei Asoka ao budismo. Depois da morte de Asoka, seu reino fragmentou-se e o budismo perdeu vigor na Índia. No entanto, espalhou-se por outros países do mundo, como China e Japão. Atualmente, calcula-se que o budismo tenha cerca de 470 milhões de seguidores no mundo.

Em destaque — Sidarta Gautama, o Buda

Segundo a tradição budista, Sidarta Gautama era filho de um aristocrata e desfrutava de riqueza e respeito social. Sidarta preocupava-se com as questões fundamentais do sofrimento humano. Assim, ao completar 29 anos, decidiu sair pelo mundo em busca de um caminho para superar a dor e as contradições da vida humana.

Em sua busca, ele passou a meditar e a realizar práticas como o **ascetismo**. Aos 35 anos, meditando à sombra de uma figueira, na localidade de Gaya, ele teria atingido a iluminação, tornando-se Buda.

Ascetismo: prática da renúncia de prazeres e de conforto material.

A palavra Buda não é nome próprio, é um adjetivo. Em sânscrito, significa "iluminado", "desperto". Buda não é, portanto, o nome de Sidarta, mas uma palavra que descreve o estado de iluminação que ele atingiu.

1. Segundo o texto, o que significa a palavra Buda?
2. Em sua opinião, como é possível aliviar o sofrimento humano? Reflita.

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. A China tem uma história milenar e atualmente desponta como grande potência industrial do mundo. Apresente à classe um produto importado da China que faça parte do seu cotidiano. Procure explicar algumas características do produto, para que você o utiliza, onde o adquiriu etc.
2. O arroz é cultivado há mais de 5 mil anos na Ásia, sendo um dos principais alimentos dos chineses e indianos antigos. Ao longo do tempo, esse cereal foi incorporado ao cotidiano alimentar de vários povos. Atualmente, o arroz é consumido por mais da metade da população do planeta e a Ásia é responsável por 90% da produção mundial.

   Qual é a importância do arroz no Brasil atual? Para responder a essa pergunta, pesquise sobre a presença do arroz em nossa alimentação, economia, arte etc.
3. A Grande Muralha da China começou a ser construída no século II a.C. Sua função era proteger os domínios chineses da invasão de povos do norte. Historiadores e cientistas calculam que, na Antiguidade, essa construção percorria mais de 3 mil km em território chinês.

Ao longo da história, vários governantes deram continuidade à obra, tanto reforçando suas estruturas como construindo novos segmentos e ramais. Ao todo, calcula-se que o conjunto tenha atingido mais de 7 mil km de extensão.

Grande Muralha da China

SELMA CAPARROZ

Fonte: *Guia Geográfico da China*. Disponível em: <http://www.guiageo-china.com/mapas/muralhas.htm>. Acesso em: 30 set. 2015.

CHINAFOTOPRESS/GETTY IMAGES

Vista da Muralha da China, atualmente considerada Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco. Fotografia de 2015.

a) Nos tempos atuais, a Grande Muralha da China tem a mesma função que tinha na época em que foi construída? Se não, qual é o seu papel atualmente? Faça uma pesquisa para responder.

b) Há alguma construção recente que tenha a função de proteger a fronteira de um país contra povos invasores? Qual? O que você pensa a respeito dessa construção? Debata.

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Sociologia e Geografia.

4. Analise a interpretação do economista egípcio Samir Amin sobre a situação social da Índia contemporânea.

> As "castas inferiores" (designadas hoje por *dálits*) e as populações tribais que têm o mesmo estatuto constituem um quarto da população da Índia (cerca de 250 milhões de pessoas). Privados do acesso à terra, formam uma massa de trabalhadores disponíveis para qualquer tarefa e qualquer horário de trabalho, em troca de um salário de miséria. A manutenção desta situação [...] leva a que o exercício do poder seja feito por e a favor de uma minoria privilegiada.

AMIN, Samir. *A Índia, uma grande potência?*
Disponível em: <http://resistir.info/samir/india_samir_port.html>.
Acesso em: 30 set. 2015.

a) Segundo Samir Amin, qual é a situação social dos chamados *dálits*?

b) O sistema de castas faz parte da tradição cultural da Índia. Em sua opinião, até que ponto o "respeito à tradição" impõe formas de "dominação social"? Discuta o assunto.

c) Pesquise se, na atualidade, houve mudanças na situação social dos *dálits*.

Diálogo interdisciplinar com Sociologia.

5. Os chineses foram grandes inventores. Às suas maiores descobertas, eles denominam de "quatro grandes invenções da China Antiga": a bússola, a pólvora, o papel e a impressão. Dividam-se em quatro grupos e pesquisem a respeito dessas invenções chinesas, refletindo a respeito de sua importância. Em seguida, façam cartazes explicativos e apresentem suas descobertas aos demais colegas.

De olho na universidade

6. (Ufal-Adaptada) Na Antiguidade, aproximadamente na mesma época em que se desenvolveu a sociedade egípcia, outros povos começaram a despontar. Sobre os aspectos da organização socioeconômica desses povos é correto afirmar:

a) As primeiras civilizações: Mesopotâmia, Egito, Índia e China nasceram, respectivamente, em torno do vale dos grandes rios: Tigre e Eufrates, Nilo, Ganges e Indo e Amarelo.

b) Nessas sociedades, onde predominava a servidão coletiva, o indivíduo explorava a terra como membro da comunidade e servia ao Estado, proprietário absoluto dessas terras.

c) O Estado constituía, nessas sociedades, o principal instrumento de poder do grupo privilegiado, assegurando e ampliando o predomínio da classe burguesa.

d) A base econômica dos povos dessa região foi a agricultura. Nessas sociedades, tanto a produção agrícola quanto a artesanal estavam sob controle do Estado.

e) O desenvolvimento do modo de produção escravista, característica dessas sociedades, estava intimamente relacionado ao caráter expansionista desses povos.

CAPÍTULO

8

Grécia Antiga

A civilização grega (ou helênica) desenvolveu características marcantes que a diferenciaram de seus contemporâneos. Desenvolveu, por exemplo, uma nova forma de pensar (a filosofia), de fazer política (a democracia) e arte (a dramaturgia). Que elementos culturais dos gregos antigos podem ser encontrados em nosso cotidiano?

DE AGOSTINI/GETTY IMAGES

O Partenon, templo construído em Atenas, na Grécia, entre 447 a.C. e 438 a.C. Fotografia de 2015.

Treinando o olhar

- Você já deve ter visto obras arquitetônicas que lembram o Partenon, edifício do século V a.C., localizado em Atenas. Contemple esse templo grego e identifique que sensações ele desperta em você. Em sua opinião, haveria alguma relação entre as palavras templo e contemplar? Converse com seus colegas e, com a ajuda do professor, formulem hipóteses.

Grécia Antiga

Território, sociedade e organização política

Cerca de 80% do território grego é dominado por montanhas. Os vales das cadeias de montanhas possuem terras férteis, favoráveis ao estabelecimento de grupos humanos, o que de fato ocorreu ao longo da história da Grécia.

Além disso, é notável a presença do mar, pois praticamente nenhum ponto do interior da Grécia fica muito distante de sua costa recortada. As águas calmas do litoral grego e as pequenas distâncias que separam as ilhas eram um convite à navegação, algo bem aproveitado pelos gregos antigos.

Essas características conferiram um aspecto fragmentado ao território da Grécia, condição que, como supõem alguns historiadores, de certo modo influiu na fragmentação política helênica.

Assim, os gregos antigos não construíram um Estado unificado. O que chamamos de Grécia Antiga é, na realidade, um conjunto de pólis, isto é, cidades independentes e, muitas vezes, rivais umas das outras.

Grécia Antiga

SELMA CAPARROZ

Fonte: Albuquerque, Manoel Maurício de et al. *Atlas histórico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: MEC/Fename, 1986. p. 76.

Observar o mapa

- Observe o mapa e identifique o que se pede:
  - **a)** os mares que banham o território em que se desenvolveu a civilização grega;
  - **b)** a maior ilha grega;
  - **c)** o país atual cujo território corresponde à Hélade (Grécia Antiga).

Periodização histórica

A história da Grécia Antiga costuma ser dividida em cinco períodos:

- **Micênico (1650 a.C. a 1150 a.C.)** – migração e assentamento de povos como os aqueus, que fundaram a cidade de Micenas; edificação de palácios, templos e fortalezas; utilização da escrita.
- **Homérico (1150 a.C. a 800 a.C.)** – novas populações invadiram a Grécia; destruição do mundo micênico; desaparecimento do uso da escrita; transmissão oral da cultura; formação de novas comunidades.
- **Arcaico (800 a.C. a 500 a.C.)** – formação da pólis; colonização grega de outras regiões, com a fundação de cidades como Bizâncio, Marselha, Siracusa e Nápoles; realização dos primeiros Jogos Olímpicos; introdução do alfabeto fenício adaptado pelos gregos; difusão da escrita fora do círculo dos escribas profissionais.
- **Clássico (500 a.C. a 338 a.C.)** – consolidação da pólis — cidade-Estado; guerras greco-pérsicas; apogeu de cidades como Atenas (que desenvolveu a democracia) e Esparta (que desenvolveu um governo oligárquico); guerras entre cidades gregas.
- **Helenístico (338 a.C. a 146 a.C.)** – crise da pólis grega; invasão e domínio da Grécia pelos macedônios; expansão militar e cultural macedônica.

Em destaque **Homero, homérico**

A palavra homérico, utilizada para designar um período da história da Grécia Antiga, diz respeito a Homero, o poeta grego que teria vivido no século VI a.C. e a quem se atribui a autoria de dois poemas épicos monumentais: a *Ilíada* e a *Odisseia*. Essas obras de ficção literária mesclam mitos e aspectos históricos da formação da sociedade grega.

A *Ilíada*, poema de cerca de 15 mil versos, conta episódios da Guerra de Troia (em grego, *Ilion*). A causa dessa guerra foi o rapto de Helena (esposa do rei grego Menelau) por Páris, príncipe de Troia. Em represália ao rapto, os gregos atacaram os troianos.

A *Odisseia*, poema de cerca de 12 mil versos, conta as aventuras de Ulisses (em grego, *Odisseu*), rei lendário de Ítaca, marido de Penélope, em seu longo regresso à terra natal após a Guerra de Troia.

Muitos estudiosos afirmam que a *Ilíada* e a *Odisseia* não são obras de um único poeta, mas resultado da criação coletiva de vários poetas (os *aedos*), que por meio da tradição oral declamaram, criaram e recriaram essas narrativas. Somente por volta de 550 a.C. é que a *Ilíada* e a *Odisseia* foram registradas em texto escrito.

- Segundo estudiosos, como as obras atribuídas a Homero eram transmitidas até cerca de 550 a.C.?

Primeiros povoadores

A partir de 2000 a.C., diversos povos (aqueus, jônios, eólios e dórios) começaram a se estabelecer na região sul dos Balcãs. Dominando as populações já existentes nessas regiões, esses povos deram origem a uma mescla de etnias e culturas que, ao longo do tempo, adquiriu certa unidade e constituiu os helenos, isto é, o povo grego.

Pólis: a cidade-Estado

A partir do século VIII a.C., formaram-se na região da Grécia Antiga diversas cidades independentes, cada qual com seu governo, leis, calendário, moedas. Cada uma dessas cidades era chamada de pólis, palavra grega que costuma ser traduzida por "cidade-Estado".

Messênia, Tebas, Mégara e Erétria eram algumas cidades-Estado gregas. Entretanto, as que mais se destacaram foram Atenas e Esparta, pela liderança que em certas épocas exerceram sobre as demais cidades.

De modo geral, podemos dizer que a pólis reunia agrupamentos humanos que habitavam um território cuja área variava entre 1 000 e 3 000 km^2.

Na área urbana, havia um centro com praças, edifícios públicos, templos, casas, oficinas etc. Era onde se concentrava o núcleo político e religioso, além da atividade artesanal e comercial de alimentos e de produtos como tecidos, roupas, sandálias, armas, artigos em cerâmica e vidro.

Na área rural, a população dedicava-se a atividades agropastoris, como o cultivo de oliveiras, videiras, trigo e cevada e a criação de cabras, ovelhas, porcos e cavalos.

Como dissemos, havia conflitos e diferenças entre as diversas pólis, mas alguns elementos culturais integravam suas populações: falavam a mesma língua (apesar dos diferentes **dialetos**), tinham uma base religiosa comum, participavam dos Jogos Olímpicos etc. Em função disso, reconheciam-se como helenos (gregos) e chamavam de bárbaros os povos que não falavam sua língua nem tinham seus costumes.

Dialeto: variação regional ou social de uma língua.

Religião e mitologia

A religião foi um dos principais elementos de vínculo cultural entre os gregos. Entre suas características, podemos citar o **politeísmo**, isto é, o culto a vários deuses e o **antropomorfismo** (do grego *antropo* = homem; *morfismo* = referente à forma), pois os deuses gregos eram representados com forma e comportamento semelhantes aos dos seres humanos.

Além dos deuses, os gregos também reverenciavam os heróis, que eram semideuses, isto é, filhos de um deus imortal com uma pessoa mortal.

A religião grega não tinha normas (dogmas) estabelecidas em um único livro sagrado. Seus princípios foram transmitidos pela tradição oral.

Havia cultos públicos às divindades, geralmente conduzidos por sacerdotes, nos quais orações e sacrifícios de animais eram elementos importantes para se obter benefícios e proteção dos deuses. As famílias gregas também prestavam culto privado aos espíritos dos antepassados.

Os gregos acreditavam que os deuses comunicavam-se com os seres humanos de diversas maneiras, por exemplo, o óraculo, resposta dada por um deus sobre determinada consulta por meio de sacerdotes capazes de transmitir a mensagem.

Filhos de Cronos e Reia	
Zeus	deus do céu e senhor do Olimpo
Héstia	deusa do lar
Hades	deus do mundo subterrâneo
Deméter	deusa da agricultura
Hera	esposa (e irmã) de Zeus
Posêidon	deus dos mares

Filhos de Zeus	
Ares	deus da guerra
Atena	deusa da inteligência; prestava serviços à guerra ou à paz
Afrodite	deusa do amor e da beleza
Dioniso	deus do vinho, do prazer e da aventura
Apolo	deus do Sol, das artes e da razão
Ártemis	deusa da Lua, da caça e da fecundidade animal
Hefesto	deus do fogo; patrono dos metalúrgicos
Hermes	deus do comércio e da comunicação

Em destaque — Mito e mitologia

O termo mito tem diversos sentidos. Pode significar uma ideia falsa, como o "mito da superioridade racial dos germânicos", uma crença exagerada no talento de alguém, algo como "Elvis Presley foi o maior mito do *rock* mundial", ou algo não comprovado, como o mito da existência de marcianos.

O que chamamos de mitologia grega é um rico conjunto de narrativas sobre a vida dos deuses e heróis, e seu envolvimento com os humanos. Esses mitos exerceram grande influência na arte e no pensamento dos povos ocidentais, como observado na imagem ao lado.

PABLO PICASSO. *MINOTAURO E A ÉGUA MORTA DIANTE DE UMA GRUTA*, 1936

Minotauro e a égua morta, diante de uma gruta. Obra de Picasso, de 1936. Encontra-se no Museu Picasso, em Paris, França.

- Que figura dessa obra de arte foi inspirada na mitologia grega? O que você sabe sobre esse personagem mitológico?

ARALDO DE LUCA/CORBIS/FOTOARENA/MUSEUS VATICANOS, ITÁLIA

O discóbolo. Cópia romana, em mármore, da obra de Míron (cerca de 450 a.C.). O autor captou a vitalidade do atleta no instante que antecede o lançamento do disco. Grande parte da produção escultórica da Grécia Antiga é conhecida por meio de cópias romanas.

Jogos Olímpicos

A partir de 776 a.C., de quatro em quatro anos, os gregos das mais diversas cidades reuniam-se em Olímpia para a realização de um festival de competições que ficou conhecido como Jogos Olímpicos, ou Olimpíadas.

Os Jogos Olímpicos eram realizados em honra a Zeus (o mais importante deus grego) e incluíam provas de diversas modalidades esportivas: corrida, salto, arremesso de disco, lutas corporais. Além do esporte, havia também competições musicais e poéticas.

Esses jogos eram anunciados por todo o mundo grego dez meses antes de sua realização. Os gregos atribuíam tanta importância a essas competições que chegavam a interromper guerras entre cidades (trégua sagrada) para não prejudicar a realização dos jogos.

Os Jogos Olímpicos da Antiguidade foram celebrados até o ano de 393 d.C., quando o imperador romano Teodósio I, que era cristão, mandou fechar o templo de Zeus, em Olímpia, provavelmente para combater cultos não cristãos. Quinze séculos depois, um amante do esporte, o educador francês Pierre de Frédy, o barão de Coubertin (1863-1937), empreendeu esforços para restaurar os Jogos Olímpicos. Sua "causa" obteve simpatia e adesão internacionais. Em 1896, foram realizados em Atenas os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna.

As atuais Olimpíadas, também realizadas de quatro em quatro anos, reúnem atletas de diversos países do mundo e procuram preservar o ideal de união dos povos por meio do esporte.

JONNE RORIZ/AGÊNCIA ESTADO/CORBIS/FOTOARENA

Keila Costa, atleta brasileira, participa de competição de salto triplo feminino durante as Olimpíadas de Londres, em 2012.

Colônias gregas

Do século VIII até o século VI a.C., inúmeros gregos deixaram suas cidades e partiram para diversas regiões do litoral do Mediterrâneo e dos mares Egeu e Negro.

Nessas regiões, fundaram novas cidades — as colônias para povoamento —, as quais chamavam de *apoíkias*, palavra que pode ser traduzida por "abrir uma nova casa".

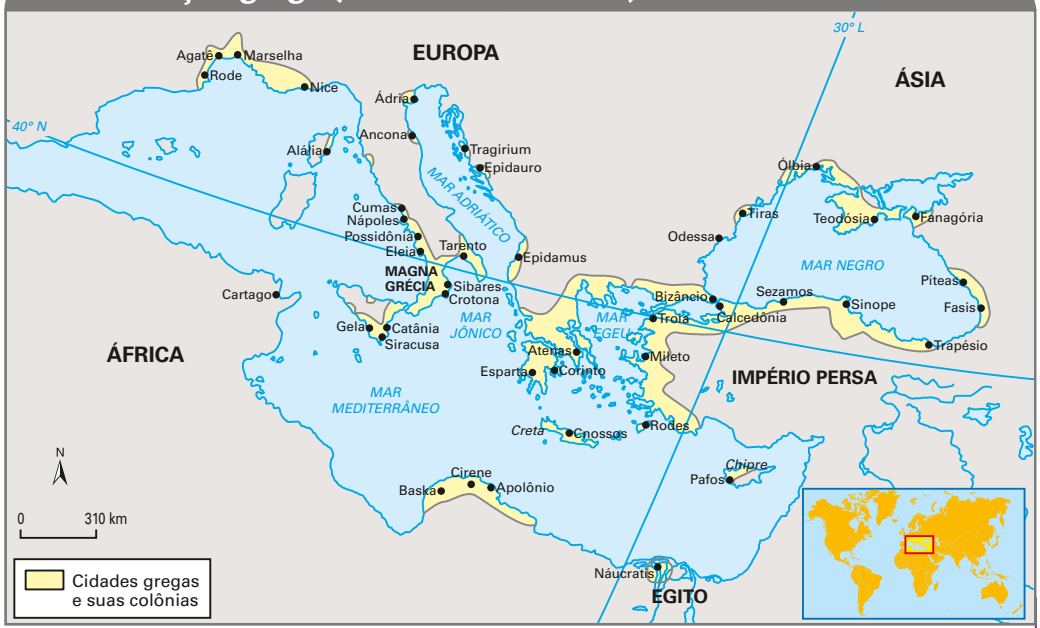
Historiadores consideram que essa expansão colonizadora parece estar relacionada, principalmente, a questões sociais, originadas por problemas de posse da terra, dificuldades na agricultura e aumento da população.

Para fugir da miséria, muitos gregos migraram em busca de terras para plantar e de melhores condições de vida, o que acabou ocasionando a fundação de novas cidades.

Muitas colônias se transformaram em centros comerciais, pois dispunham de portos estratégicos para as rotas de navegação.

Assim, a colonização grega favoreceu o desenvolvimento da navegação marítima, impulsionou o comércio e a produção artesanal e contribuiu para o intercâmbio cultural dos gregos com outros povos.

Colonização grega (séculos VIII-VI a.C.)



SELMA CAPARROZ

Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de et al. *Atlas histórico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: MEC/Fename, 1986. p. 77.

Observar o mapa

- Compare este mapa com o da Grécia Antiga, no início do capítulo. Quais foram as áreas alcançadas pela colonização (séculos VIII-VI a.C.)?

Investigando

1. Que motivos levaram à expansão colonizadora dos gregos?
2. Destaque a relação entre a expansão colonizadora da Grécia Antiga e o aumento de suas atividades comerciais.

Esparta

O governo oligárquico

Localizada na península do Peloponeso, em uma região de solo apropriado para o cultivo da vinha e da oliveira, a cidade-Estado de Esparta não teve uma área urbana importante. Era uma cidade de caráter militarista e **oligárquico**.

Um dos principais objetivos do governo de Esparta era fazer de seus cidadãos modelos de soldados — bem treinados fisicamente, corajosos e obedientes às leis e às autoridades —, a fim de engajá-los no exército e manter o modelo de Estado espartano.

Oligárquico: referente à oligarquia, tipo de governo em que um grupo reduzido de pessoas poderosas domina de acordo com os próprios interesses.

Sociedade espartana

A sociedade espartana dividia-se em três categorias principais: esparciatas, periecos e hilotas.

Os esparciatas eram cidadãos espartanos, homens livres que permaneciam à disposição do exército ou dos negócios públicos, podendo participar do governo da cidade. Cumpriam uma série de deveres junto ao Estado espartano. Eram proprietários das terras nos arredores da cidade, no entanto, "cada lote de terra (*kléros*) era mais uma propriedade da família do que do indivíduo: era inalienável".[1]

Já os periecos eram pessoas livres que se dedicavam principalmente ao comércio e ao artesanato. Descendiam dos povos conquistados pelos esparciatas e não tinham direitos políticos nem participavam dos órgãos do governo, mas tinham a obrigação de pagar impostos ao Estado.

Os hilotas, por sua vez, viviam presos à terra dos esparciatas. Deviam cultivá-la a vida inteira e não podiam ser expulsos de seu lugar. Desprezados socialmente, promoviam frequentes revoltas contra os grupos dominantes.

Conta-se que, para controlar as revoltas e manter os hilotas em submissão, os esparciatas organizavam expedições anuais de extermínio (*kriptias*), que consistiam na perseguição e morte dos hilotas considerados perigosos.

BOLTIN PICTURE LIBRARY/THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/COLEÇÃO PARTICULAR

Estátua em bronze, do século VI a.C., representando um guerreiro espartano.

Gestão do Estado espartano

Esparta era governada por dois reis. Entre suas funções, destacavam-se os serviços de caráter militar e religioso. Em tempo de guerra, um dos reis exercia o comando dos exércitos. A administração política era exercida, também, por três órgãos:

- **Gerúsia** – conselho vitalício de anciãos, constituído pelos dois reis e mais 28 esparciatas maiores de 60 anos. Tinha funções administrativa (supervisão), legislativa (elaboração de projetos de lei) e judiciária (tribunal superior);
- **Ápela** – assembleia formada por cidadãos espartanos maiores de 30 anos. Elegia os membros da Gerúsia e aprovava ou rejeitava as leis encaminhadas por eles;
- **Conselho dos Éforos** – grupo formado por cinco membros eleitos anualmente pela Ápela. Os éforos, com mandato de um ano, eram os verdadeiros chefes do governo espartano: coordenavam as reuniões da Gerúsia e da Ápela e controlavam a vida econômica e social da cidade, podendo vetar os projetos de lei e fiscalizar as atividades dos reis.

1 Jardé, A. *A Grécia Antiga e a vida grega*. São Paulo: EPU/Edusp, 1977. p. 162.

Atenas

Da monarquia à democracia

Outra importante pólis grega era Atenas, que se tornaria a mais célebre cidade da Grécia Antiga e a capital da Grécia atual. Fundada pelos jônios, situa-se no centro da planície da Ática. O centro original da cidade localizava-se em uma colina alta, a **acrópole**, tendo, assim, uma proteção natural contra ataques.

Acrópole: nas cidades gregas antigas, o local mais elevado; do grego *ákros* = alto e *pólis* = cidade.

Devido à pouca fertilidade dos solos da região, os atenienses lançaram-se à navegação marítima. Tornaram-se, assim, excelentes marinheiros, chegando a dominar grande parte do comércio pelo Mediterrâneo.

Sociedade ateniense

A sociedade ateniense costuma ser agrupada em três grandes categorias: cidadãos, metecos e escravos.

Os cidadãos eram homens adultos (maiores de 21 anos), filhos de pai e mãe atenienses. Eram pessoas de diferentes condições econômicas: grandes e pequenos proprietários de terra, grandes e pequenos comerciantes etc. Tinham direitos políticos e participavam do governo da cidade. Raramente os atenienses concediam o direito de cidadania a pessoas de outras cidades.

Já os metecos eram pessoas que viviam em Atenas, mas não haviam nascido na cidade. Não tinham direitos políticos e eram proibidos de comprar terras, mas podiam trabalhar no comércio e no artesanato. Em geral, pagavam impostos para viver na cidade e, em certas épocas, podiam ser convocados para o serviço militar.

Os escravos, geralmente prisioneiros de guerra, eram comprados de estrangeiros nos mercados de escravos, ou eram filhos de escravos que já viviam na cidade.

Em Atenas, viviam milhares de pessoas escravizadas. Alguns historiadores estimam que, no final do século IV a.C., eram aproximadamente 400 mil. Calcula-se que uma família rica chegava a ter 20 escravos para os serviços domésticos. A família que, nessa época, não tivesse pelo menos um escravo demonstrava levar vida de pobreza. Os escravos urbanos estavam, geralmente, protegidos pelas leis atenienses contra abusos ou brutalidades.

Interpretar fonte — Escravidão na Grécia Antiga

Os gregos desenvolveram uma nova técnica de decoração em cerâmica em que as figuras são formadas pela cor natural da terracota sob fundo negro. Analise uma dessas cerâmicas e responda:

PHOTO (C) RMN-GRAND PALAIS (MUSÉE DU LOUVRE)/HERVÉ LEWANDOWSKI/ MUSEU DO LOUVRE, PARIS, FRANÇA

Ânfora grega em cerâmica com desenho de escravo e seu senhor (século V a.C.).

1. Que atitude representada no vaso revela submissão de um homem ao outro?
2. Aponte a relação entre o escravismo grego e essa submissão.

Reformas de Drácon e Sólon

Até meados do século VIII a.C., Atenas era governada por um rei que acumulava funções de juiz, sacerdote e chefe militar. Posteriormente, o poder do rei foi passando para as mãos de representantes da **aristocracia**, que comandavam o governo da cidade.

Apossando-se das melhores terras cultiváveis, a aristocracia ateniense tornou-se muito rica. Além disso, emprestava dinheiro aos pequenos proprietários, que, em caso de não pagamento da dívida, perdiam seus bens e até mesmo sua liberdade, tornando-se escravos.

Diante dos abusos e da concentração de poder da aristocracia, grande parte dos atenienses (comerciantes, artesãos, camponeses) começou a exigir reformas políticas e sociais. Assim, nos séculos VII e VI a.C., surgiram reformadores como Drácon, que impôs leis escritas para acabar com as **vendetas**, e Sólon, que libertou os cidadãos transformados em escravos.

Aristocracia: classe formada por um grupo de pessoas que detêm o poder econômico ou político.
Vendeta: guerra entre famílias por vingança.

Essas reformas fizeram parte das conquistas, em que a maioria dos grupos sociais não aristocráticos uniu-se para exigir participação política no governo da cidade. O processo culminou na criação de uma nova maneira de governar Atenas, que foi chamada de democracia.

De Clístenes a Péricles

Um dos principais responsáveis pela instituição da democracia em Atenas foi Clístenes, que exerceu o poder de 510 a.C. a 507 a.C. Ele aprofundou as reformas já efetuadas e introduziu o regime democrático, cujo princípio básico dizia que "todos os cidadãos têm o mesmo direito perante as leis". Trata-se do princípio da isonomia.

É preciso entender, no entanto, que na democracia ateniense eram considerados cidadãos apenas uma pequena parcela da população masculina adulta. Não tinham direitos políticos e, portanto, excluíam-se da vida democrática: os estrangeiros residentes em Atenas (metecos), os escravos, as mulheres e os jovens menores de 21 anos.

Se fizermos uma reflexão crítica, podemos dizer que a democracia ateniense era, portanto, *elitista* (porque só uma minoria tinha direitos), *patriarcal* (porque excluía as mulheres) e *escravista* (porque eram os escravos que sustentavam a riqueza dos senhores).

Esse grupo restrito de cidadãos participava da Assembleia do Povo (Eclésia) e aprovava ou rejeitava projetos para a cidade.

O órgão que elaborava esses projetos era o Conselho dos Quinhentos, formado por 500 cidadãos sorteados anualmente. Por sua vez, os projetos aprovados pela Assembleia do Povo eram executados pelos estrategos, espécie de chefes do governo em tempo de paz. Em tempo de guerra, eles eram encarregados do comando dos exércitos e dos serviços relacionados às ações militares.

No século V a.C., os atenienses introduziram novas mudanças na vida democrática da cidade, sob a liderança de Péricles (499-429 a.C.). É preciso destacar que, no período de 445 a.C. a 431 a.C., Péricles foi sucessivamente reeleito para o cargo de estratego. Historiadores consideram que, nesse período, Atenas atingiu grande esplendor.

EMMEPI TRAVEL/ALAMY/FOTOARENA

Pórtico das Cariátides, construído entre 421 a.C. e 406 a.C. na acrópole de Atenas. Feitas em mármore branco, as figuras revelam o esplendor da cidade anteriormente governada por Péricles. Fotografia de 2010.

Comparando democracias

Há várias diferenças entre as democracias atuais e a antiga democracia ateniense. Vimos, por exemplo, que em Atenas somente parte dos homens adultos constituía o grupo de cidadãos, isto é, tinha direito a participar da vida política. Hoje, em uma sociedade democrática, a cidadania é uma condição a que todos os seus membros têm direito.

Outra grande diferença é que, em Atenas, a democracia era direta, ou seja, todo cidadão apresentava-se pessoalmente na Assembleia para votar sobre diferentes assuntos da vida pública.

Já a maioria dos sistemas democráticos atuais é representativa, ou seja, o cidadão elege os políticos (prefeitos, governadores, presidente, vereadores, deputados e senadores) para representá-lo nos diferentes órgãos da administração pública.

Investigando

- Segundo o IBGE, as mulheres compõem mais da metade da população brasileira. Na cidade onde você mora, a quantidade de homens e mulheres eleitos para cargos públicos corresponde a essa proporção? Por que é importante ter mais mulheres na política?

Interpretar fonte — A democracia de Péricles

O historiador ateniense Tucídides (c. 460-396 a.C.) registrou um eloquente discurso de Péricles sobre a democracia. Leia um trecho.

> Nossa forma de governo não se baseia nas instituições dos povos vizinhos. Não imitamos os outros. Servimos de modelo para eles.
>
> Somos uma democracia porque a administração pública depende da maioria, e não de poucos. Nessa democracia, todos os cidadãos são iguais perante as leis para resolver os conflitos particulares. Mas, quando se trata de escolher um cidadão para a vida pública, o talento e o mérito reconhecidos em cada um dão acesso aos postos mais honrosos.
>
> Nossa cidade institui muitos divertimentos para o povo. Temos concursos, festas e cerimônias religiosas ao longo de todo o ano. Isso tudo nos traz prazer de viver e afasta de nós a tristeza. Ao contrário de outros povos, que impõem aos jovens exercícios penosos, nós educamos a juventude de maneira bem mais liberal e amena. [...]
>
> Todo cidadão tem direito de cuidar de sua vida particular e de seus negócios privados. Mas aquele que não manifestar interesse pela política, pela vida pública, é considerado um inútil.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília/São Paulo: UnB/Hucitec, 1986. Cap. 37-41. Livro II.

1. Extraia do discurso de Péricles um trecho que demonstre a preocupação com o espírito e com as artes.

2. Analisando o discurso de Péricles sobre a democracia, responda:

a) Qual é o conceito de democracia explicitado no texto?

b) No terceiro parágrafo, lê-se: "Ao contrário de outros povos [...]". A que povos o texto está, provavelmente, se referindo? De que forma essa referência é feita?

c) Qual a sua opinião, no contexto da democracia ateniense, sobre a frase: "Mas aquele [cidadão] que não manifestar interesse pela política, pela vida pública, é considerado um inútil"?

d) Que atividades estariam ligadas à vida pública e à vida privada dos atenienses?

3. Esse sistema atingia igualmente todos os que viviam em Atenas? Justifique.

Alianças e guerras

Lutas pela hegemonia grega

No período Clássico de sua história, a Grécia atingiu um grande desenvolvimento econômico e cultural.

Guerras greco-pérsicas

A ascensão econômica e cultural da Grécia provocou disputas por rotas comerciais, mercados e matérias-primas entre gregos e persas. Sob os reinados de Dario e Xerxes, os persas expandiram-se sobre cidades gregas da Ásia Menor e da Jônia e, depois, na península Balcânica. Surgiu, então, o longo conflito conhecido como Guerras Greco-Pérsicas ou Guerras Médicas (499-475 a.C.).

As Guerras Greco-Pérsicas acabaram promovendo certa solidariedade entre os gregos, que, nesse episódio, reforçaram a percepção de sua identidade cultural, contrastando-a com a dos persas.

Sob a liderança, no início, de atenienses e espartanos, cidadãos de outras pólis gregas uniram-se aos esforços para deter a invasão persa e foram bem-sucedidos. Ao final dessas guerras, Atenas tornou-se a cidade grega mais poderosa.

Hegemonia ateniense

Era intenso o comércio que os atenienses realizavam com diversas cidades, utilizando principalmente o transporte marítimo, como descreve o texto a seguir:

> Os navios atenienses, com aproximadamente vinte homens, saíam carregados de figos secos, lã, prata, mármore, armas, objetos de cerâmica, vasos com azeite e vinho. Na volta traziam alimentos (trigo, peixe seco, carne salgada, queijo e frutas), matérias-primas (ferro, cobre, madeira, marfim, peles, linho), produtos manufaturados (telhas de Corinto, camas de Quios, tapetes da Pérsia, roupas simples de Mégara, tecidos finos do Egito, perfumes da Arábia).

FRANCO JR., Hilário; CHACON, Paulo Pan. *História econômica geral*. São Paulo: Atlas, 1995. p. 34.

Buscando proteção contra possíveis ataques externos dos persas, líderes políticos de Atenas organizaram, então, uma aliança entre diversas cidades gregas. Essa aliança ficou conhecida como Liga de Delos, pois sua sede ficava na ilha de Delos. As cidades aliadas eram independentes e tinham de contribuir com navios, soldados e dinheiro para a aliança. A princípio, o tesouro da Liga ficava em Delos, mas, posteriormente, foi transferido para Atenas, cujos líderes também assumiram o comando das forças militares.

Assim, a Liga transformou-se, aos poucos, em um conjunto de cidades subordinadas ao poder ateniense. Tanto que Péricles, chefe político ateniense nesse período, acabou utilizando parte do dinheiro da Liga de Delos para embelezar Atenas, construindo templos e outras obras públicas.

Hegemonia espartana

Com o fim da ameaça persa, algumas cidades tentaram dissociar-se da Liga, mas foram impedidas pelas lideranças atenienses. Então, Corinto, Mégara e Tebas, sob o comando de Esparta, rebelaram-se contra Atenas e fundaram outra aliança político-militar, conhecida como Liga do Peloponeso.

Teve início, assim, a Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), que durou 27 anos, com breves intervalos de paz. Ao final desse desgastante conflito, Atenas saiu derrotada.

Embora os atenienses tenham procurado reconquistar sua posição no mundo grego, não conseguiram recuperar a antiga liderança, e os aristocratas espartanos, vitoriosos na Guerra do Peloponeso, estenderam sua influência sobre o mundo grego durante cerca de 30 anos (404-371 a.C.).

Hegemonia tebana

A liderança de Esparta foi interrompida por novas revoltas entre cidades gregas, comandadas pelos habitantes da cidade de Tebas, que contava com um poderoso exército.

Após vencer as tropas espartanas, as lideranças tebanas instituíram um período de hegemonia entre os gregos, que durou de 371 a.C a 362 a.C. Tantos anos de guerras internas debilitaram as cidades gregas e suas instituições públicas. O mundo grego já não era o mesmo.

Domínio macedônico

Aproveitando-se da "crise" da pólis, o rei Filipe da Macedônia preparou um forte exército para conquistar a Grécia. A Batalha de Queroneia (338 a.C.) foi o marco decisivo desse conflito, confirmando a vitória dos macedônios sobre os gregos. Em 336 a.C., o sucessor de Filipe, seu filho Alexandre, assumiu o trono e deu continuidade à expansão militar macedônica.

À frente do exército macedônico, Alexandre Magno (o Grande, como ficou conhecido) sufocou definitivamente as revoltas das cidades gregas (Tebas e Atenas) e, depois, partiu com mais de 40 mil homens em direção ao Oriente. Alexandre obteve vitórias militares na Ásia Menor, Egito, Mesopotâmia, Pérsia e em regiões da Índia, até o vale do rio Indo. Em dez anos, o Império Macedônico transformou-se em um dos maiores de toda a Antiguidade.

Alexandre não conseguiu, no entanto, montar um governo estável para administrar seu vasto império. Quando morreu, em 323 a.C. (pouco antes de completar 33 anos), seus generais disputaram o poder entre si, cada qual defendendo os interesses da região que comandava.

Assim, o Império Macedônico fragmentou-se. O general Ptolomeu, por exemplo, passou a governar o Egito e recusou-se a pagar tributos aos macedônios, tornando-se o fundador da longa dinastia à qual pertenceria a rainha Cleópatra.

SANDRO VANNINI/CORBIS/FOTOARENA/ MUSEU BRITÂNICO, LONDRES

Escultura (c. século II-I a.C.) representando o conquistador macedônio Alexandre, o Grande. Ele teve como mentor o filósofo grego Aristóteles.

O Império de Alexandre Magno (336-323 a.C.)

SIDNEI MOURA

Fonte: KINDER, Hermann; HILGEMAN, Werner. *Atlas histórico mundial*: de los orígenes a la Revolución Francesa. Madrid: Ediciones Istmo, 1982. p. 64; ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de et al. *Atlas histórico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: MEC/Fename, 1986. p. 78.

Observar o mapa

- Considere o mapa e responda:
  - **a)** Que Estados se mantiveram sob domínio de Alexandre como aliados autônomos?
  - **b)** Que antigos impérios já estudados neste volume acabaram sendo incorporados ao Império Macedônico?
  - **c)** Que característica comum se observa nas cidades fundadas por Alexandre?

Cultura grega e seu legado

As bases da civilização ocidental

Consideremos, agora, o legado cultural da Grécia Antiga. Costuma-se dizer que os gregos lançaram os principais alicerces da civilização ocidental. As raízes gregas estão em toda parte da cultura contemporânea: na política, na filosofia, nas ciências, nas artes, na educação. Até mesmo na linguagem. Muitas palavras, em todas as línguas modernas, empregam radicais gregos, como *micro*, *macro*, *cosmo*, *biblio*, *grama* etc.

O esplendor cultural grego ocorreu especialmente na cidade de Atenas, entre os séculos V e IV a.C., durante o chamado período Clássico. Todas as expressões artísticas (escultura, arquitetura, teatro etc.) de Atenas eram públicas, patrocinadas pela cidade-Estado para a comunidade — não pertenciam a colecionadores particulares. A arte estava presente na vida cotidiana das pessoas; encontrava-se nos templos, teatros, cemitérios, não em museus ou residências.

Arquitetura e escultura

Entre as edificações mais expressivas da arquitetura grega, podemos citar os templos. Tinham a principal função de abrigar esculturas dos deuses e deusas, mas não eram locais destinados a reunir pessoas para o culto religioso.

Foram construídos para ser vistos do exterior e tinham como elementos básicos a coluna e o **capitel**. Na construção desses elementos, destacaram-se três grandes estilos arquitetônicos: dórico, jônico e coríntio.

Capitel: arremate ou escultura na parte superior de colunas ou pilastras.

Entre os arquitetos gregos, destacaram-se Fídias e Calícrates (também escultores), e Ictinos, que construíram o Partenon, templo em mármore dedicado à deusa Atena. O Partenon é considerado uma das maiores obras arquitetônicas da humanidade.

Com relação às esculturas, grande parte de sua produção também esteve ligada à religião, mas não se restringia a ela: mesclava o divino e o humano, o espiritual e o físico. Deuses e deusas eram representados em forma humana. Na época Clássica, essas formas adquiriram proporções idealizadas, por meio das quais se procurava traduzir conceitos e sentimentos, como a justiça, o amor, a guerra, a paz, a sabedoria etc. Destacaram-se, entre os escultores gregos, Míron (autor do *Discóbolo*) e Praxíteles (autor da *Vênus de Cnido*).

JOEL W. ROGERS/CORBIS/FOTOARENA

Coluna dórica: simples, sóbria e sólida, é a mais antiga. Seu capitel, uma peça quadrangular no alto da coluna, fica entre o suporte circular e a estrutura do teto.

DAVE BARTRUFF/CORBIS/FOTOARENA

Coluna jônica: mais requintada do que a dórica, apresenta graciosas volutas e diversos elementos decorativos no capitel.

IMAGE SOURCE/LATINSTOCK

Coluna coríntia: caracterizada por acentuado decorativismo, que lhe proporciona mais suntuosidade e luxo. Predominou no período helenístico e foi muito aplicada pelos romanos em suas construções.

Teatro e literatura

Os principais dramaturgos gregos foram Ésquilo (autor de *Prometeu acorrentado* e *Os persas*), Sófocles (autor de *Édipo rei*, *Electra* e *Antígona*), Eurípedes (autor de *Medeia*, *As bacantes* e *Andrômaca*) e Aristófanes (autor de *As nuvens*, *As rãs* e *Os cavaleiros*). Eles criavam textos cômicos (as comédias) ou dramáticos (as tragédias). Os atenienses apreciavam os diferentes gêneros teatrais, e havia festivais e concursos entre seus autores.

Os gregos aperfeiçoaram o alfabeto fenício, inserindo as vogais, e o transmitiram a diversos povos. Desenvolveu-se, então, uma escrita grega que se difundiu no mundo antigo. Atualmente, em diversos idiomas encontramos muitas palavras de origem grega. Os gregos também criaram gêneros literários (lírica, epopeia e drama), dos quais derivam o romance, a novela, o ensaio, a biografia etc.

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/ MUSEU FITZWILLIAM, UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE, INGLATERRA

Máscara teatral grega (século II a.C.). Os traços expressivos da máscara permitiam ressaltar o caráter do personagem, facilitando sua assimilação pelo público.

História, filosofia e ciências

Na escrita da história, destacaram-se Heródoto (484-425 a.C.), conhecido como o "pai da história", e Tucídides (460-396 a.C.).

Os gregos não inventaram a história, mas, em certo sentido, "inventaram" o historiador. Foi com Heródoto que "surgiu o historiador como figura subjetiva. Sem estar diretamente ligado a um poder político, sem ser comissionado por ele, Heródoto põe-se [...] a reivindicar a narração que inicia pela inscrição de um nome próprio: o seu [...]. Ele é o autor de seu logos (saber)".[2]

A filosofia desenvolveu-se na Grécia Antiga por volta do século VI a.C. Nasceu promovendo o pensamento racional, a razão. O momento histórico em que isso ocorreu coincide com a formação das pólis. Essas cidades desenvolveram-se com a participação dos cidadãos que, por meio da razão, organizaram os mais diversos aspectos da vida social: o governo, a economia, o lazer etc. Por isso, o historiador Jean-Pierre Vernant disse que a filosofia grega é filha da pólis.[3]

A palavra filosofia é formada por dois termos gregos: *filos* (amor) e *sofia* (sabedoria). A origem da palavra demonstra que filosofia não é um conhecimento pronto e acabado, mas uma busca "amorosa" do conhecimento. Para o filósofo grego Aristóteles, essa busca do saber é movida pelo desejo de vencer a sensação incômoda provocada pela ignorância. "Para escapar da ignorância, o ser humano começou a filosofar", escreveu Aristóteles. O saber filosófico estava voltado a todos os campos do conhecimento: matemática, astronomia, biologia, política, lógica, ética, física etc. Ao longo do tempo, esse vasto campo do conhecimento filosófico passou a merecer estudos mais definidos e especializados. Com isso, foram nascendo os diversos ramos das ciências particulares, que se desprenderam do tronco original da filosofia. Entre os grandes filósofos gregos citam-se: Sócrates (469-399 a.C.), Platão (427-347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.), que marcaram profundamente o pensamento ocidental.

Na medicina, destacou-se Hipócrates (cerca de 460-377 a.C.), que ficou conhecido como "pai da medicina". Entre os textos escritos por Hipócrates, um dos mais famosos é o seu juramento, pela mensagem ética transmitida aos profissionais da medicina. Ainda hoje, em algumas faculdades, os médicos pronunciam as palavras do juramento de Hipócrates ao receber o diploma de formatura.

2 HARTOE, François. Primeiras figuras do historiador na Grécia: historicidade e história. In: *Revista de História*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, n. 141, 1999. p. 10.

3 VERNANT, Jean-Pierre. *A travessia das fronteiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. p. 94-95.

Cultura helenística

A expansão militar do Império Macedônico teve como uma de suas principais consequências a difusão da cultura grega no Oriente. Isso deu origem a um processo de integração entre elementos orientais e gregos que resultou na chamada cultura helenística.

Os principais centros de difusão da cultura helenística foram as cidades de Antioquia, Pérgamo e Alexandria (no Egito). Essa última merece especial destaque, devido à sua biblioteca, que possuía mais de 100 mil rolos de papiro, reunindo importante acervo científico e filosófico.

Ciência e filosofia

O intercâmbio entre sábios gregos e orientais impulsionou o conhecimento científico. A geometria desenvolveu-se com Euclides; a astronomia e a geografia, com Hiparco e Eratóstenes; e a física, com Arquimedes.

No campo filosófico, o período Helenístico foi dominado por um clima de incertezas, descrenças e materialismo. Destacaram-se Zenão (336-263 a.C.), fundador de uma corrente filosófica conhecida como estoicismo, e Epicuro (342-271 a.C.), que desenvolveu teses de outra corrente, o hedonismo.

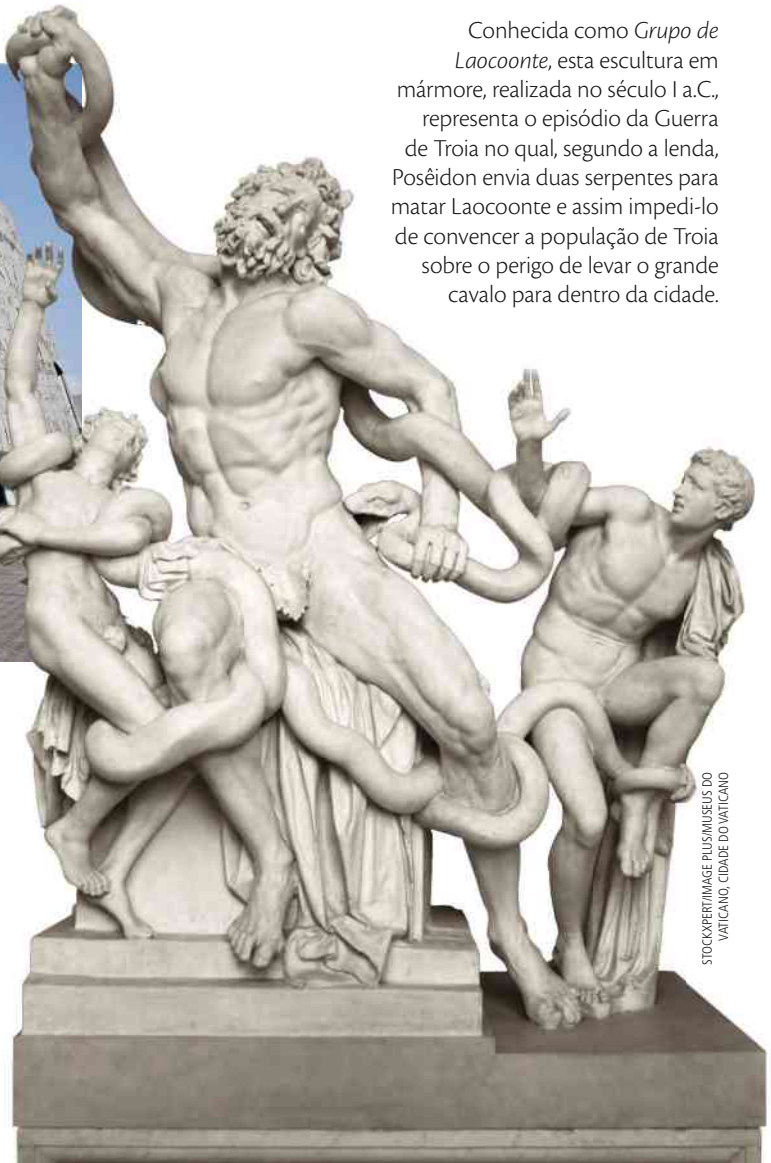
Artes

O equilíbrio e o racionalismo do classicismo grego adquiriram um caráter mais dramático, plástico e emotivo na arte helenística, como exemplificou a escultura *Grupo de Laocoonte* (também conhecida como *Laocoonte e seus filhos*).

Criaram-se também obras caracterizadas por um estilo monumental, como o *Farol de Alexandria* (uma torre de mármore com 120 metros de altura) e o *Colosso de Rodes* (estátua em bronze, com 30 metros de altura, de Hélios, o deus Sol).

JANE TAYLOR/THE ART ARCHIVE/THE PICTURE DESK/AFP

Fachada da Biblioteca de Alexandria construída em 2002, no Egito. Esse edifício foi erguido próximo ao local da antiga Biblioteca de Alexandria.



Conhecida como *Grupo de Laocoonte*, esta escultura em mármore, realizada no século I a.C., representa o episódio da Guerra de Troia no qual, segundo a lenda, Posêidon envia duas serpentes para matar Laocoonte e assim impedi-lo de convencer a população de Troia sobre o perigo de levar o grande cavalo para dentro da cidade.

STOCKXPERT/IMAGE PLUS/MUSEUS DO VATICANO, CIDADE DO VATICANO

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. Observe a reprodução de duas esculturas: uma egípcia e uma grega. Que diferenças e semelhanças podem ser observadas entre essas obras:

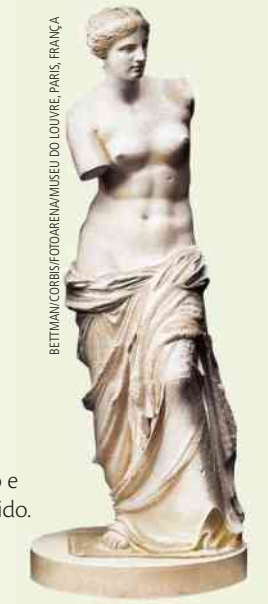
a) quanto à temática?

b) quanto aos materiais utilizados?

c) quanto ao ideal de beleza?

MIKE P. SHEPHERD/ALAMY/FOTOARENA/BERLIN, MUSEUM, GERMANY

Busto da rainha egípcia Nefertiti, esculpido em calcário e posteriormente colorido.



BETTMAN/CORBIS/FOTOARENA/MUSEU DO LOUVRE, PARIS, FRANÇA

Vênus de Milo, estátua grega, esculpida em mármore, que representa Afrodite, a deusa do amor sexual e da beleza física (cerca de 130 a.C.).

2. Pesquise o significado das expressões a seguir, ainda muito utilizadas e ligadas à mitologia grega. Depois, elabore uma frase com cada uma delas:

a) calcanhar de Aquiles;

b) presente de grego;

c) agradar a gregos e troianos.

3. Interprete a frase a seguir, atribuída ao legislador ateniense Sólon, que viveu há cerca de 2 500 anos: "Leis são como teias de aranha: boas para capturar mosquitos, mas os insetos maiores rompem sua trama e escapam".

a) Em sua opinião, a mesma metáfora poderia ser aplicada às sociedades contemporâneas, como a do Brasil? Justifique.

b) Quais seriam as consequências para um país quando os "insetos maiores" escapam? Debata com seus colegas.

c) Em grupos, elaborem uma charge para ilustrar a frase de Sólon.

4. Na Grécia Antiga, havia muitos meios pelos quais os conhecimentos eram difundidos, como as assembleias políticas em Atenas e, principalmente, o teatro. Reflita sobre o tema e responda às questões.

a) Atualmente, a quais meios de difusão do conhecimento você tem mais acesso? Explique as características de cada um.

b) Desses meios, quais são aqueles que, na sua opinião, mais contribuem para a formação da cidadania?

c) Você participa de algum meio de difusão do conhecimento, por exemplo, alguma rede social na internet? Comente.

5. A que classe social pertenciam os soldados espartanos? Tendo em vista que a sociedade espartana era profundamente militarizada e desigual, responda: Como essas características se traduziam na estrutura de poder?

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Língua Portuguesa.

6. A influência cultural grega está presente em nosso vocabulário cotidiano. Veja os seguintes exemplos:

Grego	Sentido	Exemplo de palavra
biblio	livro	biblioteca
bio	vida	biologia

Reflita sobre o estudo da etmologia. Pesquise o significado dos seguintes termos de origem grega: *geo*, *micro*, *grafia*, *grama*, *logia* e *teca*. Depois, dê exemplos de palavras que são compostas desses radicais gregos.

Diálogo interdisciplinar com Sociologia e Filosofia.

7. Em grupos, pesquisem o significado atual da palavra democracia. Utilizem jornais, revistas, textos da internet e retirem fragmentos de textos em que essa palavra é empregada. Em seguida, analisem esses significados e façam o que se pede.

a) Mencionem as principais características de um governo democrático na atualidade.

b) Comparem a ideia de democracia atual à ateniense e apontem semelhanças e diferenças.

Diálogo interdisciplinar com Literatura.

8. Alguns dos principais autores de tragédias gregas do século V a.C. conhecidos até hoje são Ésquilo (525-456 a.C.), Sófocles (496-405 a.C.) e Eurípedes (480-406 a.C.). A tragédia continha os valores da elite da sociedade grega, e os mitos eram a fonte de inspiração para seus autores.

A estrutura da tragédia grega está dividida da seguinte forma: prólogo, párodos (ligados à primeira evolução do coro), episódios, estásimo (segundo movimento do coro) e êxodo (desfecho).

Sob a orientação do professor, reúna-se com seus colegas. Leiam a peça *Édipo rei*, de Sófocles, e combinem uma data para a discussão do texto em sala de aula. Siga este roteiro de leitura para reflexão:

a) Quais são as personagens principais da peça?

b) Aponte o principal objetivo de Édipo durante a peça.

c) Com base nessa peça de teatro, podemos afirmar que não se pode fugir do próprio destino? Por quê?

d) Como podemos relacionar a história da peça à mitologia grega?

e) Em sua opinião, qual é a função do coro para a peça?

f) Como podemos relacionar a peça ao conteúdo deste capítulo?

De olho na universidade

9. (Unesp)

> É preciso dizer que, com a superioridade excessiva que proporcionam a força, a riqueza, [...] [os muito ricos] não sabem e nem mesmo querem obedecer aos magistrados [...]. Ao contrário, aqueles que vivem em extrema penúria desses benefícios tornam-se demasiados humildes e rasteiros. Disso resulta que uns, incapazes de mandar, só sabem mostrar uma obediência servil e que outros, incapazes de se submeter a qualquer poder legítimo, só sabem exercer uma autoridade despótica.
>
> Aristóteles. *Política*.

Segundo Aristóteles (384-322 a.C.), que viveu em Atenas e em outras cidades gregas, o bom exercício do poder político pressupõe:

a) o confronto social entre ricos e pobres.

b) a coragem e a bondade dos cidadãos.

c) uma eficiente organização militar do Estado.

d) a atenuação das desigualdades entre cidadãos.

e) um pequeno número de habitantes na cidade.

CAPÍTULO

9

Roma Antiga

Os antigos romanos falavam latim, língua-mãe de idiomas como português, espanhol, francês, italiano e romeno. O Direito romano tornou-se referência das instituições jurídicas ocidentais. Em muitas cidades atuais, percebemos construções inspiradas em templos, basílicas e anfiteatros romanos.
Que outros aspectos da cultura romana podemos identificar nas sociedades de hoje?

MANUEL COHEN/AFP

O Coliseu de Roma é um anfiteatro construído no século I d.C.

Treinando o olhar

1. Você sabe qual era a função do Coliseu na época do Império Romano?
2. Na sua interpretação, a estrutura do Coliseu romano se parece com alguma construção atual? Qual?

Roma Antiga

Origens e povoadores

A península Itálica localiza-se na Europa, na costa central do mar Mediterrâneo. Seu território constitui uma espécie de ponte inacabada entre a Europa e a África. Ao longo do tempo, diversos povos instalaram-se nessa região, entre eles: os **italiotas**, que chegaram por volta de 2000 a.C. e ocuparam a região central da península; os **etruscos**, que se estabeleceram na península por volta do século IX a.C. e ocuparam inicialmente a região central e depois expandiram seus domínios até regiões do norte; e os **gregos**, que se instalaram na península durante o movimento de colonização grega e ocuparam a região sul, onde fundaram várias cidades, como Nápoles, Siracusa e Tarento.

Península Itálica (séculos X-VIII a.C.)

SELMA CAPARROZ

Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de et al. *Atlas histórico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: Fename/MEC, 1986. p. 79.

Observar o mapa

- Identifique no mapa:
  - **a)** os mares que banham a península Itálica;
  - **b)** a região onde se localiza a cidade de Roma.

Fundação e desenvolvimento de Roma

Por volta de 2000 a.C., os latinos (povo italiota) chegaram à região central da península Itálica e fundaram várias aldeias, entre elas Roma. Depois, por volta do século VII a.C., os etruscos conquistaram a região ocupada pelos latinos. Foi nesse período que Roma se consolidou como cidade. Posteriormente, os domínios romanos foram expandidos até controlar grande parte do mundo antigo.

A história política de Roma é dividida, tradicionalmente, nos seguintes períodos:

- **Monarquia (753 a.C. a 509 a.C.)** – Roma era uma pequena cidade sob influência etrusca.
- **República (509 a.C. a 27 a.C.)** – Roma se desenvolveu e expandiu seu território, tornando-se uma das maiores civilizações do Mundo Antigo.
- **Império (27 a.C. a 476 d.C.)** – Roma desfrutou de estabilidade política por cerca de dois séculos. A partir de então, ocorreu um lento declínio da civilização romana.

Em destaque — A origem lendária de Roma

Uma das versões lendárias da fundação de Roma, relatada pelo poeta Virgílio (70-19 a.C.), conta que Roma foi fundada por dois irmãos gêmeos, Rômulo e Remo, netos do rei Numitor, da cidade de Alba Longa.

O trono de Numitor fora **usurpado** por seu irmão Amúlio. De posse do trono, o usurpador ordenou que Rômulo e Remo, recém-nascidos, fossem colocados dentro de um cesto e lançados nas águas do rio Tibre. O cesto encalhou junto ao monte Palatino e foi encontrado por uma loba, que amamentou os gêmeos. Posteriormente, um pastor chamado Faustolo acolheu as crianças e cuidou delas.

Usurpar: assumir, obter ou fazer uso de algo sem direito.

Quando adultos, Rômulo e Remo reconquistaram o trono de Alba Longa para seu avô. Receberam, então, permissão para fundar Roma (em 753 a.C.) na região onde a loba os havia encontrado.

G. DAGLI ORTI/DEA/GLOW IMAGES

Estátua em bronze representando os gêmeos Rômulo e Remo sendo alimentados por uma loba. A figura da loba foi produzida entre os séculos V a.C. e IV a.C. e a representação dos irmãos foi acrescentada no século XV. Encontra-se hoje nos Museus Capitolinos, em Roma, Itália.

- Que características da escultura dão a ideia de que não se trata de uma loba comum, e sim de uma guardiã dos pequenos irmãos? Formule hipóteses.

Monarquia

Organização política e social

Sob domínio etrusco, iniciou-se em Roma um processo de organização política e social que resultou no regime monárquico. Na monarquia, Roma era governada por um rei, pelo Senado e pela Assembleia Curial.

O rei exercia as funções de chefe militar, religioso e judicial. No desempenho de suas funções, era fiscalizado pela Assembleia Curial e pelo Senado.

O Senado (do latim *senex* = velho, ancião) era um conselho formado pelos cidadãos mais idosos, que eram chefes de famílias consideradas importantes. Tinha como principais funções propor novas leis e fiscalizar as ações do rei.

A Assembleia Curial compunha-se de cidadãos (homens em condições de servir o exército) agrupados em cúrias (conjunto de dez clãs). Tinha como principais funções eleger altos funcionários e aprovar ou rejeitar leis. Mas a Assembleia reunia-se apenas quando convocada pelo rei, não sendo um espaço de livre debate.

DAVID LEES/CORBIS/FOTOARENA/MUSEU NACIONAL ETRUSCO, ROMA

Capacete etrusco, cujos protetores do rosto são decorados com cenas de soldados com escudos.

Sociedade romana

Podemos identificar na sociedade romana os seguintes grupos sociais:

- **patrícios** – grandes proprietários de terras, rebanhos e escravos. Desfrutavam de direitos políticos e podiam desempenhar altas funções públicas no exército, na religião, na justiça ou na administração pública. Eram os cidadãos romanos;
- **clientes** – homens livres que se associavam aos patrícios, prestando-lhes diversos serviços pessoais em troca de auxílio econômico e proteção social;
- **plebeus** – homens e mulheres livres que se dedicavam ao comércio, ao artesanato e aos trabalhos agrícolas. Constituíam a maioria da população romana e, a princípio, não tinham direitos de cidadãos;
- **escravos** – inicialmente, devedores incapazes de pagar suas dívidas. Posteriormente, com a expansão militar, o grupo passou a incluir prisioneiros de guerra. Realizavam as mais diversas atividades, como serviços domésticos e trabalhos agrícolas, além de desempenharem as funções de capatazes, artesãos etc.

Investigando

1. Quais as diferenças entre as atividades realizadas por patrícios, plebeus e escravos? Na sua interpretação, que tipo de atividade era mais valorizada?
2. No Brasil atual, existem trabalhos mais valorizados do que outros? Debata.

Fim da monarquia

A aristocracia dos patrícios passou a questionar a monarquia, pois o poder vitalício do rei não mais representava seus interesses. Os patrícios, que dominavam o Senado, desejavam controlar diretamente o poder em Roma. Rebelaram-se contra o rei, expulsaram-no, e estabeleceram uma nova organização política: a república.

República

Expansão territorial e crise político-social

A palavra república vem do latim *res publica*, que quer dizer "coisa de todos". Denomina, portanto, uma forma de governo em que o Estado e o poder pertencem ao povo.

Porém, o que se observou durante boa parte da república romana foi a instalação de uma estrutura administrativa dominada pelos patrícios. Os patrícios eram, por exemplo:

- **cônsules** – eram eleitos anualmente dois homens, que presidiam o Senado, órgão máximo de poder da república;
- **pretores** – administravam a justiça;
- **edis** – cuidavam da conservação, abastecimento e policiamento da cidade;
- **questores** – administravam as finanças do governo;
- **censores** – contavam o número de cidadãos e os bens deles.

Já os plebeus, que constituíam a maior parcela da população romana, não tinham o direito de participar das decisões políticas ou casar-se com patrícios. No entanto, para manter a segurança de Roma, era necessário que os plebeus servissem como soldados no exército.

Ao tomar consciência da importância de seu papel social, os plebeus iniciaram uma luta política contra os patrícios que durou mais de um século.

Conquistas da plebe

Os plebeus conseguiram fazer com que os patrícios cedessem a várias exigências. Uma delas foi a criação de um Comício da Plebe, presidido por um tribuno da plebe — pessoa que poderia vetar qualquer decisão do governo que prejudicasse os interesses de seu grupo social.

Além disso, os plebeus conquistaram direitos como:

- **Lei das Doze Tábuas (450 a.C.)** – juízes especiais (decênviros) organizaram normas jurídicas escritas que seriam aplicadas a patrícios e plebeus. Embora o conteúdo dessas normas fosse, por vezes, favorável aos patrícios, o código escrito serviu para dar clareza às normas costumeiras.
- **Lei Canuleia (445 a.C.)** – autorizava o casamento entre patrícios e plebeus. Na prática, apenas plebeus ricos conseguiram se casar com patrícios.
- **Eleição dos magistrados plebeus (367-366 a.C.)** – os plebeus conseguiram, lentamente, ter acesso às mais diversas **magistraturas** romanas. Em 366 a.C., foi eleito o primeiro cônsul plebeu.
- **Lei que proibia a escravização por dívida** – por volta de 366 a.C., foi decretada uma lei que proibia a escravização de romanos por dívida. Em 326 a.C., a escravidão de romanos foi definitivamente abolida.

Magistratura: na Roma Antiga, o mesmo que cargo político.

As diversas conquistas, entretanto, não beneficiaram igualmente todos os membros da plebe. Os cargos públicos e os privilégios ficaram concentrados nas mãos dos plebeus que haviam enriquecido e, com isso, passaram a desprezar a maioria da plebe, da mesma maneira que um patrício.

Expansão territorial

Apesar de crises internas, decorrentes de conflitos entre patrícios e plebeus, a república romana expandiu seu território por meio de conquistas militares.

A expansão romana começou com o domínio completo da pensínsula Itálica. Posteriormente, ocorreram as chamadas Guerras Púnicas (264 a.C. e 146 a.C.). O nome púnico deriva de *puni* (que significa "fenício"), termo usado pelos romanos para se referir aos habitantes da cidade de Cartago.

Cartago era inicialmente uma colônia fenícia que se tornou um próspero centro comercial concorrente dos romanos. Assim, uma das motivações das Guerras Púnicas foi a disputa pelo controle comercial do Mediterrâneo. Após batalhas violentas, com perdas de ambos os lados, os romanos conseguiram arrasar Cartago, em 146 a.C.

Roma eliminou a rival Cartago e abriu caminho para dominar as regiões ocidental (Gália, península Ibérica) e oriental (Macedônia, Grécia, Ásia Menor) do mar Mediterrâneo. Por isso, o mar Mediterrâneo passou a ser chamado pelos romanos de *mare nostrum* (nosso mar).

GIANNI DAGLI ORTI/CORBIS/FOTOARENA/MUSEUS CAPITOLINOS, ROMA, ITÁLIA

Neste detalhe da obra do pintor italiano Jacopo Ripanda, datada do século XVI, foi representado o triunfo romano em uma batalha da Primeira Guerra Púnica.

Consequências das conquistas militares

No plano cultural, as conquistas militares colocaram os romanos em contato com a cultura de outras civilizações. Nesse sentido, deve-se destacar a grande influência cultural dos gregos sobre os romanos. Nas palavras do poeta Horácio (65-8 a.C.), a "Grécia vencida conquistou seu rude vencedor".

As conquistas militares permitiram que as riquezas retiradas das sociedades dominadas se concentrassem em Roma. Os nobres romanos tornaram-se donos de latifúndios, cultivados por numerosos escravos. Muitos chefes militares abandonaram o ideal do "soldado camponês", crescendo o interesse pela profissionalização da atividade militar e pelo desfrute da vida urbana.

No entanto, essa riqueza não beneficiou a todos. Muitos plebeus, obrigados a servir no exército romano, regressavam à península Itálica de tal modo empobrecidos que, para sobreviver, tinham de vender quase tudo o que possuíam. Sem terras, esses camponeses plebeus migravam para a cidade, engrossando a população de pobres e famintos.

Domínios romanos (séculos I a.C.-IV d.C.)

SELMA CAPARROZ

Fonte: *Atlas da história do mundo*. São Paulo: Folha de S.Paulo/Times Books, 1985. p. 88-89.

Crise da república

A situação social e política em Roma tornou-se cada vez mais tensa com o aumento do número de miseráveis vivendo na cidade. Havia conflitos entre a população pobre que reivindicava urgentes reformas sociais e uma elite que não desejava mudanças, formada por nobres e plebeus enriquecidos.

Tentativas reformistas dos Graco

Diante do clima de tensão, os irmãos Tibério e Caio Graco, tribunos da plebe, tentaram promover uma reforma social com o objetivo de melhorar as condições de vida da população plebeia.

Tibério (tribuno em 133 a.C.) propôs uma lei agrária que previa limitações ao crescimento dos latifúndios e distribuição de terras entre os camponeses plebeus. A nobreza senatorial se opôs a esse projeto, e alguns nobres mandaram matar Tibério e seus adeptos mais próximos.

Dez anos depois, Caio Graco tentou fazer reformas que beneficiariam os pobres, retomando as lutas do irmão. Novamente, os nobres tramaram assassiná-lo. Para não morrer nas mãos do inimigo, Caio Graco pediu a um escravo que o matasse. Os partidários das propostas dos irmãos Graco foram mortos a mando do Senado.

Assim, foram sufocadas as reformas sociais dos irmãos Graco. No entanto, a república romana continuou sendo agitada por lutas e tensões. Com isso, as instituições republicanas se deterioraram.

Revoltas de escravos

Assim como ocorreu na Grécia, o trabalho escravo foi intensamente utilizado em Roma. Isso se deu principalmente após a expansão militar da república, quando muitos prisioneiros de guerra foram transformados em escravos.

Roma tornou-se, segundo o historiador Aldo Schiavone,

> uma das cinco grandes sociedades escravistas da história ocidental (juntamente com a Grécia Antiga, o Brasil, os Estados coloniais e pós-coloniais do Caribe e os Estados meridionais da América do Norte). O mar Mediterrâneo foi um mar de comércio, mas também, se não principalmente, um mar de escravidão.

SCHIAVONE, Aldo. In: JAGUARIBE, Hélio. *Um estudo crítico da História*. São Paulo: Paz e Terra, 2001, v. 1. p. 650.

O escravo realizava trabalhos nos mais diversos setores da economia. Ao senhor de escravos restava tempo livre para as atividades administrativas, a diversão e o descanso (ócio).

Resistindo à exploração a que eram submetidos, os escravos organizaram várias revoltas durante a república. Entre 136 e 132 a.C., saquearam a Sicília. Mais tarde, entre 73 e 71 a.C., quase 80 mil escravos, sob a liderança de Espártaco, organizaram um forte exército, que ameaçou o poder de Roma durante quase dois anos.

Só em 71 a.C., uma unidade do exército romano, sob o comando de Licínio Crasso, conseguiu vencer o exército de escravos liderados por Espártaco. A repressão romana aos escravos rebeldes foi extremamente dura, para servir de exemplo a todos. Mais de 6 mil seguidores de Espártaco foram presos e crucificados em diversos locais das estradas romanas.

Investigando

1. Determine a origem da população escrava durante a república romana.
2. Explique a seguinte afirmação: "O mar Mediterrâneo foi um mar de comércio, mas também, se não principalmente, um mar de escravidão".

Ascensão de Júlio César

Com as conquistas territoriais obtidas pelo exército, os mais destacados chefes militares adquiriram prestígio em Roma e assumiram posições de liderança na vida política. Assim, os senadores romanos foram perdendo poderes.

Entre os chefes militares mais influentes da época, podemos destacar Júlio César (100-44 a.C.). César foi cônsul, tribuno permanente, ditador vitalício, sumo sacerdote e comandante supremo do exército. Sob seu governo, promoveu-se uma reorganização político-administrativa em Roma: distribuíram-se terras entre os soldados, impulsionou-se a colonização das províncias romanas (áreas conquistadas), construíram-se estradas e edifícios e reformulou-se o calendário.

Tão grandes eram os poderes de César que a aristocracia republicana temia a completa extinção das instituições da república. Acusado de pretender proclamar-se rei, César foi assassinado, em 44 a.C., vítima de uma conspiração de senadores liderada por Bruto e Cássio.

Otávio e a passagem para o império

Em 43 a.C., estabeleceu-se um novo governo em Roma, formado por Marco Antônio, Otávio e Lépido. Sucedeu-se uma série de lutas políticas e militares entre esses líderes e seus partidários, motivadas, entre outros fatores, pela relação entre Marco Antônio e a rainha egípcia Cleópatra.

Dessas lutas, Otávio, que era sobrinho-neto de Júlio César, saiu-se vitorioso, tornando-se o principal governante de Roma e dos territórios dominados pelos romanos, entre os quais o Egito, conquistado em 31 a.C.

ARCHIVES DE 7EME ART/PHOTO 12/AFP

Cena do seriado de televisão *Roma* (Estados Unidos, 2005-2007). O personagem Caio Júlio César aparece à esquerda. O seriado inspira-se na história da transição da república para o império romano.

Império

Apogeu e declínio de Roma

A partir de 27 a.C., Otávio foi acumulando poderes e títulos, entre eles o de Augusto, isto é, divino, majestoso. Na prática, tornou-se o governante supremo de Roma, permitindo que as instituições republicanas — como o Senado — continuassem existindo na aparência.

Durante seu longo governo (27 a.C.-14 d.C.), Otávio Augusto promoveu o desenvolvimento urbano e agrícola, continuou com o processo de profissionalização do exército e preocupou-se em organizar a administração do império.

Pax Romana

O Império Romano atingiu sua máxima extensão em meados do século II, com cerca de 4 milhões de quilômetros quadrados.

As estimativas para a população do império variam de cerca de 70 a 100 milhões de habitantes.

A partir das medidas adotadas por Otávio Augusto, o império passou a desfrutar de um período de paz, conhecido como *Pax Romana* (paz romana). Esse período estendeu-se, aproximadamente, até o começo do século III, abrangendo os governos de vários imperadores, que podem ser agrupados em quatro dinastias:

- **Júlio-Claudius (14-68)** – Tibério, Calígula, Cláudio e Nero;
- **Flávios (69-96)** – Vespasiano e Domiciano;
- **Antoninos (96-192)** – Nerva, Trajano, Adriano, Antonino Pio, Marco Aurélio e Cômodo;
- **Severos (193-235)** – Sétimo Severo, Caracala, Macrino, Heliogábalo e Severo Alexandre.

Economia e sociedade

Durante os dois primeiros séculos do império, a atividade comercial desenvolveu-se intensamente, impulsionada por condições como: a existência de uma moeda comum, a generalização do Direito romano e a construção de estradas. Calcula-se a existência de cerca de 80 mil quilômetros de estradas pavimentadas interligando as diversas regiões do império.

No plano social, com a desaceleração e a interrupção das conquistas, houve uma redução do número de escravos na sociedade romana.

Dessa forma, em vez de prisioneiros de guerra, esse grupo social passou a ser constituído, em sua maioria, por filhos de escravos.

Muitos senhores começaram a adotar, então, um novo sistema de trabalho. No meio rural, por exemplo, concedia-se liberdade para alguns escravos, que se transformavam em colonos ligados à terra do senhor e com uma série de obrigações a cumprir.

Alguns desses ex-escravos enriqueceram e tornaram-se cidadãos romanos. Mas não conquistaram todos os direitos dos nascidos livres, como, por exemplo, o direito de candidatar-se a certos cargos públicos.

JANNIS WERNER/ALAMY/FOTOARENA

Trecho da antiga via Ápia, estrada que ligava Roma ao sul da península italiana. O primeiro trecho dessa estrada foi construído em 312 a.C. Fotografia de 2014.

Em destaque **Pão e circo**

Roma foi uma das maiores cidades do mundo antigo. Calcula-se que, no século II, sua população era de aproximadamente 1 200 000 habitantes, muitos sem ocupação e vivendo pelas ruas.

Para aliviar as tensões, as autoridades romanas distribuíam alimento (pão), ainda que de forma bem insuficiente. E promoviam espetáculos públicos (circo). Eram tantas as festas e os espetáculos que o calendário romano chegou a ter mais de cem feriados por ano. Mas a elite romana nunca conseguiu garantir comida e lazer a todas as pessoas pobres.

Entre os espetáculos mais populares estavam as lutas contra animais ferozes e os combates entre gladiadores. Os gladiadores eram, normalmente, escravos ou prisioneiros de guerra treinados em escolas especiais de lutas (*ludus gladiatorius*).

Além das lutas de gladiadores, os romanos frequentavam espetáculos de circo e de teatro.

Com o tempo, a expressão "pão e circo" tornou-se emblema de políticas que visavam diminuir tensões escamoteando os problemas sociais.

- Você já tinha ouvido a expressão "pão e circo"? Em que contexto?

Crise do império

A partir do século III, o Império Romano entrou num longo período de crise, processo que é tema de estudos e debates entre historiadores. Vejamos alguns elementos comumente apontados para explicar esse processo.

Razões da crise

A estrutura administrativa e militar necessária para um império tão vasto e habitado por povos de origens e culturas diversas exigia elevados gastos públicos. Por isso, a carga tributária foi ampliada ao longo do tempo, tornando-se pesada diante do enfraquecimento da economia romana — que se ressentia, por exemplo, da falta de reposição da mão de obra escrava (como dissemos, a mão de obra estava sendo substituída, em parte, por novas relações de trabalho).

A crise agravou-se quando os romanos tiveram de enfrentar, em suas fronteiras, a pressão militar dos povos que eles chamavam de bárbaros (visigodos, ostrogodos e alamanos, entre outros), ou seja, povos que viviam fora do território do império e não falavam sua língua. O problema era que muitos desses bárbaros tinham sido incorporados ao exército romano como mercenários.

Além disso, disputas internas entre os chefes militares romanos geravam indisciplina no exército e desestruturavam o comando central de Roma. A crise afetava, sobretudo, a porção ocidental do império.

Percebendo isso, em 330 o imperador Constantino decidiu mudar a capital do império para sua porção oriental. Com esse objetivo, remodelou a antiga cidade de Bizâncio e fundou Constantinopla (termo que significa "cidade de Constantino", hoje correspondente à cidade de Istambul, na Turquia).

Em 395, com a morte do imperador romano Teodósio, o império foi dividido entre seus dois filhos: Honório recebeu o Império Romano do Ocidente, com sede em Roma, e Arcádio, o Império Romano do Oriente, com sede em Constantinopla. Buscava-se, com essa divisão, melhorar a administração das regiões oriental e ocidental.

Investigando

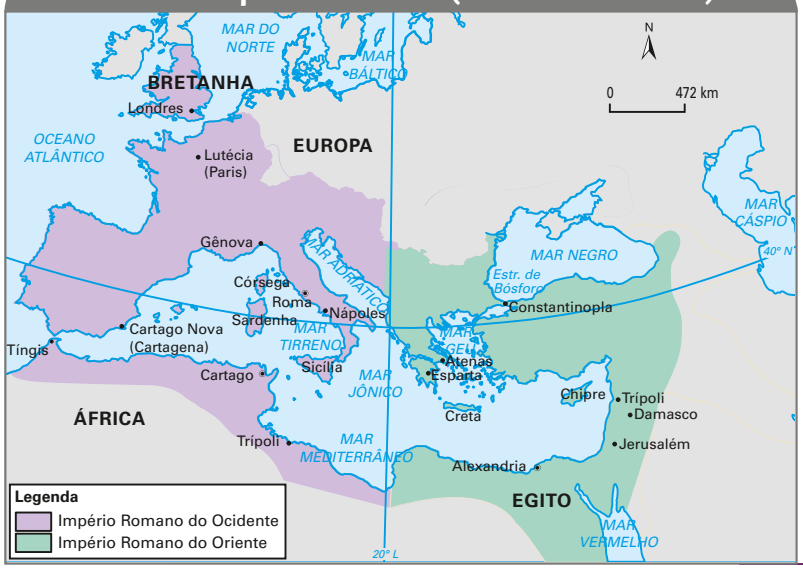
1. Que outro povo utilizava a palavra bárbaros? Com que sentido eles a usavam?
2. Retome as noções de civilização abordadas no início do capítulo 4. Procure relacionar essas noções com os sentidos atribuídos à palavra bárbaro por gregos e romanos.
3. E atualmente, quais são os sentidos da palavra bárbaro? Para responder, consulte um dicionário de Língua Portuguesa.

As invasões e a queda de Roma

O Império Romano do Ocidente, no entanto, enfraquecido pelas divisões internas, pela indisciplina no exército e pela miséria da população, não teve forças para resistir aos sucessivos e intermitentes saques e ataques dos povos bárbaros, que se prolongaram por quase dois séculos. Os exércitos dos invasores eram eficientes nos combates localizados devido à experiência guerreira dos soldados, à coesão das tropas e às boas armas metálicas. Assim, em 476, o último imperador de Roma, Rômulo Augusto, foi deposto por Odoacro, rei dos hérulos, um dos povos bárbaros.

Por sua vez, o Império Romano do Oriente — embora com transformações — sobreviveu até 1453, ano em que os turcos conquistaram Constantinopla.

Divisão do Império Romano (final do século IV)



SELMA CAPARROZ

Fonte: KINDER, Hermann; HILGEMANN, Wener. *Atlas histórico mundial*: de los orígenes a la Revolución Francesa. Madrid: Ediciones Istmo, 1982. p. 104.

Observar o mapa

- Com base no mapa, identifique as regiões pertencentes ao Império Romano do Ocidente e ao Império Romano do Oriente, respectivamente. Explique por que essa divisão pode ser considerada uma tentativa de frear a crise do Império.

Religião

Do politeísmo ao cristianismo

Os romanos eram politeístas. Com a conquista da Grécia, assimilaram divindades gregas, rebatizando-as com nomes latinos. Observe as tabelas ao lado.

A religião romana tinha um sentido prático e utilitarista. O culto religioso era feito para agradar aos deuses e obter sua proteção na vida cotidiana. Havia dois tipos principais de culto: o privado, celebrado pelo chefe da família (*pater familiae*), e o público, celebrado pelos sacerdotes romanos, com a supervisão dos magistrados. O chefe geral da religião era o sumo pontífice (*pontifex maximus*).

A religião também era um dos fundamentos do Estado romano, sendo utilizada frequentemente com finalidade política. No período imperial, começou-se a venerar a figura do imperador. Após a morte, os imperadores romanos passavam a ocupar lugar entre os deuses tradicionais, em uma cerimônia que se denominava apoteose.

Além da religião oficial, seguida predominantemente pelos cidadãos de posição social elevada, havia também as crenças ligadas à religiosidade popular.

Nome grego	Nome latino
Zeus – deus do céu e senhor do Olimpo	Júpiter
Hera – esposa (e irmã) de Zeus	Juno
Atena – deusa da inteligência	Minerva
Ares – deus da guerra	Marte
Afrodite – deusa do amor e da beleza	Vênus
Deméter – deusa da agricultura	Ceres
Héstia – deusa do lar	Vesta
Apolo – deus da razão	Apolo
Ártemis – deusa da Lua, da caça e da fecundidade	Diana
Hefesto – deus do fogo	Vulcano
Hermes – deus do comércio e da comunicação	Mercúrio
Dioniso – deus do vinho, do prazer e da aventura	Baco

PHOTOSTOCK-ISRAEL/ALAMY/FOTOARENA

O Panteão, localizado em Roma, foi construído pelo cônsul Marco Agripa e reconstruído, em 125, pelo imperador Adriano. Era, inicialmente, um templo dedicado a todos os deuses romanos. A partir do século VI, passou a ser um templo cristão. Fotografia de 2011.

Surgimento do cristianismo

Segundo a tradição cristã, Jesus Cristo nasceu em Belém, na Galileia, durante o reinado do imperador Otávio. Essa região, à época, estava sob domínio romano.

O nome Jesus quer dizer, em hebraico, "Deus salva", o que exprime, para os cristãos, sua identidade e sua missão no mundo. Já o nome Cristo vem da tradução grega de Messias e significa aquele que é "ungido", "consagrado" para uma missão divina.

Ao completar 30 anos de idade, Jesus teria percorrido a Judeia, pregando sua mensagem religiosa. Anunciou ser o Messias enviado pelo Deus único, criador de todo o Universo, e que todos poderiam ter acesso ao Reino de Deus e obter a salvação eterna (por meio do perdão de todos os pecados). Depois de sua morte, o cristianismo foi difundido pelo Império Romano por meio da pregação de seus discípulos, encontrando maior repercussão entre os pobres e os escravos.

A mensagem de Jesus foi formalizada no livro do Novo Testamento, constituindo a base do cristianismo, religião que marcaria a história do mundo ocidental.

Perseguição aos cristãos

Foi durante o governo do imperador Nero (54-68) que tiveram início as primeiras perseguições aos cristãos. Estas perduraram, de forma intermitente, até o governo de Diocleciano, que promoveu a última e mais cruel delas (303-305). Entre as causas que explicam o combate violento aos cristãos, destacam-se:

- a oposição dos cristãos à religião oficial de Roma, aos cultos **pagãos** tradicionais e ao culto à pessoa do imperador romano;
- a negação de diversas instituições romanas, como resultado dessa oposição (por exemplo, a recusa em servir no exército pagão dos romanos).

Pagão: nome atribuído pelos cristãos aos povos não cristãos, que não eram batizados e, em geral, adoravam vários deuses (politeísmo).

A punição e o martírio dos cristãos eram aproveitados como espetáculo trágico, de grande atração pública, que divertia a população. Lançados em uma arena, eles eram obrigados a enfrentar, desarmados, leões e outras feras.

A conquista da liberdade religiosa

Apesar dos anos de perseguição, o cristianismo conseguiu sobreviver e conquistar um número crescente de adeptos. A maneira heroica com que muitos cristãos resistiam aos sofrimentos, nos martírios públicos, começou a ser interpretada como algo possível apenas devido a uma força milagrosa, vinda de Deus.

Com as crises socioeconômicas de Roma, que se intensificaram a partir do século III, muitas pessoas das classes dominantes converteram-se ao cristianismo. Paralelamente, a perseguição aos cristãos tornou-se cada vez mais branda.

A partir de 313, o imperador Constantino adotou uma política de tolerância religiosa em relação aos cristãos, que puderam realizar cultos públicos. Em 380, o cristianismo passou a ser considerado a religião do Estado, quando o imperador Teodósio recebeu o batismo cristão. Cerca de uma década depois, os cultos pagãos foram proibidos, e o cristianismo tornou-se, efetivamente, a religião oficial de Roma, promovendo a organização da Igreja Católica Romana, que construiu sua hierarquia tendo como modelo a estrutura administrativa do império.

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/COLEÇÃO PARTICULAR

Triunfo da fé: mártires cristãos no tempo de Nero. Obra do artista francês Eugene Romain Thirion, datada do século XIX, representando um episódio do início do cristianismo.

Cultura romana

O direito, as artes e a literatura

Grandes conquistadores, os romanos entraram em contato com diversos povos, absorvendo e recriando elementos de suas culturas, principalmente da grega. Por outro lado, foram responsáveis por difundir por todo o império ideias e princípios que eles mesmos haviam incorporado, como a religião cristã.

Costuma-se destacar a forma como os romanos elaboravam soluções para os desafios da vida prática. Isso se revelou não apenas nos conceitos sociais, administrativos e políticos que desenvolveram, mas também em algumas de suas principais contribuições culturais.

Direito romano

Uma das mais significativas contribuições da cultura romana para os povos ocidentais está no campo do Direito. Ainda hoje, diversos preceitos do Direito romano constituem fonte de inspiração para os juristas.

Desde a Lei das Doze Tábuas (o primeiro código romano escrito), a legislação romana transformou-se, segundo nossa visão, de um conjunto de normas rígidas e severas, em conceitos jurídicos mais brandos. O Direito romano tornou-se tão abrangente que boa parte das relações sociais era regida por normas jurídicas.

Em 212 d.C., por meio de um edito do imperador Caracala, foi concedida a cidadania romana a todos os habitantes livres das províncias do Império Romano. Esse ato contribuiu para consolidar a unidade jurídica do império. No entanto, em uma sociedade com tantas desigualdades, nem tudo o que o Direito estabelecia formalmente aplicava-se à vida cotidiana da maioria das pessoas. Uma pessoa comum "pouco tinha a ganhar processando os poderosos".[1]

Arquitetura e escultura

Segundo a análise de historiadores, na arte romana a beleza estava associada à funcionalidade. A arquitetura, por exemplo, buscava a convivência do útil com o belo. Os romanos produziram uma arquitetura imponente, expressa nos mais variados tipos de construção: teatros, anfiteatros, basílicas, termas, aquedutos, circos, templos e palácios. Nessas construções, por seu aspecto monumental, destacam-se os arcos, as abóbadas e as cúpulas.

Roma notabilizou-se pela construção de eficientes estradas e pontes, que permitiam a rápida locomoção do exército e o intercâmbio comercial.

Na escultura, destacaram-se os retratos (cabeça ou busto) e as estátuas equestres. Os escultores romanos preocupavam-se em conseguir a reprodução mais fiel possível da realidade, e não a idealização dos modelos, como faziam os gregos.

Literatura

Os escritores romanos manifestaram uma busca permanente pela beleza e pela elegância. Entre eles, destacam-se os poetas Virgílio (70-19 a.C.), autor do poema épico *Eneida* (inspirado na *Ilíada* e na *Odisseia*); Horácio (65-8 a.C.), autor de *Odes*, *Sátiras* e *Epístolas*, considerado um modelo das virtudes clássicas do equilíbrio por muitos poetas do Renascimento; Ovídio (43 a.C.-17 d.C.), autor da *Arte de amar*; o filósofo e brilhante orador Cícero (106-43 a.C.) e o historiador Tito Lívio (59-17 a.C.).

LUISA RICCIARINI/LEEMAGE/AFP/MUSEU NACIONAL DO BARDO, TUNÍSIA

Mosaico de mármore com representação do poeta Virgílio, no centro, sendo inspirado por duas divindades greco-romanas: Clio (musa da história) e Melpômene (musa da tragédia). A obra foi produzida no século III d.C..

1 VEYNE, Paul (Org.). *História da vida privada*: do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, v. 1. p. 165.

GERARD DEGEORGE/AKG-IMAGES/LATINSTOCK/TEMPLO DE JÚPITER, LÍBANO

Pedestal em pedra com inscrição em latim (séculos II-III d.C.).

Latim: a língua-mãe do português

A produção literária desse período era escrita em latim, idioma oficial do Império Romano. A língua latina constitui uma das mais importantes permanências culturais da Roma Antiga entre os povos ocidentais.

Idioma original dos habitantes do Lácio, o latim difundiu-se na Antiguidade juntamente com as conquistas romanas. Durante toda a Idade Média e o Renascimento, o latim continuou sendo utilizado como língua culta, principalmente nos meios acadêmicos e **eclesiásticos**. Do latim, originaram-se os idiomas italiano, português, espanhol, francês e romeno, entre outros (conhecidos como línguas latinas, neolatinas ou românicas).

Eclesiástico: relativo à Igreja; palavra de origem grega, com o sentido de assembleia, reunião, ajuntamento.

Investigando

1. Além do latim, que outras línguas influenciaram a formação da língua portuguesa?
2. Atualmente, que línguas influenciam o português brasileiro? Explique.

Interpretar fonte — Arco do Triunfo

Arcos do Triunfo são estruturas arquitetônicas geralmente utilizadas para comemorar conquistas militares. Observe este arco romano e responda as questões a seguir.

STOCKER1970/SHUTTERSTOCK

Na fotografia, de 2011, o Arco de Constantino, construído entre 314 e 315 d.C., em Roma.

1. Que sensação este monumento desperta em você?
2. Faça uma pesquisa, em enciclopédias ou na internet, para saber o que era o "triunfo" no Império Romano e a finalidade da construção dos arcos.
3. Atualmente, em que situações são construídos monumentos comemorativos? Cite exemplos.

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. Em grupos, comparem as Guerras Médicas, entre gregos e persas, com as Guerras Púnicas, entre romanos e cartagineses. Que diferenças fundamentais existem entre esses dois conflitos? Que interesses estavam em jogo? Elaborem um mapa histórico, destacando a região e a época em que ocorreram esses conflitos.

2. No texto a seguir, o historiador francês Jacques Le Goff faz uma comparação entre a atual dominação estadunidense sobre o mundo e a que era exercida pelo Império Romano. Leia-o e responda às questões.

> Os romanos de fato conseguiram fazer uma coisa que os americanos não alcançaram: eles transformaram os habitantes de seu império em cidadãos romanos. Há um acontecimento que considero um dos maiores da história [...], que é o Edito de Caracala (212 d.C.), que levou a cidadania romana a todos os habitantes do império. Já no primeiro século da era cristã, o próprio São Paulo, que era judeu [...], se dizia antes de tudo um cidadão romano.
>
> Não quero dizer que seja culpa deles, mas os americanos estão num mundo em que a americanização deve forçosamente parar num certo momento. Pode haver uma americanização dos meios [...], pois os produtos culturais seduzem muita gente. Com sua potência militar ou econômica, eles dominam muitos Estados, mas não estão numa situação que lhes permita fazer das pessoas que dominam verdadeiros americanos. Isso é ao mesmo tempo bom e ruim. É bom, porque as pessoas conservam o que se chama hoje de sua identidade. É ruim, porque isso impede que essas pessoas se tornem membros inteiros da democracia americana, que é, apesar de seus enormes defeitos, uma democracia.

LE GOFF, Jacques. In: *Folha de S.Paulo*. 14 abr. 2002. Caderno Mais! Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1404200207.htm>. Acesso em: 23 nov. 2015.

a) Le Goff afirma que "os produtos culturais seduzem muita gente". Dê exemplos de bens culturais estadunidenses e pesquise alguns anúncios desses produtos. Em seguida, explique por que eles são considerados "sedutores".

b) De acordo com Le Goff, quem faz parte do processo de americanização não perde sua identidade. Qual é o papel dos bens culturais no processo de americanização? Por que, mesmo utilizando os bens culturais americanos, as pessoas mantêm sua identidade?

c) Segundo Le Goff, foi o Edito de Caracala que levou a cidadania romana a todos os habitantes do império. No Brasil, é a Constituição Federal que estabelece as condições de aquisição da cidadania brasileira. Pesquise quais são os requisitos da nacionalidade.

d) Debata a seguinte questão: os jovens brasileiros são muito "americanizados"? Pense em produtos culturais dos EUA que você consome, como programas de televisão, filmes, músicas, roupas etc.

3. Leia o texto a seguir, que traz uma citação do historiador romano Tácito (55-116).

> Penso realmente que [...] a paixão pelos gladiadores e cavalos [é] por assim dizer, concebida no ventre materno [...]. Na verdade, poucos são os que falam de outro assunto em suas casas, e ao entrar numa sala de aula, de que mais trata a conversa dos jovens a não ser de combates e corridas?
>
> TÁCITO. In: HADAS, Moses. *Roma imperial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971. p. 178.

a) Converse com seus colegas e faça um levantamento dos assuntos e das atividades que mais atraem os jovens atualmente.

b) Quem são os "gladiadores e cavalos" da atualidade? Quais são os "circos" atuais? Escreva uma reflexão sobre o assunto.

4. A morte dos irmãos Graco pode nos ajudar a entender as razões da resistência patrícia diante de reformas que beneficiassem os plebeus. A proposta de reforma agrária dos irmãos Graco era uma afronta aos interesses dos patrícios? Justifique.

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Língua Portuguesa.

5. Desde o surgimento do Direito romano, algumas expressões latinas tiveram seu uso de tal maneira consagrado que até hoje é costume empregá-las sem tradução, principalmente nos âmbitos jurídico, eclesiástico, acadêmico e literário. Com base nessa informação, em grupos:

a) Pesquisem o significado das expressões: *dura lex, sed lex*; *data venia*; *in dubio pro reo*; *ad infinitum*; *fiat lux*; *grosso modo*.

b) Conversem com os professores de Biologia, Língua Portuguesa, Física e Filosofia. Peçam a eles que indiquem 3 expressões em latim relacionadas a suas disciplinas e, depois, pesquisem o significado de cada uma dessas expressões.

- Compartilhem suas descobertas com os colegas. Verifiquem se todos os grupos chegaram aos mesmos resultados.

Diálogo interdisciplinar com Sociologia e Filosofia.

6. A maioria dos países atuais é república, incluindo o Brasil, cujo nome oficial é República Federativa do Brasil. Lembre-se de que a palavra república vem do latim *res publica* (coisa pública) e significa que o Estado e o poder dizem respeito a todos (a todo o povo), à vida pública.

a) Em sua opinião, quais as semelhanças e/ou diferenças entre a república romana e a atual república brasileira?

b) O que significa, nos dias de hoje, ter um comportamento político republicano?

Diálogo interdisciplinar com Literatura.

7. Leia um trecho do livro *Contos e lendas do nascimento de Roma* e responda:

> [...] Rômulo tinha outras ideias em mente. Ele sabia que uma grande parcela do povo [de Roma] era composta de escravos fugidos ou simplesmente de gente que trouxera consigo apenas sua coragem, nada mais. Outros eram ricos e respeitados na cidade de que provinham, onde haviam adquirido a experiência da vida pública. Eram os mais velhos, quase sempre, ou pelo menos já tinham filhos. Rômulo os chamou pais, ou patrícios, enquanto os mais modestos foram denominados plebeus.
>
> Aos patrícios, que estavam acostumados com as questões do direito ou do exercício do poder na sua cidade e que contavam com melhores condições materiais, ele confiou as principais funções, o sacerdócio, o exercício da justiça. Quanto aos outros, os mais pobres, não queria que se mantivessem nessa condição. Ofereceu-lhes então tarefas em que poderiam prosperar: a agricultura e outros ofícios que requeriam habilidade, talento.
>
> SAUTEREAU, François; JACQUET, Fred. *Contos e lendas do nascimento de Roma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 87-88.

a) Segundo o trecho, por quais motivos a população de Roma foi dividida em patrícios e plebeus?

b) Se possível, leiam o livro *Contos e lendas do nascimento de Roma* na íntegra e discutam em sala de aula: Qual é a importância dada pelo autor aos personagens Rômulo e Remo? Segundo a narrativa do livro, a fundação de Roma foi uma tarefa fácil? Em sua opinião, podemos acreditar inteiramente nessa história a respeito do nascimento de Roma? Justifique.

De olho na universidade

8. (Enem-2000)

> Somos servos da lei para podermos ser livres.
>
> (Cícero)
>
> O que apraz ao príncipe tem força de lei.
>
> (Ulpiano)

As frases acima são de dois cidadãos da Roma Clássica que viveram praticamente no mesmo século, quando ocorreu a transição da república (Cícero) para o império (Ulpiano). Tendo como base as sentenças acima, considere as afirmações:

I. A diferença nos significados da lei é apenas aparente, uma vez que os romanos não levavam em consideração as normas jurídicas.

II Tanto na república como no império, a lei era o resultado de discussões entre os representantes escolhidos pelo povo romano.

III. A lei republicana definia que os direitos de um cidadão acabavam quando começavam os direitos de outro cidadão.

IV. Existia, na época imperial, um poder acima da legislação romana.

Estão corretas, apenas:

a) I e II. **c)** II e III. **e)** III e IV.

b) I e III. **d)** II e IV.

Para saber mais

Na internet

- Navegar no Egito Antigo – Museu Calouste Gulbenkian: http://museu.gulbenkian.pt/minisites/navegarnoantigoegito/portugues/egipto.html
  Página com textos, imagens e mapas relacionados à sociedade egípcia antiga. Ao navegar pelo índice temático do *site*, você poderá clicar nas imagens de objetos egípcios e ler suas descrições. Selecione um objeto que chame sua atenção e apresente-o aos colegas.
  (Acesso em: 6 out. 2015.)

Nos livros

- REDE, Marcelo. *A Mesopotâmia*. São Paulo: Saraiva, 2002.
  Escrito por um historiador brasileiro especializado em sociedades mesopotâmicas e professor da Universidade de São Paulo, esse livro parte de documentos escritos e arqueológicos para apresentar os principais aspectos da história da Mesopotâmia. Após a leitura, formem grupos, selecionem uma de suas fontes (escritas ou não escritas) e analisem-na.

Nos filmes

- *Gladiador*. Direção de Ridley Scott. Estados Unidos, 2000, 155 min.
  Nesse filme, o imperador Marco Aurélio expressa seu desejo de deixar o trono para Maximus, comandante de seu exército, e não para seu filho Commodus. Sabendo disso, Commodus assassina o pai, toma o poder e passa a perseguir Maximus, que se torna gladiador.
  Elabore um relatório sobre o filme descrevendo seus cenários, figurinos e algumas cenas que você considera marcantes.
- *O príncipe do Egito*. Direção de Brenda Chapman, Simon Wells e Steve Hickner. Estados Unidos, 1998, 98 min.
  Desenho animado baseado no Livro do Êxodo, da *Bíblia*, que conta a história de Moisés, que teria ajudado os hebreus a se libertar da escravidão no Egito Antigo, conduzindo-os de volta para Canaã.
  Redija uma resenha sobre o filme, enfatizando a maneira como as religiões são representadas.

UNIDADE

3

Identidade e diversidade

Ao construir culturas, o ser humano desenvolve sua identidade (percepção de si) e sua alteridade (percepção do outro). Reconhecemos nossa identidade em relação a outros modos de ser e viver. Identidade e alteridade estão, portanto, entrelaçadas.

A religião é um dos elementos que caracterizam a identidade de pessoas e povos. Nas épocas em que o cristianismo e o islamismo se consolidavam, a religião marcava profundamente a identidade de europeus, asiáticos e africanos.

Por exemplo, cristãos e muçulmanos edificaram templos grandiosos, que se tornaram símbolos de poder, devoção e criatividade. Ademais, cada religião organizou o tempo de uma maneira: o calendário cristão foi concebido com base na vida de Jesus Cristo e na observação do Sol; o calendário muçulmano foi inspirado na vida de Maomé e na observação da Lua.

Conhecer aspectos da vida social relacionados às religiões nos ajuda a respeitar a diversidade cultural. No Brasil, a liberdade religiosa é um direito fundamental estabelecido pela Constituição de 1988.

Conversando

1. Você conhece outras religiões além do cristianismo e do islamismo? Quais?

2. Que elementos culturais você destacaria na formação da sua identidade?

Porta da Catedral de Notre Dame, que foi construída entre os séculos XII e XIII em Paris, França. Este templo católico é um exemplo notável da arquitetura gótica. Fotografia de 2015.

WILIAM PERRY/ALAMY/FOTOARENA

CAPÍTULO

10

Império Bizantino

Ao longo da história, a capital do Império Bizantino recebeu vários nomes: Bizâncio, Constantinopla e Istambul.

Istambul é hoje a maior cidade da Turquia e preserva impressionante memória arquitetônica, com museus, mesquitas, palácios e igrejas. Essas construções atraem muitos turistas e estudiosos de diversas partes do mundo.

A que se deve a existência, nessa cidade, de tantos testemunhos de diferentes culturas e épocas?

ART KOWALSKY/ALAMY/FOTOARENA

Vista da cidade de Istambul, com a Basílica de Santa Sofia ao fundo. Fotografia de 2008.

Treinando o olhar

- Analise a fotografia. Na sua interpretação, quais elementos são antigos e quais são modernos?

Constantinopla

Uma cidade entre dois continentes

Como vimos no capítulo anterior, o imperador Constantino decidiu transferir a capital do Império Romano para a cidade de Bizâncio. Essa cidade, fundada por colonos gregos em cerca de 660 a.C., era um importante entroncamento das rotas comerciais que ligavam a Europa e a Ásia. Essa localização favoreceu a economia bizantina.

Constantino reuniu arquitetos, engenheiros e artesãos para remodelar a cidade. Nesse período, foram construídas estradas, casas, igrejas, muralhas e outras edificações. Essas obras prolongaram-se até 330, quando a cidade foi inaugurada com o nome de Nova Roma. Para a população, contudo, a cidade passou a se chamar Constantinopla, em homenagem a seu fundador.

Em 395, com a divisão do Império Romano, Constantinopla tornou-se capital apenas do Império Romano do Oriente.

Governo de Justiniano

Expansão e esplendor do Império Bizantino

Desde a divisão do Império Romano (395), os imperadores do Ocidente e os do Oriente encontravam dificuldades para governar, devido, principalmente, à ameaça das invasões bárbaras. Somente no século V, durante o governo de Justiniano (527-565), o Império Bizantino tornou-se bem estruturado e se expandiu. Nesse período, forças bizantinas realizaram campanhas com o propósito de reconquistar territórios que já haviam pertencido ao Império Romano.

Extensão máxima do Império Bizantino (século VI)

SELMA CAPARROZ

Fontes: KINDER, Hermann; HILGEMAN, Werner. *Atlas histórico mundial*: de los orígenes a la Revolución Francesa. Madri: Ediciones Istmo, 1982. p. 144; ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de et al. *Atlas histórico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986. p. 96-97; DUBY, Georges. *Atlas histórico mundial*. Madri: Editorial Debate, 1992. p. 58.

Observar o mapa

- Observe o mapa e compare-o com um mapa da divisão política atual. Depois, responda:
  - **a)** Em que continente situava-se Constantinopla, atual Istambul?
  - **b)** Na época de sua maior extensão, o Império Bizantino tinha territórios em quais continentes?

Condições sociais e econômicas

A maioria da população bizantina era formada por pessoas pobres que viviam nos campos. Nessa sociedade, boa parte da produção rural vinha das grandes propriedades agrárias (os latifúndios), que pertenciam à Igreja e aos nobres.

A nobreza era composta de chefes militares que haviam recebido terras como recompensa por serviços prestados ao imperador. Quase todo o trabalho rural era feito pelos servos, que dependiam da terra para viver.

Além da agricultura, o comércio era uma das atividades mais lucrativas de Bizâncio. Entre os principais produtos comercializados, estavam artigos de luxo asiáticos, como perfumes, tecidos de seda, porcelanas e peças de vidro. Esses produtos eram acessíveis apenas à população mais rica da Europa, do Oriente Médio e do norte da África.

O comércio contribuiu para dinamizar a vida urbana no Império Bizantino. Por volta do ano 1000, Constantinopla chegou a ter cerca de 1 milhão de habitantes. Havia outras cidades importantes, como Tessalônica, Niceia, Edessa e Tarso.

Por meio de seus funcionários, o governo bizantino controlava as atividades econômicas artesanais e comerciais, supervisionando a qualidade e a quantidade dos produtos. A produção estava distribuída em corporações de ofícios, formadas por oficinas de um mesmo ramo, como carpintaria, tecelagem e sapataria.

Segundo a historiadora Claúdia Beltrão, os artesãos e os comerciantes bizantinos "estavam agrupados em corporações regulamentadas e supervisionadas pelo Estado, que decidia quase tudo: preços, salários, lucros etc., não deixando muito espaço para a iniciativa privada".[1] O objetivo dessa intervenção estatal era controlar os preços e o abastecimento das cidades.

Nas cidades bizantinas, vivia uma elite formada por grandes comerciantes, donos de oficinas artesanais, membros do alto clero e destacados funcionários do governo. Essas pessoas ostentavam uma vida de luxo. Tinham em suas casas tapeçarias e vasos de porcelana, usavam roupas finas de seda ou de lã muitas vezes ornamentadas com fios de ouro e prata.

Além da elite urbana, havia muitos grupos sociais pobres que viviam miseravelmente pelas ruas. À semelhança da "velha" Roma, houve medidas para socorrer os famintos com a distribuição gratuita de alimentos pelo governo.

Uma das diversões populares preferidas em Bizâncio eram as corridas de cavalos no hipódromo, uma arena com capacidade para, aproximadamente, 50 mil pessoas. As diversões públicas serviam, também, para aliviar as tensões sociais dos grupos descontentes.

Investigando

- Quais são as principais formas de lazer da cidade onde você vive? Elas são gratuitas? Elas são acessíveis a toda a população de sua cidade?

Revolta de Nika

Em 532, explodiu em Constantinopla uma violenta revolta, fruto da insatisfação popular com a atuação dos governantes e com os elevados tributos que eram cobrados da população para sustentar os gastos militares e as demais despesas da administração do império.

A revolta começou, de forma inesperada, no hipódromo, um dos poucos locais públicos onde a população podia entrar em contato direto com as autoridades máximas do governo. Nesse dia, Justiniano estava presente no hipódromo e teve de sair às pressas.

A multidão que assistia às corridas de cavalos se dividia basicamente em dois grupos rivais, os Verdes e os Azuis, que representavam facções esportivas, políticas e religiosas distintas. Grande parte dos Verdes era de comerciantes e artesãos e a maioria dos Azuis era formada por nobres e seus seguidores.

Após uma corrida de cavalos, houve dúvidas sobre o vencedor. Os grupos rivais começaram a gritar "*nika, nika*" ("vitória", em grego), e as tensões sociais, até então contidas, extravasaram em um movimento de protesto popular. Do hipódromo, a rebelião ganhou as ruas da cidade com saques, destruições e incêndios. Durante seis dias, a situação ficou fora do controle do governo.

Depois de uma hesitação inicial, Justiniano ordenou que as tropas imperiais reprimissem a revolta. Calcula-se que morreram cerca de 35 mil pessoas.

1 BELTRÃO, Cláudia. *O mundo bizantino*. São Paulo: FTD, 2000. p. 29.

Código de Justiniano

Durante o governo de Justiniano, os juristas bizantinos assimilaram muitos aspectos do antigo Direito romano, adaptando-o às necessidades de uma nova sociedade, marcada pelo cristianismo. Esse trabalho deu origem ao *Corpus juris civilis*, uma extensa obra constituída de leis, decretos, normas e códigos, entre eles o chamado Código de Justiniano.

MUSEU DO LOUVRE, PARIS, FRANÇA

Esta miniatura francesa, de autoria desconhecida, feita no século XV, representa a promulgação do Código de Justiniano. A obra revela a transição do estilo gótico para o renascentista, como se observa pela presença da perspectiva, obtida a partir de um ponto de fuga.

Interpretar fonte — Normas jurídicas

Ao longo do tempo, o Código de Justiniano serviu de referência para a legislação de muitos países ocidentais, como França, Alemanha, Portugal e Brasil.

Vejamos, a seguir, algumas normas do Código de Justiniano e alguns trechos da Legislação brasileira atual.

Fonte 1

Ninguém é forçado a defender uma causa contra a própria vontade.

Ninguém sofrerá penalidade pelo que pensa.

Ninguém pode ser retirado à força de sua própria casa.

Nada que não se permita ao acusado deve ser permitido ao acusador.

O encargo da prova fica com aquele que afirma e não com o que nega.

Um pai não pode ser testemunha competente contra um filho, nem um filho contra o pai.

A gravidade de uma ofensa passada não aumenta a do fato exposto.

Na aplicação de penalidades, devem ser levadas em conta a idade e a inexperiência da parte culpada.

Código de Justiniano. In: HADAS, Moses. *Roma Imperial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971. p. 178.

Fonte 2

Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política [...].

Constituição Federal, art. 5º, VII.

A casa é o asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem o consentimento do morador [...].

Constituição Federal, art. 5º, XI.

[...] aos acusados em geral são assegurados o contraditório e a ampla defesa [...].

Constituição Federal, art. 5º, LV.

O ônus da prova fica com aquele que acusa.

Princípio do Processo Civil.

1. Existem semelhanças entre as normas do Código de Justiniano e alguns dos atuais princípios jurídicos brasileiros? Quais?
2. Como as fontes citadas abordam as questões da liberdade individual e da propriedade?

WERNER FORMAN ARCHIVE/GLOW IMAGES/ MUSEU BRITÂNICO, LONDRES

Crucifixo de ouro produzido no Império Bizantino, datado do século X.

Cesaropapismo

Justiniano e seus sucessores procuraram, por meio da religião, impor sua autoridade e firmar a unidade política do império. Os imperadores adotaram o título de *basileus*, que, em grego, significa aquele que tem autoridade suprema. Nesse contexto, apresentavam-se como os principais representantes de Deus, cabendo-lhes proteger a Igreja e dirigir o Estado. Assim, suas ordens eram consideradas "ordens celestes" e seu palácio era o "palácio sagrado".

A junção de poderes (estatal e religioso) é chamada de cesaropapismo, isto é, os poderes imperial (césar) e religioso (papa) concentravam-se nas mãos do imperador.

Cisma do Oriente

O relacionamento entre a Igreja Católica Romana e o Estado Bizantino não foi, porém, pacífico. Depois do reinado de Justiniano, houve uma série de conflitos teológicos e políticos entre os partidários dos imperadores bizantinos e a hierarquia católica comandada pelos papas. Esses conflitos culminaram, em 1054, com o Grande Cisma do Oriente. Assim, o mundo cristão foi dividido em duas grandes Igrejas:

- de um lado, a Igreja Católica do Oriente, conhecida como Igreja Ortodoxa, com sede em Constantinopla e chefiada pelo patriarca da cidade;
- de outro, a Igreja Católica do Ocidente, conhecida como Igreja Católica Apostólica Romana, com sede em Roma e comandada pelo papa.

Investigando

- Segundo a legislação brasileira atual, qual é a relação entre Estado e religião? Pesquise.

Religião e cultura

Integração do Oriente com o Ocidente

A língua predominante em Constantinopla era o grego, mas o império agrupava povos de diferentes origens, como egípcios, gregos, persas, eslavos e judeus. Marcada por essa variedade de povos, a produção cultural bizantina mesclou elementos como o idioma grego, a religião cristã, o Direito romano, a arquitetura de inspiração persa, entre outros. Vejamos alguns aspectos dessa cultura.

Cristianismo

No Império Bizantino, a religião oficial era o cristianismo. A Igreja exercia influência sobre diversos setores da sociedade: fundamentava o poder imperial, absorvia boa parte dos recursos econômicos e estava muito presente na vida cotidiana.

A Igreja Ortodoxa tinha, entre seus líderes, o patriarca de Constantinopla, uma das principais autoridades da hierarquia eclesiástica. Em termos práticos, a autoridade do patriarca subordinava-se ao poder do imperador bizantino, considerado protetor da Igreja e principal representante da fé cristã.

Questões religiosas

O mundo bizantino foi bastante marcado pelo interesse nas questões religiosas. Gregório de Nissa, um dos **padres da Igreja** do século IV, deixou registrado que, em todos os lugares de Constantinopla, encontravam-se pessoas envolvidas em debates teológicos. Entre as mais famosas questões debatidas, destacavam-se:

- o **monofisismo** – doutrina que afirmava que Cristo tinha somente a natureza divina. Sua natureza humana, como alegava a Igreja Católica Romana, era negada;
- a **iconoclastia** – doutrina que repudiava a adoração popular de ícones religiosos, as imagens de santos, condenando sua utilização nos templos.

Em muitos casos, por trás das questões religiosas escondiam-se disputas políticas. A questão iconoclasta, por exemplo, camuflava o conflito entre o imperador e os sacerdotes dos mosteiros, que fabricavam imagens de santos e atribuíam a elas caráter milagroso. Pretendendo controlar o poder dos mosteiros, em 726 o imperador proibiu a adoração de imagens.

Padres da Igreja: denominação dada aos primeiros pensadores e escritores da Igreja Católica, especialmente aqueles que viveram entre os séculos IV e VIII. A palavra "padre" tem aqui o sentido de "pai", pois foram eles que formularam as primeiras concepções da fé e as doutrinas da tradição católica.

Investigando

- Que assuntos são debatidos em sua cidade? Onde ocorrem esses debates (em espaços públicos, na internet etc.)? Você participa deles?

Produção artística

A produção artística bizantina integrou características da arte oriental com elementos da arte greco-romana.

Os bizantinos destacaram-se na arte do mosaico — composição artística feita de peças coloridas (como vidro ou esmalte) sobre um suporte (como vidro claro, por exemplo). Os mosaicos representavam, geralmente, figuras religiosas ou de grande projeção política, ou, ainda, a estilização de animais ou plantas.

Já a escultura bizantina servia aos ideais religiosos e compreendia peças de grande valor, produzidas com materiais como ouro, marfim e vidro. Era caracterizada por cores vivas e pelo aspecto místico de suas estatuetas. Devido ao movimento iconoclasta, grande parte das esculturas foi destruída.

MIKEL BILBAO GOROSTIAGA-TRAVELS/ALAMY/FOTOARENA

Visitantes observam parte de um mosaico dentro da Basílica de Santa Sofia. Fotografia de 2010.

Interpretar fonte — Mosaicos bizantinos

Na basílica de San Vitale, na Itália, existem mosaicos representando o imperador Justiniano e sua esposa, a imperatriz Teodora. A seguir, observe um desses mosaicos.

A. DAGLI ORTI/DEA/GLOW IMAGES/BASÍLICA DE SAN VITALE, ITÁLIA

Detalhe de mosaico bizantino representando o imperador Justiniano e sua comitiva, produzido entre os anos 538 e 545.

1. Este mosaico transmite uma ideia de movimento e espontaneidade? Explique.
2. Identifique a figura do imperador bizantino. Que elementos da imagem levaram você a identificar o imperador? Explique.
3. Ao observar a imagem, é possível estabelecer uma relação entre a religião e a figura do imperador?

Na arquitetura, um dos exemplos mais lembrados é a Basílica de Santa Sofia (que em grego significa "sagrada sabedoria"), em cuja construção trabalharam cerca de 10 mil pessoas, durante cinco anos (532-537). O projeto arquitetônico da basílica, com cúpula, serviu de modelo para igrejas do Ocidente e do Oriente.

Depois da conquista de Constantinopla pelos turcos, no século XV, a Basílica de Santa Sofia foi transformada em mesquita (templo muçulmano) e recebeu quatro minaretes. Os mosaicos bizantinos, encobertos com grossa camada de cal, só foram restaurados no século XX, e a antiga basílica transformou-se em museu.

Em destaque — Basílica de Santa Sofia

O projeto arquitetônico da Basílica de Santa Sofia tornou-se modelo para a construção de muitos templos religiosos cristãos e islâmicos. Sua fachada é considerada relativamente simples, mas toda a parte interna é luxuosamente decorada, com marfim, pedras preciosas, mosaicos e vitrais. Estima-se que, para decorá-la, foram utilizadas cerca de 18 toneladas de ouro.

Observe as imagens da Basílica de Santa Sofia e da Catedral Metropolitana Ortodoxa de São Paulo.

HERBERT SPICHTINGER/CORBIS/FOTOARENA

Basílica de Santa Sofia, na Turquia.

DANIEL CYMBALISTA/PULSAR IMAGENS

Catedral Metropolitana Ortodoxa de São Paulo. Foi construída a partir da década de 1940, inspirando-se no projeto da Basílica de Santa Sofia.

- Compare as duas fachadas e indique que elementos elas têm em comum?

Crise do Império

A conquista de Constantinopla pelos turcos

Uma série de ataques externos foi enfraquecendo a administração central do Império Bizantino. Como consequência, muitos territórios conquistados no século VI foram perdidos para exércitos inimigos.

Foi somente nos séculos X e XI que o Império Bizantino recuperou parte desses territórios, e Constantinopla voltou a ser sede das atividades comerciais. A administração tornou-se mais eficaz, a economia estabilizou-se e as fronteiras entre Europa, Ásia e norte da África se fortaleceram, conferindo mais segurança ao império. A prosperidade durou alguns séculos e deixou marcas profundas no campo da arte.

Finalmente, em meados do século XV, Bizâncio foi conquistada pelos turcos otomanos. Depois da conquista, muitos intelectuais bizantinos migraram para a península Itálica, levando conhecimentos da cultura greco-romana, preservada no Império Bizantino. Historiadores consideram que esse fato pode ter influenciado, em certa medida, aspectos do movimento artístico conhecido como Renascimento.

Outra consequência importante do domínio turco sobre Constantinopla foi o aumento nos preços e nos tributos cobrados dos comerciantes europeus que compravam ali as mercadorias provenientes da Ásia. Os altos tributos estimularam europeus ocidentais — como portugueses e espanhóis — na busca de um novo caminho de comercialização com os fornecedores orientais, contribuindo para as Grandes Navegações. A conquista de Constantinopla pelos turcos, em 1453, é um marco tradicionalmente utilizado para assinalar o fim da Idade Média.

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. O trecho a seguir identifica algumas das diferenças entre as porções oriental e ocidental do Império Romano no século V.

> O Oriente era bem mais rico e concentrava as regiões mais férteis do império, e as cidades e o comércio ainda eram muito ativos. Isso ajuda a entender por que no século V essa parte resistia às invasões, enquanto o Ocidente foi sendo pouco a pouco dominado por diversos povos.

MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. *Roma e seu império*. São Paulo: Saraiva, 2000. p. 41.

a) Que diferenças o autor aponta entre as porções Oriental e Ocidental do Império Romano?

b) Reveja o capítulo 9 e aprofunde essa comparação, especialmente quanto aos aspectos cultural e econômico.

2. A historiadora Angeliki Laiou, especialista em civilização bizantina, faz a seguinte análise quanto à conquista de Constantinopla, em 1453, pelos otomanos:

> O Estado bizantino foi dissolvido pela conquista otomana, em 1453. No entanto, a religião, a cultura, as formas artísticas e o poder econômico de certos grupos — por exemplo, os comerciantes — sobreviveram nos Bálcãs por muitos séculos, e na verdade alguns resíduos poderosos continuam existindo ainda hoje. Nem a civilização bizantina nem todas as estruturas sociais e econômicas desapareceram em 1453.

LAIOU, Angeliki. Comentários sobre Bizâncio. In: JAGUARIBE, Hélio. *Um estudo crítico da História*. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 654.

a) Qual é a principal ideia da autora?

b) O que permaneceu após o fim do Império Bizantino?

c) Pesquise imagens do patrimônio histórico (material e não material) da época do Império Bizantino que sobrevivam até hoje. Em seguida, elabore um álbum com as imagens pesquisadas. Crie legendas para as imagens.

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Arte.

3. Observe as duas imagens a seguir. Compare-as e leia as legendas que as acompanham.

DBIMAGES/ALAMY/FOTOARENA

Este mosaico pode ser visto na Basílica de Santa Sofia. Ao centro, está representado Jesus Cristo, tendo, à esquerda, a Virgem Maria e, à direita, o Arcanjo Gabriel. Também à esquerda, podemos identificar a figura de um imperador, que se supõe ser Leão VI (886-912).

ROBERTO ESPOSTI/ALAMY/FOTOARENA

Nesta imagem, vemos outro mosaico da Basílica de Santa Sofia. Nele estão representados Maria e o menino Jesus, ladeados pelos imperadores Justiniano e Constantino, que lhes apresentam, respectivamente, modelos da Basílica de Santa Sofia e da cidade de Constantinopla.

a) Identifique os personagens que ocupam o centro das duas imagens. O que há em comum entre eles?

b) Que semelhanças ou diferenças podem ser observadas nas representações dos imperadores?

c) Faça uma rápida pesquisa sobre os principais feitos dos imperadores Constantino e Justiniano. A seguir, responda: Com que intenção esses dois imperadores podem ter sido representados no mesmo mosaico?

d) As representações dos imperadores bizantinos eram coerentes com a forma de governo adotada no império? Por quê?

e) Considerando a importância do cristianismo no mundo bizantino, como se explica a ausência de representações de autoridades eclesiásticas nos mosaicos? Retome as informações do capítulo para fundamentar sua hipótese.

Diálogo interdisciplinar com Língua Portuguesa e Sociologia.

4. O mundo bizantino foi marcado pelo grande interesse por questões religiosas. Conta-se que, em certa época, em todos os lugares de Constantinopla encontravam-se pessoas envolvidas em debates teológicos. Daí surgiu a expressão "questão bizantina" (ou bizantinismo).

a) Pesquise o significado da expressão "questão bizantina".

b) Cite uma situação para a qual você empregaria a frase "Eis uma questão bizantina".

Diálogo interdisciplinar com Geografia.

5. A cidade de Constantinopla (antiga Bizâncio), atualmente chamada Istambul, faz parte do território da Turquia. Faça uma pesquisa sobre as principais atividades econômicas desenvolvidas atualmente nessa cidade. Depois, compare sua importância econômica hoje e no tempo em que foi sede do Império Bizantino.

Diálogo interdisciplinar com Arte.

6. Observe com atenção a imagem que representa a promulgação do Código de Justiniano, na página 139. Em sua legenda, podemos ler que "A obra revela a transição do estilo gótico para o renascentista, como se observa pela presença da perspectiva, obtida a partir de um ponto de fuga". Faça uma pesquisa sobre os estilos gótico e renascentista. Investigue também o significado de "perspectiva". Em seguida, observe novamente a imagem e discuta com os colegas como é possível compreender melhor os significados desses termos quando estudados por meio da análise da figura.

De olho na universidade

7. (UFRS) A afirmação que apresenta um dos resultados do entrecruzamento de culturas no Império Bizantino é:

a) As artes visuais diversificaram-se a ponto de serem eliminadas as características estéticas de inspiração greco-cristã.

b) A adoração popular a ícones religiosos gerou crises na Igreja de Bizâncio.

c) Elementos clássicos, como a retórica e a língua grega, foram superados em função da interação cultural cosmopolita.

d) A arquitetura passou a primar pela simplicidade, a fim de se adequar à doutrina religiosa ortodoxa.

e) A estrutura jurídica do Império Bizantino não sofreu a influência do Direito romano.

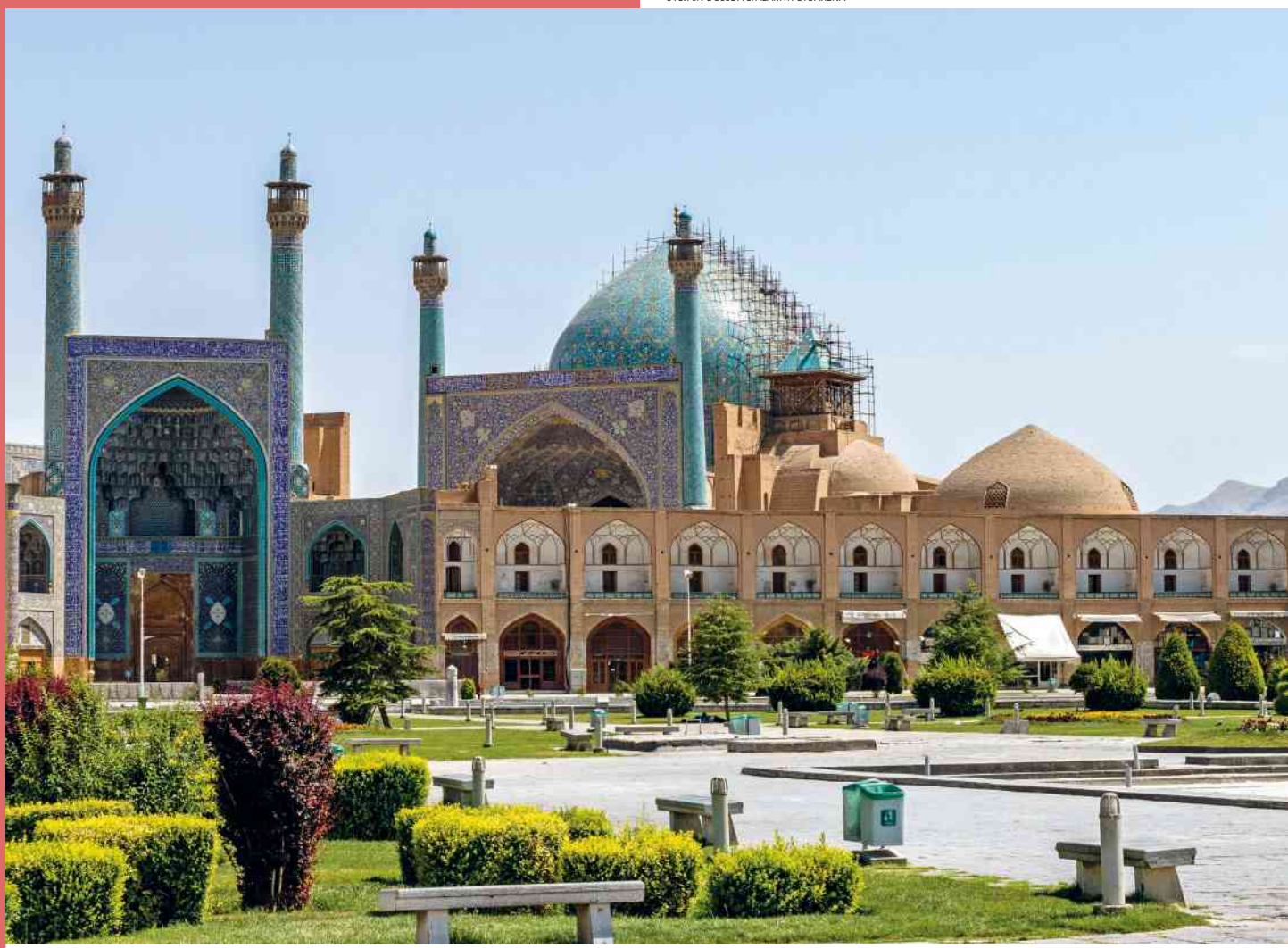
CAPÍTULO

11

Mundo islâmico

Enquanto o cristianismo se consolidava no mundo bizantino, em uma região do Oriente Médio — a Arábia — diversos povos se uniram em torno de uma nova religião (o islamismo). A cultura árabe-islâmica, então, expandiu-se por diferentes locais, como o norte da África e a península Ibérica.

SYLVAIN DOSSETTO/ALAMY/FOTOARENA



Vista da mesquita de Masjid-I-Shah, localizada em Isfahan, Irã.

Treinando o olhar

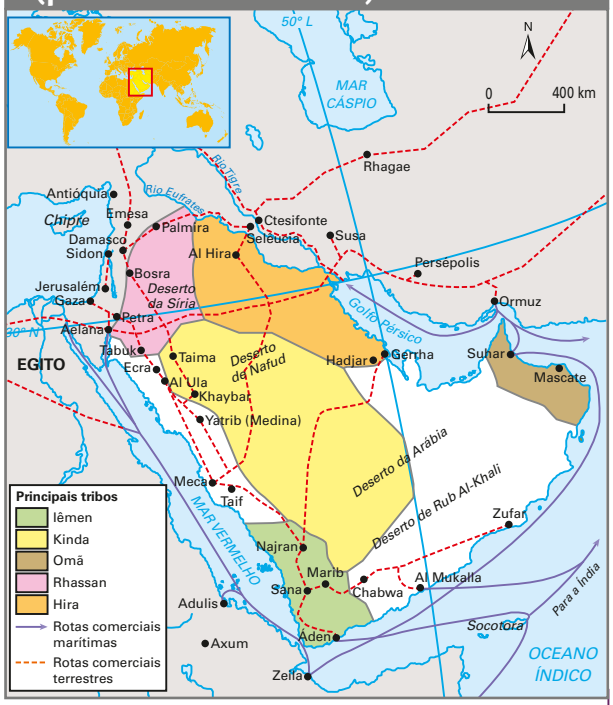
- As mesquitas podem ser consideradas formas expressivas da arquitetura islâmica. Observe a imagem da mesquita de Masjid-I-Shah e descreva alguns de seus elementos arquitetônicos.

Arábia

Antes e depois de Maomé

A civilização árabe-islâmica surgiu e irradiou-se a partir da península Arábica, situada no sudoeste da Ásia. A região apresenta clima quente e seco, com cerca de 80% de seu território constituído por desertos.

Arábia pré-islâmica (por volta do século VI)



SELMA CAPARROZ

Fonte: DUBY, Georges. *Atlas historique mondial*. Paris: Larousse, 2006. p. 169.

Observar o mapa

- Observe o mapa e compare-o com um mapa político atual. Depois, responda:
  - **a)** Em que continente se situa a península Arábica?
  - **b)** Que mares banham essa península?

Arábia pré-islâmica

Até o século VI, os vários povos da península Arábica tinham diferentes formas de viver. Historiadores costumam classificá-los em dois grandes grupos, conforme suas características culturais:

- **árabes do litoral** – povos sedentários que moravam em cidades próximas do mar Vermelho, como Meca e Yatrib. Essas cidades eram importantes centros de comércio por onde passavam caravanas de mercadores;
- **árabes do deserto** – povos seminômades que viviam em torno dos oásis da península. Dedicavam-se principalmente à produção artesanal e à criação de ovelhas, cabras e camelos.

A Arábia não teve unidade política, ou seja, um Estado unificado, até o século VII. Os povos ligavam-se uns aos outros pelos laços de parentesco e por elementos culturais comuns — falavam o mesmo idioma (apesar das variações regionais) e possuíam crenças religiosas politeístas.

Na cidade de Meca havia um templo chamado Caaba, com os ídolos das principais divindades cultuadas à época e a Pedra Negra, considerada sagrada pelos árabes. No contexto do islamismo, a pedra foi recebida por Abraão das mãos do anjo Gabriel. A Pedra Negra, provavelmente um pedaço de meteorito, está encravada em um dos cantos da Caaba. O conjunto fica ao centro da Grande Mesquita de Meca, na Arábia Saudita.

A existência desse templo fazia de Meca um importante ponto de encontro dos povos da região. Além disso, a cidade transformou-se no principal centro comercial dos árabes, recebendo pessoas e mercadorias de diversos locais.

PHOTOSINDIA/ALAMY/FOTOARENA

Peregrinos muçulmanos visitam a Caaba, na Grande Mesquita de Meca, na Arábia Saudita. Fotografia de 2009.

Arábia islâmica

A construção do Estado árabe iniciou-se com Maomé (570-632), um mercador da cidade de Meca. Maomé fundou o islamismo, religião monoteísta cujos seguidores também são chamados de muçulmanos.

De acordo com a tradição islâmica, aos 40 anos de idade, Maomé (ou Muhammad, "o mais louvado") foi escolhido por Deus para ser o último profeta enviado à humanidade. Quando iniciou suas pregações, Maomé dizia que os ídolos do templo deviam ser destruídos, pois havia um só deus criador do Universo. A pregação de Maomé desagradou os sacerdotes de Meca por vários motivos. Além de combater o politeísmo tradicional, a nova religião poderia prejudicar as peregrinações a Meca e afetar o comércio das caravanas.

Hégira

Maomé foi pressionado a deixar Meca e, no ano de 622, refugiou-se em Yatrib (posteriormente denominada Medina). Esse episódio é chamado de Hégira (palavra de origem árabe que significa "emigração") e marca o início do calendário muçulmano. Na cidade de Medina, Maomé e seus discípulos difundiram a nova religião e organizaram um exército de fiéis.

Em 630, o profeta e seus seguidores conquistaram Meca e destruíram os ídolos do templo, preservando a Caaba e a Pedra Negra. A partir daí, o islamismo expandiu-se pela Arábia, e os diversos povos foram se unificando em torno dessa religião.

Assim, por meio da identidade religiosa, criou-se uma nova organização política e social. Formou-se um Estado islâmico, de governo teocrático. Após a morte de Maomé, em 632, esse Estado passou a ser governado por califas, que concentravam os poderes religioso, político e militar. A palavra califa, de origem árabe, pode ser traduzida por "sucessor". Por isso, denominava os líderes político-religiosos que sucederam Maomé.

Investigando

- Com base no mapa da página 147 e no texto do capítulo, indique qual atividade econômica ligava os árabes entre si e a outros povos fora da Arábia.

Islamismo

Submissão ao Deus único

A religião islâmica prega a submissão plena do ser humano aos preceitos de Alá, o Deus único, criador do Universo. A palavra Alá significa, em árabe, "o Deus". É formada pelo artigo definido *al* e pelo substantivo *ilah*, que significa Deus.

A submissão a Deus é chamada de islão ou islã (do árabe *islam*, "submissão"). Aquele que tem fé em Deus é muçulmano (do árabe *muslim*, que significa "aquele que se submeteu a Deus").

O islamismo é uma das religiões mais influentes na atualidade. Suas cidades sagradas — Meca e Medina —, situadas na atual Arábia Saudita, recebem cerca de 2 milhões de peregrinos muçulmanos no mês sagrado de seu calendário (Ramadã).

Investigando

- Qual é a diferença entre ser árabe e ser islâmico?

Alcorão: o livro sagrado

Os princípios básicos do islamismo encontram-se reunidos no livro sagrado dos muçulmanos, chamado *Corão* ou *Alcorão* (do árabe *al* = a + *corão* = leitura, ou seja, "A leitura").

Segundo o *Alcorão*, Alá é essencialmente bom e justo, e os seres humanos que obedecerem inteiramente a Ele serão recompensados por seus atos no dia do Juízo Final sendo enviados para o paraíso; os que desobedecerem serão condenados ao inferno.

Na abertura do *Alcorão*, encontramos as seguintes palavras:

> Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso.
> Louvado seja Deus, o Senhor dos Mundos,
> O Clemente, o Misericordioso,
> O Soberano do dia do Julgamento.
> A Ti somente adoramos. Somente a Ti imploramos socorro.

CHALLITA, Mansour (Trad.). *O Alcorão*. Rio de Janeiro: Associação Internacional Cultural Gibran, s/d. p. 15.

Além de normas religiosas, o *Alcorão* inclui preceitos jurídicos, morais, econômicos e políticos que orientam o cotidiano da vida social. Proíbe, por exemplo, que os fiéis comam carne de porco, consumam bebidas alcoólicas ou pratiquem jogos de azar. O roubo é severamente punido. A poligamia masculina (casamento do homem com mais de uma mulher) é permitida.

Princípios básicos

Entre os princípios básicos do islamismo, destacam-se:

- crer em Alá, o Deus único, e em Maomé, seu profeta;
- fazer cinco orações diárias com o rosto voltado para a direção de Meca;
- ser generoso com os pobres e dar esmolas;
- cumprir o jejum religioso durante o Ramadã (mês sagrado);
- ir em peregrinação a Meca pelo menos uma vez na vida, se houver condições físicas e financeiras.

Em destaque — *Corão* ou *Alcorão*?

Vejamos a seguir o que diz o tradutor e escritor Mansour Challita sobre as grafias *Corão* e *Alcorão*.

Muitas pessoas sustentam que o livro sagrado dos muçulmanos deve chamar-se em português *Corão* e não *Alcorão*, pois o **al** já representa o artigo **o**.

Etimologicamente, ambas as palavras estão certas.

Acontece, contudo, que ao ser passada para o português, a maioria das palavras árabes veio com o artigo **al** já incorporado a elas e inseparável delas. Dizemos o açúcar (e não o çucar), o arroz (e não o roz), a alfândega (e não a fândega), a álgebra (e não a gebra), o algodão (e não o godão) [...].

Em francês, por oposição, a maioria dessas mesmas palavras é usada sem o artigo original. Assim, dizem: *le sucre*, *le riz*, *le coton*, *le musc* etc. Também dizem: *Le Coran*.

Cada língua tem seus caminhos.

A palavra Alcorão obedece, portanto, à tendência geral da Língua Portuguesa no que diz respeito às palavras de origem árabe e já foi consagrada sob essa forma.

CHALLITA, Mansour. *O Alcorão*. Rio de Janeiro: Associação Internacional Cultural Gibran, s/d. p. 31.

- De acordo com o texto, o mais correto é *Alcorão* ou *Corão*? Ou ambas as formas estão certas? Justifique.

Sunitas e xiitas

Após a morte de Maomé, a religião islâmica foi interpretada de várias maneiras, entre as quais se destacam as de dois grupos, até hoje conflitantes:

- **os sunitas** – defendem como condição para o homem ocupar o cargo de chefe do Estado muçulmano (o califa) ter sólidas virtudes morais — como honra, respeito pelas leis e capacidade de trabalho. Os sunitas, além do *Alcorão*, seguem a *suna*, que se refere ao "comportamento habitual do profeta e seus companheiros, quanto às suas ações, falas, aprovações e desaprovações. Essas informações, registradas através de narrativas curtas, são denominadas *hadiç*"[1];
- **os xiitas** – postulam que a chefia do Estado muçulmano só pode ser ocupada por um legítimo descendente de Maomé ou com ele aparentado. Afirmam que o chefe da comunidade islâmica é diretamente inspirado por Alá e que os fiéis lhe devem obediência absoluta.

Atualmente, a maioria dos seguidores do xiismo encontra-se no Irã, no Iraque e no Iêmen. Nas demais regiões do mundo islâmico, predominam os seguidores do sunismo (cerca de 90% dos atuais muçulmanos).

Em destaque — Fontes do islamismo

No texto seguinte, a professora Safa Jubran, especialista em língua e literatura árabe, apresenta sua visão do *Alcorão* e do *hadiç* (ou *hadith*), importantes fontes da religião islâmica.

> *Alcorão* é o livro sagrado dos muçulmanos, para os quais está contida a palavra de Deus, revelada ao profeta Muhammad (Maomé), o fundador do islamismo [...].
>
> Uma outra fonte importante do islamismo, além do *Alcorão*, é o *hadith* (diálogos), que consiste em narrativas e pregações atribuídas ao profeta Muhammad. O conjunto de *hadith* foi reunido durante os primeiros séculos após a morte do profeta. Recorre-se ao *hadith* quando não se encontra no *Alcorão* uma instrução específica de como deve-se agir diante de uma situação não prevista.
>
> Como a lei islâmica não se baseia apenas no texto alcorânico, mas também no *hadith*, interpretações diversas podem ser feitas, o que permite, muitas vezes, oferecer várias respostas para uma mesma questão. Essa diversidade é, certamente, a principal e melhor evidência de que nenhuma interpretação da lei religiosa muçulmana pode ser considerada "a única", o que, portanto, bastaria para impedir, no seio dessa religião, a existência de "donos da verdade".

JUBRAN, Safa A. Abou Chahla. Fontes do islamismo. *Revista da Folha*. São Paulo, 23 set. 2001. p. 10.

1. Segundo o texto, é possível, dentro do islamismo, oferecer várias respostas para uma mesma questão? Explique.

2. Debata a seguinte frase com os colegas: "Ninguém é dono da verdade".

1 CHALLITA, Mansour. Op. cit., p. 31.

Expansão árabe

Formação do Império Islâmico

Após a morte de Maomé e sob a liderança dos califas, ocorreu uma grande expansão territorial árabe. São várias as razões dessa expansão, entre elas: a busca de terras férteis; o interesse na ampliação das atividades comerciais; e as guerras santas contra os "infiéis", ou seja, a luta para difundir e preservar o islamismo.

Período de expansão

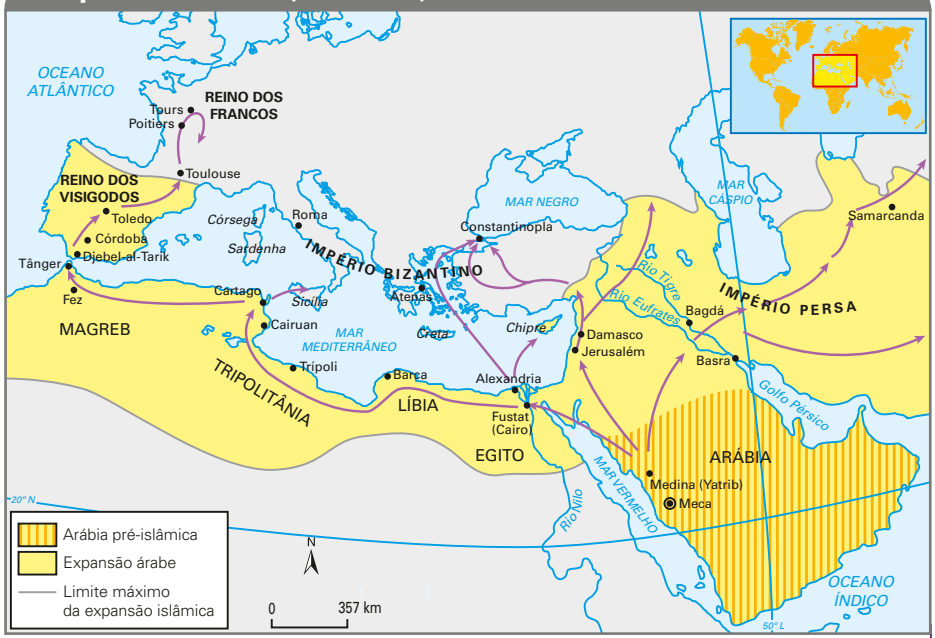
A expansão muçulmana pode ser compreendida em três grandes momentos:

- **Primeiro momento (632-661)** – período dos califas eleitos que sucederam Maomé. Conquistas da Pérsia, da Síria, da Palestina e do Egito.
- **Segundo momento (661-750)** – período da dinastia dos califas Omíadas. A capital foi transferida para Damasco. Conquistas do noroeste da China, do norte da África e de quase toda a península Ibérica. O avanço árabe (ou **sarraceno**) ao Reino Franco foi barrado por Carlos Martel, na Batalha de Poitiers, em 732.
- **Terceiro momento (750-1258)** – período da dinastia dos califas Abássidas, marcado pela ascensão dos persas rumo ao mundo islâmico. Nessa fase, a capital foi transferida para Bagdá. As conquistas muçulmanas ainda avançaram pela Europa, na parte sul da península Itálica, na Sicília e na Sardenha.

Sarraceno: denominação que os cristãos da Idade Média davam às populações muçulmanas.

Expansão árabe (632-850)

SELMA CAPARROZ



Fonte: KINDER, Hermann; HILGEMANN, Werner. *Atlas histórico mundial*: de los orígenes a la Revolución Francesa. Madri: Ediciones Istmo, 1982. p. 124.

Observar o mapa

- Tomando como base o texto do capítulo, observe o mapa e identifique:
  - **a)** as duas principais cidades da Arábia;
  - **b)** as regiões conquistadas na primeira expansão islâmica;
  - **c)** as regiões conquistadas na segunda expansão islâmica;
  - **d)** as regiões conquistadas na terceira expansão islâmica.

Diversidade econômica e tolerância

Nas regiões conquistadas, os muçulmanos realizaram obras de irrigação que tornaram produtivas terras antes estéreis e empobrecidas. Isso permitiu o desenvolvimento de uma agricultura variada. Cultivaram, assim, lavouras adaptadas ao clima de cada região.

Ao mesmo tempo em que ampliavam seus territórios, os muçulmanos expandiam a atividade comercial, dominando as grandes rotas. Viajantes do mar e da terra, os muçulmanos realizaram negócios em diferentes regiões do mundo. Navegavam constantemente pelo mar Mediterrâneo, pelo oceano Índico, pelo mar Vermelho e pelo golfo Pérsico, detendo, assim, o controle do comércio entre o Oriente e o Ocidente. Por terra, percorriam, em caravanas de camelos, regiões da África, da Índia, da China e da Rússia.

Para a realização dos negócios, criaram diversos instrumentos jurídicos: cheques, letras de câmbio, recibos e sociedades comerciais.

O intenso comércio muçulmano também foi acompanhado de significativo desenvolvimento da produção artesanal. Em Bagdá (no atual Iraque), por exemplo, produziam-se joias, vidros, cerâmicas e sedas; em Damasco (na atual Síria), destacou-se a produção metalúrgica de armas e ferramentas, além de seu famoso tecido de seda e linho; em Toledo (na atual Espanha), produziam-se espadas de alta qualidade, cobiçadas pelos cavaleiros medievais.

A cultura e a religião islâmica não foram impostas aos povos das regiões conquistadas, embora muitas pessoas tenham se convertido aos preceitos de Maomé. Historiadores apontam, por exemplo, que as comunidades cristãs e judaicas na península Ibérica mantiveram suas crenças, mesmo durante a presença do Império Islâmico na região.

Declínio do império

A partir do século VIII, o poder central nos vários territórios conquistados pelos muçulmanos passou a enfrentar crises internas provocadas, em sua maior parte, pelas rivalidades entre os califas. Essas disputas levaram ao desmembramento do Império Islâmico e à formação de Estados muçulmanos independentes, como o de Córdoba (na atual Espanha) e o do Cairo (no atual Egito).

No plano externo, os árabes enfrentaram a reação de povos cristãos. Na península Ibérica, por exemplo, os cristãos uniram-se para expulsá-los de seus territórios. No Oriente, entre os séculos XIII e XV, uma série de povos invasores acabou conquistando os territórios dominados pelos árabes.

No entanto, o islamismo manteve seu predomínio em grande parte dos novos Estados que surgiram com o fim do Império Islâmico.

Cultura árabe

Difusão de descobertas e conhecimentos

Durante a Idade Média, os árabes assimilaram e reelaboraram produções culturais de diversos povos, criando, ao mesmo tempo, uma cultura rica e singular.

Em muitas situações, eles difundiram aspectos econômicos e culturais do Oriente e do Ocidente. Foi, por exemplo, por intermédio deles que chegaram à Europa inventos dos povos orientais, como a bússola, a pólvora e o papel. E também muitos textos da Antiguidade Clássica, como as obras de Aristóteles.

Também podemos destacar contribuições árabes nas seguintes áreas:

- **matemática** – introduziram os algarismos hindus, que ficaram conhecidos como algarismos arábicos, e o numeral zero. Além disso, desenvolveram a álgebra e a trigonometria;
- **medicina** – descobriram técnicas cirúrgicas e revelaram as causas de doenças contagiosas, como a varíola e o sarampo;
- **química** – descobriram substâncias como o ácido sulfúrico, o salitre e o álcool, além de terem desenvolvido o processo de utilização de diversos elementos químicos;
- **idioma** – a expansão islâmica levou à difusão do idioma árabe, a "língua oficial" do mundo islâmico, e hoje diversos idiomas contam com palavras de origem árabe, inclusive o português;
- **astronomia** – os árabes construíram observatórios planetários e aperfeiçoaram o astrolábio grego.

CORBIS/FOTOARENA/BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE ISTAMBUL TURQUIA

Esta ilustração do século XVI representa astrônomos árabes trabalhando em um observatório.

Em destaque — Os algarismos hindu-arábicos

Estamos tão habituados aos números segundo o assim chamado sistema arábico que o consideramos totalmente natural. Obviamente, não é bem assim. Trata-se de uma invenção que vem de muito longe, da Índia; foram, no entanto, os árabes que a desenvolveram e, através da Espanha, difundiram-na em toda a Europa: a mais antiga atestação está, justamente, em um manuscrito espanhol de 976. Os romanos tinham um sistema de numeração que, mesmo com o uso de ábaco, instrumento feito de pequenas argolas que deslizam sobre fios metálicos, não permitia operações complexas. Era possível adicionar e subtrair, mas era muito difícil realizar operações que nos parecem elementares, como a multiplicação e a divisão, sendo necessário, para tanto, dirigir-se a matemáticos profissionais. Os romanos nunca chegaram, de fato, à ideia que está na base do sistema de numeração arábico: o valor de um algarismo, inclusive o zero — conquista importantíssima —, depende do lugar que ocupa em número; por exemplo, no número 222, o algarismo 2 representa sucessivamente duzentos, vinte e dois.

No final do século XII, Leonardo Fibonacci ("*fi Bonacci*", isto é, filho de Bonaccio), um mercador de Pisa (c. 1170-1245), encontrou, por motivos profissionais, alguns colegas de língua árabe em Bugia, perto de Argel, onde o pai era empregado de alfândega. Ali aprendeu o sistema de contas que usamos até hoje. Voltando à pátria, organizou, em 1202, o novo método em um tratado, o *Liber abbaci*, que formalizou definitivamente em 1228. Graças a ele a nova numeração difundiu-se, primeiro na Itália e logo em toda a Europa.

FRUGONI, Chiara. *Invenções da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 48-50.

1. Compare a numeração dos romanos com aquela pertencente ao sistema arábico.

2. Debata com os colegas: Qual foi a importância da cultura árabe para o desenvolvimento da matemática?

Impacto sobre a cultura ibérica

Os muçulmanos chegaram à península Ibérica em 711 e lá ficaram quase oito séculos, quando foram definitivamente expulsos. Assim, o domínio árabe impactou fortemente as culturas dos povos português e espanhol, que chamavam os árabes de **mouros** ou sarracenos.

Mouros: denominação empregada para populações muçulmanas principalmente do norte da África, de origens diferentes, como árabes, etíopes, afegãos e persas.

Até hoje, a exuberante arquitetura árabe destaca-se em ruas, praças e construções das cidades de Portugal e, especialmente, da Espanha. Comidas, música e roupas — além de muitas palavras dos idiomas português e espanhol — também demonstram a influência árabe.

FISHEYE/GETTY IMAGES

Pátio dos Leões, em Alhambra, Espanha. Fotografia de 2014.

Islamismo

Presença no mundo e no Brasil

Atualmente, o islamismo está presente em diferentes regiões do mundo, como o norte da África, parte da Ásia e o sudoeste da Europa.

A religião islâmica é seguida por cerca de 1,6 bilhão de pessoas, em aproximadamente 75 países.

No entanto, apenas 15% dos muçulmanos vivem hoje em países árabes. A Indonésia (que não é árabe) é o país que reúne o maior número de adeptos do islamismo.

Islamismo no Brasil

O islamismo também é praticado no Brasil, compondo o pluralismo religioso brasileiro. O primeiro grupo de muçulmanos a vir para o Brasil era constituído de africanos escravizados. A Revolta dos Malês, ocorrida na Bahia, em 1835, foi uma rebelião de escravos africanos muçulmanos.

Entre os praticantes do islamismo no Brasil, encontram-se tanto imigrantes árabes (sírios, libaneses, palestinos, egípcios etc.) como pessoas de origem não árabe que se converteram ao islã.

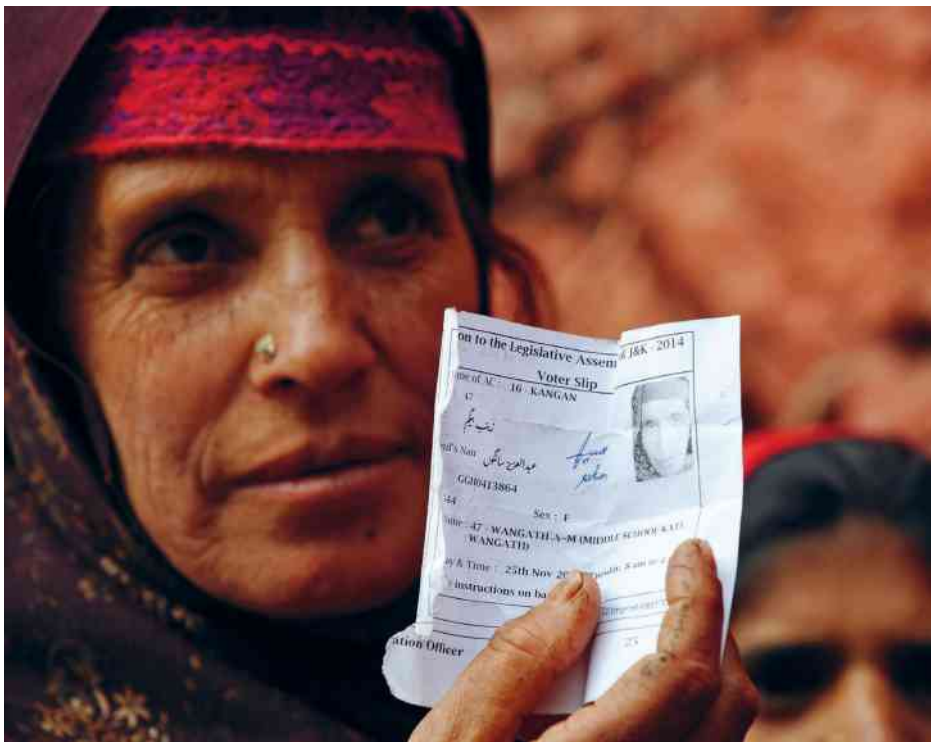
Segundo o IBGE, entre o final do século XIX e o começo do XX, mais de 58 mil imigrantes árabes haviam entrado no país, vindos, em sua maioria, da Síria e do Líbano. Eles e seus descendentes contribuíram para a formação da cultura brasileira, com forte presença na gastronomia, na literatura, na medicina e em diversas áreas do conhecimento.

Não há consenso sobre o número de muçulmanos que vivem atualmente no Brasil. Enquanto o Censo do IBGE 2010 calcula cerca de 35 mil pessoas, a Federação Islâmica Brasileira estima cerca de 1,5 milhão de adeptos no país.

O direito ao voto

Nos últimos anos, muitos países de maioria islâmica têm aprovado legislações para garantir direitos políticos para as mulheres. Na Argélia, por exemplo, uma lei de 2012 estipulou que as mulheres devem compor, no mínimo, 30% do Parlamento.

ROROUF BHAT/AFP



Mulher muçulmana participa de eleições na região da Caxemira, na Índia. Fotografia de 2014.

Investigando

- Você conhece alguma contribuição árabe para a cultura brasileira? Qual?

Interpretar fonte — A mulher em países islâmicos atuais

Leia trechos de uma entrevista, em que a cientista social francesa Juliette Minus apresenta sua visão sobre aspectos da situação social da mulher em países islâmicos atuais.

[...] *Qual o significado do véu no mundo muçulmano?*

O véu não tem a mesma significação nas origens e hoje. Em quase todas as sociedades, as mulheres usaram o véu. Nos anos [19]40, [por exemplo], na Europa, uma mulher que saísse sem chapéu era considerada sem honra. Precisava sair de chapéu e com luvas, esconder o cabelo e não pegar na mão de um desconhecido. [...] A história do véu é muito antiga e é provável que as mulheres não estivessem sistematicamente veladas na época de Maomé. [...] Quando Maomé chegou em Medina, ele recorreu ao véu para distinguir as mulheres que eram crentes das outras. [...]

Quais são os versículos do Corão *diretamente relacionados à submissão das mulheres?*

Nos capítulos do *Corão* não existe um desenvolvimento longo sobre esse ponto preciso. Há referências às mulheres ao longo do *Corão*, versículos que dizem respeito a elas. Os dois versículos mais importantes são "Repúdio" e "Das Mulheres". O *Corão* diz que tanto o homem quanto a mulher devem ser punidos quando se comportam mal e diz ainda que os homens e as mulheres são iguais diante de Deus, ou seja, quando mortos. Porém também diz que o homem tem preeminência sobre a mulher ou que ele é superior e a mulher lhe deve obediência — como ele deve obediência a Deus. [...]

Em que condições se dá o repúdio?

Em quaisquer condições. Por ser estéril, por não ter filhos homens, por não cozinhar bem, ter mau humor, enfim, por qualquer coisa. E o homem não tem que prestar contas a ninguém. Basta usar a fórmula do repúdio, com ou sem testemunha, e o que resta à mulher é ir embora. [...]

Onde a mulher vai viver depois de ser repudiada?

Tradicionalmente vai para a casa do pai ou do irmão mais velho.

E como ela é recebida?

Normalmente, uma vez que o repúdio se faz com muita facilidade e porque a mulher volta com o dote e pode se casar novamente depois de três meses. O casamento no mundo muçulmano não é um sacramento. [...]

O estatuto da mulher não é o mesmo em todos os Estados muçulmanos, ou seja, nos que aceitaram modernizar a lei e nos Estados islâmicos como o Afeganistão e o Irã. Seria possível falar sobre a diferença?

Nos países que modernizaram a lei, a mulher conquistou o direito ao divórcio, porém em condições muito especiais. A mulher deve provar que o marido não tem mais relações sexuais com ela, que tem uma doença sexualmente transmissível ou que não a sustenta. O marido, para repudiar a mulher, não precisa de nada disso. [...]

MILAN, Betty. As mulheres de véu. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 6 jan. 2002, Caderno Mais! p. 14-15. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0601200209.htm>. Acesso em: 9 out. 2015.

1. Sintetize a entrevista de Juliette Minus, com base nestes três pontos: o uso do véu, a submissão e o repúdio à mulher no mundo muçulmano.
2. Na sua interpretação, a mulher casada no Brasil atual é submissa em relação ao marido? Debata o assunto com os colegas.

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. Antes do islamismo, a escravidão era praticada entre os árabes, mas, segundo o historiador Robert Mantran:

> [...] o *Corão* tentou atenuá-la [a escravidão] concedendo um estatuto, decerto inferior, aos escravos que, todavia, podiam tornar-se muçulmanos. A emancipação foi regulamentada e os libertos (*mawali*) continuavam clientes de seu antigo senhor. Ao muçulmano era proibido escravizar outro muçulmano, o que contribuiu para reforçar a fraternidade entre os crentes.

MANTRAN, Robert. *Expansão muçulmana*: séculos VII-XI. São Paulo: Pioneira, 1997. p. 74.

a) De acordo com o *Corão*, o que deve acontecer com a escravidão?

b) O que você compreende da frase: "os libertos (*mawali*) continuavam clientes de seu antigo senhor"?

c) De acordo com o texto, de que maneira o islamismo "contribuiu para reforçar a fraternidade entre os crentes"?

2. Os sunitas recolheram tradições (*suna*) referentes aos atos e às palavras de Maomé e seus companheiros, reunindo-as em coletâneas chamadas *hadiç* (ou *hadith*). O texto dos *hadiç* baseia-se em uma "cadeia de transmissão" oral. Essa "cadeia de transmissão teve início com os companheiros do profeta que informaram a seus discípulos e estes comunicaram a uma nova geração". (NABHAN, Neuza Neif. *Islamismo*: de Maomé a nossos dias. São Paulo: Ática, 1996. p. 25.)

a) Indique outras religiões cujas tradições foram transmitidas de modo semelhante.

b) Qual é a importância da tradição oral nos dias de hoje? Discuta o assunto em grupo. Conversem também com os professores das outras disciplinas.

3. Discuta com os colegas os seguintes temas:

a) Quem vive melhor nos dias atuais: as mulheres nos países islâmicos ou as mulheres brasileiras?

b) "Viver melhor" tem o mesmo significado nas diferentes culturas? Justifique.

c) Pesquise informações atuais sobre violência contra a mulher no Brasil e no Oriente Médio. Depois, reflita sobre os dados pesquisados com os colegas.

4. Os árabes valorizam a escrita como registro estético e, por isso, desenvolveram a caligrafia. Sobre esse assunto, leia o texto a seguir.

> Inicialmente, calígrafos eram incumbidos de escrever o texto corânico de forma magnífica, mas a manifestação estética de uma escrita bela (significado de "caligrafia", palavra de origem grega) aparece também em decretos, tratados, cartas, assinaturas, poesias e até livros científicos. [...]
>
> Muitos dos calígrafos atuais trabalham em atividades voltadas à publicidade ou em gráficas. Outros se dedicam a obras artísticas; e ainda são comuns exposições de caligrafia em países islâmicos, além da França, da Espanha, de Portugal e da Alemanha, principalmente. [...]

Utilizada na decoração de mesquitas, transforma o Alcorão numa obra de arte. A diversidade de estilos permite expressar qualquer tipo de sentimento. Como diz o iraquiano Hassan Massoudy, "a caligrafia é não só a fixação de um texto, mas também uma composição abstrata que exprime uma concepção de mundo".

FARAH, Paulo Daniel. *O Islã*. São Paulo: Publifolha, 2001. p. 57-9.

JOSHUA DAVENPORT/ALAMY/FOTOARENA

Caligrafia árabe no interior da Basílica de Santa Sofia, na Turquia. Fotografia de 2014.

a) De acordo com o que você acabou de ler, quais as funções da caligrafia na cultura árabe?

b) Você se preocupa com a beleza e a comunicação visual de sua escrita? Explique pensando em textos manuscritos e digitais.

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Geografia.

5. Em grupo, pesquisem quais são os países que atualmente apresentam tradições islâmicas e localizem-nos em um mapa atual. Depois, comparem esse mapa com um mapa histórico da expansão islâmica do século VIII. Assinalem as semelhanças e as diferenças.

Diálogo interdisciplinar com Língua Portuguesa.

6. A presença de muçulmanos na península Ibérica durante quase oito séculos refletiu na constituição do vocabulário da língua portuguesa de uma maneira que é fácil reconhecer — grande parte das palavras de origem árabe incorporadas ao português começa com a letra *a* ou as letras *al*, como os vocábulos açúcar, azeite, almofada e algodão.

a) Pesquise o assunto e explique essa característica.

b) Dê outros exemplos de palavras que têm origem árabe.

Diálogo interdisciplinar com Geografia e Sociologia.

7. Leia a reportagem:

A França aplicou pela primeira vez uma punição pelo uso do véu em locais públicos desde abril, quando a lei que proíbe mulheres de

qualquer nacionalidade de cobrir o rosto com tecido foi promulgada. A Justiça condenou, nesta quinta-feira 22, duas muçulmanas que utilizaram o *niqab*, deixando apenas os olhos à mostra.

[...] Hind Ahmas e Najate Naït Ali foram multadas em 120 euros (cerca de 300 reais) e 80 euros (cerca de 200 reais), respectivamente. Ambas afirmam que vão recorrer à Corte Europeia de Direitos Humanos. "Fomos sentenciadas sob uma lei que viola a lei europeia. Não é o tamanho da multa, é o princípio. Não podemos deixar que as mulheres sejam condenadas por seguir livremente suas convicções religiosas", disse Ahmas, à agência France Presse.

[...]

A França foi o primeiro país europeu a banir as vestimentas, sob a alegação de que os véus colocam a mulher em uma situação de inferioridade na sociedade, algo incompatível com os ideais de igualdade do país.

Uso de véu rende condenação. *Carta capital*, 23 set. 2011. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/uso-de-veu-rende-condenacao>. Acesso em: 9 out. 2015.

a) Destaque do texto os argumentos que são contra o uso do véu na França e os argumentos que são a favor.

b) Sob a orientação do professor, organizem-se em dois grupos e façam um debate a respeito dessa lei, que provocou polêmicas. Um dos grupos vai defender o direito das mulheres muçulmanas de usar o véu nas ruas; o outro defenderá a lei que proíbe o uso dos véus.

De olho na universidade

8. (Fuvest)

A Idade Média europeia é inseparável da civilização islâmica já que consiste precisamente na convivência, ao mesmo tempo positiva e negativa, do cristianismo e do islamismo, sobre uma área comum impregnada pela cultura greco-romana.

GASSET, José Ortega y, 1883-1955.

O texto acima permite afirmar que, na Europa ocidental medieval:

a) formou-se uma civilização complementar à islâmica, pois ambas tiveram um mesmo ponto de partida.

b) originou-se uma civilização menos complexa que a islâmica devido à predominância da cultura germânica.

c) desenvolveu-se uma civilização que se beneficiou tanto da herança greco-romana quanto da islâmica.

d) cristalizou-se uma civilização marcada pela flexibilidade religiosa e tolerância cultural.

e) criou-se uma civilização sem dinamismo, em virtude de sua dependência de Bizâncio e do islã.

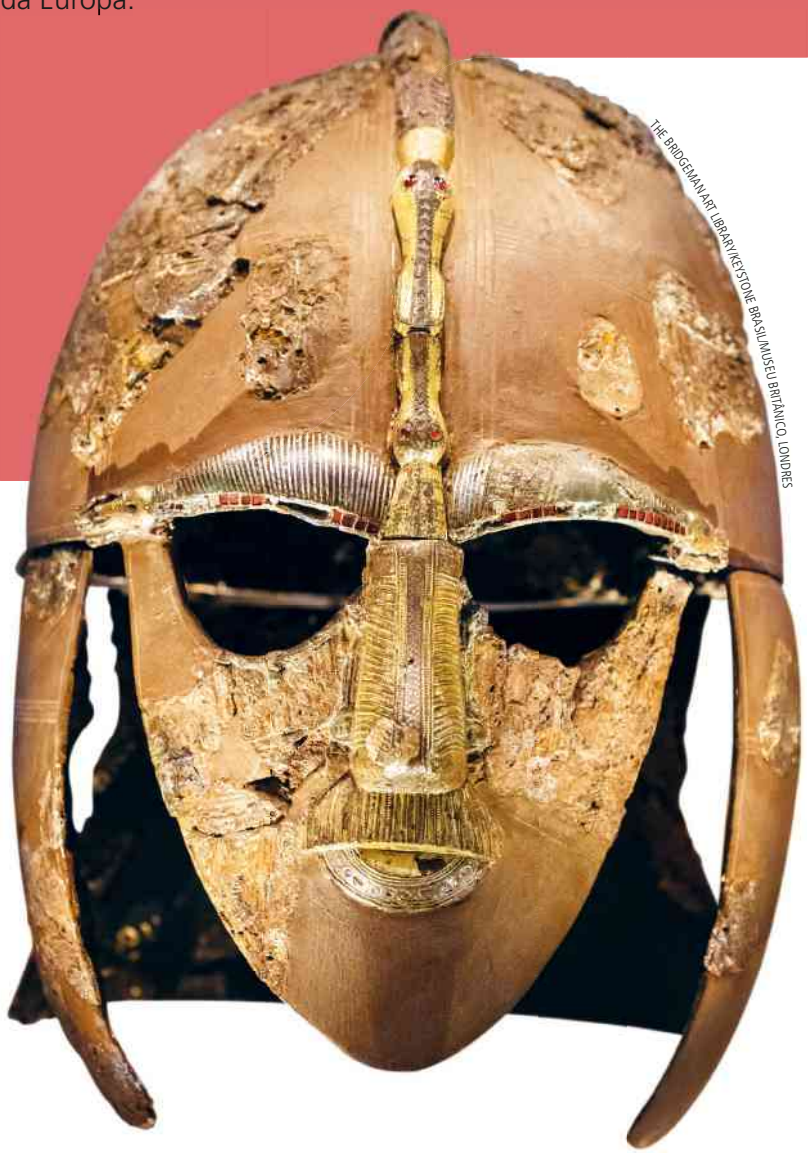
CAPÍTULO

12

A Europa feudal

Entre os séculos II e VI, ocorreram migrações e invasões dos povos germânicos nos domínios do Império Romano. Esses processos contribuíram para a desestruturação do Império e, ao mesmo tempo, promoveram uma mescla de culturas entre romanos e germânicos.

Neste capítulo, você vai conhecer alguns aspectos da cultura dos povos germânicos e da sociedade feudal. Tudo isso faz parte do longo caminho de formação da Europa.



THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/MUSEU BRITÂNICO, LONDRES

Capacete de guerreiro em bronze, exemplo de arte anglo-saxônica do século VII.

Treinando o olhar

- Esse capacete anglo-saxão pode ser considerado uma fonte histórica. Ele foi encontrado com os restos de um navio afundado em Sutton Hoo, na Inglaterra. A peça está danificada pela erosão marítima e por desmoronamentos dos destroços do navio, mas, ao que tudo indica, era rica em detalhes. Você consegue identificar no capacete a representação de dois dragões? O que esses dragões poderiam simbolizar?

Idade Média

Conceito e preconceito

Neste capítulo, iniciamos o estudo do período tradicionalmente conhecido como Idade Média.

Considerando-se que toda periodização é fruto de uma interpretação histórica e que ela se difunde como forma de convenção social, os marcos do início e do fim da Idade Média variam bastante.

Entre seus marcos iniciais, costuma-se apontar datas como 392 d.C. (oficialização do cristianismo), 476 d.C. (deposição do último imperador romano), entre outras. Como marcos finais, alguns historiadores apontam os anos de 1453 (tomada de Constantinopla pelos turcos) ou 1492 (chegada de Colombo à América).

Além dessas periodizações usuais, o historiador Jacques Le Goff propôs a ideia de uma "longa Idade Média", que iria do século IV (declínio do Império Romano) até o século XVIII (Revolução Industrial).

Um período tão longo não poderia ser homogêneo. Por isso, os historiadores propõem subdivisões para o estudo da Idade Média. Entre as várias possibilidades, destacamos a **Alta Idade Média**, que se estende do século V ao século X, e a **Baixa Idade Média**, que se estende do século XI ao século XV.

Durante muito tempo, o período medieval foi representado como uma "Idade das Trevas": uma época obscura, na qual teria havido na Europa Ocidental um retrocesso nas atividades intelectual, artística e econômica. Como surgiu esse conceito de Idade Média? Vejamos uma explicação:

> Um pedagogo alemão chamado Christoph Keller, em latim Cellarius (1638-1707), consagrou a divisão da história ocidental em Antiga, Medieval e Moderna. Consagrou também a ideia que se generalizou sobre o período medieval.
>
> Keller escreveu três manuais: um de História Antiga (1685), um de História da Idade Média (1688) e um de História Nova (1696).
>
> Idade Média, segundo Keller, estende-se da época do imperador Constantino (324) até a tomada de Constantinopla pelos turcos (1453). Se, em vez da primeira data, adotarmos a da tomada de Roma pelo chefe germânico Odoacro, em 476, teremos a periodização corrente nas escolas.
>
> Keller propôs também a ideia de que o período intermediário entre a Antiguidade e a Época Moderna nada produziu de importante. Foi um período não só estéril, mas de retrocesso: "a Idade das Trevas".
>
> NASCIMENTO, Carlos Arthur. *O que é filosofia medieval*. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 8-9.

Atualmente, ainda encontramos considerável parcela de pessoas que associam o termo medieval às ideias de retrocesso, intolerância, intransigência, imobilismo, obscurantismo. Essas imagens e esses valores não correspondem às pesquisas de historiadores medievalistas, que descortinam uma incrível variedade de produções culturais (artística, científica, tecnológica) e de transformações políticas e econômicas no período medieval.

THE ART ARCHIVE/AFP/MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL, ESPANHA

Broche, brincos e bracelete produzidos pelos visigodos por volta do século VII d.C.

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/ MUSEU NACIONAL DO BARGELLO, FLORENÇA, ITÁLIA

Relicário com representação da cruxificação e da apoteose de Jesus Cristo, produzido na França por volta do século XIII.

No entanto, historiadores como Jérôme Baschet apontam que a "reputação" da Idade Média tem sido objeto de disputas entre aqueles que a defendem e os que a criticam. Para ele, a questão é escapar da caricatura sinistra e também da idealização romântica: "a Idade Média não é nem o buraco negro da história ocidental nem o paraíso perdido. É preciso renunciar ao mito tenebroso tanto quanto ao conto de fadas"[1].

Investigando

1. De acordo com o texto, como surgiu o conceito de Idade Média? Ele estava impregnado de preconceitos? Em sua opinião, esses preconceitos permanecem nos dias de hoje? Explique.
2. Pesquise, em jornais ou revistas, usos do termo medieval. Em seguida, crie uma situação em que se possa utilizar esse termo e registre-a no caderno.

Os germânicos

Sociedade e cultura

Os germânicos dividiam-se em vários povos com diferenças culturais entre si. Eram anglos, saxões, visigodos, jutos, ostrogodos, vândalos, francos, suevos, burgúndios, lombardos, alamanos, entre outros. As informações que temos sobre esses povos vêm de textos escritos pelos próprios romanos e de fontes arqueológicas.

A organização social dos germanos baseava-se na família, tendo no pai a figura central, que exercia poder sobre esposa e filhos. A sociedade germânica "era hierarquizada, com uma aristocracia que possuía a maior parte das terras, uma camada de homens livres guerreiros e, por fim, os escravos"[2].

O Direito era consuetudinário (costumeiro), isto é, as leis não eram escritas, mas baseadas nos costumes. A religião era politeísta e as divindades eram associadas aos elementos da natureza (raio, trovão, vento, Sol etc.). Os sacerdotes tinham, além da função religiosa, o poder de punir os criminosos e o dever de manter a ordem durante as assembleias da comunidade.

A economia dos germanos baseava-se na caça, na criação de animais e na agricultura. Cultivavam, por exemplo, trigo, cevada, centeio, além de plantas cujas fibras eram usadas na tecelagem.

Migrações e invasões

Estudiosos distinguem dois momentos no processo de penetração dos germanos nos domínios do Império Romano: o das migrações e o das invasões.

As migrações (séculos II e III) correspondem ao período em que populações germânicas deslocaram-se para os territórios do Império Romano de forma pacífica. Nesse período, o governo romano concedeu terras aos germanos, e muitos guerreiros desses povos ingressaram no exército de Roma. Assim, os germanos foram se integrando à sociedade romana por meio do exército, do casamento etc.

As invasões (séculos IV a VI) correspondem ao período em que os povos germânicos entraram no Império Romano de forma violenta. Um dos motivos que desencadearam as invasões foi o avanço dos **hunos** nos territórios ocupados pelos germânicos.

Hunos: povo oriundo provavelmente da Ásia Central, conhecido por seus guerreiros hábeis em montaria e no uso de arco e flecha. Entre os séculos IV e V, eles derrotaram povos da Ásia e da Europa.

Investigando

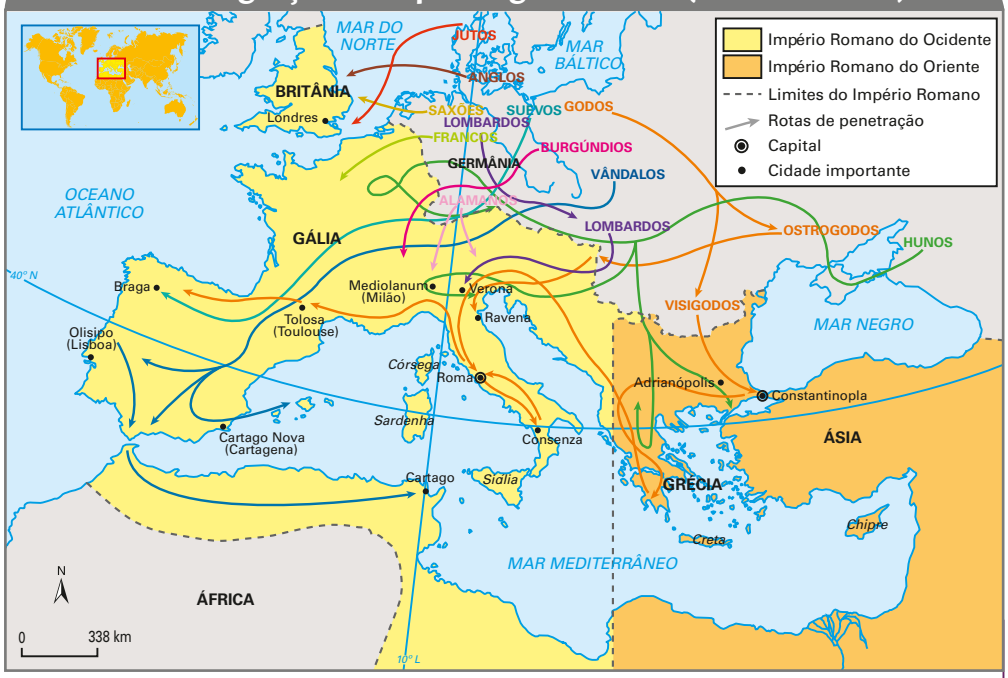
- Os vândalos foram um dos povos germânicos. Hoje, em que contextos costumamos ouvir a palavra vândalo? Pesquise os significados dessa palavra e procure relacioná-los com a história dos povos germânicos.

1 BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal*. Do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006. p. 24.

2 FRANCO JR. Hilário. *A Idade Média*: nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 65.

Invasões e migrações dos povos germânicos (séculos IV e V)

SELMA CAPARROZ



Fonte: KINDER, Hermann; HILGEMAN, Werner. *Atlas histórico mundial*: de los orígenes a la Revolución Francesa. Madri: Ediciones Istmo, 1982. p. 118.

Observar o mapa

- Com base no mapa, responda:
  - **a)** Que parte do Império Romano foi mais afetada pela ocupação dos povos germânicos?
  - **b)** Que povo germânico cruzou a região da península Ibérica e avançou até a África?
  - **c)** Que povos germânicos ocuparam a Britânia?

Reinos germânicos

Nas regiões da Europa Ocidental em que os povos germânicos se estabeleceram, a vida social transformou-se bastante, embora várias características romanas tenham se mantido.

A religião cristã, por exemplo, foi adotada por boa parte dos germanos. O latim também foi preservado, principalmente na linguagem escrita. Nas áreas de maior influência romana, formaram-se as línguas neolatinas (francês, português, espanhol e italiano, entre outras). Porém, em outras regiões, predominaram as línguas de origem germânica (inglês, alemão, holandês etc.).

Quanto à organização política, podemos apontar mudanças significativas. Os romanos viviam em um império centralizado e hierarquizado. A unidade política romana opunha-se à pluralidade das sociedades germânicas. Além disso, as cidades perderam parte de sua importância econômica para a área rural.

Por volta do século VI, os germanos já haviam organizado novos reinos nos territórios ocupados (veja o mapa da próxima página). Por exemplo, os visigodos ocuparam parte da península Ibérica; os ostrogodos ocuparam a pensínsula Itálica; e os vândalos, as regiões do norte da África. A maioria desses reinos, porém, teve vida curta. Apenas os francos conseguiram consolidar seu poder e expandir seus domínios.

Investigando

1. Você tem contato com outras línguas neolatinas além do português? Com quais?
2. Na sua interpretação, é mais fácil entender línguas neolatinas ou línguas de origem germânica? Comente.

Observar o mapa

- Compare este mapa com o do Império Bizantino no século VI (página 137) e o da expansão árabe entre 632 e 850 (página 151).
  - **a)** Que reinos germânicos foram recuperados pelo imperador Justiniano no século VI?
  - **b)** Que reinos germânicos acabaram cedendo seus domínios à expansão árabe?
  - **c)** O que ocorreu com o Reino dos Francos entre 486 e 511?

Reinos germânicos (século VI)

SELMA CAPARROZ

Fonte: KINDER, Hermann; HILGEMAN, Werner. *Atlas histórico mundial*: de los orígenes a la Revolución Francesa. Madri: Ediciones Istmo, 1982. p. 120.

Reino Franco

Governo de Carlos Magno

A organização política dos francos em um reino teve início no século V. Ao longo de sua história, houve uma sucessão de reis que se converteram ao cristianismo e se aliaram à Igreja Católica. Essa aliança se fortaleceu com a luta dos francos contra os muçulmanos na Batalha de Poitiers (732) e com a doação de terras na península Itálica ao papa. Assim, formou-se o Patrimônio de São Pedro, que se tornou o Estado da Igreja Católica.

Entre os reis francos, destacou-se Carlos Magno, que governou por 46 anos (768-814). Em seu governo, os francos submeteram diversos povos germânicos e conquistaram um vasto território, constituindo o Império Franco ou Carolíngio.

Carlos Magno adquiriu considerável poder na Europa, chegando a receber do papa Leão III o título de imperador do Novo Império Romano do Ocidente, em 800. Pretendia-se reviver a antiga unidade do mundo ocidental, sob o comando de um imperador cristão. A Igreja Católica desejava a proteção de um soberano cristão que possibilitasse a expansão do cristianismo.

Organização administrativa

O Império Carolíngio não tinha uma capital fixa. Sua sede era o lugar onde se encontravam o imperador e sua corte.

Para administrar o vasto império, Carlos Magno estabeleceu uma série de normas jurídicas, conhecidas como capitulares. Essas normas reuniam os usos e os costumes do império.

Carlos Magno contou também com o auxílio de vários funcionários e nobres, como os condes, responsáveis pelos condados, e os marqueses, responsáveis pelas marcas, os territórios situados nas fronteiras do império.

Muitas vezes, condes e marqueses recebiam essas terras do imperador em *beneficium*, ou seja, em um sistema em que podiam desfrutar das terras doadas em troca da fidelidade e da prestação de serviços ao monarca.

Esses nobres tinham, por exemplo, a função de convocar e organizar as tropas, cobrar tributos e zelar pela manutenção de estradas e pontes. E assim passaram a exercer o poder local. Eles eram supervisionados pelos *missi-dominici*, os inspetores do rei.

Império Carolíngio (século IX)

Fonte: DUBY, Georges. *Atlas historique mondial*. Paris: Larousse, 2006. p. 36.

Observar o mapa

- Pesquise em um atlas geográfico a divisão política atual da Europa e compare-a com a deste mapa. Que países ocupam hoje as antigas terras do Império Carolíngio?

Renascimento Carolíngio

Carlos Magno impulsionou o desenvolvimento cultural do império. Esse estímulo abrangeu as letras, as artes plásticas e a educação, alcançando grande vigor em meados do século IX.

Alguns historiadores chamam esse período de Renascimento Carolíngio.

Nessa época, o imperador protegeu artistas e incentivou a abertura de escolas e mosteiros. Durante o Renascimento Carolíngio, escribas das escolas e dos mosteiros coletaram, copiaram e traduziram manuscritos antigos, o que contribuiu para a preservação e a transmissão da cultura da Antiguidade Clássica. Uma parte considerável do conhecimento que temos hoje da literatura greco-romana deve-se a esse trabalho.

Interpretar fonte — Império Franco e Igreja Católica

Neste documento, escrito em 796, o imperador Carlos Magno e o papa Leão III firmaram certos acordos.

> Assim como fiz um pacto com o bem-aventurado predecessor [*Adriano I*] de vossa Santa Paternidade, desejo estabelecer com Vossa Santidade um pacto inviolável de fé e caridade [...]. O nosso dever é, com o auxílio da divina piedade, defender por toda a parte com as armas a Santa Igreja de Cristo, tanto das incursões dos pagãos como das devastações dos infiéis, e fortificá-la no exterior e no interior pela profissão da fé católica. É vosso dever, Santíssimo Padre, levantar as mãos para Deus, como Moisés, para auxiliar o nosso exército de maneira que, por vossa intercessão e pela vontade e graça de Deus, o povo cristão obtenha para sempre a vitória sobre os inimigos do Seu Santo nome, e o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo seja glorificado em todo o mundo.

MAGNO, Carlos. *Epistulae ad Leonem III Papam*. Apud. PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. *História da Idade Média*: textos e testemunhas. São Paulo: Ed. Unesp, 2000. p. 69-70.

- Qual acordo ou pacto o imperador Carlos Magno estabeleceu com o papa por meio desse documento? Explique utilizando trechos do documento.

Fragmentação do império e novas invasões

Depois da morte de Carlos Magno, em 814, seu filho Luís I assumiu o poder. Apesar de uma série de problemas políticos, como a excessiva influência do clero sobre o rei, o império ainda se manteve unido.

Com a morte de Luís I, em 840, seus três filhos (Carlos, Luís e Lotário) passaram a disputar o poder, travando um desgastante conflito interno. Pelo Tratado de Verdun, assinado em 843, eles dividiram entre si o território carolíngio.

A divisão do poder real entre os filhos de Luís I foi acompanhada de crescente independência e autonomia dos administradores locais.

A partir do século IX, depois de um longo período sem invasões externas, o território da Europa começou a sofrer novos ataques nas frentes leste, norte e sul.

O leste foi invadido pelos magiares (húngaros). Os magiares se estabeleceram na região dos Cárpatos, onde fundaram um reino (Hungria) e foram cristianizados. O norte sofreu a invasão dos *vikings* (escandinavos), que realizaram ataques a diversos locais do litoral europeu. O sul foi ocupado por muçulmanos (ou sarracenos), que conquistaram parte da península Ibérica e empreenderam sucessivos ataques à península Itálica.

A insegurança provocada pelas invasões levou muitos europeus a buscar formas de se proteger, refugiando-se no campo. O comércio foi dificultado pela insegurança e pelo bloqueio das estradas e do mar Mediterrâneo.

Essas condições provocaram significativas transformações no modo de vida dessas sociedades e estão na origem da formação do feudalismo.

Tratado de Verdun (843)

SELMA CAPARROZ

Fonte: DUBY, Georges. *Atlas historique mondial*. Paris: Larousse, 2006. p. 36.

Interpretar fonte — Castelo medieval

Entre os séculos IX e X, vários castelos foram construídos no campo. Para a nobreza, os castelos serviam como fortaleza militar, moradia e centro administrativo.

1. Em sua opinião, qual é a razão para a localização elevada do castelo e qual seria a função das torres?
2. Comente a relação entre a construção de castelos e as invasões à Europa nos séculos IX e X.
3. Atualmente, a preocupação com a violência e a insegurança influencia a construção de moradias? Explique dando exemplos.

WOJTEK BUSS/PHOTONONSTOP/TIPS/AFP

Castelo de Almourol, em Portugal, construído no século IX. Erguido pelos árabes em uma ilhota no rio Tejo, foi conquistado no século XI pelos cristãos. Fotografia de 2007.

Feudalismo

Organização política, social e econômica

Para analisar as sociedades da Europa Ocidental, especialmente entre os séculos X e XIII, historiadores elaboraram conceitos como o de feudalismo. Esse termo, entretanto, tem gerado debates e recebido distintas definições.

Neste livro, adotamos como referência o conceito elaborado pelo historiador francês Jacques Le Goff, especialista em História Medieval.

Segundo ele, feudalismo é um sistema de organização econômica, social e política no qual uma camada de guerreiros especializados — os senhores —, subordinados uns aos outros por uma hierarquia de vínculos de dependência, domina uma massa campesina que trabalha na terra e lhes fornece com que viver.[3]

Embora o feudalismo tenha sido um sistema que caracterizou diversas regiões da Europa Ocidental entre os séculos X e XIII, podemos dizer que suas instituições são resultado de um longo processo histórico, mesclando elementos romanos e germânicos.

Da herança do final do Império Romano, podemos destacar:

- **enfraquecimento do poder centralizado** – no final do período imperial, a administração romana não tinha condições de impor sua autoridade a todas as regiões. Esse enfraquecimento do poder central conduziu à ampliação do poder local dos grandes proprietários de terra;
- **colonato** – sistema de trabalho servil que se desenvolveu com a crise do Império Romano, quando escravos e plebeus empobrecidos passaram a trabalhar como colonos em terras de um grande senhor. O proprietário oferecia terra e proteção ao colono, recebendo deste um rendimento do seu trabalho.

Da herança germânica, podemos assinalar:

- **economia agropastoril** – a base da economia germânica era a agricultura e a criação de animais, sem a preocupação de produzir excedentes para a comercialização;
- ***comitatus*** – instituição que estabelecia laços de fidelidade entre o chefe militar e seus guerreiros;
- ***beneficium*** – instituição pela qual os chefes militares carolíngios concediam a seus guerreiros, como recompensa, a posse de terras. Essas terras foram chamadas mais tarde de feudos. Em troca, o beneficiado oferecia fidelidade, seu trabalho e ajuda militar ao senhor.

A palavra feudo deriva do germânico fehu (gado), significando um "bem oferecido em troca de algo". Os feudos podiam ser não apenas uma extensão de terras, mas também um castelo, uma quantia em dinheiro ou outros direitos.

Características gerais

O processo de formação do feudalismo não foi o mesmo em todos os lugares da Europa Ocidental. No entanto, é possível identificar algumas características comuns em várias regiões, que correspondem, atualmente, a França, Alemanha, Inglaterra e parte da Itália. São elas:

- o enfraquecimento do poder real (ou central) e o fortalecimento dos poderes dos senhores locais ou regionais;
- a existência de vínculos pessoais de obediência e proteção entre os mais poderosos e os mais fracos;
- o declínio das atividades comerciais urbanas e o fortalecimento da vida rural;
- o uso generalizado de trabalho servil no campo.

Sociedade feudal

A sociedade feudal era comumente dividida em três ordens (grupos) principais: nobres, clero e servos.

A nobreza (ou *bellatores*, palavra latina que significa "guerreiros") representava a ordem dos detentores de terra, que se dedicavam basicamente às atividades militares. Em tempos de paz, as atividades favoritas da nobreza eram a caça e os torneios esportivos, que serviam de treino para a guerra.

O clero (ou *oratores*, palavra latina que significa "rezadores") representava a ordem dos membros da Igreja Católica, destacando-se os dirigentes superiores,

3 Cf. LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval*. Lisboa: Estampa, 1983. v. II . p. 296.

como bispos, abades e cardeais. Os dirigentes da Igreja administravam suas propriedades e tinham grande influência política e ideológica (isto é, na formação das mentalidades e das opiniões) sobre toda a sociedade.

Os trabalhadores (ou *laboratores*, palavra latina com esse significado) compunham uma ordem heterogênea. Esse grupo era composto, basicamente, da população camponesa, que realizava os trabalhos necessários à subsistência da sociedade. A maior parte dos camponeses trabalhava na condição de servo, o que implicava uma série de restrições à liberdade. Os servos recebiam do senhor o chamado manso servil (lotes de terra para o cultivo), do qual retiravam sua subsistência. No entanto, os servos eram obrigados a pagar taxas ao senhor e "trabalhavam ainda em lugares e tarefas indicados [por ele], sem qualquer tipo de remuneração. Em contrapartida, tinham a posse vitalícia e hereditária de seus mansos, e a proteção militar proporcionada pelo senhor"[4].

Essa organização social, praticamente sem mobilidade entre as ordens, era preservada pela elite do clero e da nobreza em função de seus interesses.

Para justificar a divisão social em três ordens, o bispo francês Adalberon de Laon, no século XI, escreveu:

> A casa de Deus que parece una é portanto tripla: uns rezam, outros combatem e outros trabalham. Todos os três formam um conjunto e não se separam: a obra de uns permite o trabalho dos outros dois e cada qual por sua vez presta seu apoio aos outros.

FRANCO JR., Hilário. *O feudalismo*. São Paulo: Moderna, 1999. p. 27.

Interpretar fonte — Representações das ordens feudais

A relação entre o clero, a nobreza e os trabalhadores foi representada em diversas obras. Analise algumas dessas produções.

1. Compare as duas imagens e responda:

a) Em que século cada uma das imagens foi elaborada?

b) Você consegue perceber semelhanças nas cores utilizadas pelos artistas?

c) Quais são as expressões do rosto dos personagens?

d) O que nos permite identificar as diferenças na condição social das pessoas representadas?

2. O que estas ilustrações revelam a respeito do sistema socioeconômico feudal?

HIP/THE BRITISH ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/COLEÇÃO PARTICULAR

Capitular de um livro do século XIII representando as três ordens da sociedade feudal. Enquanto o clérigo e o nobre conversam, o trabalhador os observa.

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/BIBLIOTECA BRITÂNICA, LONDRES

Representação de camponeses trabalhando na colheita do trigo, sob a supervisão de um administrador senhorial (pessoa encarregada pelo senhor feudal), produzida no século XIV.

4 FRANCO JR., Hilário. *A Idade Média*: o nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 75.

Economia feudal

Na sociedade feudal, predominava a produção agrícola e a pecuária, que tinha como principal unidade produtora o senhorio (extensão de terra pertencente a um senhor feudal) e, como forma de trabalho, a servidão. O tamanho médio de um senhorio variava, dependendo da região, entre 200 e 250 hectares. Cada um tinha uma produção variada de cereais, carnes, leite, manteiga, farinha, vinho, roupas, utensílios domésticos. Alguns produtos — como o sal e os metais utilizados na confecção de armas e instrumentos — vinham de fora.

O senhorio era dividido em três grandes áreas:

- **campos abertos (terras comunais)** – bosques e pastos de uso comum, em que os servos podiam recolher madeira, coletar frutos silvestres e soltar animais, mas não podiam caçar determinados animais (como cervo e javali), o que era um direito exclusivo do senhor;
- **reservas senhoriais** – terras exclusivas do senhor feudal, cultivadas alguns dias por semana pelos servos para cumprir a obrigação devida ao senhor (corveia). Tudo o que era produzido nessas reservas pertencia ao senhor;
- **mansos servis** – terras utilizadas pelos servos, divididas em lotes (as tenências), das quais eles retiravam o próprio sustento e recursos para cumprir as obrigações devidas aos senhores.

A economia feudal não era exclusivamente agrária. Também havia comércio e artesanato. Praticava-se comércio nas feiras locais, onde os camponeses costumavam trocar seus excedentes de produção por artigos produzidos no artesanato urbano.

Suseranos e vassalos

Durante o feudalismo, o poder político foi controlado sobretudo pelos senhores feudais. Detentores de terras — dos feudos —, os senhores feudais governavam seus domínios exercendo autoridade administrativa, judicial e militar.

De modo geral, intitulava-se senhor (ou suserano) o nobre que concedia feudos a outro nobre, denominado vassalo. Em troca, o vassalo devia fidelidade e prestação de serviços (principalmente militares) ao senhor.

Os vários núcleos de poder político — principados, ducados e condados, entre outros — estavam ligados por laços estabelecidos entre membros da nobreza por meio da concessão de feudos.

A transmissão do feudo era realizada em uma cerimônia solene, constituída de dois atos principais: a homenagem (juramento de fidelidade do vassalo) e a investidura (ato de transmissão do feudo ao vassalo).

Suseranos e vassalos tinham direitos e deveres recíprocos. Vejamos alguns deles:

- **suserano** – devia proteger militarmente seus vassalos e dar-lhes assistência jurídica. Tinha o direito de reaver o feudo do vassalo que morresse sem deixar herdeiros, de proibir o casamento do vassalo com pessoa que lhe fosse infiel, entre outros;
- **vassalo** – devia prestar serviço militar ao suserano, libertá-lo (caso fosse aprisionado por inimigos), comparecer ao tribunal presidido pelo suserano toda vez que fosse convocado, entre outras obrigações. Recebia proteção militar do suserano.

PHOTO AISA/THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/ ARQUIVO DA COROA DE ARAGÓN, BARCELONA, ESPANHA

Imagem produzida no século XII, representando cerimônia solene envolvendo um senhor e seu vassalo.

Senhores e servos

Na relação de servidão, os servos não eram proprietários das terras em que trabalhavam. Eles apenas as usavam, tanto para produzir o próprio sustento como para manter as outras duas ordens (nobreza e clero).

A relação servil também envolvia uma série de obrigações do servo para com o senhor feudal, pagas em forma de trabalho e de produtos. Entre elas, destacavam-se as seguintes:

- **corveia** – obrigação servil de trabalhar alguns dias da semana nas reservas senhoriais. Esse trabalho podia ser realizado na agricultura, na criação de animais, na construção de casas e outros edifícios ou em benfeitorias;
- **talha** – obrigação servil de entregar parte da produção agrícola ou pecuária ao senhor feudal;
- **banalidade** – taxa devida ao senhor pela utilização de equipamentos e instalações do senhorio (celeiros, fornos, moinhos etc.).

Em destaque — O poder das senhoras

Que responsabilidades cabiam a uma mulher da nobreza na Baixa Idade Média? Que posição você supõe que as mulheres ocupavam em relação aos homens na sociedade feudal?

Para conhecer um pouco desse assunto, leia o texto a seguir.

> Muitas mulheres [...] exerceram os direitos de um senhor feudal. Consequentemente foram verdadeiras líderes, mais ou menos poderosas, de acordo com a extensão dos domínios sob sua posse. Geralmente eram viúvas, tutoras dos filhos menores.
>
> Na França existiram pequenas e grandes senhoras feudais. Na região da Champanha, entre 1152 e 1284, de 279 possuidores de domínios territoriais, 58 eram mulheres [...].
>
> [...] certas esposas de nobres, mas principalmente as viúvas tiveram de assumir responsabilidades aparentemente masculinas. Precisaram conviver no meio masculino. Muitas conseguiram romper barreiras definidas pelo sexo.

MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1999. p. 31-32.

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/MUSEU BRITÂNICO, LONDRES

A escritora Cristina de Pisano viveu entre cerca de 1364 e 1430. Em suas obras literárias e filosóficas, ela defendia os direitos das mulheres. Na imagem, ilustração de *O Livro da Cidade de Senhoras*, obra em que a autora cria uma cidade habitada por mulheres famosas da história.

1. O texto e a imagem reforçam ou contrariam a ideia que você tinha da mulher na sociedade medieval? Justifique sua resposta.
2. Você já leu romances ou assistiu a filmes ambientados na Idade Média? Em caso positivo, responda: as personagens do sexo feminino refletiam que concepção da mulher medieval? Exemplifique.

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. Em aproximadamente 98 d.C., o historiador romano Tácito escreveu o livro *Germânia*, em que se refere ao costume guerreiro dos povos germânicos. Leia um trecho dessa obra.

> [...] em assuntos públicos ou privados, os germanos nada fazem sem estar armados. Manda o costume que o jovem só pegue em armas quando a comunidade o reconhecer capaz disso. Então, numa assembleia, o chefe ou o pai equipam o jovem com o escudo e a lança. São essas as primeiras honras da juventude. Posteriormente, esses jovens agregam-se aos grupos comandados pelos chefes mais fortes e experimentados.

TÁCITO. *Germânia*. Rio de Janeiro: Livraria Para Todos, 1943. p. 33-34.

a) Com base no texto acima, explique a frase de Tácito: "São essas as primeiras honras da juventude", que se refere a um ritual de passagem.

b) Segundo o texto, quando o jovem era equipado com armas (escudo e lança), ele podia ingressar nos grupos guerreiros. Considerando semelhanças e diferenças, que "armas" o jovem atual deve dominar para ingressar no mundo das pessoas mais experimentadas?

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Sociologia e Filosofia.

2. A palavra bárbaros foi usada para referir-se aos povos que ocuparam as regiões antes dominadas pelo Império Romano. Para os romanos, bárbaro era o estrangeiro, o estranho, o outro.

a) Embora os romanos considerassem inferiores os povos bárbaros, eles contribuíram decisivamente na conformação cultural, política e econômica da Europa Ocidental. Que contribuições foram essas? Faça uma breve pesquisa sobre o tema.

b) Debata em grupo o tema do pluralismo étnico e cultural da sociedade brasileira e a necessidade da convivência democrática com "os outros". Em que situações ainda se percebe ausência de respeito à pluralidade nas relações sociais?

c) Existem, na atualidade, enfrentamentos que levam grupos opostos a considerar o outro como bárbaro? Como você se posiciona diante desses conflitos?

Diálogo interdisciplinar com Literatura.

3. Leia o poema escrito por Estêvão de Fougères, religioso francês que viveu no século XII. A obra descreve a função de cada ordem dentro do todo social do feudalismo.

Os clérigos devem por todos orar
Os cavaleiros sem demora
Devem defender e honrar
E os camponeses sofrer
Cavaleiros e clero sem falha
Vivem de quem trabalha
Têm grande canseira e dor
Pagam **primícias**, corveias, orações ou talha
E cem coisas costumeiras

Primícia: primeira colheita.

E quanto mais pobre viver
Mais mérito terá
Das faltas que cometeu
Se paga a todos o que deve
Se cumpre com lealdade a sua fé
Se suporta paciente o que lhe cabe:
Angústias e sofrimento.

FOUGÈRES, Estêvão de. In: DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1982. p. 309-311.

a) Segundo o texto, qual era a função social dos clérigos, dos cavaleiros e dos camponeses?

b) Que setores sociais da época se beneficiaram com a divisão social descrita no poema?

c) De acordo com a cultura medieval, o que justificava esse estado de coisas?

d) Apesar de destacar o sofrimento dos camponeses, podemos observar que o religioso De Fougères justifica, de modo fatalista, essa divisão da sociedade. Considerando semelhanças e diferenças, debata com os colegas se existem grandes divisões de trabalho nas sociedades contemporâneas.

Diálogo interdisciplinar com Literatura.

4. Durante o feudalismo, muitas vezes os senhores quiseram instituir novas obrigações aos servos. Estes, por sua vez, reivindicavam uma existência mais digna. Há relatos sobre grandes rebeliões, como a que ocorreu na Normandia (parte da França atual) no século X, quando grupos de servos quiseram ocupar áreas de uma reserva senhorial.

A esse respeito, faça uma pesquisa sobre o lendário Robin Hood, que "roubava dos ricos para dar aos pobres". Depois, relacione a narrativa sobre esse herói com as revoltas feudais daquele período.

UNIVERSAL PICTURES/THE KOBAL COLLECTION/AFP

Fotograma do filme *Robin Hood*, dirigido por Ridley Scott. (Estados Unidos, 2010, 140 min.)

De olho na universidade

5. (UFC)

> O enorme Império de Carlos Magno foi plasmado pela conquista. Não há dúvida de que a função básica de seus predecessores, e mais ainda a do próprio Carlos, foi a de comandante de exército, vitorioso na conquista e na defesa [...] como comandante de exército Carlos Magno controlava a terra que conquistava e defendia. Como príncipe vitorioso, premiou com terras os guerreiros que lhe seguiam a liderança [...].
>
> ELIAS, Norbert. *O processo civilizatório*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. vol. II. p. 25.

De acordo com seus conhecimentos e com o parágrafo anterior, é correto dizer que a feudalização deveu-se:

a) à necessidade de conceder terras a servidores, o que diminuía as possessões reais e enfraquecia a autoridade central em tempos de paz.
b) à venda de títulos nobiliários e à preservação das propriedades familiares.
c) à propagação do ideal cavalheiresco de fidelidade do vassalo ao Senhor.
d) a princípios organizacionais de sistemas ecológicos de agricultura de subsistência.
e) à teoria cristã que afirmava: "para cada homem, seu rebanho", interpretada, durante a Idade Média, como a fragmentação do poder terreno.

6. (Ufscar)

> A razão de ser dos carneiros é fornecer leite e lã; a dos bois é lavrar a terra; e a dos cães é defender os carneiros e os bois dos ataques dos lobos. Se cada uma destas espécies de animais cumprir a sua missão, Deus protegê-la-á. Deste modo, fez ordens, que instituiu em vista das diversas missões a realizar neste mundo. Instituiu uns — os clérigos e os monges — para que rezassem pelos outros e, cheios de doçura, como as ovelhas, sobre eles derramassem o leite da pregação e com a lã dos bons exemplos lhes inspirassem um ardente amor a Deus. Instituiu os camponeses para que eles — como fazem os bois, com o seu trabalho — assegurassem a sua própria subsistência e a dos outros. A outros, por fim — os guerreiros —, instituiu-os para que mostrassem a força na medida do necessário e para que defendessem dos inimigos, semelhantes a lobos, os que oram e os que cultivam a terra.
>
> Eadmer de Canterbury, século XI.

a) Identifique o contexto histórico no qual as ideias defendidas pelo autor desse documento se inserem.
b) Justifique a relação do documento com o contexto histórico especificado.

7. (PUC-SP) A Idade Média é muitas vezes chamada de "era das trevas". A expressão:

a) revela análise cuidadosa da inexpressiva produção intelectual e artística do período, voltada apenas à temática religiosa.
b) permite refletir sobre a forma como a história é escrita, com os julgamentos e avaliações que um período faz do outro.
c) nasceu do esforço medieval de negar a Antiguidade oriental e valorizar a estética e a filosofia greco-romanas.
d) demonstra o desprezo do racionalismo contemporâneo pelas concepções mágicas tão em voga no período medieval.
e) descreve o único período da história ocidental em que os Estados nacionais, criados na Antiguidade e recriados no século XV, não existiram.

CAPÍTULO

13

Mundo cristão

Durante a Idade Média, a Igreja Católica influenciou grande parte das expressões culturais europeias, marcando presença nos mais diversos campos, como a arte, a educação, os costumes, a Filosofia, a ciência, entre outros.
As influências religiosas são perceptíveis atualmente?

DEA PICTURE LIBRARY/GLOW IMAGES/BIBLIOTECA NACIONAL CENTRAL DE FLORENÇA, ITÁLIA

Representação de aula na Universidade de Bolonha, fundada em 1088, na Itália. Iluminura produzida entre os séculos XIV e XV.

Treinando o olhar

- Que aspecto da cultura medieval podemos perceber nessa imagem? Explique.

Igreja Católica

Papel articulador e poder social

Na Idade Média, a Igreja Católica fortaleceu-se como instituição. Houve, nesse período, um expressivo aumento dos adeptos do catolicismo. Por volta do século X, em quase todo o território antes pertencente ao Ocidente romano, havia sociedades que comungavam a mesma fé cristã e, por isso, integravam a Cristandade (comunidade dos povos e países cristãos).

A Igreja Católica desempenhou um papel articulador entre as sociedades medievais, conferindo-lhes certa unidade cultural. Esse papel manifestou-se, por exemplo, pela transmissão dos valores cristãos e do idioma latino (utilizado pelos representantes da Igreja e pelas pessoas letradas).

Além da autoridade religiosa, a Igreja foi conquistando poder material (temporal). Isso porque muitos sacerdotes e congregações religiosas enriqueceram com as doações feitas pelos fiéis, que acreditavam obter, com isso, a "salvação eterna da alma". Calcula-se que os membros da Igreja Católica chegaram a controlar um terço das terras cultiváveis da Europa Ocidental, em um tempo em que a terra representava uma das principais bases da riqueza.

Organização do clero

Os sacerdotes da Igreja dividiam-se em duas grandes categorias: clero secular e clero regular.

Clero secular

O clero secular (do latim *seculum* = mundo) era formado pelos sacerdotes que viviam fora dos mosteiros. Para organizá-lo, foi criada uma hierarquia de cargos e funções que se estendia do pároco ao papa. Essa hierarquia é basicamente a mesma até os dias atuais.

O pároco era o padre responsável pela paróquia (congregação de fiéis que se reunia no templo religioso). Acima dele estava o bispo, responsável pela diocese (agrupamento de várias paróquias). Depois vinha o arcebispo, que era responsável pela província eclesiástica (agrupamento de dioceses).

No ponto mais alto dessa **hierarquia eclesiástica** estava o papa, que era o bispo de Roma e, segundo a tradição católica, o sucessor de São Pedro — um dos doze apóstolos de Cristo e considerado, pela Igreja Católica, o primeiro papa.

Clero regular

O clero regular era formado por monges, isto é, sacerdotes que viviam dentro dos mosteiros ou conventos e obedeciam a uma regra de vida estabelecida por sua ordem religiosa. Entre as mais importantes ordens estavam as dos beneditinos, franciscanos, dominicanos, carmelitas e agostinianos.

Os monges viviam afastados do cotidiano das pessoas não consagradas exclusivamente à religião. Dedicavam seu tempo à **vida monástica** e à realização de atividades agrícolas, pastoris e artesanais, bem como aos trabalhos intelectuais. O termo monge deriva de *monakhós*, palavra grega que significa "isolamento, solidão".

Coube a muitos monges o papel de copiar e conservar manuscritos gregos e latinos. Preservando a cultura da Antiguidade Clássica, os mosteiros transformaram-se em centros de ensino, mantendo várias escolas e bibliotecas da época medieval.

HERITAGE IMAGES/DIOMEDIA/COLEÇÃO PARTICULAR

Imagem produzida no século XII representando um monge copista.

Hierarquia eclesiática: relação de ordem e subordinação entre os membros da Igreja.
Vida monástica: vida típica dos monges de um convento ou mosteiro.

Heresias

Perseguição a outras crenças e concepções

Apesar do poder da Igreja, nem todas as pessoas seguiam rigidamente suas doutrinas. Diversos grupos cristãos formularam interpretações que contrariavam os dogmas oficiais da Igreja, isto é, as doutrinas adotadas como verdadeiras pelas autoridades eclesiásticas.

Além desses grupos, outras comunidades tinham as próprias crenças e costumes, como a adoração de animais, as práticas de adivinhação (por exemplo, a cartomancia) e a "consulta" aos mortos (necromancia).

Os grupos que se desviavam dos ensinamentos da Igreja foram perseguidos pelas autoridades religiosas, acusados de praticar heresia. Considerava-se heresia a concepção religiosa distinta da doutrina oficial católica, sendo, por isso, tida como falsa pela Igreja. Na sua origem grega, a palavra "heresia" significava "escolha, preferência, opção discordante".

Muitas vezes essas concepções tinham raízes em antigas crenças orientais, romanas, gregas ou germânicas, existentes desde antes do predomínio cristão — crenças que se transformaram no decorrer do intercâmbio entre as culturas.

Para o arcebispo Isidoro de Sevilha (560-636), era considerado herético aquele que não aceitava os ensinamentos da Igreja Católica e persistia nesse desvio.

Analisando diferentes tipos de heresia, alguns historiadores interpretam esses movimentos como uma forma de resistência e reação de grupos religiosos populares a vários aspectos do cristianismo católico daquele período, como:

- o despreparo de parte dos sacerdotes;
- a vida luxuosa do alto clero, mais preocupado com o acúmulo de bens materiais do que com a pregação do evangelho;
- a aprovação, por parte da Igreja, de um sistema social que explorava a maioria da população.

COLUMBIA/EVERETT COLLECTION/FOTOARENA

Fotograma do filme *Joana D'Arc* (França, 1999), dirigido por Luc Besson. Joana D'Arc foi acusada de heresia, julgada e condenada. Foi queimada viva, em 1431, e declarada santa pelo papa Bento XV, em 1920.

Tribunais da Inquisição

A história das heresias esteve ligada à reação da Igreja e das autoridades católicas. Os heréticos, que recusavam submeter-se aos ensinamentos da Igreja, foram punidos tal como os antigos cristãos, que, em Roma, sofreram perseguição por rejeitar o culto da imagem dos imperadores romanos.[1]

Um dos principais marcos no combate às heresias foi a instituição, pelo papa Gregório IX, em 1231, dos Tribunais da Inquisição, cuja missão era descobrir e julgar os hereges. Os condenados pela Inquisição eram excomungados (excluídos da comunidade católica) e entregues às autoridades do Estado, que se encarregavam de puni-los. As penas aplicadas a cada caso iam desde o confisco de bens até a morte na fogueira.

A ação dos Tribunais da Inquisição estendeu-se por várias regiões europeias (hoje correspondentes a países como França, Alemanha, Portugal e Espanha) e, posteriormente, a outras regiões do mundo onde o catolicismo foi implantado pelos europeus (América e Ásia).

MUSEU DO PRADO, MADRI, ESPANHA

O tribunal da Inquisição presidido por São Domingos, instalado para combater as heresias dos cátaros. Obra de Pedro Berruguete feita em cerca de 1500.

Em destaque — Heresia e contestação

Neste trecho, o historiador francês Georges Duby apresenta sua interpretação sobre as heresias da Idade Média.

> A Idade Média foi o momento de um fervilhar de heresias no interior de um sistema homogêneo, que era o cristianismo. A Igreja preocupou-se em destruir esses desvios, e com violência. [...] O que ocorria, sobretudo, eram movimentos de resistência ou de revolta com relação à instituição eclesiástica. E é nisso que as heresias, apresentadas sob um aspecto inteiramente negativo, constituem também um sinal da vitalidade daquela época, na qual fermentava, irreprimível, a liberdade de pensamento.

DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000*: na pista dos nossos medos. São Paulo: Unesp, 1998. p. 133.

- Explique o que o historiador Georges Duby quis dizer quando associou as heresias a "um sinal de vitalidade daquela época, na qual fermentava, irreprimível, a liberdade de pensamento".

1 Cf. ZERNER, Monique. Heresia. In: *Dicionário temático do Ocidente medieval*. São Paulo: Edusc/Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. I. p. 503.

Cruzadas

A guerra dos cristãos

Na Idade Média, não havia distinção rígida entre o poder do clero e o dos nobres, entre a esfera religiosa e o mundo político. Isso pode ser percebido tanto no caso da Inquisição como no movimento das Cruzadas.

As Cruzadas foram expedições militares organizadas entre os séculos XI e XIII, por autoridades da Igreja Católica e pelos nobres mais poderosos da Europa. Seu objetivo declarado era libertar os "lugares santos do cristianismo" que estavam em poder dos muçulmanos, como a região do Santo Sepulcro, em Jerusalém, local de peregrinações dos cristãos. Foi no Santo Sepulcro, situado na parte antiga da cidade de Jerusalém, que, segundo a tradição cristã, Jesus Cristo foi crucificado, sepultado e depois ressuscitou.

O surgimento das Cruzadas também costuma ser explicado por outros motivos, como o hábito guerreiro dos nobres feudais e o interesse econômico em conquistar cidades comerciais que haviam sido ocupadas pelos muçulmanos.

A primeira Cruzada foi organizada por nobres cristãos em 1096, atendendo ao apelo do papa Urbano II, feito em 1095, no Concílio de Clermont, para que se iniciasse uma guerra santa contra os muçulmanos. Do ano 1096 a 1270, costuma-se destacar a organização de oito Cruzadas ao Oriente Médio. Além dessas, houve outras expedições populares.

Cada Cruzada teve as próprias características e resultados. No entanto, alguns historiadores se arriscam a esboçar as seguintes consequências gerais do movimento das Cruzadas:

- empobrecimento de senhores feudais, que tiveram suas economias arrasadas pelo elevado custo das guerras;
- fortalecimento do poder real, à medida que senhores feudais perdiam sua força;
- "reabertura", especialmente para os comerciantes italianos, do mar Mediterrâneo e consequente desenvolvimento do intercâmbio comercial entre Europa e Oriente;
- ampliação do universo cultural europeu, promovida pelo contato com os povos orientais.

Interpretar fonte — Guerras religiosas

Observe a seguir a representação de uma batalha entre muçulmanos e cristãos.

1. Descreva os personagens que estão se enfrentando, assinalando suas características.
2. Esta cena pode ser a representação de uma batalha de uma Cruzada? Explique.

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA

Representação, feita no século XIV, de batalha entre cristãos e muçulmanos.

Cultura medieval

A influência do cristianismo

O nome Europa, na mitologia grega, refere-se a uma princesa fenícia raptada por Zeus. Ele levou a princesa para a ilha de Creta, onde se uniram e geraram filhos, entre os quais Minos, o futuro rei de Creta.

Na época medieval, não existia o conceito geográfico atual de Europa nem, portanto, de europeu. E como a maioria dos europeus tinha se convertido ao cristianismo, eles se denominavam simplesmente "cristãos". Foi só a partir do século XIV que o conceito geográfico e cultural de Europa começou a se firmar, substituindo, aos poucos, a noção de cristandade.

Esse fato mostra a importância do cristianismo dentro da sociedade medieval. A presença cristã impactou várias dimensões culturais: a moral, as normas jurídicas, a produção literária, o ideal das figuras heroicas, a criação artística (música, pintura, escultura, arquitetura), entre outras.

Primeiras universidades

Durante a Idade Média, a educação formal foi controlada, em grande parte, pelo clero católico. Havia escolas nos mosteiros e, depois, junto às catedrais. A partir do final do século XII, a Igreja também esteve ligada ao surgimento, em várias cidades europeias, das primeiras universidades.

As universidades medievais eram corporações que reuniam mestres e estudantes para o estudo de determinadas áreas do conhecimento. Uma universidade tinha, por exemplo, faculdades nas áreas de teologia (filosofia), artes (ciências e letras), direito e medicina. Entre as primeiras universidades, destacaram-se as de Salerno, Paris, Oxford, Cambridge, Montpellier, Salamanca, Nápoles, Roma, Bolonha e Coimbra.

Investigando

- Existe alguma universidade na região onde você mora? Considerando as instituições de Ensino Superior, qual é a diferença entre universidade e faculdade? Pesquise.

As universidades medievais (até o século XIV)

SELMA CAPARROZ

Fontes: *Atlas Hachette*: Histoire de l'humanité. Paris: Hachette, 1987. p. 123; *Atlas historique Larousse*. Paris: Larousse, 1987. p. 55.

Observar o mapa

- Identifique em que países da Europa atual se localizavam as universidades medievais apontadas no mapa.

Arquitetura das catedrais

Foi na Idade Média que surgiram as primeiras catedrais. A catedral era uma construção grandiosa, destinada a ser a principal igreja de uma diocese. Dois grandes estilos dominaram a arquitetura medieval:

- **românico** – floresceu entre os séculos XI e XIII. Caracterizava-se por traços simples e austeros: pilares grossos, tetos e arcos em forma de semicírculo, janelas estreitas e muros reforçados. Entre as obras representativas desse estilo, destacam-se a igreja de São Miguel, em Lucca (Itália), a catedral de Notre-Dame-la-Grande, em Poitiers (França), e a catedral de Pisa (Itália).
- **gótico** – desenvolveu-se entre os séculos XII e XVI e predominou em países como França, Inglaterra e Alemanha. Distingue-se do românico por sua leveza, elegância e traços verticais. Nas construções góticas, as janelas, ornamentadas com vitrais coloridos, permitiam boa iluminação interior, as paredes tornaram-se mais finas e as altas e angulosas abóbadas eram apoiadas em longos pilares. A rosácea, que consistia em um grande vitral sobre a porta principal da igreja, era outro elemento característico de quase todas as catedrais góticas. As obras representativas desse estilo são as catedrais de Chartres, Reims e Paris (todas na França).

Pintura sacra

Dominada por temas sacros (religiosos), a pintura medieval dos séculos XII e XIII enfatizava a representação humanizada de santos e figuras angelicais. A pintura de murais, vitrais e miniaturas adquiriu grande importância.

Entre os maiores pintores do período, destacam-se os italianos Giotto (1266-1337) e Cimabue (cerca de 1240-1302).

Música sacra e popular

A música sofreu grande influência da Igreja Católica, sendo adaptada aos ideais religiosos do cristianismo.

Na música sacra, destacou-se o canto gregoriano (introduzido pelo papa Gregório Magno), caracterizado por uma só melodia suave cantada em uníssono por várias vozes.

Um feito importante deve-se ao monge beneditino Guido d'Arezzo (990-1050), que deu nome às notas da escala musical básica, aproveitando, para isso, as sílabas iniciais de um hino, em latim, a São João Batista. Foi assim que surgiram os nomes dó, ré, mi, fá, sol, lá e si.

MARC HILL/ALAMY/FOTOARENA

Vista externa da igreja de São Martinho, de estilo românico, na Espanha. Fotografia de 2012.

PASCAL STRITT/ONLY FRANCE/AFP

Vista externa da Catedral de Reims, de estilo gótico, na França. Desde Clóvis, os reis franceses eram coroados em Reims. Observe a rosácea no centro da fachada, sobre a porta principal. Fotografia de 2011.

Na música popular, destacaram-se as canções dos **trovadores** e dos **menestréis**, inspiradas em temas amorosos ou nos feitos heroicos dos cavaleiros. Surgida na França por volta do século XI, a canção trovadoresca espalhou-se pelos reinos europeus (atuais Inglaterra, Alemanha, Portugal, Espanha e Itália, entre outros).

Trovador: nome dado aos compositores e poetas que criavam obras de caráter popular.
Menestrel: cantor ambulante que acompanhava o trovador.
Épica: que fala dos heróis e de suas ações corajosas.
Lírica: que fala das emoções e dos sentimentos.

Investigando

- Que estilo de música você mais gosta? Esse estilo é influenciado por quais culturas?

Literaturas épica e lírica

A poesia medieval procurou enaltecer os valores e as virtudes do cavaleiro: a justiça, o amor, a prudência e a cortesia. Na poesia **épica**, exaltava-se a ação corajosa dos cavaleiros em prol da cristandade. Na poesia **lírica**, exaltava-se o amor cortês dos cavaleiros em relação às suas damas.

Entre os grandes nomes da literatura medieval, destaca-se Dante Alighieri (1265-1321), autor de *A divina comédia*, poema épico-religioso escrito originalmente em italiano (e não em latim, como era o costume).

Ciência e filosofia

A ciência medieval desenvolveu-se após o século XI e recebeu também influência das Cruzadas. Diversas obras traduzidas do árabe e do grego influenciaram os estudos da matemática, da astronomia, da biologia e da medicina. Houve também avanços na arte da navegação, com a utilização da bússola, de mapas, do astrolábio e de outros instrumentos.

Um dos grandes nomes da ciência medieval foi o monge franciscano Roger Bacon (1214-1294), que introduziu a observação da natureza e a experimentação como métodos básicos do conhecimento científico. Conhecido como Doutor Admirável, Bacon desenvolveu estudos em diversos campos do saber (geografia, filosofia, física).

Na filosofia cristã, destacaram-se os pensadores Santo Agostinho (século IV) e Santo Tomás de Aquino (século XIII).

Em sua obra, Agostinho argumentou em favor da supremacia do espírito sobre o corpo, a matéria. Para ele, a alma foi criada por Deus para reinar sobre o corpo. Mas o ser humano, pecador, utilizando-se do livre-arbítrio, inverteu essa relação. Essa inversão resultou na submissão do espírito à matéria, o que seria, para ele, equivalente à subordinação do eterno ao transitório, da essência à aparência.

Ao refletir sobre as diferenças entre fé cristã e razão, Agostinho defendia que a fé nos leva a crer em coisas nem sempre entendidas pela razão. Assim, era necessário crer para compreender, pois a fé ilumina os caminhos da razão. Já Tomás de Aquino entendia que, se é correto que a verdade da fé ultrapassa as capacidades da razão humana, nem por isso os princípios básicos da razão estariam em contradição com a fé. Por isso, sua obra busca argumentos para harmonizar a razão com a fé cristã. Aquino reviveu, interpretou e transformou parte do pensamento do filósofo grego Aristóteles.

MARLO CUETO/CITIZENSIDE/AFP

Grupo de canto gregoriano da França se apresenta na cidade Makati, nas Filipinas. Fotografia de 2015.

Cultura popular

Além da cultura "oficial", promovida, em grande parte, pelas autoridades da Igreja e pelos governantes feudais, havia também muitas criações populares. Enquanto a cultura oficial era austera e consagrava a divisão social dominante, a cultura popular era impregnada de humor e sátira. Segundo o crítico literário e historiador russo Mikhail Bakhtin, o riso era condenado pelo cristianismo oficial da Idade Média (este assunto será abordado com mais detalhes no próximo capítulo, na seção *Em destaque*). O tom sério era a forma de expressão da cultura oficial, que valorizava o medo, a veneração, a docilidade, a resignação e a permanência da tradição.

Já a cultura popular, com riso, alegria e irreverência, manifestava-se por meio de festejos carnavalescos (como as Festas dos Loucos), das encenações teatrais burlescas (cômica, satírica), dos gracejos dos "bufões" e dos "bobos", das **paródias** literárias, que recriavam trechos da *Bíblia* (evangelhos, salmos, entre outros), das orações e dos hinos religiosos, das lendas clássicas. Nessas atividades, as pessoas viviam e representavam seu mundo e promoviam o riso, divertindo o povo e criticando os costumes.[2]

Paródia: imitação cômica de uma composição literária.

Investigando

- Enquanto a cultura promovida pelas autoridades medievais tinha um tom sério, a cultura popular era impregnada de humor. No Brasil atual, existem expressões culturais marcadas pelo "tom sério" e outras pelo "humor"? Ou essas distinções não se aplicam à realidade brasileira? Comente.

Expansão

Desenvolvimento medieval

Do século XI ao XIII, a Europa Ocidental viveu um período de relativa paz. Até o século XI, a produção agrícola atendia modestamente às necessidades da população europeia. As técnicas e os instrumentos utilizados na agricultura eram simples. A partir desse século, no entanto, as condições gerais do mundo rural passaram por mudanças significativas.

No plano das relações de trabalho, em diversas regiões, os servos — por meio de várias revoltas — conseguiram aliviar o peso de algumas obrigações, como a talha e a corveia. As relações servis começaram a se modificar e surgiram arrendamentos de terra entre servos e senhores feudais.

Houve mudanças nas formas de uso da terra (sistemas rotativos). A ampliação do cultivo agrícola, com a ocupação de novas áreas e a expansão de novas culturas, também foi característica do período. Ao mesmo tempo, aperfeiçoaram-se técnicas e instrumentos, o que aumentou a produtividade.

Entre os novos instrumentos usados na agricultura, destacam-se:

- **charrua** – equipamento usado para revolver a terra, a fim de afofá-la para receber as sementes. Era um tipo de arado puxado por bois ou cavalos;
- **peitoral** – peça feita de madeira, bem almofadada, que permitia a utilização do cavalo para puxar a charrua;
- **ferradura** – peça fixada em cada pata do cavalo para proteger seu casco em terrenos irregulares;
- **moinho d'água** – equipamento usado para moer cereais e esmagar olivas, acionar foles, quebrar minérios, entre outras atividades. Milhares de moinhos d'água foram construídos na Europa, substituindo, assim, a força humana pela energia hidráulica.

2 Cf. BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. São Paulo/Brasília: Hucitec/UnB, 1996. p. 4-16.

Crescimento populacional e econômico

Nesse cenário de expansão, houve crescimento demográfico em várias regiões da Europa. Observe, na tabela ao lado, estimativas de população entre os séculos X e XIII na área que hoje compreende Itália, Alemanha, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Suíça, França, Inglaterra, Espanha e Portugal.

Crescimento demográfico na Europa Ocidental de 1000 a 1300

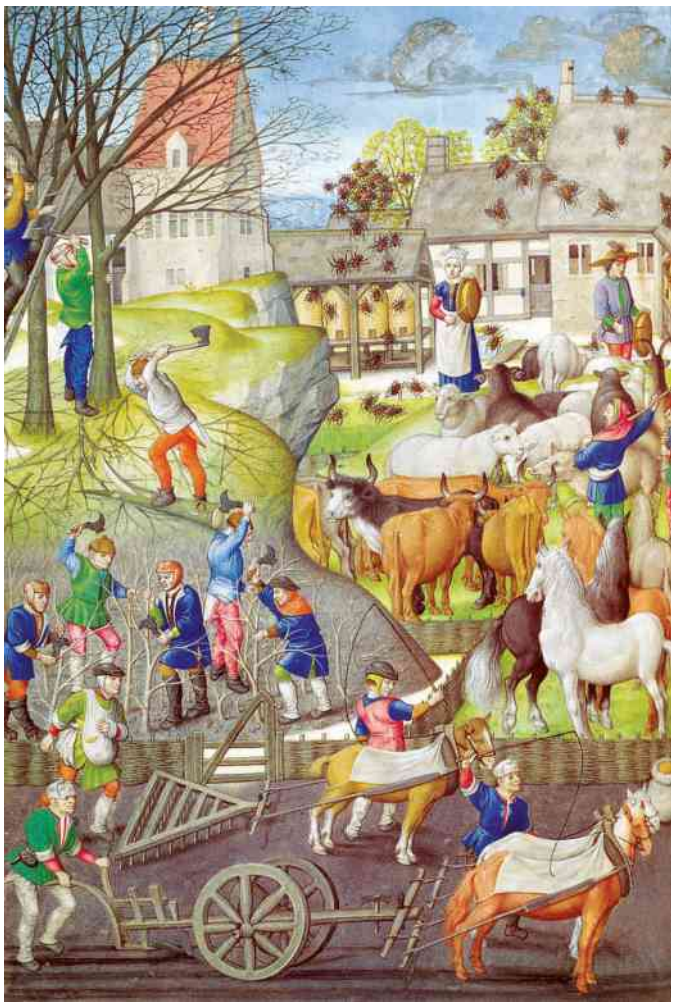
Ano	Milhões de habitantes
1000	22,10
1100	25,85
1200	24,65
1300	50,35

Fonte: FRANCO JR., Hilário; ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira. *Atlas de História Geral*. São Paulo: Scipione, 1993. p. 23.

Interpretar fonte — Trabalho medieval

A seguir, observe uma representação de trabalhadores do campo na Idade Média.

- Como você descreveria a atividade econômica e o trabalho desenvolvidos pelo grupo de pessoas representado na imagem ao lado? Como ela pode ser relacionada com o que acabamos de estudar sobre a Idade Média?



THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/COLEÇÃO PARTICULAR

Imagem representando o trabalho agrícola no início do século XV, quando já eram utilizadas inovações técnicas como a charrua e o peitoral.

Rotas comerciais

O comércio ganhou significativo impulso com o aumento da produção agrícola, o desenvolvimento do artesanato urbano e o maior contato com os povos orientais.

O crescimento da atividade comercial não se restringiu, porém, ao comércio local, pois se desenvolveram também grandes rotas de comércio internacional, com destaque para duas:

- **rota comercial do norte** – realizada através do mar do Norte, passava por cidades como Dantzig, Lübeck, Hamburgo, Bremen, Bruges, Londres e Bordeaux. O comércio dessa rota era comandado pela Liga Hanseática, associação de comerciantes alemães constituída no século XIII. No século XV, a Liga Hanseática era uma confederação político-econômica com mais de 60 cidades, que possuía frotas, exércitos e governo próprio. Equiparava-se a uma potência europeia.
- **rota comercial do sul** – realizada principalmente através do mar Mediterrâneo, tendo como portos mais importantes os de Barcelona, Marselha, Gênova, Veneza, Túnis, Trípoli e Constantinopla. Os comerciantes mais atuantes eram os de Gênova e Veneza, que se dedicavam principalmente à importação de especiarias (cravo, canela, noz-moscada, pimenta) e artigos de luxo (perfumes, tecidos de seda, porcelana, marfim) do Oriente.

Interligando essas rotas, havia uma extensa rede de vias terrestres. Aos poucos, nos principais cruzamentos dessas vias, foram sendo organizadas grandes feiras comerciais. Entre elas, destacavam-se as feiras das regiões de Champagne (França) e Flandres (França e Bélgica), das cidades de Veneza e Gênova (Itália) e de Colônia e Frankfurt (Alemanha).

Corporações de ofício

A expansão do comércio impulsionou o aumento da produção artesanal, e vice-versa. Então, os artesãos organizaram-se em corporações de ofício, também conhecidas como guildas ou grêmios.

As corporações de ofício tinham como objetivo defender os interesses dos artesãos, regulamentar o exercício da profissão e controlar o fornecimento de seus produtos. Além disso, elas dirigiam o ensino artesanal, que se dividia, esquematicamente, em três estágios: aprendiz, oficial e mestre. Segundo essa hierarquia e a legislação local, somente o mestre podia se estabelecer por conta própria, montando sua oficina de trabalho.

Rotas comerciais (século XIV)

SELMA CAPARROZ

Fonte: DUBY, Georges. *Atlas historique mondial*. Paris: Larousse, 2006. p. 64-65.

Burguesia

Diversas cidades desenvolveram-se nas proximidades das rotas comerciais. No princípio, muitas eram cercadas por muralhas, constituindo um núcleo urbano fortificado, denominado **burgo**. Com o aumento populacional, os burgos foram ampliando seus limites para além das muralhas.

Em um esboço geral, podemos dizer que os habitantes dos burgos, basicamente comerciantes e artesãos, eram chamados de burgueses. Com a expansão do comércio e do artesanato, houve uma ascensão social da burguesia, ou seja, do grupo de homens de negócios que viviam nas cidades, livres dos laços feudais.

A princípio, muitas cidades pagavam taxas e impostos ao senhor feudal, pois estavam localizadas em áreas de seu domínio. Em contrapartida, os burgueses exigiam direitos estabelecidos em documentos, como os de livre comércio e liberdade para os cidadãos, que preservavam a autonomia da cidade diante do poder do senhor feudal. Mas nem sempre essas relações ocorreram de forma pacífica.

As cidades que se tornavam independentes (comunas) passaram a eleger seus governantes. Os burgueses mais ricos ocupavam os principais cargos, elaboravam leis, criavam tribunais, determinavam a cobrança de impostos e tinham uma polícia própria.

As cidades tornaram-se locais de segurança e liberdade para aqueles que desejavam romper com a rigidez da sociedade feudal. É por isso que um antigo ditado alemão dizia: "O ar da cidade torna o homem livre".

JAN VAN EYCK. *O RETRATO DOS ARNOLFINI*, 1434/GALERIA NACIONAL, LONDRES, INGLATERRA

O retrato dos Arnolfini, obra de Jan van Eyck datada de 1434. A pintura é célebre pelas suas inovações técnicas: tinta a óleo, perspectiva linear e preocupação com a luz, que penetra pela janela.

Investigando

1. Comente o sentido do provérbio: "O ar da cidade torna o homem livre".
2. Em sua opinião, as cidades brasileiras atuais proporcionam liberdade para seus habitantes? Dê exemplos e debata o assunto com seus colegas.

Em destaque — Sociedade feudo-burguesa

No texto, o historiador Hilário Franco Jr. afirma que a sociedade feudo-burguesa se originou do interior da sociedade feudal.

> [...] a própria essência do feudalismo (sociedade fortemente estratificada, fechada, agrária, fragmentada politicamente) foi atingida. De dentro dela, e em concorrência com ela, desenvolvia-se um segmento urbano, mercantil, que buscava outros valores [...]. Assim, desta sociedade feudo-burguesa [...] emergiam as cidades, as universidades, a literatura laica, [...] as monarquias nacionais.

FRANCO JR., Hilário. *A Idade Média*: o nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 14.

1. De acordo com o autor, quais são as características da sociedade feudal?
2. Segundo o texto, quais são as características da sociedade feudo-burguesa que se originou da sociedade feudal?

Depressão

Momentos de crise

No início do século XIV, ocorreu na Europa Ocidental uma grave crise na produção agrícola.

Nesse período, a escassez de terras de boa qualidade e a ocupação de solos menos férteis resultaram em queda da produtividade.

Além disso, muitos nobres feudais impediram a derrubada de florestas para a ampliação de áreas agricultáveis. As florestas eram um ambiente para a caça (esporte favorito da nobreza) e fonte de produtos como mel e cera.

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/ BIBLIOTECA MARCIANA, VENEZA, ITÁLIA

Ilustração produzida no século XIV, pertencente ao livro *A divina comédia*, do escritor renascentista italiano Dante Alighieri (1265-1321). Na imagem, Virgílio é representado deparando-se com a peste.

Em várias regiões europeias, houve também perdas de colheita provocadas por fatores climáticos (frio intenso, às vezes secas), guerras, técnicas inadequadas de cultivo, entre outros fatores.

Esse conjunto de condições levou milhares de pessoas a morrer de fome e muitas outras a sobreviver em estado de subnutrição.

Enfraquecida, enorme parcela da população europeia tornou-se vítima de moléstias, como a **peste negra** (1347-1350).

Sabe-se, hoje, que a peste negra era causada pelo bacilo *Pasteurella pestis* e que tinha duas principais formas de transmissão: a bubônica (contágio pela picada de pulgas vindas dos ratos portadores do bacilo) e a pulmonar (contaminação de uma pessoa por outra, que podia ocorrer pela tosse ou simplesmente pelo hálito). A moléstia provocava infecção pulmonar, que geralmente levava à morte. Como não se conhecia tratamento eficiente para a doença, os doentes eram isolados para evitar novos contágios. Mesmo assim, a peste negra espalhou-se rapidamente, ocasionando grande epidemia. Houve sucessivos surtos durante o século XIV na Europa Ocidental. Calcula-se que um terço da população tenha morrido vitimado pela doença.

Guerras e crise social

No período final da Idade Média, as pessoas viveram momentos de insegurança e intranquilidade social, devido a diversos conflitos bélicos internos. Várias cidades foram saqueadas e inúmeras plantações devastadas.

A desorganização da produção provocou crises de abastecimento e alta no preço dos alimentos. A insegurança prejudicou a atividade comercial.

Intranquilos, grupos da burguesia e dos camponeses revoltaram-se contra a exploração exercida pela nobreza feudal e a incapacidade dos reis de garantir a ordem e proteger a população.

Entre os conflitos desse período, destaca-se a **Guerra dos Cem Anos** (1337-1453), entre França e Inglaterra, cujas causas foram a sucessão dinástica na França e a disputa pela rica região de Flandres, onde se desenvolvia a manufatura de lã. A Guerra dos Cem Anos foi uma sequência de combates com diversas interrupções. Em períodos diferentes, ingleses e franceses obtiveram vitórias significativas. Por fim, o exército francês conseguiu expulsar os ingleses de praticamente todos os territórios da França.

Essa longa guerra prejudicou a vida econômica da França e da Inglaterra, empobrecendo grande parcela da nobreza feudal. Após seu término, a autoridade do rei estava fortalecida, o que possibilitou a construção de uma monarquia centralizada.

Interpretar fonte — Guerra entre cristãos

Observe esta representação de uma batalha entre cristãos.

ALBUM/AKG-IMAGES/BRITISH LIBRARY/LATINSTOCK/BIBLIOTECA BRITÂNICA, LONDRES, INGLATERRA

Cena que representa uma das batalhas ocorridas ao longo da Guerra dos Cem Anos. Iluminura francesa do século XV de autoria de Jean de Wavrin.

- Diferentemente do que ocorreu no período cruzadista, as guerras do século XIV foram guerras entre cristãos. Que características desta iluminura francesa revelam essa disputa? Para responder à questão, compare essa imagem com a da página 178.

Crise religiosa

Em 1309, o papa Clemente V transferiu a sede da Igreja Católica, que era em Roma, para a cidade francesa de Avignon. Com isso, buscava manter boas relações com o rei da França e fugir das perturbações políticas que agitavam a Itália. Foi uma decisão que, anos mais tarde, traria sérias consequências para a Igreja Católica e para a unidade da fé cristã.

A mudança da sede do papado provocou grave crise na Igreja entre os anos de 1378 e 1417. Nesse período, conhecido como o **Grande Cisma do Ocidente**, a Igreja foi governada por dois papas, um em Roma e o outro em Avignon.

Somente em 1418, com a realização do Concílio de Constância, a Igreja recuperou sua unidade, elegendo um novo papa, instalado em Roma, para comandar a cristandade católica.

A crise religiosa colaborou para gerar insegurança e desorientação entre os membros da cristandade, fazendo surgir várias doutrinas contrárias aos dogmas da Igreja Católica.

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. Leia atentamente o texto:

> Na época feudal, com o predomínio do cristianismo, a maioria dos europeus acreditava na presença constante de Deus; os trabalhos e atividades tinham que ser abençoados pelos sacerdotes e grande parte das festas e distrações precisavam de um motivo religioso para acontecerem.

MICELI, Paulo. *O feudalismo*. São Paulo: Atual, 1998. p. 21.

a) Em que sentido podemos afirmar que a religião cristã norteava a vida do homem medieval?

b) Isso continua ocorrendo nas sociedades ocidentais da atualidade? Debata com os colegas.

2. Analise o trecho a seguir, em que o historiador Jacques Le Goff fala dos estudantes em cidades medievais.

> Os estudantes representam nas cidades um corpo estranho e frequentemente encarado com hostilidade. [...] São, portanto, em geral, malvistos. Na verdade, a atitude das cidades com respeito aos universitários é [...] ambivalente. De um lado, as cidades celebram suas universidades e seus universitários porque encontram nisso prestígio e mesmo lucros, mas, de outro, não se aplaca a hostilidade que se experimenta a seu respeito. Os estudantes constituem um mundo de jovens, e os jovens da Idade Média — talvez isso não tenha mudado tanto — são agitadores.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: Unesp, 1988. p. 63, 66 e 67.

a) Em sua opinião, qual é o sentido do termo agitadores, utilizado pelo autor no trecho "[...] Os estudantes constituem um mundo de jovens, e os jovens da Idade Média — talvez isso não tenha mudado tanto — são agitadores"?

b) Explique a razão da **ambivalência** da atitude das cidades diante dos universitários na Idade Média.

Ambivalência: ideias ou atitudes contrárias.

c) Entreviste pessoas de sua comunidade e pergunte como elas encaram os jovens de hoje. Em seguida, debata com os colegas: o que os jovens atuais mais procuram ou desejam?

3. Em grupos, reflitam sobre os problemas sociais que marcaram a crise medieval do século XIV. Apontem semelhanças e diferenças entre aqueles problemas e os que afligem as pessoas da atualidade.

4. Leia o texto a seguir.

> A Baixa Idade Média com suas crises e seus rearranjos representou exatamente o parto daqueles novos tempos, a Modernidade.

FRANCO JR., Hilário. *A Idade Média*: o nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 14.

Identifique a figura de linguagem utilizada pelo autor na frase acima. Depois, reescreva a frase com suas palavras.

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Sociologia e Geografia.

5. Em 11 de setembro de 2001, após ataques que mataram inúmeras pessoas e destruíram símbolos do poder estadunidense, em Nova York e Washington, o governo dos Estados Unidos desencadeou uma guerra contra o Afeganistão. O argumento era procurar Osama Bin Laden[3], muçulmano apontado como responsável pelos ataques. O então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, referiu-se à guerra como "uma Cruzada do bem contra o mal". De que modo essa frase remete à época medieval? Debata o tema em grupo.

Diálogo interdisciplinar com Arte e Língua Portuguesa.

6. O filme *O nome da Rosa*, de 1986, dirigido por Jean-Jacques Annaud, baseado no romance de mesmo nome, de Umberto Eco, se passa no ano de 1327, em um mosteiro ao norte da Itália. O narrador conta a história vivenciada por um jovem noviço sob a responsabilidade do frade franciscano William de Baskerville. Esse frade investigava uma série de assassinatos que estavam ocorrendo no mosteiro.

Com os colegas, assista ao filme. Sob a orientação do professor, organizem um debate a respeito da obra, seguindo o roteiro a seguir:

3 Em 2 de maio de 2011, autoridades do governo dos Estados Unidos divulgaram que Osama Bin Laden foi capturado e morto por forças especiais estadunidenses que atacaram sua casa nos arredores de Abbottabad, no Paquistão.

a) A morte repentina dos monges beneditinos do mosteiro tem traços em comum. Quais são os que mais chamaram a sua atenção?

b) Por meio do filme, podemos visualizar o ponto de vista do autor e do diretor a respeito de como eram os mosteiros e suas bibliotecas na Idade Média. Discuta com os colegas se as características desses lugares imaginadas por vocês são semelhantes ou diferentes daquelas apresentadas no filme.

c) No filme, é possível perceber certo conflito entre a religião e a razão na investigação dos assassinatos cometidos no mosteiro. De que maneira a crise entre fé e razão é nele abordada?

d) William de Baskerville afirma que o livro responsável pelas mortes no mosteiro era, provavelmente, o segundo livro da *Poética de Aristóteles*, o qual era totalmente voltado para o riso. Em que consistem os fragmentos da *Poética de Aristóteles*, que sobreviveram até os dias de hoje? Pesquise e, em seguida, compartilhe com os colegas.

De olho na universidade

7. (Enem-1999) Considere os textos abaixo.

> [...] de modo particular, quero encorajar os crentes empenhados no campo da filosofia para que iluminem os diversos âmbitos da atividade humana, graças ao exercício de uma razão que se torna mais segura e perspicaz com o apoio que recebe da fé.

Papa João Paulo II. Encíclica *Fides et Ratio* aos bispos da Igreja Católica sobre as relações entre fé e razão, 1998.

> As verdades da razão natural não contradizem as verdades da fé cristã.

São Tomás de Aquino, pensador medieval.

Refletindo sobre os textos, pode-se concluir que:

a) a encíclica papal está em contradição com o pensamento de São Tomás de Aquino, refletindo a diferença de épocas.

b) a encíclica papal procura complementar São Tomás de Aquino, pois este colocava a razão natural acima da fé.

c) a Igreja medieval valorizava a razão mais do que a encíclica de João Paulo II.

d) o pensamento teológico teve sua importância na Idade Média, mas, em nossos dias, não tem relação com o pensamento filosófico.

e) tanto a encíclica papal como a frase de São Tomás de Aquino procuram conciliar os pensamentos sobre fé e razão.

Para saber mais

Na internet

- **O islamismo no Brasil – TV Brasil: http://tvbrasil.ebc.com.br/retratosdefe/episodio/o-islamismo-no-brasil**
  Vídeo da série *Retratos da Fé*, que traça um panorama do islamismo no Brasil a partir de depoimentos de muçulmanos que vivem em diversas regiões do país.
  Levando em consideração esses depoimentos, em grupos, reflitam sobre os estereótipos e os preconceitos em relação ao islamismo.
  (Acesso em: 9 out. 2015.)

Nos livros

- **LE GOFF, Jacques. *A Idade Média explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.**
  Nessa obra, o autor aborda o significado e as diversas interpretações a respeito do período medieval.
  Em grupos, escolham um dos capítulos da obra de Le Goff e elaborem um seminário sobre ele. Para isso, identifiquem os argumentos principais do autor e procurem relacioná-los aos conteúdos dos capítulos sobre Idade Média.

Nos filmes

- ***Joana d'Arc*. Direção de Luc Besson. França, 1999, 155 min.**
  A jovem camponesa Joana d'Arc, alegando ouvir vozes vindas de Deus, lidera com sucesso o exército francês em diversas batalhas contra os ingleses durante a Guerra dos Cem Anos.
  Elabore uma resenha sobre o filme enfatizando aspectos como fé, heresia e intolerância.

UNIDADE

4

Contatos e confrontos

A partir do século XV, portugueses e espanhóis deram início à conquista da África e da América. Nesse processo, muitos povos nativos foram dizimados, mas diversos objetos de suas culturas resistiram.

Entre esses objetos, destaca-se uma serpente de turquesa que foi levada para a Espanha no começo do século XVI, provocando enorme espanto. Os europeus se surpreenderam com o fato de um povo americano ser capaz de criar obras tão elaboradas e luxuosas.

Séculos depois, um preconceito semelhante se manifestou em relação a 13 cabeças de latão encontradas na cidade de Ifé, atual Nigéria. Em 1938, pesquisadores europeus se recusaram a acreditar que essas sofisticadas esculturas tivessem sido elaboradas por africanos.

Atualmente, tanto a serpente quanto as esculturas são reconhecidas como grandes obras de arte. Além disso, os objetos que resistiram à conquista europeia são utilizados por africanos e americanos para reconstruir suas histórias e suas identidades.

Conversando

1. Conhecer objetos produzidos em uma sociedade pode ajudar a entender a história das pessoas que o produziram? Comente.
2. Você tem um objeto que representa alguma história de sua vida? Conte aos colegas um pouco dessa história.

Guerreiros toltecas esculpidos em pedra, encontrados em sítio arqueológico de Tula, no atual México. Os toltecas foram um povo que habitou a região central do México entre os séculos X e XII. Fotografia de 2008.

IMAGEBROKER/ALAMY/FOTOARENA

CAPÍTULO

14

Renascimentos e reformas

A partir do século XV, um clima de inquietação intelectual e existencial pairava sobre diversas regiões da Europa. Nesse período, ocorreram dois movimentos expressivos: o Renascimento Cultural e a Reforma Protestante. Um renovou as artes e a ciência. O outro abalou a hegemonia da Igreja Católica.

De que modo se desenvolveu o movimento cultural do Renascimento?

Que razões levaram à divisão da cristandade entre católicos e protestantes?

LEONARDO DA VINCI. *LA GIOCONDA* ("*MONA LISA*"). 1503-1506

Mona Lisa, ou *La Gioconda*, obra realizada pelo artista florentino Leonardo da Vinci entre 1503 e 1506. Atualmente, é o quadro mais visitado do Museu do Louvre, em Paris, França.

Treinando o olhar

1. Um dos aspectos fascinantes dessa obra de Leonardo da Vinci é a expressão enigmática de Mona Lisa. Que impressões o olhar e o sorriso da Mona Lisa despertam em você?

2. Ao longo da história, foram criadas muitas releituras inspiradas na *Mona Lisa*. A do pintor colombiano Fernando Botero pode ser entendida como uma crítica aos padrões de beleza atuais. Pesquise essa imagem no *site* do Museu Botero (Disponível em: <http://www.banrepcultural.org/museo-botero/obras/fernando-botero>. Acesso em: 3 maio 2016) e compare-a com a pintura original de Da Vinci. Que elementos se repetem? Quais se diferenciam?

Modernidade

O desabrochar de novas ideias

Vimos, nos capítulos anteriores, que, durante boa parte da Idade Média, as pessoas tinham um *status* determinado na hierarquia das sociedades europeias. Servo ou senhor, vassalo ou suserano, mestre ou aprendiz, cada pessoa ocupava uma posição dentro de uma rígida estrutura social.

A partir do século XV, alguns laços dessa estrutura social foram se afrouxando, abrindo espaço para que o indivíduo pudesse manifestar suas potencialidades. Isso se contrapunha à mentalidade medieval predominante, em que as pessoas eram vistas coletivamente, inseridas no mundo cristão.

Nesse período, muitos intelectuais buscavam explicações racionais para suas diversas perguntas. Não se contentavam em permanecer apenas com as respostas orientadas pela fé religiosa. Essa maneira de ver a realidade diminuiu a ênfase no "mundo de Deus" (teocentrismo) e valorizou as questões do ser humano (antropocentrismo).

Uma das expressões vigorosas desse novo cenário foi a corrente intelectual denominada Humanismo.

Humanismo

O Humanismo, desenvolvido principalmente entre os séculos XV e XVI, caracteriza-se pela concepção de que o ser humano é criatura e criador do mundo em que vive. E, assim, pode ser arquiteto de si mesmo.

Um exemplo significativo da concepção humanista pode ser encontrado no livro *Discurso sobre a dignidade do homem*, do pensador italiano Giovanni Pico Della Mirandola (1463-1494). Nesse livro, o autor argumenta que Deus criou o homem conferindo-lhe a liberdade de construir a si mesmo. Por isso, desde o nascimento, o ser humano não tem uma natureza definida ou um destino predeterminado. Ele pode ser juiz e artesão supremo de sua vida, modelando-se na obra que ele próprio escolheu ser. Dessa forma, tanto poderá degenerar em um ser bestial quanto ascender a realidades sublimes.[1]

Com renovado entusiasmo, intelectuais humanistas realizaram estudos da natureza, das artes e das técnicas, buscando construir novos conhecimentos. Nessa busca, muitos deles também voltaram-se para os escritos dos sábios da Antiguidade greco-romana, o que exigia domínio das línguas clássicas (grego e latim). Depois, comparavam as conclusões desses sábios antigos com as próprias pesquisas e observações.

Em pouco tempo, a expressão humanista ganhou sentido amplo, sendo aplicada aos escritores, pintores, arquitetos, professores, estudantes e cientistas que discutiam e questionavam as concepções de sociedade e natureza desenvolvidas, em grande parte, por antigos filósofos e teólogos medievais.

As concepções tradicionais reforçavam a submissão do homem a Deus e exaltavam valores como piedade, mansidão e disciplina.[2] Já os valores humanistas enfatizavam a curiosidade intelectual, o espírito crítico, a capacidade empreendedora, o desejo de aventuras e de exploração do mundo.

Investigando

1. "O ser humano é livre para construir a si mesmo, não tendo uma natureza definida ou um destino predeterminado." Você concorda ou discorda dessa afirmação? Comente.
2. O individualismo é um dos valores do Humanismo, segundo o qual os indivíduos deviam ser concebidos como seres pensantes, livres e responsáveis por suas ações. A partir dessa afirmação, debata com os colegas a seguinte frase: "Atualmente, o individualismo tornou-se sinônimo de egoísmo e de isolamento".

1 Cf. DELLA MIRANDOLA, Giovani Pico. *Discurso sobre la dignidad del hombre*. Buenos Aires: Longseller, 2003. p. 32-33.

2 Cf. SEVCENKO, Nicolau. *O Renascimento*. São Paulo: Atual, 1994. p. 17.

Renascença

Novas técnicas e concepções

Nesse contexto histórico e sob inspiração humanista, desenvolveu-se, entre os séculos XV e XVI, um movimento cultural urbano que atingiu principalmente as pessoas mais ricas e com prestígio social de cidades como Florença, Veneza e Roma, todas na península Itálica. Em contrapartida, no mundo rural, o camponês dessa época era pouco diferente do camponês medieval.

O movimento ficou conhecido como Renascimento ou Renascença. Embora a palavra renascimento não fosse empregada naquela época para defini-lo, podemos dizer que muitos intelectuais do período expressaram um desejo de fazer renascer ou recuperar elementos da cultura greco-romana.

No entanto, apesar da admiração renascentista pelo passado clássico grego e romano, o Renascimento não foi, nem poderia ser, um simples retorno à Antiguidade. Afinal, nenhuma cultura renasce fora de seu tempo, e quase todos os grandes renascentistas estavam profundamente marcados pelo cristianismo, ainda que desejassem transformá-lo. Isso se torna claro quando observamos o fundo cristão que persiste nas obras artísticas desse período.

Além disso, houve uma renovação no tratamento de várias questões culturais, a partir de uma perspectiva humanista, que, em boa medida, superou as ideias medievais com novas perguntas e novas possibilidades de ação.[3]

Investigando

1. Você admira a cultura de outros países e de outros tempos? Quais? Por quê?

2. Você já se imaginou vivendo em outra época? Comente.

Renascimento artístico

Historiadores costumam dizer que as obras renascentistas têm algumas características comuns, sobretudo nas artes plásticas.

Por exemplo, os artistas renascentistas inspiravam-se na cultura greco-romana, buscando o equilíbrio e a elegância das formas e realçando a sensação de leveza, luz, cor e movimento. Além disso, desenvolveram a pintura a óleo, que, pela mistura de tintas, possibilitou a elaboração de cores vivas, em diferentes matizes.

A produção artística desvinculou-se aos poucos do monopólio cultural da Igreja e passou a explorar também temas inspirados na mitologia greco-romana e em outros aspectos da realidade social, mostrando cenas do cotidiano, de valorização do indivíduo e de paisagens naturais.

Para representar a realidade, os pintores renascentistas desenvolveram a técnica da perspectiva, que, ao dar uma aparência tridimensional a personagens e objetos representados, proporcionou ao observador do quadro a sensação de volume e profundidade. Anteriormente, as pinturas medievais europeias e bizantinas apresentavam um plano bidimensional.

Renascimento italiano

O Renascimento artístico teve como berço a península Itálica. Foi um movimento principalmente urbano, que se desenvolveu em cidades como Florença, Roma e Veneza.

Entre os principais representantes do Renascimento italiano, destacam-se:

- **Leonardo da Vinci (1452-1519)** – considerado verdadeiro gênio criativo, destacou-se tanto nas ciências como nas artes. Entre as poucas telas e afrescos de sua autoria, encontram-se obras-primas da pintura, como: *A última ceia* (afresco pintado em um convento de Milão), *Mona Lisa* (ou *La Gioconda*), *Ginevra de' Benci* e *Virgem dos rochedos*;

3 Cf. GARIN, Eugenio. *Ciência e vida civil no Renascimento italiano*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1996. p. 11.

- **Rafael Sanzio (1483-1520)** – atendendo aos pedidos dos papas Júlio II e Leão X, produziu afrescos para decorar o palácio do Vaticano. Celebrizou-se por pintar madonas (representações da Virgem Maria com o Menino Jesus).
- **Michelangelo (Miguel Ângelo Buonarroti, 1475-1564)** – foi pintor, escultor e arquiteto. Suas obras foram marcadas pela perícia técnica, pelo sentimento arrebatado e pela emotividade. Como pintor, produziu afrescos na Capela Sistina, no Vaticano; como escultor, realizou obras importantes, como *Moisés*, *Pietà* e *Davi*; projetou ainda a imensa cúpula da Basílica de São Pedro, em Roma.

MICHELANGELO BUONARROTI. *PIETÀ*. SÉCULO XVI

A escultura *Pietà* – que em português significa "Piedade" –, de Michelangelo, representa Maria com Jesus morto em seus braços. Feita em mármore, no século XVI, encontra-se no Museu do Vaticano.

Interpretar fonte — *A primavera*, de Botticelli

O pintor Sandro Botticelli inspirou-se na mitologia greco-romana para criar sua obra *A primavera*. No centro da pintura foi representada Vênus (deusa do amor e da beleza) e acima dela vemos seu filho Eros. Além desses personagens, também foram representados as três Graças, Flora (deusa da primavera), a ninfa Clóris, Zéfiro (deus do vento) e Mercúrio (deus mensageiro, protetor dos viajantes e comerciantes). Flora está com um vestido repleto de flores, Zéfiro segura Clóris, e Mercúrio protege o bosque das nuvens.

SANDRO BOTTICELLI. *A PRIMAVERA*. 1478

A primavera, pintura de Sandro Botticelli feita em 1478. Encontra-se na Galeria dos Ofícios, em Florença, Itália.

1. Na sua opinião, que elementos da pintura podem ser relacionados com o conceito de primavera?

2. Que características renascentistas podemos observar na obra?

Expansão do Renascimento

A partir da península Itálica, o movimento renascentista expandiu-se por várias partes da Europa.

Na França, por exemplo, o escritor François Rabelais (1494-1543) criticou de forma satírica a excessiva religiosidade medieval. Seus livros mais conhecidos são: *Gargântua* e *Pantagruel*.

Na Inglaterra, o poeta e dramaturgo William Shakespeare (1564-1616) notabilizou-se por suas peças teatrais. Entre suas obras, destacam-se: *Ricardo II*, *Sonho de uma noite de verão*, *O mercador de Veneza*, *Romeu e Julieta*, *Macbeth* e *Hamlet*.

Na Espanha, o escritor Miguel de Cervantes (1547-1616) criou *Dom Quixote de la Mancha*, uma sátira aos ideais da cavalaria medieval. Dois personagens dominam essa grande obra: Dom Quixote, mergulhado no sonho, na fantasia e no ideal, e seu escudeiro Sancho Pança, representando a vida real, mais próximo do senso comum.

Em Portugal, o poeta Luís Vaz de Camões (1524-1580) narrou em *Os lusíadas* a história de Portugal, desde as suas origens até a epopeia dos descobrimentos marítimos, a partir da viagem de Vasco da Gama. Leia os versos iniciais de *Os lusíadas*:

As armas e os **barões** assinalados,
Que da **ocidental praia lusitana**
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da **Taprobana**,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram; [...]

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os lusíadas*. In: CEREJA, William R.; COCHAR, Tereza M. *Panorama da literatura portuguesa*. São Paulo: Atual, 1999. p. 50.

Camões também ficou conhecido por seus sonetos (poemas compostos de 14 versos). A seguir, leia um soneto camoniano que fala das contradições (paradoxos) do amor:

Amor é um fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

CAMÕES, Luís Vaz de. *Sonetos*. Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro/Escola do Futuro da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1872>. Acesso em: 17 out. 2015.

Barão: homem ilustre, nobre.
Ocidental praia lusitana: Portugal.
Taprobana: ilha do Ceilão (atual Sri Lanka), limite oriental do mundo conhecido na época.
Novo Reino: o império português que se expandia pela Ásia.

Investigando

1. Você conhece livros ou filmes baseados na obra de algum desses escritores renascentistas? Qual(is)?
2. Depois de ler atentamente o soneto de Camões, faça as atividades propostas a seguir.
   a) O que são ideias paradoxais? Cite um exemplo de paradoxo elaborado por Camões.
   b) Crie uma frase poética inspirando-se nesse soneto de Camões.

Em destaque O riso no Renascimento

Leia um texto do crítico literário e historiador russo Mikhail Bakhtin (1875-1975) sobre a cultura popular na Idade Média e no Renascimento.

O riso era condenado pelo cristianismo oficial da Idade Média. O tom sério caracterizava a cultura medieval oficial, sendo a única forma de expressar a verdade, o bem e tudo o que era importante. Valorizava-se o medo, a veneração, a docilidade, a resignação, a **estratificação** e a permanência da tradição, considerando-os o tom correto para os cultos, os rituais e as cerimônias oficiais.

Essa seriedade, entretanto, fazia com que se legalizasse o riso e a alegria em cerimoniais puramente cômicos, como as festas dos loucos, em que estudantes e clérigos inundavam as praças, as ruas e as tavernas, com máscaras, fantasias, danças e festivais. Os ritos e os símbolos religiosos eram então degradados de forma grotesca, passando do plano espiritual para o material e terreno: embriaguez, comilanças, gestos obscenos, desnudamento etc. Eram dias dos bufões e das brincadeiras.

[...]

A cultura popular do riso na Idade Média viveu e desenvolveu-se, assim, fora da esfera oficial da ideologia e da literatura elevada. E graças a essa existência extraoficial, ela se distinguiu por seu radicalismo e sua liberdade, por sua implacável lucidez.

Durante o Renascimento, o riso, na sua forma mais radical, universal e alegre, pela primeira vez, separou-se das profundezas populares e penetrou decisivamente no seio da grande literatura e da cultura "superior", contribuindo para a criação de obras de arte mundiais, como ***Decameron***, de Boccaccio, o livro de Rabelais, o romance de Cervantes, os dramas e comédias de Shakespeare etc.

Mil anos de riso popular extraoficial foram, assim, incorporados na literatura do Renascimento. [...] Ele se aliava às ideias mais avançadas da época, ao saber humanista, à alta técnica literária. Na pessoa de Rabelais, a palavra e a máscara do bufão medieval, as formas dos folguedos populares carnavalescos, a ousadia do clero, que parodiava as palavras e os gestos dos saltimbancos de feira, associaram-se ao saber humanista, à ciência e à prática médica, à experiência política. Em outros termos, o riso da Idade Média, durante o Renascimento, tornou-se a expressão da consciência nova, livre, crítica e histórica da época.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. São Paulo/Brasília: Hucitec/UnB, 1987. p. 62-87.

Estratificação: processo de organização da sociedade em camadas agrupadas de acordo com seus valores culturais e seu poder político-econômico. Esse processo constitui a separação da sociedade em classes, estados, castas etc. Na Sociologia, assemelha-se ao conceito de desigualdade social.
Decameron: livro de contos em que o autor, o italiano Giovanni Boccaccio (1313-1375), exalta a beleza e o amor terrenos.

1. De acordo com o texto, como a "maneira de rir" foi modificada pelo pensamento humanista?
2. Há uma expressão latina que diz: *ridendo castigat mores* ("rindo criticamos os costumes"). É possível criticar os costumes sociais através do humor? Reflita e dê um exemplo.

BIBLIOTECA NACIONAL, PARIS, FRANÇA

Oficina de impressão do século XV em que eram utilizados os tipos móveis de Gutenberg. O desenvolvimento dessa tecnologia ampliou o acesso a texto escritos. No entanto, a maioria dos europeus dessa época não era alfabetizada. Imagem de autoria desconhecida produzida entre 1490 e 1520.

Aumento da produção cultural

No período do Renascimento, houve mudanças na qualidade e na quantidade da produção cultural. Entre os fatores que influenciaram essas mudanças, destacam-se o **desenvolvimento da imprensa** e a **ação dos mecenas**.

O alemão Johann Gutenberg (1400-1468) desenvolveu o processo de impressão com tipos móveis de metal, o que representou um grande passo para a divulgação do conhecimento em maior escala. Em pouco tempo, surgiram vários impressores, como o inglês William Caxton e o italiano Aldo Manúcio, que publicaram diversas obras. Calcula-se que, no início do século XVI, já havia mais de cem tipografias espalhadas pela Europa, que produziram cerca de 9 milhões de exemplares de 40 mil títulos diferentes.

Algumas pessoas de grandes posses estimularam e patrocinaram o trabalho de artistas e intelectuais renascentistas. Entre essas pessoas (conhecidas como mecenas), encontravam-se ricos comerciantes, banqueiros, monarcas e papas. São exemplos de mecenas a família Médici, de Florença, e a família Sforza, de Milão.

A expressão mecenas deriva do nome de um rico cidadão da Roma Antiga. Ele ficou conhecido por conceder proteção e apoio financeiro a diversos artistas e intelectuais. De seu nome também surgiu o termo mecenato, que designa essa atividade de proteção.

Experimentação

Novos valores e procedimentos científicos

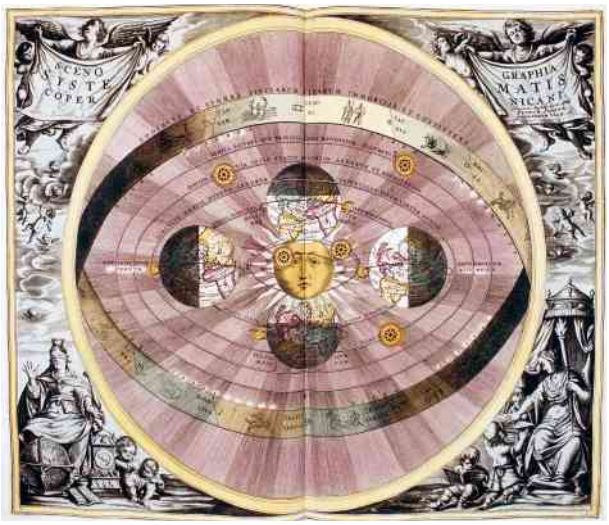
Ao longo dos séculos XV e XVI, a ciência europeia passou por um impulso renovador. Na época, pesquisadores que valorizavam a razão e a experimentação procuraram estudar aspectos da natureza e da sociedade sob novas perspectivas. Entretanto, a nova mentalidade científica encontrou resistência daqueles que defendiam as tradições culturais medievais.

Teoria heliocêntrica

Uma das mais brilhantes teorias científicas dessa época, o **heliocentrismo** — segundo a qual a Terra e os demais planetas movem-se em torno do Sol —, foi desenvolvida por Nicolau Copérnico (1473-1543), sacerdote católico e astrônomo.

Em sua obra *Da revolução das esferas celestes*, publicada no ano de sua morte, Copérnico refutou a **teoria geocêntrica** (que concebe a Terra como um centro fixo, em torno do qual giram os demais corpos celestes), o que provocou a reação das pessoas, especialmente dos religiosos. A teoria heliocêntrica contrariava trechos da *Bíblia* que indicavam o movimento do Sol em volta da Terra.

Examinando, posteriormente, a teoria de Copérnico, cientistas como Johann Kepler (1571-1630) e Galileu Galilei (1564-1642) passaram a defendê-la. Galileu chegou a ser acusado de herege pela Inquisição católica e, para livrar-se da pena de morte, teve de negar suas convicções.



THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/COLEÇÃO PARTICULAR

Representação da teoria copernicana mostrando o movimento eliptíco da Terra ao redor do Sol. Imagem do século XVIII.

Investigando

1. Na sua opinião, os cientistas de hoje encontram resistência ao desenvolver novas teorias e práticas? Reflita.
2. Você se considera uma pessoa aberta a conhecer e discutir novas pesquisas científicas?

Crise do catolicismo

Motivos que impulsionaram a Reforma Protestante

Ao longo da história, houve divisões entre os seguidores do cristianismo católico. No século XI, por exemplo, ocorreu o Grande Cisma do Oriente, que dividiu o mundo cristão em duas grandes Igrejas: a Igreja Católica do Ocidente (ou Igreja Católica Apostólica Romana) e a Igreja Católica do Oriente (ou Igreja Ortodoxa).

A outra grande ruptura da cristandade aconteceu no período que estamos estudando, mais especificamente no século XVI. O resultado dessa divisão ficou conhecido como Reforma Protestante, que levou ao surgimento de diversas igrejas cristãs, chamadas genericamente de **protestantes**, independentes da Igreja Católica Apostólica Romana. A designação "Reforma Protestante" abrange, em geral, dois movimentos históricos principais — a Reforma Luterana e a Reforma Calvinista —, mas pode incluir também a Reforma Anglicana.

Vejamos que razões motivaram a Reforma Protestante, para depois estudarmos cada uma de suas correntes históricas.

Interpretações da *Bíblia*

Como vimos, a difusão da imprensa contribuiu para aumentar a produção de livros, entre eles a *Bíblia*, o primeiro livro impresso por Gutenberg. A partir de então, o livro sagrado cristão alcançou um número maior de fiéis.

A *Bíblia* impressa apareceu primeiro em latim e grego, mas depois, no século XVI, foi traduzida para outras línguas, como o alemão, o francês e o inglês, ampliando o número de leitores. Com isso, surgiram novas interpretações dos textos cristãos, as quais, sem a intermediação dos sacerdotes católicos, nem sempre estavam em harmonia com o que preconizava a Igreja.

Nesse cenário, ganhou força, por exemplo, uma corrente religiosa que, apoiada na teologia de Santo Agostinho, afirmava que a salvação do ser humano era alcançada unicamente pela fé. Essa ideia contrariava a interpretação dominante entre os líderes da Igreja, baseada em Santo Tomás de Aquino, segundo a qual a fé precisava ser acompanhada de boas ações para conduzir à salvação eterna. Essa divergência gerou debates acalorados e muitos conflitos entre os cristãos.

Crítica ao comportamento do clero

Nessa época, aumentaram as críticas a certas práticas e condutas do clero católico. Vejamos algumas delas:

- **venda de relíquias sagradas** – para obter recursos econômicos, membros do alto clero iludiam milhares de cristãos por meio do comércio de relíquias sagradas, em geral falsas. Essa prática era conhecida pelo nome de **simonia**. Nessas transações, eram vendidos, por exemplo, "espinhos" que coroaram a fronte de Cristo, "palhas da manjedoura" de Jesus, panos embebidos no "sangue do rosto do Salvador", objetos pessoais dos santos, entre outros;
- **venda de indulgências** – membros da Igreja também negociavam indulgências, isto é, o perdão dos pecados. Assim, os fiéis poderiam comprar a "salvação eterna" mediante determinado pagamento, destinado às obras da Igreja;
- **falta de preparo do clero** – boa parte dos sacerdotes, especialmente do baixo clero, desconhecia a própria doutrina católica e demonstrava falta de preparo intelectual para as funções religiosas, fragilizando ainda mais a imagem da Igreja. A ignorância e o mau comportamento do clero não eram problemas menores, principalmente quando se considera que, como pretendia a Igreja, os sacerdotes deveriam cumprir o papel de intermediários entre os seres humanos e Deus.

Nova ética religiosa

Desde a Idade Média, a Igreja Católica censurava a usura, isto é, o lucro excessivo, defendendo o "preço justo" nas transações econômicas. Essa recomendação, no entanto, começou a incomodar os capitalistas nascentes. É que alguns comerciantes ficavam divididos entre a busca do lucro (própria da lógica capitalista) e as obrigações morais católicas, que recomendavam moderação. Aqueles que buscavam grandes ganhos econômicos se sentiriam confortáveis se pudessem contar com uma nova ética religiosa, mais adequada ao espírito capitalista. Esse anseio burguês foi atendido, em parte, por alguns ramos do movimento protestante.

Sentimento nacionalista

Com o fortalecimento das monarquias nacionais (assunto que estudaremos no capítulo 17), conflitos políticos entre autoridades da Igreja e alguns governantes europeus surgiram.

Representando a unidade nacional, esses soberanos viam na autoridade do papa uma barreira para o fortalecimento de seu poder, e passaram a encarar a Igreja, que tinha sede em Roma e cujo idioma oficial era o latim, como "entidade estrangeira" que interferia em seus países.

O papa e outros membros do clero, por seu lado, insistiam em apresentar a Igreja Católica como instituição universal, que unia, culturalmente, o mundo cristão. A palavra católico, em sua origem grega, significa "para todos", "universal". Essa noção de universalidade, entretanto, foi perdendo força, à medida que crescia o sentimento nacionalista. A tendência era cada Estado, por meio de seu dirigente, afirmar suas diferenças locais em relação aos demais.

Isso ocorreu em regiões da Europa que hoje correspondem ao norte da Alemanha, à Dinamarca, à Noruega, à Suécia, à Suíça, à Holanda, à Inglaterra e à Escócia. Esses Estados procuravam afirmar sua autonomia em relação à Igreja. E a Reforma Protestante atendeu, de certo modo, a seus interesses. Exemplo disso foi o fato de que a doutrina cristã dos reformadores passou a ser divulgada na língua nacional de cada país, e não em latim, como fazia a Igreja Católica.

Luteranismo

A reforma de Martinho Lutero

A Reforma Protestante iniciou-se com Martinho Lutero (1483-1546). Nascido em Eisleben, cidade que pertence à atual Alemanha, Lutero estudou Direito por influência do pai. Tinha, no entanto, inclinação para a vida religiosa e, em 1505, ingressou na Ordem dos Agostinianos, que segue as concepções de Santo Agostinho.

Rompimento com a Igreja Católica

Entre 1511 e 1513, Lutero aprofundou-se nos estudos religiosos e amadureceu suas ideias teológicas. Em uma das epístolas do apóstolo Paulo (que fazem parte do Novo Testamento bíblico), encontrou passagens que lhe pareceram fundamentais, como "Aquele que é justo pela fé viverá" (Romanos, capítulo 1, versículo 17); "De fato, nós estimamos que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei" (Romanos, capítulo 3, versículo 28).

Ao interpretar essa mensagem, Lutero concluiu que o ser humano, corrompido em razão do "pecado original", só poderia salvar-se pela fé em Deus. Assim, a fé em Deus, e não as obras humanas, seria o único instrumento de salvação, graças à misericórdia divina.

Depois de um período de tensões, em 1517 Lutero deu o passo decisivo que provocaria seu rompimento com a Igreja Católica.

Com o objetivo de arrecadar dinheiro para a construção da Basílica de São Pedro, o papa Leão X autorizou a concessão de indulgências aos fiéis que contribuíssem financeiramente com a obra. Escandalizado com a atitude do papa, Lutero afixou na porta da igreja de Wittenberg (cidade da atual Alemanha) um manifesto público — as 95 teses — em que protestava contra essa medida e expunha alguns elementos de sua concepção religiosa.

Leia algumas das teses de Lutero, escritas em 1517:

> 21 – Estão errados os pregadores de indulgências que dizem que um homem é libertado e salvo de todo castigo dos pecados pelas indulgências papais. [...]
>
> 27 – Eles pregam que a alma voa para fora do purgatório tão logo tilinte o dinheiro jogado na caixa. [...]
>
> 45 – Os cristãos deveriam aprender que todo aquele que vê um homem necessitado e não o socorre, e depois dá dinheiro para perdões, não está comprando para si a indulgência do papa, mas a cólera de Deus. [...]

WACE, H.; HEIN, C. A. Burch (Org.). First Principles of the Reformations. In: *Coletânea de documentos históricos para o 1º grau*. São Paulo: Cenp, 1978. p. 81-82.

Esse foi o início de uma longa discussão entre Lutero e as autoridades católicas, que culminou com a sua **excomunhão**, em 1521. Para demonstrar seu desprezo pela Igreja Católica, Lutero queimou em praça pública a **bula** papal que o condenava.

Excomunhão: expulsão da Igreja.
Bula: escrito solene, ou carta, enviado em nome do papa com instruções, indulgências, ordens, concessão de benefícios etc.

Doutrina luterana

Depois da excomunhão, Lutero passou a divulgar sua doutrina religiosa pelo norte da Europa, com o apoio de diversos membros da nobreza e da alta burguesia.

Entre os principais pontos de sua doutrina, firmados na Confissão de Augsburgo (1530), destacavam-se:

- o direito dos fiéis ao livre exame das Escrituras Sagradas (*Bíblia*);
- as Escrituras Sagradas como único caminho para a fé cristã;
- a fé cristã como único caminho para a salvação eterna.

Além disso, o luteranismo não aceitava o culto dos santos, promovido pelos católicos, a adoração de imagens religiosas e a autoridade do papa. Em vez dos **sete sacramentos** católicos, só reconhecia validade bíblica em dois deles: o batismo e a eucaristia.

Sete sacramentos: sacramentos reconhecidos pela Igreja Católica: batismo, confirmação (crisma), eucaristia, matrimônio, penitência, ordem e unção dos enfermos.

Após a excomunhão, Lutero foi perseguido pelas autoridades católicas, que, entretanto, não conseguiram impedir a difusão de sua doutrina. Em 1521, Lutero refugiou-se no Castelo de Wartburg, do príncipe alemão Frederico, seu amigo e protetor, onde iniciou a tradução da *Bíblia* para o alemão, a partir de originais gregos. A versão luterana da *Bíblia* foi considerada um dos principais modelos da moderna língua escrita alemã.

Interpretar fonte — Críticas à doutrina católica

Observe, a seguir, uma pintura realizada por Lucas Cranach, o velho, em cerca de 1546. Ela, de modo favorável ao luteranismo, representa a diferença entre o que o artista entendia ser a verdadeira religião de Cristo (à esquerda, onde Lutero está representado no púlpito) e a falsa doutrina idólatra do anticristo (à direita).

ALBUM/AKG-IMAGES/LATINSTOCK/COLEÇÃO PARTICULAR

- Identifique os principais aspectos divergentes entre a doutrina luterana e a católica. De que maneira a imagem revela essa divergência?

Calvinismo

Novo núcleo do movimento reformista

O exemplo de Martinho Lutero foi seguido, nas regiões de língua francesa, por João Calvino (1509-1564), que liderou o movimento conhecido como Reforma Calvinista.

Nascido em Noyon, na França, Calvino estudou Teologia e Direito. Aderindo às ideias de reformadores protestantes, como Lutero e o suíço Zwinglio (1484-1531), foi considerado herege e perseguido pelas autoridades católicas francesas. Em 1534, fugiu para a Suíça, onde o movimento reformista já se desenvolvia.

Ética calvinista

De 1541 a 1564, Calvino governou a cidade suíça de Genebra, submetendo seus moradores a um governo que mesclava política e religião e impondo à população um sistema moral considerado, por vezes, severo.

Entre as condutas e as práticas censuradas pelo calvinismo, estavam os jogos de azar, o culto às imagens de santos, a dança e o uso de roupas luxuosas e joias. Quem descumprisse as normas ou se rebelasse contra a doutrina era duramente punido.

Alguns chegaram a ser condenados à morte, como o médico e teólogo espanhol Miguel de Servet (1511-1553). Ele descreveu, pioneiramente, o funcionamento da circulação do sangue nos pulmões ao desenvolver seus estudos sobre o corpo humano por meio da dissecação de cadáveres. Por essa prática — e também por suas ideias religiosas — foi criticado e perseguido pelas autoridades cristãs (católicas e protestantes). Preso em Genebra, Servet foi queimado vivo por ordem do governo calvinista.

KEN HAWKINS/ALAMY/FOTOARENA

Mulher durante aula de anatomia, área do conhecimento que estuda a estrutura ou organização interna dos seres vivos. Fotografia de 2012.

Doutrina da predestinação

Em 1536, Calvino publicou sua principal obra, *Instituição da religião cristã*, na qual defendia que o ser humano estava predestinado ao céu ou ao inferno. Explicava que algumas pessoas haviam sido eleitas por Deus para a salvação. Não cabia a ninguém interferir no plano das coisas divinas.

O trabalho intenso, honesto e constante, recompensado pela prosperidade econômica, foi interpretado pelos seguidores de Calvino como um "sinal" da predestinação para a salvação. Além disso, o calvinismo condenava o desperdício e pregava a legitimidade do lucro proveniente do trabalho. Assim, as ideias calvinistas acabaram servindo aos interesses da burguesia, que identificava no sucesso das práticas econômicas algo merecedor da aprovação divina.

O calvinismo espalhou-se por diversas regiões da Europa Ocidental, como França, Inglaterra, Escócia e Holanda, dando origem a várias correntes locais, como a dos huguenotes, a dos puritanos e a dos presbiterianos.

QUENTIN MASSYS OR METSYS, 1514

O banqueiro e sua esposa, obra do pintor renascentista Quentin Massys. Na pintura, a mulher se afasta da leitura da *Bíblia* para admirar a prosperidade material do marido. Realizada em 1514, a obra pertence ao acervo do Museu do Louvre, em Paris, França.

Reforma Anglicana

Uma igreja nacional na Inglaterra

A reforma religiosa promovida na Inglaterra nesse período, chamada de Reforma Anglicana, teve características distintas das reformas Luterana e Calvinista. Sem motivações prioritariamente éticas ou doutrinárias, não constituiu um rompimento teológico radical com o cristianismo católico, como nas reformas mencionadas anteriormente.

O principal articulador dessa reforma, Henrique VIII (rei da Inglaterra de 1509 a 1547), era um fiel aliado do papa, tendo recebido o título de "defensor da fé". Entretanto, uma série de questões o levou a romper com a Igreja Católica e fundar uma Igreja nacional na Inglaterra: a Igreja Anglicana.

Vejamos alguns dos principais motivos para essa ruptura:

- **poder político** – o clero católico exercia grande influência na Inglaterra; para fortalecer o poder da monarquia inglesa, era preciso reduzir a influência do papa dentro do país;
- **poder econômico** – a Igreja era proprietária de muitas terras e monopolizava o comércio de "relíquias sagradas". Setores da nobreza inglesa queriam apossar-se das terras e dos bens da Igreja; para isso, era preciso apoiar o rei, a fim de enfraquecer o poder das autoridades católicas;
- **anulação do casamento** – além desse quadro geral, Henrique VIII teve negado pelo papa o pedido de anulação do seu casamento com Catarina de Aragão. O rei queria romper o matrimônio por três razões principais: a origem espanhola da esposa (já que o governo da Espanha, na época, era inimigo do governo da Inglaterra); o fato de Catarina não ter gerado um herdeiro do sexo masculino para o trono; e seu desejo de casar-se com sua amante, Ana Bolena, de quem esperava um herdeiro.

Mescla do catolicismo e do protestantismo

Diante da recusa do papa, o rei conseguiu que a anulação de seu casamento fosse reconhecida pelo Parlamento e pelo alto clero inglês. Em 1534, o Parlamento inglês votou o Ato de Supremacia, pelo qual Henrique VIII tornava-se o chefe supremo da Igreja da Inglaterra. Assim foi criada a Igreja Anglicana, sem grandes modificações em termos de doutrina e culto em relação à Igreja Católica.

Após a fundação da Igreja Anglicana, nos governos que sucederam Henrique VIII, ocorreram tentativas de implantar o calvinismo e também uma reação católica. Foi somente no reinado de Elizabeth I (1558-1603) que a Igreja Anglicana se consolidou, incluindo elementos do catolicismo e do protestantismo calvinista.

Entre os itens que ilustram essa mistura estão:

- **do catolicismo** – preservação da hierarquia eclesiástica e da liturgia da missa; entretanto, substituindo na celebração o latim pelo inglês;
- **do calvinismo** – salvação pela fé no contexto da predestinação divina; prática de apenas dois sacramentos: batismo e eucaristia; presença espiritual de Cristo na eucaristia.

Contrarreforma

A reação da Igreja Católica

A Igreja Católica não ficou imóvel diante da Reforma Protestante. Uma parte do clero e grupos de fiéis achavam necessário acabar com os abusos praticados por muitos de seus membros e reformar a instituição. Consideravam também urgente promover um movimento de reafirmação dos princípios da doutrina católica que ampliasse o número de seus seguidores. Foi nesse contexto que se adotou um conjunto de medidas conhecido como Reforma Católica ou Contrarreforma.

A reação e a reorganização católica foram lideradas pelos papas Paulo III (pontífice de 1534 a 1549), Paulo IV (de 1555 a 1559), Pio V (de 1566 a 1572) e Sisto V (de 1585 a 1590).

Expansão protestante e lutas religiosas

No início, a primeira reação das autoridades da Igreja Católica foi punir os principais líderes protestantes, como fizeram com Lutero e Calvino. Com isso, esperavam que as ideias dos reformadores fossem sufocadas e o mundo católico recuperasse a unidade perdida.

A tática, entretanto, não deu bons resultados. O protestantismo espalhou-se pelo continente, conquistando crescente número de seguidores. Em aproximadamente 50 anos, as igrejas protestantes tinham conseguido a adesão de cerca de 40% dos europeus ocidentais.

O mapa a seguir mostra que o movimento protestante (anglicanos, luteranos, calvinistas) disseminou-se pelo norte europeu — pelos territórios que correspondem às atuais Inglaterra, Escócia, Alemanha, Dinamarca e Suécia. Já no sul da Europa, permaneceu o domínio católico nos atuais territórios de Portugal, Espanha e Itália. No meio dessas duas áreas, havia uma zona intermediária marcada por disputas religiosas, abrangendo as atuais França, Holanda, Suíça, Áustria, Hungria e Polônia.

Difusão das reformas religiosas na Europa (século XVI)

SELMA CAPARROZ

Fonte: BARACLOUGH, Geoffrey (Coord.). *Atlas da história do mundo*. São Paulo: Folha de S.Paulo/ Times Books, 1985. p. 178-179.

Observar o mapa

- Com base no mapa e em um atlas recente, identifique países atuais onde, durante o século XVI, houve difusão da Reforma Protestante e países onde permaneceu o predomínio da Igreja Católica.

As disputas religiosas transformavam-se, frequentemente, em guerras violentas, devido à vinculação entre Estado e religião.

Um dos mais trágicos episódios das lutas religiosas ocorreu na França, em 24 de agosto de 1572, e ficou conhecido como **Noite de São Bartolomeu**. Nesse episódio, milhares de protestantes franceses (conhecidos como huguenotes) foram massacrados em Paris por forças católicas a mando do rei Carlos IX, diretamente influenciado por sua mãe, a rainha Catarina de Médicis. Nos desdobramentos desse massacre, estima-se que tenham sido mortos cerca de 20 mil huguenotes.

Noite de São Bartolomeu: o episódio foi assim chamado porque ocorreu, segundo o calendário religioso católico, no dia de São Bartolomeu, um dos apóstolos de Cristo.
Concílio: reunião de bispos, conduzida ou aprovada pelo papa, para discutir e aprovar questões relacionadas à doutrina ou à disciplina eclesiástica.

Em uma época em que a religião marcava profundamente as pessoas, a liberdade religiosa era considerada incompatível com a paz social. Considerando que sem paz não existiria ordem pública, os soberanos pretendiam impor, em seus domínios, uma única religião para todos os súditos.

Contrapondo-se a essa concepção, que vinculava o Estado a uma única religião, líderes religiosos como Menno Simons (1496-1561) pregavam que a fé era um dom de Deus e, por isso, não poderia ser imposta pela espada do governante. Mas vozes como essa ecoavam isoladas. Nessa época, a liberdade religiosa era uma ilha perdida no oceano da intolerância.

Investigando

1. Pesquise no artigo 5º da Constituição Brasileira de 1988 as regras que normatizam a liberdade religiosa no país e anote-as em seu caderno.
2. Por que é importante que o Estado contribua para a construção da tolerância religiosa? Debata o assunto com os colegas.

Medidas adotadas pela Igreja

Vejamos algumas das principais medidas adotadas pelas lideranças da Igreja, que caracterizaram a Contrarreforma.

Ordem dos Jesuítas

Em 1534, o religioso católico e ex-militar espanhol Inácio de Loyola fundou a Companhia de Jesus (também chamada Ordem dos Jesuítas). Posteriormente, em 1540, o papa Paulo III aprovou a criação dessa ordem e de seus estatutos gerais.

Inspirados na estrutura militar, os jesuítas consideravam-se "soldados da Igreja", cuja missão era, inicialmente, combater a expansão do protestantismo. Nesse contexto, Inácio de Loyola escreveu um livro intitulado *Os exercícios espirituais*, no qual apresentava formas de converter o indivíduo ao catolicismo por meio de técnicas de contemplação religiosa.

A principal estratégia dos jesuítas foi investir na criação de escolas religiosas. Eles também se empenharam na catequese dos não cristãos, isto é, na conversão ao catolicismo dos povos dos continentes recém-descobertos pelos europeus.

Concílio de Trento

No ano de 1545, o papa Paulo III convocou um **concílio**, cujas primeiras reuniões foram realizadas na cidade de Trento, na península Itálica. Em 1563, ao final de anos

de trabalho, os bispos reunidos no Concílio de Trento apresentaram um conjunto de decisões que procurava garantir a unidade da fé católica e a disciplina eclesiástica.

Foram reafirmados pontos básicos da doutrina católica, tais como:

- mantiveram-se os sete **sacramentos católicos** – batismo, crisma, eucaristia, matrimônio, penitência, ordem e unção dos enfermos;
- a concessão de **indulgências** foi legitimada. Entretanto, proibia-se a "venda de indulgências", isto é, os abusos que provocavam lucros ilícitos;
- confirmou-se que a **salvação humana** depende da fé em Deus de boas ações. A doutrina da predestinação foi rejeitada;
- reafirmou-se que o **dogma** cristão tem como fontes a *Bíblia* (cabendo à Igreja dar-lhe a interpretação correta) e a tradição religiosa cristã (conservada e transmitida pela Igreja);
- o papa manteve sua posição de sucessor de São Pedro, a quem Jesus Cristo teria confiado a missão de construir a sua Igreja;
- confirmou-se a **presença de Cristo** no ato da **eucaristia**. Essa presença real de Cristo era rejeitada pelos protestantes.

Os bispos determinaram, ainda, a elaboração de um catecismo com os pontos fundamentais da doutrina católica, a criação de seminários para a formação de novos sacerdotes e a manutenção do celibato sacerdotal.

Dogma: princípio de uma doutrina religiosa considerado certo e indiscutível.
Eucaristia: durante a missa católica, sacramento em que o pão e o vinho passam a ser o corpo e o sangue de Jesus Cristo, respectivamente.

Volta da Inquisição

Os Tribunais da Inquisição, criados pela Igreja Católica em 1231 para investigar e punir "crimes contra a fé católica", foram, com o tempo, reduzindo suas atividades em diversos países. Entretanto, com o avanço do protestantismo, em meados do século XVI, a alta hierarquia da Igreja e alguns governantes católicos decidiram reativar a Inquisição.

Uma das atribuições dos inquisidores foi a organização de uma lista, ou índice, de livros proibidos aos católicos, o *Index librorum prohibitorum*. Além disso, receberam do papa autorização para utilizar até mesmo a tortura como forma de obter a confissão dos acusados.

Leia um trecho do *Manual dos inquisidores*, livro escrito em 1376 e atualizado em 1578.

> A finalidade da tortura é obrigar o suspeito a confessar a culpa que cala. Podem-se qualificar de sanguinários todos os juízes de hoje, que recorrem tão facilmente à tortura, sem tentar, através de outros meios, completar a investigação. Esses juízes sanguinários impõem torturas a tal ponto que matam os réus, ou os deixam com membros fraturados, doentes para sempre.
>
> O inquisidor deve ter em mente que: o acusado deve ser torturado de tal forma que saia saudável para ser libertado ou para ser executado.

EYMERICH, Nicolau. *Manual dos inquisidores*. Brasília: UnB/Rosa dos Tempos, 1993. p. 210-211.

A Contrarreforma revigorou a Igreja, que assim conseguiu recuperar, pelo menos parcialmente, seus antigos domínios. Calcula-se que até meados do século XVI o número de protestantes europeus tenha-se reduzido de 40% para 20%. Na França, estima-se que, em 1562, houvesse mais de 1 milhão de protestantes. Esse número, cem anos depois, caiu pela metade.

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. Leia o texto do historiador Lucien Febvre:

> Hoje, entre todos os nossos sentidos, a visão é a que mais trabalha. Por isso, sentimos mais piedade dos cegos do que dos surdos.
>
> Para os homens do século XVI, entretanto, a visão não era tão fundamental como em nossas sociedades. Para eles, era a audição que tinha um papel predominante. Isso pode ser observado no extremo valor atribuído à música e à palavra oral. Vejamos um exemplo do valor da audição.
>
> O século XVI era um século de vida religiosa. Era o século da Reforma e da Contrarreforma. E qual a autoridade que os religiosos invocavam? A da Palavra de Deus. Que se prestassem ouvidos à Palavra de Deus.
>
> A fé é audição. Lutero dizia textualmente: somente os ouvidos são os órgãos do cristão.
>
> Assim, o homem do século XVI tinha uma extraordinária capacidade de ouvir. Por isso, eram comuns as pregações religiosas, que duravam horas, dirigidas a uma multidão que se acotovelava para ouvi-las.
>
> Hoje, sabemos das notícias lendo jornais, vendo televisão. Aqueles homens sabiam das notícias ouvindo-as de boca em boca.

FEBVRE, Lucien. O homem do século XVI. In: *Revista de História*. São Paulo, USP, n. 1, 1950. p. 11-16.

a) Como o historiador Lucien Febvre justifica sua afirmação de que a visão, no século XVI, não era tão fundamental quanto nos dias de hoje?

b) Pesquise os novos meios de comunicação que promovem a interação de palavra, música e imagens. Dê exemplos concretos.

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Sociologia e Filosofia.

2. Leia o texto do historiador Peter Burke. Em seguida, faça o que se pede.

> Para o clero, a tipografia causou problemas porque o novo meio de comunicação permitiu que gente comum estudasse os textos religiosos por sua própria conta e não dependesse daquilo que as autoridades lhe dissessem.

BURKE, Peter. A exploração da informação. In: *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 16 jul. 2000. Caderno Mais.

Na época da Reforma Protestante, o controle das informações e do conhecimento eram formas importantes de exercício do poder. E hoje?

a) O controle da informação ainda é essencial, ou seja, o dito "Saber é poder" ainda é válido? Na sua opinião quem são, hoje, os detentores do saber que gera poder?

b) O número de pessoas com acesso ao conhecimento é proporcionalmente maior? Justifique com exemplos.

c) Como é possível avaliar a qualidade das informações em um mundo abarrotado delas?

Diálogo interdisciplinar com Arte.

3. Observe as obras de arte a seguir. Qual delas expressa, de modo mais evidente, valores que podem ser relacionados ao Renascimento? Justifique sua resposta com exemplos e consulte o professor de Arte.

SOCIEDADE ARQUEOLÓGICA E HISTÓRICA AVESNES-SUR-HELPE, FRANÇA

Representação de São João Evangelista, do *Evangeliário do Abade Wedricus*, do século XII.

JACOPO ROBUSTI TINTORETTO. *A DAMA QUE DESCOBRE OS SEIOS*. C.1570/ MUSEU DO PRADO, MADRI, ESPANHA

A dama que descobre os seios, pintura de Jacopo Robusti Tintoretto feita em cerca de 1570.

De olho na universidade

4. (Enem-1999)

> […] Depois de longas investigações, convenci-me por fim de que o Sol é uma estrela fixa rodeada de planetas que giram em volta dela e de que ela é o centro e a chama. Que, além dos planetas principais, há outros de segunda ordem que circulam primeiro como satélites em redor dos planetas principais e com estes em redor do Sol. […] Não duvido de que os matemáticos sejam da minha opinião, se quiserem dar-se ao trabalho de tomar conhecimento, não superficialmente mas duma maneira aprofundada, das demonstrações que darei nesta obra. Se alguns homens ligeiros e ignorantes quiserem cometer contra mim o abuso de invocar alguns passos da Escritura (sagrada), a que torçam o sentido, desprezarei os seus ataques: as verdades matemáticas não devem ser julgadas senão por matemáticos.
>
> COPÉRNICO, Nicolau. *De Revolutionibus orbium caelestium.*

> Aqueles que se entregam à prática sem ciência são como o navegador que embarca em um navio sem leme nem bússola. Sempre a prática deve fundamentar-se em boa teoria. Antes de fazer de um caso uma regra geral, experimente-o duas ou três vezes e verifique se as experiências produzem os mesmos efeitos. Nenhuma investigação humana pode se considerar verdadeira ciência se não passa por demonstrações matemáticas.
>
> DA VINCI, Leonardo. *Carnets.*

O aspecto a ser ressaltado em ambos os textos para exemplificar o racionalismo moderno é:

a) a fé como guia das descobertas.

b) o senso crítico para se chegar a Deus.

c) a limitação da ciência pelos princípios bíblicos.

d) a importância da experiência e da observação.

e) o princípio da autoridade e da tradição.

CAPÍTULO

15

Povos africanos

A África possui os mais antigos registros arqueológicos da presença do ser humano. É um continente imenso, marcado por grande diversidade geográfica e cultural. Atualmente, as histórias dos povos desse continente são cada vez mais pesquisadas e estudadas.

Que elementos culturais africanos podem ser encontrados em nosso cotidiano?

PHOTO SCALA, FLORENCE/GLOW IMAGES

Escultura em metal produzida no século XVII. Representa um rei e guerreiros do Benin, atual país do continente africano. Pertence ao acervo do Museu Nacional da Nigéria.

Treinando o olhar

1. Essa escultura pode ser considerada uma fonte histórica? Por quê?

2. Na sua interpretação, qual figura representa o rei? Justifique sua resposta.

3. A partir desse objeto, que hipóteses podemos levantar sobre a sociedade que o desenvolveu?

África

A imensidão de um continente

A África é um continente com mais de 30 milhões de km², aproximadamente 3,5 vezes o território brasileiro atual. Abrange uma população superior a 1 bilhão de habitantes, distribuídos por 54 países (em 2015). É o segundo continente mais populoso, superado apenas pela Ásia. No entanto, a produção de bens e serviços da África contemporânea corresponde a apenas 2,5% do PIB mundial.

O continente africano nunca foi homogêneo. Ao contrário, sempre se caracterizou pela pluralidade de paisagens, povos, sociedades e culturas. Para conhecê-lo, estudiosos costumam adotar a seguinte divisão:

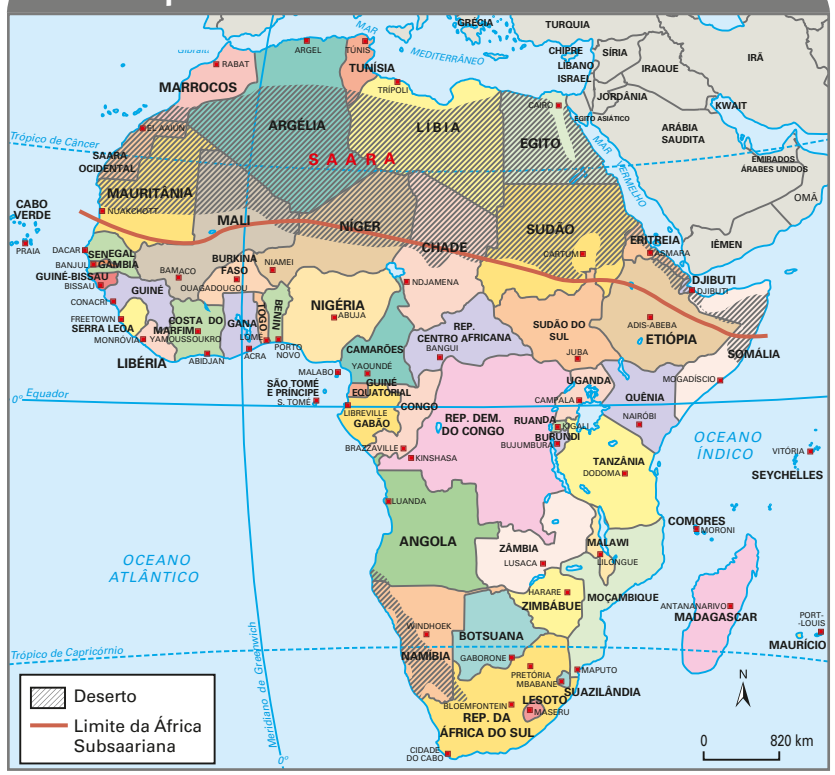
- **África setentrional** – corresponde a todo o norte do continente, região quase inteiramente dominada pelo deserto do Saara, cuja área, que abrange 9 065 000 km², é maior que a do Brasil. Ao longo da história, essa região foi ocupada por sociedades como a dos antigos egípcios, dos cartagineses e dos muçulmanos;
- **África subsaariana** – corresponde ao território africano situado ao sul do Saara. Nessa região estabeleceram-se reinos e impérios como os de Gana, Mali, Songai, Ifê, Benin, Kano, Zaria, Congo e Zimbábue, entre outros.

Apesar dessa divisão tradicional, não podemos reduzir o continente africano a apenas "duas Áfricas". Nas palavras do historiador brasileiro Alberto da Costa e Silva, o estudo dos povos africanos revela que:

> [...] a África é rica em diversidade, fraciona-se em incontáveis culturas e fala numerosíssimos idiomas.
>
> Calcula-se que existam na África cerca de 1250 línguas diferentes. [...]
>
> Alguns desses idiomas, como o hauçá, são falados por dezenas de milhões de pessoas e numa área geográfica extensíssima.

SILVA, Alberto da Costa e. *A enxada e a lança. A África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 50-51.

Divisão política da África atual



SELMA CAPARROZ

Fonte: CALDINI, Vera; ÍSOLA, Leda. *Atlas geográfico Saraiva*. São Paulo: Saraiva, 2013. p. 148 e 152.

África subsaariana

Sorgo: cereal semelhante ao milho. Está entre os cereais mais cultivados do mundo, tal como o trigo, o arroz e o milho.
Enxó: instrumento cortante muito usado em carpintaria.

Nas regiões subsaarianas, os povos africanos sempre transformaram a natureza e construíram culturas. Esses povos cultivavam plantas como o **sorgo**, o arroz, o inhame, o trigo, a cevada, a banana, o quiabo e as pimentas. A partir do século XVI, também passaram a cultivar plantas originárias do Brasil, como a mandioca, o ananás (abacaxi), o cacau, o tabaco, o amendoim, o caju, a goiaba e o feijão.

Os instrumentos agrícolas mais utilizados eram a enxada, o pau de escavar e a pá. Devido à influência egípcia, o arado também foi muito utilizado na região da antiga Etiópia, bem antes do século XVI.

Havia também sociedades que se dedicavam à criação de animais como bois, cabras, asnos, aves e ovelhas. Nas regiões próximas ao Saara houve — e ainda há — criação de camelos.

Na atividade artesanal, os distintos povos da África subsaariana desenvolveram:

- **cerâmica** – fabricavam vasos, potes, moringas e canecas, entre outros objetos;
- **tecelagem** – confeccionavam panos, esteiras, cestas etc.;
- **carpintaria** e **marcenaria** – construíam canoas, bandejas, pilões, portas, colunas e vigas para casas, assentos etc.;
- **metalurgia** – trabalhavam ouro, cobre, ferro, chumbo e estanho. Com esses metais, produziam objetos e ornamentos variados. A partir do ferro, por exemplo, fabricavam facas, machados, enxadas e **enxós**.

HEINI SCHNEEBELI/THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/COLEÇÃO PARTICULAR

Recipiente de cerâmica criado no século X pelos igbos, que vivem no atual Camarões.

WERNER FORMAN/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES/MUSEU DE ARTE, DALLAS, EUA

Arma de metal, provavelmente uma faca-foice. Foi produzida entre os séculos XIX e XX pelos Kota, povo banto que vive no atual Gabão. Observe que sua lâmina tem o formato do bico de um tucano.

Também foram importantes para o desenvolvimento das sociedades as trocas culturais e comerciais realizadas entre as diferentes regiões africanas e as áreas fora do continente. Na Antiguidade, houve contatos, por exemplo, entre os cuxitas e os egípcios (retome o capítulo 5). Posteriormente, os povos muçulmanos do norte da África expandiram sua cultura e religião por um vasto território ao sul do Saara. E, na África oriental, foram significativos os contatos com persas, indianos e árabes. Os principais produtos desse comércio de longa distância eram sal, ouro, cobre, marfim, peixe seco, gado (bois, camelos, cabras, carneiros), sorgo, cevada, trigo, entre outros.

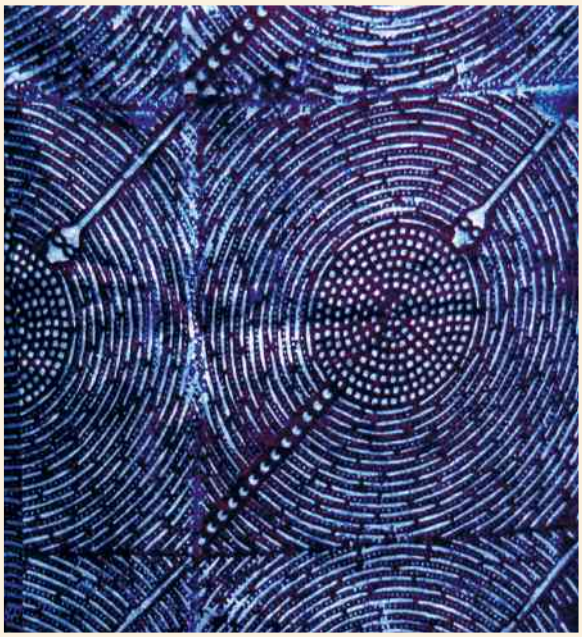
Em destaque — Tecidos africanos

A tecelagem africana começou a se desenvolver há, provavelmente, mais de mil anos. Utilizando diversos instrumentos e matérias-primas, os povos da África produziram e ainda produzem tecidos surpreendentes, que variam conforme a cultura de cada povo.

ZUTE LIGHTFOOT/ALAMY/FOTOARENA

Tecido *kente* fabricado pelos axântis, que vivem no atual país de Gana. No passado, esse tipo de tecido, feito de seda e algodão, era usado apenas pelo rei. Seus desenhos podem simbolizar um conceito, um provérbio popular ou um acontecimento histórico.

EDUCATION IMAGES/UIG VIA GETTY IMAGES



A técnica adire é utilizada pelos iorubás, que usam uma substância impermeabilizante para fazer desenhos sobre o tecido. Quando o tecido é mergulhado na tinta, as partes desenhadas ficam protegidas e permanecem na cor original. O tecido que aparece nesta imagem foi produzido por iorubás que vivem na Nigéria. Recebeu tinta azul e foi impermeabilizado com amido. Fotografia de 2012.

Segundo a pesquisadora Laure Meyer,

> Em África, até há muito pouco tempo, os tecidos não eram geralmente destinados a aquecer ou a preservar das intempéries. Traduziam o desejo de agradar e o sentimento estético próprio dos africanos. Eram concebidos essencialmente para serem vistos, para servirem de adorno e manifestarem com vigor a presença daquele que os usava. [...]

MEYER, Laure. *Objetos africanos:* vida quotidiana, ritos, artes de corte. Lisboa: Centralivros, 2001. p. 63.

1. De acordo com a pesquisadora Laure Meyer, qual é a importância dos tecidos entre os povos africanos?
2. Em sua opinião, os jovens de hoje afirmam suas identidades através das roupas que usam? Como isso acontece? Debata o assunto com os colegas.

Visão preconceituosa

Durante muito tempo houve concepções preconceituosas em relação aos povos da África subsaariana. Tais concepções os reduziam a sociedades homogêneas, movidas apenas por costumes considerados "selvagens" e crenças animistas. São animistas as crenças que personificam certos fenômenos da natureza, atribuindo-lhes alma. O termo "animista" deriva do latim *anima*, que significa alma.

Havia uma visão dos povos ao sul do Saara que os interpretava como animalescos. Eram considerados povos sem racionalidade, submetidos à natureza e incapazes de gerar cultura.

A partir da segunda metade do século XX, porém, as pesquisas históricas e antropológicas sobre as sociedades subsaarianas passaram a questionar, pouco a pouco, a visão anterior, marcada por preconceitos, equívocos e desinformações. Novos estudos recuperaram a diversidade dos povos africanos e suas múltiplas culturas, desenvolvidas ao longo de milênios de história.

Investigando

- Você conhece algum filme ou livro que conte uma história ambientada no continente africano? Qual? Como os povos africanos foram representados?

Sociedades africanas

Reinos da costa ocidental da África

Na África subsaariana existiu imensa pluralidade de organizações sociais. Alguns povos viviam em pequenas aldeias de caçadores-coletores, outros viviam da agricultura e da criação de animais. Havia também aqueles que desenvolveram estruturas sociais como cidades-Estado, reinos ou impérios, nas quais haviam instituições criadas especificamente para o exercício do poder político, econômico, militar etc.

Vejamos, a seguir, alguns aspectos de três reinos africanos da costa ocidental que caracterizam a diversidade do continente africano: Gana, Mali e Congo.

Reinos de Gana, Mali e Congo

Fonte: MELLO E SOUZA, Marina. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2006. p. 39; DUBY, Georges. *Atlas historique mondial*. Paris: Larousse, 2006. p. 216.

Reino de Gana

Na África ocidental, ao sul do deserto do Saara, formou-se o Reino de Gana. Esse reino se desenvolveu aproximadamente entre os séculos IV e XII, em decorrência da união política de diversas aldeias. Atingiu seu apogeu político e econômico do século IX a meados do século XI, sob a dinastia Tunkara.

Uma das importantes fontes de poder dos reis ganenses era a grande quantidade de ouro existente na região. Estima-se que, até a conquista da América, esse reino tenha sido o principal fornecedor de ouro para regiões europeias e árabes. No comércio entre Gana e o norte da África — feito por caravanas que cruzavam o Saara —, os ganenses trocavam ouro principalmente por sal. O comércio de sal na época era bastante importante, dada a raridade desse mineral. Em algumas ocasiões, o ouro era permutado por quantidades equivalentes de sal.

Segundo o historiador Alberto da Costa e Silva, o Reino de Gana pode ser considerado um Estado. Como tal, possuía um rei (*gana*), uma corte, um exército permanente e uma população que vivia sob a influência do rei.

A sociedade ganesa estava organizada de forma hierárquica e apresentava uma divisão entre pessoas livres e pessoas escravizadas. Entre as pessoas livres, existiam subdivisões sociais geradas por diferentes motivos, entre eles a ancestralidade e as atividades laborais desempenhadas. A unidade familiar era muito importante naquele reino: regida pelo homem, caracterizava uma forma de organização **patrilinear**.

Patrilinear: que se baseia na linhagem paterna.

Uma das principais cidades do Reino de Gana foi Kumbi Saleh, provavelmente localizada no sudeste da atual Mauritânia. No século XI, essa cidade possuía edificações confortáveis, com paredes grossas que protegiam contra as variações de temperatura entre o dia e a noite, frequentes na região. Outra localidade importante era Audagost, que ficava ao norte de Kumbi Saleh.

A partir do século XI, o Reino de Gana passou a ser invadido por tropas muçulmanas. A presença da religião muçulmana nessa região pode ser atestada por templos islâmicos e por uma grande mesquita instalada na cidade de Audagost.

A riqueza de Gana chamou a atenção de outros povos africanos. No início do século XII, guerreiros do Reino do Mali invadiram e conquistaram a cidade de Kumbi Saleh.

MICHAEL GRAHAM-STEWART/THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/ COLEÇÃO PARTICULAR

Escultura em ouro representando um leão. Foi produzida no século XIX pela civilização axânti, que vivia no território hoje pertencente a Gana, África.

Investigando

- O ouro e o sal eram muito valiosos no Reino de Gana. Atualmente, que bens econômicos são valiosos? Na sua interpretação, por que eles são valiosos?

Reino do Mali

A partir do século XIII, desenvolveu-se no Alto Níger o Reino do Mali, alcançando áreas dos atuais Estados africanos de Mali, Burkina Faso, Senegal e Gâmbia. A população malinesa compunha-se de várias etnias, destacando-se, entre elas, os **mandigas**, que se dividiam em diferentes clãs.

A tradição local exalta o rei (*mansa*) Sundiata Keita (c. 1217 – c. 1255) como o responsável por articular os diversos clãs mandigas para lutar contra um inimigo externo. Dessa articulação teria surgido uma relativa união política entre os clãs, dando origem ao Reino do Mali.

Sundiata teria incentivado também a agricultura naquela região, promovendo novos plantios, como de algodão e amendoim. Com os sucessores de Sundiata, o reino cresceu, atingindo o apogeu e a máxima extensão territorial no governo de *mansa* Musa, provavelmente entre 1312 e 1332. Nesse período, as extensões do Reino do Mali iam desde o litoral do oceano Atlântico (atuais Estados africanos de Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau e Guiné) até as terras altas banhadas pelo rio Níger (atuais Estados africanos de Mali e Burkina Faso, entre outros). Destacavam-se, entre as cidades do reino, Tombuctu, Djenné e Gao, importantes centros comerciais.

Tal como outros soberanos de sua dinastia, o *mansa* Musa converteu-se ao islamismo e promoveu uma peregrinação à cidade de Meca (local sagrado para os muçulmanos). Assim, organizou, em 1324, uma poderosa expedição que se tornou célebre no mundo árabe e mediterrâneo: relatos da época indicam que essa expedição compunha-se de milhares de pessoas (entre soldados e serviçais) e reunia centenas de camelos, que transportavam cerca de duas toneladas de ouro.[1]

Quando a expedição passou pela cidade do Cairo, no Egito, Musa exibiu sua riqueza oferecendo presentes em ouro aos vários representantes do governo egípcio que lhe rendiam homenagens. Ao chegar a Meca, continuou distribuindo milhares de peças de ouro em suas oferendas religiosas. A quantidade de ouro distribuída foi tão grande que o preço do metal caiu.

Após regressar ao Mali, o governo do *mansa* Musa estimulou a ida de sábios para o reino. A cidade de Tombuctu transformou-se em um centro cultural islâmico na África ocidental e, na cidade de Djenné, Musa mandou construir uma grande mesquita.

Depois do reinado do *mansa* Musa, o governo passou às mãos de seu filho, Magan, e depois às de seu sobrinho, Sulaimã.

Ao tempo de Sulaimã, o Reino do Mali demonstrava organização e segurança. A prosperidade não se distribuía de forma igualitária entre a população. Além da exploração do ouro, os malineses exerciam atividades econômicas como agricultura (arroz, feijão e algodão), pecuária (bois e cabras), pesca, artesanato, entre outras.

Com a morte de Sulaimã (1360), o Reino do Mali entrou em declínio, enfraquecido por guerras internas e ataques de inimigos externos, como os tuaregues. No século XV, conquistadores portugueses entraram em contato com os povos dessa região.

1 Cf. KI-ZERBO, Joseph. África. In: JAGUARIBE, Hélio. *Um estudo crítico da história*. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 246.

TPG/GLOW IMAGES

A mesquita de Djenné foi construída em 1280 e reconstruída em 1907, no Mali, África. É considerada a maior estrutura em adobe do mundo. O adobe é um tijolo feito de argila e outros materias, como palha ou capim. Fotografia de 2010.

Reino do Congo

Na segunda metade do século XIII, **povos bantos** formaram o Reino do Congo. Esse reino expandiu-se, ocupando territórios dos atuais Angola, Congo e República Democrática do Congo.

No Reino do Congo, algumas autoridades centralizavam o poder político e econômico. Havia um governante, chamado de *mani* Congo ("senhor do Congo"), e vários funcionários de destaque como o chefe de palácio, os chefes das províncias, os coletores de impostos, um juiz supremo e um sacerdote principal.

O rei recebia tributos (na forma de alimentos, tecidos, sal, metais valiosos etc.), administrava a justiça e controlava o comércio. A autoridade do *mani* Congo compreendia também a dimensão religiosa.

A capital do reino era Banza Congo, uma cidade grande e cercada por muralhas. De acordo com a historiadora Marina de Mello e Souza, no início do século XVI,

> Banza Congo [...] era uma cidade do tamanho das capitais europeias da época. O *mani* Congo vivia em construções que se destacavam das outras pelo tamanho, pelos muros que a cercavam, pelo labirinto de passagens que levavam de um edifício a outro e pelos aposentos reais que ficavam no centro desse conjunto e eram decorados de tapetes e tecidos de ráfia. Ali o *mani* vivia com suas mulheres, filhos, parentes, conselheiros, escravos, e só recebia os que tivessem nobreza suficiente para gozar desse privilégio. Na praça é que participava das cerimônias públicas e fazia contato com seu povo. Além do *mani* Congo e sua corte, moravam na cidade artesãos, comerciantes, soldados, agricultores e cativos.
>
> SOUZA, Marina Mello e. *África e Brasil africano*. São Paulo, Ática, 2006. p. 39.

Entre os artesãos, podemos citar, entre outros, ferreiros, escultores, cesteiros, poteiros e tecelões. Os comerciantes promoviam o intercâmbio de artigos como sal, peças de cobre e tecidos de ráfia. Os agricultores plantavam dendê, banana, coco, sorgo e inhame. Criavam-se animais como cabras, porcos e galinhas.

Os bantos

A palavra banto refere-se aos povos africanos que ocupam amplas regiões do centro e do sul da África. Esses povos possuem línguas aparentadas que, atualmente, são faladas por cerca de 300 milhões de pessoas na África. Algumas palavras de origem banta foram incorporadas à língua portuguesa, como: banguela, bagunça, cachaça, cachimbo, caçula, carimbo, encafifar, lenga-lenga, mambembe, maracutaia, moleque, quilombo, xingar e zonzo.

A maioria dos africanos escravizados que vieram para o Brasil pertencia aos povos bantos. Analisando seus traços culturais (língua e formas de organização, por exemplo), os estudiosos supõem que os bantos tiveram origem comum. Posteriormente expandiram-se pela África difundindo suas formas de ser e de viver: língua, agricultura, criação de animais (cabras, ovelhas e bois), metalurgia do ferro (produção de arpões, lanças e flechas com ponta de ferro etc.).

Nas palavras do historiador Alberto da Costa e Silva,

> [...] a expansão dos bantos não foi feita por exércitos, embora tivesse de valer-se aqui e ali do uso da força, mas por colonos que ocupavam territórios que lhes pareciam vazios, tão rarefeita era a população.

SILVA, Alberto da Costa e. op. cit. p. 226.

Dessa maneira, os povos bantos (bacongos, imbangalas, lundas, ambundos, xonas, zulus etc.) foram se sobrepondo ou se aliando aos demais povos ao sul do Saara.

Investigando

- Que elementos da cultura africana influenciaram a formação do Brasil? Pesquise o assunto.

Contatos entre bantos e portugueses

Em 1483, navegadores portugueses liderados por Diogo Cão estabeleceram, efetivamente, os primeiros contatos com pessoas do Reino do Congo. A partir desse encontro, portugueses e congoleses estabeleceram relações amistosas e parcerias comerciais. Como parte da aproximação e aliança entre os dois povos, em 1491 o *mani* Congo converteu-se formalmente ao catolicismo. Adotou o nome de d. João I e a capital do reino foi rebatizada de São Salvador.

O sucessor de d. João I – seu filho, Afonso I – estudou em Portugal e, durante seu reinado, procurou consolidar o cristianismo no Reino do Congo. Porém, a adesão ao cristianismo ficou restrita à família do rei e às elites que o cercavam. A maioria da população permaneceu fiel aos cultos tradicionais africanos.

A partir do século XVII, as relações amistosas entre congoleses e portugueses se degeneraram em razão de vários conflitos relacionados ao tráfico de escravos. Controlando a região de Angola, os portugueses se aliaram aos inimigos dos congoleses (*jagas*). Ao longo de sucessivos combates, saquearam as cidades do Congo e, por fim, mataram o rei congolês, em 1665.

COLEÇÃO PARTICULAR

Crucifixo de cobre feito por artista do Congo, por volta do século XVI. Símbolos cristãos foram trazidos por missionários católicos depois da conversão de parte da elite banta ao cristianismo, no final do século XV.

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. Sabe-se hoje que diversos povos africanos ao sul do Saara não desenvolveram formas de escrita. Eles contavam suas histórias por meio das tradições orais e dos vários objetos da cultura material. Assim, para terem acesso a essas histórias, os pesquisadores tiveram de superar o paradigma de que a principal fonte de estudo do passado são os textos escritos. Atualmente, a concepção de que os povos sem escrita não têm propriamente história está ultrapassada. Houve uma grande ampliação do conceito de "fonte histórica", que abrange diversas formas de registros da experiência humana, como, por exemplo, a arquitetura, a culinária, os meios de transporte, as danças etc.

Com base nessas informações, responda às questões a seguir.

a) Que produções culturais os povos africanos desenvolveram ao longo do tempo? Essas produções podem ser consideradas fontes históricas? Explique.

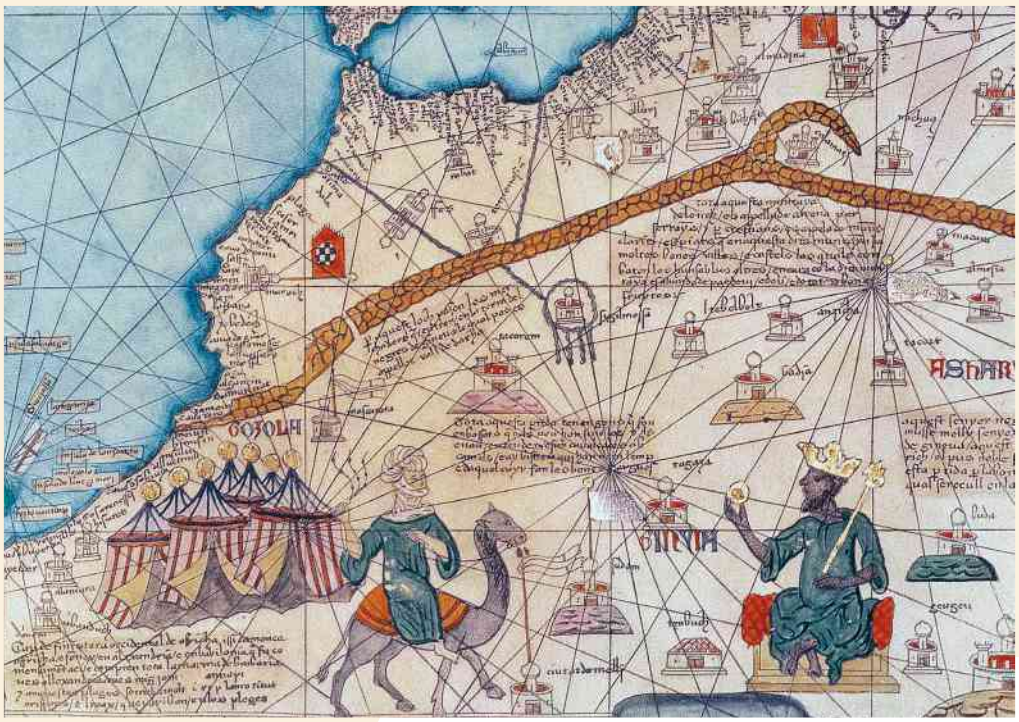
b) No seu cotidiano, o que você aprendeu através de fontes escritas (livros, revistas, *sites* etc.)? E por meio de fontes não escritas (diálogos, músicas, filmes etc.)?

2. Em grupo, discutam a afirmação: "Interessar-se pela história da África significa, também, interessar-se pela história do Brasil". Depois, escrevam um texto comentando aspectos da relação histórica afro-brasileira.

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Geografia.

3. Os mapas produzidos na Europa a partir do século XIV registravam não só referências geográficas importantes (rios, desertos, montanhas), como ofereciam indicações dos povos que habitavam as regiões mapeadas e traziam informações sobre seus hábitos, religiões e riquezas. Esses mapas, cujo principal objetivo era oferecer orientação segura aos navegantes, recebiam o nome de **portulanos**.



THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA, PARIS

Atlas Catalão, de 1375. Nesse recorte, podemos identificar a extremidade sul da península Ibérica, o estreito de Gibraltar e a parte norte do continente africano.

O portulano que você viu na página anterior é parte do *Atlas Catalão* e foi desenhado provavelmente pelo cartógrafo Abrão Cresque, em 1375, para os reis de Aragão. Observe-o com atenção e faça o que se pede.

a) Um pouco abaixo da costa norte da África, vemos representado um importante rio africano. Consulte um mapa hidrográfico da África e identifique o rio indicado. Lembre-se de que a representação do portulano não é precisa e pode distorcer tanto a localização quanto o contorno de rios, mares e montanhas.

b) Descreva os personagens representados no mapa. Retome as informações do capítulo e, com base nelas e nas referências geográficas oferecidas pelo mapa, procure identificar que povos e reinos estão sendo representados por esses personagens.

Diálogo interdisciplinar com Arte.

4. A seguir, observe uma expressão artística africana contemporânea e faça o que se pede.

PIERRE VERDY/AFP

Obra *Colégio da Sabedoria*, do artista congolês Chéri Samba, nascido em 1956. Fotografia feita em 2005, durante exposição no Centro Georges Pompidou, em Paris, França.

a) Elabore uma pequena pesquisa sobre essa expressão artística, utilizando revistas, livros e *sites*.

b) Relacione as informações encontradas e suas observações à frase: "Imensidade e diversidade são dois termos que se aplicam à África".

c) Em grupo, discutam essa afirmação e, depois, elaborem um texto com suas reflexões.

Diálogo interdisciplinar com Arte.

5. Em 1910, foi encontrada uma escultura perto da cidade de Ifé, na atual Nigéria. Tratava-se de uma cabeça de latão criada com tal habilidade técnica e artística que o objeto foi comparado às melhores esculturas clássicas gregas. Na época, alguns estudiosos europeus recusaram-se a acreditar que aquela obra de arte havia sido produzida por um povo africano. No entanto, a análise do objeto e a descoberta de outras cabeças semelhantes na região demonstraram que era uma produção artística africana. Observe, à direita, uma das chamadas cabeças de Ifé.

Cabeça de Ifé, produzida pelo povo iorubá por volta do século XVI. É, provavelmente, a representação de um governante.

GRANGER, NYC/FOTOARENA/MUSEU BRITÂNICO, LONDRES

a) A atitude de alguns pesquisadores europeus em relação à cabeça de Ifé pode indicar que havia preconceitos em relação à cultura africana? Explique.

b) As esculturas iorubás podem ser utilizadas como fontes históricas? Por quê?

c) Imagine que essa descoberta tenha ocorrido nos dias atuais. Produza uma manchete de jornal anunciando-a.

De olho na universidade

6. (Enem-2012)

> Torna-se claro que quem descobriu a África no Brasil, muito antes dos europeus, foram os próprios africanos trazidos como escravos. E esta descoberta não se restringia apenas ao reino linguístico, estendia-se também a outras áreas culturais, inclusive à da religião. Há razões para pensar que os africanos, quando misturados e transportados ao Brasil, não demoraram em perceber a existência entre si de elos culturais mais profundos.
>
> SLENES, R. Malungu, ngoma vem! África coberta e descoberta do Brasil. *Revista USP*, n. 12, dez./jan./fev. 1991-92 (adaptado).

Com base no texto, ao favorecer o contato de indivíduos de diferentes partes da África, a experiência da escravidão no Brasil tornou possível a

a) formação de uma identidade cultural afro-brasileira.

b) superação de aspectos culturais africanos por antigas tradições europeias.

c) reprodução de conflitos entre grupos étnicos africanos.

d) manutenção das características culturais específicas de cada etnia.

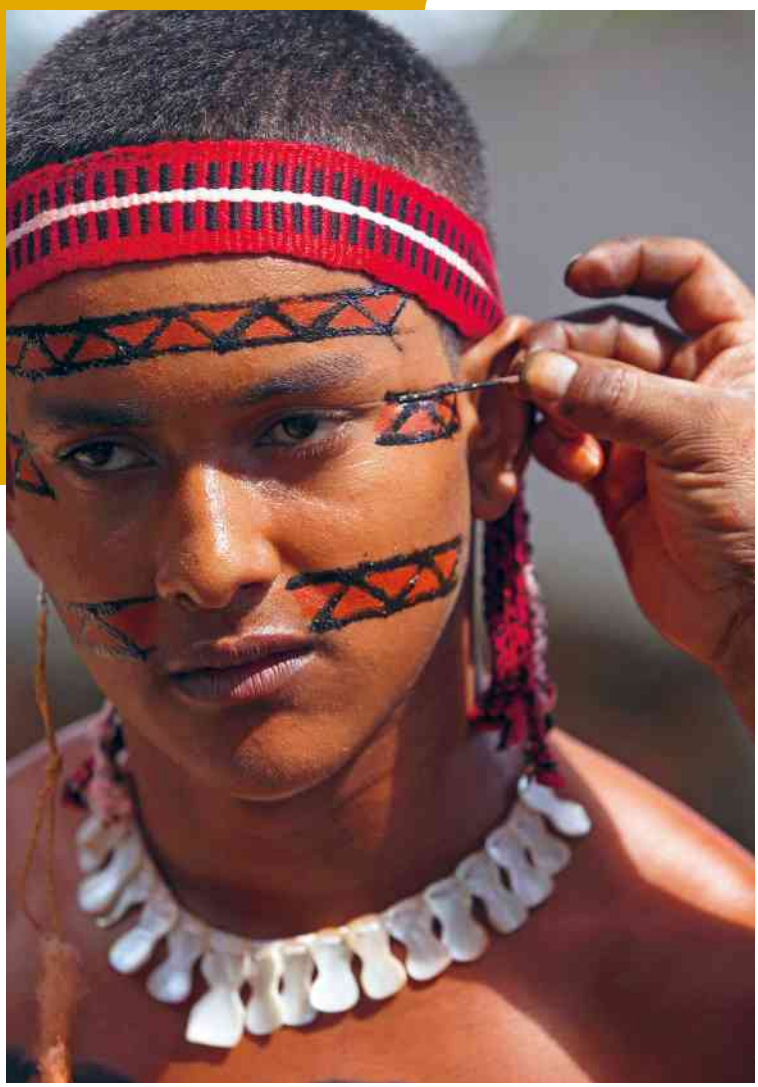
e) resistência à incorporação de elementos culturais indígenas.

CAPÍTULO

16

Povos da América

O continente americano era habitado por diversos povos, como os tupis, os maias, os astecas e os incas. Esses povos, também chamados de ameríndios, desenvolveram uma rica produção cultural que incluía belas expressões artísticas. Como eram as sociedades dos indígenas americanos?



MARIO FRIEDLANDER/PULSAR IMAGENS

No Mato Grosso, jovem indígena da etnia Boe Bororo faz pintura corporal. Fotografia de 2015.

Treinando o olhar

1. Que criações artísticas você consegue identificar nessa fotografia?

2. Levante hipóteses: que matérias-primas foram usadas para produzir essas expressões artísticas?

3. Para os povos indígenas brasileiros, a pintura corporal tem como finalidade embelezar o corpo e distinguir um grupo social de outro. Que produções culturais você conhece com objetivos semelhantes?

Povos indígenas

Diversidade étnica e cultural à época da conquista

Há muitas divergências sobre o tamanho da população indígena da América no início do século XVI. No entanto, calcula-se que cerca de 80 a 100 milhões de pessoas viviam no continente americano[1]. Essa população estava concentrada principalmente nas regiões dos atuais México, América Central e América do Sul.

No território que mais tarde formaria o Brasil, alguns cálculos indicam cerca de 2,5 milhões de indivíduos, enquanto outros chegam a aproximadamente 5 milhões. Nessa mesma época, portugueses e espanhóis — principais responsáveis pela conquista dos povos americanos —, juntos, não somavam 11 milhões de habitantes.

Ao longo do tempo, a população indígena do continente americano recebeu designações genéricas, tais como:

- **povos pré-colombianos** – isto é, anteriores à chegada de Cristóvão Colombo. O termo pré-colombiano também pode ser considerado uma expressão de construção eurocêntrica;
- **povos nativos** – isto é, que são naturais de um local e viveram em um determinado lugar (no caso, as terras que os europeus chamaram de América).

Ao chegar à América, Colombo chamou incorretamente de "índios" os habitantes desse continente porque pensava ter chegado às Índias. Por trás desse nome genérico, encontrava-se um grande número de sociedades com culturas ricas e variadas. Podemos, por exemplo, distinguir entre os povos que habitavam o continente americano grupos como:

- Aruaques, jês e tupis-guaranis (do atual Brasil) e iroqueses e sioux (da América do Norte). Todos esses povos praticavam a caça, a pesca e a coleta, além de dominar técnicas agrícolas. Utilizavam utensílios e instrumentos de pedra e madeira e conheciam a técnica da cerâmica. Deslocavam-se periodicamente em busca de recursos necessários à sua sobrevivência e organizavam-se em grupos ligados por parentesco;
- Maias, incas e astecas (das Américas Central e do Sul). Esses povos dominavam técnicas agrícolas mais elaboradas e possuíam conhecimentos significativos sobre arquitetura, matemática e astronomia. Além disso, desenvolveram um governo centralizado (exceto os maias) e sistemas próprios de escrita (exceto os incas).

Estudaremos, neste capítulo, alguns aspectos das sociedades tupis, maias, incas e astecas.

COLEÇÃO PARTICULAR

Perfis indígenas. Aquarela de Jean-Baptiste Debret, produzida em cerca de 1817-1829.

1 Cf. CHAUNU, Pierre. *Conquista e exploração dos novos mundos (séc. XVI)*. São Paulo: Edusp, 1984. p. 406.

Densidade populacional na América (século XV)

SELMA CAPARROZ

Fonte: COE, Michael; SNOW, Dean; BENSON, Elizabeth. *A América antiga*: civilizações pré-colombianas. Madrid: Edições Del Prado, 1996. v. 1. p. 16. (Coleção Grandes impérios e civilizações)

Densidade populacional indígena na América (século XX)

SELMA CAPARROZ

Fonte: COE, Michael; SNOW, Dean; BENSON, Elizabeth. *A América antiga*: civilizações pré-colombianas. Madrid: Edições Del Prado, 1996. v. 1. p. 16. (Coleção Grandes impérios e civilizações).

Observar o mapa

- Compare os mapas. No século XV, as populações indígenas se concentravam em quais regiões da América? E no século XX?

Tupis

Agricultores habilidosos

No começo do século XVI, os portugueses que chegaram às terras correspondentes ao Brasil defrontaram-se com os povos tupis, que ocupavam longos trechos das áreas litorâneas e partes do interior, acompanhando o curso dos rios. Os tupis eram aparentados dos guaranis, que habitavam os atuais Uruguai, Paraguai, norte da Argentina e sul do Brasil.

Sobre esses povos, há uma série de dados provenientes de pesquisas arqueológicas, além de informações históricas baseadas, principalmente, em crônicas de missionários e viajantes europeus dos séculos XVI e XVII.

Esses indígenas, que viviam perto de rios e do mar, eram pescadores habilidosos e desenvolveram

embarcações, como a canoa e a jangada. Além disso, praticavam uma agricultura de subsistência, com o objetivo de produzir alimentos para satisfazer às necessidades do grupo. Cultivavam mandioca, milho, batata-doce, feijão, amendoim, tabaco, abóbora, algodão, pimenta, abacaxi, mamão, erva-mate, guaraná, entre outros alimentos. Muitas dessas plantas foram introduzidas, posteriormente, em outras regiões do mundo, como o milho e mandioca.

Na preparação do solo, usavam um sistema chamado coivara: os homens derrubavam árvores com seus machados de pedra e limpavam o terreno com queimadas, abrindo clareiras na mata. As mulheres, por sua vez, dedicavam-se ao plantio.

Os povos tupis constituíam aldeias formadas por cabanas feitas com madeira e cobertas com palha. Podiam deslocar-se para novas áreas por vários motivos, como o desgaste do solo, a diminuição de reservas de caça, as disputas internas entre grupos rivais ou a morte de um chefe.

Apesar de certa unidade linguística e cultural, os tupis não formavam uma etnia homogênea. Ao contrário, constituíam diversas tribos muitas vezes rivais, como tupinambás, tupiniquins, guaranis, caetés, potiguares etc.

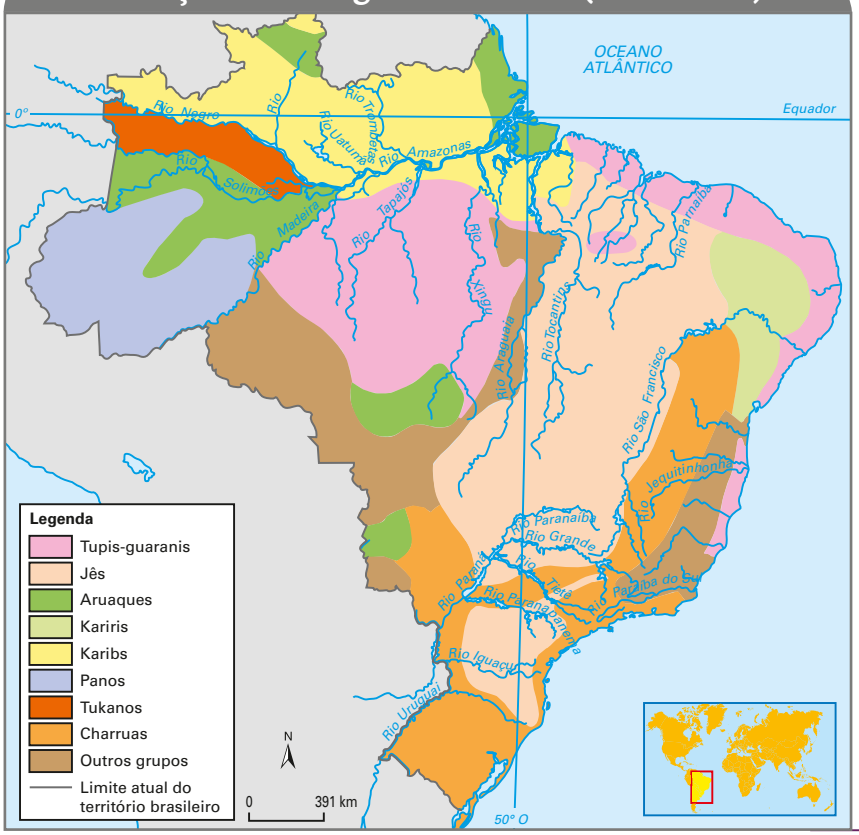
Os tupis viviam em guerra permanente contra seus adversários, fossem eles de tribos de sua própria matriz cultural ou de outras matrizes, como os jês e os aruaques. A guerra e o sacrifício de prisioneiros constituíam também uma das bases das relações entre as aldeias tupis.

FABIO COLOMBINI

Tigela de cerâmica produzida por povos tupis-guaranis. Pertence ao acervo do Museu do Santuário Nacional, na cidade de Aparecida (SP).

Distribuição dos indígenas no Brasil (século XVI)

SELMA CAPARROZ



Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel M. de et al. *Atlas histórico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986. p. 12.

Observar o mapa

- Consulte um mapa político do Brasil atual. No século XVI, que povo indígena vivia no estado em que você mora?

Em destaque — Diversidade entre indígenas

Para o antropólogo Júlio Cezar Melatti, a classificação dos povos indígenas do Brasil é um desafio.

A categoria índio abrange populações muito diferentes entre si, seja do ponto de vista físico, seja do ponto de vista linguístico, seja do ponto de vista dos costumes. Para tornar inteligível tal diversidade, os estudiosos têm tentado ordená-las através de classificações, que têm sido realizadas sob diferentes critérios.

Diversidade biológica

Os índios do Brasil, quando olhados numa perspectiva biológica, não constituem, de modo algum, um todo homogêneo. Qualquer pessoa pode constatar que em muitos grupos Tupi os indivíduos apresentam estatura sensivelmente baixa, que entre os Timbira predominam estatura média e de corpo delgado, que os índios do alto Xingu são bem mais corpulentos. Além disso, mesmo entre os membros de um mesmo grupo tribal as diferenças podem ser muito grandes, já que as relações entre as tribos, sejam amistosas, sejam hostis, levam ao intercruzamento sexual. [...]

Diversidade linguística

Não é raro encontrar pessoas que acreditam que todos os índios do Brasil falam língua Tupi.[...] Na verdade muitas outras línguas são faladas pelos indígenas do Brasil. Mas a crença de que o Tupi é a única ou a mais importante língua dos índios brasileiros tem uma explicação. É que os conquistadores portugueses encontraram todo o litoral brasileiro ocupado por índios entre os quais predominava uma língua Tupi. Esta foi a primeira língua nativa que os missionários aprenderam, a ela se afeiçoando e adotando uma atitude de desdém para com as outras línguas, que não compreendiam, chamando as tribos que as falavam de povos de "língua travada". [...]

A primeira classificação das línguas indígenas do Brasil foi aquela que as distribuía em línguas Tupi e línguas Tapuya. Tal classificação se deve aos primeiros colonizadores e missionários, que adotaram os próprios preconceitos dos índios Tupi contra os demais. Assim, enquanto as línguas classificadas como Tupi se relacionavam entre si, as classificadas como Tapuya eram as mais diversas, completamente diferentes umas das outras, e que aos missionários não interessava conhecer. Essa classificação vigorou por muito tempo até que Von Martius, no século XIX, demonstrou que as línguas Tapuya não formavam um todo homogêneo. [...] Desse modo se foi pouco a pouco chegando à tão conhecida classificação das línguas dos índios do Brasil em Tupi, Jê, Karib e Aruák, sempre presente nos livros didáticos de História do Brasil. E o termo Tapuya perdeu cada vez mais sua razão de ser. [...]

Diversidade dos costumes

A Etnologia, em seus estudos sobre o índio brasileiro, não se vale apenas das classificações linguísticas, mas também de classificações de cunho mais nitidamente etnológico, como são as divisões em áreas culturais. Uma área cultural é uma região que apresenta certa homogeneidade quanto à presença de certos costumes e de certos artefatos que a caracterizam. Muitas são as tentativas de classificação dos indígenas em áreas culturais.

MELATTI, Júlio Cezar. *Índios do Brasil*. São Paulo/Brasília: Hucitec/UnB, 1993. p. 31-34 e 43.

1. De acordo com o texto, a quem se deve a classificação das línguas indígenas do Brasil em Tupi e Tapuya? Qual é o sentido histórico dessa classificação?

2. Por que, de acordo com o antropólogo Melatti, a classificação Tupi e Tapuya foi superada?

Maias

Cidades-templos

A civilização maia desenvolveu-se na península de Yucatán, no território que atualmente corresponde a Belize, Honduras, parte do México e parte da Guatemala, na América Central. Alcançou seu apogeu no século VII. Os restos mais antigos da presença maia nessa região datam de 7000 a.C.

A economia dos maias baseava-se principalmente no cultivo de milho, feijão e batata-doce, mas eles eram também ativos comerciantes. Não conheciam, porém, o uso do ferro, da roda, do arado e do transporte por animais.

A sociedade era dirigida por poderosos sacerdotes, que coordenaram a construção de diversas cidades, que, em seu conjunto, eram templos (por isso, se diz cidade-templo). A maioria da população vivia em sua periferia ou no campo.

Os maias tinham sofisticados conhecimentos matemáticos, o que lhes permitiu construir grandes templos, pirâmides e observatórios de astronomia. Criaram um calendário bastante preciso e um sistema de escrita que utilizava um conjunto de **glifos** (sinais gráficos), gravados em materiais como pedra, cerâmica e madeira. Também desenvolveram a pintura mural e a arte da cerâmica.

Na época da chegada do colonizador espanhol (final do século XV), a civilização maia estava em processo de dominação pelos astecas.

CULTURE-IMAGES/OTHER IMAGES/MUSEU DE BELAS ARTES DE BOSTON, EUA

Vaso cilíndrico maia produzido entre 600 e 750.

Astecas

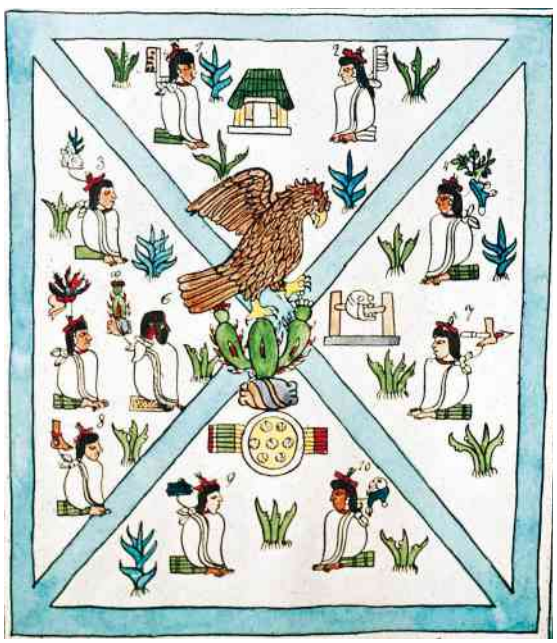
Grandes conquistadores

A civilização asteca desenvolveu-se a partir do século XII, na região do atual México. Sua capital era a cidade de Tenochtitlán, atual Cidade do México. Povo guerreiro, os astecas (também chamados *mexicas*, origem do nome México) eram governados por um rei poderoso.

Plantavam milho, feijão, cacau, algodão, tomate e tabaco. Além disso, comercializavam tecidos, peles, cerâmicas, sal, ouro e prata. Desconheciam o ferro, a roda e não usavam animais para o transporte de cargas. Dominavam, entretanto, as técnicas da ourivesaria (trabalhos manuais em ouro e prata), da cerâmica e da tecelagem.

Os astecas construíram grandes templos, desenvolveram uma forma de escrita pictográfica e ideográfica, sistema numérico e calendário próprios. Praticavam sacrifícios humanos em rituais religiosos, invocando a proteção de deuses associados a forças da natureza.

A história da conquista do Império Asteca pelos espanhóis teve início em fevereiro de 1519, quando Hernán Cortés desembarcou na península de Yucatán. Informado da grande quantidade de ouro existente no território asteca, Cortés decidiu atacá-lo. Combinando habilidade e violência, prendeu o imperador asteca, Montezuma, e saqueou a cidade de Tenochtitlán. Sobre as ruínas dessa antiga cidade, foi construída a Cidade do México.



SAMMLUNG RAUCH/INTERFOTO/LATINSTOCK/BIBLIOTECA BODLEIANA, UNIVERSIDADE DE OXFORD, INGLATERRA

Ilustração do *Códice Mendoza*, do século XVI, representando a fundação da cidade asteca de Tenochtitlán.

WORLD HISTORY ARCHIVE/ALAMY/FOTOARENA/COLEÇÃO PARTICULAR

Estatueta inca de ouro, com 1 cm de largura e 6 cm de altura, produzida entre os séculos XV e XVI. Na religião dos incas, o ouro estava associado ao deus sol Inti.

Incas

Povo das montanhas

A civilização inca desenvolveu-se por quase toda a região dos Andes que hoje corresponde a partes do Peru, do Equador, da Bolívia e do norte do Chile. Alcançou seu maior esplendor por volta do século XIV.

O Império Inca tinha como capital a cidade de Cuzco, localizada na Cordilheira dos Andes, a 3 mil metros de altitude. Era governado por um imperador considerado um deus, o filho do Sol (o Inca), que contava com chefes militares, governadores de províncias, sacerdotes e muitos funcionários. Há estimativas de que a população do império chegou a 20 milhões de habitantes.[2]

A economia dos incas baseava-se no cultivo de milho, batata e tabaco. Desenvolveram a tecelagem, a cerâmica e a metalurgia do bronze e do cobre. Sabiam trabalhar metais preciosos, como o ouro e a prata. Utilizavam a lhama, a alpaca e a vicunha como animais de carga, pois estavam bem adaptados a grandes altitudes e a baixas temperaturas. Também fiavam e teciam a lã desses animais.

IMAGEBROKER/ALAMY/FOTOARENA

A lhama é um animal típico da América do Sul. Seu nome científico é *Lama glama*. Da mesma família do camelo, ela tem alta tolerância à sede, é capaz de transportar até 60 kg e viajar, em média, 30 km por dia. Fotografia realizada na Bolívia em 2015.

ALBUM/WERMER FORMAN/AKG-IMAGES/LATINSTOCK/MUSEU ETNOLÓGICO DE BERLIM, ALEMANHA

Quipo inca produzido entre 1430 e 1530. A posição e a quantidade de nós representam números e informações.

Os incas construíram palácios, templos, estradas pavimentadas, aquedutos e canais de irrigação. Desenvolveram os **quipos**, um sistema de notação pelo qual podiam registrar números e acontecimentos. Os quipos constituíam conjuntos de cordões, às vezes coloridos, em que se davam **nós** distintos a fim de comunicar diferentes mensagens.

2 Cf. RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 137, nota 37.

A conquista do Império Inca deu-se a partir de 1531, sob o comando de Francisco Pizarro. Em 1533, Pizarro conseguiu invadir a capital inca, desestabilizando o império.

UWE GERIG/PICTURE ALLIANCE/OTHER IMAGES

Ruínas da cidade inca de Machu Picchu, construída no topo de uma montanha, a 2 500 metros de altitude. Abandonada algum tempo depois da conquista espanhola, a cidade só foi redescoberta, em 1911, pelo arqueólogo estadunidense Hiram Bingham. Fotografia de 2011.

Investigando

- Em grupo, pesquisem características da cidade inca de Machu Picchu. Elaborem um relatório sobre suas descobertas e indiquem as fontes pesquisadas.

Localização de alguns povos indígenas (século XV)

SELMA CAPARROZ

Fonte: *Atlas histórico integral*. Barcelona: Bibliograf, 1993. p. 39.

Observar o mapa

- Identifique no mapa os povos que viviam na:
  - **a)** América do Sul;
  - **b)** América Central;
  - **c)** América do Norte.

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. Leia o texto a seguir. Depois, levando-o em consideração, escreva um parágrafo relacionando os termos: estereótipo e indígena.

> Há quem pense que os índios estejam constantemente vestidos de penas. Na verdade, os adornos de plumas não são usados cotidianamente, mas apenas em ocasiões especiais, tais como durante a realização de ritos. Nenhum índio sacrifica seus enfeites de penas, confeccionados com tanto cuidado, em atividades como caçadas ou trabalho na roça.

MELATTI, Julio Cezar. *Índios do Brasil*. São Paulo: Hucitec/Brasília: Editora da UnB, 1993. p. 224-225.

2. Em grupo, pesquisem, em jornais, revistas e na internet, reportagens sobre as comunidades indígenas no Brasil atual. Sintetizem em um pequeno relatório o que encontraram. Depois, discutam com a turma o conteúdo das reportagens pesquisadas, analisando:

a) os motivos pelos quais os indígenas tornam-se notícia;

b) o modo como eles são representados.

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Biologia.

3. A antropóloga brasileira Berta G. Ribeiro afirma que os indígenas da América contribuíram de maneira decisiva para o desenvolvimento de outras culturas. Leia um texto sobre essas contribuições e, depois, faça o que se pede.

> [...] elementos de origem americana adquiridos pelos europeus depois da descoberta [...] revolucionaram a economia ocidental [...]. Os mais destacados foram certas plantas, como a batata (que deveria chamar-se americana ao invés de inglesa), o milho e a mandioca, rapidamente assimilados em todos os quadrantes do globo e que vieram enriquecer substancialmente, em aminoácidos, as carências alimentícias da população mundial.
>
> Representam, igualmente, destacado papel na economia mundial, outras plantas importadas da América, como o cacau, o tomate; plantas estimulantes e medicinais, como [...] a quinina, a ipecacuaia, a baunilha, o mate; plantas industriais como a borracha, o algodão (já conhecido na Europa e no Oriente); frutas como o abacaxi, o caju, abacate, mamão [...].

RIBEIRO, Berta Gleizer. *O índio na história do Brasil*. São Paulo: Global, 1983. p. 92.

a) Que povos da América cultivavam milho e mandioca? Você sabe o que são aminoácidos e qual é sua importância na nossa alimentação? Que alimentos, além da mandioca e do milho, são ricos em aminoácidos? Pesquise.

b) Em grupo, pesquisem sobre uma das plantas apontadas no texto. Descubram: o nome científico da planta, os povos que a utilizavam, qual era a importância dessa planta para esses povos antes da chegada dos europeus e qual é sua importância nos dias atuais. Depois, elaborem uma apresentação para os colegas.

Diálogo interdisciplinar com Arte.

4. Os astecas subjugaram diversos povos para construir seu império. Um desses povos foram os huastecas, que viviam no litoral norte do golfo do México. Os huastecas desenvolveram cidades prósperas até serem conquistados pelos astecas, em cerca de 1400. Eles não deixaram registros escritos. Analise a imagem e a legenda ao lado e responda às questões.

a) Sabe-se muito pouco sobre os significados dessa estátua para a cultura huasteca. Alguns estudiosos acreditam que é uma representação da deusa huasteca da fertilidade e da maternidade. Outros defendem que é a representação de uma pessoa da elite huasteca. Essas hipóteses se baseiam na interpretação de alguns elementos da própria estátua. Na sua opinião, quais seriam esses elementos?

b) Que hipóteses você formularia sobre os huastecas baseando-se nesse objeto?

c) Nos dias atuais, quais são os principais desafios da maternidade e da paternidade? Debata o assunto com os colegas.

UNIVERSAL HISTORY ARCHIVE/GETTY IMAGES/MUSEU BRITÂNICO, LONDRES

Escultura de figura feminina em arenito produzida pelos huastecas entre os séculos X e XVI. O corpo tem a superfície achatada e formas bastante retas. Além disso, a mulher representada segura a barriga sobressalente com as duas mãos e usa um suntuoso adorno de cabeça.

De olho na universidade

5. (Enem-2013)

> Na verdade, o que se chama genericamente de índios é um grupo de mais de trezentos povos que, juntos, falam mais de 180 línguas diferentes. Cada um desses povos possui diferentes histórias, lendas, tradições, conceitos e olhares sobre a vida, sobre a liberdade, sobre o tempo e sobre a natureza. Em comum, tais comunidades apresentam a profunda comunhão com o ambiente em que vivem, o respeito em relação aos indivíduos mais velhos, a preocupação com as futuras gerações, e o senso de que a felicidade individual depende do êxito do grupo. Para eles, o sucesso é resultado de uma construção coletiva. Estas ideias, partilhadas pelos povos indígenas, são indispensáveis para construir qualquer noção moderna de civilização. Os verdadeiros representantes do atraso no nosso país não são os índios, mas aqueles que se pautam por visões preconceituosas e ultrapassadas de "progresso".
>
> AZZI, R. *As razões de ser guarani-kaiowá*. Disponível em: <www.outraspalavras.net>. Acesso em: 7 dez. 2012.

Considerando-se as informações abordadas no texto, ao iniciá-lo com a expressão "Na verdade", o autor tem como objetivo principal

a) expor as características comuns entre os povos indígenas no Brasil e suas ideias modernas e civilizadas.

b) trazer uma abordagem inédita sobre os povos indígenas no Brasil e, assim, ser reconhecido como especialista no assunto.

c) mostrar os povos indígenas vivendo em comunhão com a natureza, e, por isso, sugerir que se deve respeitar o meio ambiente e esses povos.

d) usar a conhecida oposição entre moderno e antigo como uma forma de respeitar a maneira ultrapassada como vivem os povos indígenas em diferentes regiões do Brasil.

e) apresentar informações pouco divulgadas a respeito dos indígenas no Brasil, para defender o caráter desses povos como civilizações, em contraposição a visões preconcebidas.

CAPÍTULO

17

Expansão europeia

Nos séculos XV e XVI, Portugal e Espanha tomaram a dianteira da expansão marítima e comercial europeia.
Quais condições teriam permitido a esses países o pioneirismo nas conquistas marítimas?

BJANKA KADIC/ALAMY/FOTOARENA

A fotografia mostra detalhes do *Monumento aos descobrimentos*, erguido às margens do rio Tejo, na cidade de Lisboa, Portugal. A obra tem a forma de uma caravela estilizada, e mede cerca de 50 metros.

Treinando o olhar

1. Nesta representação, quem seria o personagem em destaque, esculpido à frente da caravela? Pesquise.

2. Na sua interpretação, o que os personagens representados carregam nas mãos? Levante hipóteses.

Estados modernos

Centralização política e sociedades nacionais

Durante o predomínio do feudalismo, a Europa dividia-se em diversos reinos. Em cada reino, o poder político era partilhado entre o rei, os grandes senhores feudais e o governo das comunas. As comunas eram cidades que adquiriram autonomia (por rebelião ou negociação) e tinham autoridade para regulamentar o comércio, instituir impostos, controlar procedimentos judiciais, preservar a liberdade do cidadão, entre outros. Não havia, portanto, um poder único ou uma autoridade central.

Nos séculos finais da Idade Média, a organização da sociedade europeia começou a mudar. Nessa época, houve um processo de fortalecimento da autoridade do rei, que resultou na formação das primeiras monarquias nacionais, ou Estados modernos.

Vejamos algumas condições que contribuíram para a desestruturação do feudalismo:

- as revoltas camponesas contra a exploração feudal;
- o desenvolvimento do comércio e a ascensão da burguesia;
- o enfraquecimento do poder da nobreza feudal.

No processo de consolidação das monarquias nacionais, os governos organizaram algumas estruturas do Estado moderno, tais como:

- **burocracia administrativa** – corpo de funcionários que, cumprindo as ordens do rei, desempenhavam as tarefas da administração pública;
- **força militar** – forças armadas (exército, marinha, polícia) permanentes, para assegurar a ordem pública e a autoridade do governo;
- **leis e justiça unificadas** – legislações nacionais e uma justiça pública atuante no território do Estado;
- **sistema tributário** – cobrança de tributos (impostos e taxas) regulares e obrigatórios, para sustentar as despesas do governo e da administração pública.

Embora a consolidação dos Estados nacionais seja considerada uma característica da Idade Moderna, esse processo não se deu no mesmo ritmo em toda a Europa. Em Portugal, por exemplo, ocorreu ainda no final da Idade Média. Na Espanha, na França e na Inglaterra, a centralização do poder foi progressiva desde o século XV. Já na Alemanha e na Itália, o processo de unificação territorial e política aconteceu somente no século XIX.

Investigando

- Os governos das monarquias nacionais organizaram algumas estruturas do Estado moderno, como burocracia administrativa, força militar, sistema tributário e leis e justiça unificadas. Esses elementos fazem parte do Estado brasileiro atual?

Portugal

A formação de um país

Portugal foi um dos primeiros países europeus a pôr em prática uma eficiente centralização político-administrativa. Vejamos alguns aspectos da história portuguesa.

Nos séculos V e VI, a maior parte dos povos que habitava a península Ibérica (romanos e germanos) converteu-se ao cristianismo. No século VIII, a região foi conquistada por muçulmanos vindos do norte da África; essa ocupação prolongou-se até o século XV.

Durante esse período, cristãos e muçulmanos alternaram momentos de luta com períodos de relativa paz, o que possibilitou variadas trocas culturais e comerciais.

Reconquista cristã

Portugal formou-se como reino independente no século XII, em meio à luta dos cristãos para expulsar os muçulmanos que ocupavam parte da península Ibérica. Essa luta cristã foi chamada de reconquista. O primeiro rei português foi d. Afonso Henriques de Borgonha (1109-1185), que, em 1139, declarou a independência da região.

ARNES EMMERSON/ROBERT HARDING/AFP

Vista do interior da grande mesquita de Córdoba, na Espanha. Foi construída por volta do ano 785, na época em que os muçulmanos ocupavam a península Ibérica. Fotografia de 2015.

Portugal foi, então, governado durante mais de duzentos anos pelos reis da dinastia de Borgonha, entre os quais destaca-se d. Dinis (1261-1325). Em seu reinado, iniciado em 1279, a organização interna do reino tornou-se uma prioridade e as fronteiras atuais do território português foram definidas.

Comércio e navegação

As diferenças religiosas entre católicos e muçulmanos que habitavam a península não impediram que os portugueses fossem influenciados pelas práticas árabes de comércio e navegação.

Em um primeiro momento, a economia de Portugal era predominantemente agrária. Os principais produtos eram vinho, azeite, trigo, cevada e aveia. Depois, a economia voltou-se também para atividades marítimo-comerciais, destacando-se a pesca e o comércio de sardinha, baleia, atum e bacalhau. Assim, com o crescimento das atividades marítimo-comerciais, também aumentou a importância social dos grupos ligados ao comércio e à navegação.

Revolução de Avis

A dinastia de Borgonha chegou ao fim em 1383, com a morte de d. Fernando, que não deixou sucessor. Os problemas de sucessão dinástica que se seguiram quase levaram Portugal a ser anexado ao reino de Castela.

Comerciantes e banqueiros portugueses, interessados na expansão da atividade marítima, uniram-se em torno de d. João (irmão **bastardo** do rei falecido) em defesa da independência política do reino.

Bastardo: filho nascido fora do casamento oficial, sendo considerado ilegítimo e, pelas regras da monarquia portuguesa, sem direito a ocupar o trono.

Esse movimento – que ficou conhecido como Revolução de Avis, pois d. João era mestre da Ordem de Cavalaria de Avis – saiu-se vitorioso. A Revolução de Avis preservou a independência política de Portugal. Com d. João no poder, iniciou-se a dinastia de Avis. Nesse período, a nobreza agrária subordinou-se aos reis, que reforçaram e centralizaram o poder político e favoreceram a expansão marítimo-comercial portuguesa.

Fontes: KINDER, Hermann; HILGEMANN, Werner. *Atlas histórico mundial*: de los orígenes a la Revolución Francesa. Madri: Ediciones Istmo, 1982. p. 129 e 192; VICENTINO, Cláudio. *Atlas histórico*: Geral e Brasil. São Paulo: Scipione, 2011. p. 89.

Expansão

A conquista do mundo pelos europeus

Desde o século XI, em Portugal, setores ligados à administração pública e à burguesia ambicionavam enriquecer por meio da expansão da atividade marítimo-comercial. Entretanto, os comerciantes da península Itálica, principalmente das cidades de Gênova e Veneza, dominavam o lucrativo comércio de especiarias (cravo, pimenta, noz-moscada, canela, gengibre) e de artigos de luxo (tapetes, tecidos de seda, objetos de porcelana), que vinham do Oriente (Ásia e África).

Os comerciantes de Gênova e Veneza compravam os produtos orientais nos portos de Constantinopla, Trípoli, Alexandria e Túnis e os revendiam na Europa Ocidental por preços altos. Para dominar esse comércio, genoveses e venezianos controlavam as rotas do mar Mediterrâneo.

A alternativa encontrada pelos comerciantes portugueses para participar desse comércio, rompendo com o monopólio de genoveses e venezianos, foi investir na descoberta de um novo caminho para o Oriente pelo oceano Atlântico, tendo como base os projetos de alguns navegadores da época.

Grandes Navegações: termo usado para designar o ciclo de viagens marítimas de longa distância realizadas pelos europeus, principalmente portugueses e espanhóis.

Desse modo, teve início a época das **Grandes Navegações**, que expandiram os limites do mundo até então conhecido pelas sociedades europeias. Essas sociedades desconheciam terras como a América, a Oceania e grande parte da África e da Ásia. Conheciam parcialmente o oceano Atlântico e desconheciam os oceanos Pacífico e Índico.

Condições técnicas

O projeto de expansão marítimo-comercial português também foi possibilitado pelo desenvolvimento técnico-científico iniciado na Idade Média, que levou ao aperfeiçoamento da arte da navegação, permitindo viagens de longa distância. Vejamos algumas das inovações técnicas mais destacadas:

- **caravela** – foi a principal embarcação marítima utilizada nas Grandes Navegações. Desenvolvida pelos portugueses, era um navio de estrutura leve movido pelo vento; sua principal característica era a vela de formato triangular (latina), que podia ser ajustada em várias direções para captar a força eólica (do vento). Assim, qualquer que fosse o sentido do vento, a caravela podia navegar na direção desejada pelo piloto;
- **cartografia** – com as viagens marítimas, a elaboração de mapas teve significativo avanço. A partir do século XV, surgiram mapas com os primeiros registros das terras descobertas na África e na América. Esses mapas eram considerados verdadeiros segredos de Estado, mas as informações circulavam quando o navegador de um país passava a servir a outro;
- **bússola** – instrumento de orientação espacial introduzido na navegação europeia desse período, cuja invenção é atribuída aos antigos chineses. Foram os árabes, porém, que a levaram, assim como o astrolábio, para a Europa.

Por último, a progressiva aceitação da noção de que a Terra é esférica também favoreceu as Grandes Navegações.

Investigando

- No seu cotidiano, você utiliza mapas e instrumentos de orientação espacial? Quais?

Os riscos das viagens

Durante o século XV, não se tinha certeza sobre o tamanho e a forma do planeta. Quase todos tinham receio das longas viagens marítimas, especialmente quando se navegava pelo oceano Atlântico, conhecido na época como "Mar Tenebroso". Além disso, fantasias e lendas criavam um clima de insegurança entre os marinheiros, cuja vida não era fácil nos navios.

As acomodações nos navios eram imundas, rústicas e apertadas. Nas longas viagens, alguns marinheiros morriam de escorbuto, devido à escassez de legumes e verduras (fontes de vitamina C) na alimentação. Sobreviver a essas dificuldades era realmente uma façanha.

NATIONAL MARITIME MUSEUM LONDON UK/DIOMEDIA

Bússola produzida no século XVI. Encontra-se no acervo do Museu Nacional Marítimo de Londres, Inglaterra.

Contudo, a possibilidade de enriquecimento fazia com que muitos participassem das grandes viagens, mesmo temendo os perigos do mar. O tempo e a experiência marítima mostraram que certos medos eram reais (tempestades e naufrágios) e outros eram imaginários (monstros marinhos e abismos, por exemplo).

Investigando

- Você sabe qual é a importância das vitaminas em nossa alimentação? Pesquise alimentos que sejam ricos em vitaminas.

Em destaque — O que são especiarias?

A palavra especiaria deriva do latim *especia*, que significa "substância ativa e valiosa". As especiarias eram utilizadas principalmente em remédios, perfumes, temperos e conservação de alimentos.

Muitas regiões agropastoris da Europa sofriam com a falta de forragem de inverno (folhas e grãos) para alimentar o gado. Assim, grande quantidade de animais era abatida no outono, e sua carne tinha de ser conservada para o consumo até o inverno seguinte. Disso decorria a valorização dos condimentos, pois conservavam a carne e melhoravam seu sabor e aroma. Além das especiarias, usava-se o sal, que era um conservante mais barato e comum.

- De que maneira especiarias como cravo, pimenta, noz-moscada, canela e gengibre são utilizadas atualmente?

Navegações

Pioneirismo e conquistas portuguesas

Portugal foi o primeiro país a empreender as Grandes Navegações no século XV. Entre os motivos apontados pelos historiadores para esse pioneirismo, podemos destacar: a centralização administrativa, os interesses dos grupos sociais, a ausência de guerras e a própria posição geográfica do país.

A **centralização política**, realizada durante a dinastia de Avis, permitiu que a monarquia passasse a governar em sintonia com os projetos da burguesia.

Os **interesses** de vários grupos sociais convergiam para a expansão marítima. O rei desejava aumentar seus poderes e as receitas do Estado. A burguesia ambicionava fazer bons negócios e aumentar seus lucros. A nobreza podia servir ao rei e conquistar cargos na burocracia do Estado. E as pessoas mais pobres viam nas grandes navegações uma possibilidade de melhorar suas condições de vida.

A **ausência de guerras** em Portugal também favoreceu a expansão. No século XV, vários reinos europeus estavam envolvidos em confrontos militares. O reino de Castela (que daria origem à Espanha), por exemplo, ainda lutava para expulsar os mouros da península Ibérica. A França e a Inglaterra encontravam-se envolvidas na Guerra dos Cem Anos (1337-1453). Acredita-se que tais disputas tenham contribuído para atrasar a entrada desses países na história das Grandes Navegações.

A **posição geográfica** de Portugal, banhado pelo Atlântico, também facilitou a expansão portuguesa por "mares nunca dantes navegados", como se referiu ao fato o poeta Luís Vaz de Camões.

Fases da expansão

A conquista de Ceuta — um rico centro de negócios dominado pelos muçulmanos —, no norte da África, em 1415, marca o início da expansão portuguesa. Ela foi coordenada pelo filho do rei, que ficou conhecido como d. Henrique, o Navegador. Saqueada pelos portugueses, Ceuta perdeu parte de sua importância como centro comercial, pois os árabes deixaram de abastecê-la.

Périplo Africano

Ao longo do século XV, os portugueses avançaram pelo Atlântico, sempre contornando o continente africano, o que ficou conhecido como Périplo Africano.

Nesse percurso, foram estabelecendo feitorias, que serviam de entrepostos para a obtenção de produtos do seu interesse (ouro, sal, marfim e pimenta, entre outros), e passaram a participar da escravização dos povos africanos. A partir do século XVI, comercializaram os africanos escravizados para a América.

Chegada às Índias

A grande aventura marítima portuguesa, que durou quase um século, culminou com a chegada de Vasco da Gama à cidade de Calicute, em 1498. Essa viagem provocou muito entusiasmo entre os portugueses.

Vasco da Gama retornou, em 1499, com um carregamento que superava em 60 vezes o custo da expedição. Dessa maneira, o reino de Portugal realizava seus objetivos: descobrir um novo caminho para o Oriente e participar do lucrativo comércio de especiarias, até então dominado por genoveses e venezianos.

FRÉDÉRIC SOREAU/PHOTONONSTOP RM/GETTY IMAGES

Detalhe de painel de azulejos na cidade de Portimão, na região de Algarve, em Portugal, com representação da chegada de Vasco da Gama às Índias, no século XV.

Chegada à América pelo Brasil

Depois do retorno da expedição de Vasco da Gama, o rei d. Manuel decidiu enviar às Índias uma poderosa esquadra, a fim de estabelecer relações comerciais com o Oriente.

Essa esquadra partiu de Lisboa no dia 9 de março de 1500, tendo como destino principal a cidade de Calicute. Era composta de 13 navios e conduzia uma tripulação de aproximadamente 1 500 pessoas, entre elas navegadores, padres, soldados, intérpretes e comerciantes. O comando da expedição foi entregue a Pedro Álvares Cabral, nobre português sem grande experiência marítima.

No decorrer da viagem, a esquadra de Cabral afastou-se da costa africana, dirigindo-se mais para oeste, até atingir as terras que hoje correspondem ao Brasil, mais especificamente ao sul da Bahia. As razões desse afastamento — se propositado ou acidental — são discutidas até hoje entre os historiadores.

A primeira aproximação ocorreu no dia 22 de abril, quando os portugueses avistaram um monte, batizado de monte Pascoal (por ser a semana da Páscoa). A terra recebeu o nome de Vera Cruz, posteriormente alterado para Terra de Santa Cruz. O nome atual, Brasil, passou a ser adotado em aproximadamente 1503, devido à grande quantidade de uma árvore encontrada no litoral, chamada pau-brasil. Os comerciantes de pau-brasil ficaram conhecidos pela designação de brasileiros, que depois passou a identificar as pessoas nascidas no Brasil.

Após subir 130 quilômetros costeando o continente, em 2 de maio, a esquadra de Cabral deixou a região que corresponde hoje a Porto Seguro (Bahia) e seguiu viagem em direção às Índias.

Antes, porém, o comandante determinou que o navegador Gaspar de Lemos regressasse a Portugal levando notícias das novas terras. Também encarregou o escrivão Pero Vaz de Caminha de escrever uma carta ao rei, relatando os acontecimentos.

O mapa a seguir indica os momentos mais importantes do processo de expansão marítima portuguesa.

Navegações portuguesas (século XV)

SELMA CAPARROZ

1418-1419: Expedição chega à ilha da Madeira, localizada a cerca de 1000 km de Portugal.
1431-1432: Reconhecimento do arquipélago dos Açores, localizado a cerca de 2000 km de Portugal.
1434: Gil Eanes ultrapassa o cabo Bojador, onde antes haviam desaparecido muitas embarcações.
1443: Nuno Tristão avança para o sul e atinge a Senegâmbia.
1482: Diogo Cão chega à foz do rio Zaire (hoje rio Congo) e o percorre até "descobrir" o Zaire (hoje Congo).
1487-1488: Bartolomeu Dias atinge o cabo das Tormentas (rebatizado por D. João de cabo da Boa Esperança por ter aberto a possibilidade de se chegar às Índias contornando a África).
1498: Vasco da Gama, comandando uma frota de quatro embarcações, atinge a cidade de Calicute, na atual Índia.
1500: Pedro Álvares Cabral chega à região que corresponde hoje a Porto Seguro, na Bahia. Depois a expedição rumou às Índias.

Fontes: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de et al. *Atlas histórico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: MEC/Fename, 1986. p. 100; VICENTINO, Cláudio. *Atlas histórico*: Geral e Brasil. São Paulo: Scipione, 2011. p. 90.

Observar o mapa

- A respeito das navegações portuguesas, identifique no mapa acima:
  - **a)** os continentes por elas alcançados;
  - **b)** as diferenças e as semelhanças entre os caminhos percorridos por Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral;
  - **c)** o hemisfério para onde elas se dirigiam.

Navegações espanholas

As viagens de Colombo à América

A Espanha nasceu no final do século XV, com o casamento de Fernando, rei de Aragão, e Isabel, rainha de Castela. Eles se uniram para expulsar os muçulmanos que ainda ocupavam a cidade de Granada, no extremo sul da península Ibérica.

Após a expulsão dos mouros, em 1492, Fernando e Isabel deram atenção aos planos do genovês Cristóvão Colombo, que lhes apresentou um projeto de navegação para atingir as Índias. Baseando-se na ideia de que a Terra era esférica, Colombo pretendia atingir o Oriente dando a volta em torno do mundo, ou seja, partiria da Europa e seguiria na direção oeste.

Com três embarcações (*Santa Maria*, *Pinta* e *Niña*) cedidas pelos reis espanhóis, Colombo e sua tripulação partiram no dia 3 de agosto de 1492, do porto de Palos (localizado na cidade de Cadiz, no sul da Espanha). Em 12 de outubro, chegaram a terras que pensavam ser as Índias. Por isso, seus habitantes foram chamados de índios.

Colombo comandou mais três viagens à nova terra, sempre supondo que fossem as Índias. Morreu sem saber que havia "descoberto" outro continente. Somente alguns anos depois, com as viagens de outros navegadores, principalmente do florentino Américo Vespúcio, o engano de Colombo foi esclarecido. Como Américo Vespúcio divulgou a descoberta das novas terras, elas passaram a ser chamadas de América.

SALVADOR DALÍ. *A DESCOBERTA DA AMÉRICA POR COLOMBO*, 1958-59

A descoberta da América por Cristóvão Colombo, obra realizada pelo artista catalão Salvador Dalí, entre 1958 e 1959. Integra o acervo do Museu Salvador Dalí da Flórida, EUA. Dalí é mundialmente conhecido por seus trabalhos surrealistas, que representam aspectos da realidade mesclados a elementos do inconsciente e dos sonhos.

Investigando

- Qual foi a rota proposta por Colombo para atingir as Índias? Em qual teoria geográfica baseava-se o plano de navegação de Colombo? Estabeleça relações entre essa teoria e os estudos científicos desenvolvidos durante o Renascimento, vistos no capítulo 14.

Tratado de Tordesilhas

Após a chegada de Colombo à América, os reis da Espanha apressaram-se em garantir seus direitos de posse sobre as novas terras. Para isso, pediram a intervenção do papa Alexandre VI, que era espanhol.

Assim, em 4 de maio de 1493, por meio de um documento chamado Bula *Inter Coetera*, o papa estabeleceu que as terras americanas seriam divididas entre os reis da Espanha e os de Portugal. Um meridiano (linha imaginária) situado 100 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde seria a linha divisória dessas terras: tudo o que estivesse a oeste pertenceria à Espanha, e tudo o que se encontrasse a leste pertenceria a Portugal. Com base na Bula, os espanhóis teriam assegurada a posse das terras descobertas ou ainda por descobrir. Restaria a Portugal a possessão dos territórios africanos.

Inconformado com a divisão estabelecida, o governo português forçou a negociação de um novo acordo direto com a Coroa espanhola, conhecido pelo nome de Tratado de Tordesilhas, por meio do qual se deslocava a linha imaginária para 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde. Ratificado por ambas as partes, em 1494, esse tratado novamente definia que as terras a oeste dessa linha pertenciam à Espanha e as terras a leste, aos reis de Portugal.

O "mundo descoberto" foi, assim, dividido entre portugueses e espanhóis. Obviamente, outros reis, como o da França e o da Inglaterra, não concordaram com essa divisão, como veremos adiante.

Tratado de Tordesilhas (1494)

SIDNEI MOURA

Fonte: Kinder, Hermann; Hilgemann, Werner. *Atlas histórico mundial*: de los orígenes a la Revolución Francesa. Madri: Ediciones Istmo, 1982. p. 236.

Interpretar fonte — Colombo e a América

O trecho a seguir descreve o primeiro contato de Cristóvão Colombo com os habitantes da América.

[...] vieram nadando até os barcos dos navios onde estávamos, trazendo papagaios e fio de algodão em novelos e lanças e muitas outras coisas, que trocamos por coisas que tínhamos conosco, como **miçangas** e **guizos**. [...] Andavam nus como a mãe lhes deu à luz; inclusive as mulheres, embora só tenha visto uma robusta **rapariga**. E todos os que vi eram jovens, nenhum com mais de trinta anos de idade: muito bem-feitos, de corpos muito bonitos e cara muito boa; os cabelos grossos, quase como o pelo do rabo de cavalos, e curtos [...]. Todos, sem exceção, são de boa estatura, e fazem gesto bonito, elegantes [...]. Devem ser bons serviçais e habilidosos, pois noto que repetem logo o que a gente diz e creio que depressa se fariam cristãos; me pareceu que não tinham nenhuma religião.

Miçanga: conta, geralmente de vidro, usada para fazer ornamentos.
Guizo: pequena esfera oca, contendo bolinhas, que produz som quando agitada.
Rapariga: moça jovem.

COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América*: as quatro viagens e o testamento. Porto Alegre: L&PM, 1999. p. 52-53.

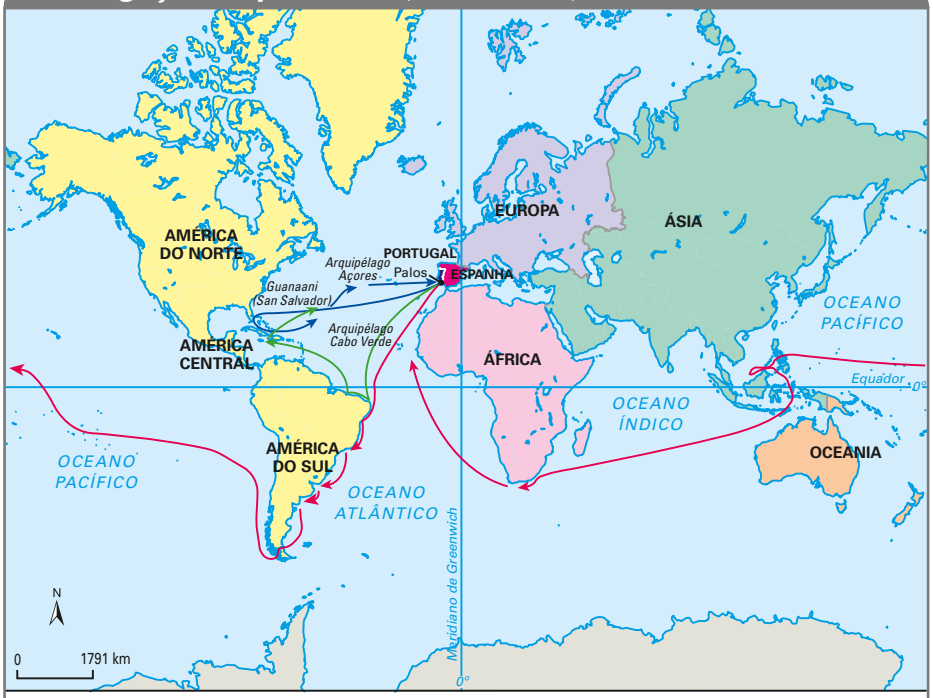
1. Como Cristóvão Colombo descreve os povos indígenas?
2. Que preocupação Colombo manifesta em relação aos indígenas? O que isso revela?
3. Debata com os colegas de que maneira a preocupação manifestada por Colombo e Cabral afetou o modo de vida dos povos indígenas habitantes da América.

Expansão espanhola

Além das quatros viagens de Colombo à América, os espanhóis patrocinaram outras expedições marítimas. Observe no mapa as trajetórias marítimas realizadas pelos espanhóis entre 1492 e 1519.

Navegações espanholas (1492-1521)

SELMA CAPARROZ



1492: Primeira viagem de Colombo.
1500: Vicente Pinzón chega à foz do rio Amazonas.
1519: Fernão de Magalhães inicia a 1ª viagem de circum-navegação da Terra, completada em 1521 sob a liderança de Sebastião d'el Cano, pois Magalhães morreu durante o trajeto.

Fontes: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de et al. *Atlas histórico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: MEC/Fename, 1986. p. 54; VICENTINO, Cláudio. *Atlas histórico*: Geral e Brasil. São Paulo: Scipione, 2011. p. 90.

Observar o mapa

- Com base no mapa, caracterize as navegações espanholas dos séculos XV e XVI, comparando-as com as portuguesas.

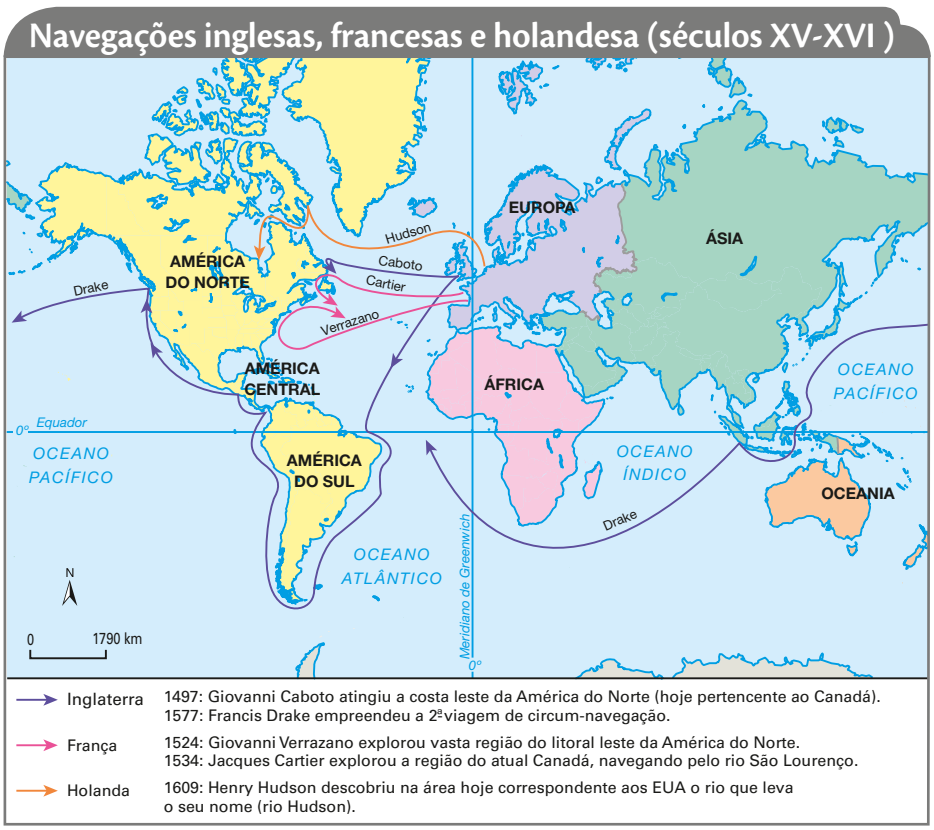
ALBUM/AKG-IMAGES/LATINSTOCK/COLEÇÃO PARTICULAR

Xilogravura representando Colombo ao desembarcar na América. O navegador aparece em segundo plano, dentro da embarcação. Obra de Giuliano Dati produzida em 1493 na cidade de Florença.

Outros caminhos

Navegações inglesas, francesas e holandesas

Interessados também em descobrir novos caminhos para as Índias, franceses, ingleses e holandeses lançaram-se às navegações marítimas, concentrando-se no Atlântico Norte, pois espanhóis e portugueses já se dedicavam às rotas do Atlântico Sul. Embora nenhum novo caminho tenha sido encontrado pelos navegadores a serviço desses países, eles passaram a explorar e a ocupar parte da América do Norte, além de praticar a pirataria. Veja, no mapa a seguir, as principais viagens empreendidas por ingleses, franceses e holandeses.



SELMA CAPARROZ

Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de et al. *Atlas histórico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: MEC/Fename, 1986. p. 100.

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/BIBLIOTECA PÚBLICA DE NOVA YORK, EUA

Gravura da viagem do corsário inglês Francis Drake às Índias. Criada em 1589 por Baptista Boazio.

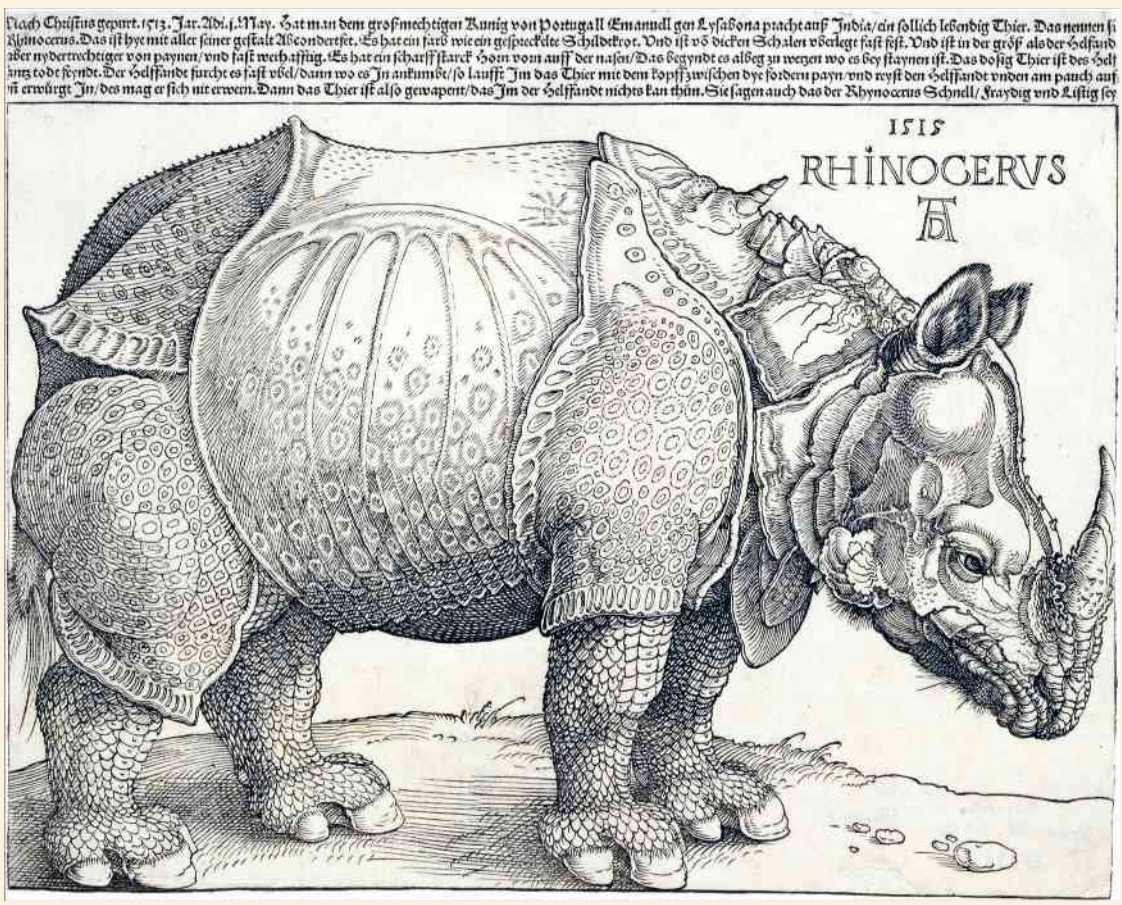
Em destaque — Rinoceronte de Dürer

Em 1515, o rei português D. Manuel I recebeu um presente inusitado: um rinoceronte indiano. Esse animal foi transportado da Índia a Portugal, em uma viagem que durou aproximadamente 4 meses. Sobre esse assunto, leia o trecho a seguir.

> [...] não apenas faziam comércio com a Índia, mas tentavam estabelecer bases permanentes lá [...]. Eles tiveram êxito principalmente graças a Afonso Albuquerque, o primeiro governador e efetivo fundador do império português na Índia, o homem que [...] trouxe o rinoceronte. Em 1514, Albuquerque abordou o sultão de Gujarat para negociar o uso de uma ilha, acompanhando sua embaixada com lautos presentes. Em troca, o sultão respondeu com outras oferendas — incluindo um rinoceronte vivo. Albuquerque parece ter ficado um tanto perplexo com essa dádiva viva e [...] enviou o animal como um presente especial para o rei de Lisboa. Colocar em um navio do século XVI um rinoceronte que pesava de uma e meia a duas toneladas deve ter sido uma tarefa e tanto. [...]

MACGREGOR, Neil. *A história do mundo em 100 objetos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2003. p. 536-537.

Em Lisboa, a chegada do rinoceronte atraiu a atenção de muita gente que nunca tinha visto o animal. Na época, difundiram-se relatos e desenhos do rinoceronte pela Europa. Inspirando-se nessas descrições, o artista renascentista Albrecht Dürer produziu uma xilogravura que ficou conhecida como Rinoceronte de Dürer.



CLASSICPAINTINGS/ALAMY/FOTOARENA/COLEÇÃO PARTICULAR

Rinoceronte de Dürer, xilogravura produzida por Albrecht Dürer em 1515.

- Elabore um texto relacionando essa obra de Dürer ao Renascimento e à expansão marítma europeia.

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. As expedições marítimas, tanto de Portugal como da Espanha, tinham entre seus objetivos expandir a fé cristã. Na sua compreensão, quais eram os interesses da Igreja Católica nesse empreendimento, no contexto da Reforma Protestante? Se necessário, retome o capítulo 14 para responder.

2. O texto a seguir foi escrito por Tzvetan Todorov, filósofo e linguista nascido em Sofia, na Bulgária. Leia o texto e faça o que se pede:

> A história do globo é, claro, feita de conquistas e derrotas, de colonizações e descobertas dos outros; mas, como tentarei mostrar, é a conquista da América que anuncia e funda nossa identidade presente. Apesar de toda data que permite separar duas épocas ser arbitrária, nenhuma é mais indicada para marcar o início da era moderna do que o ano de 1492, ano em que Colombo atravessa o oceano Atlântico. Somos todos descendentes diretos de Colombo, é nele que começa nossa genealogia — se é que a palavra começo tem um sentido. [...] A partir desta data, o mundo está fechado (apesar de o universo tornar-se infinito). "O mundo é pequeno", declarará peremptoriamente o próprio Colombo [...]. Os homens descobriram a totalidade de que fazem parte. Até então, formavam uma parte sem todo.

TODOROV, Tzvetan. *a conquista da América*: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 7.

a) Qual é a ideia central desse trecho?

b) Por que Todorov afirma que, a partir de 1492, deu-se o início da Era Moderna?

c) Reflita com os colegas a respeito do seguinte trecho: "A partir desta data [1492], o mundo está fechado". Considerando o contexto da expansão europeia e da conquista da América, o que podemos entender por essa expressão?

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Geografia.

3. Observe o mapa, produzido em 1512 pelo veneziano Jerônimo Marini, e faça o que se pede.

JERÔNIMO MARINI

O mapa *Orbis typus universalis tabula*, produzido em 1512 por Jerônimo Marini, integra o acervo da Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, no Rio de Janeiro.

a) Compare-o com um planisfério atual. Escreva um comentário apontando as diferenças e as semelhanças entre eles.

b) Em seguida, reflita com os colegas: "Os mapas são construções históricas, ou seja, são criações que caracterizam a própria época na qual foram criados". Justifique essa afirmação com elementos dos mapas observados.

Diálogo interdisciplinar com Literatura.

4. Leia as estrofes do poema "Mar português", de Fernando Pessoa:

> Ó mar salgado, quanto do teu sal
> São lágrimas de Portugal!
> Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
> Quantos filhos em vão rezaram!
> Quantas noivas ficaram por casar
> Para que fosses nosso, ó mar!
> Valeu a pena? Tudo vale a pena
> Se a alma não é pequena.
> Quem quer passar além do Bojador
> Tem que passar além da dor.
> Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
> Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1969. p. 82.

a) Consulte livros de Literatura e informe-se sobre a importância do poeta Fernando Pessoa na literatura portuguesa.

b) De que maneira o tema do desconhecido aparece no poema?

c) Interprete o poema e explique o significado dos quatro últimos versos.

De olho na universidade

5. (Fuvest)

> Os cosmógrafos e navegadores de Portugal e Espanha procuram situar estas costas e ilhas da maneira mais conveniente aos seus propósitos. Os espanhóis situam-nas mais para o Oriente, de forma a parecer que pertencem ao Imperador (Carlos V); os portugueses, por sua vez, situam-nas mais para o Ocidente, pois deste modo entrariam em sua jurisdição.

Carta de Robert Thorne, comerciante inglês, ao rei Henrique VIII, em 1527.

O texto remete diretamente:

a) à competição entre os países europeus retardatários na corrida pelos descobrimentos.

b) aos esforços dos cartógrafos para mapear com precisão as novas descobertas.

c) ao duplo papel da marinha da Inglaterra, ao mesmo tempo mercantil e corsária.

d) às disputas entre países europeus, decorrentes do Tratado de Tordesilhas.

e) à aliança das duas Coroas ibéricas na exploração marítima.

CAPÍTULO

18

A conquista da América

Se a colonização da América foi vista como uma façanha pelos conquistadores europeus, para os povos conquistados ela foi uma invasão.
Nos séculos XV e XVI, o que seria a América na visão dos europeus? E os europeus na visão dos ameríndios?

DIEGO RIVERA. *A CONQUISTA OU A CHEGADA DE HERNÁN CORTÉS A VERACRUZ*. 1951

A conquista ou a chegada de Hernán Cortés a Veracruz, detalhe de um mural criado em 1951 pelo artista mexicano Diego Rivera. A obra encontra-se no Palácio Nacional da Cidade do México.

Treinando o olhar

- A obra reproduzida acima é do mexicano Diego Rivera. Nela, o pintor expressa uma crítica à conquista e à colonização da Amércia pelos europeus. Observando a pintura, quem são os conquistadores e quem são os conquistados?

Choque de "humanidades"

O contato entre europeus e indígenas

O contato entre europeus e indígenas teve profundo impacto sobre ambos. Segundo o historiador Sérgio Buarque de Holanda, a conquista da América representou "o confronto de duas humanidades diversas, tão heterogêneas, [...] que não deixa de impor-se entre elas uma intolerância mortal".[1]

Conquista ou descobrimento?

Durante muito tempo, alguns historiadores transmitiram apenas uma visão heroica das Grandes Navegações e da expansão europeia. Essas narrativas históricas davam ênfase ao "aspecto civilizador" da chegada dos europeus à África, à América, à Ásia e à Oceania. Como os europeus desconheciam a existência do continente americano, tornou-se comum o uso da expressão "descobrimento" da América.

Mais recentemente, os historiadores passaram a analisar a chegada dos europeus à América sob novas perspectivas, valorizando a visão dos povos indígenas sobre o acontecimento. Essas análises também colocaram em evidência a destruição dos modos de vida dos indígenas e o extermínio de muitos povos que viviam na América. Por esse ângulo, defendido pelo historiador e linguista Tzvetan Todorov, a chegada dos europeus à América foi interpretada como invasão e conquista: "o encontro entre o Velho e o Novo Mundo, que a descoberta de Colombo tornou possível, é de um tipo muito particular: é uma guerra, uma conquista".[2]

Ainda segundo Todorov, inicialmente, o conquistador europeu interpretou os indígenas como mais um elemento da paisagem, como as árvores, os pássaros, os rios. Só depois, percebeu que esse outro (os indígenas) precisava ser submetido à conquista.

Essa discordância terminológica (descobrimento ou conquista) tem raízes antigas. Já em 1556, determinações oficiais do Estado espanhol proibiam o uso das palavras conquista e conquistadores, que deveriam ser substituídas por descobrimento e colonos.[3] Não se tratava, e ainda não se trata, de mera preferência por um outro termo. A análise das "rotulações" nos leva a perceber as intenções, ainda que **latentes** ou **subjacentes**. Nesse caso, o uso exclusivo da palavra descobrimento promove ocultamentos e concede primazias.

- **ocultamentos** – porque o ato de descobrir algo não envolve violência nem imposição. Quem descobre simplesmente se dá conta de algo que não se conhecia;
- **primazias (precedência, superioridade)** – porque quem descobre acaba tendo créditos ou méritos sobre aquilo que descobriu, quase como um criador. E os criadores são, em geral, vistos como superiores às criaturas.

O uso da expressão "descobrimento da América", além de ser eurocêntrico (centrado na Europa), ocultava a violência da conquista europeia e ignorava os processos históricos que tinham ocorrido no continente americano — que passou a ser chamado de "Novo Mundo" pelos europeus.

A América, no entanto, não era um "mundo novo" a ser criado ou à espera de seu descobridor. Ela havia sido "descoberta" e povoada milhares de anos antes da chegada dos europeus. E os diversos povos que a habitavam tinham próprias culturas, com seus modos de ser e viver.

Latente: que está encoberto, oculto; que está adormecido, reprimido, disfarçado.
Subjacente: que não se manifesta claramente, que existe de forma oculta.

Investigando

- Por que é importante conhecermos outros pontos de vista? Isso nos torna mais tolerantes no convívio social? Reflita.

1 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O extremo oeste*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 59.

2 TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 51.

3 Cf. ROMANO, Ruggiero. *Mecanismos da conquista colonial*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 56.

Em destaque — Descobrimento e Renascimento

As Grandes Navegações e o processo de conquista da América podem ser explicados dentro do contexto da nova mentalidade europeia no início da Idade Moderna. Essa mentalidade expressou-se no Renascimento. A esse respeito, a historiadora Janice Theodoro da Silva escreveu:

> A suposição de que a Terra era redonda e a necessidade de comprovação dessa hipótese através de uma viagem são um projeto tipicamente renascentista. [...]
>
> Ao descobrir outras culturas, o homem do Renascimento hierarquizou-as: da civilização à barbárie. Nesse sentido, o humanista constitui-se a partir de uma vontade de domínio e poder sobre todos os povos do mundo.
>
> Desenhar um mapa, construir o império, destruir outras culturas, impor a fé cristã, assinar obras de arte eram atitudes renascentistas.
>
> A América — destruída e construída a partir do padrão europeu — transformava-se em lugar de comprovação da superioridade da cultura europeia. Era necessário construir uma igreja em cima de uma pirâmide indígena. Não podia ser ao lado. [...]
>
> A invenção da perspectiva na pintura é contemporânea às Grandes Navegações. Ao mesmo tempo em que o pintor estudava as possibilidades de criar a perfeição (reprodução) em seus desenhos, os cartógrafos procuravam mapear, com observância rigorosa, todo o globo terrestre. [...]
>
> Os descobridores, ao realizarem sua obra de colonização construindo igrejas e outras edificações necessárias à conquista, e os artistas, pintando ou esculpindo na Europa, consideravam a existência de um único padrão de beleza, uma única religião verdadeira, uma cultura superior a todas as outras. Descobridores e artistas olhavam o mundo de um único ponto e a partir dele destruíam e construíam. [...]
>
> O resultado desse grande esforço renascentista, dessa "plenitude", foi suporem possuir domínio sobre a vida e a morte das populações que consideravam bárbaras. A América conheceu a expressão mais violenta desse sonho de dominação.
>
> Aqui, nesse Novo Mundo, grande parte da população foi morta por aqueles que necessitavam esculpir a sua cultura sobre as populações pré-colombianas. Não foram anos fáceis para a América. [...]
>
> O colonizador, como se fosse um escultor, talhou a América na forma em que havia imaginado. Destruía pirâmides para construir igrejas, derrubava habitações para obter o desenho da praça ou o traçado desejado para as ruas, jogava pedras nos canais para que os cavalos pudessem circular melhor na cidade. Reconstituía-se tudo o que era possível para que o núcleo urbano lembrasse a Europa. [...]
>
> Os indígenas aprendiam a pintar e a construir para que a América, cada dia mais, se apresentasse com as formas, as cores e a vida europeia. Uma multidão de artífices indígenas se esforçavam para imitar o desenho que viam em precárias reproduções trazidas pelos europeus.
>
> Por todos esses motivos analisados, a harmonia presente nos quadros renascentistas transformava-se em desarmonia no Novo Mundo.

SILVA, Janice Theodoro da. *Descobrimentos e Renascimento*. São Paulo: Contexto, 1991. p. 56-58, 63-64.

1. O texto estabelece relações entre algumas "atitudes renacentistas" e a "conquista da América". Escolha uma passagem que ilustre essa conexão e faça um comentário.
2. Considerando as ideias do texto, explique o seguinte trecho: "a harmonia presente nos quadros renascentistas transformava-se em desarmonia no Novo Mundo".

Confronto

Faces de uma conquista

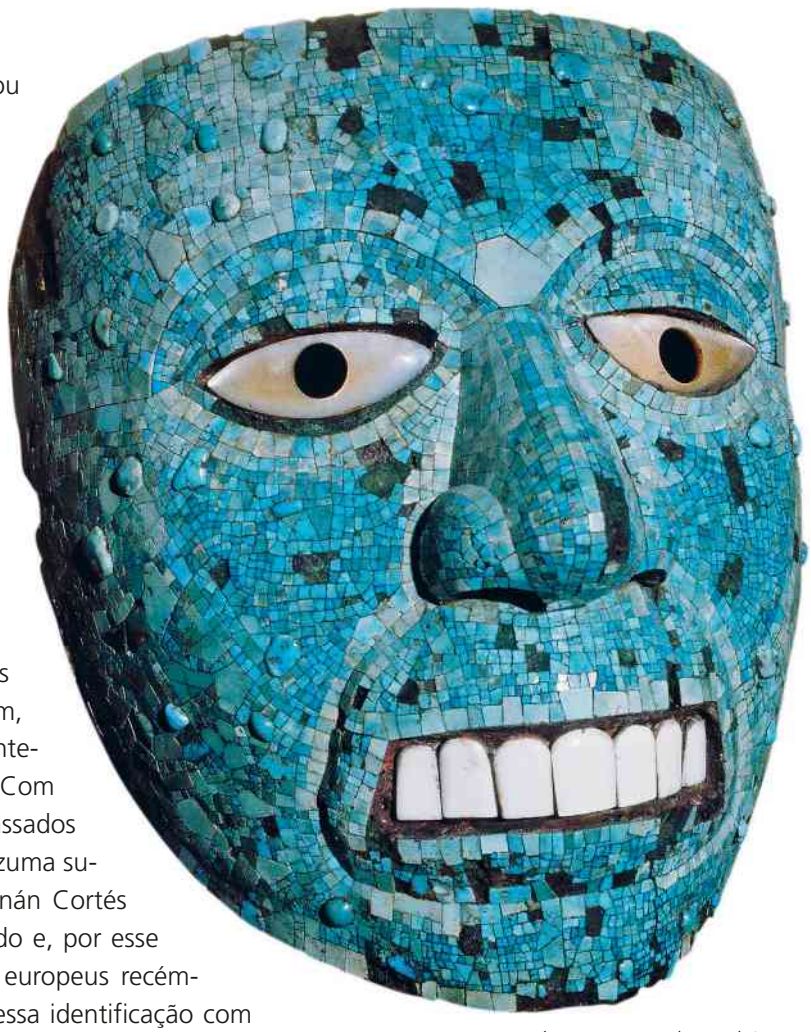
A conquista da América não foi um fato que se deu de maneira simultânea ou instantânea em todo o continente. Ela tampouco terminou com as primeiras vitórias que se seguiram aos combates travados entre europeus e indígenas. Foi um processo lento e contínuo, que durou vários séculos, mas cujas primeiras décadas foram cruciais. Grande parcela da população da América foi dizimada em um curto período (cerca de 50 anos). Algumas estimativas revelam que metade da população teria sido exterminada. Outros cálculos se referem a dois terços. Por isso, esse episódio é considerado, em seu conjunto, um dos mais violentos da história da humanidade.

Concepções indígenas

O contato com o europeu despertou muitas perguntas e ativou o imaginário dos ameríndios. Aqueles homens que chegavam eram inimigos, invasores, deuses, demônios, impostores, loucos? As concepções variavam dependendo das tradições culturais de cada povo indígena e do momento em que entraram em contato com os europeus.

Em relação a Colombo ou a Cabral, por exemplo, estima-se que a reação inicial dos indígenas tenha sido hesitante, mas de modo geral pacífica e de curiosidade.

Sabe-se também que, em outras aproximações, os ameríndios pensaram, como pensou o imperador asteca Montezuma, que os europeus eram deuses. Com base em antigos relatos de seus antepassados e em certas profecias religiosas, Montezuma supôs que o conquistador espanhol Hernán Cortés era um deus asteca que havia retornado e, por esse motivo, deu-lhe muitos presentes. Os europeus recém-chegados alimentavam, por sua vez, essa identificação com entidades sagradas para facilitar o projeto da conquista.



THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/MUSEU BRITÂNICO, LONDRES

Máscara asteca de madeira coberta por mosaico de turquesas, produzida entre os séculos XV e XVI. Acredita-se que seja uma representação de Xiuhtecuhtli, deus asteca do fogo e criador da vida.

Houve também reações de hostilidade e resistência imediata por parte dos indígenas. De modo geral, os povos nativos da América não demoraram para perceber que se tratava de uma invasão e que a chegada dos conquistadores significava perda de seus bens e territórios, deslocamento, escravidão e até mesmo extermínio.

Interpretar fonte — Visão indígena da conquista

Este texto é um "canto triste" asteca que revela a visão indígena da conquista. Leia-o com atenção.

Nos caminhos jazem dardos quebrados;
os cabelos estão espalhados.
Destelhadas estão as casas,
incandescentes estão seus muros.
Vermes abundam por ruas e praças,
e as paredes estão manchadas de miolos arrebentados.
Vermelhas estão as águas, como se alguém as tivesse tingido,
e se as bebíamos, eram água de salitre.
Golpeávamos os muros de adobe em nossa ansiedade
e nos restava por herança uma rede de buracos.
Nos escudos esteve nosso resguardo,
mas os escudos não detêm a desolação...

In: PINSKY, Jaime et al. *História da América através de textos*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 29-30.

1. Indique que imagens o autor do canto utiliza para se referir à conquista.

2. Aponte quais são as palavras que definem o sentimento do autor desse canto.

3. Quais são os versos que demonstram a tentativa de resistência dos indígenas?

JOSÉ CLEMENTE OROZCO. OS ESPANHÓIS CONQUISTAM O MÉXICO - RETRATO DE CORTEZ. 1938-1939. HOSPITAL CABAÑA, GUADALAJARA, MÉXICO.

Representação do extermínio sofrido pelos indígenas com a chegada dos europeus à América. Afresco de José Clemente Orozco, realizado entre 1938 e 1939, no Hospital Cabaña, em Guadalajara, México.

Violências contra os indígenas

Na conquista da América, os europeus utilizaram tanto a força militar como a dominação cultural. Os povos indígenas foram impactados, portanto, não só pela agressão física, mas também por várias formas de violência e imposição em termos econômicos, psicológicos etc.

As armas militares

Os conquistadores europeus levavam grande vantagem militar nos confrontos devido à superioridade de suas armas em relação às dos povos da América. Essa superioridade se expressava pelo uso que faziam, por exemplo, da pólvora, do cavalo e do aço.

As **armas de fogo** (mosquete, arcabuz, canhão) foram utilizadas pelos conquistadores, o que evitava o combate corpo a corpo. Como essas armas eram desconhecidas pelos indígenas, a explosão dos tiros também provocava susto.

O **cavalo** permitia aos conquistadores espanhóis grande mobilidade durante os combates. Os indígenas não conheciam esse animal e, por isso, o temiam. Além disso, no princípio da conquista, os indígenas supunham que cavaleiro e cavalo fossem inseparáveis.

O **aço** era utilizado para fabricar armas resistentes (espadas, lanças, punhais, escudos, **alabardas**), que davam aos conquistadores mais recursos de luta.

Já as principais armas empregadas pelos indígenas eram arcos, flechas envenenadas, pedras, lanças, machados e atiradeiras de pedra.

Alabarda: arma metálica formada por haste longa, extremidade pontiaguda e lâmina cortante.

As doenças contagiosas

A superioridade do armamento europeu não explica, isoladamente, a dominação dos espanhóis e dos portugueses. Afinal, os ameríndios eram numericamente superiores – tanto que, em certos combates, eram cerca de 500 a mil indígenas para cada europeu.

Para compreender a conquista, deve-se levar em conta outro elemento significativo: as doenças contagiosas europeias, como sarampo, tifo, coqueluche, varíola e gripe. Essas doenças eram, em geral, letais para os ameríndios, que não tinham resistência imunológica contra elas. Por se espalharem rapidamente, elas provocaram epidemias que acabaram matando milhares de indígenas.

Quando contaminados por essas doenças, que desconheciam e não sabiam como combater, os indígenas sofriam duplo impacto (físico e psicológico). Supunham, muitas vezes, que estavam sendo castigados por seus deuses, e acabavam se entregando a um sentimento de apatia.

Investigando

- Muitas das doenças trazidas pelos europeus para a América não eram conhecidas pelos nativos. O que é "resistência imunológica" e como a ausência dela afetou os indígenas?

As rivalidades indígenas

Além da violência cometida pelos europeus, alguns historiadores mencionam outro aspecto importante que contribuiu para a conquista: os conflitos internos.

Na América espanhola, as relações entre os diferentes povos caracterizavam-se, muitas vezes, pela opressão de um povo sobre outro. Incas, maias e astecas, por exemplo, costumavam submeter pela força os povos vizinhos, exigindo o pagamento de tributos em bens ou serviços. Os povos dominados parecem ter festejado, a princípio, a chegada dos espanhóis, com os quais passaram a colaborar na luta contra seus opressores nativos.

Na América portuguesa, também havia hostilidades entre os diferentes povos indígenas. Os portugueses souberam tirar proveito desses conflitos, estabelecendo alianças com alguns grupos.

A **América espanhola** e a **América portuguesa** correspondem às terras da América colonizadas, respectivamente, pelos espanhóis e pelos portugueses. Esses termos são utilizados por muitos historiadores na atualidade.

JEAN-BAPTISTE DEBRET. 1834

Família de indígenas capturada e escravizada por bandeirantes. Litografia de C. Motte sobre desenho de Jean-Baptiste Debret, 1834. Faz parte do acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

A escravidão

Na América espanhola e na América portuguesa, populações indígenas inteiras foram removidas de suas regiões de origem para trabalhar compulsoriamente para os conquistadores.

Além do deslocamento e da perda da liberdade, os ameríndios sofreram com as mudanças impostas no tipo de alimentação e no ritmo de trabalho. Outra consequência da escravidão, que ultrapassava o aspecto individual, foi a desestruturação da organização social e produtiva das sociedades indígenas.

A imposição religiosa

O ato simbólico de fincar a cruz católica em solo americano, marcando a posse da terra em nome dos reis ibéricos, assinalava também o início da conquista cultural dos indígenas.

De modo geral, religiosos e conquistadores associavam-se para dominar os povos nativos. A ação evangelizadora católica (a conversão ao Evangelho por meio da pregação por religiosos) centrou-se na catequese, no batismo e na educação das crianças e na conversão dos líderes indígenas.

Diante da dificuldade de convencer os adultos a aceitar a nova doutrina religiosa, os padres empenharam-se na fundação de "colégios de meninos", onde eram ensinados os valores europeus e as crenças católicas.

RÔMULO FIALDINI/TEMPO COMPOSTO/ACERVO DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA USP.

Mantelete feito por indígenas guarani utilizando algodão, plumas de aves e sementes. De acordo com pesquisadores, este mantelete imita a vestimenta dos padres católicos e evidencia a influência da religião europeia na cultura dos indígenas brasileiros.

Para a conversão dos indígenas, os jesuítas criaram, a partir de 1550, os aldeamentos (também conhecidos como missões). Tratava-se de povoações que reuniam centenas de indígenas e eram dirigidas, de modo geral, pelos próprios jesuítas (chamados de missionários). Segundo eles, os aldeamentos também tinham a finalidade de proteger os nativos da escravização promovida pelos colonos.

A vida nessas aldeias jesuíticas causou profundas mudanças na organização social e na vida espiritual dos indígenas. Eles eram compelidos a abandonar os deslocamentos temporários a que estavam habituados para se fixar nos aldeamentos, onde aprendiam a doutrina católica, eram batizados e ganhavam nomes cristãos.

As frequentes fugas individuais e coletivas, as revoltas esporádicas e, principalmente, a resistência ao trabalho imposto pelos colonizadores e missionários caracterizaram a reação indígena aos aldeamentos jesuíticos.

ANDRE DIB/PULSAR IMAGENS

Ruínas da Igreja no Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo. Construída em 1735, trata-se de um dos sete aldeamentos (missões) que compõem os Sete Povos das Missões, fundado por jesuítas no século XVII. São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul. Fotografia de 2015.

Interpretar fonte — Formas de violência contra os indígenas

A imagem a seguir ilustra um manuscrito colonial do século XVI. Ela representa os conquistadores espanhóis, liderados por Hernán Cortés, seguindo em direção à capital asteca, a cidade de Tenochtitlán.

BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA, PARIS, FRANÇA

- Observe a imagem e identifique quem são os espanhóis e quem são os ameríndios. Descreva-os e destaque elementos ou formas de violência, nela presentes, que contribuíram para a conquista da América.

Impacto na Europa

Consequências da conquista nas sociedades europeias

A notícia de que novos territórios haviam sido "descobertos" causou impacto na Europa. A existência de um novo continente desconhecido pelos europeus influenciou o imaginário popular, a economia e a política das sociedades europeias. A conquista da América afetou e incrementou o processo de transformações que vinha ocorrendo na Europa desde antes de 1492.

Visões dos europeus

Conquistadores, aventureiros, religiosos e estudiosos interessaram-se em conhecer as formas de viver dos povos da América. Mas as imagens que eles criaram para descrever o continente americano e seus habitantes eram contraditórias.

Inicialmente, inúmeras crônicas de viagem falavam de monstros e seres fantásticos, por vezes resgatados de um imaginário baseado em mitos da Antiguidade, como os gigantes, as amazonas (mulheres guerreiras que viviam sobre cavalos), os acéfalos (seres sem cabeça), entre outros.

Posteriormente, surgiram novas indagações sobre a condição dos indígenas. Alguns indígenas chegaram a ser levados à Europa, onde foram exibidos às populações locais.

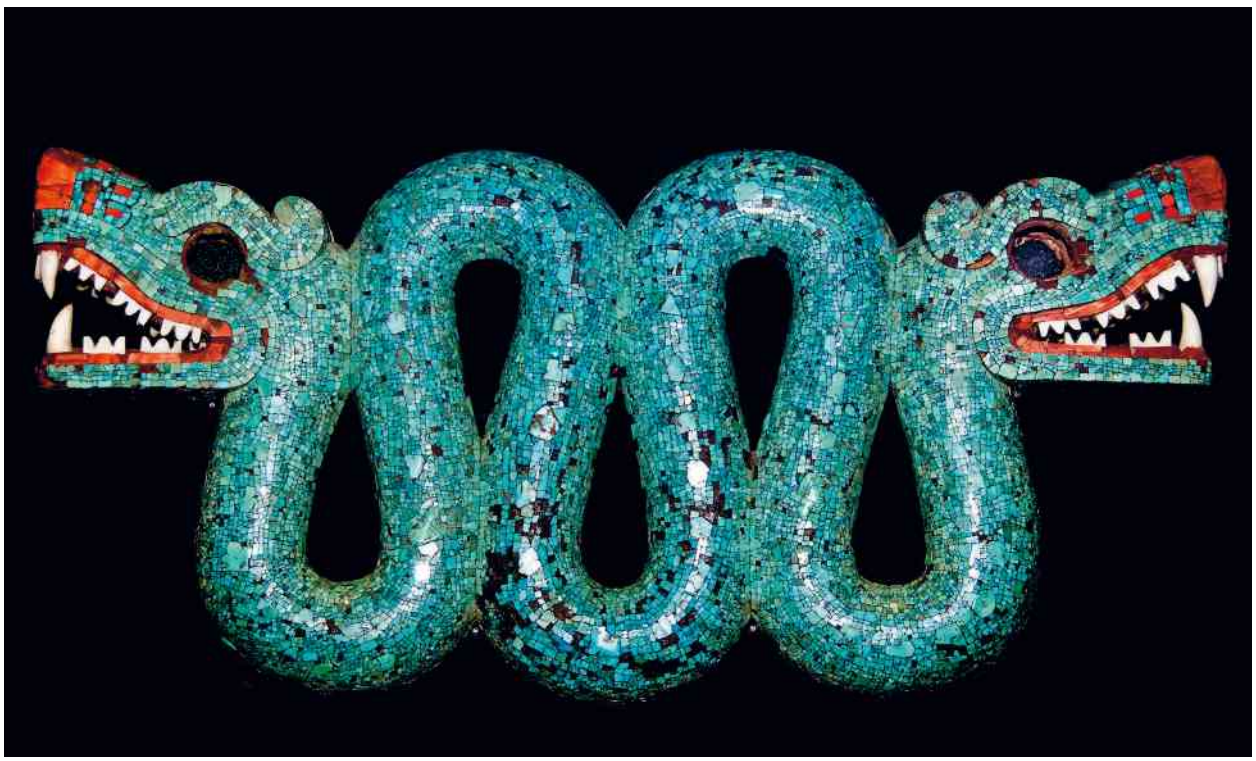
Muitos europeus acreditavam que os ameríndios eram seres inferiores e que, por isso, podiam ser submetidos sem culpa. Para outros, no entanto, o contato com os povos americanos despertou uma reflexão

humanista acerca dos indígenas, que passaram a ser idealizados em seu modo de viver. Nessa visão, os ameríndios seriam "puros" e "naturais". O filósofo francês Montaigne (1533-1592), um dos representantes dessa perspectiva, escreveu em sua obra *Ensaios*:

> Não vejo nada de bárbaro ou selvagem no que dizem daqueles povos; e, na verdade, cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra. [...] A essa gente chamamos selvagens como denominamos selvagens os frutos que a natureza produz sem intervenção do homem. No entanto aos outros, àqueles que alteramos por processos de cultura e cujo desenvolvimento natural modificamos, é que deveríamos aplicar o **epíteto** [selvagem].

Epíteto: palavra ou expressão usada para qualificar alguém positiva ou negativamente.

MONTAIGNE, Michel. *Ensaios*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 101. (Coleção Pensadores)



PETER HORREE/ALAMY/FOTOARENA

Serpente de turquesas criada pelos astecas. Ela foi esculpida em uma estrutura de madeira e coberta por um mosaico de turquesas e conchas. Provavelmente, era usada em cerimônias religiosas. Pertence ao acervo do Museu Britânico, em Londres.

Transformações europeias

A conquista e a exploração da América transformaram a vida europeia em diferentes âmbitos e aspectos, como:

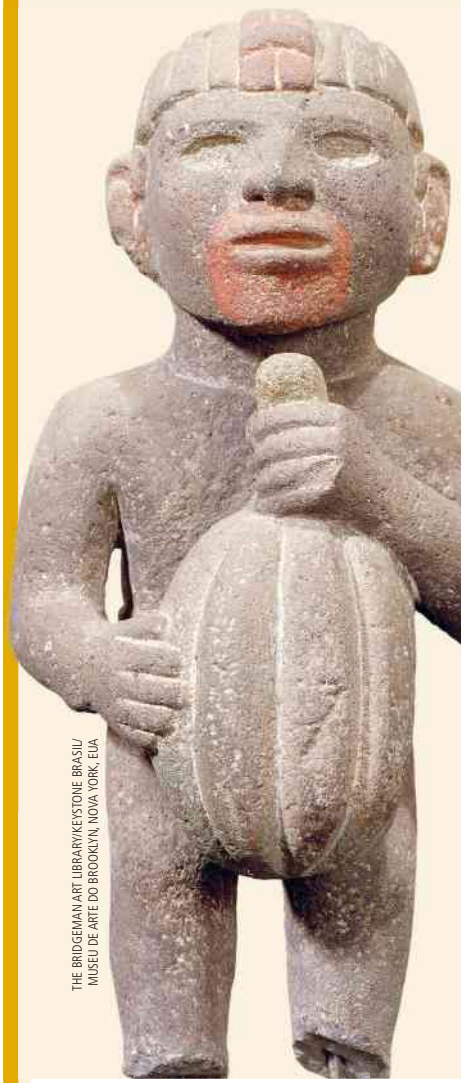
- no âmbito político, os governos dos países que tomaram a dianteira da expansão marítimo-comercial tornaram-se poderosos na Europa durante os séculos XV e XVI. Em um primeiro momento, destacaram-se Portugal e Espanha, e, posteriormente, Inglaterra, França e Holanda. Na disputa por novos mercados, onde poderiam obter lucros e riquezas, esses Estados (representados por seus governantes e comerciantes) entraram em um período de grande concorrência;
- em termos econômicos, houve um deslocamento do eixo da economia europeia, antes concentrado no mar Mediterrâneo, para os portos do oceano Atlântico que mantinham comércio direto com os territórios conquistados na África e na América, como Lisboa, Sevilha e Cádiz. Além disso, os grandes comerciantes e banqueiros europeus obtiveram lucros expressivos com a conquista e a colonização do continente americano;
- vários setores da cultura europeia foram impulsionados com a conquista e a exploração da América. Como já estudamos, para as longas viagens marítimas, novos saberes e técnicas precisaram ser desenvolvidos e aperfeiçoados. Além disso, houve na Europa um processo de difusão de conhecimentos adquiridos no contato com os povos indígenas.

Em destaque As trocas na alimentação

Vejamos alguns exemplos de trocas culturais, no campo da alimentação, entre europeus e ameríndios.

	Animais	Plantas
Alguns animais e plantas originários da América levados para outros continentes pelos europeus	Peru, cobaia.	Abacate, abacaxi, abóbora, amendoim, batata, batata-doce, baunilha, cacau, caju, feijão, goiaba, girassol, mandioca, milho, pimentas, tomate.
Alguns animais e plantas de outros continentes introduzidos na América pelos europeus	Carneiro, cavalo, galinha, ovelha, porco, vaca.	Alface, alho, banana, cebola, café, cana-de-açúcar, cevada, laranja, limão, maçã, pera, pêssego, repolho, trigo.

Fonte: NEVES, Eduardo G. In: SILVA, Aracy L. da; GRUPIONE, Luis Donisete B. (Org.). *A temática indígena na escola*. Brasília: MEC/Mari/Unesco, 1995. p. 197.



THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE BRASIL/ MUSEU DE ARTE DO BROOKLYN, NOVA YORK, EUA

Escultura de homem carregando fruto de cacau, produzida pelos astecas entre 1440 e 1521. Desde o século XV a.C., os povos americanos utilizavam o cacau para fazer uma bebida medicinal chamada chocolate. Muitos séculos depois, a bebida foi levada para a Europa, onde ganhou nova receita e se difundiu.

FABIO COLOMBINI

Indígena da etnia Panenoá prepara beiju com mandioca triturada. A mandioca era utilizada pelos tupis para produzir comidas como tapioca, polvinho e farinha, alimentos consumidos até hoje. Por ter boa durabilidade e ser rica em nutrientes, a farinha de mandioca abastecia os navios portugueses e foi incorporada à alimentação de diversas sociedades na África e na Ásia. Fotografia de 2014.

1. Na cidade em que você vive, há algum prato regional feito com as plantas apresentadas nesta tabela? Qual?

2. Pesquise receitas consideradas tipicamente brasileiras e verifique se elas estão relacionadas a essas trocas culturais na alimentação.

Oficina de História

Vivenciar e refletir

1. A fotografia abaixo mostra a Catedral Metropolitana da Cidade do México. Ela foi construída sobre as ruínas de um antigo templo asteca, chamado Templo Mayor. Na sua interpretação, por que esta catedral foi construída sobre as ruínas de um templo?

PHOTOSHOT/OTHER IMAGES

Catedral Metropolitana do México. Fotografia de 2009.

2. Leia, o trecho de uma carta do governador geral do Brasil Mem de Sá, relatando um confronto entre portugueses e tupiniquins, ocorrido em Ilhéus, por volta de 1560.

> Nestes tempos veio recado ao governador como o tupinikim da capitania de Ilhéus se **alevantava** e tinha morto muitos cristãos e destruído e queimado todos os **engenhos** dos lugares, e os moradores estão cercados e não comiam já senão laranjas. [...]
>
> Na noite em que entrei em Ilhéus fui a pé dar em uma aldeia que estava a 7 léguas da vila [...]. E a destruí e matei todos os que quiseram resistir e na vinda vim queimando e destruindo todas as aldeias

Alevantar: revoltar, rebelar.
Engenho: fazenda onde se cultiva cana e fabrica açúcar.

Gentio: aquele que é considerado selvagem, não civilizado.
Légua: medida antiga. A légua geométrica equivale a seis quilômetros.
Pelejar: combater, lutar.
Sujeitar: submeter, dominar.
Defender: no texto, proibir, impedir.
Viver quietos: no texto, fixar moradia.
Companhia: referência à Companhia de Jesus ou Ordem dos Jesuítas.

> que ficaram atrás. Porque o **gentio** se ajuntou e me veio seguindo ao longo da praia, lhes fiz algumas ciladas, onde os cerquei e os forcei a lançarem-se a nado ao mar [...].
>
> Mandei outros índios atrás deles, que os seguiram perto de 2 **léguas** e lá no mar **pelejaram** de maneira que nenhum tupinikim ficou vivo. E os trouxeram à terra e os puseram ao longo da praia em ordem [de forma] que tomavam os corpos [alinhados] perto de 1 légua.

SÁ, Mem de. Carta ao rei de Portugal, de 31 de março de 1560. In: PREZIA, Benedito; HOORNAERT, Eduardo. *Esta terra tinha dono*. São Paulo: FTD, 1995. p. 75.

a) Identifique palavras do texto que se referem ao massacre comandado por Mem de Sá contra os tupiniquins.

b) Em grupo, pesquisem reportagens recentes sobre a violência (não só física) contra indígenas no Brasil e em outros países. Debatam a importância do respeito às culturas indígenas e proponham soluções para os atuais conflitos pesquisados.

3. Em 1558, o padre Manoel da Nóbrega, chefe da primeira missão jesuítica enviada ao Brasil, já relatava os principais costumes indígenas que, segundo ele, deviam ser modificados:

> [...] se Sua Alteza os quer todos convertidos, mande-os **sujeitar** [...].
>
> Sujeitando-se o gentio [...] a terra se povoará e Nosso Senhor ganhará muitas almas e Sua Alteza terá muita renda porque haverá muitas criações e muitos engenhos [...].
>
> A lei que lhes hão de dar é **defender**-lhes de comer carne humana e guerrear sem licença do governador; fazer-lhes ter uma só mulher; vestirem-se, pois têm muito algodão, ao menos depois de [tornarem-se] cristãos; tirar-lhes os feiticeiros; mantê-los em justiça entre si e para com os cristãos; fazê-los **viver quietos** sem se mudarem para outra parte, se não for para entre os cristãos; tendo terras que lhes bastem e com estes padres da **Companhia** para os doutrinar.

NÓBREGA, Manoel da. Apontamentos das coisas do Brasil, 8 de maio de 1558. In: RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 50-51.

a) Em grupo, pesquisem as mudanças ocorridas nos costumes de diversos grupos indígenas após cinco séculos de conquista.

b) Considerando os resultados da pesquisa de seu grupo, reflitam sobre as modificações sugeridas nesse relato do padre Manoel da Nóbrega. Elas de fato ocorreram? Justifiquem sua resposta.

Diálogo interdisciplinar

Diálogo interdisciplinar com Literatura.

4. O poeta chileno Pablo Neruda (1904-1973), ganhador do prêmio Nobel de Literatura, é uma das mais relevantes figuras da literatura latino-americana.

a) Pesquise algumas informações sobre a biografia de Pablo Neruda.

b) Interprete a frase a seguir, do poeta Pablo Neruda, associando-a ao conteúdo deste capítulo: "A espada, a cruz e a fome foram dizimando a família indígena".

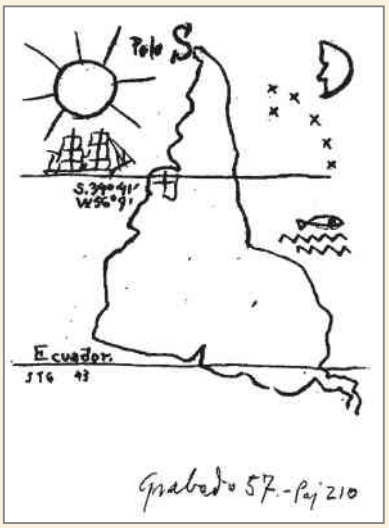
De olho na universidade

5. (Simulado Inep/MEC)

O desenho do artista uruguaio Joaquín Torres-García trabalha com uma representação diferente da usual da América Latina. Em artigo publicado em 1941, em que apresenta a imagem e trata do assunto, Joaquín afirma:

> Quem e com que interesse dita o que é o norte e o sul? Defendo a chamada Escola do Sul por que, na realidade, nosso norte é o sul. Não deve haver norte, senão em oposição ao nosso sul.
>
> Por isso colocamos o mapa ao revés, desde já, e então teremos a justa ideia de nossa posição, e não como querem no resto do mundo. A ponta da América assinala insistentemente o sul, nosso norte.

TORRES-GARCÍA, J. *Universalismo constructivo*. Buenos Aires: Poseidón, 1941. (Adaptado pela instituição.)



JOAQUÍN TORRES-GARCÍA. *AMÉRICA INVERTIDA* (1943)/ MUSEO TORRES GARCÍA, URUGUAI

América invertida, de Joaquín Torres-García. Obra de 1943.

O referido autor, no texto e na imagem:

a) privilegiou a visão dos colonizadores da América.

b) questionou as noções eurocêntricas sobre o mundo.

c) resgatou a imagem da América como centro do mundo.

d) defendeu a Doutrina Monroe expressa no lema "América para os americanos".

e) propôs que o sul fosse chamado de norte e vice-versa.

Para saber mais

Na internet

- Um rei no Xingu: http://portacurtas.org.br/filme/?name=um_rei_no_xingu
  Curta-metragem sobre a visita do rei Leopoldo III, da Bélgica, ao Parque Indígena do Xingu, em 1964. Esse episódio provoca reflexões acerca dos contatos e dos confrontos entre diferentes culturas.
  Elabore uma resenha sobre o vídeo. Para isso, identifique o filme (nome, direção, ano de produção, gênero, duração); narre sua história e analise o curta emitindo opiniões e estabelecendo relações com assuntos que você estudou.
  (Acesso em: 20 out. 2015.)

Nos livros

- SOUZA, Marina de Mello E. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2007.
  Escrito por uma importante historiadora brasileira, esse livro é um amplo panorama da história do continente africano. Em grupo, elaborem um painel sobre um dos capítulos desse livro. Para isso, selecionem imagens na internet ou em revistas e escrevam legendas explicativas para elas. Depois, apresentem o painel para seus colegas.

Nos filmes

- *Moça com brinco de pérola*. Direção de Peter Webber. Inglaterra/Luxemburgo, 2003. 99 min.
  Ficção ambientada na Holanda do século XVII. A jovem Griet trabalha como criada na casa do artista plástico Johannes Vermeer. Aos poucos, Griet começa a se interessar pelo mundo da arte, tornando-se modelo para uma das pinturas de Vermeer.
  Pesquise a biografia e outras obras de Vermeer na internet e em livros e revistas. A partir dessas informações e do que você estudou no capítulo 14, crie uma narrativa fictícia sobre uma das obras do artista holandês.

Projeto temático

Cultura e cidadania

Nos projetos temáticos, vocês irão realizar atividades experimentais que problematizam a realidade e ajudam a pensar historicamente.

Este projeto trabalha cultura e cidadania. Para desenvolvê-lo, propomos a elaboração de um seminário sobre cultura e cidadania no Brasil.

Reúnam-se em grupos e leiam as orientações a seguir.

1. Escolham um dos seguintes temas:
   - Brasil africano;
   - Diversidade cultural dos indígenas;
   - A mulher na política;
   - Culturas e direitos dos jovens.
2. Escolhida a temática, pesquisem os tópicos propostos utilizando fontes diversas. As tabelas trazem algumas indicações de fontes que podem ser utilizadas.
3. Elaborem uma apresentação sobre o tema pesquisado. Utilizem diferentes linguagens: textos, imagens, sons, entre outras.
4. Distribuam a apresentação entre os membros do grupo.
5. Apresentem o seminário. Procurem utilizar recursos como cartazes e, se possível, *slides*. Reservem um tempo para debater o tema com a classe.
6. Avaliem o que vocês aprenderam durante a elaboração e apresentação do projeto.

Tema 1 – Brasil africano

Tópicos

- Número de pessoas trazidas da África para serem escravizadas no Brasil entre os séculos XVI e XIX.
- Número de pessoas que atualmente se autodeclaram negras no Brasil.
- A violência da escravidão e do racismo e as resistências físicas e culturais dos afrodescendentes.
- Exemplos de manifestações culturais afro-brasileiras e algumas de suas características.
- Exemplos de personalidades afro-brasileiras e suas biografias.

DENISE R./OPÇÃO BRASIL IMAGENS

THINKSTOCK/GETTY IMAGES

Tanto o berimbau (na imagem maior) como o caxixi são instrumentos musicais de origem africana muito utilizados nas rodas de capoeira, que é uma manifestação cultural afro-brasileira.

Fontes

- Cor ou raça – mão na roda | IBGE Teen: http://teen.ibge.gov.br/pt/mao-na-roda/cor-ou-raca
  Página do IBGE com gráficos sobre a distribuição da população brasileira por cor ou raça em 1999 e 2009.
- A rota do escravo – A alma da resistência | ONU Brasil: https://youtu.be/HbreAbZhN4Q
  Filme que conta a história do comércio de seres humanos, mostrando a violência da escravidão e do racismo, mas também as resistências físicas e culturais dos afrodescendentes.
- Manifestações culturais negras | Fundação Palmares: http://www.palmares.gov.br/?page_id=34089
  Apresenta textos e fotografias relacionados a algumas manifestações culturais afro-brasileiras, como festividades, danças e ritmos musicais.
- História e memória | Museu Afro Brasil: http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/história-e-memória/
  Apresenta biografias, depoimentos e fotografias de personalidades afro-brasileiras que se destacaram em diversas áreas do conhecimento e da arte, desde o período colonial até os dias atuais.

Tema 2 – Diversidade cultural dos indígenas

Tópicos

- Número de pessoas que atualmente se autodeclaram indígenas no Brasil.
- Número de línguas e etnias indígenas no Brasil atual.
- Preconceitos, estereótipos e violências contra os indígenas atuais.
- As terras indígenas e a educação escolar indígena.
- Exemplos de produções culturais indígenas atuais.

RENATO SOARES/PULSAR IMAGENS

Brincos indígenas produzidos pelos karajá, que vivem hoje nos estados de Mato Grosso, Góias, Tocantins e Pará. As peças pertencem ao acervo do Memorial da América Latina de São Paulo.

Fontes

- Povos indígenas no Brasil – Instituto Socioambiental (ISA): http://pib.socioambiental.org/pt
  Portal reúne informações sobre os diversos povos indígenas que vivem no Brasil. Para realizar pesquisas, clique em "Buscar" no menu superior. O *site* apresenta artigos, notícias, imagens e verbetes relacionados à cultura e à história dos indígenas.
- Territórios de resistência | TV Brasil: http://tvbrasil.ebc.com.br/tags/territorios-de-resistencia
  Página com *links* para os vídeos da série especial de reportagens sobre os povos indígenas no Brasil. Destacam-se a primeira e a última reportagens, que abordam aspectos dos direitos e das culturas indígenas.
- Uma escola yawanawa e Uma escola huni kui | Vídeo nas aldeias: https://youtu.be/6gBoiDe5GCk e http://www.videonasaldeias.org.br/2009/video.php?c=75
  Vídeos produzidos pelos indígenas mostram a importância das escolas indígenas, utilizando como exemplos as experiências dos povos yawanawa e huni kui.
- Do bugre ao terena – Documentário Etnográfico | IPHAN: https://youtu.be/ctRicNW-vxc
  Vídeo-documentário mostra depoimentos de indígenas que saíram de suas aldeias para viver na cidade. Eles falam sobre suas vidas profissionais e tradições culturais, bem como sobre os preconceitos e estereótipos que enfrentam.

RENATO SOARES/ PULSAR IMAGENS

Indígena da etnia kamayurá filmando a festa de 50 anos do Parque Indígena do Xingu, em Querência, Mato Grosso. Fotografia de 2011.

Tema 3 – A mulher na política

Tópicos

- Número de mulheres que têm direito ao voto no Brasil atual.
- Número de mulheres que hoje atuam como senadoras e deputadas estaduais e federais.
- Preconceitos, estereótipos e violências contra as mulheres.
- Marcos na história da conquista dos direitos políticos das mulheres.
- Exemplos de personalidades femininas que lutaram pela conquista de direitos políticos para a mulher no Brasil.

DEFIM MARTINS/PULSAR IMAGENS

Mulher votando o referendo sobre desarmamento, realizado no Brasil em outubro de 2005.

Fontes

- Poder e participação política | Secretaria de Políticas para as Mulheres: www.spm.gov.br/assuntos/poder-e-participacao-politica/dados/tabelas-1
  Página com tabelas indicando a proporção entre mulheres e homens que ocupam cargos políticos no Brasil.
- Estatísticas de eleitorado brasileiro | Tribunal Superior Eleitoral: http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado
  Site em que é possível obter dados estatísticos a respeito de sexo, faixa etária e grau de instrução dos eleitores brasileiros.
- Deveríamos todos ser feministas – Chimamanda Ngozi Adichie | TEDx Talks: http://tedxeuston.com/portfolio/chimamanda-ngozi-adichie
  Vídeo em que a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie fala sobre feminismo e relações de gênero a partir de suas experiências de vida. Para ativar a legenda, clique em "Legendas/CC".
- A história das mulheres na política brasileira | Conselho Nacional de Justiça (CNJ): https://youtu.be/C2gLeH1ovlE
  Vídeo que traz reportagem sobre a presença feminina no sistema político brasileiro, identificando marcos históricos e a atual situação da mulher na vida pública e no processo eleitoral do país.

BETO BARATA/ESTADÃO CONTEÚDO

Mulheres que lutam por melhores condições de trabalho no campo participam da 4ª Marcha das Margaridas, em Brasília, em 17 de agosto de 2011.

Tema 4 – Culturas e direitos dos jovens

Tópicos

- Definição de jovem na legislação e número de jovens no Brasil atual.
- Identidades e culturas juvenis.
- Exemplos de direitos da juventude estabelecidos na legislação brasileira.
- Os jovens, o uso de novas tecnologias e a preservação da memória.

DANIEL CYMBALISTA/PULSAR IMAGENS

Jovem aprende a confeccionar instrumento musical de sopro em uma ONG em Itapecirica da Serra, São Paulo. Fotografia de 2009.

Fontes

- Estatuto da Juventude – Portal da Juventude | Secretaria Nacional da Juventude: http://juventude.gov.br/estatuto
  Página governamental sobre o Estatuto da Juventude, denominação dada à Lei n. 12.852/2013, que determina quais são os direitos dos jovens que devem ser garantidos e promovidos pelo Estado brasileiro.
- Diz aí Juventude Rural – Identidade | Canal Futura: https://youtu.be/AlhqskKjriw
  Vídeo apresenta depoimentos de jovens que vivem nas áreas rurais brasileiras. Eles falam sobre preconceito, diversão, trabalho, tradições e internet, mostrando a diversidade cultural do país.
- Todos queremos ser jovens | BOX1824: https://youtu.be/c6DbaNdBnTM
  Vídeo que propõe uma interpretação para a história da juventude a partir, sobretudo, da história dos Estados Unidos e dos países europeus.
- Sou jovem, meu patrimônio é o mundo | IPHAN: https://youtu.be/fvDSugY79lM
  Vídeo produzido coletivamente por jovens latino-americanos que participaram do Fórum Juvenil do Patrimônio Mundial, em 2010.

GABRIELA BILÓ/ESTADÃO CONTEÚDO

Jovens andam de *skate* na praça Roosevelt, em São Paulo. Essa praça foi revitalizada e ganhou uma área própria para a prática desse esporte. Fotografia de 2014.

(Acessos em: 2 maio 2016.)

Cronologia

1 milhão a.C.
A idade dos "primeiros homens" é bem superior a 1 milhão de anos. Exemplos: *Australopithecus*, *Homo erectus*, *Homo habilis*.

600 mil a 10 mil a.C.
Paleolítico (Idade da Pedra Lascada): coleta de alimentos, nomadismo, invenção dos primeiros instrumentos, utilização do fogo, pintura rupestre. Surgimento dos primeiros clãs (conjuntos de famílias).

75 mil a.C.
Homem de Neandertal: viveu entre 75 mil e 45 mil a.C. Morava em cavernas, era bom caçador, enterrava seus mortos.

50 mil ou 40 mil a.C.
Homo sapiens: elevado desenvolvimento da consciência reflexiva, posição ereta permanente, liberação das mãos. Exemplo: homem de Cro-Magnon. Pesquisas da arqueóloga Niède Guidon, com base em fragmentos arqueológicos encontrados em São Raimundo Nonato (PI), indicam que, nesse período, grupos de caçadores-coletores já habitavam regiões que hoje fazem parte do Brasil.

13 mil a 10 mil a.C.
Fósseis encontrados em Lagoa Santa (MG) indicam que o local era habitado, nesse período, por indivíduos de baixa estatura e cabeça alongada, que se abrigavam em grutas e faziam pinturas rupestres.

10 mil a 4 mil a.C.
Neolítico (Idade da Pedra Polida): agricultura e criação de animais, vida sedentária, construção das primeiras cidades, arte cerâmica, invenção da roda. Diversos povos pertencentes a várias culturas espalharam-se pelas terras que correspondem ao atual território brasileiro: os caçadores-coletores e os sambaquieiros.

8350-7350 a.C.
Fundação e desenvolvimento de Jericó (região da Palestina), primeira cidade murada do mundo.

6250-5400 a.C.
Desenvolvimento de Çatal Hüyük (região da atual Turquia), maior cidade da época.

4 mil a.C.
Idade dos Metais (cobre, bronze e ferro). Início da civilização: diferenças de classes sociais, formação do Estado, surgimento da escrita, da numeração e do calendário.

3500 a.C.
Os sumérios fundam as primeiras cidades politicamente organizadas, como Ur, Uruk, Nippur, Lagash e Eridu.

3200 a.C.
Os reinos do Alto e do Baixo Egito são unificados por Menés, o fundador da monarquia dos faraós.

3200-2423 a.C.
Antigo Império egípcio. Capital, primeiramente, em Tínis; depois, em Mênfis. Organização da estrutura administrativa. Surgem os grandes deuses egípcios.

3000 a.C.
Invenção da escrita cuneiforme na Suméria.

2700-2600 a.C.
Construção das famosas pirâmides egípcias dos faraós Quéops, Quéfren e Miquerinos.

2500 a.C.
Os sumerianos são dominados pelos acádios. A cidade fenícia de Biblos destaca-se pelo movimentado porto comercial.

2200 a.C.
O Império Acádio é destruído pelos guti.

2160-1730 a.C.
Médio Império egípcio. Prosperidade econômica e conquistas militares. A capital é Tebas.

2000 a.C.
Italiotas, vindos da Europa central, se estabelecem na Itália. Abraão, o primeiro patriarca, deixa a cidade de Ur e segue em direção a Canaã. Os amorreus fundam o primeiro Império Babilônio. O mais importante rei desse império, Hamurábi (1728--1686 a.C.), é responsável pelo primeiro código jurídico escrito (Código de Hamurábi). Vestígios indicam a presença de povos agricultores e ceramistas em áreas do atual território brasileiro.

2000-1750 a.C.
As cidades cretenses Cnossos e Faístos adquirem grande importância.

1800 a.C.
Fundação do Antigo Império Assírio.

1750 a.C.
Os hicsos invadem o Egito. Lá permanecem 170 anos. Devido à fome em Canaã, os hebreus são obrigados a migrar para o Egito.

1580-1085 a.C.
Novo Império egípcio: expansão do território pela Ásia e aumento do poder dos sacerdotes. Depois do século XII a.C., inicia-se o período de decadência, com breve recuperação entre 635 e 525 a.C. (Renascença Saíta).

1500 a.C.
Início da civilização grega: período Micênico. Desenvolvimento dos génos. Data aproximada do início da dinastia Shang na China, que permanece no poder até o século XI a.C., quando é substituída pela dinastia Zhou.

1500-500 a.C.
Período Védico na história da Índia.

1400-1200 a.C.
Os aqueus invadem Creta e destroem a cidade de Cnossos.

1200-1020 a.C.
Êxodo dos hebreus do Egito, que retornam a Canaã e lá se fixam.

1006-966 a.C.
Reinado do rei hebreu Davi.

1000 a.C.
Chegada dos etruscos à Itália. Surgimento do alfabeto fenício, depois aperfeiçoado pelos gregos.

966-926 a.C.
Reinado do rei hebreu Salomão. Construção do templo de Jerusalém.

832-612 a.C.
Destacam-se como reis do Novo Império Assírio: Sargão, Senaqueribe, Assurbanípal.

814 a.C.
Fundação da cidade de Cartago (norte da África) pelos fenícios.

800-500 a.C.
Grécia: período Arcaico. Desenvolvimento da pólis. Destaques: Esparta e Atenas.

776 a.C.
Primeiros Jogos Olímpicos, realizados na Grécia.

753 a.C.
Data tradicionalmente apontada como a da fundação de Roma. Início do período da Monarquia em Roma.

750 a.C.
Início da colonização grega.

713 a.C.
Egito unido ao Reino de Cuxe. Os reis cuxitas governam de maneira unificada a Núbia e o Egito por quase um século.

650 a.C.
Surgimento da poesia lírica grega.

612-539 a.C.
Novo Império Babilônio. Principal rei: Nabucodonosor (604-562 a.C.). Em 539 a.C., os babilônios são dominados pelos persas. Construção dos Jardins Suspensos da Babilônia e da Torre de Babel.

594 a.C.
Atenas: Sólon introduz reformas sociais.

587 a.C.
Nabucodonosor II conquista e destrói Jerusalém. Início do cativeiro dos hebreus na Babilônia, que dura até 538 a.C.

586 a.C.
Os assírios submetem as cidades fenícias.

582-497 a.C.
Pitágoras, matemático e filósofo grego.

558 a.C.
Zoroastro (Zaratustra) funda o zoroastrismo, religião que se torna oficial na Pérsia, em 550 a.C.

551-479 a.C.
Confúcio, filósofo chinês.

549 a.C.
Início do Império Persa.

525-456 a.C.
Ésquilo, poeta trágico grego. Escreve: *Os persas*, *Os sete contra Tebas*, *Oréstia*, *Prometeu acorrentado*.

521-486 a.C.
Reinado de Dario: auge do Império Persa.

496-405 a.C.
Sófocles, poeta trágico grego. Escreve: *Antígona*, *Édipo Rei*.

490 a.C.
Batalha de Maratona, travada entre gregos e persas. Vitória dos gregos.

485-406 a.C.
Eurípedes, poeta trágico grego. Escreve: *Alceste* e *Medeia*.

484-425 a.C.
Heródoto, o "pai da História". Escreve sobre as guerras pérsicas.

480 a.C.
Batalha Naval de Salamina, travada entre gregos e persas. Vitória dos gregos.

477 a.C.
Grécia: fundação da Liga de Delos, sob a liderança de Atenas.

470-399 a.C.
Sócrates, fundador da filosofia humanista. Não deixa obra escrita, mas transmite suas ideias a discípulos. Acusado de renegar os deuses atenienses, é condenado a beber cicuta, um veneno mortal.

470 a.C.
Roma: após revolta da plebe, é criado o cargo de tribuno da plebe.

450 a.C.
Roma: após nova revolta da plebe, é criada a Lei das Doze Tábuas, leis escritas válidas para patrícios e plebeus.

431-404 a.C.
Guerra do Peloponeso: envolve as cidades gregas lideradas pelas rivais Atenas e Esparta. Ao final, Atenas submete-se à hegemonia de Esparta.

427-347 a.C.
Platão, filósofo grego, fundador da Academia de Atenas e principal discípulo de Sócrates. Escreve: *Apologia de Sócrates*, *Críton*, *O banquete*, *Fédon*, *Fedro* e *A República*.

388 a.C.
Filipe da Macedônia invade a Grécia (Batalha de Queroneia).

384-322 a.C.
Aristóteles, considerado um dos maiores filósofos gregos, fundador do Liceu de Atenas. Escreve obras sobre lógica, física, metafísica, moral, política, retórica e poética.

365 a.C.
O Império Persa entra em declínio.

336 a.C.
Alexandre Magno assume o comando do Império Macedônio. Pouco depois, inicia suas conquistas militares. O Império Macedônio torna-se o maior da Antiguidade.

332 a.C.
O Egito é conquistado por Alexandre Magno.

330 a.C.
O Império Persa é conquistado por Alexandre Magno.

323 a.C.
Morre Alexandre Magno; o Império Macedônio fragmenta-se.

290 a.C.
Fundação da Biblioteca de Alexandria, com mais de 100 mil rolos de papiro.

264-146 a.C.
Guerras Púnicas: Roma contra Cartago, com vitória final dos romanos.

221 a.C.
Início do governo de Ch'in Che, primeiro imperador da China.

220 a.C.
Invenção da bússola magnética, na China.

206 a.C.
Início da dinastia Han, na China.

60 a.C.
Júlio César assume crescentes poderes em Roma. Em 44 a.C., é assassinado por Brutus.

30 a.C.
O Egito é conquistado pelos romanos.

27 a.C.
Otávio rompe, informalmente, a República romana; concentra enormes poderes. Início do império.

1 d.C.
Nascimento de Jesus.

33
Jesus de Nazaré, fundador do cristianismo, é crucificado em Jerusalém.

70
Os romanos destroem Jerusalém. Diáspora dos hebreus.

80
Inauguração do Coliseu de Roma.

105
Início do uso do papel, na China.

131
O imperador romano Adriano esmaga revoltas de hebreus na Judeia.

313
O imperador romano Constantino concede liberdade de culto aos cristãos.

330
Fundação de Constantinopla.

395
Morte do imperador romano Teodósio. O Império Romano é dividido em: Império Romano do Ocidente e Império Romano do Oriente (Bizantino).

406
Povos bárbaros iniciam a invasão do Império Romano.

451
Átila, rei dos hunos, é expulso da Gália.

476
Queda do Império Romano do Ocidente.

481
Clóvis é proclamado rei dos francos.

496
O rei franco Clóvis converte-se ao cristianismo.

527-565
Reinado de Justiniano. Apogeu do Império Bizantino.

529
Criação do Código de Justiniano.

532
Construção da igreja de Santa Sofia, exemplo mais majestoso da arquitetura bizantina. Revolta de Nika, ocorrida no Império Bizantino.

622
Maomé deixa Meca e parte para Medina (hégira).

630
Maomé regressa a Meca, tornando-a a capital religiosa dos muçulmanos. Destruição dos ídolos da Caaba. Nasce o islamismo.

653
Surge o Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos.

711
Árabes conquistam a Espanha.

732
Batalha de Poitiers: Carlos Martel detém o avanço árabe na Europa.

751
A manufatura do papel, desenvolvida pelos chineses, chega ao Ocidente por meio dos árabes.

756
Surgimento do califado de Córdoba, na península Ibérica.

760
Árabes desenvolvem a álgebra e a trigonometria.

768-814
Reinado de Carlos Magno. Apogeu dos francos.

788
Construção da mesquita de Córdoba, obra representativa da arquitetura islâmica.

800-950
Apogeu do Reino de Gana, na África.

800
Carlos Magno recebe, do papa Leão III, a coroa de imperador do Sacro Império Romano.

843
Tratado de Verdun: o Império Franco é dividido em três reinos.

846
Roma é saqueada pelos muçulmanos.

910
Fundação da abadia de Cluny.

936-973
Reinado de Oto I, o Grande, no Sacro Império Romano-Germânico.

957-1025
Reinado do imperador bizantino Basílio II. Prosperidade e recuperação de territórios perdidos.

1054
Grande Cisma do Oriente: separação da Igreja Católica em Igreja Ortodoxa e Igreja Católica Apostólica Romana.

1066
Normandos conquistam a Inglaterra.

1076
O papa Gregório VII excomunga Henrique IV, imperador do Sacro Império. Explode a Questão das Investiduras: conflito entre a Igreja (poder espiritual) e o Império (poder temporal), que se solucionará em 1122.

1095
O papa Urbano II lança apelo aos cristãos ocidentais para moverem "guerra santa" contra os muçulmanos. Início das Cruzadas, que se estendem até 1270 com a Oitava Cruzada.

1100
Surgimento das primeiras universidades na Europa: Salerno (Medicina), Bolonha (Direito), Paris (Teologia e Filosofia).

1122
A Concordata de Worms põe fim à Questão das Investiduras e à divisão da Igreja Católica, restabelecendo a supremacia papal.

1126-1198
Averróis, cientista e filósofo árabe, traduz as obras de Aristóteles para a língua árabe.

1139
Portugal surge como reino independente. Seu primeiro rei é Afonso Henriques.

1154
Início da construção da catedral de Chartres, marcando a difusão da arquitetura gótica pela Europa ocidental.

1230-1240
Instalação dos Tribunais da Inquisição.

1258
Conquista de Bagdá pelos mongóis. Enfraquecimento do mundo muçulmano.

1265-1321
Dante Alighieri, poeta, prosador e filósofo italiano. Principal obra: *A divina comédia*.

1267-1337
Giotto, pintor e arquiteto italiano. Sua obra rompe com a tradição da arte bizantina.

1290
Invenção dos óculos, na Itália.

1312-1332
Reino do Mali, na África, atinge sua máxima extensão.

1337-1453
Guerra dos Cem Anos entre França e Inglaterra.

1347-1350
A peste negra espalha-se pela Europa, matando cerca de um terço da população.

1358
Formação da Grande Hansa Germânica (associação de comerciantes). Jacquerie: insurreição camponesa na França.

1381
Insurreição camponesa na Inglaterra.

1389
Início da dinastia de Avis, com d. João I começando a história da expansão marítima portuguesa.

1407
Fundação, em Gênova, do primeiro banco público da Europa.

1415
Os portugueses conquistam Ceuta (norte da África). É o marco inaugural da expansão marítima.

1453
Tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos. Dificuldades no comércio cristão com o Oriente através do mar Mediterrâneo dão impulso à busca de novos caminhos para as Índias.

1454
O alemão Gutenberg desenvolve a imprensa.

1469
Casamento de Fernando, do reino de Aragão, e Isabel, do reino de Castela, consolidando a monarquia espanhola.

1473-1543
Nicolau Copérnico, astrônomo polonês, contesta a teoria de que a Terra é o centro do Universo. Expõe a teoria heliocêntrica.

1483
Navegadores portugueses estabelecem primeiros contatos com o Reino do Congo, na África.

1488
O navegador português Bartolomeu Dias contorna o cabo da Boa Esperança.

1492
Navegando a serviço da Espanha, o genovês Cristóvão Colombo chega à América: início da conquista europeia do continente americano. Expulsão dos mouros de Granada, acabando com a presença muçulmana na península Ibérica.

1494
Tratado de Tordesilhas: Espanha e Portugal dividem o Novo Mundo entre si.

1495-1498
Leonardo da Vinci pinta *A última ceia*, na igreja de Santa Maria das Graças, em Milão.

1498
O navegador português Vasco da Gama atinge Calicute, na Índia, contornando a costa africana.

1499
Os irmãos Pinzón percorrem a costa das Guianas e do Brasil, até a altura do rio Amazonas. O escultor Michelangelo esculpe a obra-prima *Pietà*.

1500
Pedro Álvares Cabral chega ao Brasil e toma posse da terra em nome da Coroa portuguesa.

1503
Leonardo da Vinci pinta a obra-prima *Mona Lisa*.

1508
O humanista Erasmo de Roterdã escreve o livro *Elogio da loucura*.

1509
Diogo Álvares Correia (o Caramuru) funda o primeiro estabelecimento português no Brasil.

1513
O navegador espanhol Balboa atinge o oceano Pacífico. O florentino Nicolau Maquiavel escreve *O Príncipe*.

1516
O inglês Thomas Morus escreve *Utopia*.

1517
O bispo Martinho Lutero revolta-se contra a venda de indulgências: início da Reforma Protestante.

1519
O espanhol Hernán Cortés inicia a conquista do México. O navegador português Fernão de Magalhães inicia a primeira viagem de circum-navegação.

1520
Concordata de Worms: Lutero é excomungado pelo papa Leão X.

Bibliografia

ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: UnB, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. São Paulo/Brasília: Hucitec/UnB, 1996.

BARRACLOUGH, Geoffrey (Coord.). *Atlas da história do mundo*. São Paulo: Folha de S.Paulo/Times Books, 1985.

BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal*. Do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.

BELTRÃO, Cláudia. *O mundo Bizantino*. São Paulo: FTD, 2000.

BOBBIO, Norberto et al. *Dicionário de política*. Brasília: UnB, 1986.

BOKAR, Tierno. Apud KI-ZERBO, Joseph (Coord.). *História geral da África*, v. I. Brasília: Unesco, 2010.

BORDET, Marcel. *Síntese de história romana*. Lisboa: Edições Asa, 1995.

BRAIDWOOD, Robert. *Homens pré-históricos*. Brasília: UnB, 1985.

BRAUDEL, Fernand. *Gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Sociedades do Antigo Oriente Próximo*. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *Antiguidade oriental*: política e religião. São Paulo: Contexto, 1990.

CARR, Edward Hallet. *Que é História?* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CHALLITA, Mansour. *O Alcorão*. Rio de Janeiro: Associação Internacional Cultural Gibran, s/d.

CHARDIN, Pierre Teilhard. *O fenômeno humano*. São Paulo: Cultrix, 1987.

CHILDE, V. Gordon. *A evolução cultural do homem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1971.

CLARK, Kenneth. *Civilização*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

Coletânea de documentos históricos para o primeiro grau. São Paulo: Cenp, 1978.

COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América*: as quatro viagens e o testamento. Porto Alegre: L&PM, 1999.

DELLA MIRANDOLA, Pico. *Discurso sobre la dignidad del hombre*. Buenos Aires: Longseller, 2003.

DELOUCHE, Frédéric (Org.). *História da Europa*. Portugal: Minerva, 1992.

DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000*: na pista dos nossos medos. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

EYMERICH, Nicolau. *Manual dos inquisidores*. Brasília: UnB/Rosa dos Tempos, 1993.

FERRO, Marc. *A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo: Ibrasa, 1983.

FINLEY, Moses. *Democracia antiga e moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTARI, Massimo (Dir.). *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FRANÇA, Eduardo D'Oliveira. A teoria geral da História. In: *Revista de História*. São Paulo, USP, n. 7, 1951.

FRANCO JR., Hilário; ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira. *Atlas de História Geral*. São Paulo: Scipione, 1993.

_____. *A Idade Média*: o nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. *O feudalismo*. São Paulo: Moderna, 1999.

_____; CHACON, Paulo Pan. *História econômica geral*. São Paulo: Atlas, 1995.

FRUGONI, Chiara. *Invenções da Idade Média*: óculos, livros, bancos e outras inovações geniais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GANSHOF, François-Louis. *O que é feudalismo?* Lisboa: Europa-América, 1976.

GARAU, Estela; RODGERS, Susana Brauner. *Occident y su legado*. Buenos Aires: Temas Grupo Editorial, 2005.

GARIN, Eugenio. *Ciência e vida civil no Renascimento italiano*. São Paulo: Editora da Unesp, 1996.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

HADAS, Moses. *Roma imperial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JACQ, Christian. *A sabedoria viva do Antigo Egito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

JAGUARIBE, Hélio. *Um estudo crítico da história*. São Paulo: Paz e Terra, 2001, v. 1.

KI-ZERBO, J. (Coord.). *História geral da África*, v. I. São Paulo: Ática/Unesco, 1982.

KOENING, Viviane. *Às margens do Nilo*, *os egípcios*. São Paulo: Augustus, 1990.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: Editora da Unesp, 1988.

_____. *A civilização do Ocidente medieval*. Lisboa: Estampa, 1983, v. II.

_____. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

_____; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEAKEY, Richard. *A origem da espécie humana*. São Paulo: Melhoramentos, 1982.

LEITE, Bertília; WITER, Othon. *Fim de milênio*: uma história dos calendários, profecias e catástrofes cósmicas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LOZÓN, Ignácio et al. *História*. Madri: Esla, 1992.

MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. *Roma e seu império*. São Paulo: Saraiva, 2000.

MAIER, Franz G. *Bizâncio*. México: Siglo Veintiuno, 1991.

MANTRAN, Robert. *Expansão muçulmana*: séculos VII-XI. São Paulo: Pioneira, 1977.

MELATTI, Júlio Cezar. *Índios do Brasil*. São Paulo/Brasília: Hucitec/UnB, 1993.

MICELI, Paulo. *O feudalismo*. São Paulo: Atual, 1998.

NABHAN, Neuza Neif. *Islamismo*: de Maomé a nossos dias. São Paulo: Ática, 1996.

NASCIMENTO, Carlos Arthur. *O que é filosofia medieval?* São Paulo: Brasiliense, 1992.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *A matriz africana no mundo*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1983.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. *História da Idade Média*: textos e testemunhas. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

PINSKY, Jaime. *As primeiras civilizações*. São Paulo: Atual, 1994.

_____. et al. *História da América através de textos*. São Paulo: Contexto, 2007.

PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*: colônia. São Paulo: Brasiliense, 1986.

QUESNEL, Alain. *O Egito*. São Paulo: Ática, 1988. Coleção Mitos e lendas.

REDE, Marcelo. *A Mesopotâmia*. São Paulo: Saraiva, 1997.

SAUTEREAU, François; JACQUET, Fred. *Contos e lendas do nascimento de Roma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *O Renascimento*. São Paulo: Atual, 1994.

SHERRARD, Philip. *Bizâncio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

SILVA, Alberto da Costa e. *A enxada e a lança*. A África antes dos portugueses. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SILVA, Janice Theodoro da. *Descobrimentos e Renascimento*. São Paulo: Contexto, 1991.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. A questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TREVISAN, Cláudia. *Os chineses*. São Paulo: Contexto, 2009.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília/São Paulo: UnB/Hucitec, 1986. Livro II.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. São Paulo: Difel, 1984.

_____. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VEYNE, Paul. *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. v. 1.

WHITROW, G. J. *O tempo da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Manual do professor

Orientações didáticas

Apresentação

Esta obra é destinada aos estudantes do Ensino Médio e aborda aspectos históricos de várias sociedades, especialmente aqueles que se referem ao contexto brasileiro.

Ao elaborá-la, o objetivo fundamental foi apresentar à professora e ao professor alguns caminhos pelos quais o ensino de História pode contribuir para:

- a construção da cidadania;
- o desenvolvimento da autonomia intelectual dos estudantes;
- a interpretação histórica de diversas fontes e linguagens;
- e a compreensão das práticas, atitudes e produções de múltiplos agentes históricos.

A **parte geral** deste manual apresenta os pressupostos teóricos e metodológicos que nortearam a concepção desta obra. Nela, encontram-se reflexões sobre o ofício do historiador, sobre a amplitude das tarefas educacionais, da aula e do livro didático e sobre os projetos temáticos e os recursos interdisciplinares que podem ser utilizados a partir do componente curricular História.

A **parte específica** deste manual tem por finalidade apresentar os trabalhos que podem ser desenvolvidos em cada um dos volumes desta coleção. Nela, encontram-se comentários sobre os objetivos pedagógicos das unidades, sugestões de textos de aprofundamento para a formação do docente, atividades complementares para os estudantes, assim como considerações sobre as atividades do livro.

Aos professores de História, desejo um excelente trabalho com sua turma, convicto de que nós, professores, desempenhamos um papel de alta relevância na construção de uma sociedade mais livre, justa e solidária.

O autor

Sumário

1 Pressupostos teórico-metodológicos 276

1.1. Ofício do historiador 276

1.2. Tarefas educacionais 277

1.3. História e representações 278

1.4. Aula e livro didático 278

1.5. Cidadania 279

2 Concepção da obra 280

2.1. Metodologia da História 280

2.2. Metodologia do ensino-aprendizagem 282

2.3. Sumários da coleção 282

2.4. Estrutura da obra 284

2.5. Projetos temáticos 285

3 Avaliação pedagógica 286

3.1. O que avaliar? 286

3.2. Critérios e instrumentos 286

4 Perspectiva interdisciplinar 287

4.1. Iconografia 288

4.2. Mapas 289

4.3. Espaço social 289

4.4. Filmes 290

4.5. Internet 294

4.6. Memória oral 295

4.7. Literatura (ficção) 295

5 Africanos, afro-brasileiros e indígenas 296

5.1. Africanos e afro-brasileiros 296

5.2. Os povos indígenas 300

6 Orientações específicas para o Volume 1 302

7 Bibliografia 368

1. Pressupostos teórico-metodológicos

> A História nunca nos conta tudo.
>
> José Saramago[1]

1.1. Ofício do historiador

A historiografia guarda expressiva relação com o contexto social em que foi produzida. Em seu ofício, o historiador dialoga com o tempo em que vive, marcado por desafios, problemas e esperanças.[2] Desse modo, o historiador constrói conhecimentos interagindo e reagindo, dialogicamente, às tradições culturais do pensamento historiográfico, filosófico, científico etc.

O ofício do historiador demanda pesquisas laboriosas, mas seus resultados não se cristalizam em "verdades absolutas", completas ou definitivas. Aliás, a palavra história, em sua etimologia, refere-se à procura de saber. Como escreveu o historiador Jacques Le Goff (1924-2014):

> [...] *historein* em grego antigo é "procurar saber", "informar-se". *Historie* significa pois "procurar". É este o sentido da palavra em Heródoto, no início das suas Histórias, que são "investigações", "procuras".[3]

Em sua "procura", o historiador se debruça sobre as vivências humanas em diferentes épocas e espaços, buscando compreender, explicar e interpretar o papel dos sujeitos históricos como agentes de encontros e confrontos, continuidades e rupturas, mudanças e permanências que marcaram sua vida no convívio social. Mas suas investigações não são onipotentes para dar conta da totalidade do "passado". Para ilustrar esse aspecto, observe uma alusão ao conto *Funes, o memorioso*, do escritor argentino Jorge Luis Borges (1899-1986).

Nesse conto, Borges criou o personagem Irineu Funes, que, depois de sofrer um tombo, adquiriu uma percepção absoluta, uma memória prodigiosa e implacável:

> Funes não recordava somente cada folha de cada árvore de cada monte, como também cada uma das vezes que a tinha percebido ou imaginado [...]. Era o solitário espectador de um mundo multiforme, instantâneo e quase intoleravelmente exato [...]. Era-lhe muito difícil dormir. Dormir é distrair-se do mundo [...]. Tinha aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, entretanto, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes não havia senão pormenores, quase imediatos.[4]

Borges escreveu esse conto como uma metáfora da insônia, segundo suas palavras. Outra metáfora possível para a figura de Funes seria, para boa parte do senso comum, a do historiador "ideal", capaz de memorizar integralmente o passado, dando conta de vastíssimo repertório de fatos e conteúdos. No entanto, ao contrário da ficção de *Funes*, o historiador constrói conhecimentos limitados e seletivos, baseado em escolhas, lentes, filtros, esquecimentos e intencionalidades. Limitados porque, por mais ampla que seja a visão, ela atinge partes, aspectos ou ângulos dos objetos de estudo. Ao serem perscrutados, esses objetos descortinam os universos polifônicos das vivências humanas. Seletivos porque cada historiador, ao eleger seu tema de estudo e ao desenvolver suas pesquisas, faz opções metodológicas no seu ofício de reconstruir o "passado" ou construir o conhecimento histórico.

1 SARAMAGO, José. In: *Da justiça à democracia, passando pelos sinos*. Texto lido no Fórum Social Mundial, Porto Alegre, 2002.

2 Cf. BRASIL. MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais — Ensino Médio*. Brasília: MEC, 1999. p. 300.

3 LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 17.

4 BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Trad.: Carlos Nejar. São Paulo: Círculo do Livro, 1975. p. 116-118.

A palavra historiador refere-se aqui a todos os profissionais de História, sobretudo aos professores. No ofício do historiador, pode-se afirmar que ensino e pesquisa são faces de uma mesma atividade e, nesse sentido, é importante realçar as construções e invenções permanentes que envolvem a História como área de conhecimento.

Por sua vez, a obra didática também compartilha características do ofício do historiador. Fruto do seu tempo, está permeada de escolhas que se manifestam, por exemplo, nas formas de tratamento dos múltiplos textos, das iconografias, das atividades que mobilizam os estudantes, na pulsão inevitável entre ênfases e ausências, própria de toda produção cultural. Ao lado das intencionalidades, existem, é claro, critérios teóricos, metodológicos e pedagógicos que nortearam a elaboração da obra e que serão aqui explicitados.

Considerando-se a "perspectiva de uma aprendizagem permanente, de uma formação continuada",[5] quaisquer dos conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais) desta obra didática devem ser tomados como ponto de partida, nunca como ponto de chegada. Isso significa que as propostas do livro devem ser discutidas, ampliadas e questionadas.

Afinal, o saber histórico escolar, como todo processo de conhecimento, é uma atividade contínua, passível de ser desenvolvida por diferentes caminhos. O importante é que esses caminhos sejam consistentes e conduzam à construção de sentidos, principalmente no contexto da sala de aula.

1.2. Tarefas educacionais

Em função do pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, muito já se debateu e se escreveu sobre a complexidade da tarefa educacional. Vale destacar que a ação educativa compreende dois processos indissociáveis e complementares. O primeiro remonta à dimensão do *educare*, termo latino que se refere à ideia de nutrir, alimentar, transmitir formas de saber e fazer. O segundo remete à dimensão do *educere*, termo latino que se refere à ideia de extrair, desabrochar, desenvolver conhecimentos e práticas.[6] Assim,

> [...] o conceito de educação já encerra, nas suas origens, uma contradição, na medida em que abriga, sob uma mesma raiz, sentidos diversos. O sentido de *educare* transmite a ideia de algo que se acrescenta ao indivíduo, procurando dar-lhe condições para o seu desenvolvimento. Já o sentido de *educere* sugere a liberação de forças que estão latentes e que dependem de estimulação para vir à tona.[7]

O sentido de *educare* ressalta aspectos voltados para a transmissão das formas de saber e de fazer, que constituem conteúdos considerados socialmente relevantes.

O sentido de *educere* enfatiza, na atividade educacional, aspectos relacionados ao desenvolvimento das potencialidades do educando, instigando-o a produzir saberes e atitudes, propiciando situações em que possa emergir sua própria ação e interpretação em face dos conteúdos transmitidos.

Assim, *educare* e *educere* são procedimentos circulares que integram o processo educacional. Desse modo, tão importante quanto a transmissão de conhecimentos e experiências socialmente acumulados é o estímulo ao desenvolvimento das competências e habilidades de cada estudante, visando torná-lo capaz de aprender a conhecer, fazer e conviver. Enfim, aprender a ser.[8]

Em suas diversas seções,[9] esta coleção procurou contemplar as dimensões *educare* e *educere*.

5 BRASIL. MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais — Ensino Médio*. Brasília: MEC, 1999. p. 13.

6 Cf. verbetes *ēdūcō dūxī, ductus, ere* e *ēducō āvī, ātus, āre* em LEWIS, Charlton T. An *Elementary Latin Dictionary*. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper>. Acesso em: 2 mar. 2016.

7 GARCIA, Walter E. *Educação*: visão teórica e prática pedagógica. São Paulo: McGraw-Hill, 1977. p. 1.

8 Cf. DELORS, Jacques (Dir.). *Educação* — um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília: Unesco; São Paulo: Cortez, 1997. p. 89-102. Disponível em: <http://infoeuropa.eurocid.pt/files/database/000046001-000047000/000046258.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2016.

9 As seções desta coleção serão apresentadas de maneira detalhada no tópico **2.4. Estrutura da obra**.

1.3. História e representações

O termo **representação** comporta uma pluralidade de sentidos. Sem o propósito de inventariar a polissemia do termo, estão indicados, a seguir, alguns de seus sentidos mais relevantes, seguidos de uma enunciação da noção de representação no contexto deste Manual do Professor.

De modo geral, representação refere-se às diversas modalidades de percepção ativa das realidades. Sobre o sentido de representações, o historiador Michel Vovelle declarou:

> Penso que a palavra representação traduz uma espécie de mutação de uma história ontem focalizada numa abordagem que se pretendia objetiva sobre realidades percebidas como tal.[10]

A noção de representação é fundamental para uma história cultural que, na concepção do historiador Roger Chartier,

> [...] tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler.[11]

Essa concepção pode ser bem aplicada à necessidade de se identificar o modo como um livro didático apresenta suas formas e seus conteúdos, que são pensados, construídos e dados à leitura.

As representações podem constituir discursos que, vinculados aos sujeitos sociais, interpretam realidades, expressando percepções e apreciações. Ao construir sentidos, as representações revelam (ou velam) concepções de mundo e "falam" tanto de quem as representa quanto daquilo que é representado. Isso se aplica a todos os discursos, incluindo o discurso de qualquer livro didático. Como decorrência dessa condição, todo livro fala de objetos e objetivos, enquanto ele próprio é também um objeto a ser estudado, analisado e criticado.

Assim como os "documentos deixaram de ser considerados apenas o alicerce da construção histórica, sendo eles mesmos entendidos como parte dessa construção em todos os seus momentos e articulações",[12] os livros didáticos também podem ser considerados objetos de estudo de uma história cultural a ser desenvolvida por professores e estudantes. Ou seja, ambos devem considerá-los criticamente, sempre indagando sobre as motivações que levaram o "passado" a ser "representado" de determinada maneira e não de outra. Isso se aplica a toda e qualquer leitura de livros históricos ou didáticos.

1.4. Aula e livro didático

Nesse contexto, o desafio do professor de História consiste em acompanhar o jogo dinâmico, as circularidades dos processos educacionais.

Há momentos, por exemplo, em que é preciso selecionar os conteúdos a serem trabalhados com os estudantes, o que, inevitavelmente, implica promover escolhas de temas e interpretações históricas para serem analisados. Como salientou o historiador Eric Hobsbawm (1917-2012):

> Todo estudo histórico, portanto, implica uma seleção, uma seleção minúscula, de algumas coisas da infinidade de atividades humanas do passado, e daquilo que afetou essas atividades. Mas não há nenhum critério geral aceito para se fazer tal seleção [...].[13]

Há outros momentos em que é necessário empenhar-se para que os estudantes desenvolvam o senso crítico em relação aos conteúdos trabalhados, ressignifiquem o que lhes foi ensinado e construam seu modo de ser, saber e fazer.

10 VOVELLE, Michel. In: D'ALESSIO, Marcia M. *Reflexões sobre o saber histórico*. Entrevistas com Pierre Vilar, Michel Vovelle, Madeleine Rebérioux. São Paulo: Unesp, 1998. p. 83.

11 CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 16-17.

12 BRASIL. MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais — Ensino Médio*. Brasília: MEC, 1999. p. 21.

13 HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 71.

É na ação educadora entre professor e estudante que surgem as variáveis dos processos anteriormente referidos, concretizáveis na dinâmica da aula.

> No processo de aprendizagem, o professor é o principal responsável pela criação das situações de trocas, de estímulo na construção de relações entre o estudado e o vivido, de integração com outras áreas de conhecimento, de possibilidade de acesso dos alunos a novas informações, de confrontos de opiniões, de apoio ao estudante na recriação de suas explicações e de transformação de suas concepções históricas.[14]

Essas considerações remetem à questão do papel do livro didático no processo educativo.

O livro didático é um instrumento que, utilizado na aula, pode contribuir no processo ensino-aprendizagem. É um importante recurso de que professores e estudantes dispõem. No entanto, o livro didático não é — nem deve ser tomado como — uma coletânea de aulas. Aula é processo vivo, mutável, dinâmico em que professores e estudantes são autores e atores da relação pedagógica ensino-aprendizagem. Nessa relação, são inúmeras as questões em jogo, por exemplo, as diferentes realidades sociocognitivas dos estudantes, o momento histórico em que os temas de estudos são abordados, o contato singular entre professores, estudantes e comunidade escolar.

No contexto da relação pedagógica, professores e estudantes podem e devem utilizar o livro didático de múltiplas maneiras, sem a pretensão de tratar exaustivamente, em aula, de uma gama enorme de conteúdos. Desse modo, é possível alterar a sequência dos capítulos, "pular" trechos considerados menos relevantes, selecionar ou refazer atividades. Há professores, por exemplo, que utilizam o livro em momentos específicos da aula; outros buscam nele subsídios para as "tarefas extraclasse". Alguns, ainda, para complementar conteúdos a serem discutidos, questionados e ampliados, enquanto outros fazem dele uma fonte para sistematizar e reforçar certos aspectos que já foram trabalhados em aula.

Assim, um livro didático será diferente dele mesmo e de outro não apenas pelos conteúdos, mas pela modificação de suas formas de uso. O livro muda quando mudam leitores, leituras e práticas educativas. O fundamental é que o livro didático esteja subordinado à autoria das aulas — esse momento vivo de interlocução entre professores, estudantes, escola e materiais pedagógicos.

Esta coleção de livros didáticos, ao desenvolver sua proposta e sistematizar seu conteúdo, também reconstrói, a seu modo e nos seus limites, uma parte do chamado saber histórico escolar. Isso porque esse saber histórico compõe-se de amplas dimensões.

> Esse saber é proveniente do diálogo entre muitos interlocutores e muitas fontes e é permanentemente reconstruído a partir de objetivos sociais, didáticos e pedagógicos. Dele fazem parte as tradições de ensino da área; as vivências sociais de professores e alunos; as representações do que e como estudar; as produções escolares de docentes e discentes; o conhecimento fruto de pesquisas dos historiadores, educadores e especialistas das Ciências Humanas; as formas e conteúdos provenientes dos mais diferentes materiais utilizados; as informações organizadas nos manuais e as informações difundidas pelos meios de comunicação.[15]

1.5. Cidadania

Ao longo desta coleção, o processo de construção e conquista da cidadania é investigado, fazendo-se constante referência à História brasileira. Nesse sentido, há muito o que fazer para se alcançar o exercício da cidadania plena em nossa sociedade.

Muitos brasileiros e brasileiras enfrentam dificuldades no acesso à escola de qualidade em todos os níveis, a serviços de saúde, segurança pública e justiça; enfrentam também questões de trabalho, má dis-

14 BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 40.

15 BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 38-9.

tribuição de renda, de moradias e formas variadas de discriminação, étnica, sexual etc.

Nessa luta permanente, é nosso dever reverter o paradigma de que a construção da cidadania é guiada principalmente pelas ações dos governantes. Cidadania não é algo que se ofereça como uma dádiva, de cima para baixo. Ao contrário, cidadania requer mobilização, participação e energia dos sujeitos históricos.

Assim, o caminho que conduz a uma cidadania plena exige mais do que uma pontual participação nas eleições através do voto: exige, entre outras coisas, a articulação entre a educação e a mobilização da sociedade.

Um dos princípios norteadores desta coleção consistiu em utilizar os temas históricos para trabalhar conceitos e atitudes vinculados à construção de uma cidadania cada vez mais plena e solidária.

2. Concepção da obra

Observe, a seguir, uma explicitação a respeito das escolhas feitas durante a elaboração da proposta histórico-pedagógica desta coleção.

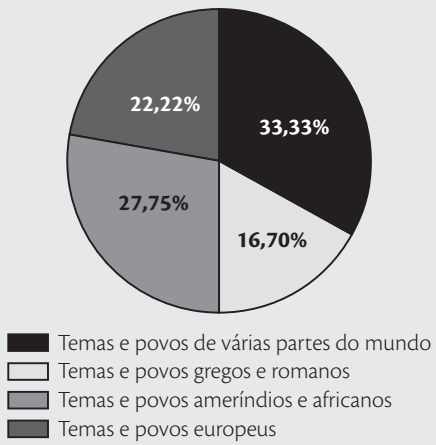
2.1. Metodologia da História

Esta coleção adotou a perspectiva da chamada "história integrada", abordando temas desde a origem das primeiras sociedades até as desigualdades da globalização contemporânea. Tendo em vista as simultaneidades dos acontecimentos no tempo e no espaço, os conteúdos foram intercalados para não forçar as especificidades de cada processo. As relações exploradas entre esses conteúdos são feitas de diferentes maneiras por meio dos textos de abertura das unidades e capítulos, nas interpretações das iconografias, nas atividades da seção **Investigando**, nas seções **Oficina de História**, nos projetos temáticos de cada volume da obra etc.

A obra desenvolve estudos sobre povos africanos, chineses, indianos, mesopotâmicos, hebreus, fenícios, persas, bizantinos, americanos, europeus, islâmicos, e, sobretudo, os estudos pertinentes à história brasileira. Observe:

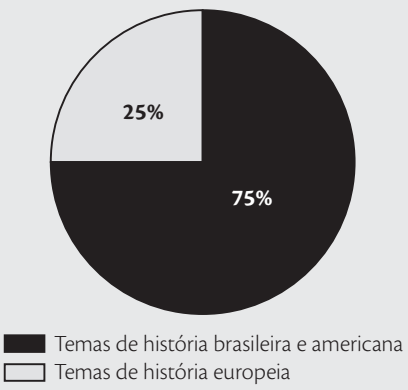
Volume 1

Dos 18 capítulos do primeiro volume, 6 capítulos contemplam temas e povos de várias partes do mundo, 5 capítulos correspondem a povos ameríndios e africanos, 3 capítulos remetem aos gregos e romanos antigos e 4, a outros temas europeus. Mas é preciso dizer que no ocidente medieval as pessoas não se denominavam europeus, e sim cristãos, habitualmente. Só a partir do século XIV o conceito geográfico e cultural de "Europa" foi se firmando. O resultado é demonstrado no gráfico:



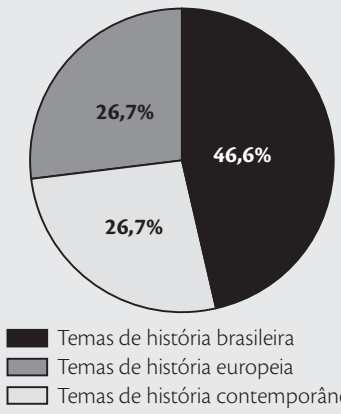
Volume 2

Dos 20 capítulos do segundo volume, 15 capítulos tratam de história brasileira e americana e 5 remetem à história europeia. O gráfico demonstra essa proporção:



Volume 3

Os 15 capítulos do terceiro volume são mais difíceis de serem classificados pelos critérios anteriores. Entretanto, podemos dizer que 7 capítulos tratam da história brasileira, 4 capítulos remetem à história europeia e 4 capítulos tratam de temas que abordam várias questões históricas do mundo contemporâneo. O gráfico demonstra essa configuração:



Nos múltiplos conteúdos históricos desenvolvidos, as dimensões econômicas, sociais, políticas e culturais são articuladas incorporando, tanto quanto possível, as contribuições mais recentes da historiografia e do ensino de História.

Com frequência, o texto-base refere-se às interpretações e aos debates dos historiadores para que os estudantes percebam que o saber histórico não é um dado pronto, mas uma construção cognitiva. Além disso, na seção **Interpretar fonte**, o próprio estudante exercita sua capacidade de analisar fontes diversas, aproximando-o de alguns procedimentos do ofício do historiador. Operando com esses procedimentos, o estudante vai desvendando as trilhas da construção dos conhecimentos.

O enfoque predominante volta-se para o passado público, embora também sejam apresentados aspectos da vida privada das diferentes sociedades estudadas.

As referências aos chamados "grandes eventos" da vida pública não têm o propósito de enaltecer ou glorificar personagens detentores do poder político, econômico ou cultural. Ao contrário, procuram trabalhar com uma perspectiva crítica sobre a forma como esses personagens responderam às pressões de seu tempo e se inscreveram na trama dos conflitos e interesses históricos.

Os diversos processos históricos são, geralmente, abordados do passado para o presente. No entanto, em cada capítulo, por meio de diversas atividades e na seção **Oficina de História**, estimula-se a percepção do estudante para as relações presente-passado e vice-versa, isto é, as mudanças e permanências, rupturas e continuidades que ressoam até nossos dias. Pretende-se, dessa maneira, instrumentalizar, da melhor forma possível, práticas de ensino que fazem uso de abordagens cronológicas sem que isso represente a única chave possível para se compreender o "passado". Como salientou Jacques Le Goff:

> Um mal-entendido particularmente surpreendente produziu-se no domínio da cronologia, onde a introdução das novas concepções do tempo e da duração em história levou, às vezes, a uma quase liquidação da cronologia, ao passo que esta continua sendo um conjunto de referências que sem dúvida deve ser enriquecido, flexibilizado, modernizado, mas que permanece fundamental para o próprio historiador, para os jovens e para o grande público.[16]

A concepção adotada, todavia, procurou incorporar o passado e o presente como "possibilidades" e não como algo inexorável. Dessa maneira, as situações do presente não são destinos inevitáveis do processo histórico, assim como o passado não constitui uma realidade cristalizada, mas sim um campo de estudo e pesquisa no qual se deve ingressar munido de perspectivas e indagações. O resultado dessas buscas depende, fundamentalmente, dos tipos de questões formuladas e dos "instrumentos" utilizados no estudo da História. Dessa maneira, esta obra rejeita o enfoque teleológico e procura escapar das armadilhas do determinismo, pois nada está previamente estabelecido na história.

16 LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 8.

2.2. Metodologia do ensino-aprendizagem

Coerente com a concepção de educação esboçada anteriormente, esta obra traz uma abordagem que procura superar a contradição entre *educare* (transmissão-assimilação de conteúdos) e *educere* (desenvolvimento das potencialidades, das competências e habilidades). Há uma circularidade nesses processos que, articulados, resultam no desenvolvimento da consciência crítica e favorecem dimensões como: a atenção e a reflexão, o escutar e o falar, a criação e o aproveitamento, a identidade e a alteridade.

Desse modo, tão importante quanto a transmissão de conhecimentos e experiências histórico-sociais é o estímulo ao desenvolvimento das competências e habilidades que levam ao pensamento crítico e à autonomia da ação. A questão não consiste em menosprezar os "conteúdos" do *educare*, mas em mobilizá-los como recursos para que o estudante desempenhe papel ativo frente ao contexto social e à produção de conhecimento.

Por meio das interações recíprocas que envolvem os processos de *educare* e *educere*, os conteúdos históricos podem servir para a investigação e análise das permanências e transformações nos processos históricos, interpretações de fontes diversas, debates sobre a identidade pessoal e social, reflexões sobre a construção da memória, compreensão das produções culturais em seus contextos sociais. Além disso, múltiplas atividades instigam os estudantes a perceberem a historicidade das experiências sociais bem como a refletirem sobre seu cotidiano juvenil e o mundo em que vivem.

As estratégias desenvolvidas no conjunto da obra levaram em conta que o atual ensino de História deve:

a) propiciar a produção de conhecimentos e de vivências mobilizadoras. Por isso, são enfatizados os trabalhos de pesquisa, de uso da internet, de reflexão, de estudo do espaço social, de entrevistas etc., presentes nas seções **Investigando**, **Oficina de História** e **Projetos Temáticos**.

b) utilizar a pluralidade de fontes documentais (textos escritos, linguagem falada, imagens, sons). Por isso, são trabalhados documentos escritos, letras de músicas, representações pictóricas, fotográficas, cinematográficas etc.

O conjunto dessas estratégias da metodologia ensino-aprendizagem será mais bem explicitado nos itens **Estrutura da obra** e **Avaliação pedagógica** neste Manual do Professor.

2.3. Sumários da coleção

Observe, a seguir, os sumários com as unidades e os capítulos dos três volumes da coleção.

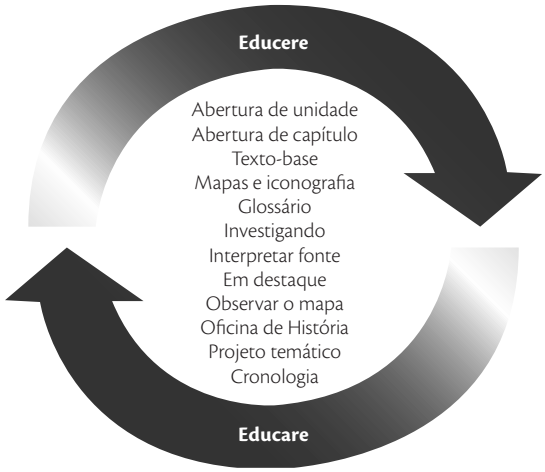
Volume 1	**Unidade 1** **História e cultura**	**Capítulo 1:** Refletindo sobre a História **Capítulo 2:** Primeiros humanos **Capítulo 3:** Primeiros povos da América
	Unidade 2 **Escrita e memória**	**Capítulo 4:** Povos da Mesopotâmia **Capítulo 5:** África: egípcios e cuxitas **Capítulo 6:** Hebreus, fenícios e persas **Capítulo 7:** Povos da China e da Índia **Capítulo 8:** Grécia Antiga **Capítulo 9:** Roma Antiga
	Unidade 3 **Identidade e diversidade**	**Capítulo 10:** Império Bizantino **Capítulo 11:** Mundo islâmico **Capítulo 12:** A Europa feudal **Capítulo 13:** Mundo cristão
	Unidade 4 **Contatos e confrontos**	**Capítulo 14:** Renascimentos e reformas **Capítulo 15:** Povos africanos **Capítulo 16:** Povos da América **Capítulo 17:** Expansão europeia **Capítulo 18:** A conquista da América
	Projeto temático	Cultura e cidadania

Volume 2	**Unidade 1** **Trabalho e sociedade**	**Capítulo 1:** Mercantilismo e colonização **Capítulo 2:** Estado e religião **Capítulo 3:** Sociedade açucareira **Capítulo 4:** Escravidão e resistência **Capítulo 5:** Holandeses no Brasil **Capítulo 6:** Expansão territorial **Capítulo 7:** Sociedade mineradora
	Unidade 2 **Súdito e cidadão**	**Capítulo 8:** Antigo Regime e Iluminismo **Capítulo 9:** Inglaterra e Revolução Industrial **Capítulo 10:** Formação dos Estados Unidos **Capítulo 11:** Revolução Francesa e Era Napoleônica **Capítulo 12:** Independências na América Latina
	Unidade 3 **Liberdade e independência**	**Capítulo 13:** Independência do Brasil **Capítulo 14:** Primeiro Reinado **Capítulo 15:** Período regencial **Capítulo 16:** Segundo Reinado **Capítulo 17:** Crise do império
	Unidade 4 **Tecnologia e dominação**	**Capítulo 18:** Europa no século XIX **Capítulo 19:** Imperialismo na África e na Ásia **Capítulo 20:** América no século XIX
	Projeto temático	Dimensões do trabalho

Volume 3	**Unidade 1** **Coesão e coerção**	**Capítulo 1:** Primeira Guerra Mundial **Capítulo 2:** Revolução Russa **Capítulo 3:** Abalo capitalista e regimes totalitários **Capítulo 4:** Segunda Guerra Mundial
	Unidade 2 **República e sociedade**	**Capítulo 5:** A instituição da República **Capítulo 6:** República Oligárquica **Capítulo 7:** Revoltas na Primeira República **Capítulo 8:** Era Vargas
	Unidade 3 **Globalização e meio ambiente**	**Capítulo 9:** Pós-guerra e novos confrontos **Capítulo 10:** África, Ásia e Oriente Médio **Capítulo 11:** Socialismo: da revolução à crise **Capítulo 12:** Desigualdades e globalização
	Unidade 4 **Democracia e movimentos sociais**	**Capítulo 13:** O Brasil democrático **Capítulo 14:** Governos militares **Capítulo 15:** O Brasil contemporâneo
	Projeto temático	Cidade em movimento

2.4. Estrutura da obra

Cada volume desta coleção está organizado em 4 unidades temáticas, que agrupam os capítulos.



Observe a função de cada seção da obra.

- **Abertura de unidade** – apresenta texto e imagem, sempre acompanhada de legenda, que conversam com temas abordados nos capítulos da unidade, por vezes estabelecendo relações entre o passado e o presente. As atividades da seção **Conversando** dialogam com o tema da abertura, muitas vezes trabalhando os conhecimentos prévios e as vivências dos estudantes, podendo ser feitas oralmente.
- **Abertura de capítulo** – procura atrair a atenção dos estudantes para o tema histórico que será estudado. Apresenta um breve texto que sintetiza o conteúdo do capítulo, uma imagem acompanhada de legenda e a seção **Treinando o olhar**, que propõe atividades de leitura da imagem, muitas vezes estabelecendo relações com História da Arte.
- **Texto-base** – desenvolve um dos possíveis caminhos para construção do conhecimento histórico, utilizando uma linguagem que leva em conta o nível de estudo dos estudantes. Esse texto está fundamentado tanto na historiografia clássica como nas correntes historiográficas mais recentes, o que pode ser observado na bibliografia apresentada no final de cada volume.
- **Mapas e iconografia** – integram o texto-base. Há diversos mapas (tanto históricos como atuais) e reproduções de imagens (documentos, fotografias, obras arquitetônicas, pinturas, esculturas etc.) que ilustram, complementam o texto-base e explicitam aspectos dele.
- **Glossário** – pequenas notas laterais que, de forma sucinta, trazem uma explicação sobre palavras e expressões pouco usuais para os estudantes. Sempre que julgar conveniente, o professor deverá complementar a explicação ou orientar os estudantes a pesquisarem outros sentidos para palavras e expressões desconhecidas.
- **Investigando** – atividades variadas que buscam associar os temas históricos com as vivências pessoais e culturais dos jovens do Ensino Médio. Esta seção aparece ao longo dos capítulos para promover um diálogo contínuo com os estudantes e uma aproximação com a realidade concreta vivida por eles.
- **Interpretar fonte** – boxe com fonte histórica (texto ou imagem), sempre acompanhada de atividades. Procura estimular o exercício de interpretação crítica e a reflexão sobre a produção do conhecimento histórico.
- **Em destaque** – boxe com textos que podem aprofundar um tema ou apresentar outras versões historiográficas. Em muitos casos, os textos são acompanhados de imagens contextualizadas. Propõe atividades que visam estimular a reflexão sobre o processo de construção do conhecimento histórico.
- **Observar o mapa** – atividades de leitura de mapas. Esta seção apresenta interdisciplinaridade com Geografia.
- **Oficina de História** – conjunto de atividades que aparece no final de cada capítulo. Esta seção é parte fundamental da obra, pois visa promover a autonomia e o pensamento crítico dos estudantes. O objetivo é levá-los a investigar e enfrentar problemas históricos do passado e do presente. As atividades estão agrupadas em:

a) Vivenciar e refletir – atividades de contextualização, reflexão, debate, pesquisa e, muitas vezes, de experimentação. De forma geral, elas buscam aproximar o saber histórico escolar e as vivências do estudante.

b) Diálogo interdisciplinar – atividades que realizam diálogos entre a História e outros componentes curriculares.

c) De olho na universidade – questões de vestibulares de diferentes regiões do país e do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

No último capítulo de cada unidade, **Para saber mais** indica livros, *sites* e filmes relacionados a conteúdos da unidade. Essas indicações são acompanhadas de atividades.

- **Cronologia** – ao final do livro, resume e localiza alguns eventos históricos ocorridos no Brasil e no mundo.

2.5. Projetos temáticos

Ao final de cada volume, é apresentado um projeto temático que reforça a dimensão experimental e interdisciplinar do ensino-aprendizagem mobilizando os estudantes a trabalhar com temas abrangentes das áreas do conhecimento, especialmente em Ciências Humanas e Linguagens. O objetivo é articular dimensões fundamentais da educação no Ensino Médio, como: cultura, cidadania, trabalho e dinâmica das cidades. Por isso, os temas dos projetos são:

- Volume 1: Cultura e cidadania;
- Volume 2: Dimensões do trabalho;
- Volume 3: Cidade em movimento.

Os projetos propõem atividades de reflexão e investigação que demandam, por exemplo: pesquisas e manejo com fontes diversas, análise e interpretação de dados e informações, usos de linguagens diferentes (textos, imagens, sons), entrevistas com pessoas da comunidade, estudo do espaço social em que os estudantes estão inseridos, construção e apresentação de argumentos a partir dos conhecimentos desenvolvidos.

Os projetos podem (e devem) ser flexibilizados levando em consideração a diversidade nacional e as necessidades pedagógicas de professores e estudantes.

A seguir, há indicações de alguns filmes, *sites* e livros associados aos projetos temáticos para o professor (e também para os estudantes).

Cultura e cidadania

- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- CARVALHO, José Murilo. *Cidadania no Brasil*: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria [Orgs.]. *Nova História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012.
- *O Povo Brasileiro*. Direção de Isa Grinspum Ferraz. Brasil, 2000, 280 min.

Dimensões do trabalho

- COMTE-SPONVILLE, André. *A vida humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ANTUNES, Ricardo (Org.). *O avesso do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- BRASIL. MEC. *Juventude e trabalho*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/06_cd_al.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2016.
- BENDASSOLLI, Pedro F. Felicidade e trabalho. In: *Revista de Administração de Empresas*, vol. 6, n. 4, 57-61, jul./ago. 2007.

Cidade em movimento

- LEITE, Carlos. *Cidades sustentáveis, cidades inteligentes*. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- MIKE, Davis. *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1999.
- SPOSITO, Eliseu Saverio. *A vida nas cidades*. São Paulo: Contexto, 1996.

3. Avaliação pedagógica

> Estamos no mundo não para observar como marcham as coisas, mas para produzir, para fazer, para transformar a realidade.
>
> Gianni Vattimo[17]

A avaliação pedagógica é um processo que implica estimar o valor, a extensão e a intensidade do desempenho educacional. Ao promover diagnósticos da ação educativa, a avaliação deve assumir caráter contínuo, formativo e participativo, superando, de vez, os velhos paradigmas de "vigiar e punir"[18].

Dessa maneira, a avaliação é uma parte essencial do currículo escolar destinada a redimensionar as tarefas educacionais. Serve tanto para identificar potencialidades e dificuldades da aprendizagem quanto para sinalizar problemas do ensino, permitindo repensar as estratégias utilizadas pelo professor.

Outro aspecto fundamental é que a avaliação deve ser apresentada aos pais ou responsáveis para que eles sejam informados sobre o desempenho escolar dos estudantes. Cultivar o diálogo com a família do estudante, discutindo os resultados da avaliação, contribui para a criação de um ambiente favorável à educação.

3.1. O que avaliar?

O ensino de História visa múltiplos objetivos que, evidentemente, variam segundo as concepções de historiadores e educadores.

Nesta obra, o objetivo subjacente ao ensino-aprendizagem de História é ampliar a consciência do que fomos para transformar o que somos. Transformar o "presente" em busca de uma sociedade mais livre, mais justa e solidária. O cerne do ensino de História consiste no desenvolvimento da consciência crítica, que se desdobra em duas dimensões complementares: a consciência de si e a consciência do outro.

- **Consciência de si, identidade própria, pessoalidade**: processo em que nos debruçamos sobre nosso próprio ser e fazer, percebendo-nos como criaturas e criadores da sociedade, pessoas capazes de conferir e diferir, de propor e inovar.
- **Consciência do outro, alteridade, socialidade**: processo que nos leva ao reconhecimento e acolhimento do outro, na convivência democrática, fazendo-nos promover, por exemplo, escuta social, tolerância com as diferenças e respeito pelas minorias.

A resposta para a pergunta "O que avaliar?", em termos amplos: deve-se avaliar o desenvolvimento da consciência histórica, que implica reflexão sobre si, atenção para o mundo, superação do isolamento narcísico e do alheamento social. Por sua vez, esse desenvolvimento está associado ao conhecimento e à produção de conteúdos históricos, à capacidade de expressão, de análise, síntese e interpretação de fontes diversas.

Tendo em vista os objetivos anteriores, a avaliação pedagógica deve buscar o entrelaçamento dos sentidos de *educare* (nutrir, transmitir conhecimento) e de *educere* (extrair, produzir conhecimento). Em outras palavras, deve-se avaliar tanto os aspectos voltados à aprendizagem dos conteúdos, da heteronomia e da alteridade social, quanto os aspectos voltados ao desenvolvimento do senso crítico sobre os conteúdos, da autonomia, da criatividade e da singularidade pessoal.

3.2. Critérios e instrumentos

As atividades propostas nesta obra buscam promover uma avaliação ampla e contínua. Elas são encontradas: nas aberturas de unidade (**Conversando**); nas aberturas de capítulo (**Treinando o olhar**); ao longo do texto-base (**Investigando** e **Observar o mapa**); nos boxes (**Em destaque**

17 VATTIMO, Gianni; RORTY, Richard. *Uma ética para laicos*. Buenos Aires: Katz, 2009. p. 11.

18 Alusão à obra *Vigiar e punir*, do filósofo e historiador francês Michel Foucault (1926-1984). Nessa obra, Foucault analisa os processos disciplinares das prisões que, de certo modo, constituem modelos de controle e adestramento para outras instituições, como fábricas, hospitais e escolas.

e **Interpretar fonte**); ao final de cada capítulo (**Oficina de História**); e ao final de cada volume da coleção (**Projetos temáticos**).

Ao aplicar essas atividades, é interessante que o professor explique os critérios pelos quais os estudantes serão avaliados. Algumas atividades, por exemplo, podem ser realizadas de forma oral, outras de forma escrita; algumas de maneira individual, outras em grupo; algumas demandam respostas que implicam compreensão e análise dos conteúdos estudados, outras extrapolam esses conteúdos e exigem a livre expressão das experiências pessoais. Em cada caso, o professor deve explicitar o que se está avaliando, isto é, ao que se atribui "valor". O objetivo da avaliação é servir à formação dos estudantes e não instituir rituais de punição.

Além das atividades do livro, o professor pode e deve promover outras formas de avaliação, como:

- organização de debates entre os estudantes, levando-os a se posicionar diante de questões do presente a partir de interpretações sobre suas relações com o passado;
- seminários, individuais ou em grupo, para a apresentação de temas históricos, comparando problemáticas atuais e de outras épocas e espaços;
- relatórios de pesquisas em diferentes fontes (imagem, som, texto escrito) e visitas a museus, exposições, locais históricos, "lugares de memória" etc.;
- produção de textos interpretativos, como artigos para um jornal, a serem elaborados pelos estudantes;
- crítica de filmes, livros, exposições etc.

Na prática escolar, é comum a alguns professores avaliar os estudantes no final do bimestre ou semestre. Nesse caso, é recomendável que as questões que levam a uma "resposta única" sejam menos valorizadas. Esse formato, que induz à resposta "correta", única e rígida, não cria oportunidades para que os estudantes expressem seu potencial de aprendizagem. Além disso, a recomendação dos educadores e da própria Lei é que o estudante seja avaliado de forma contínua e cumulativa, prevalecendo os aspectos qualitativos sobre os quantitativos e os resultados de longo prazo sobre os de eventuais provas finais (LDB, art. 24, V, alínea a).

A avaliação contínua e cumulativa não deve estabelecer uma separação rígida entre o momento de ensinar e o momento de aprender, o momento de demonstrar e o momento de produzir conhecimentos. Todos esses momentos podem estar articulados e entrelaçados de forma participativa.

A avaliação qualitativa depende do acompanhamento dos estudantes nas atividades em sala de aula e na realização dos trabalhos individuais e coletivos. Requer a observação e a valorização dos debates, do esforço de argumentação e do respeito aos outros.

Em resumo, a avaliação deve ser flexível e dinâmica, com diferentes graus de complexidade, utilizando variados instrumentos, explicitando seus critérios, respeitando o desenvolvimento das competências e habilidades a serem alcançadas ao longo do processo pedagógico.

4. Perspectiva interdisciplinar

> [...] os desenvolvimentos disciplinares das ciências não só trouxeram as vantagens da divisão do trabalho, mas também os inconvenientes da superespecialização [...] e do despedaçamento do saber.
>
> Edgar Morin[19]

19 MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad.: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 15.

Ao longo da chamada Idade Moderna, o vasto campo do saber humano foi sofrendo um processo de especialização dos estudos. Gradativamente, muitas ciências conquistaram autonomia, como se fossem ramos se alastrando a partir da árvore comum. Essas ciências, por sua vez, subdividiram-se em disciplinas cada vez mais específicas, que direcionaram suas investigações para objetos e objetivos próprios.

O estreitamento sistemático dos campos de conhecimentos conduziu a uma "era dos especialistas", marcada pela pulverização do saber e a perda das visões de conjunto. Daí a frase provocativa, atribuída ao dramaturgo inglês Bernard Shaw (1856-1950), que diz: "o especialista é aquele que sabe cada vez mais sobre cada vez menos, e, por fim, acaba sabendo tudo sobre o nada".

Contra os exageros da especialização, surge a busca pela interdisciplinaridade que aponta para a:

> [...] possibilidade de se relacionar as disciplinas em atividades ou projetos de estudo, pesquisa e ação. [...] O conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, de confirmação, de complementação, de negação, de ampliação, de iluminação de aspectos não distinguidos. [...]
>
> É importante enfatizar que a interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários. [...]
>
> A partir do problema gerador do projeto, que pode ser um experimento, um plano de ação para intervir na realidade ou uma atividade, são identificados os conceitos de cada disciplina que podem contribuir para descrevê-lo, explicá-lo e prever soluções.[20]

Esta coleção foi elaborada de maneira atenta à perspectiva interdisciplinar. Ela pode ser observada nas aberturas de unidade, em aspectos do texto-base, em textos complementares, na iconografia e suas legendas, nas atividades que permeiam os capítulos. De modo especial, a interdisciplinaridade encontra destaque nos projetos temáticos que finalizam cada volume e no conjunto de atividades específicas da **Oficina de História** intitulado **Diálogo interdisciplinar**. Esse item promove o diálogo da História com outros componentes curriculares de Ciências Humanas e, também, com outras áreas do conhecimento. Além disso, o item **Vivenciar e refletir**, também localizado na seção **Oficina de História**, propõe, muitas vezes, atividades de caráter interdisciplinar ou experimental, que demandam: visitas, entrevistas, produção e análise de charges, vídeos, memoriais, letras de música etc.

A História tem muito a contribuir em projetos interdisciplinares desenvolvidos pelos professores em suas escolas. Assim, o trabalho pedagógico pode utilizar variados recursos, tais como: iconografia, mapas, espaço social, filmes, internet, memória oral e literatura (ficção).

4.1. Iconografia

No processo de aprendizagem, a iconografia é recurso importante para o conhecimento interdisciplinar. Lidar com fontes e linguagens diferenciadas, principalmente visuais, requer habilidades que podem ser desenvolvidas pelo exercício constante do olhar e envolvem observar, identificar e compreender o significado das imagens.

A iconografia, seja uma fotografia ou a reprodução de uma obra de arte (pintura, escultura, gravura, desenho ou caricatura, por exemplo), pode ser um documento histórico tão importante quanto a documentação manuscrita ou impressa.

Há um ponto em comum entre a documentação iconográfica e a escrita: ambas são, fundamentalmente, representações da realidade, isto é, expressam versões a respeito dos eventos históricos e carregam intencionalidades.

Algumas dessas representações estão bastante impregnadas no imaginário das sociedades. É o caso, por exemplo, da independência do Brasil. Os variados grupos sociais do período, as divergências e convergências entre os grupos políticos e a questão das relações internacionais são alguns dos elementos que devem ser considerados em uma análise do episódio da independência. No entanto, é provável que a maioria das pessoas pense na cena criada no quadro de Pedro Américo (1843-1905) *Independência ou morte*. Essa obra, feita mais de meio século depois da proclamação da independência, não reconstitui a cena exata do chamado

20 BRASIL. MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio*. Brasília: MEC, 1999. p. 75-6.

"grito do Ipiranga", embora muitos a vejam assim. Trata-se de uma representação, de uma interpretação do artista sobre um tema histórico. Todavia, essa imagem cristalizou-se na mente de boa parte dos brasileiros como a cena real da proclamação da independência por D. Pedro. Esse exemplo, em meio a tantos outros possíveis, é revelador do poder da imagem, especialmente entre os jovens.

Ao trabalhar com recursos iconográficos como fontes históricas, procure:

- identificar o tipo de obra (fotografia, desenho, pintura, escultura, caricatura etc.), sua data e local de produção, bem como pesquisar informações sobre seu autor (nacionalidade, idade, formação, outros trabalhos etc.);
- observar detalhes da imagem, suas cores, personagens, paisagens, temas etc., refletindo sobre as diferentes impressões e sentimentos que ela pode despertar nos estudantes;
- analisar o contexto de produção da imagem e de como ela foi apropriada ao longo do tempo. Verifique, por exemplo, se as referências utilizadas na obra têm o mesmo significado no contexto de sua produção e no momento presente.

Leitura para o professor

A revista *Acervo*, editada pelo Arquivo Nacional (RJ), publicou um número especial dedicado à fotografia como fonte histórica (v. 6, n. 1/2, jan./dez. 1993). Nesse número, foram reunidos diversos artigos úteis, dentre os quais destacamos o de Boris Kossoy, "Estética, memória e ideologia fotográfica: decifrando a realidade interior das imagens", que analisa fotografias de diversos períodos da história do Brasil e o papel do fotógrafo como "criador de realidades". Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/media/v6_n1_2_jan_dez_1993.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2016.

Outra coletânea interessante para uma discussão sobre o uso de fontes diversas está no "Dossiê arte e linguagens", da *Revista Brasileira de História*, v. 18, n. 35, 1998. A publicação, editada pela Associação Nacional de História (Anpuh), reúne importantes artigos sobre música popular, literatura, cinema, fotografia e pintura, em diversas épocas. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102018819980001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 4 mar. 2016.

4.2. Mapas

Ao construir sociedades e culturas, os grupos humanos transformam o ambiente natural e organizam o espaço de acordo com suas necessidades e possibilidades. Os mapas são representações desse espaço percebido pelos seres humanos, do passado ou do presente.

Assim, é indicado que o professor utilize atlas históricos e geográficos em suas aulas, além dos mapas apresentados nesta obra.

Utilizando mapas, podem ser analisados com os estudantes aspectos como:

- a orientação espacial, a escala, o título e a legenda;
- as técnicas e os objetivos da representação;
- as delimitações de fronteiras, os acidentes geográficos, as concepções de mundo;
- as mudanças e permanências em um território ou uma região ao longo do tempo.

Leitura para o professor

O livro *Uma história do mundo em doze mapas*, do pesquisador Jerry Brotton, analisa alguns marcos da cartografia, das representações da Antiguidade até as imagens de satélite atuais (Rio de Janeiro: Zahar, 2014). O livro procura mostrar como os mapas influenciam e refletem os sistemas de poder, a religiosidade e a criatividade das sociedades que os produziram.

4.3. Espaço social

> Retirar os alunos da sala de aula e proporcionar-lhes o contato ativo e crítico com as ruas, praças, edifícios públicos e monumentos constitui excelente oportunidade para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa.[21]

Os espaços sociais podem ser utilizados como fonte histórica e um importante recurso didático. Portanto, visitas ao centro da cidade, ao bairro em

21 BRASIL. MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais — Ensino Médio*. Brasília: MEC, 1999. p. 27.

que a escola se situa, a museus, a parques e a outras localidades nas quais se possa fazer um estudo de temas abordados em sala de aula são momentos enriquecedores do aprendizado.

O espaço social transforma-se em uma fonte de pesquisa quando ele é investigado e interpretado pelo observador. Assim, analisar a maior ou menor presença de residências, indústrias, comércios, serviços ou área agropastoril, as áreas verdes em contraste com as áreas edificadas, os meios de transporte disponíveis, os estilos arquitetônicos e o tamanho das construções, seu uso público ou privado, o nome dos logradouros e os monumentos públicos, entre outras evidências, nos permite obter dados sobre o presente e o passado.

A conveniência dos estudos de campo depende de uma avaliação realista do professor. Normalmente, as atividades extraclasse empolgam os estudantes e transformam-se em oportunidades de sociabilidade e aprendizado diferentes das que são vivenciadas dentro da escola.

Em todo caso, as atividades voltadas ao estudo do espaço social requerem uma preparação anterior bastante criteriosa, para que sejam realizadas com segurança e, também, para que não se transformem em simples passeios. Essa preparação requer uma série de providências do professor, como solicitar a ajuda de pais e/ou funcionários da escola no monitoramento dos estudantes, levantar materiais de consulta sobre o local a ser visitado; dominar informações básicas sobre o local e priorizar as questões a serem pesquisadas.

4.4. Filmes

Antes de recomendar um filme, é imprescindível que o professor assista a ele e o avalie, tendo em vista a necessidade de um trabalho prévio de contextualização. Isso é válido, inclusive, para os filmes indicados ao longo dos volumes desta coleção, sobretudo na seção **Para saber mais**, que se encontra ao final de cada unidade. Dentre essas indicações, além dos filmes estrangeiros, há sugestões de obras do cinema brasileiro, o que contribui para a observância da Lei 13.006/2014, que obriga a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica.

Na tabela a seguir, encontra-se a relação dos filmes indicados no livro do estudante:[22]

	Produção	Filme	Seção
Volume 1	Nacional e estrangeira	**Narradores de Javé**. Direção de Eliane Caffé. Brasil/França, 2003, 100 min.	Iconografia, capítulo 1
	Estrangeira	**Romeu + Julieta**. Direção de Baz Luhrmann. EUA, 1996, 120 min.	Iconografia, capítulo 1
	Estrangeira	**A guerra do fogo**. Direção de Jean-Jacques Annaud. França/Canadá, 1981, 100 min.	Para saber mais, unidade 1
	Estrangeira	**Gladiador**. Direção de Ridley Scott. EUA, 2000, 155 min.	Para saber mais, unidade 2
	Estrangeira	**O príncipe do Egito**. Direção de Brenda Chapman, Simon Wells e Steve Hickner. EUA, 1998, 98 min.	Para saber mais, unidade 2
	Estrangeira	**Robin Hood**. Direção de Ridley Scott. EUA, 2010, 140 min.	Iconografia, capítulo 12
	Estrangeira	**Joana d'Arc**. Direção de Luc Besson. França, 1999, 155 min.	Para saber mais, unidade 3
	Estrangeira	**Moça com brinco de pérola**. Direção de Peter Webber. Inglaterra/Luxemburgo, 2003, 99 min.	Para saber mais, unidade 4

22 Além dos filmes indicados no livro do estudante, o professor irá encontrar outras indicações na parte específica deste Manual.

Volume 2	Nacional	**Xica da Silva**. Direção de Cacá Diegues. Brasil, 1976, 107 min.	Iconografia, capítulo 7
	Nacional e estrangeira	**Abril despedaçado**. Direção de Walter Salles. Brasil/França/Suíça, 2001, 105 min.	Para saber mais, unidade 1
	Estrangeira	**Libertador**. Direção de Alberto Arvelo. Venezuela/Espanha, 2014, 123 min.	Para saber mais, unidade 2
	Nacional	**Mauá: o imperador e o rei**. Direção de Sérgio Rezende. Brasil, 1999, 135 min.	Iconografia, capítulo 16
	Nacional	**Carlota Joaquina: princesa do Brasil**. Direção de Carla Camurati. Brasil, 1994, 100 min.	Para saber mais, unidade 3
	Estrangeira	**Oliver Twist**. Direção de Roman Polanski. Reino Unido/República Tcheca/França/Itália, 2005, 130 min.	Iconografia, capítulo 18
	Estrangeira	**12 anos de escravidão**. Direção de Steven McQueen. EUA, 2014, 134 min.	Para saber mais, unidade 4
	Estrangeira	**Biutiful**. Direção de Alejandro Gonzáles Iñárritu. Espanha, 2010, 147 min.	Projeto temático
	Nacional e estrangeira	**O banheiro do papa**. Direção de César Charlone, Enrique Fernández. Brasil/França/Uruguai, 2007, 90 min.	Projeto temático
	Estrangeira	**Erin Brockovich**. Direção de Steven Soderbergh. EUA, 2000, 131 min.	Projeto temático
	Estrangeira	**Terra fria**. Direção de Niki Caro. EUA, 2005, 126 min.	Projeto temático
	Nacional	**Que horas ela volta?** Direção de Anna Muylaert. Brasil, 2015, 112 min.	Projeto temático
Volume 3	Estrangeira	**O encouraçado Potemkin**. Direção de Sergei Eisenstein. Rússia, 1925, 75 min.	Iconografia, capítulo 2
	Estrangeira	**O coração corajoso de Irena Sendler**. Direção de John Kent Harrison. EUA, 2009, 95 min.	Iconografia, capítulo 4
	Estrangeira	**A queda! As últimas horas de Hitler**. Direção de Oliver Hirschbiegel. Alemanha, Áustria, Itália, 2005, 156 min.	Iconografia, capítulo 4
	Estrangeira	**A lista de Schindler**. Direção de Steven Spielberg. EUA, 1993, 195 min.	Para saber mais, unidade 1
	Estrangeira	**Arquitetura da destruição**. Direção de Peter Cohen. Suécia, 1989, 121 min.	Para saber mais, unidade 1
	Estrangeira	**Feliz Natal**. Direção de Christian Carion. França/Alemanha/Reino Unido/Bélgica/Romênia/Noruega/Japão, 2005, 116 min.	Para saber mais, unidade 1
	Nacional	**Guerra de Canudos**. Direção de Sérgio Rezende. Brasil, 1997, 167 min.	Para saber mais, unidade 2
	Estrangeira	**Hotel Ruanda**. Direção de Terry George. EUA/Itália/África do Sul, 2004, 121 min.	Para saber mais, unidade 3
	Estrangeira	**Uma verdade inconveniente**. Direção de Davis Guggenheim. EUA, 2006, 100 min.	Para saber mais, unidade 3
	Nacional	**O ano em que meus pais saíram de férias**. Direção de Cao Hamburger. Brasil, 2006, 105 min.	Para saber mais, unidade 4
	Nacional	**O contador de histórias**. Direção de Luiz Villaça. Brasil, 2009, 100 min.	Para saber mais, unidade 4

Ao analisar um filme, em primeiro lugar, convém esclarecer que o autor (diretor) trabalhou com um recorte da realidade, observou-a sob determinado ângulo e fez escolhas.

Em seguida, pode-se refletir sobre as formas de narrativa, levando os estudantes a observar as diferenças entre obras ficcionais e documentários (por exemplo, as imagens, os diálogos, as legendas, as falas em *off* etc.); todos esses recursos revelam opções na maneira de contar uma história. Os efeitos produzidos por um filme em cores diferem daqueles produzidos por um filme em preto e branco, que, apesar do seu caráter mais documental, permite jogos de luz e sombra, evocando sensações singulares no espectador. Da mesma forma, o uso de *close-ups*, ou seja, a aproximação da câmera para enquadrar paisagens, eventos ou atores (ou depoentes, no caso de documentários), pode direcionar a atenção do espectador.

As sugestões a seguir podem ser úteis como procedimentos de trabalho com filmes históricos.

1. Elabore uma ficha técnica com os dados básicos do filme — título, ano em que foi produzido, diretor, atores principais, época em que se desenvolveu a ação, local das filmagens, livro em que o roteiro foi baseado (se for o caso) etc.
2. Registre os elementos mais significativos em relação a aspectos como cenário (ruas, casas, edificações variadas, cidades, paisagens, objetos etc.) e personagens (vestuário, alimentação, costumes, modo de falar etc.).
3. Relacione aspectos mostrados pelo filme com outros conteúdos históricos apresentados e discutidos em sala de aula.
4. Elabore uma resenha sobre o filme. A resenha pode ser organizada a partir de questões como:
   - Que conflitos são narrados e de qual perspectiva?
   - Que imagens o autor constrói sobre os temas abordados?
   - Como os personagens vivenciam suas experiências?
   - Qual é o peso da presença de "heróis" protagonistas? Que valores eles expressam?
   - Há um caráter de denúncia ou um compromisso com a versão de um personagem ou grupo social?
   - Como é abordada a temporalidade no filme? Isso é feito a partir das experiências dos personagens?
   - O que é presente/passado/futuro nessa obra?

Agora, leia um trecho de um artigo de José Manuel Moran, professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sobre as possibilidades do uso do vídeo em sala de aula, mas que se aplicam em grande medida a todos os filmes.

Proposta de uso do vídeo

Usos inadequados em sala de aula:

a. **Vídeo tapa-buraco:** colocar vídeo quando há um problema inesperado, como ausência do professor. Usar esse expediente eventualmente pode ser útil, mas, se for feito com frequência, desvaloriza o uso do vídeo e o associa — na cabeça do aluno — a não ter aula.

b. **Videoenrolação:** exibir um vídeo sem muita ligação com a matéria. O aluno percebe que o vídeo é usado como forma de camuflar a aula. Pode concordar na hora, mas discorda do seu mau uso.

c. **Videodeslumbramento:** o professor que acaba de descobrir o uso do vídeo costuma empolgar-se e passar vídeo em todas as aulas, esquecendo outras dinâmicas mais pertinentes. O uso exagerado do vídeo diminui a sua eficácia e empobrece as aulas.

d. **Videoperfeição:** existem professores que questionam todos os vídeos possíveis, porque possuem defeitos de informação ou estéticos. Os vídeos que apresentam conceitos problemáticos podem ser usados para descobri-los junto com os alunos e questioná-los.

e. **Só vídeo:** não é satisfatório didaticamente exibir o vídeo sem discuti-lo, sem integrá-lo com o assunto de aula, sem voltar e mostrar alguns momentos mais importantes.

Propostas de utilização:

a. Começar por vídeos mais simples, mais fáceis, e exibir depois vídeos mais complexos e difíceis, tanto do ponto de vista temático quanto técnico. Pode-se partir de vídeos ligados à televisão, vídeos próximos à sensibilidade dos alunos, vídeos mais atraentes, e deixar para depois a exibição de vídeos mais artísticos, mais elaborados.

b. Vídeo como sensibilização. É, do nosso ponto de vista, o uso mais importante na escola. Um bom vídeo é interessantíssimo para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade, a motivação para novos temas. Isso facilitará o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundar o assunto do vídeo e da matéria.

c. **Vídeo como ilustração**. O vídeo muitas vezes ajuda a mostrar o que se fala em aula, a compor cenários desconhecidos dos alunos. Por exemplo, um vídeo que exemplifica como eram os romanos na época de Júlio César ou Nero, mesmo que não seja totalmente fiel, ajuda a situar os alunos no tempo histórico. Um vídeo traz para a sala de aula realidades distantes dos alunos, como, por exemplo, a Amazônia, a África ou a Europa. A vida aproxima-se da escola através do vídeo.

d. **Vídeo como simulação.** É uma ilustração mais sofisticada. O vídeo pode simular experiências de química que seriam perigosas em laboratório ou que exigiriam muito tempo e recursos. Um vídeo pode mostrar o crescimento acelerado de uma planta, de uma árvore — da semente até a maturidade — em poucos segundos.

e. **Vídeo como conteúdo de ensino**. Vídeo que mostra determinado assunto, de forma direta ou indireta. De forma direta, quando informa sobre um tema específico orientando a sua interpretação. De forma indireta, quando mostra um tema permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares.

f. **Vídeo como produção.**

- **Como documentação:** registro de eventos, de aulas, de estudos do meio, de experiências, de entrevistas, de depoimentos. Isso facilita o trabalho do professor, dos alunos e dos futuros alunos. O professor deve poder documentar o que é mais importante para o seu trabalho, ter o seu próprio material de vídeo, assim como tem os seus livros e suas apostilas para preparar as suas aulas. O professor estará atento para gravar o material audiovisual mais utilizado, para não depender sempre do empréstimo ou aluguel dos mesmos programas.
- **Como intervenção:** interferir, modificar um determinado programa, um material audiovisual, acrescentando uma nova trilha sonora ou editando o material de forma compacta, ou introduzindo novas cenas com novos significados. O professor precisa perder o medo, o excessivo "respeito" ao vídeo. Assim como ele interfere num texto escrito, modificando-o, acrescentando novos dados, novas interpretações e contextos mais próximos do aluno, assim ele poderá fazê-lo com o vídeo.
- **Como expressão:** como nova forma de comunicação adaptada à sensibilidade principalmente das crianças e dos jovens. As crianças adoram fazer vídeo, e a escola precisa incentivar o máximo possível a produção de pesquisas em vídeo pelos alunos. A produção em vídeo tem uma dimensão moderna, lúdica. Moderna, como meio contemporâneo, novo e que integra linguagens. Lúdica, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade, levá-la junto para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes, tanto para as crianças como para os adultos. Os alunos podem ser in-

centivados a produzir dentro de uma determinada matéria ou dentro de um trabalho interdisciplinar. E também produzir programas informativos, feitos por eles mesmos e colocá-los em lugares visíveis dentro da escola e em horários em que muitas crianças possam assistir.

g. **Vídeo como avaliação:** dos alunos, do professor, do processo.
   - Videoespelho. Ver-se na tela para poder compreender-se, para descobrir o próprio corpo, os gestos, os cacoetes. Videoespelho para análise do grupo e dos papéis de cada um; para acompanhar o comportamento de cada um, do ponto de vista participativo; para incentivar os mais retraídos e pedir aos que falam muito para darem mais espaço aos colegas. O videoespelho é de grande utilidade para o professor se ver na tela, examinar sua comunicação com os alunos, suas qualidades e seus defeitos.

h. **Vídeo como integração/suporte de outras mídias.**
   - Vídeo como suporte da televisão e do cinema. Gravar em vídeo programas importantes da televisão para utilização em aula.
   - Alugar ou comprar filmes de longa-metragem, documentários para ampliar o conhecimento de cinema, iniciar os alunos na linguagem audiovisual.
   - Vídeo interagindo com outras mídias como o computador, o videodisco, o CD-ROM, o CD-I (Compact Disc Interactive), com os video games [...].[23]

Leitura para o professor

O livro *Cinema brasileiro hoje*, de Pedro Butcher, aborda questões relacionadas à produção cinematográfica nacional contemporânea (Série Folha Explica. São Paulo: Publifolha, 2005). Entre essas questões estão dilemas políticos, econômicos e artísticos.

Já a obra *A História vai ao cinema*, organizada por Mariza de Carvalho Soares e Jorge Ferreira, apresenta vinte filmes brasileiros analisados por historiadores (Rio de Janeiro: Record, 2001).

No livro *História e cinema*, organizado por Maria Helena Capelato [et al.], pesquisadores das disciplinas de História e Audiovisual discutem temas como as relações entre cinema e História, o filme como documento e a representação cinematográfica do passado (São Paulo: Alameda, 2007).

O livro *Passado imperfeito*: a história do cinema, organizado por Mark C. Carnes (Rio de Janeiro: Record, 1997), traz análises e reflexões sobre vários filmes com temáticas históricas.

Para entender um pouco sobre as linguagens do cinema, sugerimos *Gramática do cinema*, de Marie-France Briselance e Jean-Claude Morin (Lisboa: Texto e Grafia, 2011).

Por fim, para uma discussão sobre o cinema na sala de aula, o professor pode se basear no livro *Como usar o cinema na sala de aula*, de Marcos Napolitano (São Paulo: Contexto, 2004).

4.5. Internet

A internet pode tornar-se uma poderosa aliada no processo de ensino-aprendizagem. É preciso, no entanto, avaliar cautelosamente a quantidade quase inesgotável de informações disponibilizadas na rede, pois são, muitas vezes, tão variadas quanto caóticas.

Nesse sentido, o semiólogo italiano Umberto Eco (1932-2016) comparou a internet a um "imenso Funes" — o personagem de Borges, referido na página 276 deste Manual, que possuía uma memória implacável, mas não conseguia discernir informações.

> Com a web, todo saber, toda informação possível, mesmo a menos pertinente, está lá, à nossa disposição. Então pergunta-se: quem filtra? [...] Ora, a incapacidade de filtrar é a impossibilidade de discriminar. [...] Ampliamos nossa capacidade de estocagem da memória, mas não encontramos ainda o novo parâmetro de filtragem.[24]

23 MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. *Comunicação & Educação*, (2): jan./abr. 1995. p. 29-31. Disponível em: <http://revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/3927/3685>. Acesso em: 16 fev. 2016.

24 ECO, Umberto. Para todos os fins úteis. Entrevista realizada por Catherine David, Frédéric Lenoir e Jean-Philippe Tonnac. In: *Entrevistas sobre o fim dos tempos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 189-190.

Assim, o primeiro passo para trabalhar com esse recurso na sala de aula seria um debate sobre os parâmetros de filtragem de seus conteúdos. Vale lembrar que estipular critérios não é o mesmo que censura (restrição ou proibição da circulação de ideias), algo indesejável em sociedades que prezam a liberdade de expressão.

Os parâmetros de filtragem são, na verdade, critérios de seleção, que envolvem desde a análise de autoria até a verificação de indicação etária dos conteúdos *on-line*. Por isso, são recomendados alguns *sites* pertinentes na seção **Para saber mais** de cada unidade desta coleção e também nos **Projetos temáticos**.

4.6. Memória oral

O trabalho com fontes orais (entrevistas, depoimentos) pode levar a bons resultados, envolvendo os estudantes em atividades interdisciplinares.

Todos nós conhecemos pessoas interessantes que podem nos relatar suas experiências de vida, suas percepções da sociedade, suas conquistas e decepções. É possível aproveitar esses relatos como fonte de pesquisa para ampliar, por exemplo, a construção do conhecimento histórico, geográfico, sociológico, antropológico etc.

As sugestões a seguir podem ser interessantes para o professor trabalhar com a memória oral.

1. Escolha de temas – selecionar temas históricos de interesse da turma.
2. Preparação de roteiros – solicitar aos estudantes que preparem perguntas para montar um roteiro de entrevista. As primeiras perguntas referem-se à identificação do entrevistado:
   - nome;
   - idade;
   - nacionalidade;
   - lugar onde mora;
   - ocupação;
   - escolaridade;
   - atividades de lazer.

   Além dessas perguntas, outras devem ser formuladas, conforme o que se pretende destacar em relação aos temas em estudo: opinião sobre um conflito, informações sobre o próprio trabalho ou sobre a vida comunitária, concepções sobre política, participação em movimentos sociais etc.
3. Escolha dos depoentes – deve ser feita após a escolha do tema de estudo e levará em conta a experiência pessoal, a idade e a disponibilidade do depoente, bem como seu grau de envolvimento com o estudante.
4. Registro da entrevista – os depoimentos podem ser gravados ou anotados, de acordo com os recursos de que o estudante disponha.
5. Elaboração de relatórios – o resultado da entrevista pode ser organizado na forma de uma redação.

Leitura para o professor

As sugestões de leituras sobre a pesquisa com fontes orais e o trabalho com depoimentos a seguir visam aprofundar os conhecimentos do professor sobre o tema para incentivar e orientar os estudantes na coleta e na interpretação desse tipo de fonte. O professor pode ler os trabalhos apresentados no evento "Ética e História Oral" — promovido pelo Centro Cultural Banco do Brasil e pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) — reunidos em um número especial da revista *Projeto História*, editada pela PUC/SP (n. 15, abr. 1997). Nos artigos reunidos, autores estrangeiros e brasileiros abordam a questão da individualidade coletiva e do cinema-documentário, ao lado de depoimentos de historiadores e cineastas sobre a forma como realizam seus trabalhos. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/issue/view/786/showToc>. Acesso em: 7 mar. 2016.

4.7. Literatura (ficção)

A literatura, como qualquer outra fonte, é testemunho e documento de sua época. A leitura de obras de ficção escritas em tempos diversos pode ser transformada em importante instrumento da aprendizagem e da construção do saber. O primeiro passo para isso é "dessacralizar" a literatura (como qualquer outra obra de arte) e analisá-la, não como um objeto autônomo, mas como parte constitutiva da sociedade no interior da qual foi produzida. Além disso, é importante

lembrar que a literatura não apenas reflete sua época, mas age sobre ela, por meio das representações que ajuda a difundir e que, por sua vez, também modelam as práticas sociais.

A ficção literária, assim como outras fontes, possibilita uma reconstituição de vários elementos que interessam à história, entre eles:

- os modos de vida, costumes e cotidiano das sociedades representadas;
- a análise do papel dos personagens e sua inserção social;
- o contexto no qual a história se passa — descrição dos ambientes, das relações sociais, familiares e de poder, dos preconceitos, da política etc.

A discussão de textos de ficção literária em seus diversos gêneros (conto, romance, poesia, crônica) pode estimular o diálogo interdisciplinar entre os componentes curriculares História e Língua Portuguesa.

Leitura para o professor

Um bom exemplo do uso da literatura como fonte em pesquisas históricas pode ser visto na coletânea *A história contada*: capítulos de história social da literatura no Brasil, organizada por Sidney Chalhoub e Leonardo A. de M. Pereira (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998). Nessa obra, a literatura e o mundo dos literatos brasileiros foram tomados como caminhos possíveis para a recuperação da história do Brasil a partir do período imperial. Publicações nesse sentido surgem a todo o momento. Dentre elas, destaca-se, ainda, *Com palmos medida*: terra, trabalho e conflito na literatura brasileira (São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Boitempo, 1999), organizada por Flávio Aguiar, com prefácio de Antonio Candido, e *Civilização e exclusão* (São Paulo: Boitempo, 2001), organizada por Flávio Aguiar e Ligia Chiappini.

5. Africanos, afro-brasileiros e indígenas

5.1. Africanos e afro-brasileiros

Em 9 de janeiro de 2003, entrou em vigor a Lei nº 10.639, que alterou as diretrizes e bases da educação no Brasil. Desde então, tornou-se obrigatória a presença dos temas de história e cultura afro-brasileira no currículo escolar. A lei estabelece que:

> Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.
>
> § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.
>
> § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.[25]

25 A lei, disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>, foi alterada pela Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que não restringiu a legislação anterior, apenas acrescentou a obrigatoriedade de incluir a história e a cultura indígena nos currículos escolares em todos os níveis de ensino. Essa última encontra-se disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acessos em: 16 fev. 2016.

A exigência não se limita à História; abrange também Literatura, Arte e, de modo geral, todos os demais componentes curriculares. A obrigatoriedade talvez tenha sido tardia, como será discutido a seguir.

De certa forma, temas de história e cultura afro-brasileira vinham sendo estudados nos livros didáticos desde muito tempo. No entanto, esses temas eram frequentemente limitados à escravidão e ao domínio sofrido pelos africanos e seus descendentes. Em geral, além da diáspora africana, essa história só tinha vez quando se estudava o colonialismo do século XIX e as independências dos países do continente no século XX. Assim mesmo, esses temas costumam ser abordados apenas da perspectiva europeia.

À primeira vista, instituir conteúdos obrigatórios por meio da legislação parece um pouco arbitrário. Todavia, as leis — como tudo o mais — têm história, e o processo que levou à promulgação da Lei nº 10.639 foi fruto de pressões democráticas da sociedade, particularmente do movimento negro no Brasil que, legitimamente, exigia um tratamento à altura da importância dos negros brasileiros para a sociedade aqui construída ao longo de cinco séculos.

Mas uma lei não resolve por si os problemas. Desde a sua entrada em vigor, em 2003, muitos esforços têm sido feitos por professores, bibliotecários, administradores escolares, autores e editores de livros didáticos. E ainda será preciso fazer muito mais para construir a igualdade no que se refere à apropriação, pelos brasileiros, de sua história. Este livro é resultado desse esforço.

Discussões e diretrizes sobre os temas da história e da cultura da África, e dos africanos e seus descendentes pelo mundo, têm surgido em diversos lugares. Assim, é preciso estar atento para se considerar o debate e incorporá-lo tanto quanto possível.

Dentre muitas vozes e resultados de debates, são aqui destacados os princípios norteadores elencados por Rosa M. Rocha, que são fundamentais para a elaboração do material a ser usado pelos estudantes e para a avaliação da própria postura de autores, editores, professores, estudantes e da sociedade em geral quando se trata de discutir a questão racial na sala de aula:

1. a questão racial deve ser um conteúdo multidisciplinar, debatido durante todo o ano letivo;
2. deve-se reconhecer e valorizar as contribuições reais do povo negro à nação brasileira;
3. estabelecer uma conexão entre as situações de diversidade com a vida cotidiana nas salas de aula;
4. combater as posturas etnocêntricas para a desconstrução de estereótipos e preconceitos atribuídos ao grupo negro;
5. incorporar a história dos negros, a cultura, a situação de sua marginalização e seus reflexos ao conteúdo do currículo escolar;
6. extinguir o uso de material pedagógico contendo imagens estereotipadas do negro, com repúdio às atitudes preconceituosas e discriminatórias;
7. dar maior atenção à expressão verbal escolar cotidiana;
8. construir coletivamente alternativas pedagógicas com suporte de recursos didáticos adequados.[26]

Uma vez refletida, essa pauta pode nortear as ações dos agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem ocorrido na escola. O livro didático é um instrumento desse processo e, nesse caso, houve um esforço para incorporar posturas apropriadas no que se refere à valorização da diversidade da população brasileira e à recusa do etnocentrismo e dos preconceitos em todo o processo histórico mundial aqui trabalhado.

Nesse contexto, esta coleção de História para o Ensino Médio engaja-se no esforço de contri-

26 ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. Princípios norteadores quanto ao trato da questão racial no cotidiano escolar. In: *Almanaque pedagógico afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Mazza, 2006. p. 15-16.

buir para a inserção de conteúdos pertinentes à história e à cultura dos africanos e afro-brasileiros. Além dos conteúdos que os livros da coleção já trazem, há neste Manual do Professor sugestões de textos e de atividades que contemplam essas novas exigências, que serão encontradas na parte específica correspondente a cada volume da coleção.

O quadro a seguir destaca alguns pontos em que o estudo da história da cultura da África e dos afrodescendentes se torna mais evidente nesta coleção.

	Capítulo	Abordagem
Volume 1	Capítulo 1	Atividade com fontes históricas sobre a escravidão africana no Brasil. Apresenta a obra *Uma senhora de algumas posses em sua casa*, de Debret, e um recibo de compra e venda de escravo.
	Capítulo 2	A África apresentada como o local de origem da humanidade. Mapa com principais sítios arqueológicos do continente africano.
	Capítulo 5	Capítulo dedicado a duas importantes civilizações africanas antigas: egípcios e cuxitas.
	Capítulo 9	Indicação de *site* acompanhado de atividade sobre o Egito Antigo, na seção **Para saber mais**.
	Capítulo 11	A presença do islamismo no Brasil atual e a participação dos escravos islamizados na Revolta dos Malês.
	Capítulo 15	Capítulo destinado a povos africanos e sua pluralidade cultural, com destaque para aspectos do Reino de Gana, do Reino do Mali, do Reino do Congo e dos bantos.
	Capítulo 17	Navegações portuguesas, Périplo Africano.
	Projeto temático	Escravidão e racismo. Cultura afro-brasileira e protagonismo negro no Brasil.

Volume 2	Capítulo 3	A importância do trabalho africano para a economia colonial da América portuguesa, abordando a escravidão africana e o cotidiano dos escravos nos engenhos. Atividade de leitura de imagem com representação de indígena, negro e europeu.
	Capítulo 4	Capítulo dedicado à escravidão e à resistência dos africanos e de seus descendentes no Brasil. A presença da cultura africana no patrimônio histórico nacional (Ofício das Baianas do Acarajé).
	Capítulo 7	A importância do trabalho africano na economia e sociedade mineradora, destacando os conhecimentos dos escravos sobre a extração de ouro de aluvião e a obra do arquiteto e escultor afro-brasileiro Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho).
	Capítulo 10	Trabalho escravo africano nas Treze Colônias (EUA). Atividade sobre movimentos contra segregação racial dos negros nos EUA, com texto de Martin Luther King.
	Capítulo 12	Independência do Haiti, processo liderado por escravos de origem africana.
	Capítulo 13	A participação de negros libertos e escravizados na Conjuração Baiana, movimento que planejava, entre outras coisas, abolir a escravidão.
	Capítulo 14	As lutas de independência na Bahia e a participação dos escravos nesses movimentos.
	Capítulo 15	A Revolta dos Malês, considerada uma das mais importantes rebeliões de escravos do século XIX. A participação de negros na Cabanagem, revolta popular que aconteceu no Pará.
	Capítulo 16	O fim do tráfico negreiro e a participação do negro na sociedade imperial.
	Capítulo 17	A participação dos negros na Guerra do Paraguai. Abolicionismo, com destaque para Luís Gama, André Rebouças e Chiquinha Gonzaga. As limitações do fim da escravidão no Brasil. Os sentidos do 13 de maio. Atividades com textos do escritor Machado de Assis e do compositor Gilberto Gil.
	Capítulo 19	Capítulo dedicado à dominação neocolonial no continente africano e aos movimentos de resistência.
	Capítulo 20	Fim da escravidão nos Estados Unidos: direitos restritos Indicação de filme, acompanhado de atividade, sobre a escravidão nos EUA, na seção **Para saber mais**. Indicação de livro, acompanhado de atividade, sobre história do continente africano, na seção **Para saber mais**.

Volume 3	Capítulo 6	A participação do negro em uma importante manifestação cultural brasileira: o futebol.
	Capítulo 7	A participação dos negros na Revolta da Chibata, com destaque para a liderança de João Cândido. A presença da cultura africana no patrimônio histórico nacional (Matrizes do samba do Rio de Janeiro).
	Capítulo 10	Capítulo dedicado à descolonização da África. O protagonismo dos africanos nos movimentos de luta pela independência de diversos países. Destaque de figuras como a bióloga queniana Wangari Maathai, o político sul-africano Nelson Mandela e o filósofo e educador ganense James Aggrey. O regime de segregação racial (*apartheid*) na África do Sul.
	Capítulo 12	Questões raciais nos EUA, a Rebelião de Los Angeles. Xenofobia e racismo na Europa em relação a imigrantes africanos.
	Capítulo 15	Estatuto da Igualdade Racial. Indicação de filme, acompanhado de atividade, sobre cidadania da população negra brasileira, na seção **Para saber mais**.

5.2. Os povos indígenas

Ao longo do século XX, as relações entre o Estado brasileiro e os povos indígenas foram marcadas por políticas formalmente integracionistas, que tinham por objetivo assimilar e integrar à sociedade nacional aqueles povos culturalmente diferentes. No fundo, essa política de integração compulsória significava negar aos indígenas seu direito à diferença e à identidade cultural. Sob o manto da proteção estatal, os povos indígenas enfrentavam um cotidiano de discriminação, adversidades e, não raro, situações de violência extrema por parte de grupos que pretendiam tomar suas terras.

Com o advento da Constituição Federal de 1988, ao final do regime militar, operou-se radical transformação nas relações jurídicas entre Estado e populações indígenas. A nova Carta reconheceu que esses povos têm o direito de permanecer para sempre como indígenas. Assim, como explicou o especialista Carlos Frederico Marés, o texto constitucional "avançou significativamente em relação a todo sistema anterior porque:

1. ampliou os direitos dos índios, reconhecendo sua organização social, seus usos, costumes, religiões, línguas e crenças;
2. considerou o direito à terra como originário, isto é, anterior à lei ou ato que assim o declare;
3. conceituou terra indígena, incluindo aquelas necessárias não só à habitação, mas à produção, à preservação do meio ambiente e à sua reprodução física e cultural;
4. pela primeira vez admitiu-se no Brasil, em nível constitucional, que existem direitos indígenas coletivos, seja reconhecendo a organização social indígena, seja concedendo à comunidade o direito de opinar sobre o aproveitamento dos recursos naturais e o de postular em juízo;
5. tratou com mais detalhes, estabelecendo assim melhores garantias, da exploração dos recursos naturais, especialmente os minerais, para o que exige prévia anuência do Congresso Nacional;
6. proibiu a remoção de grupos indígenas, dando ao Congresso Nacional a possibilidade de estudo das eventuais e estabelecidas exceções;
7. mas acima de tudo chamou os índios de índios e lhes deu o direito de continuar a sê-lo."[27]

Os novos preceitos e princípios constitucionais repercutiram para outras esferas do ordenamento jurídico e, no âmbito educacional, a Lei nº 11.645 (10/3/2008) tornou obrigatório o estudo da história e da cultura indígena, cujos conteúdos devem ser ministrados em todo o currículo escolar, especialmente nas áreas de Arte, Literatura e História brasileira.

27 MARÉS, Carlos Frederico. Da tirania à tolerância: o direito dos índios. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 58-59.

Nesse contexto, esta coleção de História para o Ensino Médio engaja-se no esforço de contribuir para a inserção de conteúdos pertinentes à história e à cultura dos povos indígenas. Além dos conteúdos que os livros da coleção já trazem, este Manual do Professor traz sugestões de textos e de atividades que contemplam essas novas exigências, que serão encontradas na parte específica correspondente a cada volume da coleção.

O quadro a seguir destaca alguns pontos em que o estudo da temática indígena se torna mais evidente nesta coleção.

	Capítulo	**Abordagem**
Volume 1	Capítulo 1	Atividade com fontes históricas (imagem e texto) sobre diversidade cultural indígena.
	Capítulo 3	Capítulo dedicado aos primeiros povos da América. Entre eles os sambaquieiros, marajoaras e santarenos.
	Capítulo 16	Capítulo dedicado aos povos indígenas da América. Entre eles, a cultura dos tupis.
	Capítulo 18	Capítulo dedicado às consequências da chegada dos europeus para as populações indígenas americanas, incluindo os povos que viviam no atual Brasil.
	Projeto temático	Discriminação e preconceito contra indígenas. Cultura e protagonismo dos indígenas brasileiros.
Volume 2	Capítulo 1	Trabalho indígena e escambo; escravização dos indígenas e "guerras justas". Atividade com diálogo entre o francês Jean de Léry e um indígena tupinambá.
	Capítulo 2	Catequização dos indígenas. Confederação dos Tamoios. A presença da cultura indígena no patrimônio histórico nacional (Círio de Nazaré).
	Capítulo 3	Atividade de leitura de imagem com representação de indígena, negro e europeu.
	Capítulo 5	Os indígenas nas lutas contra os holandeses. Atividade com representações de indígenas em obras de arte produzidas pelo pintor holandês Albert Eckhout.
	Capítulo 6	Os ataques às populações indígenas durante as expedições militares e as bandeiras. Povos indígenas na atualidade. As missões jesuíticas. Resistência indígena no sertão nordestino.
	Capítulo 15	Representação do indígena como símbolo do Brasil. A participação de indígenas na Cabanagem, revolta popular que aconteceu no Pará.
Volume 3	Capítulo 6	A criação do Serviço de Proteção aos Índios e a situação dos indígenas no Brasil no começo do século XX.
	Capítulo 8	A primeira menção aos direitos dos povos indígenas em uma Constituição.
	Capítulo 13	A criação do Parque Indígena do Xingu.
	Capítulo 15	Os indígenas na Constituição Federal de 1988. Protagonismo indígena na sociedade brasileira atual e suas principais demandas. Indicação do filme, acompanhado de atividade, sobre a criação do Parque Indígena do Xingu, na seção **Para saber mais**.

6. Orientações específicas para o Volume 1

Nesta parte específica do Manual, o professor vai encontrar:

- os objetivos educacionais para cada unidade;
- comentários de contextualização para os temas dos capítulos;
- textos de aprofundamento;
- atividades complementares às do livro do estudante;
- indicações de *sites*, livros e filmes;
- considerações e respostas para as atividades do livro do estudante.

Unidade 1: História e Cultura

Objetivos da unidade

- Compreender a história como o conjunto das experiências humanas ao longo do tempo.
- Refletir sobre as relações entre passado e presente, o ofício do historiador, os diversos tipos de fontes e os limites e possibilidades do conhecimento histórico.
- Estudar diferentes noções de cultura, refletindo sobre a importância da diversidade cultural para evitar posicionamentos etnocêntricos.
- Conhecer algumas formas criadas pelos seres humanos para medir o tempo.
- Problematizar as periodizações históricas, lembrando que toda periodização pressupõe escolhas e interpretações prévias.
- Apresentar algumas explicações para o surgimento da humanidade: criacionismo e evolucionismo.
- Investigar dois grandes períodos da história humana: Paleolítico e Neolítico.
- Conhecer as principais hipóteses sobre a chegada dos seres humanos à América.
- Estudar produções culturais dos primeiros povos da América.

Conversando (p. 8)

1. Resposta pessoal. Tema para reflexão. O texto menciona duas inovações, o controle do fogo e o desenvolvimento da agricultura. É interessante observar que essas inovações dos primeiros humanos ainda são utilizadas no mundo atual. O fogo, por exemplo, é utilizado para cozinhar alimentos e para acender fogueiras e velas. Já a agricultura vem se aprimorando e aumentando sua produtividade.

2. Resposta pessoal. Tema para reflexão. Entre as tecnologias que marcam o mundo contemporâneo, é possível citar: o celular, a internet, a televisão, o avião, o automóvel etc. Instigue os estudantes a refletir sobre os impactos dessas tecnologias em seu cotidiano.

Capítulo 1: Refletindo sobre a História

Contextualizando o tema

Este capítulo apresenta noções relativas a história, memória, fontes históricas, cultura e tempo. Essas noções são chamadas de conceitos estruturantes do componente curricular História e devem ser retomadas, sempre que possível, ao longo do curso.

Atividade complementar

- De acordo com o texto do capítulo 1, por que as conclusões dos historiadores não são absolutas nem definitivas?

  Porque a história não pode ser isolada de sua época. Ela reflete o historiador e o tempo em que ele

vive. Por isso, a objetividade em história é sempre muito relativa — as interpretações dos historiadores não podem ser consideradas definitivas ou verdades absolutas, variando de acordo com as mudanças ocorridas no processo histórico.

Pesquisar e enriquecer

Na internet

- Museu da Pessoa: www.museudapessoa.net

  Museu virtual com histórias de vida, aberto à participação de todos, ampliando, assim, a construção da memória social.

  (Acesso em: 3 mar. 2016.)

Nos livros

- LEITE, Bertília; WINTER, Othon. *Fim de milênio*: uma história dos calendários, profecias e catástrofes cósmicas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. (Coleção Ciência e Cultura)

  Traz informações sobre critérios usados na organização e contagem do tempo.

Nos filmes

- *Feitiço do tempo*. Direção de Harold Ramis. Estados Unidos, 1993, 97 min.

  Repórter meteorologista é convocado a fazer uma matéria sobre um evento em uma pequena cidade, mas fica "preso" no tempo.

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 10)

1. A questão instiga reflexões sobre o tema "tempo", que é trabalhado neste capítulo. Na imagem, o personagem possui um rosto envelhecido, com rugas, pouco cabelo e uma longa barba branca. Isso poderia representar o tempo passado. Seu corpo, porém, é cheio de energia, com músculos fortes e pele lisa. Isso poderia representar o tempo presente. As asas podem ser associadas à ideia do voo e à passagem do tempo.

2. Resposta pessoal, em parte. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode apontar que o pintor Pieter Cornelis Wonder, da escola neoclássica, deu um tratamento realístico à obra ao representar a forma e a proporção do corpo humano, a tonalidade da pele, a textura dos cabelos, da barba e das penas. Porém, também existem elementos fictícios na obra, já que o personagem é inspirado no deus grego Cronos, pai de Zeus.

Investigando (p. 11)

1. e **2.** Respostas pessoais. Essas atividades visam trabalhar com o conceito de memória a partir das vivências dos estudantes. O professor pode solicitar aos estudantes que produzam linhas do tempo com suas lembranças mais marcantes, da infância aos dias atuais.

Em destaque (p. 12)

1. De acordo com o texto, uma geração adquire consciência do passado convivendo com pessoas mais velhas.

2. Resposta pessoal. O objetivo da atividade é estimular o diálogo entre gerações diferentes e a percepção das mudanças e permanências em relação a atitudes, valores, práticas etc.

3. Não, pois o autor considera que o passado é "uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade".

Investigando (p. 12)

1. e **2.** Respostas pessoais. Essas atividades visam trabalhar com alguns conceitos estruturantes do componente curricular História, tais como: memória, evidência e fonte. Fotografias, vídeos, cartas e diários podem ser utilizados como fonte histórica e, através deles, é possível construir uma narrativa sobre as nossas vivências. Esses recursos ajudam a preservar experiências passadas. O professor pode solicitar aos estudantes que tragam para a aula algumas dessas fontes e apresentem-nas para os colegas.

Interpretar fonte (p. 13)

1. O objetivo da atividade é estimular a interpretação de fontes históricas. Ao analisar a obra *Uma senhora de algumas posses em sua casa* (fonte não escrita), produzida pelo pintor francês Jean-Baptiste Debret, um historiador pode extrair informações sobre mobiliário, vestuário, relacionamento senhor-escravo, etnias etc.

2. A pintura de Debret e o recibo de compra e venda de escravos podem ser utilizados como fontes históricas. Os dois documentos referem-se ao período colonial brasileiro e à temática da escravidão no Brasil.

Em destaque (p. 14)

- O autor do texto explica que, enquanto o fato ocorrido não for objeto da curiosidade do his-

toriador, ele permanecerá oculto e "sem significado". Assim, é o historiador que dá vida e sentido aos fatos, ao mesmo tempo em que sem eles o historiador não é capaz de produzir conhecimento histórico.

Investigando (p. 14)

- Resposta pessoal. Objetivo da atividade é valorizar as experiências pessoais dos estudantes e o interesse por temas históricos.

Interpretar fonte (p. 17)

- Resposta pessoal. Tema para reflexão. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode comentar que é possível conciliar tradições e inovações e que as culturas são dinâmicas.

Investigando (p. 18)

- Resposta pessoal. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode comentar que a percepção do tempo é relativa. Podemos analisar isso em nosso dia a dia ao ouvirmos expressões como: "Este feriado passou voando", "Faz uma eternidade que estou no trânsito", "Esta festa terminou rápido demais" etc. Além disso, é interessante observar que, embora no mundo atual as pessoas estejam familiarizadas com instrumentos como o relógio e o calendário, é importante esclarecer que essas formas de contagem do tempo nem sempre existiram e que elas foram desenvolvidas por pessoas de sociedades diversas. Ao longo da história, foram criadas diferentes maneiras de registar a passagem do tempo.

Investigando (p. 19)

- Resposta pessoal. O objetivo da atividade é trabalhar com o estudo do meio. É importante que os estudantes sejam estimulados a analisar o lugar onde moram, estudam, se divertem etc.

Interpretar fonte (p. 22)

1. A imagem nos mostra que os camponeses trabalhavam no campo, ceifando, semeando, limpando o terreno, tratando dos animais, caçando, colhendo grãos, pisoteando as uvas, abatendo animais. Essa interpretação é possível pelos objetos e ferramentas representados, como: pás, cestos, ancinhos e alfanjes (foices), tosquiadeira, pau para bater o trigo e separá-lo do joio, haste para colheita de azeitonas, tanque para espremedura de uvas e peneira, por exemplo.

2. Para o camponês, o tempo era controlado a partir das atividades a serem desenvolvidas em cada época do ano.

3. Resposta pessoal. Espera-se que o estudante perceba que a contagem do tempo é determinada pela necessidade de cada sociedade. No caso dos camponeses representados na imagem, o tempo da colheita e da semeadura não exige, por exemplo, a precisão dos relógios contemporâneos, que organizam o tempo em horas, minutos e segundos.

Investigando (p. 23)

- Resposta pessoal. O objetivo da atividade é estimular a criatividade dos estudantes a partir das noções e conceitos abordados no capítulo. O professor pode solicitar aos estudantes que apresentem suas frases aos colegas. A atividade pode ser feita oralmente e envolver toda a classe.

Oficina de História (p. 24)

Vivenciar e refletir

1. Resposta pessoal. Tema para reflexão. A partir da frase citada, é possível comentar que a História, como área de conhecimento, investiga as culturas humanas ao longo do tempo. O tempo é uma dimensão fundamental para aqueles que estudam a história. Seria interessante que as questões dos povos indígenas, africanos e afrodescendentes fossem abordadas, pois elas integram a história brasileira e de muitos brasileiros.

2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reconheçam, de maneira crítica, o papel das diferentes linguagens, agentes sociais e contextos envolvidos na produção de fontes documentais diversas. A partir dessa atividade, o professor pode debater com a turma o tema: Como o conhecimento histórico é produzido?

Diálogo interdisciplinar

3. Atividade de leitura e interpretação de imagem.

a) As três idades representadas seriam a infância (criança), a juventude (mulher em pé) e a velhice (mulher sentada).

b) Resposta pessoal. Tema para reflexão. A partir dessa atividade, o professor pode debater com os estudantes as seguintes questões:

- As crianças, os jovens e os idosos são valorizados da mesma maneira na sociedade brasileira atual? Explique.

- Como os filmes, as revistas, os livros e os anúncios de publicidade costumam representar as diferentes "idades"? Existe alguma "idade" que é mais representada? Por que isso acontece?
- Como as gerações convivem entre si? Há preconceitos relacionados ao envelhecimento? Reflita e dê exemplos.

4. a) Século XIX.
b) Século X.
c) Século VIII.
d) Século I.

5. a) 101 a 200.
b) 701 a 800.
c) 1901 a 2000.
d) 1701 a 1800.

De olho na universidade

6. Resposta B.

7. Não. O estudo da história não se restringe ao passado. O historiador estuda a vida humana através do tempo; ele vive seu tempo e por isso a história que ele escreve (passado) está ligada à história que ele vive (presente). Desse modo, a história estabelece uma relação entre passado e presente, na qual o conhecimento histórico alarga a compreensão das pessoas como seres que constroem seu tempo. "História é passado e presente, um e outro inseparáveis", segundo o historiador francês Fernand Braudel (1902-1985).

Capítulo 2: Primeiros humanos

Contextualizando o tema

Este capítulo apresenta duas explicações para a origem da vida humana, uma religiosa: criacionismo, e uma científica: evolucionismo. Também aborda a formação das primeiras sociedades humanas, cujos vestígios foram encontrados por pesquisas arqueológicas. Além disso, o capítulo discute os métodos tradicionais de periodização da chamada Pré-História. É importante comentar que o critério principal para essa periodização é o desenvolvimento técnico e que, se diferentes tipos de transformação fossem levados em conta, outras periodizações poderiam ser formuladas.

Ressalte que, embora alguns modos de vida sejam hegemônicos em determinadas épocas, sempre existiu grande pluralidade de formas de organização social. Um exemplo disso são os povos nômades que sobrevivem até hoje, como os bosquímanos, esquimós e aborígines australianos. Assim, é possível questionar a visão etapista de evolução humana e perceber processos variados, concomitantes e múltiplos que permeiam as diferentes experiências sociais.

Texto de aprofundamento

O criacionismo e o evolucionismo não são as únicas explicações sobre o surgimento dos seres humanos. Na África ocidental, por exemplo, os povos iorubás desenvolveram uma explicação diferente, que foi incorporada a uma religião afro-brasileira: o candomblé. A seguir, leia um texto sobre o assunto e debata os temas sugeridos.

Obatalá cria o homem

Num tempo em que o mundo era apenas a imaginação de **Olodumare**,
só existia o infinito firmamento e abaixo dele a imensidão do mar. [...]
Olorum-Olodumare encarregou **Obatalá**,
o Senhor do Pano Branco, de criar o mundo. [...]
Chegado o dia da criação do mundo,
Obatalá se pôs a caminho até a fronteira do além,
onde **Exu** é o guardião.
Obatalá não fez as oferendas nesse lugar,
como estava prescrito.
Exu ficou muito magoado com a insolência
e usou seus poderes para se vingar de **Oxalá**.
Então uma grande sede começou a atormentar Obatalá.
Obatalá aproximou-se de uma palmeira
e tocou seu tronco com seu comprido bastão.
Da palmeira jorrou vinho em abundância

e Obatalá bebeu do vinho até embriagar-se.
Ficou completamente bêbado e adormeceu na estrada,
à sombra da palmeira de dendê.
Ninguém ousaria despertar Obatalá.
Odudua tudo acompanhava.
Quando certificou-se do sono de Oxalá,
Odudua apanhou o saco da criação
que fora dado a Obatalá por Olorum.
Odudua foi a Olodumare e lhe contou o ocorrido.
Olodumare viu o saco da criação em poder de Odudua
e confiou a ele a criação do mundo. [...]
Sobre as águas sem fim, abriu o saco da criação
e deixou cair um montículo de terra.
Soltou a galinha de cinco dedos
e ela voou sobre o montículo, pondo-se a ciscá-lo.
A galinha espalhou a terra na superfície da água.
Odudua exclamou na sua língua: "Ilè nfé!",
que é o mesmo que dizer "A Terra se expande!",
frase que depois deu nome à cidade de Ifé,
cidade que está exatamente no lugar onde Odudua fez o mundo. [...]
Odudua partiu para a Terra para ser seu dono.
Então, Obatalá despertou e tomou conhecimento do ocorrido.
Voltou a Olodumare contando sua história.
Olodumare disse:
"O mundo já está criado.
Perdeste uma grande oportunidade".
Para castigá-lo, Olodumare proibiu Obatalá
de beber vinho-de-palma para sempre,
ele e todos os seus descendentes.
Mas a missão não estava ainda completa
e Olodumare deu outra dádiva a Obatalá:
a criação de todos os seres vivos que habitariam a Terra.
E assim Obatalá criou todos os seres vivos
e criou o homem e criou a mulher.
Obatalá modelou em barro os seres humanos
e o sopro de Olodumare os animou.
O mundo agora se completara.
E todos louvaram Obatalá. [...]

PRANDI, Reginaldo. Obatalá cria o homem. In: *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 503-506 (trechos).

Olorum ou Olodumare: Deus supremo, criou os orixás e deu-lhes a tarefa de criar e controlar o mundo;

Obatalá ou Oxalá: orixá da criação. Considerado o maior dos orixás, o criador da humanidade;

Odudua: orixá (masculino ou feminino) criador da Terra;

Exu: orixá mensageiro, guarda as encruzilhadas e a porta de entrada das casas. Nas cerimônias do candomblé, é sempre o primeiro a ser homenageado.

Temas para reflexão

Com base na leitura do texto, os seguintes assuntos podem ser debatidos:

- algumas características da religião iorubá, como o politeísmo;
- diferenças e semelhanças entre as explicações do candomblé, do cristianismo e do evolucionismo para a origem humana.

Atividade complementar

- Elabore um quadro comparativo com diferentes explicações para a origem do Universo e do ser humano. Para tanto, pesquise, por exemplo, o que dizem as teorias científicas, o cristianismo, o hinduísmo, um povo antigo da América, uma etnia indígena que vive no Brasil. Aponte semelhanças e diferenças entre elas.

Atividade de pesquisa que pode ser realizada em grupo. Para elaborar o quadro comparativo, o professor pode organizar a turma em grupos, atribuindo a cada grupo um tema (a explicação das teorias científicas, do cristianismo, do hinduísmo, de um povo antigo da América, de uma etnia indígena que vive no Brasil etc.). Depois, os grupos podem apresentar o resultado da pesquisa para que o quadro comparativo seja produzido coletivamente na lousa.

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 26)

1. A imagem ilustra a versão criacionista do surgimento do homem, como muitas outras pinturas encomendadas pela Igreja Católica. O que a destaca é seu poder expressivo. Nela, Michelangelo criou a imagem de Deus estudando a anatomia do homem. E são essas as semelhanças visíveis entre o Criador e Adão: as anatômicas. Afinal, em *Gênesis* está escrito que Deus fez o homem à Sua imagem e semelhança. Os pés são muito semelhantes. As mãos e os braços parecem pertencer ao mesmo ser, apesar das posições diferentes. Os corpos robustos e exagerados conferem grandiosidade às duas figuras. Mas as diferenças também são muitas e definem quem é quem na cena representada. Deus aparece como uma figura mais velha, barbudo e envolto em um manto que parece flutuar no céu. Está acompanhado por anjos e abraçado a uma jovem mulher, que observa o momento. Adão está nu, pois acaba de ser criado. Ocupam espaços distintos: Adão está apoiado na base da pintura, o que lhe confere maior passividade, assim como sua postura inclinada para trás. A figura de Deus é mais ativa, pois Ele parece ir em direção ao outro. Mas Adão não está totalmente inerte à criação: além de sua mão estendida, o olhar em direção a Deus sinaliza uma possibilidade de movimento.

2. Resposta pessoal. Alguns estudiosos referem-se à pequena distância entre as pontas dos dedos de Deus e de Adão como a infinita distância que separa os dois personagens. É o ponto de maior atenção da composição. É quando a criação acontece ou acaba de acontecer. É o toque vivificador. A mão direita de Deus procura alcançar a de Adão, em um esforço percebido pela tensão dos músculos do braço.

Investigando (p. 31)

- Resposta pessoal. Tema para reflexão. Incentive os estudantes a explicarem suas respostas.

Interpretar fonte (p. 32)

1. As reportagens tratam da convivência e das relações (ou não) entre *sapiens* e neandertais.

2. Não. Enquanto a primeira reportagem mostra que os pesquisadores chegaram à conclusão de que *sapiens* e neandertais não tiveram relações, a segunda reportagem expõe uma pesquisa posterior que diz que os neandertais conviveram com os primeiros homens modernos e, dessa relação, houve descendentes.

3. Espera-se que os estudantes digam que os pesquisadores continuaram a investigar o tema porque o conhecimento histórico está em constante construção, e nenhuma pesquisa histórica é absoluta ou final.

Investigando (p. 33)

- Estimule e organize o debate entre os estudantes. É possível dizer que diversas tecnologias atuais são utilizadas para resolver problemas ambientais. Entre elas podemos citar: as estações de tratamentos de água, os filtros de ar de indústrias, computadores que regulam o consumo de energia, processos de reciclagem de lixo, meios de comunicação modernos que promovem a educação ambiental etc. No entanto, é inegável que outras produções humanas, tais como os automóveis e os detergentes, provocam graves problemas ambientais. Antes do debate, o professor pode solicitar aos estudantes que pesquisem e analisem reportagens recentes sobre as aplicações das novas tecnologias.

Investigando (p. 37)

- Atividade interdisciplinar com Biologia e Educação Física. Uma alimentação balanceada precisa ter quantidades recomendadas de carboidratos, lipídios, proteínas, vitaminas e sais minerais. Para a pesquisa, o professor pode indicar o *link* do Guia Alimentar para a População Brasileira, disponível em: <http://dab.saude.gov.br/portaldab/biblioteca.php?conteudo=publicacoes/guia_alimentar2014>. Acesso em: 3 mar. 2016.

Investigando (p. 38)

- A atividade busca estabelecer relações entre o passado e o presente. As moradias atuais podem ser feitas com madeira, pedra, cimento, ferro, areia, aço, cerâmica, vidro, plásticos etc. É interessante apontar que muitos desses materiais são criações humanas.

Interpretar fonte (p. 39)

Atividades de leitura e interpretação de imagem.

1. O estudante poderá destacar que há figuras humanas e animais, além de pontos dispostos em círculo entre outros traços. Também poderá comentar que as figuras são planas, chapadas, sem profundidade.

2. É possível inferir que a caça fazia parte do cotidiano dos seres humanos desse período, pois um dos personagens parece portar uma lança.

Oficina de História (p. 40)

Vivenciar e refletir

1. a) O saber reflexivo implica a ideia de que o ser humano tem consciência de sua sabedoria, tem a capacidade de avaliar as circunstâncias, criar alternativas para as dificuldades através de novas práticas e de transmitir esses conhecimentos através de uma linguagem elaborada.

b) Por conta do saber reflexivo, o ser humano é o único capaz de construir ferramentas, elaborar projetos mentais e empreender um esforço coletivo que lhe permite alterar profundamente o ambiente em que vive.

c) Atividade de contextualização sociocultural e estudo do meio. Antes de entrevistar as pessoas, os estudantes devem elaborar um roteiro de perguntas. Seria interessante observar aspectos como: a construção de ruas e calçadas, os tipos de comércio e residências, meios de transporte disponíveis etc. Para a entrevista, o professor encontra orientações mais detalhadas neste Manual, no item 4, **Perspectiva interdisciplinar**.

2. a) No trecho citado, o arqueólogo Gordon Childe enfatiza o papel da cultura na vida humana. A criação e a utilização de equipamentos não são herdadas, mas aprendidas a partir da convivência com o grupo social em que o ser humano está inserido.

b) As ideias de Charles Darwin estão no domínio das ciências naturais. As transformações de todos os seres vivos — e não apenas do ser humano — seriam responsáveis pela sobrevivência ou não das espécies, dependendo da sua maior ou menor adaptação ao meio ambiente em que vivem. As ideias de Gordon Childe estão no domínio das ciências humanas. Somente o aprendizado de uma tradição permite ao indivíduo que nasce adquirir cultura do grupo social em que ele vive.

c) Atividade integrada com Arte. Estimula a criatividade e o posicionamento crítico. Resposta pessoal.

Diálogo interdisciplinar

3. a) Podemos relacionar a canção à teoria do criacionismo, já que nela é afirmado que a raça humana provém de Deus.

b) Resposta pessoal. Os estudantes provavelmente refletirão a respeito de exemplos que demonstram o caráter ao mesmo tempo criador e destruidor da humanidade.

c) Tema para reflexão. Para trabalhar esse assunto, o professor pode ler com os estudantes o trecho do texto "A superação da ideia de raça", da historiadora Marina de Mello e Souza, reproduzido abaixo:

> As variedades de aparência entre os homens fizeram que, a partir do século XVIII, e mesmo antes, eles fossem classificados a partir de determinadas características físicas, como o formato dos olhos, a cor da pele e o tipo de cabelo, e de lugar de origem, como Ásia, Europa ou África. Se antes essas diferenças eram atribuídas a determinações biológicas que faziam que os diferentes tipos humanos fossem considerados mais ou menos desenvolvidos, hoje em dia, com o conhecimento produzido pela genética [...], está provado que raças humanas não existem do ponto de vista biológico. Todos os homens são extremamente parecidos em termos genéticos, sendo as diferenças de aparência resultado das adaptações ao meio ambiente pelas quais as populações passaram. As mutações, isto é, alterações nas combinações entre os genes [...] e a seleção natural [...] foram, ao longo do tempo, estabelecendo as diferenças entre o gênero humano, que é um só: *Homo sapiens* [...].
>
> A cor da pele, por exemplo, que é uma das variáveis a partir da qual se definia uma raça, é resultado da adaptação das populações aos diferentes níveis de radiação ultravioleta existente nos continentes. Ela é determinada pelo tipo e pela quantidade de um pigmento chamado melanina, e sua variação é controlada por quatro ou seis genes, num universo de 35 mil que compõem os organismos humanos. [...] Assim, a genética, ao mostrar que a discussão racial envolve 0,0005% do genoma humano, provou que a noção de raça não está fundada em evidências biológicas e sim em distinções culturais, que serviram para o estabelecimento de relações de opressão, pois as insignificantes diferenças genéticas desmentem a ideia de que há raças superiores e raças inferiores.
>
> SOUZA, Marina de Mello. *África e Brasil Africano*. São Paulo: Ática, 2006. p. 122.

4. A atividade envolve leitura e interpretação de imagem. Resposta pessoal. Trata-se de uma figura feminina, de corpo inteiro, trabalhada em baixo-relevo sobre uma pedra calcária. A mão direita sustenta um chifre (provavelmente de um bisão) que apresenta incisões. A mão esquerda da mulher repousa suavemente sobre seu ventre. A cabeça, talhada de perfil, é desprovida de representação facial. O pescoço, alongado, está perfeitamente definido. Do peito pendem dois grandes seios. A Vênus de Laussel, embora esculpida frontalmente, mostra-se quase plana. Os elementos sexuais (seios, ventre) estão bastante exagerados. Para alguns analistas, a deformação anatômica da Vênus decorria da própria realidade física da mulher. Mulheres mais fortes fisicamente teriam maior possibilidade de sobrevivência e maior capacidade para realizar as tarefas do cotidiano. O próprio modo de vida, extremamente difícil, provocava deformações anatômicas. Outros estudiosos associam a deformação a uma preocupação com a reprodução, que garantiria a sobrevivência do grupo. Há ainda os que simplesmente atribuem os exageros anatômicos à dificuldade de talhar a pedra. Algumas linhas da representação do corpo são as linhas naturais da pedra.

De olho na universidade

5. Resposta C.

6. Resposta D.

Capítulo 3: Primeiros povos da América

Contextualizando o tema

Este capítulo introduz as diversas hipóteses que explicam a chegada dos primeiros habitantes à América, possibilitando aos estudantes compreender as teorias à luz das pesquisas arqueológicas. Além disso, apresenta elementos para o estudo dos povos antepassados que habitaram o território onde hoje é o Brasil.

Pesquisar e enriquecer

Na internet

- Fundação Museu do Homem Americano: www.fumdham.org.br

  Apresenta dados sobre o Parque Nacional Serra da Capivara, região localizada no estado do Piauí. (Acesso em: 3 mar. 2016.)

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 42)

1. Resposta pessoal. De modo geral, a arte rupestre mostra imagens de animais como cervos, bisões e cavalos e também figuras humanas esquematizadas em cenas de dança, caça ou rituais. Essas obras são consideradas documentos históricos. Os desenhos de palmas de mãos, apesar de reproduzidos em menor escala em livros e revistas, também são encontrados em muitas cavernas espalhadas pelo mundo. Às vezes é encontrada a impressão de uma única palma de mão no meio de outros desenhos. Outras vezes, como no caso da Caverna das Mãos, na Argentina, uma grande quantidade de impressões preenche toda uma parede, ora lado a lado, ora sobrepostas.

2. Uma observação atenta dessa pintura mostra mãos de vários tamanhos, o que pode indicar que são mãos de indivíduos diferentes ou até de uma mesma pessoa, mas em diferentes idades. A primeira hipótese é a mais aceita pelos estudiosos. Alguns, ao analisarem o tamanho das mãos, descobriram que a maioria tem tamanho correspondente ao das mãos de um garoto de cerca de 13 anos de idade, se tomarmos as dimensões do homem atual como referência. Considerando que os humanos da época eram proporcionalmente menores que os de hoje, imagina-se que as mãos pertenciam a garotos na fase de transição para a vida adulta. Indo um pouco além, pode-se imaginar um ritual em que cada garoto que alcançasse a fase adulta teria a hora de marcar sua mão nessa parede.

Em destaque (p. 44)

- Porque, segundo o texto, os 81 crânios encontrados em Lagoa Santa possuem morfologia similar à dos negros africanos e à dos aborígenes australianos. Essa população teria chegado à América na primeira migração, pelo estreito de Bering, há cerca de 14 mil anos. No entanto, os indígenas americanos atuais apresentam

morfologia craniofacial similar à dos habitantes do nordeste asiático e seriam descendentes dos povos que chegaram à América na segunda migração, por volta de 11 mil anos atrás.

Observar o mapa (p. 45)

a) Nos sítios de Lagoa Santa (MG) e São Raimundo Nonato (PI).

b) Nos sítios de Lagoa do Sol (RO), Marajó (PA), Serra dos Carajás (PA), São Raimundo Nonato (PI), Chã do Caboclo (PE) e Gruta do Padre (BA), Serranópolis (GO), Alice-Boer (SP) e Arroio dos Fósseis (RS).

c) Nos sítios de Caboinhas (ES), Cananeia (SP), Ramal (PR), Camboriú (SC) e Torres (RS).

Investigando (p. 47)

- Resposta pessoal. Tema para reflexão. A atividade visa estimular um debate sobre a preservação do patrimônio histórico brasileiro. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode apontar que os monumentos arqueológicos e pré-históricos são utilizados como fonte de pesquisa e contribuem para manter viva a memória de um povo. Além disso, sua preservação pode, muitas vezes, estimular o turismo e o desenvolvimento econômico de uma região. Seria interessante que o professor indicasse para a turma o *site* do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (http://www.iphan.gov.br), com o objetivo de apresentar instituições brasileiras que se engajam na proteção do patrimônio histórico no país.

Investigando (p. 48)

- Resposta pessoal, em parte. Incentive os estudantes a refletir sobre o assunto partindo de suas experiências pessoais. Depois de ouvir as respostas da turma, o professor pode comentar que, na educação atual, é possível utilizar livros, filmes, músicas, fotografias, desenhos, objetos, *sites* etc.

Oficina de História (p. 50)

Vivenciar e refletir

1. Para elaborar o relatório, o estudante deve explicitar aspectos das culturas paleolíticas, neolíticas e dos primeiros povoadores do território que hoje pertence ao Brasil. Os primeiros povos que se espalharam pelas terras que correspondem ao atual território brasileiro, supostamente entre 11 mil e 6 mil anos atrás, tinham uma cultura que corresponde à do Paleolítico: eram caçadores-coletores, não praticavam a agricultura e confeccionavam instrumentos de pedra e ossos de animais. Depois, já por volta de 4 mil anos atrás, passaram a apresentar algumas características associadas ao período Neolítico, entre elas a prática da agricultura, o desenvolvimento da cerâmica e a sedentarização. Após levantar essas informações, espera-se que o estudante tenha mais subsídios para produzir um texto comparativo. O professor pode incentivar a pesquisa iconográfica para enriquecer o relatório.

2. **a)** A atividade faz referência à arqueóloga Niède Guidon. Como seu nome pode indicar, ela é descendente de franceses, mas a pesquisadora nasceu, em 1933, no Brasil, no município de Jaú (SP). Formou-se em História Natural pela Universidade de São Paulo (USP) e especializou-se em Arqueologia Pré-Histórica pela Sorbonne, tradicional universidade francesa. Seu trabalho foi determinante para a criação do Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí. Atualmente é Diretora Presidente da Fundação Museu do Homem Americano.

Os principais vestígios encontrados no Parque Nacional da Serra da Capivara são: pinturas rupestres, cerâmicas, material ósseo humano etc.

No *site* da Fundação Museu do Homem Americano, são citados os seguintes métodos de datação: Estratigrafia, Carbono-14 e Termoluminescência.

Os vestígios que apresentam a datação mais antiga são de cerca de 60 mil anos. Essa datação é compatível com os períodos estimados para a entrada dos primeiros seres humanos no continente americano. No entanto, algumas hipóteses de Niède Guidon ainda não são amplamente aceitas pela comunidade científica, pois alguns pesquisadores questionam se os vestígios encontados foram realmente produzidos por seres humanos. Seria interessante que o professor indicasse para os estudantes o *site* da Fundação Museu do Homem Americano (http://www.fumdham.org.br/index.html).

b) Resposta pessoal, em parte. Segundo o Iphan, as descobertas realizadas no Sítio Arqueológico Boqueirão da Pedra Furada, por exemplo, levantaram a hipótese de que o homem po-

deria ter vivido nesse local há 60 mil anos. É importante lembrar que a História, a Paleontologia e a Arqueologia são áreas de estudo em permanente construção. Quando novos vestígios, fósseis e objetos são encontrados, surge uma nova hipótese para as teorias existentes. (Para mais informações, consulte o portal do Iphan: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/42>. Acesso em: 3 mar. 2016.)

Diálogo interdisciplinar

3. Atividade interdisciplinar com Arte. Resposta pessoal. O professor poderá organizar uma exposição com os trabalhos da turma.

4. É importante que o professor indique *sites*, livros e revistas sobre o assunto. Segundo a enciclopédia *Britannica Escola*:

> [os arqueólogos] utilizam vários métodos para calcular a idade dos artefatos. Um desses métodos é chamado datação com carbono 14, que é uma substância química encontrada em todos os organismos, ou seres vivos. Depois que um organismo morre, a quantidade de carbono 14 nele diminui em um ritmo determinado. O arqueólogo mede essa diminuição para descobrir há quanto tempo o organismo morreu.
>
> (Disponível em: <http://escola.britannica.com.br/article/480647/arqueologia>. Acesso em: 7 mar. 2016.)

De olho na universidade

5. Resposta A.

Para saber mais (p. 51)

Na internet

- Arqueologia brasileira – Museu Nacional/UFRJ: http://www.museunacional.ufrj.br/exposicoes/arqueologia/exposicao/arqueologia-brasileira

  A atividade visa estimular a prática da pesquisa e da interpretação de fontes históricas. O *site* oferece muitas informações sobre os primeiros habitantes do Brasil, enriquecendo os temas abordados no capítulo. A elaboração do relatório pode ser feita em grupo.

Nos livros

- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura:* um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

  A atividade visa aprofundar as noções de cultura. Para complementar a atividade, cada grupo pode elaborar uma pergunta sobre seu tema (capítulo do livro) que deverá ser respondida pela classe depois da apresentação do seminário.

Nos filmes

- *A guerra do fogo*. Direção de Jean-Jacques Annaud. França/Canadá, 1981, 100 min.

  Através da atividade, o professor pode debater com os estudantes algumas noções importantes para o componente curricular História, tais como: representação, narrativa, historiografia, ficção e verdade etc.

Unidade 2: Escrita e memória

Objetivos da unidade

- Problematizar o conceito de civilização.
- Conhecer algumas das primeiras civilizações e compreender aspectos da organização social, política, econômica e cultural delas.
- Ler e interpretar fontes históricas (escritas e não escritas)
- Avaliar criticamente os conceitos de democracia, cidadania e república.
- Compreender as influências das culturas grega e romana no mundo ocidental.

Conversando (p. 52)

1. Resposta pessoal. O objetivo da atividade é estabelecer relações entre o passado e o presente a partir das experiências cotidianas dos estudantes. É interessante apontar que, atualmente, os suportes impressos mais utilizados são livros, jornais e revistas de papel, enquanto que os suportes digitais mais utilizados são computadores, *tablets*, celulares e *e-books*. O professor também pode perguntar quais seriam, na opinião dos estudantes, as vantagens e as desvantagens de cada suporte.

2. Resposta pessoal. Tema para reflexão e debate. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode indicar que, na maioria das sociedades, o domínio da palavra escrita era um privilégio da elite e, por isso, poderia ser considerado uma forma de poder. Além disso, é possível dizer que o domínio de um conhecimento confere às pessoas a capacidade de realizar tarefas, influenciar decisões e concretizar projetos, o que, em certo sentido, é o mesmo que ter poder.

Capítulo 4: Povos da Mesopotâmia

Contextualizando o tema

Este capítulo problematiza o conceito de **civilização** e apresenta alguns aspectos sobre os povos da Mesopotâmia. Além disso, destaca o surgimento das primeiras cidades, a formação do Estado e o desenvolvimento da escrita. Ao abordar o tema da criação da escrita, é interessante relacioná-lo com o conceito de memória.

Pesquisar e enriquecer

Nos livros

- PINSKY, Jaime. *As primeiras civilizações*. São Paulo: Atual, 2001.

  Explora o conceito de civilização e identifica alguns de seus principais pontos, como a conquista da fala, o desenvolvimento da agricultura, a criação de cidades etc.

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 54)

1. No canto inferior esquerdo da imagem, há grupos de pessoas e diversos animais, como cavalos, cabras e ovelhas. Isso sugere que a criação de animais era uma das atividades humanas desenvolvidas na época. Também existem, espalhadas pelo rio, várias embarcações, o que pode indicar a existência de comércio nas cidades mesopotâmicas. Além disso, a construção de grandes palácios, templos e outros edifícios com certeza exigiu muito trabalho, físico (braçal) e intelectual, envolvendo estudos de engenharia e arquitetura. Com um olhar mais cuidadoso, é possível notar que as paredes dos edifícios foram decoradas com esculturas e relevos. São sinais de que a arte também estava presente na vida dos povos dessa época.

2. Pensando na ideia de uma pirâmide formada por plataformas, ou seja, degraus cuja área da base diminui de tamanho à medida que ganha altura, o prédio que representa um zigurate na figura é o prédio da esquerda, mais ao fundo da imagem. A maioria dos zigurates possuía plantas retangulares, mas alguns foram erguidos sobre uma base circular. Implantados em espaços murados, eram construídos com tijolos de barro cozido. Sua planta interna costumava ser bem simples, com um santuário rodeado de câmaras. O mais famoso e bem preservado dos zigurates é o da cidade de Ur, na antiga Mesopotâmia.

Em destaque (p. 55)

- Na última frase do trecho citado, Robert Braidwood afirma que o leitor, provavelmente, já percebeu que as definições e caracterizações de civilização variam de acordo com quem as propõe. Assim, existem muitas noções de civilização. É uma oportunidade para reiterar a ideia de que, nos estudos históricos, "civilização" ou "civilizado" não se refere a um valor, mas sim a uma forma própria de organização social.

Interpretar fonte (p. 56)

1. No códice, o homem representado à esquerda usa trajes ornamentados e está sentado. Já o homem à direita usa trajes mais simples e parece estar se curvando diante do homem sentado. Por isso, o homem à esquerda parece ser algum tipo de líder ou autoridade ao qual o homem representado à direita se sujeita.

2. Na planta, a cidade asteca está cercada de água e, por isso, suas construções parecem se interligar por meio de pontes. No centro da cidade, as construções são maiores e lembram templos, palácios etc. Ao redor do centro, as construções são menores e se parecem com casas.

3. O documento de Cortés indica a existência de uma sociedade "civilizada", porque construiu uma cidade organizada, com planejamento arquitetônico, como indicado na planta da cidade de Tenochtitlán.

Observar o mapa (p. 58)

a) O Iraque.

b) Irã, Iraque, Kuwait, Arábia Saudita, Turquia, Síria, Líbano, Israel, Palestina, Jordânia e Egito.

c) Antes da expansão, os povos mesopotâmicos contavam com o golfo Pérsico. Com a expansão máxima, além do golfo Pérsico, eles também dispunham dos mares Mediterrâneo e Vermelho.

Investigando (p. 59)

- Resposta pessoal. O objetivo da atividade é estimular os estudantes a analisar o espaço social do qual fazem parte. O professor pode explicar que existem vários tipos de "poder": político, econômico, cultural etc. Assim, em uma cidade, é possível apontar como centros de poder: a prefeitura, a câmara de vereadores, a sede de um movimento social, um centro cultural, o prédio de uma empresa etc.

Em destaque (p. 60)

1. Porque o poder do monarca era considerado uma vontade dos deuses.

2. Os sacerdotes reforçavam a ideia de origem divina do poder dos reis, fortalecendo, assim, seu domínio político e religioso sobre a população.

3. Questionar o rei era o mesmo que questionar os deuses, por isso a população, cada vez mais, se submetia às ordens reais.

4. Resposta pessoal. Tema para reflexão. Depois de ler as respostas dos estudantes, o professor pode apontar que, além do poder político e religioso, o rei também tinha poder econômico, obtido por meio de trabalhos obrigatórios e pagamento de tributos impostos à população. E quanto mais riquezas eram geradas, mais riquezas eram acumuladas pelo rei.

Em destaque (p. 61)

1. Além de serem grandes guerreiros, os assírios formaram um dos primeiros exércitos permanentes do mundo. Bastante poderoso e bem-equipado, o exército assírio dispunha de forte infantaria, que utilizava lanças, escudos e espadas de ferro, bem como de uma cavalaria que empregava carros de combate com rodas reforçadas. Tal poder bélico facilitou seu domínio sobre as regiões vizinhas e a expansão de suas fronteiras até o Egito.

2. A existência de um exército forte e poderoso garantiria a posse prolongada da região, impedindo invasões e saques de estrangeiros.

Em destaque (p. 62)

1. e **2.** Respostas pessoais. O objetivo destas atividades é estabelecer relações entre o passado e o presente a partir das vivências dos estudantes. Como foi apontado no texto de abertura da unidade, embora as formas de registrar informações tenham mudado, permanece a necessidade de guardar vivências e memórias. As atividades também são uma oportunidade para trabalhar o conceito de memória. O professor pode sugerir um debate sobre o tema: "Por que nos lembramos de algumas coisas e nos esquecemos de outras?".

Investigando (p. 63)

- Resposta pessoal. Tema para reflexão e debate. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode apontar que o combate à criminalidade não deve se restringir ao campo da repressão penal. Isso porque o crime, como fenômeno social, costuma ter causas amplas e complexas, ligadas à desigualdade social, amparo à família, educação, oportunidades de trabalho etc.

Oficina de História (p. 64)

Vivenciar e refletir

1. Espera-se que o estudante relacione o conceito de civilização (abordado no começo deste capítulo) com aspectos das sociedades mesopotâmicas, tais como: vida urbana; organização social, política e religiosa; domínio da escrita; desenvolvimento de atividades econômicas.

2. a) As principais obras hidráulicas da Mesopotâmia foram canais de irrigação, aquedutos, diques etc. O estudante pode pesquisar e apresentar imagens para exemplificar essas construções.

b) Na Mesopotâmia, as condições naturais oscilavam entre inundações nos vales e clima seco. Ao longo do tempo, seus habitantes desenvolveram diques para acumular água, barragens para contê-la e canais de irrigação para abastecer os lugares mais secos. Essas obras hidráulicas viabilizaram um excedente na produção de alimentos, o que, articulado com outros fatores (aumento e concentração populacional, divisão do trabalho etc.), propiciou o desenvolvimento das primeiras cidades. No contexto dessas mudanças, formaram-se grupos mais poderosos, que submeteram a administração das obras públicas ao seu controle. Esses grupos controlavam centros de poder como palácios e templos.

3. Espera-se que os estudantes identifiquem pelo menos uma diferença, entre outras: que o cristianismo é monoteísta (prega a crença em um único Deus) e a religião mesopotâmica é politeísta (os mesopotâmicos adoravam diversos deuses). Em relação ao papel da religião no Brasil atual, poderá ser notado também que, enquanto o Brasil atual é um Estado laico, os sacerdotes mesopotâmicos tinham grande poder político e os reis exerciam influência religiosa.

4. De acordo com o texto, a escravidão presente na Mesopotâmia e no Egito antigos pode ser relativizada porque, nessas sociedades, os escravos podiam se casar com pessoas livres, ter bens, pagar impostos, testemunhar nos tribunais etc. E, também, nas duas regiões os escravos não constituíram a base das relações de produção.

5. Resposta pessoal. Os estudantes podem selecionar acontecimentos como o desenvolvimento dos primeiros sistemas de escrita, dos primeiros alfabetos, dos diferentes suportes (impressos e digitais). O debate proposto nesta atividade retoma assuntos trabalhados na seção **Conversando** (p. 52), no começo da unidade.

Diálogo interdisciplinar

6. a) O rei foi representado dessa forma para destacar sua superioridade em relação aos outros personagens. Na Mesopotâmia, o rei era uma liderança política e religiosa, sendo considerado representante direto dos deuses.

b) A partir dessas cenas do Estandarte de Ur, podemos inferir que a sociedade mesopotâmica era organizada segundo uma hierarquia, na qual um grupo dominava outro. Na representação, enquanto os trabalhadores carregam e entregam suas oferendas como tributo, a elite come e bebe com o rei.

De olho na universidade

7. a) As civilizações que ocuparam a antiga Mesopotâmia eram organizadas, em termos sociais, em sociedades estamentais e, politicamente, em monarquias teocráticas.

b) Trata-se do primeiro código de leis escritas da História, atribuído ao rei babilônico Hamurábi. Baseava-se no princípio do "olho por olho, dente por dente", a chamada "Lei de Talião", que estabelecia penas proporcionais aos crimes cometidos.

8. Resposta D.

Capítulo 5: África: egípcios e cuxitas

Contextualizando o tema

Este capítulo apresenta diversos aspectos das culturas egípcia e cuxita. Entre eles, a organização social, a religião, a arte e a ciência. Há também dois trabalhos de interpretação de fontes históricas.

Textos de aprofundamento

Texto 1

Situado no norte da África, o Egito e sua civilização na Antiguidade normalmente são estudados como parte da história das civilizações que se desenvolveram no Oriente Médio, berço da urbanização, da escrita e das grandes obras hidráulicas. No entanto, os antigos egípcios também tinham grandes semelhanças com o restante do continente africano, embora isso costume ser menos enfatizado.

O texto a seguir pretende subsidiar a discussão dessas semelhanças, explorando a questão de gênero e tendo em vista considerações mais gerais, como a de que "a historiografia centrada na visão europeia, onde os elementos negro e indígena aparecem como 'os diferentes', naturaliza a ideia de que o normal é ser branco".

Mãe preta, mãe África

O patriarcalismo associa as desigualdades sociais de gênero à condição feminina como consequências "naturais" da diferença entre os sexos. O racismo faz o mesmo com respeito às desigualdades raciais, de acordo com preconceitos e estereótipos derivados das teorias da inferioridade biológica do negro. Ou seja, o sexismo e o racismo se constituem e operam essencialmente da mesma forma. Os projetos de identidade dos movimentos sociais passam pela desconstrução das representações negativas da mulher e do negro criadas pelas ideologias do patriarcalismo e do supremacismo branco.

Uma das representações mais fortes a respeito da mulher e do africano é a de sua suposta incapacidade para criar conhecimento e operar avanços tecnológicos, uma noção que se revela irônica quando conhecemos um pouco da história africana. Não apenas os povos africanos construíram as bases da civilização ocidental, mas as mulheres exerceram um papel de parceria e liderança nesse contexto [...].

A noção da evolução universal postula que todos os povos humanos avançam desde o estágio da "horda primitiva" e as fases de matriarcalismo e matrilinearidade (também "primitivas"), até atingir o ápice do desenvolvimento, estágio da luz: o patriarcalismo. [Cheikh Anta] Diop analisa o viés eurocentrista dessa teoria, sua falta de sustentação empírica e seu embasamento na distorção dos dados.

O chamado "estágio primitivo" da matrilinearidade caracterizava algumas das sociedades mais adiantadas e altamente organizadas da história, como as do Egito e do império de Gana. Nelas, a mulher protagonizava a organização jurídica, econômica, social e política. Indaga Diop, contestando a teoria evolucionista: qual a sociedade mais plenamente desenvolvida, a que nega a metade de sua população a plena condição humana, ou a que reconhece e estimula em todos a sua capacidade de realização e contribuição à vida coletiva?

No caso do Egito Antigo, a partilha do poder no âmbito político e religioso vem desde os tempos míticos. O primeiro soberano e deus, Osíris, governa em conjunto com sua irmã Ísis, dona do conhecimento da agricultura que transmitiu à humanidade. Assassinado, Osíris vê seu corpo despedaçado e os pedaços espalhados pelos quatro cantos do mundo. Ísis reconstitui o corpo do irmão e o ressuscita [...]. As mulheres governantes são várias no Egito e na África. Cleópatra defendeu a soberania de seu país frente ao maior poder imperialista que o mundo conhecera. As rainhas mães africanas se estabelecem na antiga Núbia com a linhagem das Candaces, que reinavam por direito próprio e não na qualidade de esposas, exercendo o poder civil e militar. Angola nos dá o exemplo da rainha Nzinga, contemporânea de Zumbi que resistiu aos dominadores portugueses e holandeses. Gana se orgulha da rainha Yaa Asantewaa, que liderou a guerra dos Asante contra o domínio inglês. Esses exemplos confirmam uma tradição que nasce de profundas raízes histórico-culturais: o sistema social e político matrilinear que define, nos seus primórdios, o ambiente social africano [...].

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Mãe preta, mãe África*. Disponível em: <http://afrobrasileira.multiply.com/journal/item/7>. Acesso em: 14 mar. 2013.

O texto toma por base os ensinamentos de Cheikh Anta Diop (1923-1986), historiador senegalês da etnia Wolof. Estudante de História na Universidade de Paris, em 1960 ele defendeu uma tese na qual afirmava que os antigos egípcios eram africanos negros, e que a língua e a cultura deles se difundiram pela África ocidental. De acordo com Diop, sendo a África o berço da humanidade, as civilizações mais antigas também ocorreram no continente. A confecção de utensílios, a cerâmica, a sedentarização, a domesticação, a agricultura e o cozimento no fogo teriam existido na África antes de qualquer outro lugar do mundo. Milhares de anos depois, colônias humanas teriam emigrado para as regiões limítrofes da África (sul dos continentes asiático e europeu) em busca de recursos alimentares em função de mudanças climáticas que afetaram fortemente a África e todo o planeta. A tese de Diop opõe-se às explicações sobre as primeiras civilizações e ainda hoje gera controvérsias.

Esse texto pode propiciar um debate sobre as formas de discriminação mais comuns existentes até hoje: o sexismo e o racismo, ambas com raízes históricas muito profundas.

Texto 2

O texto a seguir pode ser utilizado como aprofundamento dos itens **O faraó** *e* **Nobres**, **sacerdotes e escribas**, estudados na página 69 do livro do estudante. Se possível, compartilhe esse texto com os estudantes e debata com eles os temas sugeridos para reflexão.

William Matthew Flinders Petrie (1853-1942) foi um arqueólogo e estudioso da história do Egito Antigo, a partir da década de 1880. Cheikh Anta Diop defende a tese de que os egípcios antigos eram negros, e isso provocou muitas divergências.

A origem dos antigos egípcios

[...] O estudo de Petrie sobre a raça egípcia revela um elemento classificatório possível muito fecundo, que não deixará de surpreender o leitor.

"Petrie [...] publicou um estudo sobre as raças do Egito nos períodos pré-dinástico e protodinástico, trabalhando apenas com representações. Além da raça esteatopígica, distinguiu seis diferentes tipos: um tipo aquilino, representante de uma raça líbia de pele branca; um tipo 'com barba trançada', pertencente a uma raça invasora, vinda provavelmente das costas do mar Vermelho; um tipo 'com nariz pontudo', proveniente, sem dúvida, do deserto arábico; um tipo com 'nariz reto', do Médio Egito; um tipo 'com barba protuberante', do Baixo Egito; e um tipo 'com nariz fino', do Alto Egito. Segundo as representações, teriam assim existido sete tipos raciais diferentes no Egito durante os períodos que estamos considerando." [...]

Esse modo de classificação dá uma ideia da natureza arbitrária dos critérios utilizados para definir as raças egípcias. Seja como for, é evidente que a antropologia está longe de ter estabelecido a existência de uma raça egípcia branca e, pelo contrário, tenderia a sugerir o oposto.

Nos manuais de maior divulgação, entretanto, a questão é suprimida: na maioria dos casos, afirma-se simples e claramente que os egípcios eram brancos, e o leigo fica com a impressão de que uma afirmação desse tipo deve necessariamente ter como base uma sólida pesquisa anterior. Mas [...] essa pesquisa não existe. E, assim, gerações após gerações foram enganadas. Muitas autoridades no assunto contornam a dificuldade falando em brancos de pele vermelha e brancos de pele negra, sem que por isso se abale o seu senso de lógica.

"Os gregos chamam a África de Líbia, um nome equivocado *ab initio*, pois a África contém muitos outros povos além dos assim chamados líbios, que estão entre os brancos da periferia setentrional ou mediterrânica e, portanto, muito afastados dos brancos de pele morena (ou vermelha) — os egípcios."

Num livro didático destinado ao curso colegial [atual Ensino Médio], encontramos a seguinte frase: "Um negro se distingue menos pela cor da pele (pois existem 'brancos' de pele negra) do que por suas feições: lábios grossos, nariz chato...". Apenas com tais distorções das definições básicas é que se pôde branquear a raça egípcia.

É importante ter em mente os exageros dos teóricos da antropossociologia do século passado e do começo deste século [sécs. XIX e XX], que, em suas microanálises fisionômicas, descobriram estratificações raciais até mesmo na Europa, e particularmente na França, onde, na verdade, havia um único povo, hoje praticamente homogêneo[1]. Atualmente, os ocidentais que valorizam sua coesão nacional evitam zelosamente examinar suas próprias sociedades sob a luz de hipóteses tão divisionistas, mas continuam, irrefletidamente, a aplicar os velhos métodos às sociedades não europeias.

DIOP, Cheikh Anta. Origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, G. (Coord.). *História geral da África*, v. II: A África antiga. São Paulo: Ática/Unesco, 1983. p. 41-43.

Temas para reflexão

Com base na leitura do texto, os seguintes assuntos podem ser debatidos:

- diversidade racial no Egito Antigo;
- as relações entre racismo, saber histórico e ciência;
- anacronismo na construção do saber histórico.

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 66)

- A esfinge de Gizé é do tipo androsfinge, ou seja, apresenta uma cabeça humana, mais precisamente uma cabeça de faraó. Esse fato é indicado pelo toucado característico das vestimentas dos faraós. Esse toucado, chamado *nemes*, com abas laterais, geralmente listradas, cobria toda a cabeça do faraó e estendia-se até abaixo dos ombros. Na parte de cima, deitando-se sobre a testa, a imagem de uma serpente representava uma deusa do Baixo Egito.

Observar o mapa (p. 67)

a) O Egito e o Sudão.

b) Os desertos da Líbia, da Núbia e o Arábico.

c) Os mares Mediterrâneo e Vermelho.

Investigando (p. 69)

1. Resposta pessoal. A atividade trabalha com conhecimentos prévios dos estudantes.

2. A palavra "faraônico" pode ser usada para referir-se àquilo que é grandioso e luxuoso, por analogia ao poder e aos monumentos dos faraós no Egito Antigo.

Interpretar fonte (p. 72)

- Resposta pessoal, em parte. De acordo com o texto, a morte parece ser uma forma de libertação, como "a cura depois de uma doença", "a liberdade depois da prisão", "um clarão no céu" e "a descoberta daquilo que se ignorava".

1 Em seu *Lutte des races* (1883), L. GUMPLOVICZ afirma que as diferentes classes que formam um povo sempre representam diferentes raças, das quais uma estabeleceu sua dominação sobre as outras através da conquista. G. de LAPOUGE, em um artigo publicado em 1897, postula nada menos do que doze "leis fundamentais da antropossociologia", das quais podemos citar algumas que são típicas: a "lei da distribuição da riqueza" postula que, em países de população mista alpino-europeia, a riqueza cresce em proporção inversa ao índice cefálico; a "lei dos índices urbanos", destacada por AMMON e ligada à pesquisa que realizou entre os prisioneiros de Badener, afirma que a frequência de dolicocefalia entre os habitantes das cidades é maior do que entre os habitantes da zona rural adjacente; a "lei da estratificação" foi formulada nos seguintes termos: "em cada localidade, o índice cefálico é tanto menor, e a proporção de dolicocefalia tanto maior, quanto mais alta é a classe social". Em seu *Sélections Sociales*, o mesmo escritor não hesita em afirmar que "a classe dominante no período feudal pertence quase exclusivamente à variedade *Homo europaeus*, de maneira que não é por mero acaso que os pobres ocupam as baixas posições na escala social, mas por sua inferioridade congênita".
"Vemos, portanto, que o racismo alemão não inventou nada de novo quando Alfred Rosenberg afirmou que a Revolução Francesa deve ser considerada como uma revolta dos braquicéfalos de matriz racial alpina contra os dolicocéfalos de raça nórdica." CUVILLIER, A. *Introduction à la Sociologie*. Paris: Armand Colin, 1967. p. 155.

Em religiões contemporâneas, como o cristianismo, o islamismo e o judaísmo, a morte do corpo abre caminho para a salvação da alma. Nesse caso, a morte não representaria o fim da vida, mas o início da comunhão plena com Deus.

Interpretar fonte (p. 75)

- Para realizar a comparação entre as duas esfinges, o professor pode orientar os estudantes a construírem uma tabela como a seguinte.

	Esfinge de Gizé	Esfinge de Taharqa
Tipo	androsfinge (cabeça humana e corpo de leão)	
Personagem representado	faraó egípcio Quéfren	faraó cuxita Taharqa
Data	2500 a.C.	680 a.C
Tamanho (aproximado)	20 m de altura e 70 m de comprimento	40 cm de altura e 70 cm de comprimento
Material	calcário	granito

Oficina de História (p. 76)

Vivenciar e refletir

1. a) Resposta pessoal, em parte. Tema para reflexão e debate. Esta atividade visa estimular a reflexão dos estudantes sobre os juízos estéticos e os critérios pelos quais se pode julgar o que é "belo" e o que é "feio". Os estudantes podem observar que a percepção que se tem hoje em dia, na maioria das sociedades, de uma pessoa com barriga saliente, por exemplo, não é a mesma dos egípcios ou de outras sociedades antigas, tanto do ponto de vista estético como econômico. Assim, é possível dizer que as concepções de beleza variam e se inserem em contextos históricos.

b) e **c)** Respostas pessoais. Para realizar estas atividades, é importante que os estudantes adotem um método de trabalho. Por exemplo:

- analisar um meio de comunicação específico, como emissoras de televisão, jornais e revistas;
- selecionar um tema como: representações de homens ou mulheres em propagandas; perfis de atores em telenovelas; perfis de jornalistas que apresentam telejornais etc.;
- elaborar perguntas como: existe uma faixa etária que é mais representada do que outras? Existe um estilo de roupa que aparece com mais frequência?

2. a) A Pedra de Roseta foi um artefato importante para a decifração da escrita egípcia. Por conter inscrições gregas e egípcias, ela possibilitou a comparação entre uma língua conhecida (o grego antigo) e as escritas egípcias. Isso permitiu a decifração dos elementos desconhecidos dos textos egípcios, os hieroglifos.

b) A decifração da escrita egípcia abriu novas possibilidades para o conhecimento da história do Egito Antigo. Com a decifração da Pedra de Roseta, desenvolveu-se a Egiptologia, ramo da História dedicado à pesquisa da sociedade egípcia antiga.

c) Resposta pessoal. Tema para reflexão. O estudante deve indicar os conhecimentos que considera essenciais justificando sua resposta. Esta atividade é uma oportunidade para o professor organizar um debate com os estudantes sobre a manutenção de conhecimentos e formas de preservação da memória.

3. a) Para Jean-Jacques Rousseau, a desigualdade exposta no texto seria de ordem política ou cultural.

b) O texto mostra que a diferenciação social no Reino de Cuxe podia ser notada pelas casas, vestimentas, calçados e adornos utilizados pelas pessoas.

c) Resposta pessoal, em parte. Os estudantes devem mencionar diferenças com relação a roupas, aparelhos eletrônicos e outros bens. Devem destacar também diferenças quanto a educação, saúde, moradia, alimentação, empregos etc.

Diálogo interdisciplinar

4. a), **b)** e **c)** Respostas pessoais. O professor poderá organizar uma discussão entre os estudantes, abordando a questão ambiental da poluição,

destruição e esgotamento dos recursos naturais (os rios, por exemplo) e sua relação com o domínio humano sobre a natureza.

De olho na universidade

5. Resposta A.

6. a) Agricultura, artesanato e pesca.

b) Mudanças: o uso da terra na agricultura egípcia baseado na servidão coletiva e no Brasil em moldes capitalistas; o comércio baseado nas trocas no Antigo Egito e comércio de base monetária no Brasil. Permanências: o uso do arado com tração animal ainda persiste em muitas regiões do Brasil, apesar da modernização nas técnicas agrícolas; o comércio por meio fluvial, que marcou a sociedade egípcia antiga, também é muito comum na Amazônia brasileira.

Capítulo 6: Hebreus, fenícios e persas

Contextualizando o tema

Este capítulo apresenta alguns aspectos da história dos hebreus, dos fenícios e dos persas. Foram destacados, respectivamente, a religião judaica e o monoteísmo, a crição do alfabeto fenício e a construção das estradas persas.

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 78)

- É interessante observar que, no painel persa, os personagens estão representados com o corpo inteiro de perfil. Já nas pinturas egípcias a cabeça, as pernas e os pés costumam ser representados de perfil, enquanto o corpo aparece de frente.

Interpretar fonte (p. 80)

- *Moisés* é uma das obras mais conhecidas, apreciadas e analisadas do artista Michelangelo. Para realizá-la, assim como aconteceu com muitas de suas obras, Michelangelo realizou vários estudos, que não se restringiram a desenhos anatômicos — de músculos, partes do corpo e expressões faciais. Era necessário conhecer o personagem a ser retratado, não apenas suas características físicas, mas principalmente sua história. Por isso, a *Bíblia* e suas traduções foram importantes fontes no processo criativo de Michelangelo. Alguns pesquisadores até dizem que, graças a uma tradução errada, pela qual a palavra *karan* é confundida com *keren*, Michelangelo colocou na cabeça de Moisés dois chifres no lugar de raios de luz. Outros acreditam que os chifres são uma referência ao bezerro de ouro, adorado pelos hebreus e a causa da ira de Moisés.

Observar o mapa (p. 81)

1. a) Rio Jordão, mar Morto, mar Mediterrâneo; deserto da Síria e deserto Neguev.

b) Jerusalém, Betel, Hebrom, Gaza, Tiro, Gade etc.

2. a) Israel e a Autoridade Palestina, se considerarmos como seus os territórios ocupados por Israel (a Faixa de Gaza e a Cisjordânia).

b) Israel e Jordânia (a Autoridade Palestina também, se considerarmos como parte de seu território a Cisjordânia, ocupada por Israel).

Observar o mapa (p. 82)

- Atualmente, a maior parte da antiga Fenícia corresponde ao território do Líbano. No centro da bandeira libanesa há a figura de um cedro. O cedro tornou-se um símbolo nacional no Líbano, pois os fenícios utilizavam sua madeira para construir embarcações leves e resistentes.

Observar o mapa (p. 84)

a) O Irã.

b) Persépolis e Pasárgada.

c) Os povos egípcio, hebreu, fenício, grego (trácio) e mesopotâmico, entre outros.

d) Aqui o estudante deve elaborar hipóteses. Espera-se que ele aponte possibilidades como comunicação, defesa, cobrança de impostos, comércio.

Investigando (p. 85)

- Atividade que envolve o estudo do meio e busca estabelecer relações entre o passado e o presente. Para organizar o debate e veri-

ficar a eficiência dos meios de comunicação e transporte, o professor pode sugerir alguns critérios de análise, tais como: acessibilidade, preço dos transportes, tempo de espera, regiões da cidade atendidas, conforto e facilidade no uso do serviço, entre outros.

Interpretar fonte (p. 85)

1. Esta escultura parece representar um sátrapa – isto é, o administrador de uma província do império persa – viajando. Os persas construíram muitas estradas e veículos que facilitavam a administração do império. A presença de elementos culturais de egípcios e medos corrobora a ideia de que os persas adotavam uma postura, de certo modo, tolerante em relação a outros povos.

2. Sim, porque, investigando essa escultura e confrontando-a com outras fontes da cultura persa, os historiadores podem construir hipóteses e narrativas acerca dessa sociedade.

Oficina de História (p. 87)

Vivenciar e refletir

1. a) O texto foi retirado da *Bíblia*, livro do Êxodo, versículos indicados no crédito. Propõe a correspondência entre o crime cometido e a pena a ser recebida.

b) Gázeo: esverdeado ou verde-azulado; "garço". Alforria: liberdade que se concede ao escravo.

c) Ambos têm propostas semelhantes para a correspondência entre a pena e o crime.

2. Resposta pessoal, em parte. Os estudantes podem citar, por exemplo, a relação conflituosa entre os dois países, principalmente a partir da explosão do conflito árabe-israelense e a chegada ao Líbano de grande contingente de refugiados palestinos. Desde 1982, Israel tem invadido ou realizado ataques aéreos ao Líbano, em perseguição a organizações palestinas, como a OLP e o Hezbollah.

3. O professor pode apontar que, de forma geral, nação é uma comunidade de pessoas unidas por vínculos étnicos, linguísticos e históricos. Já Estado é o conjunto das instituições (governo, forças armadas, funcionalismo público etc.) que controlam e administram uma nação. Assim, depois da destruição da monarquia hebraica (domínio babilônico) e da perda sucessiva de autonomia política (dominação persa, macedônica, romana), grupos de hebreus dispersaram-se pelo mundo todo, mas conseguiram manter sua identidade cultural e, sobretudo, religiosa. Por isso, pode-se afirmar que, embora não possuíssem um Estado, eles formavam uma nação. Com a criação do Estado de Israel, em 1948, milhares de judeus migraram para aquela região e os palestinos que viviam ali há séculos começaram a ser expulsos. Desde então, os palestinos passaram a constituir uma nação sem Estado, em luta pelo retorno às suas terras e pela criação de um Estado independente.

Diálogo interdisciplinar

4. a) Resposta pessoal. Um exemplo que pode ser buscado pelos estudantes é uma série de 105 gravuras sobre a *Bíblia*, produzida por Marc Chagall no período de 1931 até 1939.

b) Em ambas as obras, Moisés foi representado com cabelos e barbas longas, próximo da Tábua dos Dez Mandamentos. Porém, na escultura, o personagem parece mais vigoroso, enquanto na pintura ele parece mais franzino. Além disso, Moisés foi representado em duas situações diferentes. Na escultura, ele está sentado sozinho. Na pintura, ele aparece próximo de outros personagens e está ajoelhado recebendo as Tábuas dos Dez Mandamentos. É interessante o professor apontar que essas obras foram produzidas em épocas diferentes. A obra de Michelangelo data de 1515 e a de Chagall data de 1965.

5. a) Em grego, a palavra "ética" quer dizer "modo de ser" e passou a designar o conjunto de regras que devem ser seguidas para que se estabeleça um comportamento moral exemplar. Existe também a Ética como disciplina filosófica que investiga os diversos sistemas morais elaborados pelos seres humanos, buscando compreender quais são as fundamentações e pressupostos desses sistemas.

b) Resposta pessoal. A atividade visa desenvolver a autonomia intelectual e o posicionamento crítico dos estudantes. É uma oportunidade para trabalhar exemplos de situações vivenciadas pelos estudantes em suas relações com amigos, familiares e colegas.

c) Espera-se que o estudante perceba a continuidade da ideia de bondade, respeito à vida, respeito ao próximo, respeito à propriedade privada.

De olho na universidade

6. Resposta E.

7. a) O povo iraniano descende dos antigos persas, que estabeleceram no planalto iraniano, no período compreendido entre os séculos VI a.C. e IV a.C., um poderoso império.

b) No final do século V a.C., o Império Persa dominou as colônias gregas na Ásia Menor e tentou conquistar a Grécia Continental, dando origem a um longo conflito que ficou conhecido como Guerras Médicas ou Guerras Persas. Uma das batalhas mais famosas desse conflito foi a "Batalha das Termópilas" (retratada no filme *300 de Esparta*), na qual trezentos guerreiros espartanos enfrentaram o gigantesco exército do rei persa Xerxes.

c) O conflito entre gregos e persas era sobretudo uma disputa pela supremacia marítimo-comercial do Mundo Antigo, que tinha como uma de suas rotas primordiais o mar Egeu.

d) No século XX (década de 1950), o Xá (rei) do Irã, Reza Pahlevi, empreendeu um movimento de modernização do país, que ficou conhecido como "Revolução Branca". Nesse período, foram estabelecidos vários acordos políticos e comerciais com os EUA, especialmente no campo da exploração de petróleo. Esse movimento entrou em choque com a cultura mulçumana, levando a uma série de conflitos entre o governo e os religiosos. Em 1979, a "Revolução Islâmica", liderada pelo aiatolá Ruhollah Khomeini, transformou o país numa República Islâmica e rompeu todos os acordos comerciais com os EUA. Desde então, a Casa Branca vem tentando retomar, por meio de pressões diplomáticas e sanções comerciais, a influência política e econômica (sobretudo no campo da exploração de petróleo) que exercia sobre o Irã ao tempo do Xá. Nos últimos anos, o conflito diplomático foi agravado por denúncias feitas pelo presidente George W. Bush de que o Irã favorece organizações terroristas e tenta desenvolver armas nucleares, bem como pelas declarações do presidente Mahmud Ahmedinejad a favor da destruição do Estado de Israel, principal aliado dos EUA no Oriente Médio. Em 2015, os dois países assinaram um acordo que suspendeu as sanções econômicas impostas ao Irã e deteve seu acesso à bomba atômica.

8. Resposta C.

Capítulo 7: Povos da China e da Índia

Contextualizando o tema

Este capítulo introduz alguns aspectos das culturas chinesa e indiana. Entre eles, foram destacados a organização social e a religião. Há também dois trabalhos de interpretação de fontes históricas.

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 89)

- A fotografia mostra o contraste entre a concepção arquitetônica do passado e a do presente. Em primeiro plano, é possível observar obras tradicionais da arquitetura chinesa. Ao fundo, há edifícios modernos.

Investigando (p. 91)

1. O governo de Ch'in Che teria autorizado a queima de livros que divulgassem ideias consideradas contrárias ao seu poder.

2. Resposta pessoal, em parte. Tema para debate. A atividade visa questionar os estudantes sobre a experiência deles com relação à leitura. O professor pode complementar essa atividade com outras perguntas como: quais foram os primeiros livros que vocês leram? O que vocês aprenderam com eles? Existem livros que mudaram sua visão a respeito de algum assunto? Quais? Por quê?

Interpretar fonte (p. 92)

1. Neste trecho, Lao Tsé estabelece comparações entre conhecer e vencer os outros e a si mesmo. Aquele que conhece e vence a si mesmo é sábio e poderoso, enquanto aquele que conhece e vence os outros é apenas inteligente e forte. Por isso, podemos afirmar que, segundo o autor, o domínio interior, de si mesmo, é uma fonte fundamental da sabedoria.

2. Resposta pessoal. É interessante que o professor solicite aos estudantes que questionem o significado de algumas expressões do texto,

como "ver com clareza", "escutar com profundidade", "agir com firmeza e respeito", "sinceridade", "esclarecimento" e "paz interior". É importante ressaltar que o significado dessas expressões pode variar em cada cultura, em cada época, de acordo com os valores de quem busca compreendê-las. Estimule os estudantes a formularem e debaterem suas compreensões do texto verificando se elas poderiam "valer" para as sociedades atuais.

Em destaque (p. 94)

1. Os chineses estão muito ligados ao seu próprio passado. Segundo o texto, eles têm a consciência de que fazem parte de um processo histórico longuíssimo e contínuo. Além disso, convivem com a presença de duas tradições filosóficas chinesas muito importantes — o taoismo e o confucionismo, que ligam ainda mais a sociedade ao seu próprio país. O vínculo com o passado também é estimulado no ensino, já que os estudantes aprendem a enorme importância histórica da China para o mundo.

2. Resposta pessoal. Tema para reflexão e debate. Esta atividade pode ser feita oralmente e envolvendo toda a classe. O professor pode complementá-la com outras perguntas como: Além da escola, em que outros locais podemos aprender História do Brasil? Em sua opinião, os patrimônios históricos nacionais são bem preservados? Em sua opinião, os jovens conversam com pessoas mais velhas sobre outras épocas? Em geral, que temas da história do Brasil são mais lembrados e quais são frequentemente esquecidos? Algum aspecto da história do Brasil influenciou sua vida? Qual?

Investigando (p. 95)

1. Sim, pois as sociedades antigas da China se desenvolveram nas proximidades do rio Huang-Ho (também chamado rio Amarelo) e as sociedades harapeana e dravidiana se organizaram próximo do rio Indo.

2. Sim, essas civilizações podem ser consideradas fluviais, porque (como visto nos capítulos 4 e 5) o rio Nilo e os rios Tigre e Eufrates tiveram grande importância econômica, política e cultural para o desenvolvimento das sociedades do Egito Antigo e da Mesopotâmia.

3. Resposta pessoal. Caso exista algum rio na cidade, o professor pode localizá-lo em um mapa e, depois, solicitar aos estudantes que pesquisem se esse rio está relacionado a atividades econômicas e culturais da região. O professor pode apontar que os rios e suas bacias hidrográficas são importantes fontes de água para a agricultura, o abastecimento de hospitais, escolas, residências, comércios, indústrias etc. Além disso, podem ser utilizados para o lazer e para o transporte de pessoas e mercadorias. É interessante explicar que, no Brasil, as usinas hidrelétricas são responsáveis por mais de 65% da eletricidade consumida no país (segundo dados de 2014 do Ministério de Minas e Energia, publicados no documento Resenha Energética Brasileira. Disponível em: <http://www.mme.gov.br/documents/1138787/1732840/Resenha+Energ%C3%A9tica+-+Brasil+2015.pdf/4e6b9a34-6b2e-48fa-9ef8-dc7008470bf2>. Acesso em: 5 mar. 2016).

Interpretar fonte (p. 96)

1. Sinete com figura de elefante produzido no vale do Indo entre 2500-2000 a.C. Na parte superior, há inscrições que parecem uma forma de escrita.

2. Segundo o texto, os sinetes eram utilizados para reivindicar uma propriedade, assinar um documento ou marcar sacos de cereais e de algodão.

3. Resposta pessoal, em parte. Entre as hipóteses, é possível dizer que os povos do vale do Indo realizavam comércio com as sociedades mesopotâmicas.

Em destaque (p. 97)

1. Segundo o texto, a palavra "Buda" significa, em sânscrito, "iluminado", "desperto". Buda não é, portanto, o nome de Sidarta Gautama, e sim uma palavra que descreve o estado de iluminação que ele atingiu.

2. Resposta pessoal. Tema para debate e reflexão.

Oficina de História (p. 98)

Vivenciar e refletir

1. Resposta pessoal. O professor pode pedir a cada estudante que explique de que maneira o objeto escolhido faz parte de seu cotidiano.

2. O arroz é um dos cereais mais consumidos do mundo. No Brasil, por exemplo, ele faz parte de várias receitas de comida. Dessas, provavelmente, a mais conhecida é o "arroz com feijão". Segundo o *site* do Ministério da Agricultura, "o Brasil é o nono maior produtor mundial e colheu 11,26 milhões de toneladas na safra 2009/2010. A produção está distribuída nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso"

(informação disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/vegetal/culturas/arroz>, acesso em 5 mar. 2016). É interessante observar que, no ano de 2013, cerca de 90% da produção mundial de arroz foi cultivada na Ásia, sobretudo na China e na Índia. O arroz, como todo cereal, é rico em carboidratos, principalmente amido. Pode ser utilizado na fabricação de: combustíveis; óleos; vinagres; bebidas; fertilizantes.

Para complementar a atividade, o professor pode solicitar aos estudantes que pesquisem receitas de comida com esse cereal. Além disso, pode indicar o *site* da Embrapa, que apresenta informações sobre a importância econômica, agrícola e alimentar do arroz.

Embrapa: <https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Arroz/ArrozIrrigadoBrasil/cap01.htm>.

3. a) A Grande Muralha da China não tem mais a função de defender o território contra invasões. Atualmente, é um dos principais monumentos daquele país, explorado sobretudo pelo turismo. Em 1987, foi declarada patrimônio cultural da humanidade pela Unesco.

b) Resposta pessoal, em parte. Os estudantes podem mencionar construções como muros ou outras barreiras de contenção que separam partes do território estadunidense do México, por exemplo, ou aquelas que separam Israel de territórios ocupados por palestinos.

Diálogo interdisciplinar

4. a) Segundo o autor, os *dálits*, que representam hoje um quarto da população indiana, vivem em uma situação de miséria, sem acesso à terra e com salários extremamente baixos, quando empregados.

b) e **c)** Resposta pessoal. Tema para debate e reflexão.

5. Resposta pessoal. A bússola foi inventada durante a dinastia Qin, produzida com um mineral que se alinha à direção norte-sul, chamado de magneto. O papel foi inventado na dinastia Han a partir de cascas de amoreiras e fibras de bambu com água. A impressão com a técnica de xilogravura já era utilizada no século VII. O texto impresso mais antigo conhecido data do ano de 868 d.C. Por fim, a descoberta de uma fórmula para produzir a pólvora foi feita no século VIII, durante a dinastia Tang: salitre e enxofre com carvão. (Fonte: <http://discoverybrasil.uol.com.br/china_antiga/invencoes_tecnologias/index.shtml>. Acesso em: 18 mar. 2013.)

De olho na universidade

6. V; V; F; V; F.

Capítulo 8: Grécia Antiga

Contextualizando o tema

Ao explorar o capítulo, comentar que a formação do mundo grego passou por fases distintas de organização social, desde os primeiros povoados, pequenos núcleos familiares e comunidades, até a consolidação das pólis ou cidades-Estado independentes. Os textos do capítulo apresentam subsídios para a compreensão desse longo processo histórico. O peso dado pelos gregos às palavras, ao exercício da linguagem e da argumentação conferiu contornos à organização das pólis e serviu para legitimar a divisão da sociedade entre aqueles que poderiam participar da vida pública ou dedicar-se às atividades intelectuais.

Atividades complementares

Proposta I

O texto reproduzido ao lado, do historiador Jean-Pierre Vernant, fala sobre as transformações no espaço urbano ocorridas na região do mar Hegeu entre o segundo milênio a.C. e o século VIII a.C.

> Por volta do segundo milênio antes de nossa era apareceram [...] as revoluções palacianas. É a era dos grandes palácios cretenses, com sua aglomeração complexa de salas, de pátios internos, de paredes soberbamente decoradas [...]. Eles estão ao mesmo tempo separados e no mesmo nível dos habitats exteriores.
>
> [Já no] século XIV a.C. os palácios micenianos são outra coisa. São construídos como fortalezas que dominam a região plana abaixo deles. [...] O palácio é a encarnação do poder no que ele comporta de excepcional, do que fica além da norma humana.
>
> Por volta do século VIII a.C., com o advento da cidade-Estado, da pólis, tudo muda. O espaço urbano já não gravita em torno de uma cidadela

real que o domina, está centrado na ágora, que [...] é por excelência o lugar onde circula livremente a palavra entre parceiros iguais. [...]

VERNANT, Jean-Pierre. *A travessia das fronteiras*. São Paulo: Edusp, 2009. p. 150-151.

1. O historiador Jean-Pierre Vernant identifica as mudanças em edificações transcorridas em três momentos da história da Grécia Antiga já estudados neste capítulo e em destaque no texto. Que momentos são esses?

O momento dos grandes palácios cretenses pode ser identificado com a civilização minoica (1700 a 1450 a.C.), monarquia considerada pré-helênica. Os palácios micenianos construídos como fortalezas podem ser atribuídos ao período micênico (1650 a 1150 a.C.), quando povos migraram e se assentaram fundando a cidade de Micenas. Já o advento da cidade-Estado e o espaço urbano centrado na ágora podem ser identificados com o período arcaico (800 a 500 a.C.).

2. Qual é a ligação entre a edificação e o poder político em cada um desses três momentos?

Os palácios minoicos possuem vários ambientes separados e luxuosos, mas ao mesmo tempo se mantêm no nível das demais construções. É possível que isso ocorra porque o poder político da monarquia minoica estava apoiado no poderio da marinha e na aliança com comerciantes. Já os palácios micênicos, fortalezas feitas um nível acima das demais construções, parecem representar um poder centralizado, preocupado com a segurança do palácio e com a demonstração de sua superioridade em relação aos governados. E a ágora do período arcaico está relacionada ao espaço de convívio e diálogo dos iguais, daqueles que eram considerados cidadãos gregos.

Proposta II

- (Enem-2009) Segundo Aristóteles,

[...] na cidade com o melhor conjunto de normas e naquela dotada de homens absolutamente justos, os cidadãos não devem viver uma vida de trabalho trivial ou de negócios — esses tipos de vida são desprezíveis e incompatíveis com as qualidades morais —, tampouco devem ser agricultores os aspirantes à cidadania, pois o lazer é indispensável ao desenvolvimento das qualidades morais e à prática das atividades políticas.

VAN ACKER, T. Grécia. *A vida cotidiana na cidade-Estado*. São Paulo: Atual, 1994.

O trecho, retirado da obra *Política*, de Aristóteles, permite compreender que a cidadania:

a) possui uma dimensão histórica que deve ser criticada, pois é condenável que os políticos de qualquer época fiquem entregues à ociosidade, enquanto o resto dos cidadãos tem de trabalhar.

b) era entendida como uma dignidade própria dos grupos sociais superiores, fruto de uma concepção política profundamente hierarquizada da sociedade.

c) estava vinculada, na Grécia Antiga, a uma percepção política democrática, que levava todos os habitantes da pólis a participarem da vida cívica.

d) tinha profundas conexões com a justiça, razão pela qual o tempo livre dos cidadãos deveria ser dedicado às atividades vinculadas aos tribunais.

e) vivida pelos atenienses era, de fato, restrita àqueles que se dedicavam à política e que tinham tempo para resolver os problemas da cidade.

Resposta: alternativa B.

Pesquisar e enriquecer

Nos filmes

- *Orfeu*. Direção de Cacá Diegues. Brasil, 1999, 110 min.

  O filme reconta o mito grego de Orfeu e Eurídice, que vivem uma história de amor no contexto do carnaval do Rio de Janeiro. O roteiro é inspirado na peça *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes.

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 100)

- Resposta pessoal. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode comentar que, em geral, os templos são espaços contruídos para homenagear uma ou mais divindades. São locais considerados sagrados e respeitados por determinados grupos. Assim, é possível relacionar a palavra "templo" com o termo "contemplar", que se refere à ideia de observar atentamente, analisar em profundidade, meditar. Os templos são espaços de contemplação por excelência.

Observar o mapa (p. 101)

a) Mares Jônico, Egeu e Mediterrâneo.

b) Creta.

c) Grécia.

Em destaque (p. 102)

- Segundo o texto, as obras atribuídas a Homero eram transmitidas pela tradição oral até cerca de 550 a.C.

Em destaque (p. 103)

- Esta obra, produzida em 1936 pelo artista espanhol Pablo Picasso, foi inspirada no Minotauro.

  Na mitologia grega. Além de deuses e heróis, existiam várias outras criaturas, muitas das quais formadas pela mistura entre seres humanos e animais. É o caso do Minotauro, o "touro de Minos", representado na obra de Picasso. Minos pediu a Poseidon, o deus dos mares, que o ajudasse a tornar-se rei de Creta, pois o povo havia pedido um sinal de que Minos merecia o trono, e não seu irmão. Poseidon prometeu enviar um touro branco pelas águas do mar, mas em troca pediu que Minos o devolvesse, sacrificando-o e jogando-o novamente ao mar. Minos ficou tão deslumbrado com a beleza do touro que, após tornar-se rei, resolveu matar outro animal em seu lugar. A troca, no entanto, foi percebida, e o deus, enfurecido, fez com que a esposa de Minos, Pasífae, se apaixonasse pelo touro. Dessa paixão nasceu Minotauro, com corpo de homem e cabeça e cauda de touro. Com medo da criatura, o rei Minos ordenou a construção de um grande labirinto que se tornou a morada do Minotauro. A segunda parte do mito conta que o rei Minos, após ter um de seus filhos morto pelos atenienses, declarou guerra a Atenas. Vitorioso, exigiu que de tempos em tempos fossem enviados sete moços e sete moças atenienses para serem devorados pelo Minotauro. Teseu, filho do rei de Atenas, decidido a acabar com tal crueldade, ofereceu-se para o sacrifício. Com a ajuda de Ariadne, filha do rei Minos que se apaixona por Teseu, o Minotauro é morto.

Observar o mapa (p. 105)

- Ao comparar os mapas, os estudantes irão notar que a colonização aumentou o tamanho das áreas de dominação grega. Entre as áreas alcançadas podemos citar: Ásia Menor (litoral dos mares Egeu e Negro); Creta, Chipre e Sicília, Córsega e sul da Itália (formando a Magna Grécia); litoral da França e litoral norte da África.

Investigando (p. 105)

1. A expansão colonizadora dos gregos deveu-se, principalmente, a questões sociais originadas por problemas de posse da terra, dificuldades na agricultura e aumento da população, o que levou grande parte dos gregos a procurar novas terras para se fixar.

2. Após os primeiros momentos da expansão, as regiões colonizadas tornaram-se centros comerciais, impulsionando as trocas entre as cidades da Hélade e as colônias. A expansão colonizadora também impulsionou a navegação marítima, as trocas culturais e a produção artesanal.

Interpretar fonte (p. 107)

1. e **2.** A legenda da imagem indica que foram representados no vaso um escravo e seu senhor. Assim, nesse contexto, o homem que se curva corresponde ao escravo e o outro homem, localizado em patamar mais elevado, corresponde ao senhor. A imagem ilustra um aspecto da hierarquia social grega, na qual os escravos ocupam um lugar inferior ao de seus senhores. Os escravos eram, portanto, subjugados.

Investigando (p. 109)

- Tema para debate e reflexão. Os principais cargos eletivos em um município são o de prefeito e vereador. Assim, o professor pode indicar, por exemplo, o *site* da Câmara Municipal para que os estudantes façam uma pesquisa, bem como a Emenda Constitucional nº 58/2009, que estabelece o limite máximo de vereadores por município.

  Essa atividade está relacionada a um dos temas trabalhados no projeto temático **Cultura e cidadania**, que pode ser encontrado neste volume, no livro do estudante. Para enriquecer o debate sobre a importância da representatividade feminina na política, sugerimos que os estudantes acessem os seguintes *sites*:

  – "Lugar de mulher é na política", da historiadora Mary del Priore, publicado na revista *História Viva*. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/lugar_de_mulher_e_na_praca_publica.html>.

  – Feminismo Negro e Filosofia, com fala sobre mulheres na política da filósofa brasileira Djamila Ribeiro. Disponível em: <https://youtu.be/u56gUXbdH2Q>.

  – Poder e participação política das mulheres, elaborado pela Secretaria de Políticas para as mulheres do governo federal. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/assuntos/poder-e-participacao-politica>.

  – Liderança e participação política, produzido pela ONU Mulheres Brasil. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/areas-tematicas/lideranca-e-participacao/.

  – Mulheres só ocupam 13% dos cargos eletivos no país, publicado na revista *Congresso em foco*. Disponível em: <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/mulheres-so-ocupam-13-dos-cargos-eletivos-no-pais/>.

  (Acessos em: 3 abr. 2016.)

Interpretar fonte (p. 109)

1. "Nossa cidade institui muitos divertimentos para o povo. Temos concursos, festas e cerimônias religiosas ao longo de todo o ano. Isso tudo nos dá prazer de viver e afasta de nós a tristeza."

2. a) Todos os cidadãos são iguais perante a lei, e a administração pública depende da maioria dos cidadãos, e não de poucos.

b) Refere-se, provavelmente, ao povo espartano. Os atenienses valorizavam a alegria de viver, mas se fosse preciso lutariam com bravura. Já os espartanos priorizavam a educação militar.

c) Resposta pessoal. Tema para debate e reflexão.

d) À vida pública estão ligados o debate, a discussão, a participação nas assembleias, nas festas, concursos, competições. À vida privada estariam ligadas a administração dos próprios negócios, da casa e as questões referentes à família.

3. Não. A democracia ateniense restringia-se aos cidadãos. Os estrangeiros (metecos), os escravos, as mulheres e os jovens menores de 21 anos não tinham direitos políticos e estavam excluídos da vida democrática.

Observar o mapa (p. 111)

a) As cidades-Estado gregas.

b) A partir de Egito, Ásia Menor, Mesopotâmia, Pérsia e até o vale do rio Indo, pode-se dizer que o Império Macedônico incorporou todas as terras antes dominadas pelos Impérios Assírio e Persa.

c) As cidade apresentam o mesmo nome: Alexandria.

Oficina de História (p. 115)

Vivenciar e refletir

1. a), **b)** e **c)** Comparando as obras de arte, podemos dizer que ambas representam figuras femininas destacadas: a rainha egípcia Nefertiti e a deusa grega Afrodite. Os materiais utilizados na produção dessas obras são diferentes, o busto da rainha do Egito foi esculpido em calcário e colorido com tintas. Já a deusa grega foi esculpida em mármore. As duas figuras podem ser consideradas modelos ou ideais de beleza. *Nefertiti* e *Vênus de Milo* possuem formas proporcionais e simétricas.

2. As frases são pessoais. O professor pode aproveitar para explicar a origem desses significados, contando as lendas a respeito de cada um desses personagens mitológicos.

a) calcanhar de Aquiles: ponto fraco ou vulnerável;

b) presente de grego: algo que traz mais prejuízo do que vantagem, engodo;

c) agradar a gregos e troianos: agradar a todo mundo, tanto os que são favoráveis como os que são contrários.

3. a) e **b)** Resposta pessoal, em parte. Tema para reflexão e debate. A frase de Sólon é uma referência ao problema da aplicação das leis e da impunidade, na Grécia Antiga, em relação às elites atenienses. A lei valia apenas para os pobres. Espera-se que os estudantes reflitam também sobre o problema da injustiça, da impunidade e da corrupção nas sociedades contemporâneas e compartilhe sua reflexão com os colegas. O professor deve estimular os estudantes a formularem argumentos utilizando fontes de pesquisa.

c) Resposta pessoal, em parte. A atividade procura articular criatividade, diferentes linguagens e códigos com os assuntos abordados no capítulo. Ao criar a charge, os estudantes podem tanto explicitar o que eles entenderam sobre a frase de Sólon quanto fazer uma crítica bem-humorada ao seu conteúdo.

4. a), **b)** e **c)** Respostas pessoais. Esta atividade também pode ser feita em grupo e apresentada oralmente. Antes de os estudantes responderem ao item "b", seria interessante que o professor debatesse com a classe os sentidos da palavra "cidadania".

5. À classe dos esparciatas. A sociedade espartana dividia-se em três categorias principais: os esparciatas (cidadãos espartanos), homens livres, proprietários das terras, que não podiam exercer o comércio e ficavam à disposição do exército ou dos negócios públicos; os periecos, também homens livres, que não tinham direitos políticos e se dedicavam principalmente ao comércio e ao artesanato; e os hilotas, que tinham obrigação de cultivar as terras dos esparciatas, das quais não podiam ser expulsos. Essa organização se traduzia numa estrutura de poder com o domínio político exclusivo dos esparciatas, que exerciam todos os cargos e funções de governo.

Diálogo interdisciplinar

6. O professor pode sugerir que a resposta seja organizada em uma tabela, como a do exemplo a seguir.

Grego	Sentido	Exemplo de palavra
geo	terra	Geologia
micro	pequeno	micro-ondas
grafia	estudo/descrição	caligrafia
grama	letra, escrito, peso	gramática, quilograma
logia	estudo/conhecimento	Sociologia
teca	lugar onde se guarda	discoteca

7. Segundo o dicionário Houaiss, "democracia" é:

> 1. Governo do povo; governo em que o povo exerce a soberania;
> 2. Sistema político cujas ações atendem aos interesses populares;
> 3. Governo no qual o povo toma as decisões importantes a respeito das políticas públicas, não de forma ocasional ou circunstancial, mas segundo princípios permanentes de legalidade;
> 4. Sistema político comprometido com a igualdade ou com a distribuição equitativa de poder entre todos os cidadãos;
> 5. Governo que acata a vontade da maioria da população, embora respeitando os direitos e a livre expressão das minorias;
>
> [...]
>
> Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=democracia>. Acesso em: 2 mar. 2016.

Segundo o dicionário Aulete, "democracia" é:

> 1. Pol. Governo em que o povo exerce a soberania; governo popular.
> 2. Pol. Sistema ou regime que se baseia na ideia da soberania popular e na distribuição equilibrada do poder, e que se caracteriza pelo direito ao voto, pela divisão dos poderes e pelo controle dos meios de decisão e execução.
> 3. País que tem regime democrático.
> 4. Partido ou grupo político comprometido com os ideais da democracia.
> 5. Fig. Igualdade política e social.
> 6. O pensamento ou a prática democrata.
>
> Disponível em: <http://www.aulete.com.br/democracia>. Acesso em: 2 mar. 2016.

a) As democracias atuais são muito diversificadas. Em geral, a democracia preconiza: participação de todos na vida política; direitos iguais, assegurados a todos; soberania do povo expressa no direito de escolher os governantes e de controlar sua atuação etc.

b) Semelhanças: as ideias de igualdade de direitos e de participação popular no processo político, a soberania e o controle do povo sobre a escolha e a atuação dos governantes. Diferenças: participação direta X delegação e representação; limitação da participação aos cidadãos X inclusão de todos (homens, mulheres e jovens) no processo político.

8. Atividade de leitura e intepretação de fonte histórica.

a) Édipo, Creonte, Tirésias, Jocasta, o mensageiro, o pastor e a Esfinge.

b) Édipo pretende descobrir quem assassinou o rei que o antecedeu, Laio.

c) A peça de Sófocles é uma das obras mais conhecidas da Grécia Antiga. A peça apresenta a história de Édipo, cujo destino, ouvido no templo de Delfos, era trágico. Mataria aquele que lhe havia dado a vida, dormiria no leito da própria mãe e teria uma prole malsinada. Édipo tenta fugir ao seu destino, mas se depara com ele ainda assim. O mesmo ocorre com seu verdadeiro pai, Laio, que, ao ouvir que seria assassinado pelo filho, tenta mudar o destino matando aquele que o mataria. No entanto, é morto tal qual revelara o oráculo.

d) A peça narra o trágico destino de Édipo, aquele que salvou o povo de Tebas derrotando a Esfinge.

e) O coro, composto por 15 notáveis de Tebas, suplica auxílio aos deuses, comenta o enredo, aconselha e questiona os personagens durante a história.

f) Comenta-se no capítulo que os gregos apreciavam muito o teatro. A peça analisada, Édipo rei, é considerada uma das mais importantes de Sófocles.

De olho na universidade

9. Resposta D.

Capítulo 9: Roma Antiga

Contextualizando o tema

Os textos deste capítulo apresentam informações que auxiliam o estudante a compreender a formação, a estrutura e as transformações na Roma Antiga. Os conflitos sociais, os diferentes grupos e interesses em jogo naquele momento histórico são trazidos à tona e podem ser trabalhados de forma mais profunda em sala de aula. A escravidão, por exemplo, esteve presente nas sociedades grega e romana, mas com características diferentes do escravismo moderno.

Texto de aprofundamento

A partir da leitura do texto a seguir, é possível ressaltar aspectos do cotidiano de patrícios e clientes por volta do século I a.C.

O dia de um romano

No princípio de sua história, pode-se dizer que os romanos desconheciam outra ocupação que não fosse a agricultura e a guerra. O dia, pois, cujo modo de passar tentamos descrever, se situa no fim da república ou no começo do império.

Desde a primeira hora – quatro horas da manhã no verão e seis no inverno – os clientes se atropelam no vestíbulo para saudar o patrão, pô-lo a par de seus negócios, pedir-lhe conselhos e, mais tarde, para receber a espórtula. Essa formalidade ocupa cerca de duas horas. O senhor toma uma primeira refeição (*ientaculum*) constituída de pão embebido em vinho, pão com mel, azeitonas, tâmaras ou queijo.

A seguir, sai, acompanhado ou não por um cortejo de clientes a fim de visitar os poderosos, cuidar de seus negócios, ir ao tribunal, cumprir deveres de polidez (noivados, etc.) ou para assistir às leituras públicas [...]. Quando os clientes estão desocupados, eles saem a passear pelo FORO ou pela VIA SACRA, pelas BASÍLICAS, sob os PÓRTICOS que rodeavam o CAMPO DE MARTE, a não ser que prefiram errar pelos JARDINS, ou ao longo da VIA ÁPIA ou ainda admirar as carruagens e liteiras. Enquanto isso, a gente de baixa condição se amontoa de boa vontade nos albergues [...].

Todos esses passeadores, esses pedinchões, comerciantes e ociosos superlotam as ruas de Roma até a hora do almoço (*prandium*), por volta do meio-dia. Mais sólido do que o *ientaculum*, o almoço é composto de peixes, legumes e frutas. Depois da refeição, vem a sesta e em seguida, pela oitava ou nona hora, o banho, quer nos banhos públicos [...], abertos à oitava hora, quer nos banhos de seus palácios, quando se trata de gente rica.

Vem então, por volta da nona ou décima hora (três ou quatro horas da tarde), a refeição principal (*cena*). Nos primeiros tempos, essa refeição se dava por volta do meio-dia e compunha-se de legumes e do prato nacional, o *palumentum* (purê de queijo), que por muito tempo ocupou o lugar do pão. Mais tarde, como o dia comercial (*dies solidus*) foi prolongado, foi preciso recuar a *cena* e criar o *prandium*. Comer antes das duas ou três horas (*de die*) era visto como coisa pouco recomendável. [...]

Tirados os calçados e a toga, os convivas, com coroas à cabeça reclinavam-se em divãs tendo o cotovelo esquerdo apoiado em travesseiros [...]. Havia três divãs [...], de onde o nome de triclínio dado à sala de refeições. A ordem da precedência à mesa era cuidadosamente determinada [...]. As mulheres comiam à mesa; primitivamente elas o faziam sentadas e não reclinadas.

Só a partir do segundo século da nossa era é que começou a haver toalha para cobrir a mesa; mas cada conviva tinha seu guardanapo (*mappa*). A mesa tinha sempre um saleiro para o sacrifício aos deuses Lares; era de prata, mesmo entre os mais pobres. As iguarias eram servidas cortadas e os bocados se tomavam com os dedos: garfos e facas eram, pois, inúteis.

As refeições compreendiam vários serviços, começando por ovos e terminando por frutas [...], donde a locução *ab ouo usque ad mala*, "do começo ao fim": 1º *gustatio*, *"hors-d'oeuvre"* e entradas; 2º os diferentes serviços (*cena prima, secunda*, *tertia*, etc.); em seguida, após o sacrifício aos deuses Lares de um bolo misturado com sal, 3º a sobremesa (*mensae secundae*), composta de doces e frutas. Todos os pratos eram preparados com óleo de oliva, já que a manteiga era reservada aos medicamentos. Ao longo da refeição bebia-se vinho tirado das ânforas [...] e misturado com água nas crateras [...]; os vinhos mais estimados eram o cécubo (do sul do Lácio), o falerno, o massico (da Campanha) e mais os vinhos gregos de Quios, de Lesbos, etc.

Essa refeição durava sempre muito: era um repouso necessário após um dia cheio. Ela se prolongava em conversas ou em jogos de dados [...], a não ser que se saísse, seja para ir ao Campo de Marte, seja aos espetáculos.

BORNECQUE, H.; MORNET, D. *Roma e os romanos*. São Paulo: EPU/Edusp, 1976. p. 152-5.

Pesquisar e enriquecer

Nos filmes

- *Cleópatra*. Direção de Joseph L. Mankiewicz. Estados Unidos, 1963, 242 min.

  História de Cleópatra, rainha do Egito, e sua relação com Júlio César quando ele se torna soberano absoluto em Roma.

- *Spartacus*. Direção de Stanley Kubrick. Estados Unidos, 1960, 183 min.

  Entre as muitas revoltas de escravos ocorridas na Roma Antiga, a mais conhecida foi comandada por Spartacus (ou Espártaco), por volta do ano 70 a.C., que chegou a reunir um exército de 100 mil ex-escravos.

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 117)

1. O Coliseu de Roma é um anfiteatro construído no século I d.C. Durante o Império Romano, a população poderia assistir a peças de teatro (comédias e tragédias) e também às lutas de gladiadores. No Coliseu cabiam aproximadamente 90 mil pessoas.

2. Resposta pessoal, em parte. Espera-se que os estudantes citem construções similares como os estádios de futebol e algumas casas de espetáculos.

Observar o mapa (p. 118)

a) Mares Mediterrâneo, Tirreno e Adriático.

b) Na Itália central, na região do Lácio.

Em destaque (p. 119)

- Resposta pessoal. A loba possui uma pelagem diferenciada no pescoço e no dorso, formando uma espécie de armadura, que vai da linha das orelhas até a cauda, prendendo-se nas patas dianteiras. O restante do corpo é praticamente liso, como se a loba não tivesse pelos nas outras regiões. Seus olhos estão arregalados, as orelhas estão levantadas e os dentes encontram-se à mostra, completando assim a posição de atenção e defesa. Tem membros bem robustos, apesar de as costelas aparecerem. Professor, chame a atenção dos estudantes para o fato de que o mito foi criado *a posteriori*, que a cidade, na época de sua fundação, era ainda uma pequena aldeia, e que o mito serviu para incutir nos romanos a ideia de um destino grandioso e heroico.

Investigando (p. 120)

1. Na Roma Antiga, os patrícios formavam a elite da sociedade. Ocupavam, assim, os mais altos cargos públicos na religião, na justiça, na administração e no exército. Os plebeus formavam um grupo intermediário; em geral, dedicavam-se ao comércio, ao artesanato e à agricultura. Já os escravos eram obrigados a trabalhar em diversas atividades, como serviços domésticos, mineração, artesanato etc. No contexto da sociedade romana, as atividades desempenhadas pelos patrícios eram as mais valorizadas.

2. Resposta pessoal, em parte. Tema para debate e reflexão. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode comentar que o valor atribuído ao trabalho depende de aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Investigando (p. 123)

1. Com o fim da escravidão por dívidas e o início da expansão territorial, os escravos passaram a ser estrangeiros capturados em guerras.

2. A frase é uma reflexão sobre a expansão do Império Romano, que, ao mesmo tempo em que permitiu o domínio das rotas comerciais do Mediterrâneo (por isso a expressão *mare nostrum*), deu origem a uma das maiores sociedades escravistas da história da humanidade. Isso porque os romanos, em sua passagem, levavam os prisioneiros de guerra para Roma e os escravizavam.

Em destaque (p. 125)

- Resposta pessoal. A atividade pode ser realizada oralmente. O professor pode solicitar aos estudantes que compartilhem suas respostas com os colegas.

Investigando (p. 126)

1. Os gregos antigos chamavam de "bárbaros" os povos que não falavam sua língua nem tinham seus costumes.

2. Depois de rever algumas noções sobre a palavra "civilização" no capítulo 4, os estudantes podem dizer que os gregos e romanos utilizavam a palavra "bárbaro" para nomear as sociedades que eles consideravam diferentes. Os gregos e romanos se consideravam superiores a muitos outros povos. Valorizavam suas próprias culturas e menosprezavam povos e culturas estrangeiros.

3. A palavra "bárbaro" possui muitos significados. A seguir, veja alguns deles.

Segundo o dicionário Houaiss, "bárbaro" significa:

> **Substantivo**
>
> 1. Hist. Para os gregos, romanos e, posteriormente, para outros povos, que ou quem pertencesse a outra raça ou civilização e falasse outra língua que não a deles; estrangeiro.

2. P. ext. que ou quem é cruel, desumano, feroz.

3. P. ext. que ou quem é incivil, rude, grosseiro.

Adjetivo

4. B inform. Palavra-ônibus que qualifica pessoas ou coisas com atributos positivos: muito bonito (um cara b.; uma casa b.); ótimo (um pai b.); muito afável, compreensivo (um chefe b.); muito interessante (uma ideia b.) etc.

5. Gram. Que é impróprio, incorreto; não polido. [...]

Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=b%25C3%25A1rbaro>. Acesso em: 2 mar. 2016.

Segundo o dicionário *Aulete*, "bárbaro" significa:

1. Sem civilização; RUDE; SELVAGEM [Antôn.: civilizado, culto.]
2. Cruel, desumano. [Antôn.: bondoso, humano.]
3. Bras. Gír. Muitíssimo bom ou bonito; EXCELENTE; SENSACIONAL; FANTÁSTICO: A vista lá de cima é bárbara.
4. Hist. Entre gregos e romanos, dizia-se da pessoa de outro povo ou etnia, de língua e cultura estrangeiras.
5. Hist. Ref. aos povos europeus que, vindos esp. do Norte, conquistaram progressivamente, a partir do séc.V, territórios do Império Romano, até a derrota final deste (as invasões bárbaras). [...]

Disponível em: <http://www.aulete.com.br/bárbaro>. Acesso em: 2 mar. 2016.

Observar o mapa (p. 126)

- Império Romano do Ocidente: parte ocidental da Europa (Britânia, Hispânia, Gália, Itália) e norte da África. Império Romano do Oriente: parte oriental da Europa (Grécia e península Balcânica) e oeste da Ásia. A divisão do Império era uma tentativa de descentralizar a administração para controlar melhor as diferentes províncias, em um momento de progressivo declínio da autoridade central.

Investigando (p. 130)

1. A Língua Portuguesa rebecebeu diversas influências do árabe e das línguas germânicas. Posteriormente, no Brasil, a Língua Portuguesa recebeu a influência das línguas dos povos africanos e dos povos indígenas. O professor pode complementar a atividade pedindo aos estudantes que pesquisem palavras do português brasileiro com origem africana ou índígena. A seguir, veja, alguns exemplos:

- Palavras de origem africana: banguela, caçula, carimbo, dengoso, moleque e quitanda.
- Palavras de origem indígena: capim, jacaré, paçoca, peteca, pipoca, siri, tucano e cumbuca.

2. Atualmente, é possível dizer que o português brasileiro recebe influências do inglês e do espanhol. Isso se deve a uma série de questões como: número de falantes desses idiomas (o inglês e o espanhol estão entre as línguas mais faladas do mundo), relevância econômica e cultural dos países que falam esses idiomas. No Brasil, há grande quantidade de filmes, músicas e *sites* veiculados em inglês e espanhol.

Interpretar fonte (p. 130)

1. Resposta pessoal. A atividade procura aproximar os estudantes da leitura e interpretação de obras de arte.

2. "Triunfo" era o nome dado a um cortejo realizado para recepcionar os comandantes militares romanos vitoriosos nas batalhas e conquistas, em seu retorno a Roma. Nesse cortejo, o herói desfilava, coroado de louros, sob a aclamação de multidões que acompanhavam o desfile. Eram exibidos, ao longo do triunfo, os troféus conquistados: armas, outros objetos saqueados dos inimigos e os líderes dos exércitos derrotados ou os monarcas dos países conquistados. Por ocasião dos triunfos, eram construídos monumentos arquitetônicos, em forma de arco, com inscrições e altos-relevos alusivos aos feitos do herói homenageado, com o objetivo de perpetuar o triunfo.

3. A atividade visa trabalhar com os conhecimentos prévios dos estudantes e estimula o estudo do meio. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode comentar que, atualmente, é mais comum a construção de estátuas, esculturas, obeliscos e, eventualmente, memoriais. Liste na lousa os monumentos citados e procure dar alguns exemplos locais.

Oficina de História (p. 131)

Vivenciar e refletir

1. Espera-se que o estudante consiga perceber que, tanto nas Guerras Médicas, entre gregos e persas, como nas Guerras Púnicas, entre romanos e cartagineses, o que estava em jogo era a hegemonia das rotas comerciais no Mediterrâneo. Ambas também precederam a formação de dois grandes impérios: o Macedônico, primeiro; e o Romano, depois. O estudante deve perceber que a Grécia estava sendo invadida, ao passo que

os romanos realizavam uma guerra de expansão territorial contra os cartagineses. Atividade interdisciplinar com Geografia. As informações apresentadas no mapa devem ser condizentes com as apresentadas no livro, mas não devem se restringir a elas. Para auxiliar o professor, existem orientações mais detalhadas neste Manual em **Perspectiva interdisciplinar**.

2. a) O cinema, as séries, a música (*rock, jazz*) etc. Espera-se que o estudante perceba que os meios de comunicação de massa "americanizados" são passatempos, associam-se aos momentos de lazer, e ligam-se a momentos da nossa vida de maneira marcadamente emotiva.

b) Esses bens culturais contribuem para divulgar uma maneira de agir, vestir, alimentar-se etc. baseada no *american way of life*. Ao mesmo tempo, embora a divulgação dessa forma de vida seja "sedutora", as pessoas não se tornam americanas por completo porque a elas é negada a cidadania norte-americana.

c) Espera-se que o estudante perceba que a concessão da cidadania romana era uma forma de administrar o imenso território e uma estratégia para dominar a população. Usufruir plenamente da cidadania romana significava também ter assegurados alguns direitos e ser membro da civilização romana. O capítulo III da Constituição Federal, em seu artigo 12, expõe os requisitos necessários à condição de brasileiros natos e naturalizados.

d) Resposta pessoal. Tema para debate e reflexão. A atividade visa aproximar os conteúdos estudados das culturas juvenis a partir das vivências dos estudantes.

3. a) e **b)** Respostas pessoais. É uma oportunidade para o estudante refletir sobre seu cotidiano com uma perspectiva histórica.

4. Sim. A distribuição de terras aos plebeus significava menor quantidade de terras nas mãos dos patrícios e, portanto, menos poder econômico e político.

Diálogo interdisciplinar

5. Respostas pessoais, em parte. Significado de algumas expressões: *dura lex, sed lex:* a lei é dura, mas é a lei; *data venia*: com a devida licença ou permissão; *in dubio pro reo*: em caso de dúvida, a decisão deve ser em favor do réu; *ad infinitum:* ao infinito, indefinidamente; *fiat lux:* haja luz; *grosso modo:* de modo geral.

6. a) Resposta pessoal, em parte. Na Roma Antiga, a noção de coisa pública não implicava a distribuição equitativa ou igualitária do poder. A ideia de "todos" restringia-se ao universo dos patrícios e dos que ascendiam à sua condição, do qual não fazia parte a maioria da população (os plebeus). Espera-se que o estudante analise as duas circunstâncias e estabeleça suas diferenças (por exemplo, no Brasil atual, todo cidadão tem direito a voto e a eleger-se para cargos públicos, podendo assim participar do processo político) e semelhanças (por exemplo, o grande número de excluídos da riqueza do país).

b) Resposta pessoal. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode complementar essa atividade sugerindo fontes de pesquisa que abordem o tema.

7. a) Rômulo separa a população que vive em Roma conforme suas posses: aqueles que possuíam dinheiro e eram respeitados na sociedade tornaram-se patrícios. Já aqueles que não possuíam nada ou eram escravos fugidos foram chamados de plebeus.

b) Rômulo e Remo foram os filhos de uma princesa vestal que, por sua função, não podia se casar, e do deus Marte. Assim que nasceram foram condenados à morte, mas uma loba, em vez de matar os gêmeos, alimentou-os com seu próprio leite. Dessa forma, o destino dos dois meninos era grandioso e, por isso, não morreram quando foram condenados. Rômulo e Remo se desentenderam quando foram escolher o melhor lugar para a fundação da nova cidade, e Remo morreu durante esse conflito. Além de toda a construção e organização da cidade, os romanos tiveram que conseguir mulheres em outros povos para que a população da nova cidade pudesse ser renovada. Por isso, houve conflitos e guerras narrados em detalhes no livro analisado. Não é possível acreditar inteiramente nessa história a respeito do nascimento de Roma porque, como o próprio título do livro indica, são contos e lendas a respeito do assunto, e não uma pesquisa histórica baseada em fontes documentais.

De olho na universidade

8. Resposta E.

Para saber mais (p. 133)

Na internet

- Navegar no Egito Antigo – Museu Calouste Gulbenkian: http://museu.gulbenkian.pt/minisites/navegarnoantigoegito/portugues/egipto.html

  Resposta pessoal. A atividade visa estimular a análise de obras de arte.

Nos livros

- REDE, Marcelo. *A Mesopotâmia*. São Paulo: Saraiva, 2002.

Resposta pessoal. O objetivo da atividade é estimular a leitura e a interpretação de fontes históricas. O professor pode solicitar aos estudantes que organizem as infomações em uma tabela.

Nos filmes

- *Gladiador*. Direção de Ridley Scott. Estados Unidos, 2000, 155 min.
- *O príncipe do Egito*. Direção de Brenda Chapman, Simon Wells e Steve Hickner. Estados Unidos, 1998, 98 min.

Respostas pessoais. Através dessas atividades, o professor pode debater com os estudantes algumas noções importantes para o componente curricular História, tais como: representação, narrativa, historiografia, ficção e verdade etc.

Unidade 3: Identidade e diversidade

Objetivos da unidade

- Entender a divisão do Império Romano e o estabelecimento do Império Bizantino.
- Conhecer aspectos da cultura islâmica na Antiguidade.
- Compreender como a cultura árabe se espalhou pelo mundo.
- Interpretar e avaliar criticamente o conceito de Idade Média, assim como o de feudalismo.
- Compreender as principais características da vida social, política, econômica e cultural da Europa ocidental durante a Idade Média, dos séculos V ao XV.

Conversando (p. 134)

1. Resposta pessoal. Ao trabalhar esse tema com os estudantes, é importante ter cuidado para evitar estereótipos e preconceitos em relação a diferentes religiões. Retomando o texto de abertura da unidade, o professor pode reafirmar que a religiosidade é um dos elementos que constituem a identidade das pessoas. Dessa forma, para promover um convívio mais democrático e solidário, é fundamental respeitar a diversidade religiosa.

2. Resposta pessoal. A atividade procura trabalhar conteúdos filosóficos e sociológicos a partir das vivências dos estudantes. Uma pessoa pode apontar como elemento constitutivo de sua identidade a religião, o esporte, a arte, a tecnologia, a família, a escola, os amigos, entre outros. Assim, uma identidade pessoal pode abranger diversos elementos, como instituições, atividades, discursos etc.

Capítulo 10: Império Bizantino

Contextualizando o tema

O Império Bizantino surgiu a partir da crise e da divisão do Império Romano e teve papel importante na constituição das rotas comerciais entre Ásia e Europa. Além disso, o rompimento com a Igreja Católica Romana e a criação da Igreja Ortodoxa foram marcos da integração entre o Oriente e o Ocidente. Esse rompimento é fundamental para se compreender a mistura entre culturas distintas, como a helenística e a cristã.

Pesquisar e enriquecer

Nos livros

- BELTRÃO, Claudia. *O mundo bizantino*. São Paulo: FTD, 2002.

  Apresenta aspectos da economia e da vida cotidiana no Império Bizantino.

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 136)

- A fotografia mostra a cidade de Istambul. Ao fundo, há um elemento mais antigo, a Basílica de Santa Sofia, construída no século IV. No primeiro plano, as construções e o barco são elementos mais modernos. O professor pode chamar a atenção dos estudantes para a suntuosidade da Basílica, que, mesmo estando em segundo plano, é a maior construção representada na imagem.

Observar o mapa (p. 137)

a) Constantinopla situava-se no lado europeu. É importante o professor indicar que, por ser

maior, a atual cidade de Istambul faz parte de dois continentes: a Ásia e a Europa.

b) No século VI, o Império Bizantino praticamente dominava a área mediterrânea, alcançando os três continentes: europeu, asiático e africano.

Investigando (p. 138)

- Resposta pessoal. A atividade promove o estudo do espaço social. Os estudantes podem apontar formas de lazer como praticar atividades físicas; visitar praças, parques e museus; assistir a *shows*, peças de teatro e filmes, entre outras. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode explicar que formas de lazer gratuitas e localizadas em diversos pontos da cidade são mais acessíveis e, por isso, costumam ser mais utilizadas pela população. É possível indicar que, embora em Bizâncio as diversões públicas servissem para aliviar as tensões sociais dos grupos descontentes, atualmente o lazer é, também, um momento de descanso e de atividades prazerosas.

Interpretar fonte (p. 139)

1. Sim. Os estudantes podem construir um quadro com trechos semelhantes. A seguir, veja uma sugestão.

Código de Justiniano	Legislação brasileira atual
"Ninguém sofrerá penalidade pelo que pensa."	"Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política [...]."
"Ninguém pode ser retirado à força de sua própria casa."	"A casa é o asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem o consentimento do morador [...]."
"Nada que não se permita ao acusado deve ser permitido ao acusador."	"[...] aos acusados em geral são assegurados o contraditório e a ampla defesa [...]."
"O encargo da prova fica com aquele que afirma e não com o que nega."	"O ônus da prova fica com aquele que acusa."

2. As normas defendem a propriedade privada e procuram garantir a liberdade individual.

Investigando (p. 140)

- Segundo a legislação brasileira o Estado é laico, ou seja, não está ligado a nenhuma religião, conforme estabelece o artigo 19º da Constituição Federal Brasileira.

> Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:
>
> I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;
>
> [...]
>
> Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm>. Acesso em: 6 fev. 2015.

Investigando (p. 141)

- Respostas pessoais. A atividade promove o estudo do espaço social. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode ressaltar que conhecer e participar de debates públicos são expressões da cidadania. Para que o debate seja democrático, é fundamental escutar e respeitar os demais participantes.

Interpretar fonte (p. 142)

1. Não. O mosaico revela imagens estáticas; as pessoas são representadas de frente e não há volume ou perspectiva.

2. No mosaico reproduzido, observamos o imperador Justiniano colocado bem ao centro da imagem, com uma coroa de imperador e uma auréola divina. Entre as pessoas representadas nesse mosaico, o imperador é o único que possui auréola. Além de ser divinizado pela auréola, o imperador está rodeado pela cor dourada, representando a riqueza material. Até mesmo suas roupas têm detalhes dourados, em contraste com o marrom e o bege das vestimentas dos outros personagens. A posição rígida e austera das figuras de expressão solene mostra a firmeza do imperador e de sua Corte.

3. O imperador bizantino era considerado o principal representante da fé cristã na Terra. Dotado do poder temporal e espiritual (cesaropapismo). O fato de ele ser representado com uma auréola indica a estreita relação com a religião, uma vez que esse elemento costuma acompanhar, nas imagens sacras, a figura de Jesus e dos santos.

Em destaque (p. 143)

- As fachadas da Basílica de Santa Sofia e da Catedral Ortodoxa Metropolitana de São Paulo possuem em

comum, por exemplo, as grandes cúpulas centrais e suas inúmeras janelas. O professor pode explicar que a Catedral Ortodoxa Metropolitana de São Paulo, construída na década de 1940, tem sua arquitetura inspirada na Basílica de Santa Sofia.

Oficina de História (p. 144)

Vivenciar e refletir

1. a) O texto aponta que, no Oriente, havia riqueza, comércio, fertilidade da terra e força militar, enquanto, no Ocidente, as forças militares romanas estavam enfraquecidas e havia uma crise econômica.

b) No aspecto cultural, o estudante poderá observar o cosmopolitismo bizantino (em função da grande extensão e unidade do Império) em oposição ao localismo europeu ocidental (em função da fragmentação política); no aspecto econômico, o desenvolvimento bizantino em oposição à desagregação econômica do Império Romano Ocidental.

2. a) A autora afirma que, apesar da conquista otomana em 1453, os traços da civilização bizantina não desapareceram — ainda há permanências do Império Bizantino até os dias de hoje.

b) O fim de um Estado não implica o fim de uma cultura, de um modo de ser. A civilização bizantina permaneceu. Sua religião, sua cultura, suas formas artísticas e o poder econômico de certos grupos sobreviveram nos Bálcãs por muitos séculos. Ainda hoje se encontram resíduos desse passado.

c) Pesquisa pessoal. O professor pode conversar sobre a preservação do patrimônio, a manutenção da memória e os critérios de classificação do patrimônio histórico no Brasil e em outros países. Sobre esse assunto, o professor pode acessar artigos nas páginas do Iphan e da Unesco. Os endereços eletrônicos são: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218> e <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/>. Acessos em: 26 fev. 2016.

Diálogo interdisciplinar

3. a) No centro de ambas as representações observa-se a imagem de Jesus Cristo. Em um mosaico ele é apresentado como um adulto, no outro, ele ainda é um menino, sentado no colo de sua mãe, Maria.

b) Na primeira imagem, o imperador (possivelmente Leão VI) ajoelha aos pés de Jesus Cristo adulto. Na segunda, Justiniano e Constantino se mantêm de pé e parecem presentear o menino Jesus. Em ambas as imagens, os imperadores possuem um círculo luminoso ao redor das cabeças (auréola), o que pode ser interpretado como o símbolo de seu poder religioso.

c) No governo do imperador Constantino (272 a 337 d.C.), a cidade de Bizâncio passou por uma remodelagem arquitetônica. Foram construídas estradas, casas, igrejas, muralhas etc. Após o término das obras, a cidade ficou conhecida como Constantinopla. Por isso, segundo uma leitura da imagem, Constantino apresenta o modelo da cidade para o menino Jesus como uma demonstração do trabalho realizado em seu governo. Já entre as realizações do governo do imperador Justiniano (527 a 565 d.C.) estão a elaboração do *Corpus juris civilis* e a construção da Basílica de Santa Sofia, que foi apresentada ao menino Jesus na representação.

d) As representações possuem coerência com a forma de governo adotada no Império Bizantino, pois o Estado mantinha relações estreitas com a Igreja. Além disso, como a vivência religiosa no império era intensa, os imperadores buscavam demostrar seu poder através de representações. Os círculos ao redor de suas cabeças simbolizam virtude e prestígio.

e) A partir de Justiniano, os imperadores de Bizâncio se apresentavam como representantes de Deus, protetores da Igreja e dirigentes do Estado. Assim, é difícil distinguir a autoridade política da eclesiástica no mundo bizantino, principalmente depois do Grande Cisma do Oriente em 1054. Então, nos mosaicos, Igreja e Estado estariam ambos representados na figura do imperador.

4. a) A expressão "questão bizantina" é usada para se referir a uma discussão complexa e sutil, como foram os debates à época do Império Bizantino, mas sem importância ou sem utilidade prática. Um exemplo clássico é a discussão bizantina sobre o sexo dos anjos.

b) Resposta pessoal. Estimule os estudantes a darem exemplos de discussões que eles consideram complexas e sem importância. É interessante pedir a eles que justifiquem seus exemplos.

5. Istambul é um grande centro industrial e comercial. Contudo, sua importância atual é diferente daquela que tinha quando foi sede do Império Bizantino. Naquela ocasião, dominando a região dos estreitos (Bósforo e Dardanelos), Constantinopla praticamente controlava o comércio entre o Mediterrâneo e o mar Negro. Porém, sua posição estratégica não tem mais a mesma im-

portância nos dias atuais, devido ao avanço dos meios de transporte por outras vias que não a marítima. Além disso, o Oriente Médio é hoje uma área submetida ao domínio econômico das grandes potências ocidentais. Portanto, seus atuais grandes centros não têm mais a mesma relevância que tinham na Antiguidade.

6. A primeira fase do estilo gótico reflete a estrutura monárquica francesa e o poder da Igreja. O estilo predomina na arquitetura religiosa nos séculos XII e XIII. Entre suas características, estão grandes vãos para conseguir luminosidade e sentido ascensional dos edifícios, com arcos em ogivas e capitéis. Já o Renascimento, surgido na Itália entre os séculos XIV e XVI, enfatizava a revalorização da cultura da Antiguidade Clássica. Os artistas desse período se atentavam aos ideais de harmonia e equilíbrio. A perspectiva foi, então, adotada por vários artistas.

De olho na universidade

7. Resposta B.

Capítulo 11: Mundo islâmico

Contextualizando o tema

Este capítulo é muito importante para que os estudantes tenham contato com o mundo islâmico, pois, em geral, as informações sobre o tema são poucas e, muitas vezes, equivocadas. Os países árabes estão atualmente em evidência, inclusive nos meios de comunicação. O professor pode orientar um debate sobre a união entre Estado e religião, para que os estudantes possam identificar em quais países essa ligação ainda existe. Também é possível, com base no item **Islamismo: presença no mundo e no Brasil**, que tem início na página 154 do livro do estudante, mostrar a situação dos muçulmanos fora do mundo árabe, inclusive no Brasil.

Texto de aprofundamento

A periodização da expansão muçulmana costuma privilegiar as regiões do norte da África e do sul da Europa. Porém, essa mesma expansão se deu também na África ao sul do Saara.

No continente africano, a expansão da religião muçulmana teve início em 639 d.C., com a chegada dos árabes ao Egito. Ali, como em outras partes da África, o islamismo não se impôs sem conflitos com as religiões preexistentes. Em busca de ouro, marfim e escravos, os mercadores muçulmanos continuaram sua expansão, que algumas vezes se deu em áreas nas quais os ensinamentos do *Corão* e as crenças existentes tinham pontos em comum. No que é hoje a Nigéria, por exemplo, embora fosse politeísta, a maioria dos habitantes acreditava em uma divindade superior (o *Olorum* ou *Olodumare*, dos iorubás, ou o *Chineke,* dos ibos). Na África subsaariana, as religiões tradicionais e o islamismo passaram a conviver ou se sobrepor, sem que uma fé eliminasse a outra. Com essa característica, o islamismo continuou sua expansão pelo continente, desde o século VII até hoje.

O texto a seguir auxilia o professor a pensar não só na Antiguidade, mas na constante expansão do islamismo. Especificamente na África subsaariana, o texto reforça a noção de concomitância entre a religião muçulmana e as religiões tradicionais anteriores, marcando a persistência das culturas africanas e sua permeabilidade às demais culturas com as quais tiveram contato.

O islã na África negra

No que se refere à África Ocidental, [o missionário muçulmano Abdallah] Ibn Yacin muito cedo [por volta do século XI] fundara no Senegal um mosteiro — *al morabtin* — e seus discípulos [...] receberam o nome de "Almorávidas", os quais, na direção do norte, conquistariam o Marrocos e invadiriam a Espanha, e para o sul, converteriam o lendário império Sarakolê de Gana, e posteriormente os demais impérios sudaneses, à doutrina do Corão, cujos monarcas convertidos tratariam de cumprir a ritual peregrinação a Meca: o império do Mali, fundado por Sundiata Keita, no século XIII, e o reino Songhai. Mais tarde, na segunda metade do século XIX, aparecem na cena sudanesa e saheloo-sudanesa os grandes caudilhos islamizados, que se oporiam ao invasor colonial e tentariam sobretudo estabelecer e organizar Estados [...].

Na África Oriental uma dupla corrente islamizadora parte do Egito para o Sudão, ao sul, e Tchad e Níger ao sudoeste, mas a influência predominante viria da península Arábica e chegaria até Zanzibar e Moçambique. E com a colonização europeia, asiáticos procedentes do subcontinente indiano estabeleceram-se, a partir da segunda metade do século passado [XIX], ao longo da África Oriental, mas sem se entregarem a nenhum tipo de proselitismo, como no caso, menos nu-

meroso, dos sírio-libaneses da África Ocidental, entregues uns e outros às atividades comerciais. Coexistem, assim, muçulmanos de origem árabe, asiática e, é claro, nativos africanos [...].

O êxito do Islã na África Negra [...] deveu-se [...] a três fatores. Em primeiro lugar, a conversão não requeria a longa iniciação do Cristianismo, bastando, poderíamos dizer, saber a *chaada*: "Deus é meu Deus e Maomé o meu profeta". Em segundo lugar, graças a certa semelhança com algumas instituições locais (a organização comunitária, a poligamia etc.), o Islã africanizou-se rapidamente [...], não trazendo assim ruptura com os costumes negros africanos [...]. E em terceiro lugar, não seria nada arriscado atribuir também o auge da religião islâmica ao sentimento de fraternidade muçulmana e à ausência de discriminação racial nos princípios e práticas religiosas, o que não impediu a triste empresa comercial do tráfico de escravos, cuja recordação está patente na tradição de muitos povos negros africanos e que foi o deflagrador último da revolução contra o poder árabe em Zanzibar, em 1964.

BELTRÁN, Luis. O islã, a cultura e a língua árabes na África negra. *Afro-ásia*, 8/9: 1969, p. 42-43 (trechos). Disponível em: <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n8_9_p41.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2013.

Atividade complementar

- A Mesquita de Córdoba foi construída por volta de 785, quando a cidade estava sob domínio muçulmano. Essa monumental mesquita correspondia à importância de Córdoba, uma das mais prósperas cidades da região mediterrânea.

  Em grupos, pesquisem imagens da Mesquita de Córdoba, na Espanha. De acordo com as imagens pesquisadas, que elementos da construção confirmam as afirmações acima?

  Resposta pessoal, em parte. A mesquita refletia a importância da cidade de Córdoba, como é possível observar no tamanho de seus salões, na riqueza dos detalhes que compõem os capitéis e as abóbadas e no tipo de material utilizado na construção, por exemplo.

Pesquisar e enriquecer

Na internet

- Museu Calouste Gulbenkian: http://museu.gulbenkian.pt/Museu/pt/Colecao/ArteDoOrienteIslamico

  Apresenta importante acervo de obras de arte do Oriente islâmico.

- Estudos da Língua e Cultura Árabe: www.arabeegipcio.com

  Textos, imagens, sons e vídeos sobre cultura árabe.
  (Acessos em: 26 fev. 2016.)

Nos livros

- JELLOUN, Tahar Ben. *O islamismo explicado às crianças*. São Paulo: Unesp, 2011.

  Apresenta as principais características do islamismo.

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 146)

- Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode apontar que a mesquita de Masjid-I-Shah é uma construção imponente e geométrica, que mescla linhas retas a delicadas curvas. Ressalte também os grandes portais que se abrem para um pátio descoberto, as torres delgadas que apontam para o céu e as cúpulas originárias da cultura bizantina. Todos esses elementos compõem o ambiente reservado à contemplação de um único Deus.

Observar o mapa (p. 147)

a) Na Ásia, na região geopolítica conhecida como Oriente Médio.

b) Mar Vermelho, golfo Pérsico e oceano Índico.

Investigando (p. 148)

- A atividade econômica que ligava os árabes entre si e a outros povos fora da Arábia era o comércio. O mapa mostra rotas comerciais terrestres e marítimas que interligavam a península à África, aos atuais Irã, Iraque, Síria, Líbano, Israel, Turquia e à Índia.

Investigando (p. 148)

- Os árabes são os habitantes da península Arábica ou os falantes da língua árabe. Já os islâmicos são os muçulmanos, seguidores do islamismo. É importante o professor ressaltar que existem muitos equívocos e estereótipos no uso dessas palavras. Mencione que, embora o islamismo tenha surgido na Arábia, apenas 15% dos mulçumanos são árabes no mundo atual.

Em destaque (p. 149)

- O autor explica que as duas formas de pronúncia estão corretas. Na língua portuguesa, é costume utilizarmos o artigo "*al*", já incorporado nas palavras de origem árabe ("algodão", "alfândega" etc.). Isso é diferente (mas não inferior) do que

ocorre, por exemplo, na língua francesa, que, dentro de sua tendência geral, separa o artigo do substantivo e nomeia o livro sagrado dos muçulmanos *Le Coran*.

Em destaque (p. 150)

1. Sim, de acordo com o texto, o *Alcorão* não é a única fonte que estabelece normas de conduta para o muçulmano e as interpretações das fontes são sempre diversas, podendo oferecer "várias respostas para uma mesma questão".

2. Tema para reflexão. Atividade interdisciplinar com Filosofia. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode apontar que a verdade é também um valor e, portanto, uma construção social e cultural. Por isso, a frase "ninguém é dono da verdade" explicita a ideia de que não existem verdades absolutas, inquestionáveis, além de corroborar para a ideia de que o convívio democrático é um instrumento de produção, aprimoramento e busca da verdade.

Observar o mapa (p. 151)

a) Meca e Medina.

b) Toda a parte oriental (Pérsia, Síria e Palestina) até o Egito.

c) Além do noroeste da China, o norte da África (Líbia, Tripolitânia e Magreb) e a península Ibérica.

d) Sul da península Itálica, Sardenha e Sicília.

Em destaque (p. 153)

1. Segundo o texto, o sistema romano não era adequado para fazer operações complexas, como a divisão e a multiplicação. Já o sistema arábico possuía elementos que os romanos nunca chegaram a criar: o valor de um número, por exemplo, dependia de que "casa" ele ocupava (unidade, dezena, centena etc.).

2. Durante a Idade Média, os árabes criaram uma cultura rica e singular. Eles são os responsáveis pela conservação de muitos textos da Antiguidade, além de terem levado para a Europa inventos como a bússola, a pólvora e o papel. Eles tiveram contribuições importantes na matemática, e também na medicina e na química.

Investigando (p. 155)

- Resposta pessoal. Os estudantes podem mencionar contribuições árabes para a cultura brasileira na gastronomia, na literatura, no cinema, nas universidades, entre outras. São exemplos de personalidades de origem árabe: o escritor Milton Hatoum, o fotógrafo Abrão Benjamin e o geógrafo e professor Aziz Ab'Sáber. Os estudantes podem visitar a página "Brasil 500 anos", sobre contribuição cultural e política dos árabes (disponível em: <http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/arabes/contribuicao-cultural-e-politica.html>, acesso em: 26 fev. 2016).

Interpretar fonte (p. 156)

1. De acordo com a entrevista de Juliette Minus, é provável que nem todas as mulheres árabes usassem véu na época de Maomé, mas ele o adotou para distinguir as mulheres que eram crentes das que não eram. Segundo o *Alcorão*, homens e mulheres são iguais diante de Deus, mas o homem tem preeminência sobre a mulher, ou ele é superior e a mulher lhe deve obediência, como ele deve obediência a Deus. O casamento no mundo muçulmano não é um sacramento. Assim, o homem pode repudiar a esposa por qualquer motivo: por ser estéril, não ter filhos homens, não cozinhar bem etc. Quando isso ocorre, ela volta para a casa dos pais ou do irmão mais velho, fica com o dote que recebeu do marido e pode se casar novamente depois de três meses. O problema maior é que não pode mais ver os filhos.

2. Tema para reflexão e debate. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode explicar que submissão de uma mulher casada pode envolver a dependência financeira do marido, a má divisão do trabalho doméstico e do cuidado com filhos e o abandono da vida escolar ou profissional.

Oficina de História (p. 157)

Vivenciar e refletir

1. a) O *Corão* propõe que a escravidão seja atenuada.

b) Os *mawali* permaneceriam submetidos a seu antigo senhor, permaneciam "clientes", mas não eram mais sua propriedade. Não eram escravos.

c) Segundo o texto, o islamismo "contribuiu para reforçar a fraternidade entre os crentes" proibindo a escravização de um outro muçulmano.

2. a) Espera-se que o estudante possa reconhecer que também no cristianismo, no início, os ensinamentos de Jesus foram transmitidos oralmente e, depois, reunidos na *Bíblia*.

b) Resposta pessoal. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode indicar que a tradição oral ainda ocupa um lugar

muito importante na sociedade atual. A transmissão de conhecimentos pela oralidade nunca deixou de ocorrer entre familiares, amigos e colegas da escola e de trabalho.

3. a) e **b)** Resposta pessoal. Seria interessante o professor fazer uma introdução sobre a questão de gênero na sociedade brasileira, com temas como: a violência contra a mulher, o problema dos salários menores em relação a seus pares masculinos, o aumento do número de mulheres chefes de família, de mães solteiras etc. Depois, iniciar o debate.

c) Resposta pessoal. Atividade de pesquisa e análise crítica de fontes documentais de natureza diversa, através da qual o estudante pode reconhecer os diferentes contextos envolvidos. Se achar pertinente, o professor pode sugerir algum assunto de destaque no momento para ser pesquisado. Veja, a seguir, alguns *sites* para a pesquisa:

- <http://www.onumulheres.org.br/areas-tematicas/fim-da-violencia-contra-as-mulheres/>
- <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/12/violencia-contra-mulher-nao-e-so-fisica-conheca-10-outros-tipos-de-abuso>
- <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/areas-tematicas/violencia>

(Acessos em: 9 mar. 2016.)

4. a) A caligrafia (que em grego significa "bela escrita") tem várias funções na cultura árabe. Entre elas: registrar um texto, decorar construções, expressar sentimentos e concepções de mundo.

b) Resposta pessoal. A atividade procura aproximar os assuntos trabalhados das vivências dos estudantes. O professor pode perguntar se, ao preocuparem-se com a beleza e a comunicação visual de sua escrita, os estudantes procuram atender a alguma das funções que a caligrafia tem para os árabes.

Diálogo interdisciplinar

5. Pesquisas e respostas pessoais, a serem desenvolvidas pelos estudantes, com base na observação comparada do mapa atual e do mapa histórico. Ao comparar os dois mapas, os estudantes perceberão que os territórios dos atuais países do Oriente Médio e norte da África permanecem com forte presença das tradições islâmicas. No entanto, em contraste com a expansão do século VII, essas tradições se difundiram posteriormente também pela África subsaariana, Ásia, Oceania e Europa. É interessante apontar que, em 2010, a Indonésia tinha a maior população muçulmana do mundo, com mais de 200 milhões de adeptos.

6. a) Durante a permanência muçulmana na península Ibérica, o árabe foi uma língua que, segundo o linguista Mattoso Câmara Jr., vigorava ao lado da língua local, havendo um bilinguismo. Isso ocasionou um manancial permanente de empréstimos, e os portugueses foram incorporando as palavras do árabe ao seu vocabulário. Ocorre que, como *al* é o artigo definido no idioma árabe, nossos antepassados incorporaram essa partícula aos substantivos que escutavam, sem ter a noção de sua condição de artigo, como em "*a*-çúcar" e "*al*-godão". O mesmo não ocorreu em outras línguas que não tiveram o mesmo contato direto, como se pode observar no inglês *sugar* e *cotton*, no francês *sucre* e *coton*, ou no italiano *zucchero* e *cotone*.

b) O estudante pode mencionar as palavras: álgebra, sorvete, café, algarismo, arroz, quibe, alfaiate etc.

7. a) Por um lado, alguns defendem que as mulheres possam seguir livremente suas convicções religiosas. Por outro lado, o governo francês alega que o uso do véu vai "contra os princípios que guiam a vida em sociedade", além de colocar as mulheres que utilizam o véu em papel inferior aos homens — o que não seria compatível com as noções francesas de igualdade.

b) Resposta pessoal. Os grupos podem pesquisar o assunto a partir dos argumentos apresentados no texto.

De olho na universidade

8. Resposta C.

Capítulo 12: A Europa feudal

Contextualizando o tema

Este capítulo expõe o conceito e as delimitações temporais que definiram o período da história da Europa ocidental conhecido como Idade Média. A compreensão do conceito de Idade Média e das diferentes interpretações que recebeu dos historiadores proporciona aos estudantes uma ampla percepção da construção do conhecimento sobre esse período, assim como das estreitas relações entre presente e passado, do que se busca salientar ou silenciar nas narrativas históricas.

Período por muito tempo caracterizado como obscurantista, de pouca produção intelectual e cul-

tural, a Idade Média vem sendo redescoberta e valorizada, tornando-se importante tema de estudo principalmente dos historiadores franceses da escola dos Annales, a partir da década de 1930 (como Georges Duby e Jacques Le Goff).

Além disso, o capítulo oferece elementos para a compreensão da formação da Europa ocidental a partir das migrações e invasões de povos germânicos e da dissolução do Império Romano.

Este capítulo também trabalha o conceito de feudalismo e propõe a análise de elementos comuns que constituíram um amplo sistema de organização da sociedade.

Atividades complementares

Proposta I

- No trecho a seguir, o historiador latino Amiano Marcelino (320-390) escreve sobre suas impressões referentes aos hunos, que ele considerava um "povo bárbaro":

> Os hunos são rudes no seu modo de vida, de tal maneira que não têm necessidade nem de fogo nem de comida saborosa; comem as raízes das plantas selvagens e a carne semicrua de qualquer espécie animal.
>
> Vestem-se com tecidos de linho ou com peles de ratos selvagens costuradas umas às outras e, uma vez enfiados nessa túnica desbotada, não a tiram mais até que se faça em tiras e caia aos pedaços.
>
> Os seus sapatos não têm forma nenhuma e isso os impede de caminhar livremente. Por esta razão não estão nada adaptados às lutas pedestres, vivendo quase fixados aos cavalos, que são fortes, mas disformes. É nos seus cavalos que de dia e de noite compram e vendem, comem e bebem e, inclinados sobre o estreito pescoço do animal, descansam num sono profundo.
>
> Ninguém entre eles lavra a terra ou toca num arado. Todos vivem sem um lugar, sem lar nem lei ou uma forma de ordem estabilizada, parecendo sempre fugitivos nas carroças onde habitam; aí as mulheres lhes tecem as horríveis vestimentas; aí elas dão à luz seus filhos e criam as crianças até a puberdade.
>
> MARCELINO, Amiano. Livro XXXI-II. In: *Coletânea de documentos históricos para o 1º grau*. São Paulo: Cenp, 1978. p. 68.

Em sua interpretação, existe preconceito (conceito cultural prévio) na descrição acima, causado por um conflito cultural? Debata esse tema com os colegas. Reflita sobre formas de preconceito cultural na sociedade contemporânea.

Observação: "Conflito cultural" ou "choque cultural" são expressões que designam uma perturbação causada pelo confronto de uma pessoa (que tem sua visão de mundo, sua cultura) com a cultura ou modo de ser das pessoas de outro lugar.

Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reflitam sobre o tema da cultura e identifiquem certo preconceito cultural na leitura dos hunos feita por Amiano Marcelino, expresso principalmente nas formas adjetivas que usa em sua descrição, sempre de caráter negativo (rudes, desbotada, horríveis, sem isso, sem aquilo etc.). O professor pode aproveitar a oportunidade para introduzir o tema das diferentes visões de mundo possíveis, o respeito e a humildade que se deve ter em relação a culturas diferentes da nossa, pois nada garante que uma seja superior à outra, e assim por diante. Exemplos não faltam de povos que se consideravam civilizados e superiores e que, por isso mesmo, cometeram as maiores atrocidades.

Para o debate sobre formas contemporâneas de preconceito cultural, o professor pode partir de exemplos, tais como: aceitar ou excluir pessoas por causa da aparência, pagar salários diferenciados para pessoas que executam o mesmo trabalho etc.

Proposta II

- Com base nas informações do capítulo, crie uma narrativa que se passe durante o período medieval. Para caracterizar os personagens e suas histórias, utilize as informações e as interpretações a respeito da sociedade feudal e do cotidiano da época.
  Resposta pessoal. Atividade interdisciplinar com Língua Portuguesa que procura desenvolver a criatividade do estudante por meio da escrita.

Pesquisar e enriquecer

Na internet

- Estudos medievais: www.abrem.org.br
  Página da Associação Brasileira de Estudos Medievais (Abrem), com informações qualificadas sobre a Idade Média.
- História medieval: http://leme.vitis.uspnet.usp.br
  Página do Laboratório de Estudos Medievais.
- Mirabilia: www.revistamirabilia.com
  Revista *on-line* que disponibiliza trabalhos de investigadores nacionais e internacionais sobre o Mundo Antigo e Medieval.
  (Acessos em: 1 mar. 2016.)

Nos livros

- FRANCO JR., Hilário. *A Idade Média*: o nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001.
  Apresenta os principais aspectos da Idade Média e aponta heranças desse período que podem ser vistas até os dias de hoje.

- MICELI, Paulo. *O feudalismo*. São Paulo: Atual, 2009.

  Apresenta as principais características do feudalismo, sua organização política, social e econômica.

Nos filmes

- *Excalibur*. Direção de John Boorman. Inglaterra, 1981, 142 min.

  Antes de morrer, o rei Uther Pendragon crava na rocha a espada mágica Excalibur, e apenas seu legítimo sucessor conseguirá retirá-la. Arthur, um jovem escudeiro, consegue essa façanha e é proclamado rei.

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 160)

- Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode apontar que há dois dragões no centro do capacete. Um deles é alado. Suas asas são formadas pelas sobrancelhas do capacete, feitas de uma mistura de fios de prata, sendo o corpo o próprio nariz do capacete. Com uma observação mais atenta, é possível perceber dois olhos vermelhos na cabeça desse dragão. O outro se encontra na mesma linha vertical dada pelo nariz, ocupando o crânio do capacete. Pouco se sabe sobre o significado exato dessas duas figuras. Alguns estudiosos apostam tratar-se de símbolos de coragem e força.

  O professor também pode explicar que o navio encontrado em Sutton Hoo era um barco funerário e representou uma grande descoberta para os historiadores, pois dados e documentos sobre esse período da história da Inglaterra eram bem escassos. Além do capacete, foram encontrados inúmeros outros objetos nas ruínas da embarcação.

Investigando (p. 162)

1. Segundo o texto de Carlos Arthur Nascimento, foi Cellarius (1638-1707) quem consagrou a divisão da história ocidental em Antiga, Medieval e Moderna. A Idade Média foi associada a um período de retrocesso, imobilismo e intolerância.

2. A resposta do estudante depende da pesquisa realizada. O professor pode solicitar aos estudantes que verifiquem se os sentidos pesquisados remetem a um uso pejorativo do termo "medieval". É indicado que, ao criar as situações, os estudantes inspirem-se em assuntos abordados ao longo deste e do próximo capítulo.

Investigando (p. 162)

- O estudante pode relacionar os sentidos depreciativos da palavra "vândalo" à história desse povo germânico. Isso porque, em 455, os vândalos invadiram e saquearam Roma durante 15 dias. Segundo o *Dicionário Aulete Digital de Língua Portuguesa*, a palavra "vândalo" tem as seguintes acepções:

> **a. [adjetivo]**
>
> 1. Etnol. Que diz respeito aos vândalos, povos bárbaros que deram o nome à Andaluzia e se estabeleceram ao norte da África
> 2. Fig. Bárbaro, selvagem, que não tem cultura
> 3. Que destrói despropositadamente o que não lhe pertence: Foi um ataque vândalo à biblioteca da escola.
>
> **sm. [substantivo masculino]**
>
> 4. Etnol. Indivíduo dos vândalos (1)
> 5. Aquele que comete atos funestos às artes, às ciências e à civilização: Só um vândalo contaminaria as águas que abastecem a cidade.
> 6. Aquele que pratica atos de vandalismo; DESTRUIDOR: O prédio foi pichado por um vândalo.
>
> Disponível em: <http://www.aulete.com.br/v%C3%A2ndalo>. Acesso em: 26 fev. 2016.

Observar o mapa (p. 163)

a) A parte da Europa ocidental; o Império Romano do Oriente recebeu menos ataques.

b) Os vândalos.

c) Os anglos, os saxões e os jutos.

Investigando (p. 163)

1. e **2.** Respostas pessoais. É possível que os estudantes tenham contato com línguas neolatinas na escola ou por meio de produções culturais como o cinema, a literatura, a televisão e páginas na internet. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode explicar que a facilidade para se compreender e falar uma língua depende do contato que mantemos com ela. Assim, as respostas podem variar, embora a Língua Portuguesa e Espanhola, por exemplo, tenham vocabulário e estruturas semelhantes.

Observar o mapa (p. 164)

a) No mesmo século em que os germanos organizaram seus reinos, o imperador bizantino Justiniano recuperou territórios que pertenciam aos Reinos dos Vândalos (no norte da África),

dos Ostrogodos (na península Itálica) e parte do Reino dos Visigodos (o sul da península Ibérica).

b) Os Reinos dos Suevos e dos Visigodos, na península Ibérica, acabaram cedendo seus domínios à expansão árabe.

c) O Reino Franco se expandiu entre 486 e 511.

Observar o mapa (p. 165)

- França, Alemanha, Países Baixos, Suíça, além do centro-norte da Itália e partes da República Tcheca, Áustria e Eslovênia.

Interpretar fonte (p. 165)

- A partir desse documento e do que foi estudado no capítulo, podemos dizer que Carlos Magno e Leão III se aliaram para conquistar territórios e difundir o cristianismo pela Europa. O texto estabelece que o dever de Carlos Magno é "defender por toda a parte com as armas a Santa Igreja de Cristo, tanto das incursões dos pagãos como das devastações dos infiéis, e fortificá-la no exterior e no interior pela profissão da fé católica". E o dever do papa Leão III é "auxiliar o nosso exército de maneira que, por vossa intercessão e pela vontade e graça de Deus, o povo cristão obtenha para sempre a vitória sobre os inimigos do Seu Santo nome, o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo seja glorificado em todo o mundo".

Interpretar fonte (p. 166)

1. A localização elevada facilitava a observação de possíveis ataques e invasões, facilitando a defesa. As torres serviam para a permanência das sentinelas e de arqueiros.

2. Os castelos, que passaram a ser construídos em grande quantidade ao longo dos séculos IX e X, revelam a necessidade de defesa contra as invasões de magiares, *vikings* e muçulmanos.

3. Tema para debate. O objetivo da atividade é estabelecer relações entre o passado e o presente. De modo geral, sobretudo nas grandes cidades do Brasil, a construção de moradias preocupa-se com a violência e a insegurança. Podemos observar essa preocupação, por exemplo, nos muros altos, nas cercas, nos alarmes, nas câmeras de vigilância dos prédios de moradia atuais. É uma oportunidade para o professor debater com os estudantes a seguinte questão: Esses elementos arquitetônicos e tecnológicos amenizam ou agravam os problemas da violência urbana?

Interpretar fonte (p. 168)

1. a) A capitular foi elaborada no século XIII e a representação da colheita de trigo no século XIV.

b) Sim. Predominam o vermelho e o azul.

c) Na imagem do século XIII, a expressão do rosto do clérigo e do trabalhador é tranquila. Já na imagem do século XIV, pelo rosto dos personagens, o administrador senhorial parece estar irritado e os trabalhadores, sobretudo o primeiro à esquerda, parecem tristes.

d) Na imagem do século XIII, o que nos permite identificar as diferenças na condição social das pessoas representadas são as roupas, a pá do trabalhador, a armadura e escudo do nobre. Já na imagem do século XIV, os trabalhadores, além de suas roupas e seus instrumentos de trabalho, foram representados abaixados.

2. A imagem revela a submissão dos camponeses ao administrador feudal, que representava o senhor feudal.

Em destaque (p. 170)

1. Resposta pessoal. O professor pode perguntar para os estudantes qual era a imagem que eles tinham das mulheres na sociedade medieval e a partir de quais fontes eles construíram essas imagens.

2. Resposta pessoal, em parte. Tema para debate e reflexão. O objetivo da atividade é estimular o posicionamento crítico dos estudantes em relação a diferentes tipos de fonte histórica. O professor pode orientar a resposta dos estudantes perguntando quais obras literárias e cinematográficas eles conhecem que foram inspiradas na sociedade medieval. Depois, solicite aos estudantes que identifiquem algumas características das personagens femininas nessas obras. Pode-se analisar, por exemplo, a representação dos sentimentos, atitudes e posturas dessas personagens. Depois, é possível propor um debate com os estudantes sobre o tema a partir da seguinte questão: essas características depreciam ou valorizam as mulheres? Por quê?

Oficina de História (p. 171)

Vivenciar e refletir

1. a) A frase refere-se ao momento em que o jovem germano recebe o escudo e a espada. Era um momento de grande honra para um membro das comunidades germânicas, porque sua cultura valorizava a atividade guerreira, e, assim, a iniciação do jovem nessa atividade devia seguir um ritual e um processo de preparação pelos mais velhos e experientes.

b) Tema para debate. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode apontar que, atualmente, existem muitas novas "armas" que podem assinalar o ingresso do jovem no mundo adulto. Como, por exemplo: a conclusão do Ensino Médio ou de um curso superior; o primeiro emprego etc.

Diálogo interdisciplinar

2. a) A resposta depende da pesquisa realizada pelos estudantes. Os povos "bárbaros" contribuíram, por exemplo, para a formação das línguas neolatinas e germânicas e para a expansão do cristianismo (no caso dos francos).

b) e **c)** Resposta pessoal. Tema para debate e reflexão. O objetivo da atividade é aproximar os assuntos estudados das culturas juvenis a partir das vivências dos estudantes, bem como estabelecer relações entre o passado e o presente. Depois de ouvir as respostas da turma, o professor pode comentar que a ausência de respeito à pluralidade étnica e cultural é percebida nas relações sociais quando ocorrem, por exemplo, situações de xenofobia e racismo. Existem casos atuais em que grupos opostos consideram o outro como "bárbaro". Um exemplo desses casos foi a reação de alguns grupos europeus, sobretudo a partir de 2015, em relação aos imigrantes vindos do continente africano e da Síria. Casos semelhantes também ocorreram no Brasil em relação a haitianos, bolivianos, senegaleses e cubanos. Para trabalhar o assunto, pode ser interessante a leitura dos seguintes artigos: "Imigração e xenofobia", disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/09/opinion/1441811691_233922.html>; "Países precisam rejeitar xenofobia e abrir fronteiras para refugiados, afirma chefe da ONU", disponível em: <https://nacoesunidas.org/paises-precisam-rejeitar-xenofobia-e-abrir-fronteiras-para-refugiados-afirma-chefe-da-onu/>; e "Refugiados convivem com solidariedade e xenofobia em vila de contêineres de Berlim", disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150908_abrigo_refugiados_alemanha_rb>. (Acessos em: 8 mar. 2016.)

3. a) O clero deve orar; os cavaleiros, defender e honrar; e os camponeses, sofrer com o exercício do trabalho.

b) O clero, principalmente o alto clero, e também a nobreza.

c) A vontade divina.

d) Resposta pessoal. O professor pode aproveitar para chamar atenção do estudante para o fato de que o poema apresenta também uma hierarquia entre as funções das ordens: primeiro, orar; segundo, guerrear; terceiro, trabalhar. Quanto à atualidade, seria interessante observar a grande variedade e complexidade de situações existentes, ressaltando que, legal e eticamente, os sistemas sociais contemporâneos repudiam as divisões sociais (considerar o recorrente discurso sobre a igualdade de direitos, de oportunidades etc.), embora elas ainda existam na prática.

4. A lenda de Robin Hood, que vivia em uma floresta e era fugitivo da justiça, é encontrada já em baladas medievais. Se realmente existiu, ele teria vivido no século XIII, em pleno feudalismo. Há uma versão que diz que Robin tinha outro nome e teria se tornado um fugitivo da lei por ter participado de uma rebelião contra a cobrança abusiva de impostos. De qualquer modo, sua lenda, mesmo com todos os acréscimos que lhe fizeram, pode ser considerada uma expressão da insatisfação popular com as injustiças do sistema feudal.

De olho na universidade

5. Resposta A.

6. a) As ideias do autor inserem-se no contexto feudal da Europa ocidental.

b) O documento justifica a organização estamental da sociedade medieval em três ordens — os que rezam, os que lutam e os que trabalham — fundamentada no teocentrismo religioso, base do domínio ideológico e cultural exercido pela Igreja Católica durante a época medieval.

7. Resposta B.

Capítulo 13: Mundo cristão

Contextualizando o tema

Este capítulo analisa o importante papel articulador da Igreja Católica durante a Idade Média, assim como a participação do clero na vida política e social. Além disso, aborda as transformações que se processaram no período que ficou conhecido como Baixa Idade Média e que abalaram o sistema feudal.

Atividade complementar

Proposta I

- O trovadorismo galego-português foi um movimento literário presente em Portugal entre os séculos XII e XIV. É composto por dois gêneros: o lírico e o satírico. O gênero lírico apresenta dois ti-

pos de cantiga, as cantigas de amigo e as cantigas de amor. As cantigas de amigo provêm da cultura popular rural, como exemplificado a seguir.

— Ai flores, ai flores do verde **pino**,
se **sabedes** novas do meu amigo?
Ai Deus, **e u é**?
— Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado?
Ai Deus, e u é?
— Se sabedes novas do meu amigo,
aquel que mentiu do que **pôs** conmigo?
Ai Deus, e u é?
— Se sabedes novas do meu amado,
aquel que mentiu do que mi há jurado?
Ai Deus, e u é?
— Vós me **preguntades polo** voss'amigo
e eu bem vos digo que é **san'**e vivo.
Ai Deus, e u é?
— Vós me preguntades polo voss'amado
e eu bem vos digo que é viv'e sano.
Ai Deus, e u é?
— E eu bem vos digo que é san'e vivo
e **será vosco ant'o prazo saído**.
Ai Deus, e u é?
— E eu bem vos digo que é viv'e sano
e será vosc[o] **ant'o prazo passado**.
Ai Deus, e u é?

D. Dinis. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=592&pv=sim>. Acesso em: 1º out. 2012.

Pino: pinho.
Sabedes: sabeis.
E u é?: onde ele está?
Aquel: aquele.
Pôs: combinou.
Preguntades polo: perguntais pelo.
San': são.
Será vosco ant'o prazo saído: estará convosco antes do prazo terminado.
Ant'o prazo passado: antes que o prazo se esgote.

a) As cantigas de amigo são escritas com um eu lírico feminino. Podemos afirmar que a cantiga acima corresponde a essa convenção?

Sim, pelo texto, podemos observar que o eu lírico é feminino.

b) A cantiga acima é composta por um diálogo. Com suas palavras, explique seu conteúdo.

O diálogo ocorre entre o personagem feminino e as flores de um pinheiro. Ela pergunta às flores por onde andará o seu amado, pois o prazo para o encontro entre os dois está acabando. As flores tentam tranquilizar a moça, dizendo que seu namorado está bem e que aparecerá antes do prazo terminado.

c) Faça uma pequena pesquisa e compartilhe com os colegas: Quem foi D. Dinis, o autor dessa cantiga?

D. Dinis (1261-1325) foi o sexto rei de Portugal. Ele foi o responsável pela fundação da Universidade de Lisboa. Conhecido como "rei trovador", escreveu 138 canções.

Proposta II

1. Compare *O retrato dos Arnolfini*, na página 185, com a ilustração que aparece na página 183. Quais as diferenças com relação ao espaço e à quantidade de pessoas representados?

Enquanto O retrato dos Arnolfini *mostra um casal em um ambiente urbano, a outra imagem apresenta várias pessoas em um cenário rural.*

2. Por que podemos dizer que a imagem de Van Eyck revela o ideário burguês?

A tranquilidade do casal, sua casa e suas vestimentas demonstram a ascensão social da burguesia, ao mesmo tempo em que as novas técnicas utilizadas pelo pintor lhe permitiram retratar com o máximo de realismo detalhes da vida burguesa. As amarras da sociedade feudal estavam se rompendo, ao mesmo tempo em que essa nova classe social em ascensão exigia uma nova forma de representação de si mesma e do mundo.

Pesquisar e enriquecer

Nos livros

- ORRISSON, Cecile. *Cruzadas*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

  Amplo panorama sobre as Cruzadas.

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 174)

- A imagem mostra a vida intelectual universitária medieval, pois trata-se de uma representação de aula na Universidade de Bolonha, na Itália, fundada em 1088. Estimule os estudantes a observar os personagens (estudantes e professor), suas posturas, atitudes e roupas.

Em destaque (p. 177)

- Duby demonstra que, por mais que a Igreja tentasse deter o monopólio do conhecimento e das crenças, muitas outras estruturas de pensamento, não necessariamente católicas, persistiram ou se fundiram ao catolicismo. As heresias e a instituição da Inquisição nos mostram que havia ideias que contradiziam e ameaçavam a Igreja Católica, demonstrando a ideia de que, na época, "fermentava, irreprimível, a liberdade de pensamento".

Interpretar fonte (p. 178)

1. Os católicos utilizam armaduras, elmos, escudos e possuem espadas retilíneas; os "infiéis" vestem uma túnica simples, levam uma faixa na cabeça e suas espadas possuem uma curva na ponta.
2. Sim, já que as Cruzadas teriam sido guerras de religião, entre cristãos e não cristãos, considerados infiéis pela Igreja Católica.

Investigando (p. 179)

- Resposta pessoal, em parte. Caso existam universidades na região, estimule os estudantes a pesquisar sobre eventos, cursos e serviços prestados pela instituição. Se possível, realize uma visita ao *campus* com seus estudantes. Para isso, sugerimos a leitura do item **4.3. Espaço social**, na parte geral deste Manual do Professor. Em relação à diferença entre universidade e faculdade, sugerimos a visita à página do Ministério da Educação. (Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pecg/127-perguntas-frequentes-911936531/educacao-superior-399764090/116-qual-e-a-diferenca-entre-faculdades-centros-universitarios-e-universidades>. Acesso em: 29 fev. 2016.) A seguir, há um quadro comparativo com algumas características das universidades e das faculdades no Brasil.

	Faculdades	Universidades
Áreas do saber	Atuam com um número pequeno, são geralmente especializadas em algumas áreas.	Devem atuar em várias áreas do saber, com ensino, pesquisa e extensão.
Corpo docente	Professores precisam ter, no mínimo, pós-graduação *lato sensu* (especialização).	No mínimo, um terço dos professores precisa ter título de mestrado ou doutorado. Além disso, um terço deles deve trabalhar em regime de dedicação integral.
Criação de novos cursos	Dependem de autorização do MEC.	Têm autonomia para abrir novos cursos.

Observar mapa (p. 179)

- Portugal (Coimbra, Lisboa); Espanha (Valladolid, Salamanca, Valência, Lérida); França (Perpignan, Montpellier, Toulouse, Cahors, Avignon, Grenoble, Orléans, Paris, Angers); Inglaterra (Oxford, Cambridge); República Tcheca (Praga); Itália (Piacenza, Reggio, Vicenza, Treviso, Pádua, Bolonha, Florença, Arezzo, Perugia, Nápoles, Salerno, Roma, Siena, Pisa, Vercelli).

Investigando (p. 181)

- Resposta pessoal. O objetivo da atividade é aproximar os assuntos trabalhados no capítulo das vivências dos estudantes. Se considerar oportuno, solicite aos estudantes que realizem uma pesquisa sobre o estilo de música de que eles gostam, abordando aspectos como: história, compositores, letras, ritmos etc. É importante que os estudantes citem as fontes utilizadas em sua pesquisa.

Investigando (p. 182)

- Resposta pessoal. Tema para reflexão e debate. A atividade visa estabelecer relações entre o passado e o presente. O professor pode aproveitar para propor como base de reflexão algumas das manifestações culturais brasileiras mais destacadas, como o Carnaval e o samba, e contrapô-las a manifestações correlatas de outras nacionalidades, como o tango e o bolero. Existe também uma diversidade de manifestações culturais regionais que podem ser exploradas, muitas delas de cunho cristão. Além disso, depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode apontar que, de modo geral, o "tom sério" e o "humor" tendem a se mesclar nas produções culturais atuais, inclusive no Brasil. Por isso, em muitos casos, essas distinções não parecem tão explícitas.

Interpretar fonte (p. 183)

- Resposta pessoal, em parte. Espera-se que o estudante observe que se trata de um retrato de vida campestre, vinculada à atividade agropastoril, típico da Idade Média, em que um grupo de pessoas, servos ou arrendatários, desempenha labores braçais. Diversos elementos iconográficos transmitem um clima de paz e ação positiva que, junto com as inovações técnicas identificadas (charrua e peitoral), sugerem que essa sociedade vive um período favorável e de bem-estar.

Investigando (p. 185)

1. A frase, de um ditado alemão, refere-se às cidades como locais onde se procurava dar segurança e liberdade para aqueles que desejavam romper com a rigidez da sociedade feudal.

2. Resposta pessoal. Tema para reflexão e debate. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode comentar que cada pessoa tem experiências diferentes nesses ambientes. Por exemplo, para alguns, as cidades grandes atuais oferecem um "anonimato" em meio às multidões. Para outros, há nas cidades grandes uma vigilância excessiva sobre seus cidadãos, através de câmeras de segurança. Além disso, para algumas pessoas, as cidades oferecem mais oportunidades de emprego, com melhores salários, e uma vida cultural agitada; para outras, viver nas cidades envolve elevados custos, oferecendo pouca qualidade de vida, em função da violência e da falta de moradia, lazer e transporte.

Em destaque (p. 185)

1. De acordo com o autor, a sociedade feudal é fortemente estratificada, fechada, agrária e fragmentada politicamente.

2. A sociedade feudo-burguesa era urbana, mercantil, apoiada em outros valores menos vinculados ao cristianismo e tendia à centralização política.

Interpretar fonte (p. 187)

- As armas e vestimentas e os castelos ao fundo são semelhantes, o que demonstra que povos da mesma cultura estavam em combate nesta cena. Na imagem que representa uma batalha entre muçulmanos e cristãos, as vestimentas e as armas de cada grupo de personagens são diferentes.

Oficina de História (p. 188)

Vivenciar e refletir

1. a) Na Idade Média, a religião cristã ditava as regras pelas quais o homem deveria se guiar, o que era fortalecido pelo fato de a religião estar aliada ao Estado.

b) Resposta pessoal, em parte. Por um lado, é possível dizer que houve uma laicização das sociedades ocidentais, e muitas instituições e atividades não mantêm mais nenhuma relação com o sagrado. Por outro lado, ainda sobrevive de maneira geral nessas sociedades um calendário marcado por episódios cristãos (ou judeus, muçulmanos etc.) correspondentes a festas importantes, como a Páscoa e o Natal, embora boa parte da população não os relacione com sua significação. Em muitos países, a Igreja ainda intervém em diversos assuntos públicos e de interesse do cidadão, ameaçando com excomunhão aqueles que apoiem temas polêmicos, como o aborto, os métodos contraceptivos, a união de pessoas do mesmo sexo etc.

2. a) A palavra "agitador", segundo o *Dicionário Houaiss*, tem como uma de suas acepções: "pessoa que provoca agitação política, social etc.; sublevador, ativista" (disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=agitador>, acesso em: 29 fev. 2016). O professor pode complementar a atividade perguntando: Vocês se consideram "agitadores"? Por quê?

b) Os estudantes são, por um lado, vistos como estranhos e agitadores e, por outro lado, trazem prestígio e lucro.

c) Resposta pessoal. A atividade promove a contextualização sociocultural e a atuação sobre processos de construção da memória. Para a entrevista, o professor encontra orientações mais detalhadas na parte geral deste Manual, no item **4.3. Espaço social**.

3. Resposta pessoal. É possível que surjam semelhanças com: violência e falta de segurança pessoal; atitudes de intolerância e discriminação em relação a pessoas que têm origem ou hábitos diferentes (em relação ao "outro"); ocorrências de epidemias (peste negra, dengue, aids etc.) e de fome em alguns setores da sociedade. Entre as diferenças: a diminuição da importância da religião no cotidiano das pessoas (apesar da permanência de misticismo bem acentuado em alguns setores da sociedade); a forma de organização política não mais baseada em relações pessoais; a produção econômica capitalista, diferente da produção feudal etc.

4. Resposta pessoal, em parte. Espera-se que os estudantes identifiquem a figura de linguagem conhecida como metáfora. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode apontar que, durante o declínio do feudalismo, houve um debilitamento das estruturas políticas (o poder dos senhores feudais) e econômicas (servidão) vigentes em decorrência das guerras constantes em solo europeu, além de um clima geral de insegu-

rança e intranquilidade social. Ao mesmo tempo, no final da Idade Média, a Europa Ocidental se reurbanizou, havendo a retomada das atividades artesanais e comerciais e a ascensão da burguesia, além do fortalecimento da autoridade dos reis.

Diálogo interdisciplinar

5. Resposta pessoal, em parte. O termo "cruzada" é utilizado pelos historiadores para se referir às expedições militares medievais, empreendidas contra "inimigos da cristandade" e, por isso, autorizadas pela Igreja Católica. Por extensão, a palavra passou a designar um movimento de luta contra determinados males ou problemas sociais. Estimule os estudantes a analisar as implicações atuais do uso desse termo no contexto da questão, como o fanatismo religioso, o espírito bélico, a presença do ideário maniqueísta cristão (Bem e Mal) etc.

6. a) Quase todos os monges assassinados tinham marcas de tinta nos dedos e na língua. Além disso, todos tinham alguma relação com os livros guardados na biblioteca do mosteiro.

b) Resposta pessoal. A biblioteca é apresentada como um lugar labiríntico, onde pouquíssimas pessoas têm permissão para entrar. Os livros estão espalhados por pequenas câmaras que guardam verdadeiras preciosidades.

c) Os assassinatos são tidos pelos monges e pela delegação papal como obras do demônio. No entanto, William Baskerville e o narrador não aceitam essa resposta, buscando uma solução racional para o caso. A investigação feita por esses dois personagens na biblioteca e as condenações da Santa Inquisição no mosteiro podem representar metaforicamente esse conflito entre a fé e a razão.

d) A *Poética* é um conjunto de notas tomadas durante um curso de Aristóteles. Sua importância para a teoria teatral é enorme, uma vez que seu assunto primordial é a tragédia, que na obra é comparada, muitas vezes, à epopeia. Os escritos sobre a comédia nunca foram encontrados.

De olho na universidade

7. Resposta E.

Para saber mais (p. 189)

Na internet

- O islamismo no Brasil – TV Brasil: http://tvbrasil.ebc.com.br/retratosdefe/episodio/o-islamismo-no-brasil

  Tema para reflexão e debate. O professor pode solicitar aos estudantes que apontem cenas e falas do vídeo que podem ajudar a combater estereótipos e preconceitos relacionados ao islamismo. Para complementar a atividade, os estudantes podem pesquisar matérias sobre o islamismo em jornais e revistas brasileiros disponíveis na internet. É interessante que os estudantes analisem as matérias que encontraram, identificando os temas a que essa religião costuma ser associada nos meios de comunicação nacionais.

Nos livros

- LE GOFF, Jacques. *A Idade Média explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

  O professor pode orientar os estudantes na preparação do seminário. Para organizá-lo, os estudantes podem elaborar fichamentos de suas leituras, pesquisar imagens relacionadas a alguns temas e produzir um *slideshow* com textos, imagens e sons. Durante a apresentação do seminário, estimule os estudantes que estão assistindo a elaborarem perguntas para o grupo que está apresentando.

Nos filmes

- *Joana d'Arc*. Direção de Luc Besson. França, 1999, 155 min.

  Atividade interdisciplinar com Arte e Língua Portuguesa. É indicado que a resenha do filme apresente: ficha técnica (nome do diretor e principais atores, ano e nacionalidade da produção); análise do enredo; comentário crítico. O professor pode encontrar orientações mais detalhadas sobre o trabalho com filmes na parte geral deste Manual, no tópico **4.4. Filmes**.

Unidade 4: Contatos e confrontos

Objetivos da unidade

- Identificar as principais características do Humanismo e do movimento renascentista, bem como os movimentos que deram origem às reformas religiosas e à contrarreforma católica.
- Compreender que a África é um continente com uma imensa diversidade étnica e cultural.
- Conhecer e avaliar criticamente os interesses envolvidos no projeto de expansão marítimo-comercial europeia.

Conversando (p. 190)

1. Tema para reflexão. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode reiterar que tudo que uma sociedade constrói faz parte de sua história. É uma oportunidade para retomar a noção de fonte histórica, abordada no capítulo 1. Para estudar um povo ou uma época, podemos utilizar diversas fontes, como construções, objetos, textos, depoimentos, entre outros.

2. Resposta pessoal. A atividade visa aproximar os temas estudados com as experiências pessoais dos estudantes. Se possível, peça a eles que levem o objeto escolhido para a sala de aula. Estimule os estudantes a compartilhar suas histórias com os colegas.

Capítulo 14: Renascimentos e reformas

Contextualizando o tema

Este capítulo estimula a interpretação de variados aspectos desse processo histórico. A análise iconográfica das obras de arte reproduzidas no capítulo pode ser sugerida aos estudantes para que percebam, nelas, elementos do Renascimento e as particularidades do trabalho de diferentes artistas. Essa também pode ser uma forma de treinar o olhar para a leitura e interpretação de documentos e de linguagens de variados tipos. Além disso, o capítulo trata das reformas religiosas, com destaque para a criação da técnica tipográfica de reprodução e impressão como um dos fatores que contribuíram para o aumento do público leitor, para a propagação de textos laicos e para a crítica ao catolicismo e à conduta do clero.

Textos de aprofundamento

Texto I

Vejamos como o historiador Nicolau Sevcenko interpretou as consequências do movimento humanista.

> A atividade crítica [...] foi uma das características mais notáveis do movimento humanista. Uma atividade crítica voltada para a percepção da mudança, para a transformação dos costumes, das línguas e das civilizações. Uma visão, portanto, mais atenta aos aspectos de modificação e variação do que aos de permanência e continuidade. O choque entre esse ponto de vista e o dos teólogos tradicionais, que defendiam os valores da Igreja e da cultura medieval, não poderia ser mais completo. Para esses, nenhuma mudança contava que não fossem as mudanças no interior da alma: a escolha feita por cada um entre o caminho do bem, indicado pelo clero, e o do mal, aconselhado pelas forças satânicas. [...]
>
> Os humanistas, por sua vez, voltavam-se para o aqui e o agora, para o mundo concreto dos seres humanos em luta entre si e com a natureza, a fim de terem um controle maior sobre o próprio destino.
>
> SEVCENKO, Nicolau. *O Renascimento*. São Paulo: Atual, 1994. p. 16-17.

Texto II

No texto a seguir, a socióloga Carmen Cinira Macedo apresenta uma análise sobre os protestantes segundo a perspectiva latino-americana.

> Na tradição latino-americana, todos os membros dos variados movimentos religiosos da "grande família protestante" são chamados evangélicos. Há, no entanto, uma importante diferenciação entre eles.
>
> De um lado, há os fiéis das denominações chamadas históricas ou tradicionais, isto é, ligadas à Reforma Protestante em suas origens europeias, com Lutero e Calvino (entre outros), a partir do século XVI. São chamadas denominações porque constituem um movimento religioso particular e organizado, possuidor de um nome e de um organismo diretor.
>
> De outro lado, há os chamados protestantes de conversão, fiéis de movimentos organizados na história mais recente, principalmente na América, e que constituíram novas denominações. Destaca-se aqui o pentecostalismo, cuja expansão nos centros urbanos e entre as camadas mais pobres da população tem sido muito intensa. [...]
>
> Ao contrário do catolicismo, religião hierárquica e aglutinadora, no protestantismo há uma grande independência dos vários grupos.
>
> MACEDO, Carmen Cinira. *Imagem do eterno*: religiões no Brasil. São Paulo: Moderna, 1989. p. 54-55.

Atividades complementares

Proposta I

- No contexto histórico do Renascimento, Nicolau Maquiavel (1469-1527), nascido em Florença, escreveu *O Príncipe*, obra dedicada a Lorenzo de Médici, governante florentino.

  Maquiavel é considerado um precursor da teoria política do Estado moderno, pois defendeu a construção de um Estado autônomo, independente da Igreja, e governado de modo absoluto por um príncipe dotado de inteligência e inflexibilidade na direção dos assuntos públicos. Expondo com franqueza suas ideias, Maquiavel deu astutos conselhos aos governantes, rompendo com a religiosidade medieval e separando a moral individual da moral pública.

  Na obra *O Príncipe*, escreveu Maquiavel:

> [...] o homem que queira em tudo agir como bom acabará arruinando-se em meio a tantos que não são bons. Daí ser necessário a um príncipe, para manter-se, aprender a não ser bom, e usar ou não o aprendido, de acordo com a necessidade.
>
> [...]
>
> Nas ações de todos os homens [...] os fins é que contam. Faça, pois, o príncipe tudo para alcançar e manter o poder; os meios de que se valer serão sempre julgados honrosos [...].
>
> MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d. p. 101 e 113.

  O resultado da ação dos príncipes é o que importa, e não a maneira por eles utilizada para atingir os objetivos. Assim, para Maquiavel, os fins justificam os meios.

  Do nome "Maquiavel" surgiu o adjetivo "maquiavélico", que tem, atualmente, o sentido de astuto, ardiloso.

  a) Explique possíveis motivos pelos quais podemos afirmar que a obra de Maquiavel possui características do período renascentista.

  Maquiavel defendeu a criação de um Estado independente da Igreja. Segundo o autor, em seus conselhos aos governantes, ele rompeu com a religiosidade medieval e separou, em seus escritos, a moral individual da moral pública.

  b) Em sua opinião, a tese de que "os fins justificam os meios", formulada há quase 500 anos, ainda é seguida por políticos contemporâneos? Converse a respeito com os professores de Sociologia e Filosofia. Depois, justifique sua resposta com exemplos pesquisados em revistas, jornais e na internet.

  Resposta pessoal. Espera-se que o estudante apresente uma reflexão sobre o mundo político atual. Como ponto de partida, pode-se sugerir a análise de casos polêmicos em que haja dúvida sobre a legitimidade dos meios utilizados para atingir um objetivo. É importante que o professor indique para os estudantes sites*, jornais e revistas.*

Proposta II

- Leia um trecho do famoso monólogo de Hamlet, personagem do drama teatral de mesmo nome, de autoria de William Shakespeare. Em seguida, procure no dicionário as palavras que você desconhece e discuta com os colegas: É possível relacionar este texto com o Renascimento, em especial com o Humanismo? Por quê? Justifiquem a resposta com elementos e exemplos do monólogo. Após a discussão, escreva uma redação com esse mesmo tema.

> Ser ou não ser... Eis a questão. Que é mais
> nobre para a alma: suportar os dardos
> e arremessos do fado sempre adverso,
> ou armar-se contra um mar de desventuras
> e dar-lhes fim tentando resistir-lhes?
> Morrer... dormir... mais nada... Imaginar
> que um sono põe remate aos sofrimentos
> do coração e aos golpes infinitos
> que constituem a natural herança
> da carne, é solução para almejar-se.
> Morrer... dormir... dormir... Talvez sonhar...
> É aí que bate o ponto. O não sabermos
> que sonhos poderá trazer o sono
> da morte, quando ao fim desenrolarmos
> toda a meada mortal, nos põe suspensos.
> É essa ideia que torna verdadeira
> calamidade a vida assim tão longa!
> [...]
> Que fardos levaria
> nesta vida cansada, a suar, gemendo,
> se não por temer algo após a morte —
> terra desconhecida de cujo âmbito
> jamais ninguém voltou — que nos inibe
> a vontade, fazendo que aceitemos
> os males conhecidos, sem buscarmos
> refúgio noutros males ignorados?
> [...]
>
> SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

O monólogo de Shakespeare privilegia a existência humana e suas dúvidas e angústias. Hamlet questiona se o maior fardo é viver ou morrer, sendo que o desconhecimento do que há após a morte é um grande motivo para permanecer vivo. Esse destaque dado à angústia da existência pode ser relacionado com o período histórico do Renascimento, em especial com o Humanismo. Podemos perceber nesse trecho indícios de valores humanistas, tais como o espírito crítico, a curiosidade intelectual, os questionamentos a respeito da liberdade do indivíduo perante a sociedade e a natureza.

Proposta III

- Leia os versos iniciais de *Os lusíadas*, obra do poeta português Luís de Camões, apresentados na página 196. Em seguida, faça o que se pede.

  a) Faça uma pesquisa sobre a importância de Camões e do poema épico *Os lusíadas* no contexto da história da literatura de Portugal.
  Os lusíadas *é considerado o maior poema épico da língua portuguesa. Esse poema foi publicado pela primeira vez em 1572.*

  b) Que acontecimentos históricos são narrados nesses versos de Camões? Pesquise.
  Os versos de Camões narram as Grandes Navegações portuguesas, em direção ao Oriente.

  c) É possível identificar elementos da cultura renascentista nessas duas estrofes do poema? Justifique sua resposta.
  Sim. Entre esses elementos estão a forma de epopeia dada ao poema; a exaltação da figura do herói, individual, destemido e ousado.

Proposta IV

- Escrito em 1376 e atualizado em 1578, o *Manual dos inquisidores* permitia, entre outras coisas, o uso da tortura para obter confissões. Leia um trecho desse livro, transcrito a seguir, e depois responda às questões propostas.

> A finalidade da tortura é obrigar o suspeito a confessar a culpa que cala. Podem-se qualificar de sanguinários todos os juízes de hoje, que recorrem tão facilmente à tortura, sem tentar, através de outros meios, completar a investigação. Esses juízes sanguinários impõem torturas a tal ponto que matam os réus, ou os deixam com membros fraturados, doentes para sempre.
>
> O inquisidor deve ter em mente que: o acusado deve ser torturado de tal forma que saia saudável para ser libertado ou para ser executado.
>
> EYMERICH, Nicolau. *Manual dos inquisidores*. Brasília: UnB/Rosa dos Tempos, 1993. p. 210-211.

  a) Pesquise como a Declaração dos Direitos Humanos aborda a questão da tortura.

  b) Hoje em dia a tortura é condenada na maioria dos países do mundo, embora casos de tortura de suspeitos ou acusados de crimes, presos políticos etc. ainda existam e não sejam incomuns. Pesquise esse assunto em jornais e revistas, escolha um episódio que mais lhe tenha chamado a atenção e faça um relatório sobre o que encontrou.

  c) Que ações governamentais ou supranacionais estão sendo tomadas para pôr fim à prática da tortura? Selecione notícias que tratem desse assunto. De que maneira você pode contribuir para acabar com essa prática?
  a), b) e c) Respostas pessoais. O professor pode aproveitar para trabalhar o tema dos direitos humanos e mostrar como a tortura subverte a própria lógica do aparato do Estado, que de guardião da lei e dos direitos dos cidadãos se transforma em violador da lei e aniquilador desses direitos.

Pesquisar e enriquecer

Na internet

- Capela Sistina: http://www.vatican.va/various/cappelle/sistina_vr/index.html

  Este *site* oferece um passeio virtual pela Capela Sistina, no Vaticano. Basta mover o *mouse* pela página e visualizar as pinturas nas paredes e no teto.

  (Acesso em: 1 mar. 2016.)

Nos livros

- MASON, Antony. *No tempo de Michelangelo*. São Paulo: Callis, 2009.

  Trata do Renascimento, período em que artistas e estudiosos redescobriram obras da Antiguidade grega e romana.

- SEFFNER, Fernando. *Da Reforma à Contrarreforma*: o cristianismo em crise. São Paulo: Atual, 2011.

  Aborda os movimentos de contestação que deram início às reformas religiosas do século XVI.

Nos filmes

- *Lutero*. Direção de Eric Till. Alemanha, 2003, 121 min.

  Ficção baseada na biografia de Martinho Lutero. Aborda a vida da personagem e trata da história dos Estados alemães à época.

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 192)

1. Resposta pessoal, em parte. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode comentar que as obras de arte têm, de certo modo,

a possibilidade serem abertas a interpretações variadas do expectador. Essas interpretações fazem parte de um jogo dinâmico entre o autor, a obra e o expectador. No caso da *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci, os sentimentos do personagem representado comportam certo mistério e ambiguidade. O professor pode fornecer informações complementares sobre a obra para os estudantes. O historiador da arte Ernst Gombrich afirma sobre a *Mona Lisa* de Da Vinci: "O que de imediato nos impressiona é a medida surpreendente em que a mulher parece viva. Ela realmente parece olhar para nós e possuir um espírito próprio" (GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1995. p. 300). Essa famosa obra é pequena (tem 77 cm de altura e 53 cm de largura), o que frustra muitos de seus visitantes no Museu do Louvre, em Paris. É provável que a modelo tenha sido a esposa do marquês Francesco del Giocondo, mercador florentino. Ele teria encomendado o retrato da esposa para Da Vinci. O artista, porém, não terminou o quadro antes de mudar-se para a França, onde acabou vendendo-o ao rei Francisco I. A esposa do mercador florentino era, provavelmente, chamada Madonna Lisa Gherhardini. Em italiano, a palavra "Mona" é a contração de "Madonna", que significa "Minha senhora".

2. Fernando Botero inspirou-se na obra de Leonardo da Vinci. Em ambas as obras, os personagens usam vestimentas semelhantes e mantêm a mesma postura corporal, olhando para a frente e apoiando a mão direita sobre a esquerda. Ao fundo, a paisagem das duas obras representa montanhas rochosas. Porém, além do rosto inchado, com olhos, boca e nariz desproporcionais, a obra de Botero se distancia da de Da Vinci em relação ao uso do *sfumato*. Essa técnica artística, desenvolvida pelo artista florentino, cria um efeito de esfumaçado nas bordas, que parece fundir uma forma a outra. É o que vemos, por exemplo, nos cantos da boca e dos olhos da Mona Lisa de Da Vinci. O *sfumato* contribuiu, com outros elementos, para provocar um efeito ambíguo no sorriso da personagem.

Investigando (p. 193)

1. Resposta pessoal. Tema para reflexão e debate. Atividade interdisciplinar com Filosofia. O professor pode estimular a discussão dos estudantes com perguntas como: Será que o nosso futuro é totalmente predeterminado? Ser livre significa fazer qualquer coisa que se quer? Que fatores sociais e subjetivos influenciam nossa liberdade de escolha? Sem liberdade, podemos nos responsabilizar por nossas ações? Será que somos em parte livres e em parte determinados? É importante ressaltar que, embora muitos filósofos tenham se debruçado sobre essas questões durante séculos, elas permanecem em aberto.

2. Resposta pessoal. Tema para reflexão e debate. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode comentar que, no contexto do Renascimento, o individualismo fazia parte de um conjunto de atitudes que se contrapunham a certa mentalidade medieval, mais submissa a verdades inquestionáveis da fé cristã. Ao longo do tempo, a palavra "individualismo" ganhou novos sentidos. Assim, atualmente, quando os indivíduos procuram atender quase exclusivamente aos seus próprios interesses, com pouca ou nenhuma solidariedade e preocupação com o outro, costumamos afirmar que ele é individualista ou egoísta. Estimule os estudantes a dar exemplos de atitudes que eles consideram egoístas e atitudes que eles consideram solidárias. Para aproximar o assunto do cotidiano da turma, o professor também pode perguntar: Vocês acham que as pessoas têm adotado posturas mais egoístas ou mais solidárias?

Investigando (p. 194)

1. Respostas pessoais. Tema para reflexão. A atividade visa estimular a autonomia intelectual dos estudantes. Solicite que justifiquem suas respostas, perguntando, por exemplo: Que aspectos dessas culturas vocês mais admiram? Por meio de que fontes vocês tiveram contato com essas culturas? Em sua opinião, as pessoas que fazem parte dessas culturas também admirariam a nossa cultura? Por quê?

2. Resposta pessoal. A atividade visa estimular a criatividade dos estudantes ao fazê-los refletir sobre o cotidiano das sociedades de outras épocas. É uma oportunidade para pedir-lhes que criem um texto narrativo ou uma história em quadrinhos sobre a vida que imaginaram ter em outra época. Depois de ler as histórias dos estudantes, o professor pode ressaltar que, embora o exercício de imaginação seja importante, a realidade de outras épocas e sociedades é muito complexa.

Interpretar fonte (p. 195)

1. A primavera é a estação do ano que ocorre entre o inverno e o verão. No hemisfério sul, começa no dia 22 de setembro e se estende até o dia 20 de dezembro. Nos países de clima mais frio, é nessa estação que as árvores ganham nova folhagem, cresce a grama e desabrocham

as flores. Por isso, a primavera costuma ser associada à infância e à juventude. Na obra de Botticelli, podemos associar a primavera com as árvores frutificadas e a presença da ninfa Flora, que representa a tudo o que frutifica.

2. O estudante poderá encontrar diversos dados sobre o quadro que confirmam sua tendência renascentista: a temática mitológica (as figuras são Vênus, ao centro, cercada pelas Três Graças, por Mercúrio e por Flora, entre outros personagens mitológicos); a exaltação da beleza dos corpos seminus; a exuberância da paisagem natural; a leveza e a harmonia dos gestos etc.

Investigando (p. 196)

1. Resposta pessoal. O objetivo dessa atividade é contextualizar o assunto estudado nas experiências pessoais dos estudantes, trabalhando seus conhecimentos prévios. Estimule-os a contar um pouco acerca do enredo dos livros e dos filmes indicados. Caso os estudantes não conheçam essas obras, é uma oportunidade para que o professor as apresente. Além dos livros dos autores indicados no texto, são recomendados filmes como: *Romeu + Julieta* (direção de Baz Luhrmann, Estados Unidos, 1996, 120 min.), *O mercador de Veneza* (direção de Michael Radford, EUA/Luxemburgo/Itália/Reino Unido, 2004, 131 min.), *Othello* (direção de Orson Welles, EUA/Marrocos/Itália/França, 1952, 90 min.).

2. Atividade interdisciplinar com Língua Portuguesa.

a) e **b)** Respostas pessoais, em parte. Podemos afirmar que, no contexto do poema de Camões, ideias paradoxais são o mesmo que ideias contraditórias, com aparente falta de lógica. A partir dos primeiros versos já é possível encontrar exemplos de paradoxos em versos como: "fogo que arde sem se ver", "ferida que dói e não se sente" e "contentamento descontente". Para a criação da frase poética, os estudantes podem se inspirar no tema do soneto de Camões ou no uso de imagens e ideias paradoxais.

Em destaque (p. 197)

1. Segundo o texto, o riso libertou-se dos momentos previsíveis da festa e do peso do catolicismo para se tornar uma prática literária e cotidiana refinada, transformando-se em uma "expressão da consciência nova, crítica e histórica da época".

2. Tema para debate e reflexão. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode comentar que o humor é um intrumento vigoroso na crítica dos costumes sociais. Segundo Bakhtin, nas sociedades medievais, a cultura popular do riso "se distinguiu por seu radicalismo e sua liberdade, por sua implacável lucidez". Além disso, este tema é uma oportunidade para debater com os estudantes os limites éticos do humor quando ele se torna um mecanismo de intolerância com os outros, difusão de preconceitos e estereótipos. Sobre esse assunto, é recomendado que o professor assista com os estudantes ao vídeo *O riso dos outros*, dirigido por Pedro Arantes (disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/DOCUMENTARIOS/429921-O-RISO-DOS-OUTROS.html>, acesso em: 2 mar. 2016). O filme, produzido pela TV Câmara, apresenta entrevistas com humoristas, artistas e políticos que discutem a linha tênue entre a comédia e a ofensa.

Investigando (p. 199)

1. Resposta pessoal, em parte. Tema para reflexão e debate. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode comentar que, atualmente, de modo geral, os cientistas encontram certa resistência para desenvolver novas teorias e práticas. Existem temas controversos, como as pesquisas com células-tronco. Para a Igreja Católica, elas podem ser uma ameaça à vida. Para a comunidade científica, elas abrem a possibilidade de tratar doenças hoje incuráveis. No Brasil, o Supremo Tribunal Federal decidiu, em 29 de maio de 2008, que "as pesquisas com células-tronco embrionárias não violam o direito à vida, tampouco a dignidade da pessoa humana" (disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/vernoticiadetalhe.asp?idconteudo=89917>, acesso em: 2 mar. 2016). O posicionamento da Igreja e de alguns setores da sociedade é contrário a essa decisão.

2. Resposta pessoal. Tema para reflexão e debate. Estimule os estudantes a se posicionarem em relação a pesquisas científicas que estão sendo realizadas atualmente. Sugerimos debater temas como: pesquisas com células-tronco, alimentos transgênicos, clonagem, experiências com animais, entre outros assuntos relacionados a bioética. O professor pode ler com os estudantes os seguintes artigos da revista *Ciência Hoje*: "Ética científica" e "Uma história da bioética". Disponíveis em: <http://cienciahoje.uol.com.br/especiais/bioetica/etica-cientifica-dilemas-e-desafios> e <http://cienciahoje.uol.com.br/especiais/bioetica/uma-historia-da-bioetica>. Acessos em: 2 mar. 2016.

Interpretar fonte (p. 202)

- A doutrina luterana considerava a fé cristã, que tinha na *Bíblia* sua única fonte, o caminho para

a salvação da alma. A doutrina católica admitia que as obras (incluindo a compra de indulgências) também eram necessárias para libertar o cristão dos pecados. Além disso, segundo a concepção luterana, o livre exame permitia aos fiéis o entendimento da *Bíblia*. Já na concepção católica, o entendimento do livro sagrado cristão era determinado pelas autoridades religiosas. A doutrina luterana também era contra o culto aos santos católicos, a adoração das imagens religiosas e a autoridade do papa e só reconhecia validade bíblica para os sacramentos do batismo e da eucaristia. Na imagem, à direita, foi representada uma mesa onde o clero recolhe as doações dos fiéis em troca da salvação.

Observar o mapa (p. 205)

- Inglaterra, Escócia, Dinamarca, Suécia e parte da Alemanha e da Polônia são exemplos de países onde, até o século XVI, o protestantismo havia se difundido.

  Portugal, Espanha, parte da França e Itália são exemplos de países onde, até o século XVI, permaneceu o predomínio da Igreja Católica.

Investigando (p. 206)

1. O estudante pode mencionar os seguintes incisos do artigo 5º da Constituição Federal Brasileira:

> […] VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;
>
> VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;
>
> VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei […]
>
> Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm>. Acesso em: 2 mar. 2016.

2. Resposta pessoal. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode comentar que, em geral, as atitudes de intolerância têm origem na não aceitação do "outro", do "diferente", considerado o "inimigo" ou a personificação do mal. Porém, em muitos casos, os sentimentos religiosos são manipulados por interesses econômicos e políticos, em nada relacionados com a fé.

Oficina de História (p. 208)

Vivenciar e refletir

1. a) Destacando o extremo valor atribuído à música e à palavra oral, especialmente no universo religioso, em que a autoridade invocada era a da "palavra de Deus" e as pregações atraíam grande número de pessoas, que se acotovelavam para simplesmente escutar. Mesmo as notícias eram transmitidas de boca em boca.

b) Pesquisa pessoal. O estudante pode mencionar o livro digital, o cinema, a internet etc. O professor pode orientar os estudantes a pesquisarem na internet, em jornais e revistas.

Diálogo interdisciplinar

2. a), **b)** e **c)** Reflexão pessoal. Aproveitando o tema da imprensa de Gutenberg, o professor tem uma boa oportunidade para estimular a reflexão sobre assuntos como o acesso à informação por meio de livros, revistas, jornais, rádio, televisão, telefonia, internet etc. É, também, uma oportunidade para uma discussão sobre o poder ideológico que esses meios exercem, bem como a importância para a democracia de que haja pluralidade dos meios de comunicação para se garantir voz aos diversos segmentos da sociedade, e não apenas visibilidade para os interesses de alguns setores. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode comentar que, de modo geral, o dito "Saber é poder" ainda é válido nos dias atuais. Com a difusão da internet e das redes sociais, podemos afirmar que os detentores do saber se multiplicaram e que muitos leitores e espectadores tornaram-se produtores de conteúdos, de informação. Sobre a qualidade da informação, é interessante consultar este Manual, na parte geral, item **4.5. Internet**.

3. A segunda reprodução expressa, de modo mais evidente, valores que podem ser relacionados ao Renascimento, como: a personagem humana, em oposição a uma figura de santo; a valorização da figura humana, que ocupa quase toda a tela; a ousadia e a naturalidade da exposição do corpo feminino. O professor de Arte poderá contribuir com informações sobre as técnicas e estéticas em questão.

De olho na universidade

4. Resposta: D.

Capítulo 15: Povos africanos

Contextualizando o tema

Este capítulo tem como tema central os povos africanos e sua diversidade étnica e cultural. A tendência do senso comum é tratar a África como se fosse um "país", onde haveria apenas uma cultura, um único povo e uma única forma de organização social. Para combater essa visão preconceituosa, explore com os estudantes o texto de Alberto da Costa e Silva (página 211), em que a multiplicidade existente no continente africano torna-se explícita.

Textos de aprofundamento

Texto I

O texto a seguir lida com a noção de diversidade nas soluções artísticas africanas desde muitos séculos antes da conquista europeia. O trecho selecionado também permite retomar a ideia de permeabilidade cultural, já desenvolvida no capítulo 11, quando tratamos da expansão muçulmana sobre a África subsaariana.

Uma visão brasileira da escultura tradicional africana

[...] A diversidade de cânones foi uma das razões do maravilhamento dos artistas do princípio do século XX diante das esculturas africanas. À medida que estas foram chegando em maior número à Europa, aumentou o pasmo com a abundância de lições diferentes que continham. A África subsaariana abrigava, é bem verdade, centenas de povos com línguas, histórias e culturas distintas. Alguns mal chegavam a um milhar, mas outros se contavam aos milhões e se dividiam, por sua vez, em várias subculturas. Esta aldeia podia ter padrões de comportamento até conflitantes com aquela outra que lhe ficava a cinco, oito ou dez quilômetros de distância. E dentro de um mesmo estado ou microestado, não era incomum que os valores e os modos de vida do grupo dirigente, tido muitas vezes por estrangeiro, diferissem daqueles a que se apegavam os que lhe eram subordinados. Além disso, dentro de um mesmo povo podiam conviver vários padrões criativos — ou seja, mais de uma tradição ou escola — não raro para que fossem atendidos os requisitos de devoções religiosas, sociedades secretas e grupos sociais distintos.

Os dans, da Costa do Marfim e da Libéria, fazem, por exemplo, um tipo de máscara coberta de um negro brilhante e tão lisa e perfeita quanto a casca de um ovo, na qual o rosto se simplifica numa testa abaulada, num nariz fino e ligeiramente arrebitado, num queixo em ponta, numa boca projetada e entreaberta, como num muxoxo, e em dois buracos grandes e redondos no lugar dos olhos. Essa máscara, a que chamam *gunye ge* e *zapkei ge*, pode estar emoldurada por um trançado de fibras, ao qual algumas vezes se acrescentam cauris. [...] Os mesmos dans esculpem, contudo, uma outra máscara, todo o contrário dessas: de fatura rude, na madeira veem-se os golpes da enxó e a face humana se alonga, sem queixo, numa enorme boca aberta, que se conjuga com a testa e as sobrancelhas também projetadas, em bloco, para a frente; o nariz é pequeno, mas a seu lado dois cilindros grossos, ocos e salientes nos dizem que são olhos. Um terceiro tipo de máscara dan, a *kagle*, subverte ainda mais o rosto humano ao reduzi-lo a uma placa ovalada na qual uma protuberância em forma de cone funciona como uma boca aberta; e, em vez de olhos, o que temos são vários pequenos orifícios — seis, oito, nove, dez — a se arrumarem em uma ou duas fieiras por baixo de uma testa que avança para nós com violência. Já um outro tipo de máscara dan, embora talhado num só bloco de madeira, parece ser a justaposição de vários pedaços. Um deles serve de testa; três triângulos, com o vértice a apontar para a frente, dispõem-se na vertical, a simularem o nariz e as faces, sendo os olhos os espaços entre eles; e abaixo, duas tábuas ligeiramente flectidas fazem a boca aberta, na qual não costuma faltar um simulacro de língua.

Com frequência o mesmo escultor dan trabalha em mais de um tipo de máscaras, e não só nos aqui mencionados. E não raro está sujeito, sobretudo quando vive em área limítrofe com outra cultura, às influências desta e de seus melhores artistas. Embora não marcasse como suas as suas obras, estas não eram anônimas. Mesmo antes de se começar a tomar nota de seus nomes, os grandes escultores eram, no continente africano, conhecidos e apreciados, do mesmo modo que os grandes guerreiros, os grandes caçadores, os grandes lutadores e os mestres tamborileiros. Uma aldeia podia encomendar uma

peça a um artista de prestígio que vivia noutra, ainda que nesta última fosse distinto o idioma de berço. E os clientes de determinado tipo de escultura não pertenciam obrigatoriamente ao mesmo grupo de seus criadores. [...]

SILVA, Alberto da Costa e. Uma visão brasileira da escultura tradicional africana. In: *O quadrado amarelo*. São Paulo: IMESP, 2009. p. 25-29 (trechos).

Texto II

Leia, a seguir, trecho do livro *A manilha e o libambo,* do escritor Alberto da Costa e Silva. Essa obra aborda diversos aspectos da História da África e da escravidão entre 1500 e 1700.

A manilha e o libambo — Prefácio

[...] Toda história tem o seu lado de sombra e o seu lado de sol. Neste livro, julgo que me descuidei da parte clara, dos dias felizes e das horas criativas da vida africana. Censuro-me por não me ter demorado na descrição dos inumeráveis estilos de arquitetura, escultura, cerâmica, pintura e tecelagem, que mudam às vezes à distância de menos de um dia de caminho e tornam o continente africano riquíssimo de formas e texturas. Deixei de enumerar os variadíssimos tipos de tambor, os modos de neles percutir e a rica polirritmia que sustentam. E de mencionar a sonoridade e a beleza de outros instrumentos de música: dos olifantes, das flautas, das sanzas, das marimbas, dos aguês, dos pangos, das harpas e das liras. Tampouco referi a riqueza da literatura oral, das histórias que passam de geração em geração e dos racontos que cada qual inventa, e dos poemas que podem ser apenas um epigrama, ou uma exclamação de louvor com não mais de uma ou duas metáforas, ou estender-se num ritmo lento e épico. Se disse que beirava o infinito a variedade de formas que tomavam as pequeninas peças de latão com que os acãs pesavam o ouro, não cuidei das caixinhas metálicas nas quais o punham, nem tampouco das outras, feitas, aqui, ali e mais adiante, de couro, palha, barro, madeira, cabaça, marfim e ossos trabalhadas com tempo, cuidado e imaginação, serviam para guardar de tudo. Em diferentes paisagens, as mãos se esmeravam no fabrico de bancos nos quais o homem comum se sentava ou recostava como se fosse um rei, e de bastões de recado, e de facas e machadinhas rituais, e de escudos de couro, vime e madeira, e de braceletes e pentes de marfim, e até mesmo de colheres, cujas conchas em tudo semelhantes sustentam cabos com formas que custam a repetir-se não só de um povo para outro, mas muitas vezes dentro da mesma aldeia.

Disto, da enorme diversidade de maneiras de fazer, pensar e viver, que torna a África várias Áfricas, creio que dei boa notícia. No seu dia a dia, um abexim pode ser tão diferente de um ijexá, e este de um pende, e um pende de um mandinga, e um mandinga de um soto, quanto um alemão de um andaluz e um húngaro de um escocês. É bem verdade que há certos gestos, comportamentos, símbolos, crenças e valores que são comuns a grandes áreas do continente ou a todo ele. É possível que este povo tenha aprendido com aquele a ter no gonguê ou no agogô o instrumento com o qual se anuncia a presença do rei, e que venham do Egito islâmico os grandes guarda-sóis que, em boa parte da África subsaariana, giram sobre as cabeças dos que se têm por grandes. Mas, se a história de Lat Sukaabe guarda parecença com a do Sundiata e a de outros reis fundadores, se tantos emblemas de poder e fé são semelhantes e se até mesmo certas instituições políticas se repisam a grande distância, não há esquecer que as mãos humanas, por toda a parte, repetem as mesmas formas essenciais para responder aos desafios das mesmas necessidades, como mostram os pouquíssimos contornos que pode ter a moringa. Li, faz muitos anos, já não sei se em Hegel, que não passariam de trinta e poucos os enredos que nos cabe viver: o de Ulisses, o de Penélope, o de Fedra, o de Argan, o do Quixote, o de Sancho Pança, e assim por diante. Não seriam mais numerosos os entrechos de que se fazem as histórias dos povos. A riqueza da existência não se deveria apenas à mescla dessas intrigas, mas também às diferenças de alma e de momento, e por isso Capitu e Bentinho não copiam nem negam Desdêmona e Otelo. Tampouco a história de Songhai reproduz ou contradiz a do Mali ou a de Roma, ainda que as três se desenhem com os traços do império. [...]

COSTA E SILVA, Alberto da. *A manilha e o libambo*. África e a escravidão de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 10-11.

Texto III

Este texto fornece subsídios para a compreensão das práticas escravistas estabelecidas na África e sua diferenciação em relação à empresa moderna de comércio de escravos que se efetivou durante o processo de expansão marítimo-comercial europeia, tema tratado no capítulo 17.

Ao longo da expansão europeia, os entrepostos africanos foram muito úteis para o comércio que se queria fazer com a Ásia. Logo, esses entrepostos adquiriram outro caráter: o de bases para

a escravização dos africanos, vendidos no Brasil e em outras partes da América.

Porém, é significativo lembrar que a escravidão não era uma instituição desconhecida na África antes da conquista europeia. Essa constatação não deve ser omitida, como também não deve ser sobrevalorizada. Não há vilões nem heróis na história da escravidão africana. Antes de qualquer coisa, é preciso compreender os sentidos da escravidão existente na África e suas transformações após o envolvimento dos europeus no tráfico e na escravidão moderna. O texto a seguir subsidia essa discussão, tratando do assunto sem preconceitos e esclarecendo o modo como os escravos eram tratados por seus senhores na África.

A escravidão na África

[…] Se considerarmos a escravidão como: situação na qual a pessoa não pode transitar livremente nem pode escolher o que vai fazer, tendo, pelo contrário, de fazer o que manda seu senhor; situação na qual a pessoa pode ser castigada fisicamente e vendida caso seu senhor assim achar necessário; situação na qual o escravo não é visto como membro completo da sociedade em que vive, mas como ser inferior e sem direitos, então a escravidão existiu em muitas sociedades africanas bem antes de os europeus começarem a traficar escravos pelo Atlântico.

Nas sociedades organizadas em torno dos chefes de linhagens, em aldeias ou federações de aldeias, podiam viver estrangeiros, capturados em guerras ou trocados por produtos como sal e cobre, que eram subordinados a um senhor e podiam ser chamados de escravos. Eles podiam ser castigados ou vendidos e tinham de fazer o que seu senhor determinasse. Dava-se preferência a mulheres, que cultivavam a terra, preparavam os alimentos e tinham filhos. Os filhos das escravas com homens livres da família do seu senhor ou com ele mesmo geralmente não eram escravos. A princípio não tinham os mesmos direitos dos filhos de mulheres livres, trazendo a marca da escravidão, mas a cada geração esta ia diminuindo, até desaparecer. Ter escravas que aumentassem a capacidade de trabalho e reprodução da família era uma forma de uma linhagem se fortalecer diante das outras.

Nos reinos que reuniam várias aldeias e federações de aldeias e nos quais o rei vivia numa capital, cercado de sua corte, de suas mulheres e de seus soldados, era maior e mais frequente a presença de escravos. As guerras de expansão ou para sufocar rebeliões eram a principal maneira de adquiri-los, mas estes podiam ainda ser comprados ou condenados a pagar com a perda da liberdade o desrespeito às regras locais. As mulheres, além dos trabalhos rurais e domésticos, também eram recrutadas para aumentar o harém do rei; os homens, além de trabalhar no campo, engrossavam os exércitos e faziam parte das caravanas como carregadores ou remadores.

[…] Nos reinos do Sudão ocidental e nas cidades-Estado do Sael, governados por elites muçulmanas, os escravos trabalhavam em vastas plantações de grãos, pertencentes aos grandes chefes e aos reis, carregavam cargas, conduziam camelos e canoas, faziam parte dos exércitos, mas também podiam estar próximos aos centros de poder, como conselheiros dos reis, como comandantes de exércitos, como eunucos que tomavam conta dos haréns, formados em grande parte por escravas. Os filhos destas com os homens da família de seus senhores eram livres, elas também eram libertadas depois de lhes darem filhos. Aliás, não era raro o senhor libertar seus escravos, principalmente se estes lhe prestassem bons serviços.

Havia, assim, uma hierarquia dentro da condição de escravo que ia desde o mais desprezado, como aquele que fazia os serviços desagradáveis e extenuantes como trabalhar no campo e carregar cargas, até o que ocupava postos de responsabilidade e era admirado pelos seus talentos. O que fazia deste último um escravo, apesar de seu prestígio, era o fato de, por ser estrangeiro, não ter laços de parentesco ou solidariedade na sociedade em que vivia, na qual só era reconhecido como membro na qualidade de subordinado a um senhor. Não fossem a proteção deste e as oportunidades dadas por ele, o escravo não seria ninguém; por isso mantinha-se fiel a ele. Se o traísse e escapasse com vida, seria reduzido ao último nível da escala social. […]

SOUZA, Marina de Mello e. Comércio de escravos e escravidão. In: *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2006. p. 47-49 (trechos).

Texto IV

Leia, a seguir, trecho do livro *Desvendando a história da África*. Essa obra apresenta uma visão ampla sobre a História da África, valorizando sua diversidade cultural e sua grande infuência para as demais sociedades, sobretudo, a brasileira.

Comércio na África ocidental medieval

Durante o período que corresponde à Idade Média europeia pelo calendário cristão, os povos africanos não estavam vivendo em período pré-histórico, como muitos acreditam. Havia uma multiplicidade de formações estatais e sociais no continente, e alguns Estados africanos mantinham relações frequentes com as sociedades que consideramos "avançadas" para o período, como as sociedades islâmicas do Oriente Médio, a Índia e a própria China da dinastia Ming. Para o pesquisador Basil Davidson, havia nesse período centros de comércio e de trocas maiores que os da Europa. [...]

Quatro grandes e antigas cidades passaram a fazer parte do [império] Songhai: Tomboctu, Walata, Djenne e Gao. Esses centros tinham grandes contatos com os mercados do Saara e com a Europa mediterrânea. Os comerciantes eram bem organizados ao longo das rotas, tinham sucursais em algumas aldeias, frotas comerciais no rio Níger, camelos, bois e jumentos para o transporte de mercadorias e as habituais referências de valor que funcionavam como moeda (principalmente o ouro, o sal e o cobre). Os laços de parentesco exerciam grande importância nas práticas comerciais, e até mesmo alguns camponeses, artesãos e religiosos participavam dos intercâmbios.

Com um comércio bem organizado e um sistema de governo mais coeso do que os Estados que o antecederam, o Império Songhai alcançou uma extensão territorial que integrava o litoral atlântico, o sul do Saara, o Sahel, as savanas, e se estendia na direção leste. As redes comerciais se desdobravam tanto dentro do Sudão, seguindo, principalmente, o rio Níger, quanto para fora do continente. [...]

As rotas de comércio, suas fontes de riqueza e a circulação de mercadorias através delas se relacionaram estreitamente com as formas de poder no Sudão africano. Nos mapas, os limites desses Estados se sobrepõem às rotas e às cidades comerciais, e tanto sua ascensão quanto seu declínio estão relacionados a elas. Podemos notar também que o próprio comércio às vezes não seguia uma lógica territorial de reinos. [...] Isso ocorria porque naquele momento não havia limites territoriais bem definidos, mas prevalecia uma forma própria de organização daqueles Estados. Tratava-se de aglomerados de reinos e poderes locais que formavam redes.

Outro ponto importante é que, em muitos casos, o comércio era voltado mais para um sistema de trocas do que para algum tipo de excedente que desenvolvesse uma estrutura "econômica". Os produtos trocados eram tributados, produzindo em grande parte a riqueza que constituía a base de sustentação do poder dos soberanos.

Além dessas formas internas que faziam com que o Reino de Gana e os Impérios do Mali e Songhai ganhassem corpo e continuassem a se manter, a relação com o exterior também foi muito importante. As atividades comerciais ligavam-nos ao mar Vermelho e ao norte da África; ao Mediterrâneo já no século XV e ao Atlântico no século XV. O Sudão africano ligava-se desse modo a uma economia "mundial" que estava em desenvolvimento no início da era moderna europeia.

MARQUES, Diego Souza. O comércio transaariano e os Estados do Sudão Ocidental: séculos VIII-XVI. In: MACEDO, José Rivair de (Org.). *Desvendando a história da África*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008. p. 45-55 (trechos).

Pesquisar e enriquecer

Na internet

- Museu Afro Brasil: www.museuafrobrasil.org.br

  Página do museu localizado na cidade de São Paulo, que tem como objetivo preservar a cultura, a memória e a história do Brasil na perspectiva negro-africana.

  (Acesso em: 14 mar. 2013.)

Nos filmes

- Série *Nova África*. Direção de Henry Daniel Ajl e Luiz Carlos Azenha. Produção: TV Brasil/Baboon Filmes, 2009.

  A série *Nova África* foi exibida pela televisão entre 2009 e 2010. Os episódios mostram o cotidiano da população de diferentes países da África.

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 210)

1. Sim, essa escultura pode ser considerada uma fonte histórica, porque, ao ser estudada, ela nos permite entender aspectos da cultura do Benin no século XVII.

2. Provavelmente, o rei é a figura central, por suas vestimentas e armas, que se diferenciam dos outros personagens representados.

3. Resposta pessoal, em parte. A partir dessa escultura, é possível afirmar que a sociedade que a produziu dominava técnicas refinadas de metalurgia do bronze, em função do cuidado de tramas e formas, da boa definição dos desenhos e do estilo das linhas. Os elementos inseridos na obra indicam a existência de crenças próprias e de uma organização de poder, outros comprovantes de uma cultura cheia de particularidades.

Em destaque (p. 213)

1. A partir do que afirmou a pesquisadora Laure Meyer, podemos inferir que os tecidos africanos não possuem apenas a função utilitária de proteger do frio e das intempéries. São também expressão da identidade cultural dos africanos, tendo ampla dimensão artística e social.

2. Resposta pessoal. Tema para reflexão e debate. Essa atividade procura aproximar os temas estudados com as culturas vivenciadas pelos estudantes. Depois de ouvir as respostas da turma, o professor pode comentar que a moda, de forma geral, é um elemento constitutivo das identidades sociais (inclusive dos jovens). Em dado contexto histórico, certas vestimentas podem ser consideradas adequadas para uma situação e inadequadas para outra, podem traduzir prestígio ou não, podem ser conservadoras ou transgressoras, entre outros valores.

Investigando (p. 214)

- Resposta pessoal. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode comentar que, em muitas produções culturais, a África é representada de uma forma estereotipada, etnocêntrica, enfatizando o exotismo de seus povos e belezas naturais. Essa visão chapada do continente africano negligencia a diversidade e riqueza cultural dos povos africanos.

Investigando (p. 215)

- Resposta pessoal. Tema para reflexão. Um bem é considerado valioso de acordo com sua raridade e importância para a economia, política e cultura de determinado local. Atualmente, existem muitos bens valiosos. Provavelmente, o petróleo é hoje um dos bens mais valiosos, pois é dele que derivam os combustíveis mais utilizados pelo transporte e pelas indústrias. Bens imateriais, como a informação, também podem ser citados.

Investigando (p. 218)

- Depois de ouvir as pesquisas dos estudantes, o professor pode indicar que é imensa a presença cultural africana na formação brasileira. Essa presença se expressa vigorosamente no vocabulário, na literatura, na música, na dança, na alimentação, na religião, no vestuário, no conhecimento técnico e em tantas outras dimensões do nosso modo de ser e viver.

Oficina de História (p. 219)

Vivenciar e refletir

1. a) Os povos africanos desenvolveram uma rica produção cultural que se expressa, por exemplo, na construção de suas vilas, aldeias e cidades, nas suas obras arquitetônicas, nos seus utensílios e nas suas esculturas, nos seus tecidos e vestuários, nas suas músicas e danças, nos relatos orais transmitidos pelos griôs etc.

b) Resposta pessoal. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode indicar que o processo de aprendizagem ocorre por meio de vários recursos: orais, escritos, gestuais etc. No mundo contemporâneo, todos estes recursos se mesclam por meio das hipermídias: textos, sons, imagens.

2. Resposta pessoal. Os estudantes podem indicar a amplidão das relações históricas entre África e Brasil. Nesse sentido, poderão discorrer sobre tópicos como: a formação étnica do povo brasileiro, o tráfico de escravos, a herança da escravidão, a presença africana na cultura brasileira (música, religião, linguagem, culinária etc.).

Diálogo interdisciplinar

3. a) Possivelmente, o rio representado é o Níger. Podemos argumentar isso devido ao desenho do mapa que parece indicar o estreito de Gibraltar e, também, por algumas informações históricas que comentam a importância desse rio para o abastecimento de caravanas de comércio.

b) A representação de um homem trajando turbante sobre um camelo provavelmente remete ao Reino do Mali, que teve, entre seus soberanos, o *mansa* Mussa, conhecido por ter se convertido ao islamismo e peregrinado de camelo à cidade de Meca, no século XIV. Já a representação do homem com uma coroa e objetos dourados parece remeter ao Reino de Gana, no qual o poder do rei estava relacionado às grandes quantidades de ouro disponíveis na região do reino.

4. Resposta pessoal. Quanto à imensidão, o estudante pode referir-se à grande extensão territorial do continente africano, onde vivem inúmeros povos que, ao longo da história, elaboraram diferentes modos de ser e de viver

(diversidade cultural). Um exemplo dessa diversidade é a quantidade de línguas faladas na África. O artista Chéri Samba iniciou sua carreira entre os anos 1970 e 1980, na cidade de Kinshasa, capital da República Democrática do Congo. Samba ganhou notoriedade mundial com uma exposição no Centro Georges Pompidou, na cidade de Paris, em 1989. É reconhecido como um dos mais importantes artistas africanos contemporâneos. Na obra *Colégio da Sabedoria* (2003), assim como em outras obras, Samba inclui um texto em francês e em lingala (uma língua banto muito falada no Congo), comentando a vida no continente africano e no mundo moderno. A pintura acrílica reproduzida no livro do estudante mede cerca de 100 cm de largura por 80 cm de altura. Os estudante podem observar que essa obra de cores vivas apresenta três cabeças, cada uma formada por uma faixa. As línguas dos personagens estão para fora, e, em uma delas, foi representado o globo terrestre. Estimule os estudantes a refletir sobre essa pintura e sua relação com a diversidade cultural africana.

5. a) Depois de ouvir as repostas dos estudantes, o professor pode comentar que a atitude de espanto em relação à cabeça de Ifé revelava a pressuposição de que os africanos não seriam capazes de produzir obra tão sofisticada do ponto de vista técnico e artístico.

b) Evidentemente, as esculturas iorubás são fontes históricas, pois, quando analisadas, são evidências legítimas da produção cultural desses povos. O conceito de fonte histórica alargou-se de modo a contemplar não apenas os registros escritos, mas a vasta expressão das produções humanas, como: edificações, traçados viários, obras de arte, utensílios, vestuários, músicas, fotografias, vídeos, mensagens eletrônicas etc.

c) Resposta pessoal. A atividade visa estimular a criatividade dos estudantes, integrando conteúdos de História e Língua Portuguesa.

De olho na universidade

6. Resposta A.

Capítulo 16: Povos da América

Contextualizando o tema

Este capítulo aborda aspectos culturais dos povos tupis, astecas, maias e incas antes do século XV. O objetivo, aqui, é combater visões etnocêntricas e preconceituosas a respeito dos povos que habitavam a América antes da chegada dos europeus. Para isso, destacamos, além das produções desses povos, as trocas que ocorreram entre europeus e indígenas americanos.

Texto de aprofundamento

O texto a seguir introduz reflexões sobre as relações entre diferentes culturas a partir da perspectiva de um homem indígena.

Conforme as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o estudo dos povos indígenas no Brasil procura estimular a compreensão da diversidade cultural e o respeito na convivência humana. Além disso, busca resgatar as memórias dos vários grupos que integram o país. O texto a seguir, de Daniel Cabixi, da nação Pareci, é um valioso depoimento que traz sua percepção e interpretação a respeito do comportamento de algumas sociedades em relação aos povos indígenas. Se possível, compartilhe-o com os estudantes e debata com eles os temas sugeridos para reflexão.

Sou indígena

Vi muitas pessoas postarem diante de mim e ficar hora a olhar-me. Além de me lançarem uma série de perguntas, como se não existisse mais "índio brabo".

Penso comigo: o que estarão eles pensando? Esforço-me para penetrar em seus pensamentos. Afinal, um descendente de "índios selvagens", de seres mitológicos, postado diante deles, de calças, camisa e sapatos. Neste momento a imaginação desse povo simples voa pelo mundo da fantasia.

Como será que vivem? O que comem? Será descendente de comedores de gente? Terá provado alguma carne humana? Tem ele sentimento humano de amor e compaixão?

Percebo que as interpretações e comparações que nos fazem não passam de categoria de animais exóticos que habitam a selva. Tenho vontade de fazê-los compreender o meu mundo, assim como cheguei a compreender o mundo deles.

Gostaria de dizer-lhes que faço parte de uma sociedade que possui normas de vivência harmônica entre os homens e a natureza. Gostaria de dizer-lhes que possuímos nossos valores sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos, que adquirimos através dos tempos, de geração em geração.

Gostaria de dizer-lhes que formamos um mundo equilibrado e justo de relações humanas. Dizer que, como humanos, somos sujeitos a falhas e erros. Dizer que nossos sentimentos mais íntimos são exteriorizados através da arte, da língua, da nossa religião, das festas acompanhadas de ritos e cerimônias. Dizer que conseguimos nossa experiência diante da vida e do universo. Dizer que conseguimos chegar num equilibrado mundo prenhe de valores que transmitimos aos nossos filhos, o que, em outras palavras mais compreensíveis, é sinônimo de educação.

Gostaria de dizer-lhes também que tudo isso vem sendo deturpado, desrespeitado e destruído. Dizer que estamos despertando para uma nova realidade. Estamos percebendo que todas as tentativas estão sendo feitas para acabar com nossos princípios já constituídos. E dizer que estamos prontos a receber o que de útil a sociedade deles nos oferece e rechaçar o que de ruim ela nos apresenta.

Mas infelizmente a cegueira de sua superioridade não permite este diálogo franco e sincero.

Cabixi, Daniel, da nação Pareci. In: HECK, Egon; PREZIA, Benedito. *Povos indígenas*: terra e vida. 2. ed. São Paulo: Atual, 1999. p. 20.

Proposta de atividade

- Segundo estudo divulgado pela revista *Science*, os incas usavam os quipos para registrar informações contábeis. Para os antropólogos Gary Urton e Carrie Brezine, da Universidade de Harvard (EUA), a descoberta revela um novo uso dos quipos (nó, na língua quíchua). Leia um trecho da reportagem.

"Todas as civilizações importantes, como a inca, a chinesa, a egípcia, a maia, a asteca e a mesopotâmica, desenvolveram um meio para manter o controle de seu vasto império", disse Urton [...]. "Esta forma de comunicação foi usada para registrar informações cruciais para o Estado. Incluía registros contábeis como censos, finanças e números militares", disse.

"Nesse sentido, a descoberta de que os quipos foram usados como livros de contabilidade revela uma nova coincidência da cultura inca com outras da Antiguidade", acrescentou.

Os pesquisadores usaram um sistema de informática para determinar a forma como os quipos foram utilizados como documentos contábeis. Sua base de dados contém centenas de quipos, nos quais há padrões diferentes de cordas de vários tamanhos, [com 2 a 1500 nós] de diversas cores.

[...] De acordo com as pesquisas, os valores dessas cordas pareciam multiplicar para cima e dividir para baixo, podendo estar relacionados com o "imposto de trabalho" aplicado pelo Império Inca. [...].

Os quipos também tinham instruções dos níveis mais altos da hierarquia até os mais baixos, acrescentou.

Apesar de os antropólogos não terem conseguido decifrar de forma precisa os quipos, para Urton é possível que eles também tenham sido usados como calendários.

Segundo ele, nos locais fúnebres dos incas foram encontrados quipos com 730 cordas, reunidas em 24 conjuntos, o que equivale exatamente ao número de dias e meses de dois anos.

Estudo revela que quipos incas eram documentos contábeis. EFE, 11 ago. 2005. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2005/08/11/ult1809u5663.jhtm>. Acesso em: 8 mar. 2016.

a) De acordo com os estudos recentes, quais eram os possíveis usos dos quipos incas?
Segundo os estudos, os quipos serviam para registrar informações contábeis como censo, finanças e números militares. Além disso, supõe-se que os quipos tenham sido utilizados como calendários.

b) Por que as descobertas a respeito dos quipos citadas na reportagem revelam uma "nova coincidência da cultura incaica com outras da Antiguidade"? Explique.
Porque várias civilizações antigas também desenvolveram formas de registros escritos, como os povos mesopotâmicos, os egípcios, os meroíticos, os chineses e os harapenses. Essas escritas consistem em registros de marcas (sinais) em um suporte material (papiro, papel, madeira etc.). Os quipos (nós em uma corda) são tridimensionais; por isso, são diferentes das escritas anteriores.

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 222)

1. Ao analisar a fotografia desse jovem indígena da etnia Boe Bororo, é possível identificar a pintura no rosto, a faixa de tecido sobre a testa e o colar no pescoço.

2. A atividade visa organizar e identificar possíveis conhecimentos prévios dos estudantes acerca do tema. Depois de ouvir ou ler as respostas dos estudantes, o professor pode apontar que alguns povos indígenas utilizam:

- tintas naturais à base de urucum, jenipapo e argila para realizar a pintura corporal;
- algodão e outras fibras têxteis para produzir tecidos;
- trançados, fios e conchas para criar colares e outros adereços e objetos.

É importante ressaltar que, atualmente, muitos povos também utilizam tintas e matérias-primas industrializadas em suas expressões artísticas.

3. Resposta pessoal. Tema para reflexão. Em diversas sociedades atuais, as roupas e a maquiagem facial têm funções semelhantes. Como aponta Julio Cezar Melatti: "Entre nós, a roupa serve não somente como abrigo para o corpo, não somente para satisfazer as nossas regras de moralidade, que ordenam que certas partes do corpo sejam cobertas, mas também serve para distinguir certos grupos sociais" (MELATTI, Julio Cezar. *Índios do Brasil*. São Paulo: Hucitec; Brasília: UnB, 1993). Se considerar oportuno, retome a atividade sobre tecidos africanos (capítulo 15, **Em destaque**, p. 213) e estabeleça comparações com os usos que os africanos atribuem às roupas.

Observar o mapa (p. 224)

- A atividade visa estimular a leitura e a interpretação de mapas. Analisando essas representações é possível constatar a presença de populações indígenas por quase todo o continente. No século XV, as regiões que apresentavam as maiores densidades demográficas (mais de 100 hab./100 km²) correspondem aos seguintes países atuais: Chile, Peru, Equador, Colômbia, Panamá, Costa Rica, Honduras, Guatemala, México, parte do território dos Estados Unidos etc. De modo geral, essas regiões ainda apresentam as maiores densidades demográficas. No entanto, houve uma redução das populações indígenas por todo o continente. É interessante notar que, atualmente, vivem cerca de 2,8 milhões de indígenas nos EUA e cerca de 896.917 indígenas no Brasil.

Observar o mapa (p. 225)

- Resposta pessoal. A atividade visa estimular a leitura de mapas.

Em destaque (p. 226)

1. De acordo com Melatti, essa classificação foi elaborada pelos missionários e colonizadores. Os europeus, por terem tido maior contato com os povos tupis, acabaram incluindo todas as demais línguas não tupis no subgrupo da língua Tapuya.

2. Segundo o texto, a classificação que distribuía as línguas indígenas em língua Tapuya e língua Tupi vigorou até o século XIX. Posteriormente, o pesquisador alemão Von Martius demostrou que as línguas tapuyas não formavam um grupo homogênio. É mais recente a ideia de construir classificações baseadas nas chamadas áreas culturais, que englobam diversos critérios além dos linguísticos.

Investigando (p. 229)

- Atividade de pesquisa. O professor deve orientar os estudantes na elaboração dos relatórios, sugerindo temas para a pesquisa (localização: a cidade está situada a 80 quilômetros da cidade de Cuzco, no Peru; significado do nome Machu Picchu: em quíchua, língua dos incas, significa "velho pico"; período de fundação da cidade: aproximadamente entre os séculos XV e XVI; tipos de construções: templo do Sol, terraços, muros de pedra etc.) e fontes de informação, como o *site* da enciclopédia *Britannica Escola*. (Disponível em: <http://escola.britannica.com.br/article/481790/Machu-Picchu>. Acesso em: 2 mar. 2016.)

Observar o mapa (p. 229)

a) Araucanos, guaranis, jês, tupis, karib, nuaruaques, chibchas e incas.

b) Maias.

c) Astecas, apaches, iroqueses, shoshonis, sioux, algonquinos, atapascos e esquimós.

Oficina de História (p. 230)

Vivenciar e Refletir

1. Resposta pessoal, em parte. A atividade visa estimular o debate e o pensamento crítico dos estudantes. Essa questão também pode ser realizada oralmente, envolvendo toda a classe.

2. a) e **b)** Atividade de contextualização sociocultural que tem como objetivos estimular o debate sobre as temáticas indígenas e a

leitura crítica de fontes documentais de natureza diversa. Espera-se que o estudante reflita sobre a problemática envolvida nas representações históricas e reconheça a pluralidade cultural dos povos indígenas.

Diálogo interdisciplinar

3. a) O milho foi cultivado por diversos povos indígenas, como os tupis, os maias, os astecas e os incas. Já a mandioca foi cultivada pelos povos tupis.

Os aminoácidos são as unidades fundamentais das proteínas. Alimentos como feijões, todas as demais leguminosas, leite e iogurtes naturais, carnes, peixes, ovos são fontes de proteína. Para mais informações sobre aminoácidos e proteínas, o professor pode indicar as seguintes fontes de pesquisa:

- Aminoácidos e proteínas: <http://docentes.esalq.usp.br/luagallo/aminoacidos.html>;
- Guia alimentar para a população brasileira: <http://portalsaude.saude.gov.br/images/pdf/2014/novembro/05/Guia-Alimentar-para-a-pop-brasiliera-Miolo-PDF-Internet.pdf>.

(Acessos em: 3 mar. 2016.)

b) Resposta pessoal. Atividade de pesquisa. Os estudantes podem pesquisar informações sobre:

- batata
- milho
- mandioca
- tomate
- quinina
- baunilha
- mate
- algodão
- abacaxi
- caju
- abacate
- mamão

4. a) Segundo alguns estudiosos, a barriga saliente envolvida pelas duas mãos sugere tratar-se de uma representação da deusa-mãe huasteca, associada à fertilidade e à maternidade. Já, para outros pesquisadores, o suntuoso adorno de cabeça indicaria tratar-se de uma mulher da elite huasteca. É importante o professor ressaltar que, para elaborar essas hipóteses, os historiadores e arqueólogos se basearam também em alguns relatos escritos a respeito dos huastecas. Além disso, esses pesquisadores, quando possível, estabeleceram relações de semelhança e diferença entre os huastecas e outros povos da região onde viviam.

Para complementar a atividade o professor pode solicitar aos estudantes que pesquisem os sentidos da palavra "hipótese".

Segundo o dicionário *Aulete Digital*, a palavra "hipótese" pode ser entendida como:

> 1. Juízo, opinião, afirmação etc. que se consideram como válidos antes de comprovados, ger. us. como ponto de partida para sua demonstração e comprovação (hipótese científica).
> 2. Fato ou ação que podem vir a ocorrer ou não; EVENTUALIDADE; POSSIBILIDADE: Reservei passagens para a hipótese de ter de viajar.
>
> Disponível em: <http://www.aulete.com.br/hip%C3%B3tese>. Acesso em: 8 mar. 2016.

Já segundo o dicionário *Houaiss*, um dos significados da palavra "hipótese" é:

> 1. proposição que se admite, independentemente do fato de ser verdadeira ou falsa, mas unicamente a título de um princípio a partir do qual se pode deduzir um determinado conjunto de consequências; suposição, conjectura.
>
> Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=hip%25C3%25B3tese>. Acesso em: 8 mar. 2016.

b) Resposta pessoal. O professor pode realizar essa atividade oralmente, organizando as hipóteses levantadas pelos estudantes na lousa. É importante que a turma tente explicar em que se baseou para formular as hipóteses. A partir desse objeto, os estudantes poderiam supor, por exemplo, que os huastecas: dominavam técnicas de escultura, criavam obras de arte, atribuíam à mulher um papel social importante etc.

c) Resposta pessoal. Estimule os estudantes a refletirem sobre o assunto a partir de temas como: a inserção da mulher no mercado de trabalho, a divisão de responsabilidades na criação dos filhos e nas tarefas domésticas e os novos conceitos de família.

De olho na universidade

5. Resposta: E

Capítulo 17: Expansão europeia

Contextualizando o tema

Este capítulo aborda as mudanças que ocorreram na Europa da Idade Moderna, entre os séculos XV e XVI, como o crescimento da burguesia, a ampliação do comércio e o aumento da circulação de moedas. Ainda nesses séculos, os Estados Nacionais começam a se consolidar e investir fortemente na expansão marítimo-comercial.

Texto de aprofundamento

O texto a seguir pode ser utilizado como aprofundamento do item **Fases da expansão – Périplo africano**, e auxilia na crítica à visão difundida a respeito da inexistência de um poder centralizado na África antes da colonização europeia. A partir do texto, pode-se perceber que a presença portuguesa marca a oficialização do cristianismo no Reino do Congo. Com esse episódio é possível observar a participação das instituições religiosas europeias no processo de controle político e cultural de certas regiões do continente africano.

O catolicismo, a expansão portuguesa e o Reino do Congo

[...] Localizado na África centro-ocidental, o reino do Congo, às vésperas da chegada dos portugueses, mantinha uma estrutura solidamente organizada, englobando vários grupos da etnia banto agrupados em "províncias" semi-independentes (Ngoio, Makongo, Ngola, Makamba, Ambundi, Matamba, Luluzenza e Libolo). Reconheciam a soberania do rei, ou Mani, e do grupo que o auxiliava mediante alianças políticas forjadas por indivíduos de linhagem ligados entre si por laços de parentesco e relações comerciais entre as regiões.

Os primeiros contatos com os portugueses datam de 1483, quando o navegador Diogo Cão subiu o portentoso rio Zaire. [...] Voltou a Portugal com alguns negros locais, sendo recebidos pelo monarca e batizados e instruídos na fé. Esse encontro marcou os passos iniciais do que mais tarde seria o primeiro reino cristão na África negra.

Os interesses econômicos dos portugueses no Congo foram a outra face desse fenômeno atípico de aculturação e cristianização. Eles se depararam com mercados regionais onde produtos eram comercializados, mas ambicionavam sobretudo o controle das minas e o mercado de escravos. Vale lembrar que o Congo e alguns reinos adjacentes viviam naquele momento uma fase de franca expansão territorial, promotora de um expressivo enriquecimento pelo aumento dos tributos e o fornecimento de um amplo contingente de cativos, cuja origem remonta, em praticamente toda a África centro-ocidental, às guerras locais intertribais de conquista. [...]

[...] Estabelecidas, portanto, as relações entre os dois reinos, ancoradas na fé cristã, os interesses comerciais encontraram um amplo espaço para se firmarem.

CALAINHO, Daniela Buono. *Metrópole das mandingas*: religiosidade negra e Inquisição portuguesa no Antigo Regime. Rio de Janeiro: Garamond; FAPERJ, 2008. p. 116-118.

Atividade complementar

- A partir do século XV, as sociedades europeias sofreram grandes transformações provocadas pelas inovações técnicas na arte de navegar, como foi o caso das caravelas, que serviram de apoio ao projeto das Grandes Navegações.

  a) Em grupo, pesquisem novidades tecnológicas que têm permitido a realização de tarefas e projetos antes impensáveis, ampliando o campo de possibilidades das sociedades humanas, sua maneira de ser, sentir e pensar.

  b) Em sua opinião, que inovações tecnológicas recentes causaram impacto na história das sociedades, equivalente aos feitos de Colombo e Cabral? Justifique sua resposta.

  Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes reflitam sobre as mais variadas inovações tecnológicas e seus impactos, fazendo um paralelo com a época das Grandes Navegações. Exemplos: telégrafos, aviões, telefones, computadores, naves espaciais e a chegada à Lua, internet etc. O professor pode aproveitar a oportunidade para colocar em discussão o tema da diferença entre "existir" um bem que amplia os horizontes das pessoas e "ter acesso" a esse bem, fazendo perguntas como: Teria acesso a esses bens a maioria da população mundial? Esta-

ria a tecnologia de ponta destinada às elites pensantes e econômicas mundiais, como aconteceu no século XV?

Pesquisar e enriquecer

Nos filmes

- *Piratas*. Direção de Roman Polanski. França/Tunísia, 1985, 117 min.

  Conta as aventuras em alto-mar do Capitão Red, cujo barco afunda nas costas da atual Venezuela. Resgatados por um galeão espanhol, ele e seu aprendiz se deparam com o lendário trono de Kapatek-Anahuac, de ouro maciço.

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 232)

1. A imagem mostra parte do *Monumento aos descobrimentos*, localizado em Lisboa, capital portuguesa, em que é possível contar oito figuras humanas esculpidas com rigor e robustez. No monumento inteiro existem 33 figuras, representando personagens ligados direta ou indiretamente ao movimento português de expansão marítima. A figura mais alta (a primeira de todas), com aproximadamente 9 metros de altura, está segurando uma caravela e representa o infante D. Henrique, que se notabilizou por sua atuação em prol da expansão marítima portuguesa. Cabe citar que o monumento foi criado em 1960 para comemorar o quinto centenário da morte do infante D. Henrique, o Navegador. Entre os outros personagens, com até 7 metros de altura, encontram-se os navegadores Pedro Álvares Cabral e Vasco da Gama, o poeta Luís Vaz de Camões, o pintor Nuno Gonçalves e o matemático Pedro Nunes.

2. Assim como o infante D. Henrique, cada um dos personagens carrega um objeto simbólico e alguns mostram a espada, necessária à conquista dos novos territórios. Dois desses objetos são bem diferentes. Um deles representa uma bússola, artefato muito útil durante as navegações. O outro, uma esfera com faixas enroladas, pode ser um tipo de globo terrestre, e o personagem que a segura é apontado como sendo o matemático Pedro Nunes (observe sua postura e o instrumento de medida que segura na mão direita: um compasso).

Investigando (p. 233)

- Depois de ouvir as respostas apresentadas pelos estudantes, o professor pode comentar que os elementos apontados no texto (burocracia administrativa, força militar, sistema tributário, leis e justiça) são característicos dos Estados enquanto organização política. Evidentemente, esses elementos fundamentais do Estado vão se moldando às diferentes formas de governo, aos regimes políticos, à dinâmica do regime jurídico, aos objetivos nacionais, aos princípios que regem as relações internacionais etc.

Investigando (p. 237)

- A atividade visa aproximar os assuntos estudados das culturas juvenis vivenciadas pelos estudantes e promover interdisciplinaridade com Geografia. Eles poderão referir-se aos instrumentos de orientação espacial mais tradicionais (mapas impressos, bússolas) bem como aos novos instrumentos como GPS e aplicativos de navegação digital.

Investigando (p. 237)

- A atividade está voltada para a valorização dos cuidados com a alimentação saudável, visando promover debates sobre a qualidade de vida e a saúde. A atividade pretende destacar que as vitaminas, com sua função reguladora, são nutrientes importantes para o funcionamento saudável do corpo. Entre os alimentos ricos em vitaminas podem ser indicados: tomate, couve, limão, laranja, banana, cenoura, carnes, leite e seus derivados, ovos etc. É interessante observar que uma alimentação saudável não é necessariamente uma alimentação cara.

Em destaque (p. 237)

- Os estudantes devem pesquisar exemplos sobre o uso atual das especiarias como temperos alimentícios, chás medicinais etc.

Observar o mapa (p. 240)

a) África, Ásia e América.

b) Ambos percorreram o litoral noroeste da África, avançando, em seguida, para o oeste. Vasco da Gama, no entanto, voltou-se depois para o leste,

sem chegar à América, contornou o sul da África em uma rota mais próxima do cabo da Boa Esperança e aportou em Moçambique (litoral leste da África), de onde se dirigiu para a Índia. Pedro Álvares Cabral aportou na América (Porto Seguro), dobrou o cabo mais ao sul e dirigiu-se para a costa oriental da África, de onde partiu para a Índia.

c) Hemisfério sul.

Investigando (p. 241)

- Para atingir as Índias, Colombo daria a volta ao mundo, navegando em sentido oeste, com base na "teoria geográfica" de que a Terra era redonda.

Interpretar fonte (p. 242)

1. Colombo os descreve como jovens, com corpos e rostos bonitos, cabelos grossos e curtos; praticamente todos de boa estatura e de gestos elegantes. Aparentemente, não tinham nenhuma religião.

2. e **3.** Colombo manifesta uma preocupação religiosa de catequizar os indígenas. Ele diz: "creio que depressa se fariam cristãos". Essa preocupação expressa o ideal das Cruzadas de propagar a fé cristã. Assim, a conquista de novas terras também era justificada pela necessidade de converter povos não cristãos do mundo inteiro. Para os indígenas, isso antecipava o tipo de interferência e imposição cultural que passariam a sofrer dos europeus.

Observar o mapa (p. 243)

- Resposta pessoal, em parte. Observa-se que as viagens dos navegadores a serviço da Coroa espanhola foram na direção oeste, buscando encontrar um novo caminho para o Oriente. Diferentemente dos portugueses, em suas primeiras viagens os espanhóis exploraram a região das Antilhas (viagens de Colombo, Pinzón e Balboa) e a circum-navegação pelo sul do novo continente (viagem de Magalhães).

Em destaque (p. 245)

- Analisando a obra de Dürer, podemos compreender aspectos do contexto histórico em que ela foi produzida. O rinoceronte representado é um animal que foi trazido da Índia para Portugal. Essa viagem pode ser considerada um dos triunfos da navegação marítma da época. Além disso, a representação tem características renascentistas, como a identificação da autoria, o uso da perspectiva e um interesse em investigar a natureza. Na xilogravura de Dürer, podemos observar o monograma "AD", que identifica o artista, bem como um texto descrevendo o rinoceronte. O texto diz, em alemão: "[Em maio de 1515] Trazido da Índia para o grande e poderoso rei Manuel de Portugal em Lisboa um animal vivo chamado rinoceronte. Sua forma é representada aqui. Tem a cor de uma tartaruga manchada e é coberto de grossas escamas. É do tamanho de um elefante, mas com pernas mais curtas e quase invulnerável [...] Consta ainda que o rinoceronte é rápido, vivo e esperto".

Oficina de História (p. 246)

Vivenciar e refletir

1. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode apontar que a Igreja, que havia perdido controle de parte da Europa com a Reforma Protestante, viu nesses empreendimentos uma maneira de obter novos fiéis e o domínio parcial das novas terras.

2. a) O autor considera que a era moderna tem como data de início o ano de 1492.

b) Porque, a partir dessa data, baseada na chegada de Colombo à América, novas regiões passaram a ser conhecidas, fazendo com que os seres humanos descobrissem "a totalidade de que fazem parte".

c) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes considerem que, a partir das conquistas e descobertas marítimas, os navegadores europeus adquiriram maior consciência sobre o tamanho do planeta.

Diálogo interdisciplinar

3. a) e **b)** Pode-se perceber nos mapas a forma como uma sociedade se vê e como percebe o seu entorno. A localização dos continentes e as proporções entre eles indicadas no mapa de Jerônimo Marini, por exemplo, não são semelhantes àquelas presentes em mapas atuais. Isso remete também aos meios de produção dos mapas: o mapa de 1512 provavelmente foi produzido com base na observação em viagens marítimas — diferentemente dos mapas atuais, que são criados com base em imagens feitas por satélites.

4. a) Pesquisa pessoal. Entre outras coisas os estudantes podem comentar que Fernando Pessoa (1888-1935) foi um talentoso poeta português da primeira metade do século XX. Órfão de mãe aos cinco anos, seguiu com o pai e a madrasta para a África do Sul, onde viveu até se formar pela Universidade do Cabo. De volta a Portugal, foi em 1912 que a revista *A águia* trouxe a público sua poesia. Em 1914, ele adotou três de seus principais heterônimos — nomes de autores imaginários sob os quais criou obras de estilo, tendência e características diversas das suas, como se fossem de outro autor: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Apesar de ter publicado em diversas revistas, a maior parte de sua obra só seria publicada postumamente.

b) O poema revela os medos da população portuguesa que permanece no continente e a morte de marinheiros, diante dos riscos de navegar por um oceano que até então não havia sido desbravado por nenhum europeu.

c) Resposta pessoal, em parte. No final da Idade Média, Portugal superou fronteiras inimagináveis até então. A passagem pelo cabo Bojador, por exemplo, foi um feito muito celebrado, pois era considerado o limite além do qual nenhum navio poderia navegar. Tudo isso trouxe um orgulho profundo no povo português, ao mesmo tempo em que despertou a melancolia e a dor não menos pungentes por todas as dificuldades vividas e os dias de glória que não vivem mais. Quanto aos versos destacados, espera-se que o estudante associe o sucesso das navegações à glória portuguesa, concedida pela vontade divina. Além disso, o estudante também pode associar a palavra "dor" em oposição à palavra "céu". A palavra "dor" seria a síntese dos primeiros seis versos, e a palavra "céu", o sinônimo da conquista e do sucesso, diante do "abismo" e do perigo da empreitada.

De olho na universidade

5. Resposta D.

Capítulo 18: A conquista da América

Contextualizando o tema

Este capítulo visa despertar a reflexão dos estudantes sobre os diferentes pontos de vista a respeito da conquista da América e o choque entre culturas, a partir da discussão de conceitos como "descobrimento", "invasão" e "conquista".

Texto de aprofundamento

Ao chegar ao Brasil, o europeu de forma alguma podia imaginar que fosse encontrar uma terra tão ocupada como a nossa. Os povos que aqui habitavam foram capazes de construir complexas e variadas sociedades, organizadas e estruturadas, ricas em cultos, artes, religiões e tradições. Todas as sociedades que aqui existiram e as que ainda existem foram afetadas de maneira irreversível pela expansão e dominação europeias.

O texto transcrito a seguir propõe a reflexão sobre os impactos da conquista da América em relação aos povos indígenas na atualidade, e dá uma ideia das profundas interferências na vida indígena resultantes do processo de dominação e formação da sociedade brasileira. Também leva a refletir sobre os séculos de resistência desses povos, como sobrevivem e enfrentam condições tão adversas até hoje no Brasil.

Classificação dos grupos e o contato com a sociedade dominante

Em função da área que ocupam, do ritmo de expansão da sociedade nacional e das pressões a que são submetidos, os cerca de 190 grupos indígenas do Brasil experimentam condições de existência diversas, que resultam na maior ou menor conservação de sua autonomia cultural.

Numa visão geral, pode-se dizer que os 200 ou 220 mil indígenas do Brasil atual podem ser classificados de acordo com a intensidade do contato a que são obrigados a manter com a sociedade dominante. É possível dividi-los em três grupos, como veremos a seguir.

Grupos autônomos ou isolados. Ocupam zonas não alcançadas pela fronteira econômica e mantêm pouco ou nenhum contato com a sociedade nacional. Seu modo de vida tradicional é, por isso mesmo, bastante preservado, embora vivam sob a ameaça constante do avanço sobre suas terras. É difícil calcular seu número, que, todavia, não deve exceder a algumas dezenas de grupos espalhados por áreas pouco conhecidas da Floresta Amazônica e fronteiras do norte do país.

Grupos com contato esporádico. Vivem em regiões já expostas à ocupação e mantêm relações com a economia de mercado, em maior ou menor grau. Perderam parte da autonomia original e já alimentam necessidades cuja satisfação só é possível através dessas relações externas. Passaram, por exemplo, a utilizar instrumentos de trabalho que não têm condições de produzir, tais como machados de ferro, anzóis de metal, fios de náilon para pesca e outros. Na maioria dos casos, entraram em contato com doenças que desconheciam, como gripe, tuberculose, sarampo, necessitando, consequentemente, de assistência médica.

Grupos com contato regular. Dependem substancialmente de produtos externos — sal, pano, além de artigos de metal. Perderam parte considerável da autonomia cultural por força das pressões a que foram submetidos. Sabem se expressar em português, embora conservem sua própria língua. Quando o contato é intenso e continuado, cresce a ameaça de terem sua economia desorganizada, o que leva muitos dos seus membros a trabalharem como assalariados rurais. Em situações de grande pressão, como as que ocasionam perda do território ou de parte da população devido a doenças, muitos grupos se desestruturam. Nesses casos, as poucas famílias restantes passam a sobreviver em condição de extrema penúria nos estratos mais baixos da sociedade nacional. Guardam, entretanto, a convicção de serem indígenas, distinguindo-se da população regional. Em condições favoráveis, essas famílias podem novamente se reunir e recompor sua vida comunitária em torno do que sobrou de suas práticas culturais tradicionais, mesmo que pouco ou quase nada tenha restado.

Essa classificação, segundo a intensidade do contato, mostra como os movimentos de expansão da sociedade brasileira interferem de perto na vida indígena, por força do potencial destrutivo que carregam. A abertura de estradas, a implantação de hidrelétricas que acompanham a descoberta de riquezas de interesse econômico em áreas até então inexploradas acarretam perturbações ecológicas em consequência de desflorestamentos, extinção de espécies da flora e da fauna, poluição ambiental; causam, também, a disseminação de doenças e originam a invasão de territórios e enfrentamento com as populações indígenas. Detona-se, assim, uma corrente de desastres e crimes ameaçando e inviabilizando a manutenção do modo de vida tradicional. [...]

JUNQUEIRA, Carmen. *Antropologia indígena*: uma introdução, história dos povos indígenas no Brasil. São Paulo: EDUC, 2002. Série Trilhas. p. 71-73.

Considerações e respostas para as atividades

Treinando o olhar (p. 248)

- Os dois povos representados na cena são os indígenas que já ocupavam a terra "descoberta" e os colonizadores espanhóis. Os grupos são separados não apenas pela coloração da pele, mas também pelo lugar ocupado na imagem. No primeiro plano, em posição de destaque, estão os espanhóis, trajando roupas e acessórios típicos da sua cultura. Aparentemente realizam negócios e troca de mercadorias. Os poucos indígenas que aparecem nesse plano estão ora com o corpo escondido, ora com o rosto oculto. No segundo plano, bem ao fundo da imagem, está representada a armada que partiu de Havana, Cuba, no dia 10 de fevereiro de 1519, transportando o exército comandado por Cortés. Ela aportou no local denominado pelos espanhóis de

Vera Cruz. Iniciava-se a conquista do Império Asteca e, com ela, o genocídio dos nativos, agravado pela disseminação de doenças, pelos trabalhos forçados e pelas punições. Merecem observação os numerosos corpos que pendem das árvores.

Bem no centro do primeiro plano um espanhol realiza pagamento a outro espanhol. Note que a figura daquele que recebe o pagamento é bem grotesca, quase caricatural. Seu corpo é deformado, com braços frágeis e corcunda nas costas e no peito. Assim Diego Rivera representou Hernán Cortés, como uma figura de mau agouro. No canto superior esquerdo há uma repetição desse personagem empunhando uma espada e acompanhado por um padre, simbolizando a catequização dos indígenas.

Investigando (p. 249)

- Tema para reflexão e debate. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode comentar que conhecer outros pontos de vista é fundamental no próprio desenvolvimento da nossa identidade. O reconhecimento do outro pode nos tornar mais acolhedores e solidários, além de nos ajudar a romper com visões egocêntricas e etnocêntricas.

Em destaque (p. 250)

1. Um exemplo, extraído do texto, da conexão entre "atitudes renascentistas" e "conquista da América": "Desenhar um mapa, construir o império, destruir outras culturas, impor a fé cristã, assinar obras de arte eram atitudes renascentistas." Depois de ouvir as respostas dos estudantes, o professor pode comentar que o texto identifica como atitudes renascentistas tanto um poder de devastação ("Destruir outras culturas, impor a fé cristã") como um poder de criação ("desenhar um mapa, construir o império [...], assinar obras de arte"). Nessa medida, segundo o texto, a conquista da América adequou-se à mentalidade renascentista.

2. A historiadora Janice Theodoro desenvolve, no texto, a relação entre as Grandes Navegações e o Renascimento europeu. Segundo a autora, aquilo que representa afirmação da cultura europeia transforma-se, na América, em formas de dominação dos povos e sociedades indígenas.

Interpretar fonte (p. 252)

1. Casas destelhadas, muros incandescentes, águas vermelhas, abundância de vermes pelas ruas etc.

2. Resposta pessoal. No canto, podemos afirmar que as palavras que definem o sentimento do autor são, por exemplo, "ansiedade" e "desolação". Se considerar conveniente, o professor pode solicitar aos estudantes que escolham algumas palavras que julgam definir o sentimento do autor deste canto.

3. Por exemplo: "golpeávamos os muros de adobe em nossa ansiedade", "Nos escudos esteve nosso resguardo".

Investigando (p. 253)

- Depois de ouvir as pesquisas dos estudantes, o professor pode apontar que a resistência imunológica tem relação com o bom funcionamento das estruturas e processos biológicos que protegem o organismo contra doenças. No caso dos indígenas, eles não tinham resistência imunológica contra uma série de doenças trazidas pelos conquistadores europeus.

Interpretar fonte (p. 256)

- Os espanhóis, armados, estão em posição altiva. Já os astecas, submetidos, estão encurvados. Entre os elementos que contribuíram para a vitória dos europeus, observam-se: o uso do cavalo, a proteção das armaduras e dos escudos, as armas de metal, a organização do grupo de combatentes, a escravização dos indígenas.

Em destaque (p. 258)

1. e **2.** O objetivo das atividades é aproximar o conteúdo estudado com as vivências culturais dos estudantes. A resposta é pessoal e demanda pesquisas da culinária e alimentação cotidiana experimentada pelos estudantes em suas comunidades.

Oficina de História (p. 259)

Vivenciar e refletir

1. Para responder à questão, o estudante pode retomar o texto de Janice Theodoro, na página 250, explicando que fazia parte da dominação racionalista-renascentista a destruição dos símbolos de poder dos indígenas e sua substituição por símbolos de poder europeus. A construção de uma catedral sobre as ruínas

de um antigo templo asteca representa a dominação dos espanhóis sobre os astecas e a imposição de sua religião à daquele povo.

2. a) Para narrar o massacre que comandou contra os tupiniquins, Mem de Sá utilizou palavras como: "destruí", para referir-se à destruição de uma aldeia; "matei", para referir-se à morte dos indígenas que resistiram; "queimando", para referir-se à destruição de aldeias que encontrou; "ciladas", para referir-se às armadilhas que fez para os indígenas; "pelejaram", para referir-se aos indígenas que ele enviou para lutar com o tupiniquins etc.

b) Pesquisa pessoal. Para enriquecer o debate, o professor pode orientar os estudantes a visitarem os *sites* da Fundação Nacional do Índio <www.funai.gov.br>, do Museu do Índio <www.museudoindio.org.br> e do Instituto Socioambiental <https://www.socioambiental.org/pt-br>; e a retomarem o capítulo 3 da unidade 1. (Acessos em: 8 mar. 2016).

3. a) e **b)** Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes observem que, com a influência do contato com os europeus, muitos povos indígenas transformaram seus hábitos. Ainda assim, preservaram elementos fundamentais de sua cultura e permanecem com suas identidades indígenas, lutando pelo respeito à sua organização social, pela preservação de suas línguas, crenças e tradições e pelos direitos originários sobre suas terras etc.

Diálogo interdisciplinar

4. a) Pesquisa pessoal. Os estudantes podem comentar, entre outras coisas, que Pablo Neruda (1904-1973) foi um poeta chileno cujo verdadeiro nome era Neftalí Ricardo Reyes. Seu pseudônimo foi inspirado no nome do poeta tcheco Jan Neruda (1834-1891). Pablo Neruda publicou seu primeiro poema em 1921. Diplomata de carreira, viveu na Argentina e na Espanha. Nesse país, o golpe de Franco, em 1936, representou um divisor de águas na poesia de Neruda. A partir desse momento e até sua morte, ele escreveu poemas politicamente engajados. Foi destituído de seu posto diplomático por causa de seu ativismo em favor da República espanhola; voltou para o Chile. Em 1938, Neruda escreveu o primeiro poema daquele que seria o *Canto geral*, poema em 15 partes publicado no México em 1950. Nele, o poeta celebra o continente americano, suas riquezas naturais (minerais, fauna e flora) e sua história. Trata-se também de um grito contra todas as formas de opressão e um testemunho em favor dos desfavorecidos. Eleito senador em 1945, Neruda ingressou para o Partido Comunista. Candidato oficial de seu partido para as eleições presidenciais de 1970, retirou-se em favor de Salvador Allende. De volta à carreira diplomática, em 1971, quando ocupava o posto de embaixador de seu país na França, recebeu o prêmio Nobel de Literatura.

b) Espera-se que o estudante identifique na frase a referência às diferentes formas de violência empregadas contra os povos indígenas: a guerra (espada), a aculturação pela catequese (cruz) e a exploração econômica — apropriação das terras e escravidão (fome).

De olho na universidade

5. Resposta B.

Para saber mais (p. 261)

Na internet

- Um rei no Xingu: http://portacurtas.org.br/filme/?name=um_rei_no_xingu

  Tema para reflexão e debate. O professor pode solicitar aos estudantes que apontem cenas e falas do vídeo que possam ajudar a combater estereótipos e preconceitos relacionados aos povos indígenas.

Nos livros

- SOUZA, Marina de Mello E. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2007.

  O professor pode orientar os estudantes na elaboração do painel. Para isso, os estudantes podem pesquisar imagens relacionadas a alguns temas do livro.

Nos filmes

- *Moça com brinco de pérola*. Direção de Peter Webber. Inglaterra/Luxemburgo, 2003, 99 min.

  Atividade interdisciplinar com Arte e Língua Portuguesa, que visa estimular a criatividade dos estudantes.

7. Bibliografia

BITTENCOURT, Circe M. F. (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Trad.: Carlos Nejar. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

BRASIL. MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais — Ensino Médio*. Brasília: MEC, 1999.

_____. Secretaria de Educação Básica. *Ciências Humanas e suas Tecnologias (PCN+)*. Disponível no *site* <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ciencias Humanas.pdf>.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História*: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion S.; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História*: ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

D'ALESSIO, Marcia M. *Reflexões sobre o saber histórico*. Entrevistas com Pierre Vilar, Michel Vovelle, Madeleine Rebérioux. São Paulo: Unesp, 1998.

DE DECCA, Edgard S. et al. *História*: vestibular Unicamp. São Paulo: Globo, 1993.

DELORS, Jacques (Dir.). Educação — um tesouro a descobrir. *Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Brasília: Unesco; São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GARCIA, Walter E. *Educação*: visão teórica e prática pedagógica. São Paulo: McGraw-Hill, 1977.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos*: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula*: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

_____. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEWIS, Charlton T. *An elementary Latin dictionary*. Disponível no *site*: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper>. Acesso em: 7 mar. 2016.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MORAN, José Manuel. *O vídeo na sala de aula*. Comunicação e Educação, n. 2, jan./abr. 1995.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad.: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NOVAES, Adauto (Org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. *Almanaque pedagógico afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

SARAMAGO, José. *Da justiça à democracia, passando pelos sinos*. Texto lido no Fórum Mundial Social, Porto Alegre, 2002.

VATTIMO, Gianni; RORTY, Richard. *Uma ética para laicos*. Buenos Aires: Katz, 2009.

VIEIRA, Maria do Pilar de A. et al. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1989.

ISBN 978-85472056669